
FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

O LIVRO
DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma,
a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis
morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade —
segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso
de diversos médiuns — recebidos e coordenados por
Allan Kardec



Mundo Maior
Editora e
Distribuidora

FUNDAÇÃO ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ
DESPERTANDO CONHECIMENTO

O Livro dos Espíritos
FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

Título do original francês:
Le Livre des Esprits (Paris, 1860)

Copyright by Fundação Espírita André Luiz • 2011

Mundo Maior Editora
Fundação Espírita André Luiz

Diretoria Editorial: Onofre Astinfero Baptista
Editor: Antonio Ribeiro Guimarães
Assistente Editorial: Marta Moro
Capa: André Alves Marouço/Leonardo Lopes
Diagramação: Helen Winkler
Tradução: Sandra Kepler

Rua Duarte de Azevedo, 728 – Santana
02063-022 São Paulo – SP
Tel.: (11) 4964-4700
e-mail: editorial@feal.com.br

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da Editora. (Lei nº 9.610 de 19.2.1998).

Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kardec, Allan, 1804-1869.

O livro dos espíritos / Allan Kardec ; tradução Sandra Kepler.
6. ed. -- São Paulo : Mundo Maior Editora, 2012.

Título original: Le livre des esprits.

1. Espiritismo 2. Espiritismo - Filosofia
I. Miranda, Hermínio. II. Título.

12-03838

CDD-133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Doutrina Espírita 133.901
2. Espiritismo : Filosofia 133.901
3. Filosofia espírita 133.901

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução ao estudo da Doutrina Espírita.....	23
Prolegômenos.....	63

Livro Primeiro

AS CAUSAS PRIMÁRIAS..... 67

Capítulo I – Deus	69
Capítulo II – Elementos Gerais do Universo	75
Capítulo III – Criação.....	83
Capítulo IV – Princípio Vital.....	93

Livro Segundo

O MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS 99

Capítulo I – Princípio Vital.....	101
Capítulo II – Encarnação dos Espíritos.....	121
Capítulo III – Retorno da Vida Corpórea à Vida Espiritual.....	131
Capítulo IV – Pluralidade das Existências.....	139
Capítulo V – Considerações sobre a Pluralidade das Existências	157
Capítulo VI – Vida Espírita.....	169
Capítulo VII – Retorno à Vida Corporal.....	203
Capítulo VIII – Emancipação da Alma.....	225

Capítulo IX – Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo	247
Capítulo X – Ocupações e Missões dos Espíritos	277
Capítulo XI – Os Três Reinos	285

Livro terceiro

LEIS MORAIS 299

Capítulo I – Lei Divina ou Natural	301
Capítulo II – Lei de Adoração	311
Capítulo III – Lei do Trabalho.....	321
Capítulo IV – Lei de Reprodução.....	325
Capítulo V – Lei de Conservação	331
Capítulo VI – Lei de Destruição.....	339
Capítulo VII – Lei de Sociedade.....	351
Capítulo VIII – Lei do Progresso.....	355
Capítulo IX – Lei de Igualdade	367
Capítulo X – Lei de Liberdade	375
Capítulo XI – Lei de Justiça, Amor e Caridade.....	393
Capítulo XII – Perfeição Moral	401

Livro quarto

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES..... 415

Capítulo I – Penas e Alegrias Terrenas	417
Capítulo II – Penas e Venturas Futuras	435
Conclusão	465
Resumo Biográfico	483
Índice Remissivo	493
Nota Explicativa.....	505

PREFÁCIO

1. Viagem de volta

O lançamento de uma nova tradução dos livros da Codificação enseja releituras não apenas nos textos, mas em nossas próprias ideias, mesmo porque as obras relançadas costumam trazer prefácios ou apresentações e enriquecedoras notas de rodapé. Mais importante que isso, no entanto, é a oportunidade para um respeitoso reexame na metodologia, na seriedade e na competência que Allan Kardec imprimiu ao seu trabalho.

Convidado para escrever esta reapresentação, empreendi uma viagem de volta a antigas reflexões que me levaram a retrazar os passos do Codificador na elaboração da Doutrina e como ele próprio situou-se diante dela.

Foi, aliás, com esse objetivo que escrevi em 1972 o artigo intitulado “A obra de Kardec e Kardec diante da obra”, publicado em *Reformador* de março daquele ano e posteriormente incluído no livro *Nas Fronteiras do Além* (edição FEB). Entendia eu, e ainda assim penso, que não apenas a obra do Codificador é importante, mas também as posturas que ele assumiu diante dela. Ao primeiro volume deu o título singelo e significativo de *O Livro dos Espíritos*, colocando-se na modesta posição de discreto organizador.

Mas não era só isso que me interessava. Eu desejava saber como ele resolvera a delicada questão de formatar uma doutrina essencialmente evolutiva atenta às imposições do processo de expansão do conhecimento, e, ao mesmo tempo, estabilizada em bases sólidas insuscetíveis de desgaste e obsolescência. Em outras palavras: o que fez ele para identificar e separar com nitidez o que teria de ser permanente, nuclear,

inegociável, em contraste com a transitoriedade característica e necessária à dinâmica da evolução. Sem o que não teria reservado espaço suficiente para acomodação das imprevisíveis e imponderáveis surpresas do futuro. No seu modo de ver, a doutrina teria de estar preparada até mesmo para modificar-se naquilo em que, porventura, viesse a chocar-se com descobertas científicas e com novos aspectos da verdade.

Essa corajosa atitude me impressionou fortemente quando de minhas primeiras explorações em *O Livro dos Espíritos*. O que, exatamente, significava isso? – me perguntava. Entendia-se minha perplexidade porque, na visão ignara do neófito, a afirmativa me parecia algo temerária. Seria o Espiritismo um corpo amorfo e invertebrado de ideias, pronto para modificar-se ao sabor dos ventos e dos eventos?

Logo, porém, me rendi ao óbvio. Com aquela postura, Kardec evidenciava, ao mesmo tempo, seu respeito à ciência e à verdade, tanto quanto sua convicção de que permaneciam nas estruturas doutrinárias o que poderíamos chamar de conceitos pétreos, entre os quais, preexistência e sobrevivência do ser à morte corporal, imortalidade, responsabilidade de cada um por seus atos, palavras e intenções. Caracteristicamente, contudo, recorre ao termo “dogma” para formular a pergunta que levou o número 171 e que assim está redigida: “Em que se fundamenta o *dogma* da reencarnação?” (Destaque meu).

Escreve, a seguir [Parte Segunda – Capítulo V – “Considerações sobre a pluralidade das existências”], longa dissertação assinalada com o número 222 e que assim começa: “Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação...”. E acrescenta: “Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma *lei da Natureza*, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos...”.

Estamos lidando, portanto, com leis naturais, que não exigem adesão em termos de fé ou crença; tanto faz você crer como não, é desse modo que elas operam. Ninguém se reencarna porque crê ou morre porque não crê. Não há, portanto, o que temer quanto à pureza e à estabilidade das leis, elas *são* puras e estáveis.

Por outro lado, ao caracterizar a reencarnação como *dogma*, Kardec a situa no centro mesmo da realidade espiritual, componente aglutinador

e ordenador do sistema de ideias elaborado a partir dos ensinamentos dos Espíritos. Se reencarnamos, somos seres preexistentes e sobreviventes, ficando sem espaço ideológico fantasias como céu, inferno, purgatório, exclusividade salvacionista, unicidade da vida e ressurreição da carne. Além disso, destaca-se a inutilidade de ritos, sacramentos, celebrações e intermediação sacerdotal entre o ser humano e Deus. Em outras palavras: a chamada “salvação” – o Cristo preferiu falar de libertação – tem de resultar de um bem-sucedido e responsável projeto pessoal de cada um de nós, independente de filiação a esta ou àquela instituição religiosa.

É necessário atentar para o fato de que o termo dogma não está sendo empregado nesse contexto no sentido teológico católico. Lê-se em *Aurélio* que dogma constitui “ponto fundamental e indiscutível de uma doutrina religiosa e, por exemplo, *de qualquer doutrina ou sistema*”.

Como, no entanto, preservar, sem desvirtuá-los, os postulados doutrinários básicos e, ao mesmo tempo, permitir e até estimular a expansão do conhecimento potencial neles contidos?

Tínhamos já diante dos olhos a melancólica experiência cristã. Os ensinamentos do Cristo nunca estiveram em questão e sim *o que se fez deles*. Já se detectavam desvios graves, quando, entre o segundo e o terceiro séculos, o movimento gnóstico surgiu para tentar repor as coisas nos seus devidos lugares. Fracassou, como fracassariam outros impulsos restauradores: o dos cátaros no Languedoc, entre os séculos XII e XIV, o idealismo de Francisco de Assis, também no século XIII, e a Reforma Protestante no século XVI, para citar apenas os mais importantes.

O Espiritismo retomou a tarefa no século XIX e seu êxito ou malogro dependem, como sempre, de nós. Léon Denis alerta em seu livro *No Invisível*, que “O Espiritismo será o que o fizerem os homens”. Atenção para a sutileza da advertência – o ilustrado continuador de Kardec distingue, neste ponto, Doutrina Espírita de Espiritismo. Ele não diz que a Doutrina será o que dela fizermos, mas que o Espiritismo, sim, estaria exposto a deturpações promovidas por nossa incúria e deformações culturais e de caráter.

Temos sobre isso o fato de que, a despeito de tudo, preservou-se a *doutrina de comportamento* pregada e exemplificada pelo Cristo, ao

passo que as estruturas teológicas adotadas pelo *Cristianismo* seguiram na contramão do processo evolutivo da Humanidade em grande parte porque o novo modelo tentou isolar-se de tal modo que acabou ele próprio engessado.

A decisão foi de uma infelicidade total, porque autodestrutiva. Quando a ciência começou a revelar novos aspectos da verdade foi um desastre. O primeiro impacto de porte foi causado pelo anúncio de que o Sol é o núcleo de nosso sistema planetário e não a Terra. As implicações dessa descoberta científica foram devastadoras. Pela primeira vez via-se dramaticamente exposta a insensatez de ignorar o processo vivo e contínuo por meio do qual o ser humano se empenha na decifração progressiva dos enigmas do Universo. Qualquer corpo de ideias que a isto se oponha ou o ignore estará condenado ao malogro.

A Doutrina Espírita não corre esse risco, pois nasceu aberta para o futuro, mas é necessário que o Espiritismo se mantenha ligado ao que ocorre à nossa volta, atento à sábia advertência de Léon Denis.

Muito tenho meditado sobre tais aspectos e sobre alguns deles alinhei umas tantas reflexões. Por exemplo: Qual a leitura espiritual a ser feita do autismo? Existe espaço na Doutrina dos Espíritos para conceitos contemporâneos como o do inconsciente? Que diferença – se é que há – pode ser detectada entre Alma e Espírito? Que entendimento devemos ter do fenômeno da personalidade múltipla? O que temos a dizer sobre as experiências de quase morte? Que contribuições pode (e deve) a doutrina das vidas sucessivas oferecer à psicologia? Em que pode a realidade do perispírito influenciar a biologia, a genética, a medicina? Que sugestões tem a Doutrina dos Espíritos a oferecer à sociologia, ao ensino, à política, ao direito ou à economia?

Com essas e outras perguntas em mente, creio que sempre haverá algo significativo a aprender-se com uma análise mais atenta do roteiro percorrido pelo professor Rivail na elaboração de seus livros.

2. Os Espíritos escrevem um livro

Tudo começa, como sabemos, com *O Livro dos Espíritos*, por ele

reservado para os postulados básicos da doutrina, com um mínimo possível de interferência pessoal, deixando a palavra com os Instrutores desencarnados.

O dr. Canuto Abreu (in *O Primeiro Livro dos Espíritos* – “Notas do tradutor”) chama a atenção para o fato de que Kardec entendeu que a segunda edição da obra deveria “... ser considerada como trabalho novo”. Canuto concorda com a observação e a reforça, declarando que assim “deve” ser.

Para o dr. Canuto, a Terceira Revelação encerrou-se “...com o último segundo do dia 18 de abril de 1857...” “(...) Tudo quanto Allan Kardec, investido de sua nobre missão e inspirado do Alto pelo Espírito da Verdade, escreveu a partir desse derradeiro segundo, sem exceção – acrescenta (p. XXVIII) –, foi feito segundo os fundamentos lançados por ordem e sob o ditado do primeiro *Livro dos Espíritos*, mas de conformidade com o critério humano do Missionário”.

Vejamos, em suas próprias palavras, a avaliação conclusiva do dr. Canuto.

Portanto – diz ele (p. XX e XXI) –, “na primeira edição, está a Doutrina Espírita segundo Espíritos Superiores liderados pelo Espírito da Verdade, dada por intermédio de três médiuns ingênuos que dirigiam inconscientemente um aparelho mecânico primitivo sob as vistas do Autor.

Na reimpressão de 1860, acha-se a Filosofia Espírita segundo Allan Kardec, baseada em parte na Doutrina Espírita da primeira edição e em parte no ensinamento de outros Espíritos, por meio de vários médiuns.

Na edição primitiva, temos o ensinamento espírita direto, imediato, genuíno, espontâneo, puro de origem e vivo como água de rocha, inteiramente novo ou renovado para a época, dado por Espíritos Prepostos por intermédio de médiuns inconscientes. Este ensinamento era providencial e visava estabelecer os fundamentos da verdadeira Doutrina Espírita, *immune de erros e prejuízos.*” (Destaque meu).

Isso não quer dizer, obviamente, que os Instrutores Espirituais tenham abandonado a tarefa logo após concluído o texto inicial no qual ficaram registrados os princípios fundamentais da Doutrina Espírita. O

Codificador ficou com liberdade suficiente para dar prosseguimento à parte que lhe competia, mas, ainda e até o fim, assistido de perto pelos seus amigos invisíveis.

A etapa seguinte começa, portanto, com a elaboração da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*. E o Codificador explica que razões o levaram a essa decisão e que critérios adotou no desenvolvimento de seu trabalho.

3. Mediunidade, território não mapeado

Concluída a elaboração da Doutrina Espírita e a reordenação e ampliação que lhe deu na segunda edição, Kardec dedicou-se à temática de *O Livro dos Médiuns*.

A mediunidade era e continuaria sendo de fundamental importância para o intercâmbio entre as duas dimensões da vida; situava-se, portanto, em condição de elevada prioridade um estudo sobre suas complexidades e enigmas.

Como de hábito, o livro contou com destacada participação das entidades em um momento em que Kardec passava a explorar território ainda não mapeado.

Em mais de uma ocasião, ele expõe sua opinião, oferece sugestões, mas adverte para a possibilidade de opções e alternativas que só o tempo seria capaz de definir com maior precisão. Uma vez mais, é necessário lembrar: ele não dogmatiza.

A mediunidade é um dos componentes do bloco central da Doutrina, mas ainda não se sabe tudo sobre seus mecanismos operacionais. A qualquer momento – até hoje é assim – ela pode surpreender com aspectos inusitados de difícil enquadramento em um rígido esquema de categorias preestabelecidas, que necessitam ser mais trabalhadas pela observação atenta e pela experiência. Isto é particularmente válido para a interação mediunidade/animismo, por exemplo.

Demonstração explícita dessa postura encontramos, entre outras passagens, no Capítulo VI, “Das manifestações visuais”, de *O Livro dos Médiuns*.

No “Ensaio teórico sobre as aparições”, números 101 a 110, expõe o Codificador suas reflexões e encerra o módulo com o que caracterizei em *Diversidade dos carismas* (Volume I, p. 278), como “... declaração de humildade digna de seu porte moral e intelectual”, ao escrever:

Longe estamos de considerar como absoluta e como a última palavra a teoria que apresentamos. Novos estudos sem dúvida a completarão, ou retificarão mais tarde; entretanto, por mais incompleta que ainda seja hoje, sempre pode auxiliar o estudioso a reconhecer a possibilidade dos fatos, por efeito das causas que nada têm de sobrenaturais.

Minha análise desse testemunho é a seguinte:

É digno do maior respeito alguém como Kardec que – empenhado a fundo na elucidação de questões vitais ao entendimento dos mecanismos da vida e contando com o apoio de eminentes espíritos – se recusa a assumir postura de “dono da verdade”, mas não apenas isso, deixa aberta a questão a futuros estudos, contentando-se com a satisfação de ter dado a sua contribuição, ainda que incompleta, ao seu esclarecimento. (*Diversidade dos carismas*, Vol. I, p. 279)

O Livro dos Médiuns saiu em 1861.

4. Evangelho – o “Código Divino”.

Entre 1861 e 1864, ele preparou *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, originariamente sob o título de *l'Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*¹.

Nessa obra, Kardec expunha sua opção pela moral cristã, não a do cristianismo vigente, mas a original, a do Cristo. É relevante nela a presença dos Instrutores Espirituais, mas o desenvolvimento do trabalho é seu, pessoal. Kardec estava entrando em território minado, ao defrontar-se com um bloco inteiriço de ideias tidas por insuscetíveis de qualquer espécie de discussão, muito menos de contestação e menos ainda de reformulação.

⁽¹⁾ Tive oportunidade, a pedido da FEB, de comparar palavra por palavra a primeira edição francesa com a tradução brasileira do texto definitivo e escrever para a edição comemorativa o comentário “Anotações à edição brasileira” (HCM).

Não se tratava mais do Deus bíblico, antromórfico, interferindo pessoalmente nos menores detalhes da vida de cada um de nós, para punir ou premiar. Em vez de tentar o incongruente – uma “definição” para a Divindade – a Doutrina dos Espíritos, em suas palavras de abertura, situava Deus como “...inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Significativamente, Kardec não pergunta QUEM é Deus, mas o QUE é Deus.

É nesse momento que Kardec tem significativas escolhas a fazer. Deixa de lado o que hoje chamaríamos de biografia de Jesus – Seus atos e os milagres –, bem como o conteúdo profético de algumas passagens evangélicas e os aspectos que a Igreja tomou para montar suas estruturas dogmáticas, para se fixar no “ensino moral”, que ele caracteriza como um “código divino”, ponto pacífico em torno do qual poderiam, eventualmente, reunir-se “todos os cultos”. Isto continua verdadeiro no sentido de que qualquer corpo filosófico, científico e religioso de ideias há que levar em conta não apenas um código ético, mas a realidade espiritual como um todo.

A Igreja, porém, chegara primeiro, ocupara o território e não estava disposta a ceder o mínimo espaço a novidades que expunham cruamente suas fragilidades ideológicas e suas práticas. Pelo teor eminentemente subversivo, a doutrina das vidas sucessivas, sozinha e por si mesma, era suficiente para desestabilizar o sistema concebido como verdade absoluta e eterna.

Todo o esforço voluntário do cristão ou a ele imposto concentrava-se na tarefa de conseguir a “salvação” de sua alma, ou seja, a conquista de um céu de felicidade eterna junto de Deus, evitando a condenação irrecorrível a um inferno, igualmente eterno, de tormentos inconcebíveis.

5. O Céu e o Inferno

Tornara-se imprescindível e urgente explicitar que tipo de releitura tinha a Doutrina dos Espíritos a oferecer sobre os dogmas vigentes e por quê. E mais: o que era, realmente, a morte, que história era essa de

anjos e demônios, em que consistia, afinal, o intercâmbio entre “vivos” e “mortos”, que a Igreja condenava de modo tão veemente e severo.

Essa foi a tarefa deste livro – *O Céu e o Inferno*.

Mais uma vez cabe a Kardec dar à obra o rumo e o formato que desejasse, mas os Instrutores acompanham o trabalho enquanto numerosas entidades trazem-lhe mediunicamente o depoimento de suas surpresas, decepções e revoltas na dimensão póstuma. Há entre elas, espíritos infelizes e sofredores em variada gradação. Há suicidas, criminosos arrependidos, rebeldes inconformados e os que relatam dolorosas experiências suscitadas pelo mecanismo de correção de rumos que a Lei Divina se vê obrigada a impor em nosso próprio interesse evolutivo e, em última palavra, visando à estabilidade da ordem cósmica. Mas há, também, testemunhos convincentes de entidades felizes e pacificadas.

Não tinha sentido, portanto, acenar com o prêmio de um paraíso idílico para aqueles que se mantivessem fiéis aos preceitos dogmáticos e às práticas eclesiásticas. Estávamos de volta à doutrina de *comportamento* pregada e praticada pelo Cristo, segundo a qual cada um de nós é responsável pela construção do Reino de Deus em si mesmo.

6. A Gênese – incursões pela ciência da época

O livro seguinte seria *A Gênese*, no qual Kardec recapitula pontos fundamentais da Doutrina, como o da existência de Deus, o problema do mal e o papel da ciência; oferece suas reflexões sobre astronomia, espaço e matéria, bem como sobre as origens da vida. Estuda, ainda, os milagres e as predições ou profecias, aspectos que havia deixado temporariamente à margem ao elaborar *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

7. A permanência e a transitoriedade

Vejo na sequência dos livros um deliberado propósito de deixar perfeitamente caracterizados o essencial e o acessório, a permanência, de um lado e o transitório do outro, a fim de garantir às ideias nucleares da Doutrina dos Espíritos espaço próprio no qual pudessem ser preservadas

na sua integridade originária, mas não imobilizadas a ponto de inibir a acomodação das verdades novas a que Kardec aludira.

Temos na Doutrina, os nossos óculos, a lente, o microscópio e o telescópio, nosso instrumento de busca, aprendizado e alargamento de fronteiras.

O Livro dos Espíritos ocupa-se do permanente, mas sem caracterizá-lo como, dogma em sua conotação católica. E nem precisaria fazê-lo, pois as leis naturais não são dogmáticas, são o que são; existem.

A partir de *O Livro dos Médiuns*, Kardec passa a explorar áreas de conhecimento que, a seu ver, precisavam de uma leitura espírita, a fim de ampliar as fronteiras da Doutrina dos Espíritos. Isto se evidencia com clareza em títulos explícitos, como em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e em *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Implicitamente, porém, está nessa mesma categoria o próprio *O Livro dos Médiuns*, que trata da mediunidade segundo o Espiritismo, e *O Céu e o Inferno* como visão espírita da realidade póstuma.

Atitude semelhante adotaram seus continuadores imediatos – Gabriel Delanne, Léon Denis, Alexandre Aksakof, Ernesto Bozzano, Paul Gibier, Camille Flammarion e outros.

A tarefa continuaria, já em nosso tempo, com a Série André Luiz, que demonstrou mais uma vez que se pode (e se deve) empreender esse tipo de exploração atualizadora e renovadora sem prejuízo para a essência da Doutrina dos Espíritos; pelo contrário, mantendo-a intacta, confirmando-a e enriquecendo-a sobremaneira.

Isso não quer dizer que devemos abandonar nas prateleiras do esquecimento obras como *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Elas foram de indiscutível utilidade à época em que foram lançadas, serviram durante mais de um século e continuam sendo necessárias ao entendimento das implicações da Doutrina dos Espíritos, na sua interação com filosofias, religiões e ciência então dominantes, tanto quanto em face das que hoje prevalecem.

É de se anotar que os conhecimentos científicos e a tecnologia gerada no bojo deles evoluíram consideravelmente no decorrer do século e meio que nos separam do lançamento do livro básico da Codificação,

mas a abordagem materialista prevalece, talvez até agravada, ainda que numerosos e destacados cientistas venham progressivamente assumindo posturas mais abertas para a realidade espiritual, ou, no mínimo, menos reservadas.

É bom que se navegue pelos textos nos quais Kardec enfrentou esse problema a seu tempo. Os argumentos com os quais analisa as estruturas teológicas e as práticas religiosas, as posições materialistas continuam válidos e dignos de atenção, pela simples razão de que, século e meio depois, temos gente ainda falando em céu, inferno, salvação, ressurreição, unicidade da vida e dogmas, como se fossem intocáveis verdades eternas. Gente que ainda não tomou conhecimento, não se convenceu ou rejeita e até combate a realidade espiritual na qual estamos todos inseridos.

Portanto, nada envelheceu nem se tornou obsoleto na Doutrina dos Espíritos. Reiteramos: ela não se fundamenta em especulações teóricas e sim em leis naturais. Se alguma correção ou modificação tiver de ser feita em aspectos subsidiários e complementares, que se faça, sem temores quanto à sua integridade. Kardec deixou-a preparada para tal eventualidade.

8. Para concluir

Você que me leu até aqui tem todo o direito de perguntar: “Mas, afinal, o que você quer dizer com as coisas que está dizendo?”.

A revisitação aos textos básicos colhidos e elaborados por Allan Kardec e ao roteiro que ele seguiu para ordenar os ensinamentos de seus Amigos Espirituais nos oferece oportunidade para alinhar alguns tópicos merecedores de mais amplas meditações.

Vamos colocá-los em ordem.

Primeiro – A Doutrina que se depreende daqueles ensinamentos é lúcida, competente e de uma paradoxal simplicidade a despeito de suas amplas e profundas implicações.

As ideias nucleares nela contidas não resultam de especulações teóricas meramente intelectuais mais ou menos ociosas; são expressão

textual de *leis naturais*, não impostas e nem colocadas como objeto de fé ou crença – são, pura e simplesmente, realidades cósmicas. É bom lembrar a esta altura que Paulo entendia a Fé como antecipação do conhecimento². Também recomendou que nos ocupássemos das coisas invisíveis, que são eternas, e não das passageiras coisas visíveis³. Estava certo o grande pensador cristão do primeiro século. Há, na verdade, a fé que *crê* e a que *sabe*. Como lembrou Kardec, a Fé tem que passar pelo teste da racionalidade, diante da qual nada tem a perder; ao contrário tem tudo a ganhar em confiabilidade e convicção.

Segundo – “...a Doutrina – escreveu Kardec, em *A Gênese*, cap. I, número 13 – *não foi ditada completa, nem imposta à crença cega...*” (Itálicos no original)⁴. Se assim fosse, estaria em contradição consigo mesma, de vez que a evolução é de sua própria essência. Sempre haverá, portanto, em torno dela, regiões pouco exploradas e até ignoradas à espera de estudo. É necessário, sim, preservar a pureza doutrinária, mas não sufocá-la em uma redoma que lhe retire o oxigênio do qual necessita para interagir com o que se passa à sua volta. Ela é o nosso instrumento de trabalho, de aferição e de busca. É até possível que o Cristo estaria falando disso quando ensinou que era *Caminho, Verdade e Vida*. De fato, o estudo das Leis Divinas é caminho e roteiro para se chegar à Verdade e é com a Verdade que chegaremos ao melhor entendimento da vida. “Conhecereis a Verdade – disse Ele –, e a Verdade vos libertará.”

A dicotomia permanência e transitoriedade impõe um desafio que necessita ser definido com clareza, a fim de ficar bem resolvida em nós a posição a ser assumida. As leis são definitivas, acabadas, irretocáveis, insuscetíveis de modificação ou aperfeiçoamento; o conhecimento, não – ele é móvel, progressivo, crescente e sujeito à obsolescência em alguns de seus aspectos, a fim de que se possa renovar e expandir-se. Tais diretrizes foram claramente explicitadas pelas entidades instrutoras quando anunciaram a Kardec que ele teria de voltar em nova existência para dar

⁽²⁾ Epístola aos Hebreus, 11:1.

⁽³⁾ 2 Cor 4:18.

⁽⁴⁾ Allan Kardec, *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, tradução de Albertina Escudeiro Sêco, da 4ª edição, 1868, Edições CELD, Rio de Janeiro, 2003.

continuidade ao seu trabalho. Voltar para que se viesse apenas para repetir o que já dissera?

Não há o que temer, portanto, pela Doutrina Espírita em si mesma e nos seus fundamentos – eles são puros e estáveis. Deve-se temer, sim, pelo que se fizer de equivocado a partir de tais conhecimentos. Os conteúdos doutrinários encontram-se preservados no texto de *O Livro dos Espíritos*, que, ao contrário dos escritos evangélicos primitivos, espalharam-se em milhões de exemplares em numerosas línguas vivas.

Terceiro – Falávamos há pouco de áreas ainda não suficientemente exploradas ou até desconhecidas. Uma delas está na interação Espiritismo e Ciência. A Doutrina tende a uma aceitação cada vez mais ampla por parte daqueles que costumam considerar seus postulados como simples objeto de fé, crença, descrença, dúvida ou rejeição. Mantêm-se estes na expectativa de pronunciamentos decisivos que a Ciência como um todo ainda não está resolvida a proclamar, ainda que crescente número de cientistas e pesquisadores já se tenham declarado convencidos da realidade espiritual subjacente. A Doutrina, por sua vez, tem relevantes contribuições a oferecer à Ciência, sempre interessada em abrir novos caminhos.

Podemos alinhar alguns deles.

As ciências de radical *psi*, por exemplo – psicologia, psiquiatria, psicanálise –, necessitam de criativos e fecundos *inputs* já instalados na Doutrina, como existência, preexistência e sobrevivência do ser à morte corporal e, por conseguinte, reencarnação.

Em idênticas condições de expectativa estão os ramos do conhecimento que trabalham com o ser biológico como a genética, em busca de melhor entendimento de funções e disfunções orgânicas e mentais. É inegável a falta que faz neste vetor científico o conceito de perispírito na sua função de organizador e administrador do corpo físico no processo da interação Espírito e matéria, bem como na continuidade da vida após a morte.

Ao escrever isto, testemunhamos o grande debate em torno do projeto genoma que conseguiu, afinal, mapear o sistema genético. Persiste, no entanto, a grande questão: o que fazer desse novo conhecimento? Será o

gene apenas uma espécie de *software* bioquímico regido por combinações aleatórias? Não teria, porventura, um componente psíquico, ou melhor, espiritual? Como vão parar na programação genética comandos cármicos que suscitam, por exemplo, marcas de nascença que se reportam a vidas anteriores? Como se combinam ou descombinam em uns tantos de nós para, eventualmente, disparar um processo canceroso, uma deficiência cardiovascular, uma alergia ou coisas ainda mais complexas como o autismo, a síndrome de Down, a genialidade ou a idiotia? Que impulsos determinam que o material nutritivo recebido da mãe produz, a partir de um ovo fecundado, um corpo físico com cada célula em seu lugar, com suas estruturas e funções específicas e ordenadas em uma afinada (ou desafinada) orquestração? Será apenas um jogo bioquímico de acasos? Como é que o corpo “sabe” que com aquela matéria-prima tem de construir células nervosas, sanguíneas, ósseas ou musculares? E depois de pronto o corpo, como ele se desenvolve, mantém-se e se renova em um contínuo processo de troca com o ambiente em que vive?

E mais: demonstrada como está a sobrevivência do ser à morte corporal – por mais que ainda se relute em aceitá-la – como explicar a continuidade do pensamento e da vida se o cérebro físico se desintegra?

Preservar a Doutrina dos Espíritos é, decididamente, nosso compromisso. O Espiritismo está apoiado nela e seus postulados fundamentais estão documentados em *O Livro dos Espíritos*. Temos nela um instrumento de busca, aprendizado e alargamento de fronteiras, não uma finalidade em si mesma.

O que desejamos ou pretendemos, afinal, fazer do Espiritismo?

Essa é uma das perguntas que a nós mesmos podemos e devemos formular, em um momento como este, em que somos solicitados a uma releitura de Kardec.

Afinal de contas, se ele tivesse preferido limitar-se ao lançamento da Doutrina dos Espíritos e permanecer dentro dela sem dar mais um único passo, só teríamos hoje a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* para que fizéssemos dele o que entendêssemos e desentendêssemos.

A física não se deteve nas formulações de Aristóteles ou Demócrito, nem a astronomia parou em Kepler, Copérnico ou Galileu, por mais

inovadoras e até revolucionárias que fossem para a época em que foram concebidas. E não terá chegado ao fim de seu caminho evolutivo com Einstein e a física quântica.

Mesmo depois de ultrapassados esses limites, em futuro que ainda não somos capazes de imaginar, continuarão válidos os fundamentos da realidade espiritual compactados em *O Livro dos Espíritos*.

Kardec estava certo em caracterizá-los como expressões das leis naturais e teve o bom senso de deixar bem claro que nada de novo estava sendo inventado para compor o corpo doutrinário que lhe foi confiado. As leis naturais contidas na física ou na astronomia foram confirmadas; o que nelas não se enquadrava eram suposições e hipóteses e foi superado.

A essência do conhecimento sobre a realidade espiritual está à nossa disposição nas estruturas doutrinárias, mas temos de entender que a busca em torno desses preceitos nucleares não termina com aquela etapa de trabalho; ao contrário, começa ali.

Foi o que ele, Kardec, fez do Espiritismo, como também o fizeram seus continuadores imediatos – Denis, Delanne, Aksakof, Bozzano, Geley – e outros tantos que a estes sucederam ao longo de quase século e meio.

E nós, os que acabamos de atravessar os portais do século XXI, o que estamos fazendo? E o que farão os que vierem depois de nós? E o que faremos nós próprios, quando para aqui retornarmos em novas existências? Será que não aprendemos com o lastimável episódio histórico que fez da *Doutrina* de Jesus o *crístianismo* institucionalizado que hoje conhecemos?

Jesus já nos falara das leis naturais a que se refere Kardec. “Vim para confirmar a lei; não para revogá-la” – disse.

Nem por isso deixou de dar novo sentido e alargar a visão que tínhamos delas. Preveniu-nos, ademais, que tinha mais coisas a dizer e ensinar, o que ficaria para um tempo em que estivéssemos preparados para dar mais um passo à frente.

Mesmo sujeitos aos temporais das paixões humanas, preservou-se nos escritos evangélicos Sua Doutrina porque eram transparentes os

ensinamentos contidos no Sermão do Monte, nas parábolas, nas metáforas colhidas nos fatos simples da vida: a sementeira, a qualidade do solo, a colheita, os frutos, as flores, as pragas, a chuva, o sol, a pesca, as estações do ano.

Há que se entender, portanto, que preservar a Doutrina dos Espíritos é uma coisa – imobilizá-la é outra. Ela precisa exercer sua função de irrigar áreas cada vez mais amplas do conhecimento, a fim de nos proporcionar uma leitura da vida em toda a sua plenitude, *segundo* seus postulados básicos.

Hermínio Miranda

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I

Para as coisas novas necessitam-se de palavras novas. Assim o quer a clareza da linguagem para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo provocado por vocábulos iguais. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* já possuem uma acepção bem definida; dar-lhes uma outra para aplicar à Doutrina dos Espíritos seria multiplicar as causas já numerosas da anfibologia¹. O espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si mesmo outra coisa além da matéria é espiritualista; mas não quer dizer que acredite na existência de Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual* e *espiritualismo*, empregamos para designar esta última crença, *Espírita* e *Espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e, por esse fato mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra *espiritualismo* suas próprias acepções. Diremos, portanto, que a *Doutrina Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Epiritismo serão os *espíritas* ou, se o quiserem, os *espiritistas*.

O *Livro dos Espíritos* contém a *Doutrina Espírita*, mas liga-se também à doutrina *espiritualista*, da qual representa uma das fases.

¹ Anfibologia: ambiguidade; duplicidade de sentido. (*N. do T.*)

Tal é a razão pela qual leva no topo de seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista*.

II

Outra palavra sobre a qual importa, igualmente, entender-se, porque é uma das chaves de toda doutrina moral e sujeita a numerosas controvérsias, por falta de uma aceção bem determinada, é a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma vem da aplicação particular que cada um dá a essa palavra. Uma língua perfeita, em que cada ideia seria representada por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com um vocábulo certo para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo alguns, a alma é o princípio da vida material orgânica; ela não tem existência própria e cessa com a vida: é o Materialismo² puro. Nesse sentido, e por comparação, diz-se de um instrumento quebrado que não produz mais som, que ele não tem alma. De acordo com essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo eles, existiria uma só alma para todo o Universo que distribuiria as fagulhas entre os diversos seres inteligentes no curso de sua vida; após a morte, cada fagulha retornaria à origem comum confundindo-se no todo, tal qual os riachos e os rios retornam ao mar de onde saíram. Essa opinião difere da precedente, pois, nesta hipótese, existiria em nós mais que a matéria restando alguma coisa após a morte. Mas é como se nada ficasse, pois não restando a individualidade, não teríamos mais consciência de nós mesmos. Conforme essa opinião, a alma universal seria Deus e cada ser uma porção da Divindade, sendo ela uma variação do *Panteísmo*³.

Enfim, segundo outros, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte.

² Materialismo: doutrina que considera a matéria como a única realidade palpável, podendo negar a existência dos Espíritos ou para eles não dando importância, ou seja, negação ou de sua existência ou de sua importância. (*N. do T.*)

³ Panteísmo: doutrina para uns, crença para outros, segundo a qual só Deus é real e o mundo é um conjunto de manifestações e emanações da divindade. (*N. do E.*)

Essa acepção é, sem contradita, a mais comum, porque, sob um ou outro nome, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo existe no estado de crença instintiva e independente do ensinamento de todos os povos, qualquer que seja o grau de civilização. Esta doutrina, segundo a qual a alma é *a causa e não efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões, e não considerando senão o lado linguístico da questão, diremos que as três aplicações da palavra *alma* constituem três ideias distintas que demandariam, cada uma, um termo diferente. Essa palavra tem, pois, tripla acepção e cada uma tem razão, em seu ponto de vista, na definição que lhe dá. A falha recai, novamente, na língua, por possuir apenas uma palavra para definir as três ideias. A fim de evitar equívocos, seria preciso restringir o sentido da palavra *alma* a uma dessas três ideias. A escolha é indiferente, é entender que se trata de pura convenção. Acreditamos ser mais lógico apoiar-se em sua acepção mais comum, porque chamamos *alma*, o *ser imaterial e individual que reside em nós e que sobrevive ao corpo*. Mesmo que esse ser não existisse e não fosse mais que um produto da imaginação, ainda assim seria necessário um termo para designá-lo.

Na falta de um vocábulo preciso para definir cada uma das outras duas acepções, chamaremos *princípio vital*, o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a sua fonte, comum a todos os outros seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital é algo distinto e independente, podendo a vida existir sem a faculdade de pensar. A palavra *vitalidade* não traduz a mesma ideia. Para uns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria existe em certas circunstâncias; segundo outros, e essa é a ideia mais comum, o princípio vital reside em um fluido especial, universalmente difundido, do qual cada ser absorve e assimila uma parte no curso da vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz; isso seria o *fluido vital*, que, segundo certas opiniões, representaria nada mais que o fluido elétrico animalizado, designado também sob os nomes de fluido magnético, fluido nervoso etc.

Seja como for, há um fato irrefutável – por ser resultado de observação – e é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o

fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e é independente da inteligência e do pensamento, visto serem a inteligência e o pensamento faculdades próprias a certas espécies orgânicas; enfim, entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, há aquela dotada de um senso moral particular que lhe dá uma incontestável superioridade sobre as outras, e que é a espécie humana.

Compreende-se que, com uma aceção múltipla, a alma não exclui nem o Materialismo nem o Panteísmo. O próprio espiritualista pode muito bem entender a alma por uma ou outra das duas primeiras definições sem prejuízo do ser imaterial distinto, ao qual daria, então, um nome qualquer. Assim, essa palavra não é representativa de uma opinião: é um Proteu⁴ que cada um amolda à sua maneira; daí a origem de tantas disputas intermináveis. A confusão toda seria igualmente evitada, mesmo servindo-se da palavra *alma* nos três casos, aí desde que lhe ajuntássemos um qualificativo para precisar o ponto de vista pelo qual a encaramos ou a aplicamos. Ela seria, então, uma palavra genérica, representando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral que se distinguiriam por um atributo, como com o gás, por exemplo, que se distingue ajuntando as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Poderíamos, portanto chamar, e isso seria talvez o melhor, de *alma vital* para designar o princípio de vida material, *alma intelectual* para designar o princípio da inteligência e de *alma espírita* para o princípio da individualidade após a morte. Como podemos ver, tudo isso é uma questão de vocábulos, mas traz uma questão mais importante para nos entendermos. Partindo daí, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria aos animais e aos homens; e a *alma espírita* caberia apenas ao homem.

Acreditamos dever insistir tanto mais sobre essas explicações quanto a Doutrina Espírita repousa naturalmente sobre a existência em nós de um ser independente da matéria e sobrevivente ao corpo. A palavra *alma* deverá se reproduzir frequentemente no curso deste trabalho,

⁴ Da Mitologia – Proteu, entidade famosa por suas metamorfoses. (*N. do E.*)

portanto, importa ser fixada no sentido que nós determinamos, a fim de evitar qualquer engano.

Vamos, agora, ao objeto principal desse ensinamento preliminar.

III

A Doutrina Espírita, como toda coisa nova, tem seus adeptos e contraditores. Poderíamos responder a qualquer uma das objeções desses últimos, examinando o valor dos motivos sobre os quais se apoiam sem ter, todavia, a pretensão de convencer a todos, porque há pessoas que creem que a luz foi feita somente para elas. Dirigimo-nos às pessoas de boa-fé, sem ideias preconcebidas, ou posições firmadas, sinceramente desejosas de se instruírem. Nós lhes demonstraremos que a maior parte das objeções que fazem à Doutrina provém de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento proferido irrefletidamente e com precipitação. Recordemos primeiro, em poucas palavras, sobre a série progressiva de fenômenos que deram origem a esta Doutrina.

O primeiro fato observado foi o de objetos postos em movimento. Vulgarmente têm sido designados com o nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Esse fenômeno, que parece ter sido observado primeiro na América, ou antes, que teria se repetido nessa região, porque a história prova que remonta à mais remota Antiguidade, teria se produzido acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como barulhos insólitos e pancadas desferidas sem causa ostensiva conhecida. Dali, rapidamente propagou-se pela Europa e por outras partes do mundo, suscitando, a princípio, muita incredulidade. Entretanto, a multiplicidade de experiências não mais permitiria duvidar da realidade.

Se esse fenômeno ficasse restrito ao movimento de objetos materiais, poderia ser explicado por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza e, mesmo, todas as propriedades daqueles que conhecemos. A eletricidade, aliás, multiplica cada dia ao infinito os recursos que proporciona ao homem e parece destinada a iluminar a Ciência com uma nova luz. Não seria, pois, nada

impossível que essa eletricidade, modificada por certas circunstâncias ou por outros agentes desconhecidos, fosse a causa do movimento dos objetos. A reunião de várias pessoas, aumentando o poder de ação, parece apoiar essa teoria, porque se poderia considerar esse conjunto como uma pilha múltipla cuja potência está na razão do número de elementos.

O movimento circular nada apresentava de extraordinário: ele existe na Natureza; todos os astros se movem de maneira circular⁵; poderíamos, portanto, ter, em menor escala, um reflexo do movimento geral do Universo ou, melhor dizendo, uma causa até então desconhecida poderia produzir, acidentalmente, nos pequenos objetos e sob certas circunstâncias, uma corrente análoga àquela que impulsiona os mundos.

Mas o movimento não era sempre circular; muitas vezes era brusco, desordenado, o objeto sendo violentamente sacudido, derrubado, levado a uma direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da Estática, suspenso e mantido no espaço. No entanto, nada havia ainda nesses fatos, que não pudesse ser explicado pelo poder de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, desenraizar árvores, arremessar longe corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los? Supondo-se que os ruídos insólitos, os golpes desferidos não fossem um dos efeitos normais da dilatação da madeira ou de toda outra causa acidental, poderiam, todavia, ser produtos de uma acumulação do fluido oculto: a eletricidade não produz os ruídos mais violentos?

Até aí, como pode ser visto, tudo podia voltar ao domínio dos acontecimentos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair dessa ordem de ideias, existiria ali a matéria a ser estudada seriamente e digna de fixar a atenção dos sábios. Por que não tem sido assim? É penoso de se dizer, mas isso cabe às causas que provam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. Primeiramente, a vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experimentações talvez não lhe seja estranha. Que influência uma palavra não tem tido, muitas vezes, sobre as coisas mais graves? Sem considerar que o movimento poderia

⁵ Em realidade, os astros se movimentam fazendo uma elipse e não um círculo. (*N. do T.*)

ser impresso a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida, porque este é o objeto mais cômodo, todos sentam-se mais naturalmente à volta de uma mesa que de qualquer outro móvel. Ora, os homens superiores são, algumas vezes, tão pueris que não lhes parece nada impossível que certos espíritos de elite se acreditassem rebaixados por se ocuparem daquilo que convencionamos chamar de *A dança das mesas*. É mesmo provável que, se o fenômeno observado por Galvani⁶ o fôra por homens vulgares e caracterizado por um nome burlesco, estaria ainda relegado ao lado da varinha mágica⁷. Qual é, com efeito, o sábio que não teria se julgado humilhado em se ocupar da *dança das rãs*?

Alguns, no entanto, bastante modestos para aceitarem que a Natureza poderia não lhes ter dito sua última palavra, quiseram observar, para tranquilidade de consciência. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre correspondeu à sua expectativa, e por não se ter produzido constantemente, à sua vontade e segundo o seu método de experimentação, concluíram eles pela negativa. Malgrado sua sentença, as mesas, pois que há mesas, continuam a girar e nós podemos dizer com Galileu: *e, contudo, elas se movem!* Diremos mais: “os fatos estão de tal sorte multiplicados que têm hoje direito à cidadania, e que se trata apenas de encontrar uma explicação racional”. Pode-se induzir qualquer coisa contrária à realidade do fenômeno pelo fato de não se produzir de uma maneira sempre idêntica segundo a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos da eletricidade e da química não estão subordinados a certas condições e deve-se negá-los porque eles não se produzem

⁶ Luigi Galvani (1737-1798), médico e fisiologista que, ao realizar pesquisa sobre o comportamento das rãs, fez descobertas importantes para a eletricidade. Tornou-se célebre por seus estudos sobre os novos métodos de anatomia comparada que introduziu. (*N. do E.*)

⁷ Varinha de Condão ou Varinha Mágica (Divining Rod). Uma forquilha de avelaneira, salgueiro ou outra madeira, ou ainda, uma vara de metal, dita ter um poder oculto para localizar água ou minerais abaixo do solo. Segura pelo “operador” de maneira a apontar de forma reta para a frente, a vara supostamente inclina-se para baixo quando o “operador” se aproxima do lugar ideal para cavar ou perfurar. O fenômeno, algumas vezes chamado de “enfeitamento da água”, tem sido atribuído aos movimentos inconscientes do “operador”. Alguns rastreadores ganharam considerável conhecimento de onde água ou minerais deveriam ser encontrados; outros foram bem-sucedidos porque a água pode ser obtida em quase todas as regiões úmidas. *Grolier International Encyclopedia* Canadá, 1968 – vol. 6, p. 51. (*N. do T.*)

fora dessas condições? Devemos estranhar que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano tenha também suas condições de ser e cessar de se produzir quando o observador, firmado em seu próprio ponto de vista, pretende fazê-lo seguir conforme seus caprichos, ou sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos podem e devem existir novas leis? Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias nas quais os fatos se produzem, e esse estudo não pode ser feito sem uma observação constante, atenta e muitas vezes longa.

Mas, objetam certas pessoas, há muitas vezes evidências de fraude. Perguntaremos, primeiramente, se estão realmente certos que exista fraude, e se não têm tomado por tal os efeitos para os quais não podem dar explicações, mais ou menos como esse aldeão que toma um sábio professor de Física, fazendo experiências, como um destro escamoteador. Supondo mesmo que fraudes possam ter ocorrido algumas vezes, seria razão para negar o fato? Deve-se negar a Física porque existem os prestidigitadores que se arrogam o título de físicos? É preciso, aliás, ter em conta o caráter das pessoas e do interesse que elas poderiam ter em enganar. Isso seria, portanto, uma brincadeira? Uma pessoa pode se divertir um instante, mas uma brincadeira indefinidamente prolongada seria tão fastidiosa para o mistificador quanto para o mistificado. Haveria, além disso, em uma mistificação que se propague de uma extremidade do mundo a outra e, entre as pessoas mais graves, mais honoráveis e mais esclarecidas, alguma coisa ao menos tão extraordinária quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos de que nos ocupamos fossem limitados ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como havíamos dito, no domínio das Ciências Físicas; mas não ocorreu assim: estavam destinados a nos colocar na pista de fatos de uma ordem estranha. Descobriu-se, não sabemos por qual iniciativa, que a impulsão dada aos objetos não é somente o produto de uma força mecânica cega, mas que

havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Este caminho, uma vez aberto, ofertava um campo todo novo de observações. Era o véu levantado sobre muitos mistérios. Existe, em efeito, um poder inteligente? Essa é a questão. Se esse poder existe, o que é ele, qual é sua natureza, sua origem? Está ele acima da Humanidade? Tais são as outras questões que resultam da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes se deram por meio de mesas que se moviam e batiam, com um pé, um número determinado de golpes, correspondendo a *sim* ou *não*, segundo a convenção, a uma questão posta. Até aí nada de convincente certamente para os céticos, porque poderiam acreditar em um efeito do acaso. Obtiveram-se, em seguida, respostas mais desenvolvidas pelas letras do alfabeto: o objeto movia-se, dando um número de golpes correspondente ao número de ordem de cada letra, formando assim palavras e frases em resposta às questões propostas. A exatidão das respostas e sua correlação com a questão provocaram admiração. O ser misterioso, que respondia assim, interrogado sobre sua natureza, declarou que era um *Espírito* ou *Gênio*, deu seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Essa é uma circunstância muito importante a se notar. Ninguém havia imaginado os Espíritos como um meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Faz-se, muitas vezes, nas ciências exatas, hipóteses para se obter uma base de raciocínio; mas aqui não é o caso.

Esse meio de correspondência era longo e incômodo. O Espírito, e isto é uma circunstância digna de nota, indicou um outro meio. Foi um desses seres invisíveis quem deu conselho de se adaptar um lápis a um cesto ou a outro objeto. Esse cesto, posto sobre uma folha de papel, entra em movimento pelo mesmo poder oculto que faz mover as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça caracteres, formando palavras, frases e discursos inteiros de várias páginas, tratando das mais altas questões de Filosofia, de Moral, de Metafísica, de Psicologia etc., e isto com tanta rapidez como se escrevesse à mão. Esse conselho foi dado simultaneamente na América, França e em diversos países. Eis os termos em que foram dados em Paris, em 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina, que, há vários anos, desde 1849,

ocupava-se da evocação dos Espíritos: “Vá buscar no quarto ao lado o pequeno cesto; fixe-o a um lápis, coloque-o sobre um papel, e ponha-lhe os dedos sobre a borda”. Pois, alguns instantes depois, o cesto entrava em movimento e o lápis escrevia muito legivelmente esta frase: “Isto que eu lhes falo, proíbo-vos expressamente de o revelar a qualquer pessoa; a próxima vez que escrever, escreverei melhor”.

O objeto ao qual se adapta o lápis é apenas um instrumento, sua natureza e sua forma são completamente indiferentes; tem-se procurado a disposição mais cômoda; é assim que muitas pessoas passaram a fazer uso de uma pequena prancheta. O cesto ou a prancheta não podem ser postos em movimento senão sob a influência de certas pessoas dotadas de um poder particular que se designam pelo nome de *médiuns*, ou seja, intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que dão esse poder particular estão ligadas a causas ao mesmo tempo físicas e morais, todavia, imperfeitamente conhecidas, porque encontram-se médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, de resto, se desenvolve pelo exercício.

V

Mais tarde, reconheceu-se que o cesto e a prancheta, na realidade, nada mais eram que um apêndice das mãos do médium, que tomando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Por esse meio, as comunicações tornaram-se mais rápidas, mais fáceis e mais completas; esse é, hoje, o mais utilizado, tanto mais que o número das pessoas dotadas dessa aptidão é bem considerável e multiplica-se todos os dias. A experiência, enfim, tornou conhecidas muitas outras variedades da faculdade mediúnica, descobrindo-se que as comunicações poderiam igualmente verificar-se pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato, e mesmo pela escrita direta dos Espíritos, ou seja, sem a influência da mão do médium ou do lápis.

Verificado o fato, um ponto essencial restava a constatar: o papel do médium nas respostas e a parte que nelas tomava, mecânica e

moralmente. Duas circunstâncias capitais, que não poderiam escapar a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é a maneira pela qual o cesto move-se sob sua influência, somente pela imposição dos dedos sobre a borda; o exame demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer. Essa impossibilidade torna-se patente quando duas ou três pessoas tocam, ao mesmo tempo, no mesmo cesto; seria necessário, ao menos, concordância de pensamentos pelas quais pudessem entender-se sobre a resposta a dar. Um outro fato, não menos singular, vem acrescentar certa dificuldade: é a mudança radical da escrita de acordo com o Espírito que se manifesta e cada vez que o mesmo Espírito a reproduz. Seria preciso, portanto, que o médium transformasse sua própria escrita em vinte maneiras diferentes e, sobretudo, que ele pudesse lembrar-se daquela que pertence a tal ou qual Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que são, na maior parte do tempo, em especial quando se trata de questões abstratas ou científicas, notoriamente fora dos conhecimentos e, às vezes, do alcance intelectual do médium, que, de resto, normalmente não tem consciência daquilo que escreve sob sua influência. Muitas vezes, não entende ou não compreende a questão proposta, porque pode estar em uma língua que lhe seja estranha, ou mentalmente, sendo a resposta dada nessa língua. Acontece, enfim, ao cesto escrever espontaneamente, sem questão previamente proposta, sobre um assunto qualquer e de uma maneira inesperada. Essas respostas, em certos casos, têm um tal selo de sabedoria, de profundidade e de propósito; revelam pensamentos tão elevados, tão sublimes, que só podem emanar de uma inteligência superior, impressa da moralidade mais pura; outras vezes são tão levianas, tão frívolas, tão triviais mesmo, que a razão se recusa a crer que possam proceder da mesma origem. Essa diversidade de linguagem só pode ser explicada pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências são humanas ou não? Tal é o ponto a esclarecer e do qual se encontrará a explicação completa neste trabalho, tal como foi dada pelos próprios Espíritos.

Eis, portanto, os efeitos patentes que se produzem fora do círculo habitual de nossa observação, que não se passam misteriosamente, mas à luz do dia, para que todos possam ver e constatar; que não é privilégio

de um só indivíduo, mas de milhares de pessoas que o repetem todo dia, à vontade. Esses efeitos têm, necessariamente, uma causa e, no momento que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias têm sido elaboradas a esse respeito. Nós as examinaremos mais tarde e veremos se podem dar explicação de todos os fatos que produzem. Admitamos, entretanto, a existência de seres distintos da Humanidade, porque tal é a explicação fornecida pelas inteligências que se revelam, e observemos o que nos dizem.

VI

Os seres que se comunicam, como já dissemos, designam a si mesmos, sob o nome de Espíritos ou Gênios, e tendo sido, alguns ao menos, homens que teriam vivido na Terra. Constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante nossa vida, o mundo corporal.

Resumiremos, aqui, em poucas palavras, os pontos principais da Doutrina que eles nos têm transmitido, a fim de responder, mais facilmente, a certas objeções:

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom⁸.

Criou o Universo que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.

O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

O mundo corporal é secundário; ele pode cessar de existir, ou não haver jamais existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

⁸Parmênides, filósofo grego (530-444 a.C.), descobriu o Ser e o apresentou ao Conhecimento, acompanhado de singular qualificação: o Ser é único – eterno – infinito – imutável – imóvel. A Filosofia Espírita ocupou-se dele e o identificou, no âmbito do absoluto, com a Inteligência Suprema, Deus, portador dos atributos de Justiça e Perfeição e, no campo da relatividade, com o Ser humano, o Homem, mediador entre Deus e a natureza menor, os seres vivos. (*N. do E.*)

Os Espíritos revestem-se, temporariamente, de um envoltório material perecível e sua destruição pela morte lhes devolve a liberdade.

Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que tenham chegado a um certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá a superioridade moral e intelectual perante as outras.

A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.

Existem no homem três coisas: 1^a – o corpo ou ser material análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2^a – a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3^a – o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

O homem tem, assim, duas naturezas: por seu corpo, ele participa da natureza dos animais, de quem possui o instinto; por sua alma, participa da natureza dos Espíritos.

O laço ou *perispírito* que une o corpo e o Espírito é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como tem lugar no fenômeno das aparições.

O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que somente o pensamento pode conceber; é um ser real, definido, que, em certos casos, pode ser percebido pelos sentidos da *visão*, da *audição* e do *tato*.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos Superiores que se distinguem por sua perfeição, conhecimentos, proximidade de Deus, a pureza de sentimentos e amor pelo Bem; esses são os anjos ou Espíritos puros. As outras classes afastam-se mais e mais dessa perfeição; os das categorias inferiores estão propensos às nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc., e se comprazem no mal. Em sua maioria, não são nem muito bons nem muito maus; mais brincalhões que maldosos, a malícia e a inconseqüência parecem ser sua diversão: esses são os Espíritos galhofeiros ou levianos.

Os Espíritos não permanecem eternamente na mesma ordem. Todos melhoram ao passar pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Essa melhora se verifica pela encarnação que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova a que devem submeter-se continuamente até que tenham alcançado a perfeição absoluta⁹; essa é uma forma de depuração, da qual saem mais ou menos purificados.

Deixando o corpo, a alma entra novamente no mundo dos Espíritos de onde havia saído, para retomar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante.

Devendo o Espírito passar por muitas encarnações, conclui-se que deveremos ter tido múltiplas existências e teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra, ou em outros mundos.

A encarnação dos Espíritos tem sempre lugar na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou Espírito pode encarnar no corpo de um animal¹⁰.

As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas; mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírito encarnado. Assim, o homem de bem é a encarnação do bom Espírito, e o homem perverso a de um Espírito impuro.

A alma tem a sua individualidade antes da encarnação e a conserva após a separação do corpo.

Ao retornar ao mundo dos Espíritos, a alma reencontra ali todos os que havia conhecido na Terra, e todas as existências anteriores retornam à sua memória com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez.

⁹ A perfeição absoluta citada pelo Codificador prende-se à noção de absoluto no plano evolutivo da Terra, pois o ser humano é perfectível, portanto, portador de perfeição relativa. Veja-se a linguagem de Jesus em Mateus, 5:48 e explicada pelo próprio Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, C. 17, it. 2. (*N. do E.*)

¹⁰ Existe entre a doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como o admitem certas seitas, uma diferença característica que é explicada no seguimento da presente obra. (*N. do E.*)

O Espírito encarnado está sob a influência da matéria; o homem que supera essa influência pela elevação e depuração de sua alma se aproxima dos bons Espíritos com os quais estará um dia. Os que se deixam dominar pelas más paixões e colocam todas suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros se aproximam dos Espíritos impuros, ao dar preponderância à natureza animal.

Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo.

Os Espíritos não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte, no espaço e ao nosso lado, nos vendo e nos acotovelando sem cessar; é toda uma população invisível que se agita à nossa volta.

Os Espíritos exercem, sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem um dos poderes da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados para os quais não encontramos uma solução racional senão no Espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos convidam ao bem, sustentando-nos nas provas da vida e ajudam-nos a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos incitam ao mal: é para eles um gozo ver-nos sucumbir, assemelhando-nos a eles.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas têm lugar pela boa ou má influência que exercem sobre nós sem o sabermos. Cabe ao nosso julgamento discernir entre as boas e as más inspirações. As comunicações ostensivas têm lugar por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, no mais das vezes, graças aos médiuns que lhes servem de instrumento.

Os Espíritos manifestam-se espontaneamente ou sob evocação. Podemos evocar todos os Espíritos – os que animaram homens obscuros, assim como as personagens mais ilustres, qualquer que seja a época durante a qual tenham vivido; os de nossos parentes, amigos ou inimigos – e obter, pelas comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a sua situação além-túmulo, sobre seus pensamentos

a nosso respeito, bem como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.

Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias nas quais predominam o amor pelo bem e o desejo sincero de instrução e melhoria. Sua presença afasta os Espíritos inferiores que encontram, ao contrário, um livre acesso e podem agir com toda liberdade entre pessoas frívolas ou guiadas somente pela curiosidade e em toda parte onde se encontram maus instintos. Longe de obter-se com eles bons avisos, tampouco ensinamentos úteis, deles não se espera nada além de futilidades, mentiras, zombarias ou mistificações, porque se valem de nomes venerados para melhor induzir ao erro.

A distinção entre Espíritos bons e maus é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, refletindo a mais alta moralidade, livre de toda paixão inferior; seus conselhos trazem em si a mais pura sabedoria e têm como objetivo nosso aperfeiçoamento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, geralmente fútil e mesmo grosseira; se dizem, algumas vezes, coisas boas e verdadeiras, na maior parte das vezes, falam coisas falsas e absurdas por malícia ou por ignorância. Divertem-se com a credulidade e à custa daqueles que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade e embalando seus anseios com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, em toda a acepção da palavra, não existem senão nos Centros sérios, nesses cujos membros estão unidos por uma comunhão íntima de pensamentos em direção ao bem.

A moral dos Espíritos superiores se resume como a do Cristo nessa máxima evangélica: ‘Agir com os outros como gostaríamos que os outros agissem conosco’¹¹; quer dizer, fazer o bem e não o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta para suas menores ações. Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal e nos prendem à matéria; que o homem que, desde este mundo, se desprende da matéria

¹¹ Mateus, 7:12. (N. do E.)

pelo desinteresse das futilidades mundanas e pelo amor ao próximo, aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve tornar-se útil de acordo com as faculdades e os meios que Deus coloca em nossas mãos como prova; que o forte e o poderoso devem apoio e proteção ao fraco, pois quem abusa de sua força e poder para oprimir seu semelhante viola a Lei de Deus.

Eles ensinam, enfim, que no mundo dos Espíritos não há nada que possa permanecer oculto, o hipócrita será desmascarado e todas suas vilanias reveladas; que a presença, inevitável em todos os instantes, daqueles com os quais agimos mal é uma das penas que nos estão reservadas; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos que nos são desconhecidos na Terra. Mas nos ensinam também que elas não são, de fato, irreversíveis, que não possam ser apagadas pela expiação.

O homem encontra, em suas diferentes existências, o meio que lhe permitirá avançar, segundo seu desejo e seus esforços, no caminho do progresso e na direção da perfeição que é seu alvo final.”

Tal é o resumo da Doutrina Espírita, como aparece no ensinamento dos Espíritos Superiores. Veremos agora as objeções que lhe fazem.

VII

Para muitas pessoas, a oposição das corporações científicas é, senão uma prova, ao menos uma forte presunção contrária. Não somos daqueles que apregoam, aqui, contra os sábios, porque não queremos que digam que somos imprudentes: temo-los, ao contrário, em grande estima e ficaríamos muito honrados de contarmo-nos entre eles. Mas sua opinião não poderia ser, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável.

Quando a Ciência tira suas conclusões da observação material dos fatos, apreciando-os e explicando-os, o campo está aberto às conjecturas; cada um constrói seu sistema que quer fazer prevalecer e sustenta-o com empenho. Não vemos, todos os dias, as opiniões mais divergentes

sucessivamente preconizadas e rejeitadas, umas vezes rebatidas como erros absurdos, depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência de fatos, a dúvida é a opinião do prudente.

Para as coisas evidentes, a opinião dos sábios é digna de fé, porque eles as conhecem mais e melhor que o vulgo; mas em fatos novos, em coisas desconhecidas, sua maneira de ver é sempre hipotética, porque não são, mais que os outros, isentos de preconceitos. Diria mesmo que o sábio pode ter mais preconceito que qualquer outro, por uma propensão natural que o leva a sujeitar tudo ao ponto de vista de sua especialidade: o matemático não vê prova que não seja em uma demonstração algébrica, o químico reporta tudo à ação dos elementos, e assim por diante. Todo homem que tem uma especialidade concentra nela todas as suas ideias; afastado do assunto, ele quase sempre se confundirá: é uma consequência da fragilidade humana. Eu consultaria, portanto, de bom grado e com toda confiança um químico sobre uma questão de análise; um físico sobre o poder elétrico; um mecânico sobre uma força motriz; mas eles me permitirão – sem que isso venha ferir a estima que lhes devo por sua especialização – não ter em mesma conta sua opinião negativa no que tange ao Espiritismo, mais que teria do julgamento de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências comuns apoiam-se nas propriedades da matéria que pode ser experimentada e manipulada a nosso grado. Os fenômenos espíritas repousam sobre a ação de inteligências que têm vontade própria e nos provam a cada instante que não estão aí por nosso capricho. As observações não podem ser feitas da mesma maneira; requerem condições especiais e um outro ponto de partida; querer submetê-las aos nossos procedimentos ordinários de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, como Ciência, incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo. Ela não tem se ocupado disso e seu julgamento, qualquer que seja ele, favorável ou não, não teria nenhum peso. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, abstração feita de sua qualidade de sábios. Mas querer deferir a questão à Ciência

vale tanto quanto decidir sobre a existência da alma em uma assembleia de físicos ou de astrônomos. Com efeito, o Espiritismo trata da existência da alma e de seu estado após a morte. Ora, é soberanamente ilógico pensar que um homem deva ser um grande psicólogo porque é um grande matemático ou um grande anatomista. O anatomista, dissecando o corpo humano, pode procurar a alma e, porque não a encontra com seu bisturi, como se encontrasse um nervo, ou porque não a viu evoluir-se como um gás, conclui que ela não existe, pois pauta-se pelo ponto de vista exclusivamente material. Daí resulta que ele tem razão contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.

Quando as crenças espíritas estiverem difundidas, quando forem aceitas pelas massas, e a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não deve estar muito distante, acontecerá com elas o que ocorre com todas as ideias novas que têm encontrado oposição; os sábios se renderão à evidência. Aceitarão, individualmente, pela força das circunstâncias. Até lá, é inoportuno afastá-los de seus trabalhos especiais, para constrangê-los a se ocupar de uma coisa estranha que não está em suas atribuições nem nos seus programas. Enquanto isso, os que, sem um estudo prévio e aprofundado da matéria, pronunciam-se por negativas e troçam dos que não concordam com seu parecer, esquecendo-se de que isso tem ocorrido com a maior parte das grandes descobertas que honram a Humanidade; expõem-se a ver seus nomes aumentarem a lista dos ilustres negadores das ideias novas, inscritos ao lado dos membros da douta assembleia que, em 1752, recebeu com risos a comunicação de Franklin¹² sobre os para-raios, julgando-o indigno de figurar entre o número de comunicações da pauta; e dessa outra que fez a França perder o benefício da iniciativa do navio a vapor, declarando o sistema de Fulton¹³ um sonho irrealizável. Essas eram as questões de sua alçada. Se, portanto, essas assembleias, que contavam com a elite dos sábios do mundo, receberam com zombaria e sarcasmo as ideias que não compreendiam, ideias que, alguns anos

¹² Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (*N. do E.*)

¹³ Robert Fulton (1765-1815), inventor norte-americano do barco a vapor. (*N. do E.*)

mais tarde, deveriam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha a seus trabalhos obtenha maior aceitação?

Os erros de alguns, lamentáveis para sua memória, não poderiam tirar-lhes os títulos pelos quais adquiriram o nosso respeito. Mas será mesmo necessário um diploma oficial para se ter bom senso e será que, fora das esferas acadêmicas, haja apenas tolos e imbecis? Que se ponha os olhos sobre os adeptos da Doutrina Espírita, para ver se dentre eles só encontramos ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a abraça permite relegá-la à fileira das crenças vulgares. O caráter e o saber desses homens valem bem o que se diz: porque se eles afirmam, é preciso, ao menos, que exista alguma coisa.

Repetimos que, se os fatos de que nos ocupamos estivessem reduzidos aos movimentos mecânicos dos corpos, a investigação da causa física desse fenômeno voltaria ao domínio da Ciência. Mas desde que se trata de uma manifestação fora das leis humanas, ela foge da competência da Ciência material, porque não pode se exprimir nem pelos números, nem pelo poder mecânico. Quando surge um fato novo que não é da alçada de nenhuma Ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve fazer abstração de sua Ciência e aceitar que isso é para ele um estudo novo, o qual não deve ser feito com ideias preconcebidas.

O homem que acredita ser sua razão infalível está bem próximo do erro. Mesmo os que têm as ideias mais falsas apoiam-se sobre sua própria razão e por isso rejeitam tudo que lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade hoje se honra apelaram a esse juiz para as rejeitar. Isso que chamamos de razão não é, muitas vezes, mais que o orgulho disfarçado, e quem quer que se acredite infalível coloca-se como igual a Deus. Nós nos dirigimos, portanto, aos que são muito prudentes para duvidar daquilo que não viram e que julgam o futuro pelo passado; não acreditam que o homem esteja chegando a seu apogeu, nem que a Natureza tenha virado a última página de seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma Doutrina, tal como a Doutrina Espírita, que nos lança, repentinamente, em uma ordem de coisas tão novas e tão grandes, pode frutificar apenas com homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados por uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não poderíamos dar essa qualificação àqueles que julgam, *a priori*, levemente e sem ter visto tudo; que não trazem a seus estudos nem a continuidade, nem a regularidade, nem o recolhimento necessários; saberíamos menos, todavia, dar a certas pessoas que, para não diminuírem a sua reputação de pessoas de espírito, esforçam-se por encontrar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras ou julgadas pelas pessoas cujo saber, caráter e convicções merecem consideração dos que se prezam de urbanidade. Que, portanto, aqueles que não julgam os fatos dignos deles e de sua atenção abstenham-se; ninguém pretende violentar a sua crença. Que saibam, no entanto, que deveriam respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se dá a ele. Deve-se espantar de não se obter, muitas vezes, nenhuma resposta sensata às questões, graves por si mesmas, quando são feitas ao acaso e à queima-roupa, em meio de questões ridículas? Uma questão complexa demanda, para ser esclarecida, perguntas preliminares ou complementares. Quem queira adquirir uma Ciência deve fazer um estudo metódico, começar pelo começo e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Aquele que dirige ao acaso, a um sábio, uma questão sobre uma Ciência da qual ele ignora os rudimentos, teria algum proveito? O próprio sábio poderá, com a maior boa vontade, dar uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada seria forçosamente incompleta e, muitas vezes, por isso mesmo, ininteligível, ou poderia parecer absurda e contraditória. É exatamente o que se dá nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se desejamos nos instruir com eles, temos de seguir-lhes o curso; precisamos, como entre nós, escolher os professores e trabalhar com assiduidade.

Temos dito que os Espíritos Superiores não vêm senão às reuniões sérias e nas que, sobretudo, reine uma perfeita comunhão de pensamentos

e de sentimentos para o bem. A leviandade e as questões ociosas os afastam, como entre os homens afastam as pessoas ponderadas. O campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita das ocasiões de trocar e de se divertir à nossa custa. O que acontece, em uma tal reunião, com uma questão séria? Será respondida? Por quem? É como se no meio de um grupo de pessoas alguém lançasse essas questões: O que é a alma? O que é a morte? E outras coisas assim recreativas. Se querem respostas sérias, sejam mesmo sérios em toda a aceção da palavra e coloquem-se com todas as condições necessárias: daí então obterão grandes coisas. Sejam mais laboriosos e perseverantes em seus estudos, sem isso os Espíritos superiores os abandonarão, como o faz um professor com seus alunos negligentes.

IX

O movimento dos objetos é um fato incontestável; a questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual é a origem dessa manifestação. Não falamos do movimento inteligente de certos objetos nem de comunicações verbais, nem mesmo dessas que são escritas diretamente pelo médium. Esse gênero de manifestação, evidente para os que têm visto e aprofundado o assunto, não é, em primeiro aspecto, muito independente da vontade para convencer um observador novato. Falamos, portanto, da escrita obtida com a ajuda de um objeto qualquer, munido de um lápis, tal como o cesto, prancheta etc. A maneira como os dedos do médium estão dispostos sobre o objeto desafia, como temos dito, a destreza mais consumada de poder participar, de qualquer forma da formação de letras. Mas admitamos, todavia, que, por uma hábil direção, ele pudesse enganar o olho mais atento. Como explicar a natureza das respostas, então, que estão longe de todas as ideias e de todos os conhecimentos do médium? E note que não se trata de respostas monossilábicas, mas, muitas vezes, de várias páginas escritas com a mais espantosa rapidez, seja espontaneamente, seja sobre um assunto determinado; sob a mão do médium mais estranho à literatura, nascem, por vezes, poesias de uma sublimidade e de uma pureza

irrepreensíveis que não desmereceriam os melhores poetas humanos. O que aumenta ainda a estranheza desses fatos é que se reproduzem em toda parte e que os médiuns multiplicam-se ao infinito. Esses fatos são reais ou não? Sobre isso, temos apenas uma coisa a responder: ver e observar; as ocasiões não faltam; mas, sobretudo, observar muitas vezes, por muito tempo e segundo as condições determinadas.

Ante a evidência, o que respondem os antagonistas? Estão, dizem eles, sendo enganados pelo charlatanismo ou brincadeiras ilusionistas. Nós dizemos que é preciso afastar a palavra *charlatanismo* onde não existem ganhos; os charlatães não exercem seu ofício gratuitamente. Isso seria, portanto, quando muito, uma mistificação. Mas por qual estranha coincidência esses mistificadores teriam-se entendido de uma extremidade a outra do mundo para agir da mesma forma, produzir os mesmos efeitos e dar sobre os mesmos assuntos e nas línguas mais diversas respostas idênticas, senão quanto às palavras, pelo menos quanto ao sentido? Como pessoas graves, sérias, honoráveis, instruídas pretendem semelhantes manobras e com qual finalidade? Como teriam encontrado nas crianças paciência e habilidade necessárias? Porque se os médiuns não forem instrumentos passivos, falta-lhes habilidade e conhecimentos incompatíveis com uma certa faixa etária e certas posições sociais.

Então acrescentamos: se não existe fraude, os dois lados podem estar sendo enganados por uma ilusão. Em boa lógica, a qualidade dos testemunhos é de certo peso; ou seria o caso de perguntar se a Doutrina Espírita, que conta hoje com milhares de adeptos, não os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos sobre os quais ela se apoia são tão extraordinários que entendemos a dúvida; mas o que não podemos admitir é a pretensão de certos incrédulos ao monopólio do bom senso e que, sem respeito pelas conveniências ou ao valor moral de seus adversários, acusam, sem cerimônia, de ineptos todos os que não têm a sua opinião. Aos olhos da pessoa judiciosa, a opinião dos esclarecidos, que há muito tempo têm visto, estudado ou meditado um fato, será sempre senão uma prova, pelo menos uma presunção a seu favor, por ela ter podido fixar a atenção de homens sérios, sem nenhum interesse de propagar um erro, nem tempo a perder com futilidades.

X

Entre as objeções há as mais consideráveis, pelo menos em aparência, porque permeiam observações de pessoas sérias. Uma dessas objeções é tirada da linguagem de certos Espíritos que não parece digna da elevação que se supõe existir no caráter dos seres sobrenaturais. Se nos reportarmos ao resumo da doutrina que apresentamos acima, veremos que os próprios Espíritos nos mostram que não são iguais nem em conhecimentos, nem em qualidades morais, e que não devemos tomar ao pé da letra tudo o que dizem. Cabe às pessoas sensatas saber diferenciar o bom do mau. Seguramente, aqueles que deduzem que temos falado somente com seres malfazejos, cuja única ocupação é nos mistificar, não têm conhecimento das comunicações que têm lugar nas reuniões nas quais se manifestam apenas os Espíritos superiores; de outro modo, não pensariam assim. É pena que o acaso os tenha servido tão mal e lhes mostrado apenas o lado delituoso do mundo espírita, porque não queremos supor que uma tendência simpática atraia para eles os maus Espíritos em detrimento dos bons, os Espíritos mentirosos ou aqueles cuja linguagem é repugnante por suas grosserias. Poderíamos concluir, quando muito, que a solidez de seus princípios não é assaz poderosa para preservá-la do mal, e como encontram um certo prazer em satisfazer sua curiosidade a esse respeito, os maus Espíritos aproveitam para se introduzir entre eles, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos tendo em vista esses fatos seria também pouco lógico como julgar o caráter de um povo por aquilo que se diz e se faz em assembleia por alguns estouvados ou pessoas mal afamadas, a qual não comparecem nem os prudentes nem as pessoas sensatas. Essas pessoas se encontram na situação de um estrangeiro que, chegando em uma grande capital pelo seu pior arrabalde, julgasse todos os habitantes pelos costumes e a linguagem desse bairro. No mundo dos Espíritos há também desníveis sociais; as pessoas que estudam o que se passa entre os Espíritos elevados serão convencidas de que a cidade celeste não contém apenas infratores. Mas, dizem eles, os Espíritos elevados vêm até nós? Ao que lhes respondemos: não fiquem no subúrbio; vejam, observem e julguem; os fatos estão aí para todos; a menos que seja a eles

que se apliquem estas palavras de Jesus: “Eles têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem.”¹⁴

Uma variante dessa opinião consiste em ver, nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais aos quais dão lugar, a intervenção de um poder diabólico, novo Proteu que adquire todas as formas para melhor nos iludir. Não acreditamos suscetível de um exame sério, portanto, não nos deteremos nela: acha-se refutada por aquilo que temos dito; achamos somente que se assim fosse, seria preciso convir que o diabo é, algumas vezes, bem prudente, bem racional e, sobretudo, bem moral ou que existam, também, bons diabos.

Como acreditar, de fato, que Deus permite ao espírito do mal se manifestar entre nós para nos perder sem nos dar, para contrabalançar, os conselhos dos bons Espíritos? Se não o pode, não é Poderoso; se pode e não o faz, é incompatível com Sua bondade; tanto uma como outra suposição seriam uma blasfêmia. Notem que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações; ora, partindo da premissa que existam, podem existir apenas com a permissão de Deus; como acreditar, sem cometer impiedade, que Ele permita o mal em detrimento do bem? Uma tal doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

É estranho, dizem, que apenas os Espíritos de pessoas conhecidas se pronunciam. É o caso de indagar por que só eles se manifestam. Está aí o erro proveniente, como muitos outros, de uma observação superficial. Entre os Espíritos que vêm espontaneamente, há mais desconhecidos que ilustres, que se designam por um nome qualquer e muitas vezes por um nome alegórico ou característico. Quanto àqueles que evocamos, a menos que seja um parente ou um amigo, é muito natural nos dirigirmos aos mais conhecidos do que àqueles aos quais não conhecemos. O nome das personagens ilustres impressiona mais, razão por que são mais notados.

¹⁴ Mateus, 13:13-17. (*N. do E.*)

Acham, todavia, singular que os Espíritos dos homens eminentes atendam familiarmente ao nosso chamado e se ocupem de coisas insignificantes em comparação àquelas que realizaram durante sua vida. Isso não é nada espantoso para eles que sabem que o poder ou a consideração que tenham gozado neste mundo não lhes dá nenhuma supremacia no mundo espírita. Os Espíritos confirmam isso nestas palavras do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos exaltados”¹⁵, que deve ser entendido como a categoria que cada um de nós ocupará entre eles; é assim que aquele que foi o primeiro sobre a Terra poderá encontrar-se entre os últimos; aquele diante do qual curvamos a cabeça durante a vida pode, portanto, vir entre nós como o mais humilde artesão, porque, deixando a vida, deixa toda sua grandeza, e o mais poderoso monarca talvez esteja situado abaixo do último de seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é que os Espíritos inferiores valem-se, muitas vezes, de nomes conhecidos e reverenciados. Quem, portanto, pode nos assegurar que esses que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington¹⁶ etc., tenham realmente animado esses personagens? Essa dúvida existe entre certos adeptos muito fervorosos da Doutrina Espírita; admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas se perguntam qual controle se pode ter da sua identidade. Esse controle é, com efeito, muito difícil de estabelecer; se não pode ser de uma maneira autêntica, como por uma certidão de registro civil, pode-se ao menos por presunção, por meio de certos indícios.

¹⁵ Lucas, 14:11. (*N. do E.*)

¹⁶ Júlio César (100-44 a.C.), general romano e estadista; Carlos Magno (768-814), rei dos Francos, Lombardos e imperador; Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador da França; George Washington (1732-1799), primeiro presidente dos EUA; Sócrates e Fénelon, veja-se resumo biográfico no fim deste livro. (*N. do E.*)

Quando o Espírito de alguém que nos é pessoalmente conhecido se manifesta, por exemplo, o de um parente ou de um amigo, sobretudo se está morto há pouco tempo, acontece, em geral, que sua linguagem está em perfeita relação com a característica que lhe conhecemos; isto já é um indício da identidade. Mas a dúvida quase não deixa de prevalecer quando esse Espírito fala de coisas particulares, recorda circunstâncias familiares que não são conhecidas senão do interlocutor. Um filho, seguramente, não se engana quanto à linguagem de seu pai e de sua mãe, nem os pais sobre a de seu filho. Passam-se, às vezes, nessas evocações íntimas, coisas surpreendentes, capazes de convencer o mais incrédulo. O cético mais endurecido fica, ocasionalmente, aterrado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Uma outra circunstância muito característica favorece a identidade. Dissemos que a escrita do médium muda geralmente com o Espírito evocado e que essa caligrafia se reproduz exatamente da mesma maneira, cada vez que o mesmo Espírito se apresenta. Têm-se constatado, muitas vezes, que, principalmente para as pessoas mortas há pouco, essa escrita tem uma semelhança surpreendente com a que tinha em vida; têm-se visto assinaturas de uma exatidão perfeita. Estamos, de resto, longe de querer citar este fato como uma regra e, sobretudo, como constante; mencionamo-lo como coisa digna de nota.

Os Espíritos que chegam a certo grau de depuração estão livres de toda influência corporal; mas, quando estão completamente desmaterializados (esta é a expressão da qual se servem), conservam a maior parte das ideias, das inclinações e mesmo dos hábitos arraigados que tiveram sobre a Terra, e esse é, portanto, um modo de reconhecimento. Mas encontramos, ainda em uma multidão de fatos, detalhes que somente uma observação atenta e sistemática pode revelar. Vemos escritores discutir seus próprios trabalhos ou suas doutrinas, aprovar ou condenar certas partes; outros Espíritos lembram-se de circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de sua vida ou de sua morte; todas as coisas, enfim, que são ao menos provas morais de identidade, as únicas que se poderia invocar tratando-se de coisas abstratas.

Se, portanto, a identidade do Espírito evocado pode ser, até certo ponto, estabelecida em alguns casos, não existe razão para que não o seja em outros, e se não temos, para as pessoas cuja morte é mais remota, os mesmos meios de controle, dispomos sempre da linguagem e do caráter; porque, seguramente, o Espírito de um homem de bem não se utilizará da linguagem de um homem perverso ou imoral. Quanto aos Espíritos que se servem de nomes respeitáveis, logo se traem por seu linguajar e suas expressões. Aquele que se dissesse Fénelon, por exemplo, e ferisse, mesmo que acidentalmente, o bom senso e a moral, mostraria, por isso mesmo sua fraude. Se, ao contrário, os pensamentos que exprime permeiam a pureza de linguagem, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivos para duvidar de sua identidade. Do contrário, teríamos de supor que um Espírito que só prega o bem pode, conscientemente, empregar a mentira, sem nenhuma utilidade. A experiência nos ensina que os Espíritos do mesmo grau, do mesmo caráter e animados pelos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos e em famílias. Ora, a quantidade de Espíritos é incalculável, e estamos longe de conhecê-los todos; a maioria não tem mesmo nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, portanto, vir em seu lugar e, muitas vezes portar o seu nome, porque é semelhante a ele e pode substituí-lo. Mas que importa, em verdade, que um Espírito seja realmente o de Fénelon? Desde que somente diga coisas boas e fale como o teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito; o nome sob o qual se dá a conhecer é indiferente, e é, muitas vezes, um meio de fixar nossas ideias. O mesmo não ocorre nas evocações íntimas; ali, como temos dito, a identidade pode ser estabelecida pelas provas de algum modo evidentes.

De resto, é certo que a substituição dos Espíritos pode ocasionar uma porção de enganos, resultar em erros e, em muitos casos, em mistificações. É uma dificuldade do **Espiritismo prático**, mas jamais temos dito que essa Ciência seja fácil, nem que se possa aprendê-la brincando, não mais que nenhuma outra Ciência. Nunca será demais repetir que demanda um estudo assíduo e, geralmente, longo. Não podemos provocar os fatos; necessário se faz esperar que eles mesmos se façam

presentes e, muitas vezes, animados por circunstâncias às quais nem ao menos pensamos. Para um observador atento e paciente, os fatos são abundantes, porque ele descobre milhares de nuances características que são, para ele, rasgos de luz. É assim nas ciências comuns: enquanto o homem superficial vê em uma flor apenas uma forma elegante, o sábio ali descobre tesouros pelo pensamento.

XIII

As observações anteriores nos levam a dizer algumas palavras sobre uma outra dificuldade, a da divergência que existe na linguagem dos Espíritos.

Sendo os Espíritos muito diferentes uns dos outros do ponto de vista de conhecimentos e de moralidade, é evidente que a mesma questão pode ter soluções opostas, segundo os conteúdos de suas respectivas categorias, como o fariam entre os homens se ela fosse proposta alternativamente a um sábio, a um ignorante ou a um zombeteiro. O ponto essencial é saber a quem estamos nos dirigindo.

Mas, a isso, como se explica que os Espíritos, reconhecidos como seres superiores, não estejam sempre de acordo? Diremos, primeiro, que além da causa já mencionada, há outras que podem exercer certa influência sobre a natureza das respostas, independente da qualidade dos Espíritos. Este é um ponto fundamental ao qual o estudo dará a explicação; é por isso que dizemos que esse estudo requer uma atenção contínua, uma observação profunda e, sobretudo, como de resto em todas as ciências humanas, ininterrupta e perseverante. Levam-se anos para fazer um médico medíocre, e três quartos da vida para fazer um sábio, como querer, em um momento, adquirir a Ciência do infinito? Não nos enganemos, portanto: o estudo do Espiritismo é imenso; toca em todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. Será de espantar que seja preciso tempo, e muito tempo, para a sua realização?

A contradição, aliás, não é sempre tão real quanto pode parecer. Não vemos, todos os dias, homens professando a mesma Ciência, variar na

definição que dão de uma coisa, seja por empregar termos diferentes, seja por diferenças de ponto de vista, embora a ideia fundamental seja sempre a mesma? Que se conte, se possível, o número de definições dadas à gramática! Acrescentamos, todavia, que a forma da resposta depende quase sempre do estilo da pergunta. Seria pueril, portanto, ver-se uma contradição na qual existe, o mais das vezes, apenas uma diferenciação de vocábulos. Os Espíritos Superiores não se preocupam com a forma. Para eles, a essência do pensamento é tudo.

Tomemos, por exemplo, a definição de alma. Essa palavra não tem uma acepção única. Os Espíritos podem, portanto, assim como nós, diferir na sua aplicação: um poderá dizer que é o princípio da vida, outro chamar centelha anímica, um terceiro dirá que ela é interna, um quarto que ela é externa etc., e todos terão razão em seu ponto de vista. Poderíamos mesmo acreditar que alguns deles professem teorias materialistas, e, no entanto, não ser assim. É o mesmo com Deus: Ele será o princípio de todas as coisas, o Criador do Universo, a suprema inteligência, o Infinito, o grande Espírito etc., mas, em definitivo, será sempre Deus. Citemos, ainda, a classificação dos Espíritos: formam uma série ininterrupta desde o grau inferior até o grau superior; a classificação é, portanto, arbitrária, um poderá estabelecê-la em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem incorrer, por isso, em erro.

Todas as ciências humanas nos oferecem o mesmo exemplo. Cada sábio tem o seu sistema; os sistemas mudam, mas a Ciência não muda. Que aprendamos a Botânica pelo sistema de Linneu, de Jussieu ou de Tournefort¹⁷, não saberemos menos Botânica. Deixemos, portanto, de dar para as coisas convencionais mais importância do que elas merecem, para nos fixar ao que é verdadeiramente sério e, muitas vezes, a reflexão nos fará descobrir naquilo que parece mais contraditório uma semelhança que teria escapado a um primeiro exame.

¹⁷ Carolus Linnaeus (Carl von Linné – 1707-1778), botânico suíço; Bernard Jussieu (1699-1777), botânico francês; Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), físico e botânico francês. (*N. do E.*)

XIV

Passaríamos ligeiramente sobre a objeção de certos cétricos quanto às falhas de ortografia cometidas por alguns Espíritos, se ela não nos desse oportunidade a uma nota essencial. Sua ortografia, falta dizer, não é sempre impecável, mas somente a ausência de argumentos pode torná-la objeto de uma crítica séria ao dizer que, porque os Espíritos sabem tudo, devem igualmente saber ortografia. Poderíamos opor-lhes os numerosos pecados desse gênero cometidos por mais de um sábio na Terra, o que não lhes tira em nada o seu mérito; mas existe, neste fato, uma questão mais grave. Para os Espíritos, e sobretudo para os Espíritos Superiores, a ideia é tudo, a forma não é nada. Livres da matéria, sua linguagem entre si é rápida como o pensamento, porque é o próprio pensamento que se comunica sem intermediários. Devem, portanto, sentir-se constrangidos ao servirem-se, quando são obrigados, para comunicar-se conosco, das formas demoradas e complexas da fraseologia humana e, sobretudo, da insuficiência e da imperfeição da linguagem para traduzir todas as ideias. É isso que nos dizem, sendo curioso observar os meios que empregam, muitas vezes, para atenuar esse obstáculo. Isso aconteceria conosco se tivéssemos de nos exprimir em um idioma com palavras e fraseado extensos, porém mais pobre de expressões do que nossa língua nativa. É a dificuldade que experimenta o homem de gênio, impaciente com a lentidão da pena, sempre atrasada em relação ao pensamento. Compreende-se, pois, que os Espíritos atribuem pouca importância à puerilidade da ortografia, quando tratam de um ensinamento profundo e sério. Não é maravilhoso, aliás, que se expressem indiferentemente em todas as línguas e as compreendam todas? Não falta concluir daí, portanto, que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida; eles a observam quando isso é necessário. É assim, por exemplo, com a poesia ditada que desafia, muitas vezes, a crítica do mais metucioso purista, e isso *malgrado a ignorância do médium*.

XV

Existem, ainda, as pessoas que veem perigo por toda a parte, em tudo o que não conhecem, não faltando as que tiram conclusões desfavoráveis

ao Espiritismo, alegando que certas pessoas, em se entregando a esses estudos, têm perdido a razão. Como homens sensatos podem ver nesse fato uma objeção séria? Não acontece o mesmo com todas as preocupações intelectuais quando um cérebro é ineficaz? Sabe-se o número de loucos e de maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? E devemos, por isso, suprimir tais estudos? O que provam esses fatos? Pelos trabalhos corporais esfalfam-se braços e pernas, que são instrumentos da ação material; pelos trabalhos da inteligência fatiga-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas se o instrumento está quebrado, o Espírito não está, conserva-se intacto; e quando livre da matéria, não desfrutará menos da plenitude de suas faculdades. Foi em sua especialidade, como homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações intelectuais podem ocasionar a loucura: as Ciências, as Artes, a própria Religião fornecem seu contingente. A loucura tem por causa primária uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos suscetível a certas impressões. Havendo uma predisposição à loucura, esta tomará o caráter da preocupação principal que deve, então, tornar-se uma ideia fixa¹⁸. Essa ideia fixa poderá ser a dos Espíritos, naquele que se ocupa do assunto, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se apresente como um louco espírita, se o Espiritismo tivesse sido a sua preocupação dominante, como o louco espírita se apresentaria de outra forma, segundo as circunstâncias.

Digo, portanto, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio neste assunto, mas vou mais longe: digo que, bem compreendido, é um preservativo contra a loucura.

¹⁸ Ideia fixa ou monoideísmo, caracteriza-se pela estagnação do Espírito em torno de determinadas situações ou sentimentos. Na Psiquiatria, neurose obsessiva (Ver LUIZ, André <Espírito>, XAVIER, Francisco Cândido <Médium>, *Evolução em Dois Mundos*, c. XII, it. Monoideísmo e Reencarnação. Ver também: *Mecanismos da Mediunidade* c. IX, it. Negação da Corrente Mental). (N. do E.)

Entre as causas mais numerosas de superexcitação cerebral, falta contar as decepções, as infelicidades, as afeições contrariadas, que são, ao mesmo tempo, as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro Espírita vê as coisas deste mundo sob um ponto de vista elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas se comparadas ao futuro que o espera; a vida é para ele tão curta, tão fugidia, que as tribulações nada mais são a seus olhos que os incidentes desagradáveis de uma viagem. Isso que, em outro, produziria uma violenta emoção, pouco o afeta, pois sabe, aliás, que os pesares da vida são provas que servem ao seu avanço se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado segundo a coragem com a qual tê-las-á suportado. Suas convicções lhe dão, portanto, uma resignação que o preserva do desespero e, por consequência, de uma causa incessante de loucura e de suicídio. Ele sabe, por outro lado, pelo exemplo que lhe dão as comunicações dos Espíritos, a sorte dos que abreviam voluntariamente seus dias, e esse quadro é suficiente para fazê-lo refletir. Assim, o número daqueles que têm sido detidos diante deste sinistro precipício é considerável. É um dos resultados do Espiritismo. Que os incrédulos riam quanto quiserem: desejamo-lhes as consolações que o Espiritismo procura dar a todos os que se dedicam a sondar-lhe os mistérios profundos.

Ao número das causas da loucura, falta, todavia, colocar o pavor ao diabo que tem desordenado mais de um cérebro. Sabe-se o número de vítimas que tem feito, ao abalar imaginações fracas com esse quadro que se esforçam por tornar mais assustador com hediondos detalhes? O diabo, dizem, só assusta as crianças pequenas; é um freio para torná-las prudentes. Sim, como o bicho-papão e o lobisomem. Mas, quando não têm mais medo, ficam piores que antes. E para o bom resultado não se conta o número de epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. A religião seria bem falível se, na falta de temor, seu poder pudesse ser comprometido. Felizmente, não é assim; ela tem outros meios de agir sobre as almas e o Espiritismo lhe fornece os mais eficazes e mais sérios, desde que saiba aproveitá-los; mostrar a realidade das coisas e, por aí, neutralizar os funestos efeitos de um temor exagerado.

XVI

Resta-nos examinar duas objeções; as únicas que merecem, verdadeiramente, esse nome, porque estão firmadas em teorias racionais. Tanto uma quanto a outra admitem a realidade de todos os fenômenos, materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

Para a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam outra coisa que efeitos magnéticos. Os médiuns estariam em um estado que poderíamos chamar sonambulismo desperto, fenômeno conhecido por toda pessoa que estudou o magnetismo. Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal: o círculo das percepções intuitivas estende-se além dos limites de nossa percepção ordinária. Desse modo, o médium tiraria de si mesmo e por efeito de sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre as coisas que lhe são as mais estranhas em seu estado habitual.

Não é que contestemos o poder do sonambulismo de que temos visto os prodígios e estudado todas as fases durante mais de trinta e cinco anos. Convenhamos que, em efeito, muitas das manifestações espíritas podem se explicar por esse meio. Mas uma observação contínua e atenta mostra uma multidão de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. A esses que compartilham dessa opinião, nós diremos como aos outros: “Vejam e observem, porque, seguramente, não viram tudo”.

Nós lhe apresentaremos, em seguida, duas considerações tiradas de sua própria doutrina. De onde é que viria a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem, portanto, a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns a quem se exalta a lucidez. Se, portanto, essa lucidez é tal como se supõe, porque teriam eles atribuído aos Espíritos o que teriam tirado de si mesmos? Como teriam dado esses ensinamentos tão precisos, tão lógicos, tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas? De duas uma, ou são lúcidos ou não o são: se o são, e se temos confiança em sua veracidade, não poderíamos admitir, sem contradição, que não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem

sua origem no médium, seriam idênticos no mesmo indivíduo, e não veríamos a mesma pessoa ter uma linguagem diferenciada nem exprimir, alternadamente, as coisas mais contraditórias. Essa falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium prova a diversidade das fontes. Se, portanto, não podemos encontrá-las todas no médium, falta procurá-las fora dele.

Segundo a outra teoria, o médium é a origem das manifestações, mas em lugar de tirá-las dele próprio, assim como o pretendem os artífices da teoria do sonambulismo, ele as obtém do meio ambiente. O médium seria, assim, uma espécie de espelho refletindo todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o rodeiam; não diria nada que não fosse conhecido ao menos por alguns. Não poderíamos negar, e é mesmo um princípio da Doutrina, a influência exercida pelos assistentes sobre a natureza das manifestações. Mas esta influência é bem diferente do que supomos e daí a dizer que o médium seja apenas o eco dos pensamentos alheios, há um longo caminho, porque há milhares de fatos estabelecidos, dizendo peremptoriamente, o contrário. É, portanto, um erro grave que prova de uma vez o perigo das conclusões prematuras.

Essas pessoas, incapazes de negar a existência de um fenômeno que a Ciência comum não consegue explicar, e não querendo admitir a presença de Espíritos, explicam-no à sua maneira. Sua teoria seria cativante se pudesse abraçar todos os fatos, mas não é assim. Quando se demonstra, a partir de evidências, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, às opiniões de todos os assistentes, que essas comunicações são, muitas vezes, espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, mesmo assim, elas não são aceitas. A irradiação, dizem os opositores, estende-se bem mais além do círculo imediato que nos rodeia; o médium é o reflexo de toda a Humanidade, de tal sorte que, se não possui as inspirações dela ao seu lado, tem-nas procurado fora, na cidade, na região, em todo o globo e mesmo em outras esferas.

Não creio que se encontre nessa teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, porque ela supõe uma causa

maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços, estando em contato permanente conosco, nos comuniquem seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessas irradiações universais provenientes de todos os pontos do Universo, para se concentrarem no cérebro de um indivíduo.

Ainda mais uma vez diremos, e isso é um ponto capital sobre o qual poderíamos insistir, a teoria do sonambulismo e a que poderíamos chamar *reflectiva* foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais criadas para explicar um fato, enquanto a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana; foi ditada pelas mesmas inteligências que se manifestaram, então, quando ninguém sonhava e a opinião geral até mesmo a repelia. Ora, perguntamos: onde os médiuns foram buscar uma doutrina que não existia no pensamento das pessoas sobre a Terra? Perguntamos, por outro lado: por qual estranha coincidência milhares de médiuns disseminados sobre todos os pontos do globo, que não se viram jamais, harmonizaram-se para dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por qual extravagância foi procurar essas ideias a 2000 léguas¹⁹ além-mar, em meio a um povo de costumes e linguagem estranhos, em lugar de tomá-las à sua volta?

Mas há outra circunstância na qual não temos refletido o bastante. As primeiras manifestações, tanto na França quanto na América, não foram dadas nem pela escrita nem pela palavra, mas por pancadas correspondentes às letras do alfabeto, formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências reveladas declararam ser Espíritos. Se, portanto, pudéssemos supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais e escritas, não deveria ser assim com relação às pancadas, cuja significação não poderia ser conhecida de antemão.

Poderíamos citar numerosos fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma independência absoluta da vontade. Reportamo-nos, então, aos opositores, para uma observação mais atenta, e se estudarem sem prevenção e não tirarem

¹⁹ Léguas: antiga unidade de medida itinerária, equivalente a 6.000 m. (N. do E.)

conclusões sem antes terem visto tudo, reconhecerão a impotência de sua teoria para resolver a tudo com a razão. Limitamo-nos a colocar as seguintes questões: Por que a inteligência que se manifesta, qualquer que seja, recusa-se a responder certas questões de assuntos perfeitamente conhecidos como, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interrogador, sobre algo que tem na mão, o que fez na véspera, seu projeto para o dia seguinte etc.? Se o médium é o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil responder.

Adversários rebatem o argumento perguntando: Se os Espíritos, que devem tudo saber, não podem dizer coisas tão simples, segundo o axioma: “Quem pode o mais, pode o menos”, e disso concluem que não são os Espíritos. Se um ignorante ou um brincalhão, ao apresentar-se diante de uma douta assembleia, perguntasse, por exemplo, se de fato é dia em pleno meio-dia, acredita-se que se dariam a responder seriamente, e não seria lógico que concluíssem por seu silêncio ou das zombarias com que se dirigissem ao interpelante, que seus membros eram tolos? Ora, é precisamente porque os Espíritos são superiores que não respondem a questões ociosas e ridículas e não querem estar em evidência; é por isso que se calam ou dizem se ocupar de coisas mais sérias.

Perguntamos, enfim, por que os Espíritos vêm e se vão muitas vezes em um dado momento e, passado esse momento, não existem nem pedidos nem súplicas que possam tornar a trazê-los? Se o médium agisse apenas por um impulso mental dos assistentes, é evidente que, nessa circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas deveria estimular a sua clarividência. Portanto, se não cede ao desejo da assembleia, apoiado por sua própria vontade, é porque obedece a uma influência estranha a ele mesmo e aos que o cercam, influência essa que demonstra a sua independência e a sua individualidade.

XVII

O ceticismo, no tocante à Doutrina Espírita, quando não é o resultado de uma oposição sistemática interesseira, tem quase sempre sua

origem em um conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede certas pessoas de resolverem a questão como se a conhecessem perfeitamente. Podemos ter muito espírito e até muita instrução e falhar no julgamento. Ora, o primeiro indício da falta de senso é acreditar-se infalível. Muitas pessoas também veem nas manifestações espíritas nada mais que um objeto de curiosidade. Esperamos que, pela leitura do presente trabalho, encontrem nesses fenômenos estranhos outra coisa além de um simples passatempo.

A Ciência Espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral; a outra, filosófica, sobre as manifestações inteligentes²⁰. Quem quer que tenha observado somente pelo ângulo da primeira está na posição daquele que conheceria a Física apenas pelas experiências recreativas, sem haver penetrado no fundamento da Ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento comporta são muito sérios para poderem ser assimilados de outro modo que não seja por um estudo profundo e contínuo, feito no silêncio e no recolhimento; porque só nessas condições se pode observar um número infinito de fatos e de nuances que escapam ao observador superficial e permitem firmar uma opinião.

Se este livro tiver como resultado mostrar o lado sério dessa questão e provocar estudos nesse sentido, isso já seria muito e nos felicitaríamos de ter sido escolhidos para realizar uma obra sobre a qual não pretendemos, de resto, receber nenhum mérito pessoal, porque os princípios que ela encerra não são de nossa criação. O mérito é, portanto, inteiramente dos Espíritos que a ditaram. Esperamos que tenha outro resultado, que é o de guiar os homens desejosos de se esclarecerem, ao indicar-lhes,

²⁰ J. Herculano Pires assim interpreta essa assertiva do Codificador: “Kardec partiu da pesquisa científica, originando-se desta a Ciência Espírita; desenvolveu a seguir a interpretação dos resultados da pesquisa, que resultou na Filosofia Espírita; tirou, depois, as conclusões morais da concepção filosófica, que levaram naturalmente à Religião Espírita. É por isso que o Espiritismo se apresenta como doutrina de tríplice aspecto”. (PIRES, José Herculano, *Introdução à Filosofia Espírita*. 2ª ed. São Paulo: FEESP, 1993). (*N. do E.*)

nesses estudos, uma meta grande e sublime: a do progresso individual e social e de indicar-lhes o caminho a seguir para atingi-lo.

Terminamos com uma última consideração. Os astrônomos, ao sondar o espaço, encontraram, na ordenação dos corpos celestes, lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto. Suspeitaram que essas lacunas deviam ser corpos que escapavam à sua observação. Por outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e disseram a si mesmos: “Ali deve existir um mundo, porque essa lacuna não pode existir e esses efeitos devem ter uma causa”. Julgando, então, a causa pelo efeito, eles puderam calcular os elementos, e mais tarde os fatos vieram justificar as suas previsões.

Apliquemos esse raciocínio a uma outra ordem de ideias. Se observarmos a série de seres, vemos que formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Mas entre o homem e Deus, que são o *alfa* e o *ômega* de todas as coisas, que imensa lacuna! É racional pensar que o homem detém o último elo dessa corrente? Que ele transponha, sem transição, a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre os mundos conhecidos devem existir os desconhecidos. Qual é a filosofia que tem preenchido essa lacuna? O Espiritismo nos mostra que é ocupada pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e esses seres não são outros que os Espíritos dos homens nos diferentes graus que conduzem à perfeição. Então, tudo se liga, tudo se encadeia, desde o *alfa* até o *ômega*. Aos que negam a existência dos Espíritos, preencham, portanto, o vazio que eles ocupam; os que riem, atrevam-se, portanto, a rir das obras de Deus e de Sua onipotência!

Allan Kardec

PROLEGÔMENOS

Os fenômenos que escapam às leis da Ciência comum manifestam-se em toda parte e revelam, como sua causa, a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz que um efeito inteligente deve ter como causa uma força inteligente e os fatos provaram que essa força pode entrar em comunicação com os homens por sinais materiais.

Essa força, interrogada sobre a sua natureza, declarou fazer parte do mundo dos seres espirituais que se despojaram do envoltório corporal do homem. Foi assim que foi revelada a Doutrina dos Espíritos.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corporal estão na Natureza e não constituem nenhum fato sobrenatural. É por isso que se acham vestígios em todos os povos e em todas as épocas. Hoje, são gerais e patentes por todo o mundo.

Os Espíritos anunciam que os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal estão chegados e que, sendo ministros de Deus e agentes de Sua vontade, sua missão é instruir e esclarecer os homens para trabalharem uma nova era de regeneração para a Humanidade.

Este livro é a síntese de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e sob ditado dos Espíritos superiores para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos preconceitos do espírito de sistema. Ele não encerra nada que não seja a expressão de seu pensamento e que não tenha sofrido o seu controle. A ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem a única obra daquele que recebeu a missão de publicá-la.

Dos vários Espíritos que concorreram para a realização desta obra, muitos viveram em diversas épocas na Terra, onde pregaram e

praticaram a virtude e a sabedoria. Outros não pertencem, por seu nome, a nenhuma personagem de cuja história se tenha guardado a lembrança, mas sua elevação está atestada pela pureza de sua Doutrina e sua união com aqueles que trazem nomes venerados.

Eis os termos nos quais nos deram, por escrito e pela intermediação de vários médiuns, a missão de escrever este livro:

“Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com nosso concurso, porque esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases do novo edifício que se eleva e que deve um dia reunir todos os homens em um mesmo sentimento de amor e de caridade, mas antes de o divulgares, revê-lo-emos juntos, a fim de controlar todos os detalhes.

Estaremos contigo todas as vezes que assim o pedires e para te ajudar em teus outros trabalhos, porque isso não é mais que uma parte da missão que te foi confiada e que já te foi revelada por um de nós.

Entre os numerosos ensinamentos que te são dados, há aqueles que deves guardar para ti somente, até nova ordem; nós te indicaremos qual o momento de revelá-los. Enquanto esperas, medita sobre eles, a fim de estares preparado quando te dissermos.

Porás no título do livro o ramo de parreira que desenhamos¹, porque ele é o emblema do trabalho do Criador. Todos os princípios materiais que podem melhor representar o corpo e o Espírito nele se encontram reunidos: o corpo é o ramo; o Espírito é a seiva; a alma ou o Espírito unido à matéria é o bago. O homem quintessencia o Espírito pelo trabalho e tu sabes que é pelo trabalho do corpo que o Espírito amealha conhecimentos.

Não te deixes desalentar pela crítica. Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre as pessoas interessadas em embustes. Encontrá-los-á mesmo entre os Espíritos, porque aqueles que não estão completamente desmaterializados procuram, muitas vezes, semear a dúvida, por malícia ou ignorância, mas siga sempre. Creia em Deus e anda com confiança. Estaremos aqui para te sustentar, e o tempo está próximo quando a verdade brilhará em toda parte.

¹ O ramo representado aqui é o *fac-símile* daquele desenhado pelos Espíritos. (Nota de Allan Kardec)

A vaidade de certos homens que acreditam tudo saber e tudo explicar à sua maneira dará origem a opiniões dissidentes, mas todos os que têm em vista o grande princípio de Jesus se confundirão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraternal que envolverá o mundo inteiro; deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras para se ocupar das coisas essenciais, e a Doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundamento, para todos os que receberem as comunicações dos Espíritos Superiores.

É com perseverança que chegarás a recolher o fruto de teus trabalhos. A satisfação que sentirás, ao ver a Doutrina propagar-se e ser bem compreendida, ser-te-á uma recompensa da qual conhecerás todo o valor, talvez mais no futuro que no presente. Não te inquietes, portanto, com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus semearão no teu caminho. Conserva a confiança: com ela chegarás ao alvo e merecerás sempre a nossa ajuda.

Lembra-te de que os Bons Espíritos assistem àqueles que servem a Deus com humildade e com desinteresse e repudiam quem quer que procure, no caminho do céu, um caminho fácil para as coisas da Terra; eles se afastam dos orgulhosos e dos ambiciosos. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; são um véu lançado sobre as claridades celestes e Deus não pode valer-se do cego para nos fazer compreender a luz”.

São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luiz, O Espírito da Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg etc.²

² No capítulo XII da *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, neste volume, o leitor terá esclarecimentos sobre a presença de tantos nomes veneráveis, assinando essas recomendações. (*N. do E.*)

LIVRO PRIMEIRO

AS CAUSAS
PRIMÁRIAS

DEUS

Deus e o Infinito

1. Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas¹.”

2. O que se deve entender por infinito?

“O que não tem nem começo nem fim; o desconhecido; todo o desconhecido é infinito.”

3. Pode-se dizer que Deus é o infinito?

“Definição incompleta. Escassez de recursos da linguagem, insuficiente para definir as coisas que estão acima da inteligência dos homens.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa por ela mesma; definir uma coisa que não é conhecida por uma que também não o é.

Provas da existência de Deus

4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

“Num aforismo que se aplica às suas ciências: não existe efeito sem causa. Procure-se a causa de tudo o que não é obra do homem, e a razão lhe responderá.”

¹ O texto coloca entre aspas a série de respostas que são dadas pelos Espíritos. As explicações acrescentadas por Kardec são compostas na sequência, sem itálico, de modo a não confundir o leitor. (*N. do E.*)

Para crer em Deus basta observar as obras da Criação. O Universo existe; ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e afirmar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo, que todas as criaturas trazem consigo da existência de Deus?

“Que Deus existe; se assim não fosse, de onde lhes viria esse sentimento se ele repousasse sobre o nada? É ainda uma consequência do princípio de que não existe efeito sem causa.”

6. O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não seria fruto da educação e produto de ideias adquiridas?

“Se assim fosse, como se explica que até as culturas primitivas tenham esse sentimento inato?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo não é mais que o produto de um ensinamento, não seria universal e nem existiria, como as noções científicas, que só existiriam naqueles que tivessem podido recebê-las.

7. Pode-se encontrar nas propriedades íntimas da matéria a causa primária da formação das coisas?

“Mas então qual seria a causa dessas propriedades? É sempre indispensável uma causa primária.”

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, porque essas propriedades são, elas mesmas, um efeito que deve ter uma causa.

8. Que pensar da opinião que atribui a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, portanto, ao acaso?

“Outro absurdo! Que homem de bom senso pode conceber o acaso como um ser inteligente? Além disso, o que é o acaso? Nada.”

A harmonia que rege as forças do Universo revela as combinações e alvos determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria sem sentido, visto que o acaso é cego e não pode produzir efeitos inteligentes. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. Onde se revela, na causa primária, uma inteligência suprema e superior a todas as outras?

“Existe um provérbio que diz: pela obra se conhece o autor. Pois bem: veja-se a obra e procure-se o autor. É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada vê acima de si próprio, pois considera-se um espírito forte. Pobre ser, cujo sopro de Deus pode abater!”

Julga-se o poder de uma inteligência por suas obras. Como nenhum ser humano pode criar o que a Natureza produz, a causa primária há de estar, portanto, em uma inteligência superior à humana. Quaisquer que sejam os prodígios executados pela inteligência humana, essa inteligência tem uma causa primária. É a inteligência superior que é a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome que o homem a designe.

Atributos da Divindade

10. Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?

“Não, esse é um sentido que lhe falta.”

11. Será concedido ao homem, um dia, compreender o mistério da Divindade?

“Quando o seu Espírito não for mais obscurecido pela matéria e, por sua perfeição, tiver se aproximado Dela, então a verá e compreenderá.”

A inferioridade das faculdades humanas não permite ao homem compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, ele o confundiu muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui. Entretanto, à medida que o seu senso moral se desenvolve, seu pensamento penetra mais a fundo na essência das coisas e ele adquire uma ideia mais justa e mais conforme à legítima razão, embora sempre incompleta.

12. Embora a natureza íntima de Deus seja impossível ao nosso entendimento, podemos estimar algumas de suas perfeições?

“Sim, algumas. O homem as compreende melhor, à medida que se eleva além da matéria; então, terá condições de compreendê-las.”

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma ideia completa de seus atributos?

“Sob o ponto de vista humano, sim, porque acredita-se tudo poder abarcar; mas há coisas além da inteligência do mais inteligente dos homens e para as quais a sua linguagem, limitada às suas ideias e às suas sensações, não tem forma de expressão. A razão lhes diz que Deus deve ter essas perfeições em grau supremo, porque se tivesse uma só de menos, ou que não fosse a um grau infinito, não seria superior a tudo e, por consequência, não seria Deus. Por estar acima de todas as coisas, Deus não deve estar sujeito a qualquer vicissitude e não pode ter qualquer imperfeição que a imaginação possa conceber.”

Deus é Eterno; se tivesse tido um começo, teria saído do nada ou teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

É Imutável, pois se estivesse sujeito às mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É Imaterial; sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo, Ele não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

É Único; se existissem vários deuses, não haveria unidade de visão nem de poder na ordenação do Universo.

É Todo-Poderoso; porque é único. Se não tivesse o poder soberano, haveria algo mais poderoso ou tão poderoso quanto Ele, que assim não teria feito todas as coisas, e as que não fizesse seriam a obra de um outro Deus.

É Soberanamente Justo e Bom; a sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça nem da sua bondade.

Panteísmo

14. Deus é um ser distinto, ou seria, segundo opinam alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

“Se assim o fosse, Deus não existiria, porque seria o efeito e não a causa; Ele não pode ser, ao mesmo tempo, tanto uma quanto outra. Deus existe, não se pode duvidar, e isso é o essencial. Creiam-me, pois ir mais além

seria lançar-se num labirinto de onde não se poderia sair. Este conhecimento não os tornaria melhores, mas porventura mais orgulhosos, porque acreditariam saber o que na realidade não sabem. Deixem, portanto, de lado todos esses sistemas e teorias; há muitas coisas que cabe aos homens desembaraçar-se. Isto lhes será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável.”

15. O que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os planetas e sistemas do Universo seriam partes da Divindade, constituindo por seu conjunto a própria Divindade, ou seja, o que presumir da doutrina panteísta?

“O homem, incapaz de tornar-se Deus, quer ao menos ser uma parte de Deus.”

16. Os que professam essa doutrina pretextam nela encontrar a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Os mundos sendo infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; o vazio ou o nada não existindo em parte alguma, Deus está por toda parte; estando Deus em toda parte – pois que tudo é parte integrante de Deus – dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. O que se pode opor a esse raciocínio?

“A razão. Reflita-se maduramente e não será difícil reconhecer-lhe o absurdo.”

Essa Doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de uma inteligência suprema, seria a nossa própria projeção, em larga escala. Se constituído de matéria que se transforma sem cessar, Deus não teria nenhuma estabilidade; estaria sujeito a todas as vicissitudes e necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não podemos ligar as propriedades da matéria à ideia de Deus, sem que o rebaixemos em nosso pensamento. Todas as sutilezas do sofisma não chegariam a resolver o problema de sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Ele é, mas sabemos o que não pode ser, pois essa teoria se opõe aos seus atributos; confunde a criatura com o criador, como se quiséssemos que uma máquina engenhosa fosse uma parte integrante do mecânico que a tenha concebido.

A inteligência de Deus se revela em Suas obras, como a de um pintor em seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou².

² “Estamos com Deus e somos em Deus” – com esta frase, quiseram alguns que Baruch de Espinosa (1632-1677) estaria reafirmando o panteísmo. Entretanto, Espinosa quebra a rigidez panteísta, desmembrando o conceito em dois momentos: *Natura Naturans* (Deus como Natureza Criadora) e *Natura Naturata* (Natureza Criada), realizando, assim, a ideia embrionária existente no espírito de Descartes: um Deus imanente na Criação. (*N. do E.*)

ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

Conhecimento do princípio das coisas

17. É possível ao homem conhecer o princípio das coisas?

“Não. Deus não permite que tudo seja revelado ao homem neste mundo.”

18. O homem penetrará um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

“O véu se ergue para ele, à medida que se depura; mas para compreender certas coisas, faltam-lhe faculdades que, todavia, ainda não possui.”

19. O homem não pode, pelas investigações da Ciência, penetrar alguns dos segredos da Natureza?

“A pesquisa científica é um meio de avançar em todos os campos, mas não pode ultrapassar os limites fixados por Deus.”

Quanto mais é permitido ao homem penetrar nesses mistérios, maior deve ser a sua admiração pelo poder e sabedoria do Criador; mas, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência o torna, frequentemente, juguete da ilusão; ele acumula teorias sobre teorias e cada dia lhe indica quantos erros tomou como verdades e quantas verdades repele como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho.

20. Além das investigações da Ciência, é dado ao homem receber as comunicações de uma ordem mais elevada sobre aquilo que escapa ao testemunho de seus sentidos?

“Sim, se Deus assim julgar útil, pode revelar o que a Ciência não pode apreender.”

É por essas comunicações que o homem passa a ter, com certos limites, o conhecimento de seu passado e de seu futuro.

Espírito e matéria

21. A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele em um tempo específico?

“Somente Deus o sabe. No entanto, uma coisa que a razão lhes deve indicar é que Deus, modelo de amor e de caridade, jamais tem estado inativo. Por mais distante que possa figurar o princípio de sua ação, há como imaginá-lo, um segundo, na ociosidade?”

22. Define-se geralmente a matéria como: o que tem extensão, o que pode provocar impressão sobre os sentidos e o que é impenetrável¹ – essa definição é exata?

“Sob este ponto de vista, é exato, porque fala-se segundo o que se conhece; mas a matéria existe em estados que são desconhecidos ao homem na Terra. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que não provoque nenhuma impressão sobre os sentidos; no entanto, é sempre matéria, mesmo que para os homens isso não o seja.”

22a. Qual definição podeis dar da matéria?

“A matéria é o liame que prende o Espírito; é o instrumento que ele usa e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce a sua ação.”

Sob esse ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário com a ajuda do qual e sobre o qual age o Espírito.

23. Que é o Espírito?

“O princípio inteligente do Universo.”

23a. Qual é a natureza íntima do Espírito?

“O Espírito não é fácil de analisar em sua linguagem. Para os homens

¹ Impenetrabilidade: o termo define a incapacidade que dois corpos têm de ocupar o mesmo espaço simultaneamente. Não deve ser confundido com extensão, que é simplesmente a capacidade de ocupar espaço. *Fonte:* KARDEC, Allan – The Spirit's Book, Allan Kardec Educational Society, Philadelphia, USA, 1996. *Tradução das notas:* Sonia Theodoro da Silva. (N. do E.)

não é nada, porque o Espírito não é algo palpável, mas para nós é alguma coisa. Saibam-no bem, nenhuma coisa é o nada, e o nada não existe.”

24. Espírito é sinônimo de inteligência?

“A inteligência é um atributo essencial do Espírito, mas um e outro confundem-se em um princípio comum, de sorte que, para os homens, passa a ser a mesma coisa.”

25. O Espírito é independente da matéria ou é apenas uma propriedade dela, como as cores são propriedades da luz e o som uma propriedade do ar?

“Tanto um como o outro são distintos, mas é necessária a união do Espírito e da matéria para dar a inteligência a esta.”

25a. Essa união é igualmente necessária para a manifestação do Espírito? (Por Espírito, entendemos aqui, o princípio da inteligência, abstração feita às individualidades designadas por esse nome.)

“Ela é necessária para os encarnados, porque não são organizados para perceber o Espírito sem a matéria; seus sentidos não foram feitos para isso.”

26. Pode-se conceber o Espírito sem a matéria e a matéria sem o Espírito?

“Pode-se, sem dúvida, pelo pensamento.”

27. Existiriam, assim, dois elementos gerais no Universo: a matéria e o Espírito?

“Sim, e acima de ambos, Deus, o Criador, pai de todas as coisas. Essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material, falta acrescentar o fluido universal que representa um papel intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, densa demais para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora sob um certo ponto de vista, se pudesse considerá-lo como um elemento material, ele se distingue pelas propriedades especiais que possui. Se não fosse matéria positivamente, não haveria razão para que o Espírito não o fosse também. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria e suscetível, por suas inumeráveis combinações com esta, e sob a ação do Espírito, de produzir a variedade infinita de coisas das quais

os homens conhecem apenas uma diminuta parte. Esse fluido universal², ou primitivo, ou elementar, sendo o agente que o Espírito emprega, é o princípio sem o qual a matéria estaria em estado perpétuo de dispersão e não adquiriria jamais as propriedades que a gravidade lhe dá.”

27a. Esse fluido seria o que designamos pelo nome de eletricidade?

“Dissemos que ele é suscetível de inumeráveis combinações. Isso a que chamam fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que é, propriamente falando, uma matéria mais perfeita, mais sutil e que pode ser vista como independente.”

28. Por que o próprio Espírito é alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusões designar esses dois elementos gerais pelas palavras: *matéria inerte e matéria inteligente?*

“As palavras nos importam pouco. A linguagem deve ser formulada de maneira a se tornar compreensível. As dissensões humanas surgem porque sempre há descentendimentos sobre as palavras, pois a linguagem humana é incompleta para as coisas que não lhes ferem os sentidos.”

²Fluido Universal – o original francês utiliza a palavra **Fluido** Universal e não **Princípio** Universal. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, não era incomum aos físicos da metade do século XIX utilizarem-se da palavra **fluido** com o sentido de tênue, sutil, imponderável, para todas as substâncias permeáveis, cuja existência foi admitida por conta dos fenômenos de calor, magnetismo e eletricidade. Em nossos dias, entretanto, **fluido** é mais comumente definido como uma substância líquida ou gasosa que corre ou se expande à maneira de um líquido ou gás, tomando a forma do recipiente em que está colocado. A escolha dos Espíritos por determinadas terminologias prendeu-se aos jargões científicos da época, mas a linguagem humana é dinâmica e vocábulos que hoje são correntes podem facilmente se tornar obsoletos em poucas décadas. Assim, estender-se sobre a antiga terminologia (fluido) seria uma grave injustiça à ideia dos Espíritos, que é nova e corrente hoje como há 50 anos, quando foi apresentada pela primeira vez. Interessante será apresentar a noção de um elemento fundamental, que transcende as estruturas conhecidas da matéria, o que nos leva à lei de gravitação universal de Newton (*Sir Isaac Newton*, 1642-1727). De acordo com essa lei, cada partícula da matéria atrai qualquer outra partícula, estando tudo inter-relacionado. O que os Espíritos Superiores parecem indicar é que a força gravitacional não pode resultar das partículas da matéria por ela mesma; ao invés, seria uma transformação ou teria a sua origem no fluido cósmico universal.

Podemos também traçar paralelos importantes da noção de fluido cósmico universal dos Espíritos com o trabalho de James C. Maxwell (1831-1879) e Albert Einstein (1879-1955). Na metade da década de 1860, a teoria do eletromagnetismo de Maxwell trouxe o magnetismo, a eletricidade e a luz a uma integrada estrutura matemática e apresentou aos físicos o conceito de campos, que acreditamos ser modificações de uma estrutura sutil, o éter. O fato de que o éter dissimula a detecção em experimentos laboratoriais motivou Einstein a propor a Teoria da Relatividade em 1905, que, conquanto abstraindo a noção de éter, calculou o fenômeno eletromagnético em termos de campos isolados.

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos que a matéria não é inteligente e que um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão de ambas as coisas nos são desconhecidas. Que tenham ou não uma origem comum, com os pontos de contato necessários; que a inteligência tenha sua existência própria ou que seja uma propriedade, um efeito; que seja mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanção da Divindade, é o que ignoramos. Elas nos parecem distintas, porque as admitimos como formando dois princípios constitutivos do Universo. Vemos, acima de tudo isso, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue pelos atributos essenciais. É a essa inteligência suprema que chamamos Deus.

Propriedades da matéria

29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

“Da matéria tal como a entendem, sim; mas não da matéria considerada

Na visão de Einstein, campos são antimatéria ao natural. Uma questão importante permanece, entretanto é possível haver campos ocorrendo dentro do nada? A descoberta deste meio sutil, no qual os campos desenvolvem a própria existência e no qual os Espíritos superiores denominaram fluido cósmico universal, é, em nossos dias, o objetivo central dos físicos teóricos.

Mais recentemente, o mecanismo do *quantum* tem oferecido uma visão alternativa para a teoria da Relatividade. Investigando os mais íntimos segredos da matéria, os físicos quânticos encontraram uma imensa quantidade de partículas bem menores dentro do átomo. Eles descobriram, também, que cada partícula tem seu próprio campo de matéria. Desta forma, os campos das chamadas partículas elementares da matéria podem ser considerados campos fundamentais e, com os campos eletromagnéticos e gravitacionais, os campos fundamentais da Natureza. Nesse sentido, as formas vivas constituídas de átomos, células, organismos e corpos seriam um complexo sistema de campos hierárquicos. Entretanto, o conhecimento de que essas partículas não são matéria nem vibração, ou que talvez eles sejam ambas as coisas, traz o desafio de identificação das forças que mantêm a “atividade” dentro dos campos. A visão irrealizada de Einstein foi uma teoria de campos unificados que circundam os campos conhecidos pelos físicos: a matéria gravitacional, eletromagnética, e o *quantum*. Como o fluido cósmico universal, esta superforça teria a propriedade de trazer o Universo ao nascimento, dando-lhe luz, energia, substância, e estrutura.

É com este *background* de conhecimentos que devemos entender o conceito de fluido cósmico universal. Os Espíritos Superiores apresentaram esta noção de forma que pudesse ir ao encontro do conhecimento científico e a linguagem da época (1850), mas de forma que também permitisse ser compreendido no futuro (nos dias atuais). Certamente, deve ter sido seu desejo que cada geração criasse suas próprias pontes de acesso à interpretação dos conceitos e, desta forma, fazendo parte da busca da “compreensão da vida”. *Fonte: KARDEC, Allan – The Spirit’s Book, Allan Kardec Educational Society, Philadelphia, USA, 1996. (N. do E.)*

como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável, mas também é o princípio da matéria ponderável.”

A ponderabilidade é uma propriedade relativa. Fora da esfera gravitacional dos mundos, não existe peso, da mesma maneira que não existe nem acima nem abaixo.

30. A matéria é formada por um só ou por vários elementos?

“Um só elemento primitivo. Os corpos considerados como corpos simples não são os elementos verdadeiros, mas transformações da matéria primitiva.”

31. De onde se originam as diferentes propriedades da matéria?

“São modificações que as moléculas elementares sofrem ao se unirem, e em certas circunstâncias.”

32. De acordo com isso, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos não significariam mais do que modificações de uma só e mesma substância primitiva?

“Sem dúvida, e que apenas existe pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las.”

Esse princípio é demonstrado pelo fato de que todos não notam as qualidades dos corpos da mesma maneira: enquanto uns acham uma coisa agradável ao paladar, outros a acham má; enquanto uns veem azul algo que outros veem vermelho; o que é veneno para uns é inofensivo ou salutar para outros.

33. A mesma matéria elementar é suscetível de receber todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“Sim, e é isso que se deve entender quando dizemos que tudo está em tudo³.”

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que vemos como simples, são modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que nós nos encontramos atualmente de remontar,

³ Esse princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar, pela vontade, a uma substância qualquer, a água, por exemplo, as propriedades mais diversas: um paladar determinado, e mesmo as qualidades ativas de outras substâncias. Porque existe um elemento primitivo e as propriedades dos diferentes corpos nada mais são que as modificações desse elemento, resulta que a substância mais inofensiva tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim a água, que é formada por uma parte de oxigênio e por duas de hidrogênio, torna-se corrosiva se dobrarmos a proporção de oxigênio. Uma transformação análoga pode-se produzir pela ação magnética dirigida pela vontade. (*Nota de Allan Kardec*)

a não ser pelo pensamento, a essa matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores consequências, considerá-los como tais até nova ordem⁴.

33a. Essa teoria não parece dar razão à opinião desses que não admitem na matéria senão duas propriedades essenciais: a força e o movimento, e que pensam que todas as outras propriedades nada mais são que efeitos secundários variando segundo a intensidade da força e a direção do movimento?

“Essa teoria é exata faltando, apenas, acrescentar: de acordo com a disposição das moléculas, como se vê, por exemplo, em um corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.”

34. As moléculas possuem uma forma determinada?

“Sem dúvida, as moléculas têm uma forma, mas não é visível.”

34a. Essa forma é constante ou variável?

“Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para moléculas secundárias, que são apenas combinações das primeiras. O que chamamos molécula está, todavia, muito longe da molécula elementar.”

Espaço universal

35. O espaço universal é infinito ou limitado?

“Infinito. Supondo-se que seja limitado, o que existiria além? Isso confunde a sua razão, bem o sei, e, no entanto, ela lhe diz que não pode ser de outro modo. Considerado sob qualquer aspecto, é infinito em todas as coisas. Entretanto, na esfera humana, o infinito é inescrutável.”

Supondo-se um limite para o espaço, o mais distante que o pensamento pudesse conceber, a razão diz que mais além desse limite existe alguma coisa. E, assim, pouco a pouco até o infinito, porque essa alguma coisa, mesmo que fosse o vazio absoluto, ainda seria o espaço.

36. O vazio absoluto existe em alguma parte do espaço universal?

“Não, nada é vazio. O que parece vazio é ocupado por uma matéria que escapa aos seus sentidos e aos seus instrumentos científicos.”

⁴ Ver KARDEC, Allan, em *A Gênese*, C. X, it. 4 a 15, *Gênese Orgânica*. (N. do E.)

CRIAÇÃO

Formação dos mundos

O Universo compreende a infinidade de planetas que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o preenchem.

37. O Universo foi criado, ou existe por toda a eternidade como Deus?

“Sem dúvida, ele não pode ter sido feito por si mesmo. Se existisse, como Deus, desde toda a eternidade, não poderia ser obra de Deus.”

A razão nos diz que o Universo não se fez por si mesmo e que, não podendo ser obra do acaso, deve ser obra de Deus.

38. Como Deus criou o Universo?

“Vou servir-me de uma expressão: por sua vontade. Nada expressa melhor essa vontade todo-poderosa que estas belas palavras da Gênese: ‘Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.’”

39. Podemos conhecer o modo de formação dos mundos?

“Tudo o que se pode dizer e que todos podem compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço.”

40. Os cometas seriam, como agora se supõe, um começo de condensação da matéria, mundos em via de formação?

“Isso é exato; absurdo, porém, é acreditar em sua influência. Eu me refiro a essa influência que as pessoas popularmente lhes atribuem, porque todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.”

41. Um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compunha ser disseminada novamente no espaço?

“Sim, Deus renova os mundos como renova os seres vivos.”

42. Podemos conhecer a duração da formação dos mundos como a Terra, por exemplo?

“Não posso dizer-lhe, porque somente o Criador o sabe, e bem louco seria aquele que pretendesse saber ou conhecer a duração dessas formações desde o seu início.”

Formação dos seres vivos

43. Quando a Terra começou a ser povoada?

“No princípio, tudo era caos; os elementos estavam fundidos. Pouco a pouco, cada coisa foi tomando o seu lugar; então, apareceram os seres vivos apropriados ao estado do globo.”

44. De onde vieram os seres vivos para a Terra?

“A Terra continha os germes¹ que esperavam o momento favorável para se desenvolver. Os princípios orgânicos reuniram-se a partir do momento em que cessou a força de dispersão e formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes das plantas até que as condições ambientes propiciassem a eclosão de cada espécie; então, os seres de cada espécie se reuniram e se multiplicaram.”

45. Onde estavam os elementos orgânicos, antes da formação da Terra?

“Encontravam-se, por assim dizer, em estado fluídico no espaço, em meio aos Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra para começar uma nova existência sobre um novo globo.”²

¹ Os Espíritos utilizam a palavra **germe**, referindo-se aos protótipos de estruturas orgânicas. **Germe** tem duas definições comuns. Em Biologia, significa uma pequena estrutura orgânica de uma célula da qual um novo organismo pode surgir; isto é o mais perto que se chegaria à definição utilizada na questão. Em Medicina, entretanto, **germe** indica um micro-organismo, especialmente patogênico. Fonte: KARDEC, Allan – *The Spirit's Book*, Allan Kardec Educational Society, Philadelphia, USA, 1996. (N. do E.)

² A esse fenômeno a ciência dá o nome de Panspermia (do grego Panspermia, que significa mistura de sementes de todas as espécies), teoria segundo a qual micro-organismos ou precursores químicos da vida se encontram presentes no espaço, dando surgimento à vida quando atingem um planeta adequado.

(Continuação, vide página 491)

A Química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formar cristais de uma multiplicidade constante, segundo cada espécie, desde que estejam nas condições desejadas. A menor perturbação destas condições basta para impedir a reunião dos elementos ou, ao menos, a disposição regular que constitui o cristal. Por que não seria o mesmo com os elementos orgânicos? Conservamos durante anos os germes e embriões de plantas e de animais que se desenvolvem somente a uma dada temperatura e em um meio propício. Tem-se visto grãos de trigo germinar após vários séculos. Existe, portanto, nesses germes um princípio *latente*³ de vitalidade que apenas espera uma circunstância favorável para desenvolver-se. O que se passa diariamente sob os nossos olhos, não pode ter existido desde a origem do globo? Essa formação de seres vivos saindo do caos pela própria força da Natureza, tira alguma coisa à grandeza de Deus? Longe disso, ela responde melhor à ideia que fazemos desse poder se exercendo sobre os mundos infinitos por intermédio de leis eternas. Essa teoria não resolve, em verdade, a questão da origem dos elementos vitais, mas Deus tem Seus mistérios e estabeleceu limites às nossas investigações.

46. Existem, todavia, seres que nasçam espontaneamente?

“Sim, mas o germe primitivo existia já em estado latente. Há, todos os dias, testemunhas desse fenômeno. Os tecidos do homem e dos animais contêm os germes de uma multidão de vermes que esperam, para desenvolver-se, o processo de decomposição dos corpos. É um pequeno mundo que dormitava e que desperta.”

47. A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo terrestre?

“Sim e veio a seu tempo. Foi daí que se tirou a expressão segundo a qual o homem foi formado do limo da Terra.”

48. Podemos conhecer a época da aparição do homem e dos outros seres vivos sobre a Terra?

“Não; todos os seus cálculos científicos são especulativos.”

³ Os destaques em itálico nos textos comentados por Allan Kardec são de sua autoria. (N. do E.)

49. Se o germe da espécie humana encontrava-se entre os elementos orgânicos do globo, por que os homens não se formam, espontaneamente, como em sua origem?

“O princípio das coisas é um dos segredos de Deus. No entanto, pode-se dizer que os homens, uma vez dispersos sobre a Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua formação para transmiti-los segundo as leis da reprodução. O mesmo se dá com as diferentes espécies de seres vivos.”

Povoamento da Terra. Adão

50. A espécie humana começou por um só homem?

“Não. Esse que é conhecido como Adão não foi o primeiro nem o único que povoou a Terra.”

51. Podemos saber em qual época viveu Adão?

“Mais ou menos a que foi assinalada; há cerca de quatro mil anos antes de Cristo.”

O homem, cuja tradição se há conservado sob o nome de Adão, foi um daqueles que sobreviveram, em alguma região, após alguns dos grandes cataclismos que têm revolvido a superfície do globo em diversas épocas e tornou-se o tronco de uma das etnias que hoje o povoam. As leis da Natureza contradizem a opinião de que os progressos da Humanidade, verificados muito antes de Cristo, tinham podido se cumprir em alguns séculos, como o teria de ser, se o homem não tivesse surgido sobre a Terra depois da época designada para a existência de Adão. Alguns o consideram, com muita razão, como um mito ou uma alegoria personificando as primeiras eras do mundo⁴.

Diversidade das raças humanas

52. De onde se originam as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas sobre a Terra?

⁴ Ver KARDEC, Allan, em *A Gênese*, C. XI, it. 38 a 40. (*N. do E.*)

“Do clima, da vida e dos hábitos. É o mesmo que se dizer de duas crianças da mesma mãe que, educadas longe uma da outra e distintamente, não se assemelham em nada quanto ao moral.”

53. O homem apareceu distintamente em vários pontos do globo?

“Sim, e em diversas épocas, o que também deu lugar à diversidade das raças; depois, dispersando-se sob diferentes climas e unindo-se a outras raças, formaram-se novos tipos.”

53a. Essas diferenças representam espécies distintas?

“Certamente que não; pertencem todos à mesma família. As múltiplas variedades de um mesmo fruto não pertencem à mesma espécie?”

54. Se a espécie humana não procede de um só tronco, não devem os homens deixar de considerar-se como irmãos?

“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e visam ao mesmo objetivo. Não se deve tomar as palavras ao pé da letra.”

Pluralidade dos mundos

55. Todos os planetas que circulam no espaço são habitados?

“Sim, e o homem terreno está longe de ser, como crê, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Existem, contudo, homens que se acreditam fortes e imaginam que só este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Acreditam que Deus criou o Universo apenas para eles.”

Deus povoou os mundos de seres vivos e todos concorrem à meta final da Providência. Acreditar que os seres vivos estão circunscritos ao ponto que habitamos no Universo será pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que nada faz de inútil e deve ter destinado a esses mundos uma finalidade mais séria que a de recrear nossa visão. Nada além disso, nem na posição, no volume ou na constituição física da Terra, pode razoavelmente fazer supor que só ela tem o privilégio de ser habitada com a exclusão de tantos milhares de mundos similares.

56. A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

“Não; eles não se assemelham um ao outro.”

57. A constituição física dos mundos não sendo a mesma para todos, leva-nos a concluir que os seres que os habitam terão, por conseguinte, uma organização diferente?

“Sem dúvida, como os peixes são feitos para viver nas águas e os pássaros no ar.”

58. Os mundos mais distantes do Sol são privados de luz e de calor, uma vez que este lhes aparece apenas como uma estrela?

“É possível acreditar que não há outras fontes de luz e de calor além do Sol? Não se leva em consideração a eletricidade que, em certos mundos, desempenha um papel que é desconhecido para todos e mais importante que na Terra? Além disso, não dissemos que todos os seres vivem da mesma forma e tenham os órgãos semelhantes aos dos homens.”

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que são chamados a viver. Se jamais tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que esses seres pudessem viver na água. É o mesmo com outros mundos que contêm, sem dúvida, elementos que nos são desconhecidos. Não vemos na Terra as longas noites polares clareadas pela eletricidade das auroras boreais? Que impedimento haveria para certos mundos, que a eletricidade fosse mais abundante que na Terra e cumprisse um papel geral cujos efeitos não podemos compreender? Esses mundos podem, portanto, conter em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias a seus habitantes.

Considerações e concordâncias bíblicas no tocante à Criação

59. Os povos possuem ideias muito divergentes sobre a Criação, de acordo com seu grau de conhecimento. A razão, apoiada na Ciência, reconheceu a inverossimilhança de certas teorias. A que é dada pelos Espíritos confirma a opinião que, desde muito tempo, é admitida pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a essa teoria é a de que entra em contradição com o texto dos livros sagrados, mas um exame feito seriamente

reconhece que essa contradição é mais aparente que real e que resulta da interpretação dada a um sentido muitas vezes alegórico.

A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como única origem da Humanidade não é a única sobre a qual as crenças religiosas têm de modificar-se. O movimento da Terra parecia, em determinada época, totalmente oposto aos textos sagrados, dando margem a toda a sorte de perseguições, com essa teoria servindo apenas de pretexto. No entanto, a Terra gira, malgrado os anátemas, e ninguém, hoje, poderia contestá-lo sem ofender a sua própria razão.

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias e fixa a época em, aproximadamente, quatro mil anos antes da Era Cristã. Antes disso a Terra não existia; havia sido tirada do nada: o texto é formal. E eis que a Ciência positiva e inexorável vem provar o contrário⁵. A formação do globo está inscrita em caracteres indestrutíveis no mundo fóssil e está provado que os seis dias da Criação foram outros tantos períodos, cada um podendo durar várias centenas de milhares de anos. Isto não é uma teoria, uma doutrina, uma opinião isolada; é um fato constante, como o do movimento da Terra – e que a teologia não pode se recusar a admitir –, prova concludente do erro no qual se pode incidir, ao tomar ao pé da letra as expressões de uma linguagem muitas vezes figurada. Isso leva a concluir que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram ao interpretá-la.

A Ciência, ao escavar os arquivos da Terra, tem reconhecido a ordem nas quais os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície e essa ordem está concorde à indicada na Gênese bíblica, com a diferença que essa obra, em lugar de ter saído miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, realizou-se, sempre por sua vontade, mas segundo a lei das forças naturais, em alguns milhões de anos. Seria Deus menor

⁵ Pesquisas científicas determinaram até o presente que a Terra tem, aproximadamente, 4,6 bilhões de anos; que a vida se desenvolveu em sua superfície por volta de 4 bilhões de anos atrás; estima-se que o primeiro primata surgiu há 70 milhões de anos, e que o homínídeo se manteve ereto e andou por volta de 4 milhões de anos atrás. (J. Birk, *Interpreting Evolution*, Prometheus Books, 1991, 16).
 Fonte: KARDEC, Allan – *The Spirit's Book*, Allan Kardec Educational Society, Philadelphia, USA, 1996. (N. do E.)

e menos poderoso? Sua obra é menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente não; seria julgar a Divindade sob um ângulo bem mesquinho para não reconhecer Sua onipotência nas leis eternas que estabeleceu para reger os mundos. A Ciência, longe de diminuir a Obra Divina, no-la revela sob um aspecto mais grandioso e mais conforme as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pelo fato mesmo de ter ela se cumprido sem derogar as leis da Natureza.

A Ciência, em concordância com Moisés neste ponto, coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos. No entanto, Moisés coloca o dilúvio universal no ano 1654 da formação do mundo, enquanto que a Geologia nos mostra o grande cataclismo como tendo ocorrido anteriormente à aparição do homem, tendo em vista que, até agora, não se encontra nas camadas primitivas⁶ nenhum traço de sua presença, nem da presença dos animais que, sob o ponto de vista físico, são de mesma categoria. Mas nada prova que isso seja impossível; várias descobertas já têm lançado dúvidas a esse respeito. É provável que, de um momento a outro, se possa adquirir a certeza material da anterioridade da raça humana e então se reconhecerá que, sob esse ponto, como sobre outros, o texto bíblico é figurado. A questão é saber se o cataclismo geológico é o mesmo que o de Noé. Ora, a duração necessária para a formação das camadas fósseis não permite contradições e, no momento em que se encontrarem os traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado que Adão não é o primeiro homem, ou que sua criação se perde em eras remotas. Contra a evidência não existem raciocínios possíveis. Será inevitável aceitar este fato, como se aceitou o do movimento da Terra e o dos seis períodos da Criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico é certamente hipotética. Entretanto, ao admitir que o homem apareceu pela primeira vez sobre a Terra quatro mil anos antes de Cristo, se 1.650 anos mais tarde toda a raça humana houvesse sido destruída, com exceção de

⁶ No período pré-cambriano (4,5 bilhões de anos atrás), nas camadas geológicas mais antigas, somente fósseis de organismos rudimentares (algas e bactérias) foram encontrados. *Fonte:* KARDEC, Allan – *The Spirit's Book*, Allan Kardec Educational Society, Philadelphia, USA, 1996. (*N. do E.*)

apenas uma só família, resulta que o povoamento da Terra data de Noé, ou seja, de 2.350 anos antes de nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram esse país povoado e até com fortes traços de civilização. A história prova que, nessa época, a Índia e outras regiões estavam igualmente florescentes, sem levar-se em conta a cronologia de certos povos que remontam a uma época bem mais recuada. Seria forçoso, portanto, que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, no espaço de 600 anos, somente a posteridade de um só homem tenha podido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo-se que as outras não o fossem, e que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual. Isso contradiz frontalmente todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças vem ao encontro desta opinião. O clima e os hábitos produzem, sem dúvida, alterações nas características físicas, mas sabe-se até onde pode chegar a influência dessas causas, e o exame fisiológico prova que existem, entre certas raças, diferenças constitutivas mais profundas que aquelas produzidas pelo clima. O cruzamento delas produz os tipos intermediários; tende a transpor as características extremas, não produzindo senão as variedades. Ora, para que tivesse havido o cruzamento de raças era preciso que houvesse raças distintas, e como explicar sua existência ao dar-lhe origem comum e, sobretudo, tão próxima? Como admitir que, em alguns séculos, certos descendentes de Noé se tivessem transformado a ponto de produzir a raça etíope, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível que a hipótese de uma origem comum para o lobo e a ovelha, o elefante e o pulgão, o pássaro e o peixe. Mais uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se: a existência do homem antes da época que lhe é popularmente assinalada; a diversidade das origens; que Adão, que viveu há seis mil anos, tenha povoado uma região ainda desabitada; o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, equivocadamente tomado por um cataclismo geológico⁷; tendo-se

em conta, enfim, a forma alegórica peculiar ao estilo oriental e que se encontra nos livros sagrados de todos os povos.

Eis por que é prudente não acusar de falsas as doutrinas que podem, cedo ou tarde, como tantas outras, dar um desmentido àqueles que as combatem. As ideias religiosas, longe de serem desmerecidas, se engrandecem, ao caminhar lado a lado com a Ciência. Este é o único meio de não mostrar um lado vulnerável aos céticos.

⁷ A história do Dilúvio Bíblico, em muitos de seus detalhes, traz semelhanças com outras correntes na Mesopotâmia durante o segundo milênio a.C. Em 1929, Sir Charles Leonard Wooley procedeu a escavações arqueológicas em região próxima ao Golfo Pérsico para a descoberta de Ur. Naquela etapa, descobriram-se os restos de uma catástrofe diluviana ocorrida em 4.000 a.C. Trabalhos posteriores comprovaram que houve realmente um dilúvio local no delta do Tigre e do Eufrates, exatamente na data assinalada na Bíblia, conforme a previsão de Kardec.

Allan Kardec, no livro *A Gênese*, Capítulo 9, no item Dilúvio Bíblico, faz referência a esses acontecimentos ocorridos na Mesopotâmia e acrescenta: “Para os homens de então, que não conheciam senão uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não tinham nenhuma ideia de sua configuração, desde o instante em que a inundação invadira as regiões conhecidas, para eles devia ser toda a Terra.” (*N. do E.*)

PRINCÍPIO VITAL

Seres orgânicos e inorgânicos

Os seres orgânicos são aqueles que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida; nascem, crescem, reproduzem-se e morrem; são providos de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida, apropriados às suas necessidades de conservação. Deles fazem parte os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são todos aqueles que não têm nem vitalidade, nem movimentos próprios e que são formados pela agregação da matéria, tais como os minerais, a água, o ar etc.

60. É a mesma força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e inorgânicos?

“Sim, a lei da atração é a mesma para todos.”

61. Existe uma diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos corpos inorgânicos?

“É sempre a mesma matéria, mas nos corpos orgânicos ela é animalizada.”

62. Qual é a causa da animalização da matéria?

“Sua união com o princípio vital.”

63. O princípio vital reside em um agente particular ou é apenas uma propriedade da matéria organizada; em outras palavras, é ele o efeito ou a causa?

“É tanto um quanto o outro. A vida é um efeito produzido pela ação do agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é vida, da mesma

forma que a matéria não pode viver sem ele. Ele dá vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.”

64. Vimos que o Espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo; o princípio vital formaria um terceiro?

“É um dos elementos necessários constitutivos do Universo, mas tem a sua origem nas modificações da matéria universal. É um elemento como o oxigênio e o hidrogênio que, no entanto, não são elementos primitivos, pois todos procedem de um mesmo princípio.”

64a. Parece resultar disso que a vitalidade não tem como princípio um agente primitivo distinto, sendo antes uma propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações desta?

“Essa é a consequência do que dissemos.”

65. O princípio vital reside em um dos corpos que conhecemos?

“Ele tem sua origem no fluido universal; é o que se chama de fluido magnético ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o laço entre o Espírito e a matéria.”

66. O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?

“Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, pois o movimento da matéria não é a vida; ela recebe esse movimento, não o produz.”

67. A vitalidade é um atributo permanente do agente vital, ou melhor, essa vitalidade se desenvolve com o funcionamento dos órgãos?

“Desenvolve-se com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? É preciso que ambos se reúnam para produzir a vida.”

67a. Pode-se dizer que a vitalidade está em estado latente quando o agente vital ainda não está unido ao corpo?

“Sim, é isso.”

O conjunto de órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe seu impulso da atividade íntima ou princípio vital que neles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Da mesma forma, o agente vital dá a impulsão aos órgãos, a ação destes mantém e desenvolve a atividade do agente vital, mais ou menos como o atrito desenvolve o calor.

A vida e a morte

68. Qual é a causa da morte nos seres orgânicos?

“Esgotamento dos órgãos.”

68a. Pode-se comparar a morte à interrupção do movimento de uma máquina desorganizada?

“Sim, se a máquina estiver mal montada, a mola quebra; se o corpo está doente, a vida se esvai.”

69. Por que uma lesão no coração leva à morte, mais que a dos outros órgãos?

“O coração é a máquina da vida, mas não é o único órgão cuja lesão ocasiona a morte; é uma das engrenagens essenciais.”

70. O que acontece com a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos após a morte?

“A matéria inerte se decompõe e forma novos seres; o princípio vital retorna à massa.”

Quando o ser orgânico está morto, os elementos com os quais é formado subsistem em novas combinações, constituindo novos seres, que retiram da fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvendo-o e assimilando-o, para devolvê-lo a essa fonte quando cessarem de existir.

Os órgãos estão, por assim dizer, impregnados de fluido vital. Esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que lhes enseja a comunicação entre si quando de certas lesões, reestabilizando funções momentaneamente suspensas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos são destruídos, ou profundamente lesados, o fluido vital é impotente para lhes transmitir o movimento da vida e o ser morre.

Os órgãos reagem mais ou menos forçosamente uns sobre os outros; é da harmonia do conjunto que resulta a reciprocidade de ação. Quando uma causa qualquer destrói essa harmonia, suas funções cessam, como o movimento de um mecanismo cujas peças essenciais se desarranjaram. Tal qual um relógio gasto com o uso ou desmontado por acidente e cuja força motriz é impotente para pô-lo novamente em movimento.

Temos uma imagem mais exata da vida e da morte no funcionamento de um aparelho elétrico. Esse aparelho recebe eletricidade e a conserva em estado potencial, como todos os corpos da Natureza. Os fenômenos elétricos, no entanto, não se manifestam enquanto o fluido não for posto em atividade por uma causa particular e só então se poderá dizer que o aparelho funciona. Cessando a causa da atividade, o fenômeno se interrompe, voltando o aparelho ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, como pilhas ou aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida. Ao cessar essa atividade, produz-se a morte.

A quantidade de fluido vital não é a mesma em todos os seres orgânicos; varia segundo as espécies e não é constante no mesmo indivíduo, nem nos indivíduos da mesma espécie. Há as que estão, por assim dizer, saturadas de fluido vital, enquanto outras têm à disposição apenas uma quantidade suficiente. Daí para alguns a vida ser mais ativa, mais enérgica e, de certa forma, superabundante.

A quantidade de fluido vital se esgota. Quando isto ocorre, pode tornar-se insuficiente para a sobrevivência, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contém.

O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro¹. Aquele que o tem em maior quantidade pode dar àquele que o tem menos e, em certos casos, fazer voltar a vida prestes a extinguir-se.

Inteligência e instinto

71. A inteligência é um atributo do princípio vital?

“Não, pois as plantas vivem e não pensam, não tendo mais que vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, pois um corpo pode viver sem inteligência, mas a inteligência só pode manifestar-se por intermédio dos órgãos materiais. É necessária a união do Espírito para dar a inteligência à matéria animalizada.”

¹ Provas laboratoriais com respeito à transferência de energia foram obtidas pelo uso de fotografia Kirlian. O processo Kirlian foi descoberto na Rússia; a primeira série de experimentos conduzidos naquele país é descrita no livro *Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro*, de OSTRANDER, S. e SCHROEDER, Lynn, 1ª edição, 1970. (N. do E.)

A inteligência é uma faculdade especial, própria a certas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, assim como os meios de estabelecer relações com o mundo exterior e de prover as suas necessidades.

Pode-se assim distinguir: 1º – os seres inanimados, formados somente de matéria, sem vitalidade nem inteligência: esses são os corpos brutos; 2º – os seres animados não pensantes, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos da inteligência; 3º – os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.

72. Qual é a fonte da inteligência?

“Já o dissemos: a inteligência universal.”

72a. Poderíamos dizer que cada ser possui uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, assim como tira e assimila o princípio da vida material?

“Isso não é mais que uma comparação, porém não é exata, porque a inteligência é uma faculdade própria a cada ser e constitui a sua individualidade moral. De resto, essa é uma das coisas que, no momento, não são dadas ao homem penetrar.”

73. O instinto é independente da inteligência?

“Não precisamente, porque ele é uma espécie de inteligência. O instinto é uma inteligência não racional, pela qual todos os seres provêm às suas necessidades.”

74. Pode-se traçar uma linha limítrofe entre o instinto e a inteligência, ou seja, precisar onde termina um e onde começa o outro?

“Não, porque frequentemente se confundem, mas podemos muito bem distinguir os atos que pertencem ao instinto dos que pertencem à inteligência.”

75. É exato dizer que as faculdades instintivas decrescem à medida que evoluem as faculdades intelectuais?

“Não, o instinto existe sempre, mas o homem o negligencia. O instinto pode também conduzir ao bem. Ele nos guia quase sempre e, às vezes, mais seguramente que a razão; ele não se engana jamais.”

75a. Porque a razão não é sempre um guia infalível?

“Seria infalível se não fosse deturpada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite ao homem escolher, dando-lhe o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, pelo fato de serem suas manifestações quase sempre espontâneas, enquanto que a inteligência é o resultado de apreciações e de uma deliberação.

O instinto varia em suas manifestações, segundo as espécies e suas necessidades. Naqueles dotados de consciência e de percepção das coisas exteriores se alia à inteligência, ou seja, à vontade e à liberdade.

LIVRO SEGUNDO

O MUNDO
ESPÍRITA OU
DOS ESPÍRITOS

PRINCÍPIO VITAL

Origem e natureza dos Espíritos

76. Como podemos definir os Espíritos?

“Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da Criação. Povoam o Universo além do mundo material.”

Nota: A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades extracorpóreas e não mais o elemento inteligente universal.

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade ou seriam apenas emanções ou porções da Divindade, chamados por essa razão, filhos de Deus?

“Meu Deus! São Suas obras, precisamente como um homem que faz uma máquina; essa máquina é a obra do homem, não ele próprio. Sabe-se que, quando o homem faz uma coisa bela, útil, ele a chama sua filha, sua criação. Pois bem, ocorre o mesmo com Deus: nós somos Seus filhos, porque somos Sua obra.”

78. Os Espíritos tiveram um princípio, ou como Deus, existem de toda a eternidade?

“Se os Espíritos não tivessem tido um princípio, seriam iguais a Deus. No entanto, são suas criações, submetidos à Sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, isto é incontestável, mas não sabemos quando e como Ele criou. Pode-se dizer que não tivemos princípio, se com isso se entender que Deus, sendo eterno, tem criado sem cessar; mas quando e como cada um de nós foi criado, eu lhe digo, mais uma vez, ninguém o sabe: isso é mistério.”

79. Por existirem dois elementos gerais no Universo, o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-ia dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes são formados do elemento material?

“Isso é evidente. Os Espíritos são individualizações do princípio inteligente, como os corpos são individualizações do princípio material. O que desconhecemos é a época e o processo dessa formação.”

80. A criação dos Espíritos é permanente ou verificou-se apenas na origem dos tempos?

“Ela é permanente, o que quer dizer que Deus jamais cessou de criar.”

81. Os Espíritos se formaram espontaneamente ou procedem uns dos outros?

“Deus os criou, como a todas as outras criaturas, por sua vontade; mas, digo uma vez mais, sua origem é um mistério.”

82. É exato dizer que os Espíritos são imateriais?

“Como se pode definir uma coisa quando não dispomos de termos comparativos e usamos uma linguagem insuficiente? Um cego de nascença pode definir a luz? Imaterial não é a palavra correta; incorpóreo seria a mais exata, porque se deve compreender que o Espírito, sendo uma criação, deve ser alguma coisa. É uma matéria quintessenciada, para a qual não há analogias na Terra e tão etérea que não pode ser percebida pelos sentidos humanos.”

Dissemos que os Espíritos são imateriais, porque a sua essência difere de tudo o que conhecemos pelo nome de matéria. Um povo de cegos não teria termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença acredita ter todas as percepções pela audição, olfato, paladar e tato. Ele não compreende a ideia que lhe seria dada pelo sentido que lhe falta. De igual maneira, no tocante à essência dos seres super-humanos, somos como verdadeiros cegos. Podemos defini-los apenas por comparações sempre imperfeitas ou por um esforço de nossa imaginação¹.

83. Os Espíritos terão um fim? Compreendemos que o princípio de onde emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se sua

¹ A observação faz referência aos Espíritos revestidos de perispírito. Sem esse revestimento nada têm de material. (N. do E.)

individualidade chegará a um termo e se, em um tempo determinado, mais ou menos longo, o elemento do qual são formados não se desagregará para retornar à massa do qual saíram, como ocorre com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que tem começo possa não ter fim.

“Existem muitas coisas que não se compreendem, porque a sua inteligência é limitada, mas isso não é uma razão para as repelir. O filho não compreende tudo o que compreende seu pai, nem o ignorante tudo o que compreende o sábio. Dissemos-lhe que a existência dos Espíritos não tem um termo; é tudo o que podemos dizer por ora.”

Mundo normal primitivo

84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, além daquele que vemos?

“Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas.”

85. Qual dos dois, o mundo espiritual ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas?

“O mundo espírita. Ele preexiste e sobrevive a tudo.”

86. Poderia o mundo corpóreo deixar de existir ou não ter existido jamais, sem com isso modificar a essência do mundo espírita?

“Sim, eles são independentes e, não obstante, sua correlação é incessante, pois reagem incessantemente um sobre o outro.”

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço?

“Os Espíritos estão por toda parte, povoando os espaços infinitos. Há os que estão constantemente no plano terreno, observando e agindo sobre as pessoas, sem estas o saberem, porque os Espíritos são uma das forças da Natureza e os instrumentos pelos quais Deus se serve para o cumprimento de seus desígnios providenciais. Mas nem todos vão a toda parte, porque há as regiões interditadas aos menos avançados.”

Forma e ubiquidade dos Espíritos

88. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

*“Aos seus olhos, não; aos nossos, sim. É como uma fagulha, um clarão ou uma centelha etérea.”*²

88a. Essa fagulha ou centelha tem alguma cor?

“Para os homens, ela varia do escuro ao brilho do rubi, de acordo com o grau de pureza do Espírito.”

Representam-se ordinariamente os gênios com uma flama ou uma estrela sobre a fronte. É uma alegoria que lembra a natureza essencial dos Espíritos. É colocada no alto da cabeça, porque ali é a sede da inteligência.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para atravessar o espaço?

“Sim, tão rápido quanto o pensamento.”

89a. O pensamento não é a própria alma que se transporta?

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também está, pois é a alma que pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem noção da distância que percorre e dos espaços que atravessa ou é subitamente transportado para o lugar aonde deseja ir?

“Tanto um quanto outro. O Espírito pode muito bem, se quiser, dar-se conta da distância que atravessa, mas essa distância pode também desaparecer completamente. Isso depende de sua vontade e também de sua natureza mais ou menos depurada.”

91. A matéria é um obstáculo ao Espírito?

“Não, ele penetra em tudo: no ar, na terra, nas águas, no fogo. Todos lhe são, igualmente, acessíveis.”

92. Os Espíritos têm o dom da ubiquidade, ou seja, o mesmo Espírito pode se dividir ou estar em vários pontos de uma só vez?

“Não pode haver divisão de um Espírito, mas cada um deles é um centro que irradia para diferentes direções e é por isso que parecem estar em vários lugares de uma só vez. Vê-se o Sol, que é apenas um, e, no entanto, irradia em torno e envia os seus raios para toda a parte. Apesar disso, ele não se divide.”

92a. Todos os Espíritos irradiam com igual intensidade?

² Referência ao Espírito puro, desprovido de perispírito. (N. do E.)

“Bem longe disso. Essa irradiação depende do grau de pureza de cada um.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um deles pode estender o seu pensamento a diversas direções, sem com isso se dividir. É nesse sentido somente que devemos entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Tal como uma fagulha que projeta ao longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. Tal como, ainda, um homem que, sem mudar de lugar ou dividir-se, pode transmitir ordens, sinais e movimentos para diferentes pontos.

Perispírito³

93. Vive o Espírito propriamente dito sem cobertura alguma, ou, como pretendem alguns, envolto por uma substância qualquer?

“O Espírito é envolvido por uma substância vaporosa, para o seu conceito, todavia, muito densa para nós; suficientemente vaporosa, contudo, para que o Espírito possa elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde quiser.”

Como o germe de um fruto é envolvido pelo perisperma, da mesma forma o Espírito, propriamente dito, é envolvido por um envoltório que, por comparação, podemos chamar perispírito.

94. De onde o Espírito extrai esse envoltório semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos. Ao passar de um mundo para outro, o Espírito troca o envoltório, como os homens trocam de vestimenta.”

94a. Assim sendo, quando os Espíritos que habitam os mundos superiores vêm entre nós, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É necessário que revistam de sua matéria, como havíamos dito.”

³ Perispírito: equivalente ao conceito de **corpo espiritual** como indicado na Epístola de Paulo aos Coríntios (1 Cor.,15:44); **corpo bioplástico** como descrito pelos cientistas russos (em Ostrander e Schroeder, *Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro*). Fonte: KARDEC, Allan – *The Spirit's Book*, Allan Kardec Educational Society, Philadelphia, USA, 1996. Equivalente a **corpo espiritual** como indicado por André Luiz (LUIZ, André e XAVIER, Francisco Cândido em *Evolução em Dois Mundos*, FEB, 17ª Edição, 1999, **modelo organizador biológico** por ANDRADE, Hernani Guimarães em *Espírito, Perispírito e Alma*, 1ª edição, 1984. Fonte: KARDEC, Allan – *The Spirit's Book*, Allan Kardec Educational Society, Philadelphia, USA, 1996. (N. do E.)

95. O envoltório semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

“Sim. Uma forma ao arbítrio do Espírito e é assim que ele lhes aparece, algumas vezes, seja em sonhos, seja em estado de vigília, podendo tomar uma forma visível e até mesmo palpável.”

Diferentes ordens de Espíritos

96. Os Espíritos são iguais, ou existe entre eles uma hierarquia?

“Eles pertencem a diferentes ordens, segundo o grau de perfeição que alcançaram.”

97. Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos?

“O número é ilimitado, pois não existe entre essas ordens uma linha de demarcação limítrofe e, assim, se podem multiplicar ou restringir as divisões à vontade. No entanto, se levarmos em consideração as características gerais, pode-se reduzi-las a três principais.”

“Na primeira ordem, os que chegaram à perfeição: os Espíritos puros; na segunda ordem, os que chegaram ao meio da escala: o desejo do Bem é sua preocupação. Os do último grau estão, todavia, na base da escala: são os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela ignorância, pelo desejo do mal e todas as más paixões que lhes retardam o avanço.”

98. Os Espíritos da segunda ordem só têm o desejo do bem; terão, igualmente, o poder de fazê-lo?

“Eles têm esse poder dependendo do grau de sua perfeição: uns têm a Ciência, outros a sabedoria e a bondade, mas todos ainda têm provas a sofrer.”

99. Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus?

“Não, uns não fazem o bem nem o mal. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião para praticá-lo. Todavia, existem os Espíritos levianos ou galhofeiros, mais travessos que maldosos, que se comprazem mais na malícia que na maldade, encontrando o seu prazer em mistificar e causar pequenas contrariedades, das quais se riem.”

Escala Espírita

100. Observações preliminares.

A classificação dos Espíritos está baseada no grau de sua evolução, nas qualidades que adquiriram, e nas imperfeições que ainda têm de se despojar. Esta classificação, de resto, não tem nada de absoluta. Nenhuma categoria apresenta um caráter bem delineado, a não ser no conjunto: de um grau a outro a transição é insensível, pois, nos limites, as diferenças se apagam como nos reinos da Natureza, nas cores do arco-íris ou ainda nos diferentes períodos da vida do homem. Pode-se, portanto, formar um maior ou menor número de classes, segundo o ponto de vista sob o qual se considere o assunto. Ocorre o mesmo que em todos os sistemas de classificação científica: podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos apropriados à inteligência, mas, quaisquer que sejam, nada alteram quanto à substância da Ciência. Os Espíritos interpelados sobre esse ponto puderam, pois, variar quanto ao número de categorias, sem maiores consequências. Há os que insistam nessa contradição aparente, sem refletir que eles não dão nenhuma importância àquilo que é puramente convencional. Para os Espíritos, o pensamento é tudo: deixam-nos as questões da forma, da escolha dos termos, das classificações; em uma palavra, das teorias.

Ajuntemos ainda esta consideração, que não se deve jamais perder de vista: entre os Espíritos, como também entre os homens, existem os muito ignorantes, e não seria demais precavermo-nos com relação à tendência de acreditar que tudo sabem porque são Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que têm conhecimentos limitados são, como aqui, os ignorantes, inábeis a abarcar o conjunto, para formular uma teoria. Conhecem ou compreendem apenas imperfeitamente toda e qualquer classificação. Para eles, todos os Espíritos que lhes são superiores são da primeira ordem, pois não podem apreciar as diferenças de conhecimentos, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como entre nós, um homem rude em relação aos homens cultos. Mesmo os que são capazes podem variar nos detalhes

segundo seu ponto de vista, sobretudo quando uma divisão não tem nada de absoluta. Lineu, Jussieu, Tournefort tiveram, cada um, seu método e a Botânica não mudou por isso. É que eles não inventaram as plantas, nem suas características. Apenas observaram as analogias segundo as quais formaram os grupos e classes. É assim que nós temos procedido: não inventamos os Espíritos, nem as suas características. Temos visto e observado, julgando-os por suas palavras e seus atos, depois os classificamos por similitudes, baseando-nos nos dados que nos forneceram.

Os Espíritos admitem, geralmente, três categorias principais ou três grandes divisões.

Na última, a que está na base da escala, são os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e a propensão ao mal.

Os da segunda são caracterizados pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os Espíritos bons. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o supremo grau de perfeição.

Esta divisão nos parece perfeitamente racional e apresenta características bem definidas. Nada nos resta além de destacar, por um número suficiente de subdivisões, as nuances principais do conjunto. É o que temos feito com o concurso de Espíritos, cujas instruções benevolentes jamais nos faltaram.

Com a ajuda deste quadro, será fácil determinar a ordem e o grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos com os quais podemos entrar em relação e, por consequência, o grau de confiança e de estima que merecem. É, de alguma maneira, a chave da Ciência espírita, pois somente ela pode nos explicar as anomalias que apresentam as comunicações, esclarecendo-nos sobre as desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Iremos observar, todavia, que os Espíritos não pertencem, para sempre e exclusivamente a esta ou àquela classe. Seu progresso se realiza gradualmente e, muitas vezes, mais em um sentido que em outro, podendo eles reunir as características das várias categorias, o que é fácil perceber por sua linguagem e seus atos.

Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

101. Características gerais.

Predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que se seguem.

Têm a intuição de Deus, mas não O compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns, há mais levianidade, inconseqüência e malícia que verdadeira maldade. Alguns não fazem nem o bem nem o mal; mas somente pelo fato de não fazerem o bem, denotam sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram a ocasião de praticá-lo.

Podem aliar a inteligência à iniquidade ou à malícia, mas qualquer que seja seu progresso intelectual, suas ideias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Os conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita de que são portadores são limitados e o pouco que sabem se confunde com as ideias e os preconceitos da vida corporal. Podem nos dar apenas noções falsas e incompletas daquele mundo, mas o observador atento encontra amiúde em suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação de grandes verdades ensinadas pelos Espíritos Superiores.

Seu caráter se revela por sua linguagem. Todo Espírito que, nessas comunicações, manifesta um mau pensamento pode ser situado na terceira ordem. Por consequência, todo mau pensamento que nos é sugerido é proveniente de um Espírito dessa ordem.

Veem a felicidade dos bons e essa visão é, para eles, um tormento constante, porque lhes faz provar todas as angústias advindas da inveja e do ciúme.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corporal e essa impressão é, às vezes, mais penosa que a realidade. Sofrem, portanto, em verdade, pelo mal que suportaram e pelo que têm feito aos outros. E, como sofrem por longo tempo, acreditam sofrer para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim acreditem.

Pode-se dividi-los em cinco classes principais.

102. Décima classe: Espíritos impuros.

Estão inclinados ao mal e o fazem objeto principal de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, instilando a discórdia e a desconfiança e tomam todas as máscaras para melhor enganar. Fixam-se nos indivíduos de caráter frágil, com o intuito de os fazer ceder às suas sugestões, impelindo-os, desta forma, à sua perda. Satisfazem-se por poderem retardar o seu adiantamento, ao fazê-los sucumbir ante as provas que sofrem.

Nas manifestações, reconhecemo-los por sua linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, tanto nos Espíritos como nos homens, é sempre um indício de inferioridade moral, senão intelectual. Suas comunicações revelam a baixaza de suas inclinações e, se tentam nos iludir ao falar de maneira sensata, não podem sustentar seu papel por muito tempo e acabam por trair sua origem.

Certos povos os têm considerado divindades malfazejas; outros os designam sob o nome de demônios, maus gênios, Espíritos do mal.

Quando encarnados, são inclinados a todos os vícios que engendram as paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a hipocrisia, a cupidez, a sórdida avaréza. Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, frequentemente sem motivo. Por aversão ao bem, escolhem quase sempre suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, em qualquer classe social a que pertençam e o verniz de civilização não os livra do opróbrio e da ignomínia.

103. Nona classe: Espíritos levianos.

São ignorantes, malignos, inconsequentes e zombeteiros. Intrometem-se em tudo, respondem a tudo, sem consideração com a verdade. Comprazem-se por causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias; em induzir maliciosamente ao erro por meio da mistificação e travesuras. A esta classe pertencem os Espíritos popularmente designados pelos nomes de galhofeiros, travessos, gnomos, duendes. Estão sob a dependência de Espíritos Superiores, que deles se servem o mais das vezes, como fazemos com os criados.

Nas comunicações com os homens, sua linguagem é, frequentemente, espirituosa e alegre, mas quase sempre sem profundidade.

Apreendem as excentricidades e os ridículos humanos, que exprimem de forma mordaz e satírica. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia que por maldade.

104. Oitava classe: Espíritos pseudosábios.

Seus conhecimentos são muito amplos, mas acreditam saber mais do que em realidade sabem. Tendo realizado algum progresso em diversos ramos, sua linguagem tem um caráter sério que pode enganar quanto à sua capacidade real e elevação. Todavia, isso nada mais exprime que o reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas que trouxeram da vida terrena. É uma mistura de algumas verdades ao lado dos erros mais absurdos, nos quais manifestam a presunção, o orgulho, a inveja e a teimosia das quais não têm podido se despojar.

105. Sétima classe: Espíritos neutros.

Não são bons o bastante para fazer o bem nem excessivamente maus para praticar o mal. Inclínem-se tanto para um quanto para outro e não se elevam sobre a condição vulgar da Humanidade, tanto para a moral quanto para a inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, saudosos das suas brincadeiras grosseiras.

106. Sexta classe: Espíritos batedores e perturbadores.

Estes Espíritos não formam, propriamente dito, uma classe distinta, no que diz respeito a suas qualidades pessoais. Podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Manifestam, frequentemente, sua presença por efeitos sensíveis e físicos, tais como golpes, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar etc. Por parecer mais apegados à matéria, são os principais agentes das vicissitudes dos elementos do globo, quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos, quer nas entranhas da Terra. Reconhece-se que esses fenômenos não são ocasionados por uma causa fortuita e física, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os elevados os deixam, em geral, aos Espíritos subalternos, mais aptos às coisas materiais que às intelectuais. Quando os Espíritos superiores julgam que as manifestações desse gênero são úteis, servem-se dessa categoria de Espíritos como auxiliares.

Segunda ordem – Espíritos bons

107. Características gerais

Predominância do Espírito sobre a matéria. Desejo do bem. Suas qualidades e seu poder para fazer o bem estão na proporção do grau a que chegaram: alguns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais avançados unem ao saber as qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam, mais ou menos, segundo sua ordem, os traços da existência corporal, seja na forma de linguagem, seja em seus hábitos, nos quais encontramos algumas de suas manias, sem o que seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é, para eles, a fonte de uma felicidade indescritível que não é maculada pela inveja, nem pelos pesares ou remorsos, ou por alguma das más paixões que atormentam os Espíritos imperfeitos. No entanto, todos têm ainda provas a sofrer, até que tenham atingido a perfeição absoluta.

Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegendo durante a vida aqueles que se tornam dignos, neutralizando, assim, a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles que não se comprazem em sofrê-la.

Quando encarnados, são bons e benevolentes para seus semelhantes. Não são levados pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não provam ódio, rancor, nem inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças populares sob o nome de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância, eram considerados divindades benfazejas.

Podemos dividi-los em quatro grupos principais:

108. Quinta classe: Espíritos benevolentes.

Sua qualidade dominante é a bondade. Comprazem-se em prestar serviços aos homens e de os proteger, mas seu saber é limitado. Seu progresso se realizou mais no sentido moral que no intelectual.

109. Quarta classe: Espíritos sábios.

O que os distingue, particularmente, é a amplitude de seu conhecimento. Preocupam-se menos com as questões morais que com as questões científicas, para as quais têm mais aptidão, mas encaram a Ciência apenas sob o ponto de vista da utilidade, sem nenhuma das paixões que são próprias aos Espíritos imperfeitos.

110. Terceira classe: Espíritos prudentes.

As qualidades morais de ordem mais elevada formam sua característica distinta. Sem ter conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes dá um julgamento preciso sobre os homens e as coisas.

111. Segunda classe: Espíritos superiores.

Eles reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Em sua linguagem transparece apenas a benevolência. É, geralmente, digna, elevada, frequentemente sublime. Sua superioridade os torna, mais que os outros, aptos a nos dar as noções mais justas sobre as coisas do mundo incorpóreo, nos limites que é permitido ao homem conhecer. Comunicam-se voluntariamente com aqueles que de boa-fé procuram a verdade, e cuja alma esteja suficientemente desprendida dos laços terrestres para compreendê-la, mas se afastam daqueles que são movidos apenas pela curiosidade ou que, pela influência da matéria, se desviam da prática do bem.

Quando, por exceção, se encarnam na Terra, é para cumprir uma missão de progresso e nos oferecem, então, o tipo de perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira ordem – Espíritos puros

112. Características gerais:

A influência da matéria é nula. Superioridade intelectual e moral absoluta, em relação aos Espíritos das outras ordens.

113. Primeira classe: classe única.

Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições a que a criatura é suscetível, não têm mais a sofrer nem provas, nem expiações.

Não estando mais sujeitos à reencarnação nos corpos perecíveis, vivem a vida eterna que desfrutam no seio de Deus.

Desfrutam de uma felicidade inalterável, pois não estão sujeitos às vicissitudes ou necessidades da vida material, mas essa felicidade não é uma ociosidade monótona passada em contemplação perpétua. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam, para a manutenção da harmonia universal. Orientam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudando-os a se aperfeiçoarem e lhes determinam as missões. Assistir os homens em suas angústias, inspirá-los ao bem ou à expiação das faltas que os distanciam da felicidade suprema é, para eles, uma agradável ocupação. Designamo-los sob os nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas bem presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Progressão dos Espíritos

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza ou são eles mesmos que se aperfeiçoam?

“Os próprios Espíritos se aperfeiçoam. Ao se aperfeiçoarem, passam de uma ordem inferior a uma superior.”

115. Entre os Espíritos, alguns foram criados bons e outros maus?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento; dá-lhes uma missão com a finalidade de esclarecê-los e de fazê-los chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade e para aproximá-los dele. A felicidade eterna e imperturbável consiste, para eles, nessa perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos ao passarem pelas provas que Deus lhes impõe. Alguns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao seu destino. Outros não conseguem superá-las sem queixas e destarte permanecem, por sua própria iniciativa, distanciados da perfeição e da felicidade prometida.”

115a. De acordo com essa afirmação, os Espíritos parecem ser, em sua origem, crianças ignorantes e sem experiência, mas depois, adquirem

gradativamente os conhecimentos que lhes faltam, ao percorrer as diferentes fases da vida?

“Sim, a comparação é justa. A criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; seu grau de aproveitamento depende de sua docilidade. Mas a vida do homem tem um termo, enquanto a dos Espíritos estende-se ao infinito.”

116. Há Espíritos que ficarão eternamente nas ordens inferiores?

“Não, todos se tornarão perfeitos. Eles mudam, mas isso é demorado, porque, como dissemos uma outra vez, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente seus filhos. Seria Deus, tão grande, bom e justo, pior que o homem?”

117. Depende do Espírito apressar o seu progresso para a perfeição?

“Certamente. Alcançam-na mais ou menos rapidamente segundo o seu desejo e sua submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais rapidamente que uma rebelde?”

118. Os Espíritos podem degenerar?

“Não. À medida em que avançam, compreendem o que os afasta da perfeição. O Espírito ao fim de uma prova adquire o conhecimento, e não mais o esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrocede.”

119. Deus não pode livrar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegarem à primeira ordem?

“Se tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para desfrutar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito sem a luta? Por outro lado, a desigualdade que existe entre eles é necessária à sua personalidade. E a missão que lhes cabe, em seus diferentes graus, está na vontade da Providência, com vistas à harmonia do Universo.”

Como na vida social, todos os homens podem chegar aos primeiros lugares, também poderíamos perguntar por que razão o soberano de um país não faz generais a cada um de seus soldados; porque todos os empregados subalternos não são superiores; porque todos os estudantes não são mestres. Entre a vida social e a vida espiritual existem ainda diferenças; a primeira, é limitada e nem sempre permite a escalada de todos os graus, enquanto que a segunda é indefinida e deixa a cada um a possibilidade de elevar-se ao posto supremo.

120. Todos os Espíritos passam pela feira do mal para alcançar o bem?

“Não pela feira do mal, mas pela da ignorância.”

121. Por que certos Espíritos têm seguido o caminho do bem e outros o do mal?

“Eles não têm o seu livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, aptos para o bem e para o mal. Os que são maus, assim tornaram-se por sua própria vontade.”

122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não trazem a consciência de si mesmos, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os leve mais para um caminho que para outro?

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Não haveria mais liberdade, se a escolha fosse provocada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, é exterior a ele, nas influências às quais cede em virtude de sua livre vontade. Essa é a alegoria da queda do homem e do pecado original: alguns cedem à tentação, outros resistem.”

122a. De onde vêm as influências que se exercem sobre ele?

“Dos Espíritos imperfeitos que tendem a envolvê-lo e dominá-lo e que se comprazem por fazê-lo sucumbir. Foi o que se quis representar pela figura de Satã.”

122b. Tal influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem?

“Ela o segue na vida de Espírito, até que ele tenha de tal maneira obtido o domínio sobre si mesmo, que os maus desistam de obsidiá-lo.”

123. Por que Deus permite que os Espíritos tomem o caminho do mal?

“Como ousar pedir a Deus contas de Seus atos? Poder-se-ia pensar em penetrar em Seus desígnios? Entretanto, pode-se dizer isto: a sabedoria de Deus se manifesta na liberdade de opção que concede a cada um, porque assim cada qual tem o mérito de suas obras.”

124. Havendo Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto haverá graduações entre esses dois extremos?

“Sim, certamente. E são a grande maioria.”

125. Os Espíritos que seguiram o caminho do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

“Sim, mas as eternidades serão mais longas para eles.”

Por essa expressão, as eternidades, deve-se entender a ideia que têm os Espíritos inferiores da perpetuidade de seus sofrimentos, porque não lhes é dado ver o termo. Essa ideia se renova em todas as provas nas quais sucumbem.

126. Os Espíritos que chegam ao grau supremo, após terem passado pelo mal, têm menos mérito que os outros aos olhos de Deus?

“Deus os contempla com o mesmo olhar e ama a todos da mesma forma. São chamados maus, porque sucumbiram: antes, eram apenas simples Espíritos.”

127. Os Espíritos são criados de maneira semelhante quanto às faculdades intelectuais?

“São criados iguais, mas não sabendo de onde vêm, é necessário que o livre-arbítrio siga o seu curso. Progridem mais ou menos rapidamente, tanto em inteligência como em moralidade.”

Os Espíritos que seguem, de princípio, o caminho do bem não são, por causa disso, Espíritos perfeitos. Se não têm más tendências, não estão desobrigados de adquirir a experiência e os conhecimentos necessários para atingir a perfeição. Podemos compará-los às crianças que, qualquer que seja a bondade de seus instintos naturais, têm necessidade de se desenvolver, de se esclarecer e não chegam, sem transição, da infância à maturidade. Assim como existem homens bons e outros maus desde a infância, do mesmo modo, há Espíritos bons ou maus desde o seu princípio, com a diferença capital de que a infância traz todos os instintos formados enquanto que, o Espírito, na sua formação, não possui mais maldade que bondade. Ele traz todas as tendências e toma uma ou outra direção guiado pelo seu livre-arbítrio.

Anjos e demônios

128. Os seres a quem chamamos anjos, arcanjos e serafins formam uma categoria particular de natureza diferente dos outros Espíritos?

“Não; são os Espíritos puros. Estão no mais alto grau da escala e reúnem em si todas as perfeições.”

A palavra **anjo** desperta, geralmente, a ideia da perfeição moral. No entanto, aplicamo-la, reiteradas vezes, a todos os seres, bons e maus, que não pertencem à Humanidade. Dizemos: o anjo bom e o mau; o anjo da luz e o anjo das trevas; nesse caso, ele é sinônimo de Espírito ou de gênio. Tomamo-lo aqui em sua acepção positiva.

129. Os anjos percorreram todos os graus?

“Eles percorreram todos os graus, mas, como temos dito, alguns aceitaram sua missão sem queixumes e chegaram mais depressa; outros, empregaram maior ou menor tempo para chegar à perfeição.”

130. Se a opinião que admite seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas é incorreta, como se explica que estejam na tradição de quase todos os povos?

“Esteja certo que seu mundo não existe de toda a eternidade e que muito antes que ele existisse, já havia Espíritos no supremo grau de perfeição. Por causa disso, os homens acreditaram que teriam sido sempre perfeitos.”

131. Existem demônios no verdadeiro sentido da palavra?

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom se tivesse criado seres eternamente voltados ao mal e à infelicidade? Se há demônios, residem em mundos inferiores como a Terra e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que transformam o Deus justo em um Deus mau e vingativo e que acreditam lhe ser agradáveis pelas abominações que cometem em seu nome.”

A palavra **demônio** implica na ideia de Espírito mau, apenas em nossa acepção moderna, porque a palavra grega *daimôn*, da qual se origina, significa **gênio, inteligência** e diz-se de seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção.

Os demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, supõem seres essencialmente malfazejos. Seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos ao mal por sua própria natureza e condenados pela eternidade. Se não são obras de Deus, existiriam, portanto, como ele, por toda a eternidade, havendo, assim, vários poderes soberanos.

A condição básica de toda doutrina é ser lógica. Ora, a dos demônios, no sentido absoluto, peca nessa base essencial. Na crença de povos atrasados que, não conhecendo os atributos de Deus, admitam divindades malfazejas ou demônios, isso é concebível. Mas, para aquele que faça da bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que ele tenha podido criar seres voltados ao mal e destinados a praticá-lo perpetuamente, porque isso seria negar a Sua bondade. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo e não seremos nós que contestaremos a autoridade de seus ensinamentos, que desejaríamos ver no coração mais que nos lábios dos homens, mas estaríamos bem certos do sentido que ele atribuía à palavra demônio? Ignorase que a forma alegórica é apenas uma das características distintivas de sua linguagem e tudo o que contém o Evangelho não deve ser tomado ao pé da letra? Não podemos querer outra prova além desta passagem:

“Logo após os dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua não dará mais a sua luz, as estrelas tombarão do céu e os poderes celestes serão abalados. Eu vos digo, em verdade, que esta geração não passará sem que todas essas coisas se cumpram.”

Não vimos a forma do texto bíblico contraditada pela Ciência no que toca à Criação e ao movimento da Terra? Não pode ocorrer o mesmo com certas figuras empregadas pelo Cristo, que devia falar segundo os tempos e a região em que se encontrava? O Cristo não poderia ter dito conscientemente uma falsidade. Se, portanto, nessas palavras, há coisas que parecem chocar a razão, é porque não as compreendemos ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o mesmo que com os anjos. Da mesma maneira que têm acreditado em seres perfeitos por toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. A palavra demônio deve, portanto, ser entendida como referência a Espíritos impuros que, muitas vezes, não são melhores que os designados sob esse nome, mas com a diferença que seu estado é transitório. São esses os Espíritos imperfeitos que se queixam contra as provas e que, por isso, sofrem-nas mais longamente, mas que chegarão à perfeição quando estiverem dispostos a tal. Poderíamos, portanto,

aceitar a palavra demônio com essa restrição. Como o entendem, agora, em um sentido exclusivo, poderia induzir ao erro ao fazer acreditar na existência de seres especialmente criados para o mal.

A propósito de Satanás, é evidente a personificação do mal sob uma forma alegórica, porque não se poderia admitir um ser mau lutando de igual para igual com a Divindade e cuja única preocupação seria a de contrariar os Seus desígnios. Como é necessário ao homem figuras e imagens para impressionar sua imaginação, pintou os seres incorpóreos sob uma forma material com atributos que lembram suas qualidades ou seus defeitos. É assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, deram-lhe a figura de um velho com uma foíce e uma ampulheta. Neste caso, uma figura de jovem teria sido um contrassenso. É o mesmo com as alegorias da fortuna, da verdade etc. Os modernos representaram os anjos ou Espíritos puros como figuras radiosas, com asas brancas, símbolo da pureza; Satanás, com chifres, garras e os atributos da bestialidade, símbolo das baixas paixões. A pessoa comum, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses símbolos um indivíduo real, como antes havia visto Saturno na alegoria do Tempo.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Objetivo da encarnação

132. Qual é o alvo da encarnação dos Espíritos?

“Deus a impõe com a finalidade de fazê-los chegar à perfeição. Os Espíritos passam pela experiência da encarnação visando a objetivos; para uns é uma expiação; para outros, uma missão. Mas, para chegar a essa perfeição, devem sofrer todas as vicissitudes da existência corporal. Esta é a expiação. A encarnação tem também um outro objetivo, que é o de colocar o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da criação. É para executá-la que, em cada mundo, toma um corpo, constituído de sua matéria essencial, a fim de nele cumprir as ordens de Deus. Desta forma, concorre ele à obra geral, avançando progressivamente.”

A ação de seres corpóreos é necessária à marcha do Universo, mas Deus, em Sua sabedoria, quis que, nessa mesma ação, encontrassem um meio de progredir e de aproximar-se Dele. É assim que, por uma lei admirável da Providência, todas as coisas estão inter-relacionadas e tudo é solidário na Natureza.

133. É necessária a encarnação àqueles Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem?

“Todos são criados simples e ignorantes, instruindo-se nas lutas e nas tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não poderia fazer alguns felizes, sem fadigas nem trabalhos e, por consequência, sem mérito.”

133a. Mas, então, para que serve aos Espíritos seguirem o caminho do bem, se isso não os isenta das penas da vida corporal?

“Chegam mais depressa ao objetivo. Por outro lado, as aflições da vida são, muitas vezes, a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, menor o grau de sofrimento. Aquele que não é invejoso nem ciumento, avaro ou ambicioso, não sentirá os tormentos originários destes sentimentos.”

Da alma

134. O que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

134a. O que era a alma antes de se unir ao corpo?

“Um Espírito.”

134b. As almas e os Espíritos são, portanto, uma e a mesma coisa?

“Sim, as almas são os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que se reveste, temporariamente, de uma forma material para se purificar e se esclarecer.”

135. Existe nos homens alguma coisa além da alma e do corpo?

“Há o liame que une alma e corpo.”

135a. Qual é a natureza desse liame?

“Semimaterial. Em outras palavras, um meio-termo entre o Espírito e o corpo, necessário para que possam comunicar-se mutuamente. É por esse laço que Espírito e matéria agem em reciprocidade.”

O homem é, assim, formado por três elementos essenciais. O primeiro, o corpo ou ser material, análogo aos dos animais e animado pelo mesmo princípio vital. O segundo elemento, a alma, Espírito encarnado, cujo corpo é sua habitação. O princípio intermediário ou *perispírito*, terceiro elemento, é uma substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma e o corpo. Comparativamente, tais são, em um fruto, a semente, a polpa e a casca.

136. É a alma independente do princípio vital?

“O corpo é apenas envoltório, sempre o repetimos.”

136a. Podem os corpos existir sem alma?

“Sim. No entanto, desde que o corpo falece, a alma o abandona. Antes do nascimento, não há uma união definitiva entre alma e corpo. Após essa união estabelecida, a morte do corpo rompe os laços que o unem à alma e esta o deixa. A vida orgânica pode vitalizar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.”

136b. Que seria o nosso corpo, se não houvesse alma?

“Uma massa de carne sem inteligência. Tudo o que se queira, menos um ser humano.”

137. O mesmo Espírito pode encarnar-se em dois corpos diferentes simultaneamente?

“Não. O Espírito é indivisível e não pode animar, simultaneamente, dois seres diferentes¹.”

138. O que pensar da opinião dos que supõem a alma como o princípio da vida material?

“É apenas uma questão de terminologia, com a qual absolutamente nada temos. Comecem por entender-se entre si.”

139. Alguns Espíritos e, antes deles certos filósofos, definiram a alma como: *uma centelha anímica emanada do Grande Todo*. Por que essa contradição?

“Não há contradição; tudo depende do sentido das palavras. Por que não ter uma só palavra para interpretar cada coisa?”

A palavra *alma* é empregada para exprimir coisas muito diferentes. Por vezes, uns chamam alma ao princípio da vida e, nessa acepção, é exato dizer, figuradamente, que a alma é uma centelha anímica emanada do Grande Todo. Essas últimas palavras se referem à origem universal do princípio vital, em que cada ser absorve uma porção, que devolve ao todo após a morte. É importante notar que essa ideia não exclui absolutamente a de um ser moral distinto, que conserva sua individualidade, independente da matéria. É a este ser que chamamos, igualmente alma, e é nessa acepção que podemos dizer que a alma é um Espírito

¹ Ver KARDEC, Allan, em *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, c. VII – Bicorporeidade e Transfiguração. (N. do E.)

encarnado. Ao dar a ela definições diferentes, os Espíritos falaram em diferentes contextos. Em alguns casos, estavam sob a influência das próprias ideias terrenas de que estavam ainda mais ou menos imbuídos. Isso acontece porque a linguagem humana é insuficiente e não tem uma palavra para cada ideia e isso acarreta mal-entendidos e discussões. Eis por que os Espíritos Superiores nos dizem para entendermo-nos primeiro sobre as palavras²”.

140. Que pensar da teoria segundo a qual a alma é subdividida em tantas partes, quantos são os músculos a presidir cada uma das funções do corpo?

“Isso depende, também, do sentido que atribuímos à palavra alma: se a entendemos como fluido vital, a teoria está certa. Se como Espírito encarnado, está incorreto. Temos dito que o Espírito é indivisível. Ele transmite o movimento aos órgãos pelo fluido intermediário sem que, para isso, tenha que se dividir.”

140a. No entanto, há Espíritos que deram essa definição.

“Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa.”

A alma age no mundo material por intermédio dos órgãos. Estes, por sua vez, são animados pelo fluido vital que se reparte entre eles e, mais abundantemente, naqueles que são centros ou focos de atividade. Mas essa explicação não pode se aplicar à alma considerada como o Espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa na morte.

141. Há qualquer coisa de certo na aceção daqueles que pensam que a alma é exterior e envolve o corpo?

“A alma não está encerrada no corpo como o pássaro numa gaiola. Ela irradia e manifesta-se no exterior como a luz através de um globo de vidro ou como o som em derredor de um centro sonoro. É assim que podemos dizer que ela é exterior, mas não devendo concluir com isso, que é o envoltório do corpo. A alma tem dois envoltórios: o primeiro, sutil e leve, denominado perispírito; o outro, mais denso, material e pesado: é o corpo. A alma é o centro desses envoltórios, como uma amêndoa na casca.”

² Leia na Introdução II, a explicação sobre a palavra **alma**. (N. do E.)

142. O que dizer de outra teoria segundo a qual a alma, na criança, completa-se a cada período da vida?

“O Espírito é apenas um. É pleno na criança como no adulto. São os órgãos ou instrumentos de manifestações da alma, que se desenvolvem e se completam. É ainda tomar o efeito pela causa.”

143. Por que todos os Espíritos não definem a alma da mesma forma?

“Os Espíritos não são todos igualmente esclarecidos nessas questões. Há Espíritos ainda limitados que não compreendem as coisas abstratas. São como as crianças. Há também os Espíritos pseudossábios, que usam de subterfúgios e manipulam as palavras para se imporem, como acontece entre os homens encarnados. Também os Espíritos esclarecidos podem se exprimir com termos diferentes que têm, no fundo, o mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que sua linguagem humana é insuficiente para esclarecer; há, então, necessidade de figuras e de comparações, tomadas como realidade.”

144. O que se deve entender por alma do mundo?

“É o princípio universal da vida e da inteligência de onde nascem as individualidades. Mas os que se servem dessas palavras frequentemente não se compreendem. O significado do vocábulo alma é tão amplo que cada um a interpreta de acordo com seus conceitos e fantasias. Tem-se, por vezes, atribuído uma alma à Terra, mas por isto se deve entender o conjunto dos Espíritos abnegados que dirigem para o bem as ações de todos, quando são ouvidos, e que são, de certa maneira, os lugares-tenentes de Deus na Terra.”

145. Como se explica que tantos filósofos – antigos e modernos – tenham discutido amplamente sobre a Ciência psicológica sem haver alcançado a verdade?

“Esses homens foram os precursores da Doutrina Espírita Eterna e prepararam o caminho. Eram homens e se enganaram, porque tomaram suas ideias pessoais como a própria luz da verdade. Mas seus erros servem para evidenciá-la, por meio dos prós e contras de suas doutrinas. Aliás, entre esses erros encontram-se grandes verdades, que um estudo comparativo tornará compreensível.”

146. A alma tem uma sede determinada e circunscrita no corpo?

“Não, mas ela está mais particularmente na cabeça, entre os grandes gênios, e todos os que usam bastante o pensamento; e no coração dos que sentem intensamente, e cujas ações são dedicadas à Humanidade.”

146a. O que pensar da opinião dos que a situam em um centro vital?

“Quer dizer que o Espírito habita, de preferência, essa parte de seu organismo, porque é para aí que se dirigem todas as sensações. Os que a situam naquilo que consideram como o centro da vitalidade, confundem-na com o fluido ou princípio vital. Não obstante, pode-se dizer que o lugar da alma se encontra mais particularmente nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais.”

Materialismo

147. Por que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, aqueles que se aprofundam nas Ciências naturais são frequentemente materialistas?

“O fisiologista condiciona tudo àquilo que vê. Orgulho dos homens que acreditam tudo saber e que não admitem que qualquer coisa possa ultrapassar o seu entendimento. Sua própria Ciência os torna presunçosos. Pensam que a Natureza não pode ter nada a lhes ocultar.”

148. Não é lamentável que o materialismo seja uma consequência de estudos que deveriam, ao contrário, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se com isso concluir que estes estudos são perigosos?

“Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos. É o homem que deles tira uma falsa consequência, porque pode abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. O nada, aliás, apavora-os mais do que se permitem admitir, e os de personalidade forte quase sempre mostram uma valentia apenas aparente. A maior parte deles são materialistas, porque nada lhes preenche a existência vazia. Mostre-lhes uma tábua de salvação e a ela se agarrarão, ansiosos.”

Por uma aberração da inteligência, há pessoas que veem nos seres orgânicos apenas a ação da matéria e a ela atribuem todos os nossos atos. Eles veem no corpo humano apenas a máquina elétrica; estudaram o mecanismo da vida apenas no funcionamento dos órgãos; viram-na extinguir-se como pela ruptura de um fio e nada mais perceberam além desse fio; procuraram descobrir se restava qualquer coisa e como encontraram apenas a matéria inerte, por não terem visto a

alma escapar-se ou sequer pegá-la, concluíram que tudo estava nas propriedades da matéria e que assim, após a morte, o pensamento reduz-se ao nada.

Triste consequência, se assim fosse, porque então o bem e o mal não teriam sentido – o homem estaria certo ao pensar apenas nele próprio, colocando-se acima de tudo e de todos, em busca da satisfação dos prazeres materiais. Os laços sociais seriam rompidos e os afetos mais sagrados estariam destruídos em definitivo.

Felizmente, essas ideias estão longe de estar generalizadas. Podemos mesmo dizer que estão muito circunscritas e que constituem apenas opiniões individuais, pois em parte alguma foram erigidas em doutrina³. Uma sociedade fundada sobre essas bases traria em si o germe da destruição e seus membros se destruiriam mutuamente, como bestas ferozes.

O homem tem, instintivamente, a intuição de que tudo não termina com a vida. Tem horror ao nada e é em vão que se obstina contra a ideia da vida futura. Quando chega o momento supremo, são poucos os que não perguntam o que deles vai ser, porque a ideia de deixar a vida para sempre, tem qualquer coisa de pungente. Quem poderia encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo que ama? Quem poderia ver, sem assombro, abrir-se diante de si o abismo imenso do nada, que traga para sempre todas as nossas faculdades, todas as nossas esperanças e dizer: “Depois de mim, nada, nada mais que o nada; tudo se acaba sem apelação; mais alguns dias e minha lembrança será apagada da memória dos que sobreviveram a mim; em breve não haverá nenhum traço de minha passagem sobre a Terra. O bem que eu tenha feito será esquecido pelos ingratos a quem ajudei; e nada para compensar tudo isso, nenhuma outra perspectiva que a de meu corpo devorado pelos vermes!”

Este quadro não tem qualquer coisa de terrível e glacial? A religião nos ensina que não pode ser assim e a razão no-lo confirma. Mas essa existência futura, vaga e indefinida nada tem que satisfaça o nosso amor

³ A filosofia materialista fundada por Karl Marx chegou perto das previsões de Kardec. O livro *O Capital* foi lançado em 1867, dez anos após a publicação de *O Livro dos Espíritos*. Vide também KARDEC, Allan, em *Obras Póstumas*, 1ª Parte, *Influência Perniciosa das Ideias Materialistas*. (N. do E.)

pelo positivo. É isso que, para muitos, engendra a dúvida. Admitindo-se que tenhamos uma alma, que seja; mas o que é nossa alma? Tem ela uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Alguns dizem que é um sopro de Deus; outros, uma fagulha, outros ainda, uma parte do Grande Todo, o princípio da vida e da inteligência, mas o que tudo isso nos oferece? Que nos importa ter uma alma se, após a morte, ela se confunde na imensidade como as gotas de água no oceano? A perda de nossa individualidade não é, para nós, como o nada? Diz-se, ainda, que ela é imaterial, mas uma coisa imaterial não poderia ter proporções definidas, o que para nós equivale ao nada. A religião nos ensina também que seremos felizes ou desventurados, segundo o bem ou o mal praticado, mas qual é esse bem que nos espera no seio de Deus? É uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outro emprego que o de cantar louvores ao Criador? As chamas do inferno são uma realidade ou uma alegoria? A própria Igreja as entende nesse último sentido, mas, então, que sofrimentos são esses? Onde está o lugar de suplício? Em uma palavra, o que se faz e o que se vê, nesse mundo que nos espera a todos?

Costuma-se dizer que ninguém voltou de lá para nos contar. Isto é um erro, e a missão do Espiritismo é, precisamente, nos esclarecer sobre esse futuro, a de nos fazer, até certo ponto, vê-lo e tocá-lo e, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos⁴. Graças às comunicações espíritas, isto não é mais uma presunção, uma probabilidade sobre a qual cada

⁴ Os fatos citados por Kardec estão, em nossos dias, sendo cada vez mais ampliados, constatados e reportados pela própria Ciência. A partir de Hydesville e das mesas girantes, passando pelos estudos científicos realizados pelo Nobel de Química William Crookes, por Cesar Lombroso, Alexandre Aksakoff, William James e outros, alguns relatados pela SPR – Society for Psychical Research no início do século XX, até 1959, com a captação das vozes dos Espíritos em instrumentos eletrônicos pelo pesquisador Friedrich Juergenson (1903-1987). Em 1964, Konstantin Raudive (1909-1974) começou suas pesquisas com gravações registradas pelos Espíritos em gravadores comuns; mas, já em 1911, o *dinamistógrafo* transmitia mensagens do além, através do código Morse. As Experiências de Quase-Morte (EQM) também vêm atestar as evidências da sobrevivência da alma e da reencarnação, por meio de ampla gama de estudos realizados por pesquisadores eméritos no Brasil e no exterior, de certa forma dando continuidade às investigações sobre os fatos psíquicos no momento da morte realizados por Ernesto Bozzano, metapsiquista do início do século. Cita-se, ainda, o trabalho do prof. Carlos Augusto Perandréa, conceituado perito em grafoscopia, que realizou estudos comparativos entre as assinaturas de falecidos recebidas por intermédio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, com as que possuíam na vida terrena. Os resultados foram todos favoráveis à autenticidade das mensagens psicografadas e estão no livro *Psicografia à Luz da Grafoscopia*. (N. do E.)

um imagina à vontade, que os poetas embelezam com suas ficções ou enfeitam de imagens alegóricas que nos seduzem; é a realidade que nos mostram, porque são os próprios seres de além-túmulo que vêm nos contar a sua situação, dizer-nos o que fazem, que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida e, por esse meio, mostrar-nos o destino inevitável que nos está reservado, segundo nossos méritos ou nossos delitos.

Há nisso algo antirreligioso? Bem ao contrário, porque os incrédulos encontram a fé e os tíbios uma renovação no fervor e na confiança.

O Espiritismo é, portanto, o mais poderoso auxiliar da religião⁵. Porque isso é o que Deus permite, e o permite para reanimar nossas esperanças vacilantes e nos conduzir no caminho do bem pela perspectiva do futuro.

⁵ Esta afirmação de Allan Kardec revela uma verdade histórica. As descobertas científicas quanto à continuidade da vida além da morte confirmam e decodificam, de forma racional, os ensinamentos trazidos por Jesus e contidos em Seu Evangelho. (*N. do E.*)

RETORNO DA VIDA CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL

A alma após a morte

149. Em que a alma se transforma no instante da morte?

“Volta a ser Espírito, ou seja, retorna ao mundo dos Espíritos, que havia deixado momentaneamente.”

150. A alma, após a morte, conserva a sua individualidade?

“Sim, não a perde jamais. O que seria se não a conservasse?”

150a. Como a alma constata a sua individualidade se não tem o corpo material?

“Tem um fluido que lhe é próprio, o qual retira da atmosfera de seu planeta e que representa a aparência da última encarnação: seu perispírito.”

150b. A alma não leva nada deste mundo?

“Nada mais que a lembrança e a vontade de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargor, segundo o emprego que fez da vida. Quanto mais pura ela for, mais compreende a futilidade do que deixou sobre a Terra.”

151. O que pensar da opinião segundo a qual a alma retorna ao todo universal após a morte?

“O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Quando, de sua parte, estiver em uma assembleia, fará parte integrante dela, não obstante, conservará a sua individualidade.”

152. Qual prova podemos ter da individualidade da alma após a morte?

“Não existem provas pelas comunicações obtidas? Se não forem cegos, verão; e se não forem surdos, ouvirão; porque, frequentemente, uma voz faz-se ouvir e lhes revela a existência de um ser ao seu redor.”

Aqueles que pensam que, na morte, a alma retorna ao todo universal, estarão errados se entenderem por isso que, tal como uma gota de água que cai no oceano, ela perde sua individualidade. Estarão com a razão se entenderem pelo todo universal o conjunto de seres incorpóreos de que cada alma ou Espírito é um elemento formador.

Se as almas se confundissem no todo, teriam apenas as qualidades do conjunto e nada as distinguiria entre si. Não teriam inteligência nem qualidades próprias. No entanto, em todas as comunicações, acusam a consciência do **eu** e uma vontade distinta. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a consequência da sua individualidade.

Se houvesse, após a morte, apenas o que chamamos o Grande Todo que absorve todas as individualidades, este todo seria uniforme e, então, todas as comunicações que recebêssemos do mundo invisível seriam idênticas. Visto que encontramos seres bons, outros maus, sábios e ignorantes, felizes e desventurados e de todas as características: de alegres a tristes, de levianos a sérios etc., é evidente que se trata de seres distintos.

A individualidade torna-se mais evidente ainda quando esses seres provam a sua identidade por sinais incontestáveis, como detalhes pessoais relativos à sua vida terrestre e que podemos constatar. Não pode ser posta em dúvida quando se manifestam por meio das aparições. A individualidade da alma foi-nos ensinada, em teoria, como um artigo de fé. O Espiritismo a torna patente e de certa forma material¹.

¹No tocante às aparições, estudos comprovadamente atestados pelo rigor científico ficaram registrados nas pesquisas dos já citados Alexandre Aksakoff, Ernesto Bozzano, Cesar Lombroso, William Crookes, dentre outros. Com relação a este último, a aparição do Espírito Katie King, em livro de

153. Em qual sentido se deve entender a vida eterna?

“É a vida do Espírito. A do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna.”

153a. Não seria mais exato chamar *vida eterna* a dos Espíritos puros que, tendo atingido o grau de perfeição, não têm mais provas a sofrer?

“Essa é a felicidade eterna. Mas é uma questão de palavras. Chamem-se as coisas de qualquer forma, desde que sejam compreensíveis ao entendimento.”

Separação entre a alma e o corpo

154. A separação entre a alma e corpo é dolorosa?

“Não. O corpo muitas vezes sofre mais durante a vida que no momento da morte; neste, a alma nada sente. Os sofrimentos que por vezes se provam no momento da morte são, ao mesmo tempo, um prazer para o Espírito, que vê chegar o fim de seu exílio.”

Na morte natural, que acontece pelo esgotamento da vitalidade dos órgãos em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber; é uma lâmpada que se apaga por falta de energia.

155. Como se opera a separação entre a alma e corpo?

“Desligando-se os laços que a retém, ela se desprende.”

155a. A separação opera-se instantaneamente e por uma brusca transição? Há uma linha demarcatória entre a vida e a morte?

“Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo que, subitamente, se liberta. Os dois estados se tocam e se confundem, de forma que o Espírito se desprende gradualmente de seus laços, soltando-se, não rompendo-se.”

Durante a vida, o Espírito liga-se ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é somente a destruição do corpo e não a desse envoltório, que dele se separa quando cessa a vida orgânica. A observação prova que, no instante da morte, o desprendimento do

mesmo nome compilado pelo confrade brasileiro Wallace L.Rodrigues, endossa as palavras de Allan Kardec, bem como todos os outros pesquisadores mencionados e a idoneidade de suas pesquisas. (N. do E.)

Espírito não se completa subitamente; antes, opera-se gradualmente e com lentidão variável, segundo os indivíduos. Para alguns, é muito rápido e podemos dizer que o momento da morte é também o da libertação. Mas em outros, sobretudo naqueles cuja vida tenha sido toda material e sensual, o desprendimento é muito mais demorado e perdura por vários dias, semanas e mesmo meses, o que não quer dizer que haja, no corpo, alguma vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas uma simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que está sempre em razão da preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É racional admitir que, com efeito, quanto mais o Espírito está identificado com a matéria, mais sofrerá para dela se separar. Por outro lado, a atividade intelectual e moral, e a elevação dos pensamentos, operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida corporal e, quando chega a morte, é quase instantânea.

Este é o resultado dos estudos feitos sobre todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações provam, novamente, que a afinidade que em certos indivíduos persiste entre a alma e o corpo é, às vezes muito penosa, porque o Espírito pode provar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e particular a certos gêneros de morte, apresentando-se em alguns suicídios.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode ser verificada antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, por vezes, a alma já deixou o corpo, que tem apenas a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo e não obstante resta-lhe ainda um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração faz mover; ele se mantém enquanto o coração fizer circular o sangue nas veias; e para tal não tem necessidade da alma.”

157. No momento da morte, a alma tem, às vezes, uma aspiração ou êxtase que lhe faz entrever o mundo para o qual vai regressar?

“Frequentemente a alma sente que se afrouxam os laços que a prendem ao corpo; é então que se empenha por rompê-los de uma vez. Já em parte separada da matéria, vê o futuro desenrolar-se diante de si e frui, por antecipação, do estado de Espírito.”

158. O exemplo da larva que, primeiramente, arrasta-se sobre a terra, depois se fecha na crisálida em uma morte aparente para renascer em uma existência brilhante, pode nos dar uma ideia da vida terrestre, depois do túmulo, ou seja, de nossa nova existência?

“Uma ideia em menor escala. A imagem é boa, mas é necessário não tomá-la ao pé da letra, como frequentemente se faz.”

159. Que sensação experimenta a alma no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos?

“Isso depende; se praticou o mal com o desejo de fazê-lo, sentir-se-á constrangida no primeiro momento, por tudo o que fez. Para o justo, é bem diferente; fica como que aliviado de um grande peso, porque não receia nenhum olhar perquiridor.”

160. O Espírito encontra prontamente aqueles que conheceu sobre a Terra e que morreram antes dele?

“Sim, segundo os laços afetivos que tenham mantido reciprocamente. Muitas vezes, vêm recebê-lo em sua reentrada no mundo dos Espíritos e ajudam-no a libertar-se das faixas da matéria; como também vê muitos que havia perdido de vista durante sua passagem pela Terra. Vê os que estão na erraticidade, bem como os que estão encarnados, que vai visitar.”

161. Na morte violenta e acidental, quando os órgãos não estão ainda debilitados pela idade ou pelas doenças, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente?

“Geralmente, sim; mas, em todos os casos, o instante que os separa é muito curto.”

162. Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva por alguns instantes a consciência de si mesmo?

“Frequentemente pode conservá-la durante alguns minutos, até que a vida orgânica seja completamente extinta. Mas, muitas vezes a inquietação que o toma diante da morte, o faz perder a consciência antes do instante do suplício.”

Trata-se aqui apenas da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo como ser humano, por intermédio do corpo e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode conservá-la por alguns instantes, mas de muito curta duração e cessa, necessariamente, com a vida orgânica do cérebro. O que não quer

dizer, com isso, que o perispírito esteja inteiramente desligado do corpo, ao contrário; em todos os casos de morte violenta, quando esta não resulte da extinção gradual das forças vitais, os laços que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes e o desprendimento completo é mais lento.

Perturbação espírita

163. A alma, ao deixar o corpo, tem imediata consciência de si mesma?

“Consciência imediata não é a palavra. Ela fica perturbada por algum tempo.”

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é a mesma para todos os Espíritos, em termos de duração e grau?

“Não, pois depende de sua elevação. Aquele que já está depurado se reconhece quase imediatamente, porque já se desprendeu da matéria durante a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, cuja consciência não é pura, conserva mais prolongadamente as impressões da matéria.”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce influência sobre a duração maior ou menor da perturbação?

“Uma influência muito grande, porque o Espírito compreende, antecipadamente, a sua situação. Mas a prática do bem e a pureza de consciência são o que exerce maior influência.”

No momento da morte, tudo, a princípio, é confuso. É necessário algum tempo para a alma se reconhecer. Está aturdida, como no estado de um homem que saísse de um profundo sono e procurasse dar-se conta dessa situação. A lucidez das ideias e a memória do passado voltam, à medida que se extingue a influência da matéria, dissipando essa espécie de nevoeiro que obscurece os seus pensamentos.

A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável; pode ser de algumas horas, como de vários meses e mesmo de muitos anos. Aqueles em que é menos longa são os que se identificaram com a sua situação futura mesmo durante a vida corporal, porque então compreendem imediatamente sua posição.

Essa perturbação apresenta circunstâncias peculiares, segundo o caráter dos indivíduos e, sobretudo, segundo o gênero de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos etc., o Espírito é surpreendido e, perplexo, não acredita que esteja morto. Afirma, insistentemente, não ter morrido. No entanto, vê seu corpo, sabe que é o dele e não compreende porque esteja separado. Procura as pessoas pelas quais sente estima, dirige-se a elas e não compreende porque não lhe respondem. Esta ilusão dura até o completo desprendimento do Espírito, e é somente então que ele reconhece o seu estado e compreende que não faz mais parte do mundo dos vivos.

Esse fenômeno é facilmente explicável. Surpreendido pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se opera. Para ele, a morte é sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, como continua a pensar, ver e escutar, considera-se vivo. O que aumenta a sua ilusão é o fato de se ver em um corpo semelhante ao que deixou na Terra, cuja natureza etérea não teve ainda tempo de verificar. Ele o julga sólido e compacto como o primeiro e, quando se chama a sua atenção sobre esse ponto, admira-se de não poder apalpá-lo. Este fenômeno é análogo ao dos sonâmbulos inexperientes, que não acreditam estar dormindo. Para eles, o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; como pensam livremente e podem ver, acham que não estão dormindo.

Certos Espíritos apresentam esta peculiaridade, embora a morte não lhes tenha chegado inesperadamente, mas é sempre mais generalizada entre aqueles que, apesar de doentes, não pensavam em morrer. Vê-se, então, o espetáculo singular de um Espírito assistindo ao seu funeral como ao de um estranho e a falar dele como um assunto fora de seu interesse, até o momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem; é calma e em tudo semelhante àquela que acompanha um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não é pura, a morte é cheia de ansiedades e angústias, que aumentam à medida que se reconhece.

Nos casos de morte coletiva, observou-se que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre se reveem imediatamente. Na perturbação que se segue à morte, cada qual vai para o seu lado ou somente se preocupa com aqueles que lhe interessam².

²Ver KARDEC, Allan, em *Obras Póstumas*, 1ª parte, As expiações coletivas. (N. do E.)

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Da reencarnação¹

166. Como a alma que não atingiu a perfeição durante a vida corporal, pode depurar-se?

“Ao submeter-se à prova de uma nova existência.”

166a. De que forma a alma realiza essa nova existência? Por meio de sua transformação como Espírito?

“Ao depurar-se, a alma experimenta, sem dúvida, uma transformação; mas para isso lhe é indispensável a prova da vida corporal.”

166b. A alma passa por muitas existências corporais?

“Sim, todos nós temos várias existências. Aqueles que dizem o contrário querem mantê-los na mesma ignorância em que estão; esse é o seu desejo.”

166c. Parece resultar desse princípio que a alma, após ter deixado o corpo, toma um outro. Dito de outro modo, reencarna-se em um novo corpo. É assim que é preciso entender?

“É evidente.”

167. Qual é o objetivo da reencarnação?

¹ Reencarnação: reassumir a forma carnal ou material; também chamada **transmigração** (passar de um corpo a outro) ou **palingenesia** (do grego **palin**, de novo e **genesis**, nascimento). *Vide* DELANNE, Gabriel, em *A Reencarnação*; SANTOS, Jorge Andréa dos, em “Palingênese, a Grande Lei”. (*N. do E.*)

“Expição, melhora progressiva da Humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?”

168. O número de existências corporais é limitado ou o Espírito reencarna-se perpetuamente?

“A cada nova existência, o Espírito dá um passo a caminho do progresso. Quando se despojou de todas as impurezas, não tem mais necessidade de provas na vida corporal.”

169. O número de encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?

“Não, aquele que avança rapidamente livra-se das provas. No entanto, essas encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porque o progresso é quase infinito.”

170. Em que se transforma o Espírito após a sua última encarnação?

“Espírito bem-aventurado, um Espírito puro.”

Justiça da reencarnação

171. Sobre o que está fundamentado o dogma² da reencarnação?

“Sobre a justiça de Deus e a revelação, por isso repetimos sem cessar: um bom pai deixa sempre para seus filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna, aqueles que não dependeram de si mesmos para a própria melhoria? Todos os homens não são filhos de Deus? Apenas entre os homens egoístas é que se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Todos os Espíritos tendem à perfeição e Deus lhes proporciona os meios de obtê-la pelas provas da vida corporal; mas, em Sua justiça, Ele lhes permite realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou acabar numa primeira prova.

Não estaria de acordo com a equidade, nem segundo a bondade de Deus, castigar para sempre os que encontraram obstáculos à sua

² A palavra **dogma** foi utilizada por Allan Kardec em seu sentido racional, como princípio, e não como um dogma de fé (Fideísmo), ou como base de doutrina infalível e indiscutível. A Doutrina Espírita não é dogmática, no sentido religioso da palavra, mas tem princípios fundamentais que, sob a ótica filosófica, são chamados dogmas. Vide SÃO MARCOS, Manoel P., em *Noções de História da Filosofia*, c. I. (N. do E.)

evolução, independentemente de sua vontade, no meio em que foram colocados. Se o destino do homem fosse irrevogavelmente fixado após a morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança e não os teria tratado com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem várias existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da justiça divina com relação aos homens de uma condição moral inferior. Trata-se da única que pode nos explicar o futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois nos oferece o meio de resgate dos nossos erros por meio de novas provas. A razão assim nos diz e é o que os Espíritos nos ensinam.

O homem que tem consciência de sua inferioridade encontra na doutrina da reencarnação uma esperança consoladora. Se acredita na justiça de Deus, não pode esperar que, por toda a eternidade, seja igual àqueles que agiram melhor do que ele. O pensamento de que essa inferioridade não o deserdará para todo o sempre do bem supremo e que poderá conquistá-lo por novos esforços, o ampara e lhe reanima a coragem. Quem é que, ao fim de sua carreira, não lamenta ter adquirido muito tarde uma experiência que já não pode aproveitar? Essa experiência tardia não estará perdida; ele a aproveitará em uma nova existência.

Encarnação nos diferentes mundos

172. Todas as nossas diferentes existências corporais se realizam na Terra?

“Não; vivemo-las nos diferentes mundos: as da Terra não são as primeiras nem as últimas, porém das mais materializadas e distantes da perfeição.”

173. A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo a outro ou lhe é possível viver muitas vidas no mesmo planeta?

“Pode reviver várias vezes no mesmo planeta, se não estiver suficientemente avançada para passar a um mundo superior.”

173a. Podemos concluir que reaparecemos várias vezes na Terra?

“Certamente.”

- 173b.** Podemos voltar a ela após termos vivido em outros mundos?
“Perfeitamente; poderão já ter vivido em outros mundos, bem como na Terra.”
- 174.** É uma necessidade reviver na Terra?
“Não; mas se não progredirem, poderão ir a um outro mundo que não seja melhor, e que pode mesmo ser pior.”
- 175.** Há vantagem em voltar a viver na Terra?
“Nenhuma vantagem específica, a menos que seja em missão. Então se progride, como em qualquer outro mundo.”
- 175a.** Não seria melhor continuar na condição de Espírito?
“Não, não: ficar-se-ia estacionário e o que se quer é avançar para Deus.”
- 176.** Os Espíritos, após encarnar em outros mundos, podem encarnar-se neste sem jamais terem passado por aqui?
“Sim, tanto quanto os Espíritos da Terra em outros planetas. Todos os mundos são solidários: o que não se realiza num, pode-se realizar noutro.”
- 176a.** Desta forma, há homens que estão na Terra pela primeira vez?
“Há muitos, e em diversos graus.”
- 176b.** É possível reconhecer, por um indício qualquer, quando um Espírito está em sua primeira encarnação na Terra?
“Isso não teria nenhuma utilidade.”
- 177.** Para chegar à perfeição e à felicidade suprema, que é o objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar pelos mundos que existem no Universo?
“Não, porque há muitos mundos que estão no mesmo grau e onde o Espírito não aprenderia nada de novo.”
- 177a.** Como então explicar a pluralidade das existências em um mesmo globo?
“O Espírito pode se encontrar, a cada vez, em posições bem diversas, que serão tantas outras ocasiões de adquirir experiências.”
- 178.** Os Espíritos podem reviver corporalmente num mundo relativamente inferior àquele em que já viveram?
“Sim, quando têm uma missão a cumprir para ajudar o progresso. Então, aceitam com alegria as tribulações dessa existência, porque lhes proporciona um meio de avançar.”

178a. Isso também não pode acontecer como expiação? Deus não pode enviar Espíritos rebeldes a mundos inferiores?

“Os Espíritos podem permanecer estacionários; nunca, porém, retrogradam. Sua punição consiste em não avançar e ter de recomeçar as existências mal vividas em um meio adequado à sua natureza.”

178b. Quais são os que devem recomeçar a mesma existência?

“Os que falharam em sua missão ou em suas provas.”

179. Os seres que habitam cada mundo estão todos no mesmo grau de perfeição?

“Não; é como na Terra: há Espíritos mais avançados, outros menos.”

180. Ao passar deste mundo para outro, o Espírito conserva o mesmo nível de inteligência que teve aqui?

“Sem dúvida, a inteligência não se perde. Entretanto, o Espírito pode não dispor dos mesmos recursos para manifestá-la. Isso depende da sua superioridade e do estado do corpo que adquirir. (Ver Influência do organismo – questão 367)

181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos similares aos nossos?

“Naturalmente que têm corpos, pois é necessário que o Espírito seja revestido de matéria para agir sobre ela, mas esse envoltório é mais ou menos material, segundo o grau de pureza a que os Espíritos chegaram e é o que determina a diferença entre os mundos que devemos percorrer. Há várias moradas na casa de nosso Pai e, portanto, vários graus de evolução. Alguns o sabem e têm consciência disso aqui na Terra; outros absolutamente nada sabem.”

182. Podemos conhecer, exatamente, o estado físico e moral dos diferentes mundos?

“Nós, Espíritos, podemos responder apenas de acordo com o vosso grau evolutivo. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las e isso os perturbaria.”

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima, igualmente, da natureza espírita. Quando a matéria é menos densa, ele não se move mais penosamente sobre o solo, as necessidades físicas são menos grosseiras, os seres vivos não mais precisam se destruir

para se alimentar. O Espírito está mais livre e tem, para coisas distantes, percepções que nos são desconhecidas. Ele vê pelos olhos do corpo o que vemos apenas pelo pensamento.

A depuração dos Espíritos reflete-se no aperfeiçoamento moral dos seres encarnados. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo dá lugar ao sentimento fraternal. É assim que, nos mundos superiores à Terra, as guerras são desconhecidas, os ódios e as discórdias não encontram campo propício, porque ninguém sonha em prejudicar o seu semelhante. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão. Recebem-na sem medo e como uma simples transformação.

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece ser proporcional ao grau de superioridade física e moral desses mundos e isto é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam; quanto mais puro o Espírito, menos paixões o debilitam. Este é um auxílio da Providência, que deseja, desta forma, abreviar os sofrimentos.

183. Ao passar de um mundo a outro, o Espírito passa por nova infância?

“A infância significa para todos uma transição necessária, mas não é sempre tão ingênua como na Terra.”

184. Pode o Espírito escolher o novo mundo em que habitará?

“Nem sempre, mas pode pedir e obter, se houver merecimento, porque os mundos são acessíveis aos Espíritos apenas segundo o grau de sua elevação.”

184a. Se o Espírito nada solicitar, o que determina o mundo em que irá se reencarnar?

“O grau de sua elevação.”

185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada planeta?

“Não. Os mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como a Terra, por um estado inferior e ela mesma sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se houverem tornado melhores.”

É assim que as raças, que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia e serão substituídas por seres cada vez mais perfeitos. Essas raças transformadas sucederão a atual, como esta sucedeu a outras ainda menos evoluídas.^(*)

186. Há mundos em que o Espírito, deixando de viver num corpo material, tem por envoltório único somente o perispírito?

“Sim, e esse envoltório torna-se tão etéreo que é como se não existisse. Esse é o estado dos Espíritos puros.”

187. Disso parece resultar que não há uma demarcação precisa entre o estado das últimas encarnações e o do Espírito puro?

“Tal demarcação não existe. A diferenciação entre um e outro se dilui aos poucos e acaba por tornar-se imperceptível, tal como a noite ante as primeiras claridades do alvorecer.”

187. A substância do perispírito é a mesma em todos os planetas?

“Não; sua eterização varia conforme a natureza dos mundos. Ao passar de um a outro, o Espírito se reveste da matéria própria a cada um. A mudança, porém, se realiza com mais rapidez que um relâmpago.”

188. Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou se encontram no espaço universal, sem estar ligados de modo particular a nenhum?

“Habitam certos mundos, mas não estão confinados como os homens à Terra. Podem, melhor que os outros seres, estar em toda parte^A.”

^(*) Questão 185 – Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

³ Segundo os Espíritos, de todos os globos que constituem o nosso sistema planetário, a Terra é daqueles cujos habitantes são menos adiantados, física e moralmente. Marte lhe seria ainda inferior e Júpiter muito superior, em todos os sentidos. O Sol não seria um mundo habitado por seres corpóreos, mas um lugar de encontro de Espíritos Superiores, que, de lá, irradiam o seu pensamento para outros mundos, que dirigem, por intermédio de Espíritos menos elevados, com os quais se comunicam por meio do fluido universal. Como constituição física, o Sol seria foco de electricidade. Ao que parece, todos os sóis estão numa situação análoga.

O volume e a distância do Sol não têm nenhuma relação necessária com o grau de progressão dos mundos, pois parece que Vênus seria mais avançado que a Terra e Saturno menos que Júpiter.

Vários Espíritos que reencarnaram na Terra e que se tornaram pessoas conhecidas revelaram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição. É de se admirar que, em um mundo tão avançado, haja homens que a opinião terrena não considerava no mesmo patamar. Isso nada tem de surpreendente, se considerarmos que certos Espíritos que habitam aquele planeta podiam ser encaminhados à Terra em cumprimento de uma missão que, aos nossos olhos, não os colocaria em primeiro plano.

Em segundo lugar, entre a sua existência terrena e a de Júpiter, poderiam ter tido outras vivências

Transmigração progressiva

189. Desde o princípio de sua formação, o Espírito desfruta da plenitude de suas faculdades?

“Não, porque o Espírito, como o homem, tem também a sua infância. Em sua origem, os Espíritos têm apenas uma existência rudimentar, instintiva, possuindo apenas a consciência de si mesmos e de seus atos. A inteligência se lhe desenvolve lentamente.”

190. Qual é o estado da alma em sua primeira encarnação?

“O mesmo da infância na vida corpórea. Sua inteligência apenas desabrocha: ela ensaia para a vida.”

191. As almas de nossos selvagens são almas no estado de infância?

“Infância relativa, pois são almas já desenvolvidas dotadas de paixões.”

191a. As paixões denotam, portanto, desenvolvimento?

“Desenvolvimento, sim; não, porém, de perfeição. São um sinal da atividade e de consciência própria, enquanto que, na alma primitiva, a inteligência e a vida são rudimentares.”

A vida do Espírito, em seu conjunto, segue as mesmas fases que vemos na vida corporal. Passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, por uma sucessão de períodos, ao estado adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que nesta não há o declínio nem a decrepitude da vida corporal. Sua vida, que teve um começo, não terá

intermediárias, nas quais houvessem melhorado seu padrão de evolução. E em terceiro lugar, que naquele mundo, como no nosso, há diferentes graus de desenvolvimento e entre esses graus pode haver a distância que separa, para nós, o selvagem do homem civilizado. Assim, por habitarem Júpiter, não significa que estejam no nível dos seres mais avançados, da mesma forma que uma pessoa não está no nível de um sábio do Instituto, só porque mora em Paris.

As condições de longevidade não são, no geral, as mesmas que as da Terra, não sendo possível comparar-se idades. Uma pessoa falecida há alguns anos, quando evocada, disse haver encarnado seis meses antes, num mundo cujo nome nos é desconhecido. Interrogada sobre a idade que teria nesse mundo, afirmou: “Eu não posso calcular, porque não contamos o tempo como na Terra. Além disso, nosso meio de vida não é semelhante. Nosso desenvolvimento aqui é bem mais rápido; tanto assim, que há apenas seis meses (contados na Terra) aqui me encontro, e posso dizer que, quanto à inteligência, tenho trinta anos da idade terrena.”

Muitas respostas foram transmitidas, de forma análoga, por outros Espíritos, e isso nada tem de inverossímil. Não vemos na Terra vários animais adquirirem em poucos meses um desenvolvimento normal? Por que não seria o mesmo com o homem em outras esferas? Notemos, por outro lado, que o desenvolvimento adquirido pelo homem na Terra na idade de trinta anos seja, talvez, apenas uma espécie de infância, comparada ao que ele deve atingir.

É preciso ter uma visão bem curta para nos considerarmos os protótipos da Criação. Seria ainda rebaixar a Divindade acreditar que, além de nós, ela nada mais poderia criar. (*Nota de A. Kardec*)

fim; que lhe é necessário, sob o nosso ponto de vista, um longo período para passar da infância espírita a um desenvolvimento e o seu progresso se realizar, não somente em um planeta, mas em diversos mundos. A vida do Espírito constitui-se, assim, em uma série de existências corporais, sendo cada qual uma oportunidade de progredir, como cada existência corporal se compõe de uma série de dias, cada um dos quais o homem adquire maior experiência e instrução. Mas, da mesma maneira que na vida humana há dias improdutivos, na do Espírito há existências corporais sem proveito, porque ele não soube conduzi-las.

192. Mediante uma conduta perfeita, é possível ao Espírito vencer em uma única existência corpórea, todos os graus evolutivos e tornar-se puro, sem passar pelos níveis intermediários?

“Não, pois o que o homem julga perfeito está distante da perfeição. Há qualidades que lhe são desconhecidas e nem pode compreender. Poderá tornar-se tão perfeito quanto lhe permita a sua natureza terrena; esta, entretanto, não é a perfeição absoluta. Do mesmo modo que uma criança, por mais precoce que seja, deve passar pela juventude antes de chegar à idade adulta; assim como o doente passa pela convalescença antes de recuperar a saúde. Além disso, o Espírito deve igualmente avançar em conhecimento e moralidade. Se ele progrediu apenas em um sentido, é necessário que igualmente progrida em outro, para chegar ao topo da escala. Quanto mais o homem avança em sua vida presente, menos as provas ser-lhe-ão longas e penosas.”

192a. O homem pode garantir desde esta vida uma existência futura menos cheia de amarguras?

“Sim, sem dúvida, pode abreviar o caminho e reduzir-lhe as dificuldades. Só o negligente fica sempre no mesmo ponto.”

193. Em suas novas existências, um homem pode descer abaixo do ponto que anteriormente alcançara?

“Como posição social, sim. Como Espírito, não.”

194. A alma de um homem de bem pode animar o corpo de um celerado, noutra encarnação?

“Não, pois ela não pode retroceder.”

194a. A alma de um homem perverso pode transformar-se na de um homem de bem?

“Sim, desde que se tenha arrependido. Ser-lhe-á, então, uma recompensa.”

A marcha dos Espíritos é progressiva, jamais retrógrada. Elevam-se gradualmente na hierarquia e não descem do plano alcançado. Em suas diferentes existências corporais, podem chegar a um nível inferior como homens, mas não como Espíritos. Assim, a alma de um poderoso na Terra pode, mais tarde, animar um humilde artesão e vice-versa, porque as posições entre os homens estão, frequentemente, na razão inversa da elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei, e Jesus, carpinteiro.

195. A possibilidade de poder melhorar-se em uma outra existência não tende a levar certas pessoas a perseverar no mau caminho, com a ideia de que sempre poderão corrigir-se mais tarde?

“Os que assim pensam em nada acreditam e a ideia de um castigo eterno não os coibiria mais, porque sua razão a repele e essa ideia conduz à incredulidade. Se apenas se houvessem empregado meios racionais para orientar os homens, não existiriam tantos céticos. Um Espírito imperfeito pode, com efeito, pensar da forma questionada acima, durante a vida corpórea; mas, uma vez liberto da matéria, pensará de outra maneira, porque logo perceberá que calculou mal e é então que trará um sentimento diferente, em uma nova existência. É assim que se efetiva o progresso e eis por que temos, na Terra, homens mais avançados que outros. Alguns já têm uma experiência pelas quais os outros ainda não passaram, mas que adquirirão pouco a pouco. Depende deles avançar na senda do progresso, ou retardá-lo indefinidamente.”

O homem que se encontra em uma posição má deseja mudá-la o mais rapidamente possível. Aquele que se persuadiu que as atribulações desta vida são consequências de suas próprias imperfeições procurará assegurar-se uma nova existência menos penosa. Este pensamento o desviará mais do caminho do mal do que o do fogo eterno, no qual não acredita.

196. Desde que os Espíritos não se aperfeiçoam senão por meio do sofrimento e das tribulações da existência corporal, conclui-se que a vida material é uma espécie de crivo ou de cadinho, pelo qual devem passar os seres do mundo espírita, para chegarem à perfeição?

“Sim, é precisamente isso. Eles melhoram por meio das provas, evitando o mal e praticando o bem. Mas só ao fim de muitas encarnações ou depurações sucessivas é que atingem, em um tempo mais ou menos longo e, segundo os seus esforços, o alvo que colimaram.”

196a. É o corpo que exerce influência sobre o Espírito, para o melhorar, ou é o Espírito que influi naquele?

“O Espírito é tudo. O corpo é uma veste que apodrece: eis tudo.”

No suco da vinha encontramos uma imagem material comparativa dos diferentes graus de depuração da alma. Ele contém o licor, aqui chamado espírito ou álcool, mas enfraquecido por uma grande quantidade de elementos estranhos que lhe alteram a essência, chegando à pureza absoluta somente após várias destilações, em cada uma das quais se despoja de alguma impureza. O alambique é o corpo no qual ele deve entrar para se depurar; as matérias estranhas são como o perispírito que se depura à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

Destinação das crianças após a morte

197. O Espírito de uma criança morta em tenra idade é tão evoluído quanto o de um adulto?

“Às vezes bem mais, porque pode ter passado por muitas existências e adquirido maior soma de experiências, sobretudo se progrediu.”

197a. O Espírito de uma criança pode, desta forma, ser mais adiantado que o de seu pai?

“Sim, pois não se tem visto frequentemente ocorrer este fato na Terra?”

198. Não tendo podido fazer o mal, o Espírito de uma criança morta em tenra idade pertence a alguma das categorias superiores?

“Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas por que tenha que passar. Se é um Espírito puro, não é pelo fato de ter sido criança, mas porque já se havia adiantado.”

199. Por que a vida se interrompe com certa frequência na infância?

“A duração da vida pode ser, para o Espírito que está encarnado, o complemento de uma existência interrompida antes do termo devido, e sua morte é, muitas vezes, uma prova ou uma expiação para os pais.”

199a. Em que se transforma o Espírito de uma criança que morre em tenra idade?

“Recomeça uma nova existência.”

Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, a sua destinação futura ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano que morre em tenra idade, para desfrutar, sem esforço, da felicidade eterna? E com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão difíceis, as quais se acha submetida a outra metade? Uma tal ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus. Com a reencarnação, faz-se a igualdade para todos; o futuro pertence a todos, sem exceção e sem favoritismo, e os retardatários só de si mesmos poderão queixar-se. O homem deve ter o mérito de suas ações, como tem a sua responsabilidade.

Não é, aliás, razoável, considerar a infância como um estado de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, em uma idade em que a educação ainda não exerce sua influência? Não se veem algumas delas portadoras de astúcia, de falsidade, de perfídia, do instinto mesmo do roubo e do assassinio, não obstante os bons exemplos que presenciam? A lei civil absolve seus erros, por considerar que suas atitudes são movidas pelos instintos e não por intenção deliberada. Entretanto, de onde podem vir esses instintos tão diversos entre crianças de mesma idade, educadas sob as mesmas condições e submetidas às mesmas influências? De onde procede essa perversidade precoce, senão da inferioridade do Espírito, pois que a educação nada teve com ela? Os que são viciosos, é que seus Espíritos progrediram menos e, então, sofrem as consequências, não por seus atos de criança, mas por suas existências anteriores. É assim que a lei se mostra a mesma para todos, bem como a justiça de Deus.

Sexo nos Espíritos

200. Os Espíritos têm sexo?

“Não como é entendido na Terra, pois os sexos dependem da constituição orgânica. Há entre os Espíritos amor e simpatia, mas fundamentados na afinidade de sentimentos.”

201. Em nova existência, o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher e vice-versa?

“Decerto, pois são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres⁴.”

202. Quando desencarnado, prefere o Espírito encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher?

“Isso pouco lhe importa. Tudo depende das provas pelas quais deverá passar.”

Os Espíritos encarnam-se homens ou mulheres, porque não há distinção de gênero entre eles. Como devem progredir em tudo, cada gênero, bem como cada posição social, oferece-lhes as provas e os deveres inerentes e novas ocasiões de adquirir experiências. Aquele que fosse sempre homem saberia tão somente o que sabem os homens.

Parentesco, filiação

203. Os pais transmitem aos filhos uma porção de sua alma ou apenas lhes dão a vida animal, a qual uma nova alma vem acrescentar a vida moral?

“A vida animal somente, porque a alma é indivisível. Um pai obtuso pode ter filhos inteligentes, e vice-versa.”

204. Desde que temos várias existências, o parentesco remonta às anteriores?

“Não pode ser de outro modo. A sucessão de existências corpóreas estabelece, entre os Espíritos, as ligações que remontam a existências anteriores. Disso decorrem, frequentemente, as causas de simpatia com certos Espíritos que lhes parecem estranhos.”

205. Aos olhos de certas pessoas a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família, fazendo-os recuar às existências anteriores.

“Ela os amplia ao invés de destruí-los. Com o parentesco fundamentado em afetos anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos frágeis. A reencarnação amplia os deveres da fraternidade, porque

⁴ Ver LUIZ, André (Espírito) e XAVIER, Francisco Cândido (Médium), em *Evolução em Dois Mundos*, 1ª Parte, c. XVIII e 2ª Parte, c. XVI. (N. do E.)

em seu vizinho ou em seu empregado pode se encontrar um Espírito que lhe tenha sido próximo em parentesco, em existências progressas.”

205a. Contudo, ela diminui a importância que alguns atribuem à sua filiação, porque podemos ter tido por pai um Espírito pertencente a uma outra raça ou que viveu em condição bastante diversa.

“É verdade, mas essa importância está fundada sobre o orgulho. O que a maioria honra em seus antepassados são os títulos, a classe, a fortuna. Este se acanharia de haver tido por avô um honrado sapateiro, mas se vangloriaria de descender de um nobre devasso. Mas por mais que digam ou façam, não impedirão que as coisas sejam como são, porque Deus não regulou as leis da Natureza pela vaidade das criaturas.”^()*

206. Desde que não há filiação entre os Espíritos descendentes de uma mesma família, segue-se que o culto aos antepassados seria uma coisa ridícula?

“Não, por certo, pois devemos sentir-nos felizes por pertencer a uma família na qual encarnam-se Espíritos elevados. Embora os Espíritos não descendam uns dos outros, não têm menos afeto por aqueles a eles ligados por laços de família, porque esses Espíritos são, frequentemente, atraídos a tal ou qual família em razão de simpatias ou laços anteriores. Mas os Espíritos dos antepassados não se sentem absolutamente honrados pelo culto que lhes seja rendido por mero orgulho. O mérito consiste apenas à medida que haja esforço por serem seguidos em seus bons exemplos. Somente assim é que a lembrança dos descendentes lhes pode ser, não somente agradável, mas também útil.”

Semelhanças físicas e morais

207. Quase sempre, os pais transmitem semelhanças físicas aos filhos. Transmitirão igualmente alguma semelhança moral?

“Não, porque se trata de almas ou Espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, há apenas consanguinidade.”^()*

^(*) Questão 205 – Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

207a. De onde vêm as semelhanças morais que existem, às vezes, entre pais e filhos?

“São Espíritos simpáticos, atraídos pela afinidade de suas inclinações.”^()*

208. O Espírito dos pais não exerce influência sobre o do filho, após o nascimento?

“Sim e muito, pois, como dissemos, os Espíritos devem concorrer para o mútuo progresso. Pois bem, os Espíritos dos pais têm como missão desenvolver os de seus filhos pela educação. É para eles uma tarefa: se falharem, serão considerados culpados.

209. Por que pais bons e virtuosos têm filhos de uma natureza perversa? Ou seja, por que boas qualidades dos pais não atraem sempre, pela sintonia, bons Espíritos como filhos?

“Um mau Espírito pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o conduzam a uma vida melhor e, muitas vezes, Deus o atende.”

210. Os pais podem, por seus pensamentos e preces, atrair como filho um bom Espírito, em vez de um Espírito inferior?

“Não, mas podem melhorar o Espírito da criança a quem deram nascimento e que lhes foi confiada. Este é seu dever; maus filhos significam provas para os pais.”

211. De onde vem a semelhança de caráter que existe amiúde, entre irmãos, sobretudo entre gêmeos?

“Espíritos simpáticos, que se aproximam pela similitude de seus sentimentos e que estão felizes por estarem juntos.”

212. Nos gêmeos siameses em que há certos órgãos comuns, coabitam dois Espíritos, isto é, duas almas?

“Sim, mas a semelhança de ambos faz com que pareçam uma só alma a seus olhos.”

213. Se os Espíritos se encarnam nos gêmeos pela simpatia, de onde lhes vêm a aversão mútua que, às vezes, se lhes nota?

“Não é uma regra que os gêmeos sejam Espíritos simpáticos. Espíritos maus podem querer lutar juntos no teatro da vida.”

^(*) Questão 207 – Veja Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

214. O que pensar das histórias de crianças que lutam no ventre da mãe?

“Linguagem figurada. Para simbolizar que seu ódio seja antigo, fazem-no remontar à fase anterior ao nascimento. Geralmente, os homens não têm muito claras as imagens poéticas.”

215. De onde vem o caráter distintivo que se observa em cada povo?

“Os Espíritos também formam famílias pela semelhança de suas tendências mais ou menos depuradas, segundo a sua elevação. Pois bem, um povo é uma grande família em que se reúnem Espíritos simpáticos. A tendência que têm os membros dessas famílias de se unirem é a origem da semelhança que determina o caráter de cada povo. Acreditar que Espíritos bons e humanos procurem um povo rude e grosseiro? Não; os Espíritos simpatizam com as coletividades como simpatizam com os indivíduos. Aí procuram o seu meio.”

216. Em suas novas existências o homem conserva traços do caráter moral de suas existências anteriores?

“Sim, isso pode acontecer, mas ao melhorar-se ele se modifica. Sua posição social pode, igualmente, não ser a mesma. Se de senhor, ele se torna escravo, suas inclinações serão diferentes e haveria dificuldade em reconhecê-lo. O Espírito sendo o mesmo nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, vez por outra, certas semelhanças, modificadas entretanto, pelos hábitos de sua nova posição, até que algum aperfeiçoamento notável mude completamente o seu caráter, pois de orgulhoso e mau pode tornar-se humilde e humano, desde que se haja arrependido.”

217. Em suas diferentes encarnações, o homem conserva os traços do caráter físico de existências anteriores?

“O corpo é destruído e o novo não tem nenhuma relação com o antigo. No entanto, o Espírito se reflete no corpo. Embora apenas matéria, é modelado pelas qualidades do Espírito que lhe imprimem um certo caráter, principalmente na fisionomia; essa é a razão por que, em geral, se diz que os olhos são o espelho da alma, isto é, o semblante reflete mais particularmente a alma. Existem pessoas esteticamente feias que, no entanto, têm alguma coisa que agrada quando refletem um Espírito bom, sensato, humano, enquanto que há belas fisionomias que nada despertam, ou mesmo provocam repulsa. Poder-se-ia acreditar que somente corpos

perfeitos revestem Espíritos adiantados; entretanto, não se encontram todos os dias homens de bem sob uma aparência disforme? Sem possuir uma semelhança pronunciada, a similitude dos gostos e das tendências pode dar, portanto, o que chamamos um ‘ar familiar’.

“Ao corpo que reveste a alma em uma nova encarnação, não tendo necessariamente relação com o anterior, pois pode provir de origem diferente, seria absurdo supor-se uma sucessão de existências ligadas por uma semelhança apenas circunstancial. Não obstante, as qualidades do Espírito modificam, frequentemente, os órgãos que servem às suas manifestações, imprimindo na fisionomia, e mesmo no conjunto das maneiras, um cunho característico. É assim que, sob o envoltório mais humilde, pode-se encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto que, sob o hábito do grande senhor, veem-se, por vezes, baixeza e ignomínia.

Certas pessoas provenientes da mais ínfima posição adquirem, sem esforço, os hábitos e as maneiras da alta sociedade, parecendo reencontrar o seu elemento, enquanto outras, malgrado seu nascimento e sua educação, estão sempre deslocadas.

Como explicar esse fato de outra forma senão como um reflexo do que foi o Espírito?”

Ideias inatas

218. O Espírito encarnado não conserva nenhum traço das percepções que teve e dos conhecimentos adquiridos em suas existências pretéritas?

“Resta-lhe uma vaga lembrança que lhe dá o que chamamos ideias inatas.”

218a. A teoria das ideias inatas não é, portanto, uma quimera?

“Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem. O Espírito, quando liberto da matéria, sempre guarda a lembrança. Durante a reencarnação, pode esquecê-las em parte, momentaneamente, mas a intuição que lhe fica ajuda o seu aprimoramento. Sem isso, teria sempre de recomeçar. A cada nova existência, o Espírito toma como ponto de partida aquele em que se encontrava em sua existência precedente.”

218b. Então deve haver uma grande correlação entre duas existências consecutivas?

“Nem sempre tão grande como, a seu turno, se possa acreditar, porque as posições são, quase sempre bem diferentes e, no intervalo de ambas, o Espírito pode progredir. (Ver questão 216.)

219. Qual é a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como os idiomas, o cálculo etc.?

“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas do qual ela própria não tem consciência, senão, de onde viriam? Mudam-se os corpos, mas não o Espírito, embora troque de vestimenta.”

220. De uma encarnação para outra, podem perder-se certas faculdades intelectuais, deixando-se de ter, por exemplo, o gosto pela arte?

“Sim, desde que se tenha aviltado essa faculdade, fazendo dela mau uso. Uma faculdade pode, de fato, permanecer latente durante uma existência, para reaparecer mais tarde, porque o Espírito pode querer exercer outra que não se relacione com ela.”

221. É a uma lembrança retrospectiva que deve o homem atribuir, mesmo no estado selvagem, o sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

“É uma lembrança que conserva daquilo que sabia como Espírito antes de encarnar, mas o orgulho muitas vezes obscurece esse sentimento.”

221a. É a essa lembrança que se devem certas crenças relativas à Doutrina Espírita e que se encontram em todos os povos?

“Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo. É por isso que a encontramos por toda a parte e é esta uma prova da sua veracidade. O Espírito encarnado, conservando a intuição de seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível; mas, muitas vezes, ela é desvirtuada pelos preconceitos, e a ignorância a permeia com a superstição.”

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

222. O dogma da reencarnação, dizem certas pessoas, não é novo; é simplesmente o ressurgimento da doutrina de Pitágoras¹. Não dissemos, jamais, que a Doutrina Espírita é uma invenção moderna. O Espiritismo, por ser decorrente da própria Natureza, deve ter existido desde a origem dos tempos. Temos sempre procurado provar que encontramos os seus traços desde a mais remota Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não é o criador do sistema da metempsicose², que tomou dos filósofos indianos e egípcios, que a tinham desde épocas imemoriais. A ideia da transmigração das almas era, portanto, uma crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. De que forma

¹ Pitágoras (580-500 a.C.): filósofo grego e matemático, considerado o pai da Filosofia. (*N. do E.*)

² Metempsicose (do grego **meta**, mudança, **en**, em, e **psikê**, alma). O problema da metempsicose aparece em Pitágoras como verdadeira antecipação do evolucionismo moderno. Há um enunciado atribuído à sua autoria, que diz: "A alma, percorrendo o ciclo da necessidade, muda de forma vivente em cada uma de suas etapas". Elabora, desta maneira, o pensamento de que o princípio inteligente estagia nos reinos inferiores. (*N. do E.*)

chegou até eles? Por revelação ou pela intuição? Não sabemos; mas seja como for, uma ideia não atravessa as eras e não é aceita pelas inteligências mais avançadas, se não tiver um aspecto sério. A antiguidade dessa doutrina seria, portanto, mais uma prova a seu favor que uma objeção. Mas, como se sabe, há entre o conceito de metempsicose dos antigos e a doutrina moderna da reencarnação a grande diferença de que os Espíritos rejeitam da maneira mais absoluta: a transmigração dos homens em animais e vice-versa.

Os Espíritos, ao ensinarem o dogma da pluralidade das existências corporais, renovam, portanto, uma doutrina que nasceu nas primeiras eras do mundo e que se conservou até os nossos dias, no pensamento íntimo de muitas pessoas; somente que apresentam-na sob um ponto de vista mais racional, mais conforme às leis progressivas da Natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, ao despojá-la de todos os acréscimos da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não foi apenas neste livro que eles a ensinaram nos últimos tempos. Desde antes da sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas em diversas regiões e multiplicaram-se, consideravelmente, depois. Seria, talvez, o caso de examinar-se por que todos os Espíritos não parecem estar de acordo sobre este ponto. É o que faremos logo mais.

Examinemos o assunto sob um outro ponto de vista, abstração feita a toda intervenção dos Espíritos. Deixemo-los de lado por um instante. Suponhamos que esta teoria não tivesse vindo deles; suponhamos mesmo que jamais se tenha cogitado sobre essa questão com os Espíritos. Coloquemo-nos, momentaneamente, em um campo neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade tanto para uma hipótese quanto para outra, a saber: a da pluralidade e da unicidade das existências corporais, e vejamos para qual lado nos levam a razão e o nosso próprio interesse.

Certas pessoas repelem a ideia da reencarnação pela única razão de que ela não lhes convém, dizendo que lhes basta uma existência e não desejam iniciar outra semelhante. Conhecemos algumas que, só à ideia de ter que voltar à Terra, ficam enfurecidas. Temos apenas

uma coisa a lhes perguntar: será que Deus deveria pedir-lhes conselhos e consultar-lhes as preferências para ordenar o Universo? Ora, das duas uma, ou a reencarnação existe ou não existe. Se existe, é inútil opor-se a ela, pois terão de sofrê-la, malgrado a sua vontade, sem que Deus lhes peça permissão para tal. Parece-nos ouvir um doente dizer: “Já sofri o bastante hoje, não vou tornar a sofrer amanhã”. Qualquer que seja a sua má vontade, isso não o fará sofrer menos amanhã ou nos dias que se seguirão, até que consiga curar-se. Da mesma forma, se devem reviver corporalmente, reviverão, tornarão a reencarnar-se; terão perdido tempo com protestos, como uma criança que não quer ir à escola ou um condenado à prisão, pois terão de passar por isso. Objeções dessa espécie são demasiado pueris para merecer um exame mais acurado. Não obstante, diremos a essas pessoas que a Doutrina Espírita, sobre a reencarnação, não é tão terrível como pensam e que, se a estudassem a fundo, não teriam do que se assustar. Saberiam que as condições dessa nova existência dependem delas mesmas: será feliz ou desventurada, segundo o que tenham feito neste plano *e podem, desde essa vida, elevar-se tão alto que não deverão temer cair no lodaçal.*

Supomos falar a pessoas que acreditam em um futuro qualquer após a morte, e não às que só têm o nada como perspectiva, ou que desejam mergulhar a alma no Todo Universal, sem conservar a individualidade, como gotas de chuva no oceano, o que, figuradamente, vem a ser o mesmo. Se, portanto, acreditam em um futuro qualquer, por certo não admitirão que ele seja o mesmo para todos, pois, de outro modo, qual seria a utilidade do bem? Por que reprimir-se? Por que não satisfazer a todas as paixões, todos os desejos, mesmo à custa dos outros, se isso não trouxer consequências? Acreditem, pelo contrário, que esse futuro será mais ou menos feliz ou desditoso, segundo o que tivermos feito durante a vida, e terão o desejo de que ele seja o mais feliz possível, pois deverá durar pela eternidade. Teriam, por acaso, a pretensão de ser uma das criaturas mais perfeitas que já existem sobre a Terra, com direito adquirido à felicidade suprema? Não. Admita-se, então, que há criaturas que valem mais que outras e que

têm direito a uma melhor situação, sem por isso considerar-se entre os réprobos. Pois bem, coloquem-se um instante, pelo pensamento, nessa situação intermediária, e supondo que alguém venha lhes dizer: “Sofrem, mas não são tão felizes quanto poderiam ser, enquanto têm, diante de si, seres que desfrutam de uma felicidade perfeita. Querem trocar a sua posição com a deles?” – “Sem dúvida!”, diriam, “o que é necessário fazer?” – “Quase nada: recomeçar o que fizeram de mal e procurar fazê-lo melhor.” – Hesitariam em aceitar mesmo ao preço de várias existências em provação?

Façamos uma comparação mais prosaica. Se a um homem que, sem estar na extrema miséria, passa por privações por causa da precariedade de seus recursos, viessem a dizer: “Eis uma imensa fortuna, que lhe pode ser entregue para desfrutar. É necessário, porém, trabalhar duramente durante um minuto”. Se fosse o maior preguiçoso da Terra, diria sem hesitar: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se necessário; o que será isso para terminar minha vida na abundância?”. Ora, o que é a duração da vida corporal, em relação à da eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Ouvimos, por vezes, este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem o reinício de uma série de misérias e de tribulações. Acharão, por acaso, que há mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpétuo por alguns momentos de erro, do que facultar-lhe os meios de reparar as suas faltas? “Dois fabricantes tinham, cada qual, um operário que poderia aspirar a se tornar sócio da firma. Ora, aconteceu que esses dois operários empregaram mal, certa vez, a sua jornada de trabalho e mereceram ser despedidos. Um dos dois fabricantes despediu o seu empregado, malgrado suas súplicas, e este, não mais conseguindo emprego, morreu na miséria. O outro disse ao seu: ‘Pela perda de um dia de trabalho, deve-me a reparação; eu lhe permito recomeçar. Trate de fazê-lo bem e eu o conservarei e poderá continuar aspirando à posição superior que eu lhe havia prometido’”. É necessário perguntar qual dos dois empresários foi mais humano? Deus, a própria clemência, seria mais inexorável que um homem?

O pensamento de que o nosso destino está, para sempre, traçado em alguns anos de provas, ainda mesmo quando nem sempre dependesse de nós atingir a perfeição na Terra, tem qualquer coisa de pungente; enquanto que a ideia contrária é eminentemente consoladora, pois não nos tira a esperança.

Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitir uma hipótese mais do que a outra, diremos que, se pudéssemos escolher, ninguém preferiria um julgamento sem apelo. Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo, para a felicidade do gênero humano³. Mas, como dissemos, Deus não nos pede permissão; não consulta as nossas preferências.

Vejamos as probabilidades e tomemos o problema sob outro ponto de vista, sempre fazendo abstração do ensinamento dos Espíritos e, unicamente, como estudo filosófico.

Se não há reencarnação, é evidente que há apenas uma existência corporal. Se nossa existência corporal atual é a única, a alma de cada criatura foi criada por ocasião de seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma. Mas, neste caso, perguntaríamos o que era a alma antes do nascimento e se o seu estado não constituiria uma existência, sob uma forma qualquer. Não há, pois, meio-termo: ou a alma existia ou não existia antes do corpo. Se existia, qual era a sua situação? Teria ou não consciência de si mesma? Se não tivesse, é quase como se não existisse; contrariamente, a sua individualidade seria progressiva ou estacionária? Tanto num como noutro caso, qual a sua situação ao reencarnar? Admitindo, segundo a crença popular, que a alma nasce com o corpo, o que dá no mesmo dizer que, anteriormente à sua encarnação, tivesse apenas faculdades negativas, propomos, então, as questões seguintes:

1. Por que a alma revela aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação?

³ Allan Kardec refere-se a François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (1694-1778), filósofo francês do Iluminismo. (*N. do E.*)

2. De onde vem a aptidão extranormal de certas crianças em tenra idade por esta arte ou aquela ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou sofríveis por toda a vida?

3. De onde vêm, para alguns, as ideias inatas ou intuitivas, que não existem para outros?

4. De onde vêm, para certas crianças, esses impulsos precoces para os vícios ou virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza que contrastam com o meio no qual nasceram?

5. Por que certos homens, independente da educação recebida, são mais adiantados que outros?

6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomarmos uma criança hotentote⁴, de peito, e a educarmos, levando-a aos mais renomados liceus, faremos dela um Laplace ou um Newton⁵?

Perguntamos qual é a filosofia ou a teosofia⁶ que pode resolver esses problemas? Ou as almas são ou não iguais ao nascerem – quanto a isso não há dúvida. Se iguais, porque tão grande diversidade de aptidões? Dirão que depende do organismo. Neste caso, teríamos uma doutrina mais monstruosa e mais imoral. O homem seria simples máquina, joguete da matéria, sem responsabilidade por seus atos, pois poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, foi Deus quem as criou assim. Então, por que a inata superioridade, conferida a uns poucos? Essa parcialidade estaria conforme a Sua justiça e ao amor que consagra a todas as Suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências anteriores e progressivas e tudo estará explicado. Os homens trazem, ao nascer, a intuição das suas conquistas pretéritas. São mais ou menos adiantados, segundo o número de existências que tenham percorrido

⁴ Hotentote: grupo étnico do sul da África, encontrados na periferia do deserto de Kalaari; caracterizam-se pela pequena estatura. (*N. do E.*)

⁵ Pierre Simon, Marquês de Laplace (1749-1827), matemático e astrônomo francês, autor de famosa teoria que tem o seu nome, segundo a qual o Universo teve início com a violenta rotação de uma nebulosa inicial; Sir Isaac Newton (1642-1727), matemático e filósofo, estabeleceu os fundamentos da Física contemporânea. (*N. do E.*)

⁶ Quando Kardec coloca a palavra **teosofia** não se refere à Sociedade Teosófica, criada a partir de 1875, mas no sentido generalizado em que, na época, dava-se à palavra, isto é, conhecimento das coisas divinas, de forma intuitiva e racional. (*N. do E.*)

ou conforme o grau de distanciamento do ponto de partida. Como em uma reunião de indivíduos de todas as idades, na qual cada um terá um desenvolvimento proporcional ao número de anos vividos. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a vida do corpo. Reúnam mil indivíduos de um a oitenta anos, lançando-se um véu sobre todos os dias precedentes e, acreditando-se pois, terem nascido todos no mesmo dia: perguntar-se-ia, naturalmente, por que uns seriam grandes e outros pequenos, outros velhos ou jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes. Mas se a nuvem que oculta o passado for afastada, compreender-se-á que todos viveram por mais ou menos tempo e, então, tudo estará explicado. Deus, na sua justiça, não poderia criar almas mais perfeitas e outras menos perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos não tem nada contrário à mais rigorosa equidade, porque só vemos o presente e não o passado: Este raciocínio repousa sobre um sistema, uma simples suposição? Não; partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral. Só este fato torna-se inexplicável por todas as teorias correntes, enquanto que a explicação é simples, natural e lógica, por uma nova teoria. Seria racional preferir aquelas que nada esclarecem a esta que tudo explica?

No que diz respeito à sexta questão, dir-se-á, sem dúvida, que o hotentote é de uma raça inferior; perguntamos, então, se o hotentote é ou não humano. Se é humano, por que Deus teria, a ele e toda a sua raça, deserdado dos privilégios concedidos à raça caucasiana? Se não o é, por que torná-lo cristão? A Doutrina Espírita é mais ampla que tudo isso. Para ela, não há muitas espécies de homens, mas apenas homens, seres humanos, cujos Espíritos são portadores de maior ou menor evolução, mas sempre perfectíveis. Isto não está mais em conformidade com a justiça de Deus?

Apreciamos a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos com vistas ao seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades:

1. Se a existência atual deve ser decisiva para o destino futuro, qual é, na vida porvindoura, a posição respectiva do selvagem e do homem

civilizado? Estarão no mesmo nível ou distanciados no que diz respeito à felicidade eterna?

2. O homem que trabalhou por toda a vida para tornar-se melhor estará no mesmo plano daquele que permaneceu inferior, não por opção deliberada, mas porque não teve o tempo nem a possibilidade de melhorar?

3. O homem cuja existência prevalente no mal, por não ter podido esclarecer-se, é culpado pelo estado de coisas que dele em nada dependeu?

4. Trabalha-se para esclarecer os homens, para moralizá-los e civilizá-los; mas, para cada um que se esclarece, há milhões que morrem a cada dia, antes que a luz os alcance. Qual é o destino destes? Serão tratados como réprobos? Caso contrário, o que fizeram para merecer estar no mesmo patamar que os outros?

5. Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer o bem nem o mal? Se estiverem entre os eleitos, por que esse favor, sem nada terem feito para merecê-lo? Por qual privilégio foram elas subtraídas às tribulações da vida?

Haverá uma doutrina capaz de responder a essas questões? Admitam as existências consecutivas e tudo estará explicado conforme a justiça divina. O que não pudemos fazer em uma existência faremos em outra. É assim que ninguém escapa à lei do progresso. Cada um será recompensado segundo o seu real mérito e ninguém será excluído da felicidade suprema, a que pode aspirar, quaisquer que sejam as razões que possam obstacular-lhe o caminho.

Essas questões poderiam ser desdobradas ao infinito, porque os problemas psicológicos e morais, que não encontram solução, senão na pluralidade das existências, são inumeráveis. Limitamo-nos apenas aos mais comuns.

Seja como for, talvez se diga que a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja; isto seria, portanto, a subversão da religião. Nosso objetivo não é tratar desta questão neste momento. Basta-nos demonstrar que a doutrina é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que

proclame Deus como a bondade e a razão por excelência. O que teria acontecido à religião se, contra a opinião universal e o testemunho da Ciência, tivesse resistido aos fatos e rejeitado qualquer um que não acreditasse no movimento do Sol ou nos seis dias da Criação? Que mérito, e que autoridade teria, entre os povos esclarecidos, uma religião fundada sobre erros manifestos, dados como artigos de fé? Quando a evidência foi demonstrada, a Igreja sabiamente alinhou-se ao seu lado. Se está provado que existem coisas que seriam impossíveis sem a reencarnação, se certos pontos do dogma podem ser explicados tão somente por esse meio, seria necessário admiti-la e reconhecer que o antagonismo dessa doutrina e dos dogmas é apenas aparente. Mais tarde, mostraremos que a religião esteja, talvez, menos afastada desta doutrina do que se pensa, e que ela não sofreria mais ao admiti-la do que com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, num primeiro momento, pareciam opor um desmentido aos textos sagrados. O princípio da reencarnação ressalta, aliás, em várias passagens das Escrituras, encontrando-se notadamente formuladas, de forma explícita, no Evangelho:

“Descendo eles da montanha (após a transfiguração), Jesus ordenou-lhes: ‘Não digais às pessoas o que vistes, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos’. Seus discípulos, então, perguntaram-Lhe: ‘Por que razão os escribas dizem que é necessário que Elias venha primeiro?’. E Jesus, respondendo, lhes disse: ‘Eis que Elias deve vir primeiro e restabelecerá todas as coisas. Mas eu lhes declaro que Elias já veio e não o reconheceram, antes o fizeram sofrer tudo quanto quiseram. É assim também que farão morrer o Filho do Homem’. Então Seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado”. (Mateus, 17: 9-13)

Se nesta passagem João Batista era Elias, houve então a reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Seja qual for a opinião que se tenha sobre a reencarnação, quer a aceitem ou não, ninguém dela estará isento, apesar de toda crença em contrário. O ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é eminentemente cristão: ele se apoia na imortalidade da alma, nas penas

e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo e, portanto, não é antirreligioso.

Raciocinamos, como dissemos, fazendo abstração a todo ensinamento espírita que, para certas pessoas, não tem autoridade. Se, como tantos outros, adotamos a opinião da pluralidade das existências, não é somente porque ela nos veio dos Espíritos, mas porque nos parece a mais lógica e a única que resolve as questões até então insolúveis. Que ela nos viesse de um simples mortal, e a adotaríamos da mesma forma, não hesitando em renunciar aos nossos próprios conceitos. No momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder que a ganhar ao se agarrar a uma ideia falsa. Do mesmo modo a teríamos repellido, embora viesse dos Espíritos, se nos parecesse contrária à razão, como repelimos tantas outras. Porque sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que vem dos Espíritos, como o que vem da parte dos homens. Seu primeiro título aos nossos olhos é, antes de tudo, o de ser lógico. Mas há um outro, que é o de ser confirmada pelos fatos: fatos positivos e, por assim dizer concretos, que um estudo atento e racional pode revelar a quem se dê ao trabalho de observá-los com paciência e perseverança e diante dos quais a dúvida não é mais possível. Quando esses fatos se popularizarem, como ocorreu com os da formação e do movimento da Terra, será necessário render-se às evidências e os opositores terão gasto em vão os seus argumentos contrários.

Sintetizando, reconhecemos que a doutrina da pluralidade das existências é a única a explicar aquilo que, sem ela, é inexplicável. Que é eminentemente consoladora e, conforme, à justiça mais rigorosa, sendo para o homem, a tábua de salvação que Deus lhe concedeu em Sua misericórdia.

As próprias palavras de Jesus não podem deixar dúvida a respeito. Eis o que se lê em João, 3:3-7:

Jesus, respondendo a Nicodemos, diz: “Em verdade, em verdade te digo, que se um homem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: ‘Como um homem pode nascer quando está velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe e nascer uma segunda vez?’ Respondeu-lhe Jesus: ‘Em verdade, em verdade te digo que se um homem não nascer da água e

*do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te maravilhes de eu te haver dito: necessário vos é nascer de novo”*⁷. (Ver no artigo *Ressurreição da carne* nº 1010.)

⁷ Desde 1961, o médico psiquiatra e professor da Universidade de Virgínia, dr. Ian Stevenson empreendeu viagens de estudo por países do Oriente e do Ocidente, e em 1966, lançou o livro *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*. Em 1997, com mais de 2.000 casos de reencarnação pesquisados e documentados, publicou o trabalho intitulado *Reincarnation and Biology: a Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*, e *Where Reincarnation and Biology Intersect*, ainda sem tradução para o Português. Aqui no Brasil, o engenheiro Hernani Guimarães Andrade fundou, em 1963, o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP, onde acumula investigações de casos de reencarnação, *poltergeist*, mediunidade, além de estudos sobre o perispírito, psiquântico e transcomunicação instrumental. Seu livro *Reencarnação no Brasil* é um clássico no gênero. (N. do E.)

VIDA ESPÍRITA

Espíritos errantes

223. A alma reencarna-se imediatamente à separação do corpo?

“Por vezes, de imediato; mas, na maioria das vezes, após intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Com a matéria corpórea menos grosseira, o Espírito encarnado desfruta de quase todas as faculdades do Espírito. Seu estado normal é como o dos seus sonâmbulos lúcidos.”

224. Que é a alma nos intervalos das encarnações?

“Espírito errante que aspira a um novo destino e o aguarda.”

224a. Qual pode ser a duração desses intervalos?

“Desde algumas horas a alguns milhares de séculos. De resto, não há, propriamente falando, limite extremo determinado ao estado errante, que pode prolongar-se por muito tempo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá de voltar a uma existência que sirva à purificação de suas existências precedentes.”

224b. Essa duração está subordinada à vontade do Espírito ou pode ser imposta como expiação?

“É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas é também, para alguns, uma punição infligida por Deus. Outros pedem o seu prolongamento para prosseguir estudos que não podem ser realizados com proveito, senão no estado de Espírito.”

225. A erraticidade é, por si mesma, um sinal de inferioridade do Espírito?

“Não, porque há Espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, já o dissemos. Em seu estado normal, o Espírito é livre das constrações da matéria.”

226. É lícito dizer que todos os Espíritos não encarnados são errantes?

“Os que devem reencarnar-se, sim; os Espíritos puros, que chegaram à perfeição, não são mais errantes: seu estado é definitivo.”

No tocante às suas qualidades íntimas, os Espíritos se enquadram em diferentes ordens ou graus, pelos quais passam sucessivamente, à medida que se depuram. No que diz respeito ao estado, podem ser: *encarnados*, quer dizer, unidos a um corpo; *errantes*, ou desligados do corpo material e esperando uma nova encarnação para evoluírem; *Espíritos puros*, perfeitos, não tendo mais necessidade da encarnação.

227. De que maneira os Espíritos errantes se instruem; decerto não o fazem da mesma maneira que nós?

“Estudam o seu passado, procurando meios de se elevarem. Observam o que se passa nos lugares que percorrem. Escutam os discursos dos homens esclarecidos, bem como os conselhos dos Espíritos mais elevados; tudo isso lhes possibilita agregar ideias que não possuíam.”

228. Conservam os Espíritos algumas paixões humanas?

“Os Espíritos elevados, ao perderem o seu envoltório, deixam as más inclinações e guardam apenas as do bem, mas os inferiores, contudo, as conservam pois, de outro modo, pertenceriam à primeira ordem.”

229. Por que os Espíritos, ao deixarem a Terra, não abandonam as suas más paixões, ao lhes reconhecer os inconvenientes?

“Há nesse mundo pessoas excessivamente vaidosas. Crê que, ao deixá-lo, perderão esse defeito? Ele permanece, após a partida da Terra, sobretudo para os que tiveram paixões bem vivas, como uma espécie de atmosfera que os envolve, conservando todas essas coisas más, porque o Espírito não está plenamente desprendido. É apenas por momentos que entrevê a verdade, como para mostrar-lhe o bom caminho.”

230. O Espírito progride no estado errante?

“Pode melhorar muito, sempre segundo a sua vontade e o seu desejo, mas é na existência corpórea que ele colocará em prática as novas ideias que adquiriu.”

231. Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes?

“Em maior ou menor proporção, segundo seus méritos. Sofrem das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes de conformidade com o grau de desmaterialização a que chegaram. No estado errante, o Espírito entrevê o que lhe falta para ser mais feliz. É assim que busca os meios de o alcançar; mas nem sempre lhe é permitido reencarnar-se à vontade, o que significa uma punição.”

232. Podem os Espíritos errantes ir a todos os mundos?

“Depende. Quando o Espírito deixou o corpo, não está plenamente desligado da matéria e pertence ainda ao mundo em que viveu ou a um mundo do mesmo grau, a menos que, durante a vida, tenha se elevado. Eis o objetivo para o qual deve focar as suas atenções. Sem isso, não se aperfeiçoará jamais. Poderá ir a certos mundos superiores, porém, passando por eles como estrangeiro. Consegue apenas, por assim dizer, entrevê-los e é isso que lhe dá o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade que neles se desfruta e poder habitá-los mais tarde.”

233. Os Espíritos já depurados vêm aos mundos inferiores?

“Eles vêm frequentemente, a fim de ajudá-los a progredir; sem isso, os mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para os orientar.”

Mundos transitórios

234. Existem, como foi dito, mundos que servem de estações ou de pontos de repouso aos Espíritos errantes?

“Sim, há mundos particularmente atribuídos aos seres errantes, mundos nos quais podem habitar temporariamente, espécie de campos de repouso para erraticidades muito longas, que são sempre um pouco penosas. São posições intermediárias entre os outros mundos, graduados segundo a natureza dos Espíritos que podem atingi-los e que neles desfrutam maior ou menor bem-estar.”

234a. Cabem aos Espíritos que habitam esses mundos a decisão de deixá-los quando assim o quiserem?

“Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los para seguir o seu destino. São como aves de arribação descendo numa ilha para recuperarem as forças e poderem seguir avante.”

235. Os Espíritos progredem durante essas estações nos mundos transitórios?

“Certamente. Os que assim se reúnem têm o objetivo de se instruírem e de mais facilmente obter a permissão de ir a lugares em melhor situação, até chegar à posição dos eleitos.”

236. Os mundos transitórios são, por sua particular natureza, perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

“Não; sua posição é apenas temporária.”

236a. Eles são, ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos?

“Não; sua superfície é estéril. Os que os habitam não têm necessidade de nada.”

236b. Essa esterilidade é permanente e deve-se à sua natureza especial?

“Não; eles são transitoriamente estéreis.”

236c. Esses mundos seriam, então, desprovidos de belezas naturais?

“A Natureza se traduz pelas belezas da imensidão, que não são menos admiráveis das chamadas belezas naturais em seu mundo.”

236d. Desde que é transitório o estado desses mundos, a Terra estará algum dia entre eles?

“Já estive.”

236e. Em que época?

“Durante a sua formação.”

Nada é inútil na Natureza: cada coisa tem a sua finalidade, a sua destinação; nada é vazio, tudo é habitado, a vida se expande por toda a parte. Assim, durante o lento escoar do tempo antes do surgimento do homem sobre a Terra, esses períodos de transição, comprovados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos sobre essa massa informe, nesse árido caos onde os elementos se confundiam, não havia ausência de vida. Seres que não tinham as nossas necessidades, nem as nossas sensações físicas, ali encontravam um refúgio. Deus quis que, mesmo nesse estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem, portanto, ousaria dizer que entre esses milhares de mundos que circulam na imensidão um só, um dos menores, perdido na multidão, tivesse o privilégio exclusivo de ser povoado? Qual seria,

portanto, a utilidade dos outros? Deus os teria feito apenas para recrear os nossos olhos? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que brilha em todas as Suas obras e inadmissível quando se pensa em todas as que estão fora de nossa percepção. Ninguém poderá negar que há, nesta ideia de mundos ainda impróprios à vida material, não obstante povoados por seres inerentes ao meio, qualquer coisa de grande e sublime, em que se encontre talvez a solução de muitos enigmas¹.

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos

237. A alma, uma vez no mundo dos Espíritos, conserva as mesmas percepções que tinha nesta vida?

“Sim, e outras que não possuía, porque o seu corpo era como um véu que as obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, mas se manifesta mais livremente quando não tem entraves.”

238. As percepções e os conhecimentos dos Espíritos são ilimitados, ou seja, sabem eles todas as coisas?

“Quanto mais se aproximam da perfeição, mais sabem. Espíritos de hierarquia superior possuem um amplo universo de conhecimentos. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes com relação a todas as coisas.”

239. Os Espíritos conhecem o princípio das coisas?

“Conforme a sua elevação e a sua pureza. Os Espíritos inferiores não sabem mais do que os homens.”

240. Os Espíritos compreendem a duração do tempo como nós?

“Não, e é isso que faz com que nem sempre nos compreendamos, quando se trata de fixar datas ou épocas.”

Os Espíritos vivem fora da percepção do tempo, como nós o compreendemos. A duração, para eles, praticamente inexistente e os séculos, se longos para nós, não são mais do que instantes que desaparecem na eternidade. Da mesma forma que, para aquele que se eleva no espaço, as desigualdades do solo se apagam e desaparecem.

¹ Ver KARDEC, Allan. *A Gênese*, c. VI. (N. do E.)

241. Os Espíritos fazem do presente uma ideia precisa e mais justa que nós?

“Precisamente como aquele que, vendo claramente, tem uma ideia mais justa das coisas do que o cego. Os Espíritos veem o que os homens não veem e julgam diferentemente destes últimos. Mas ainda uma vez, isso depende de sua elevação.”

242. Por que meios têm os Espíritos o conhecimento do passado? Esse conhecimento tem limites?

“O passado, quando dele nos ocupamos, é o presente; precisamente quando, de vossa parte, lembrar-vos de um fato que vos tenha causado profunda impressão no curso de vossa existência. Como não temos mais o véu material que obscurece a nossa inteligência, lembramo-nos das coisas que desapareceram da sua memória. Mas nem tudo é conhecido pelos Espíritos: a começar pela sua própria criação.”

243. Os Espíritos conhecem o futuro?

“Isso ainda depende da sua perfeição. Amiúde apenas o entreveem, mas nem sempre lhes é permitido revelar. Quando o veem, ele lhes parece presente. O Espírito vê o futuro mais claramente à medida que se aproxima de Deus. Após a morte, a alma vê e abrange de relance suas migrações passadas, mas não pode ver o que Deus lhe prepara. Para tanto, é preciso que esteja totalmente integrada nele, após sucessivas existências.”

243a. Os Espíritos que alcançaram a perfeição absoluta têm pleno conhecimento do futuro?

“Plenamente, não é a palavra, porque somente Deus é o único e soberano Senhor e ninguém o pode igualar.”

244. Os Espíritos veem a Deus?

“Somente os Espíritos superiores O veem e O compreendem. Os inferiores O sentem e O adivinham.”

244a. Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou lhe permite isto ou aquilo, como sabe que a proibição ou a permissão lhe vêm de Deus?

“Ele não vê a Deus, mas sente a Sua soberana vontade e, quando uma coisa não deve ser feita ou uma palavra não deve ser dita, sente como uma intuição, uma advertência invisível que o inibe de fazê-lo. Não lhes

ocorrem pressentimentos, que são como advertências secretas para fazer ou não tal coisa? É o mesmo conosco, somente em grau superior, porque, sendo a essência dos Espíritos mais sutil, permite-nos melhor receber as advertências divinas.”

244b. A ordem é transmitida diretamente por Deus ou por intermédio de outros Espíritos?

“Não vem diretamente de Deus, pois, para comunicar-se com Ele, é necessário ser digno. Deus transmite as Suas ordens pelos Espíritos que se acham em grau superior em perfeição e em instrução.”

245. A visão dos Espíritos é circunscrita como nos seres corpóreos?

“Não; é uma faculdade geral.”

246. Os Espíritos têm necessidade da luz para ver?

“Veem por si mesmos, independentemente de luz exterior. Para eles a treva não existe, a não ser aquela na qual podem encontrar-se por expiação.”

247. Os Espíritos têm necessidade de se transportar para ver dois lugares diferentes? Podem ver simultaneamente um e outro hemisfério do globo?

“Como o Espírito se transporta com a rapidez do pensamento, podemos dizer que vê por toda parte de uma só vez. Seu pensamento pode irradiar e dirigir-se, a um só tempo, a vários pontos diferentes. Mas essa faculdade depende de sua pureza: quanto menos puro for o Espírito, mais limitada será a sua visão. Somente os Espíritos superiores podem ter visão de conjunto.”

A faculdade de ver dos Espíritos, inerente à sua natureza, difunde-se por todo o seu ser, como a luz em um corpo luminoso; é uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, envolvendo simultaneamente o espaço, o tempo e as coisas, e para a qual não há nem trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim, pois, no homem, a visão se opera por meio de um órgão sensível à luz, sem a qual ficará na obscuridade. Mas nos Espíritos, a faculdade de ver, abstração feita a qualquer agente exterior, é um atributo próprio, independentemente da luz. (Ver Forma e Ubiquidade dos Espíritos, questão 92.)

248. O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

“Mais distintamente, porque a visão do Espírito penetra o que a sua não pode penetrar. Nada a obscurece.”

249. O Espírito percebe os sons?

“Sim e até aqueles que são imperceptíveis aos vossos sentidos imperfeitos.”

249a. A faculdade de ouvir, bem como a de ver, está em todo o seu ser?

“Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu ser. Quando ele se reveste de um corpo material, elas se manifestam pelos meios orgânicos, mas, no estado de liberdade, não estão mais localizadas.”

250. Desde que as percepções são atributos do Espírito, ele pode deixar de usá-las?

“O Espírito vê e entende apenas o que quer. Isto de uma maneira geral e, sobretudo, para os Espíritos elevados, porque os imperfeitos, ouvem e veem muitas vezes, malgrado a sua vontade, o que pode ser útil ao seu adiantamento.”

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

“Refere-se à música da Terra? O que é ela perante a música celeste? Essa harmonia da qual ninguém pode ter sequer uma ideia? Uma é para a outra o que o canto do selvagem é para a suave melodia. No entanto, os Espíritos vulgares podem provar um certo prazer em ouvir a música dos homens, porque ainda não compreendem outra mais sublime. A música tem, para os Espíritos, encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo quanto a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.”

252. Os Espíritos são sensíveis às belezas da Natureza?

“As belezas naturais dos diversos planetas são tão diferentes, que estamos longe de conhecê-las todas. Sim, são sensíveis, segundo sua aptidão para apreciá-las e compreendê-las. Para os Espíritos elevados há belezas de conjunto, diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas dos detalhes.”

253. Experimentam os Espíritos as nossas necessidades e sofrimentos físicos?

“Eles os conhecem porque os sofreram, mas não os experimentam materialmente como os encarnados, porque são Espíritos.”

254. Os Espíritos sentem fadiga e necessidade de repouso?

“Não podem senti-la tal como a entendem no plano físico e, por conseguinte, não têm necessidade do repouso corporal, pois não têm órgãos nos

quais as forças devam ser restauradas. Mas o Espírito repousa, no sentido em que não está numa atividade constante. Não age de uma maneira material, sua ação é toda intelectual e seu repouso todo moral. Há momentos em que seu pensamento diminui de atividade e não se dirige a um alvo determinado; este é um verdadeiro repouso, mas não comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos podem provar está na proporção de sua inferioridade, pois, quanto mais elevados se tornam, menos lhes é necessário o repouso.”

255. Quando um Espírito diz que sofre, qual a natureza do seu sofrimento?

“Angústias morais, que o atormentam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos.”

256. Como se explica, então, que alguns Espíritos se queixem de sofrer frio ou calor?

“Lembrança do que sofreram durante a vida e, por vezes, tão penosa quanto a realidade. É, muitas vezes, uma comparação que fazem, para melhor exprimirem a sua situação. Quando se lembram do corpo, provam uma espécie de impressão, como quando tiramos uma capa e, algum tempo depois, acreditamos ainda vesti-la.”

Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos

257. O corpo é o instrumento da dor; se não é a sua primeira causa, é ao menos a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, mas não pode implicar em ação física. Com efeito, nem o frio nem o calor podem desestruturar os tecidos da alma, pois esta não pode regelar-se nem queimar. Não vemos, todos os dias, a lembrança ou a expectativa angustiada diante de um mal físico, produzir os seus efeitos, ocasionando até mesmo a morte? Todos sabem que as pessoas que sofreram amputações sentem dor no membro que não possuem mais. Seguramente não é esse membro a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor. O cérebro conserva a impressão, eis tudo. Podemos, desta forma, acreditar que há qualquer coisa de semelhante nos sofrimentos dos

Espíritos após a morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha papel importante em todos os fenômenos espíritas, como nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado do Espírito no momento da morte, na ideia tão frequente, de que ainda está vivo, na situação surpreendente dos suicidas, dos supliciados, das pessoas que viveram tão somente para desfrutar dos prazeres materiais e tantos outros fatos, vieram lançar luz sobre esta questão, dando lugar às explicações de que apresentamos aqui um resumo.

O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo. É tomado do meio ambiente, do fluido universal. Contém, ao mesmo tempo, eletricidade, fluido magnético e, até certo ponto, a matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessência da matéria; é o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual, pois esta pertence ao Espírito. É, igualmente, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações estão localizadas nos órgãos que lhes servem de canal. Destruído o corpo, as sensações se generalizam. Eis por que o Espírito não diz que sofre mais da cabeça que dos pés. A propósito, é necessário precavermo-nos de confundir as sensações do perispírito, independente das do corpo: podemos tomar estas últimas apenas como termo de comparação e não como analogia. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é o mesmo do corpo. Não obstante, não é um sofrimento unicamente moral, como o remorso, pois o Espírito se queixa das sensações de frio e calor. Mas não sofre mais no inverno que no verão: vemo-los passar por entre as chamas sem nada provar de penoso, o que evidencia que a temperatura não exerce sobre eles nenhuma impressão. A dor que sentem não é, portanto, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo do qual o próprio Espírito nem sempre tem perfeita consciência, precisamente porque não é localizada nem produzida por agentes exteriores; é antes uma lembrança penosa. Da mesma forma, há mais que uma lembrança, como veremos.

A experiência nos ensina que, no momento da morte, o perispírito se desprende gradativamente do corpo; nos primeiros instantes, o Espírito não compreende a sua situação; não acredita estar morto, sente-se vivo. Vê seu corpo ao lado, sabe que é seu e não entende porque esteja

separado. Esse estado perdura por todo o tempo enquanto existir um liame entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos relatou: “Não, eu não estou morto”, e acrescentava: “*e, no entanto, sinto os vermes que me roem*”. Ora, seguramente, os vermes não roíam o perispírito e, ainda menos, o Espírito mas, sim, o corpo. Mas, como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, havia uma espécie de repercussão moral, que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão não é bem o termo, pois poderia dar a entender um efeito muito material. É antes a visão do que se passava no corpo ao qual o perispírito continuava ligado, que produzia nele essa ilusão, tomada por real. Assim, não se tratava de uma lembrança, pois durante sua vida não fora roído pelos vermes: era uma sensação atual.

Vemos, portanto, as deduções que podemos tirar dos fatos, quando observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que chamamos de fluido nervoso. O corpo, estando morto, não sente mais nada, porque não possui mais Espírito, nem perispírito. O perispírito, desligado do corpo, prova a sensação; mas como esta não lhe chega através de um canal limitado, torna-se generalizado. Ora, como o perispírito é, na realidade, apenas um agente de transmissão, pois é o Espírito que tem a consciência, deduz-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais do que um corpo quando morto. Da mesma forma, se o Espírito não tivesse perispírito, estaria inacessível a toda sensação penosa. É o que ocorre com os Espíritos completamente depurados. Sabemos que, quanto mais o Espírito se purifica, mais eterizada se torna a essência do perispírito, de modo que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o perispírito se torna menos denso.

Mas, dir-se-á, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, tanto quanto as desagradáveis. Ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Sem dúvida, àquelas que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som de nossos instrumentos, o perfume de nossas flores não lhes produz nenhuma impressão e, não obstante, eles desfrutam de sensações íntimas, de um

encanto indefinível, que não podemos ter nenhuma ideia, porque estamos para elas como cegos de nascença para a luz. Sabemos que essas sensações agradáveis e sutis existem; mas por qual meio? Aí se detém o nosso conhecimento. Sabemos que o Espírito possui percepção, sensação, audição, visão – que essas faculdades são atributos de todo o seu ser e não apenas de certos órgãos, como no homem. Mas, ainda uma vez, de que forma? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não podem nos explicar, pois nossa língua não foi feita para exprimir ideias que não possuímos, assim como na língua dos selvagens não existem vocábulos que expressem as nossas artes, as nossas ciências e as nossas doutrinas filosóficas.

Ao dizer que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, falamos dos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não possui termos análogos por aqui. Não é o mesmo com aquele cujo perispírito é mais denso, pois percebe os nossos sons e sente os nossos odores, mas não por uma parte específica de seu corpo, como quando vivo. Poderíamos dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser, chegando, assim, ao seu *sensorium commune*², que é o próprio Espírito, mas de uma forma diversa, produzindo uma impressão diferente, o que acarreta uma alteração na percepção. Ouvem o som de nossa voz e, portanto, compreendem-nos sem necessidade da palavra, apenas pela transmissão do pensamento, o que é demonstrado pelo fato de haver uma maior condição de penetrabilidade para o Espírito desmaterializado.

Quanto à visão, é independente de nossa luz, pois a faculdade de ver é um atributo essencial à alma: para ela, não há obscuridade e apresenta-se mais ampla e penetrante entre os que estão mais depurados. A alma, ou o Espírito, tem, portanto, em si mesmo a faculdade de todas as percepções. Na vida corporal, elas são obscurecidas pelo grau de densidade de seus órgãos. Na vida extracorpórea, tê-las-á mais apuradas, à medida que o envoltório semimaterial torna-se menos denso.

Esse envoltório, tomado do meio ambiente, varia segundo a natureza dos mundos. Ao passar de um mundo a outro, os Espíritos mudam

² *Sensorium commune*: expressão latina, significando a sede das sensações, da sensibilidade. (N. do E.)

de envoltório, como mudamos de roupa ao passar do inverno ao verão ou do polo ao equador. Os Espíritos mais elevados, quando vêm visitar-nos, revestem-se do perispírito terrestre e, então, suas percepções assemelham-se às dos Espíritos vulgares. Mas todos, tanto inferiores como os superiores, ouvem e sentem o que querem ouvir e sentir. Como são desprovidos de órgãos sensoriais, podem tornar suas percepções ativas ou nulas à vontade, havendo apenas uma coisa que são forçados a ouvir: os conselhos dos bons Espíritos. A visão é sempre ativa, mas podem tornar-se invisíveis uns para os outros. Conforme a classe a que pertençam, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, mas não dos superiores. Nos primeiros momentos após a morte, a visão do Espírito é sempre turva e obscura, esclarecendo-se à medida que ele se liberta podendo adquirir a mesma clareza que teve quando em vida, além da possibilidade de penetrar nos corpos opacos. Quanto à sua extensão através do espaço infinito, no passado e no futuro, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Toda essa teoria, dir-se-á, não é muito tranquilizadora. Pensamos que, uma vez desembaraçados de nosso grosseiro envoltório, instrumento de nossas dores, não sofreríamos mais e eis que nos ensinam que sofreremos ainda. Podemos ainda sofrer e muito, durante longo tempo, mas também podemos não sofrer mais, desde o instante em que deixamos essa vida corpórea.

Os sofrimentos deste mundo são, às vezes, decorrentes de nossa própria vontade. Que se remonte à origem e ver-se-á que a maior parte é consequência de causas que poderíamos ter evitado. Quantos males e enfermidades o homem não deve a esses excessos, à sua ambição, às suas paixões, enfim? O homem que tivesse vivido sempre sobriamente, que não houvesse cometido abusos, que tivesse sido simples em seus gostos e modesto em seus desejos, se pouparia de muitas tribulações. O mesmo acontece ao Espírito: os sofrimentos que enfrenta são sempre consequência da maneira pela qual viveu na Terra. Não terá, sem dúvida, a gota e o reumatismo, mas terá outros sofrimentos que não serão menores³.

³ Ver KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*, 1ª Parte, c. VII. (N. do E.)

Vimos que esses sofrimentos são o resultado dos laços que ainda existem entre o Espírito e a matéria. Quanto mais estiver desligado da influência da matéria, ou seja, quanto mais estiver desmaterializado, menos sentirá as sensações penosas. Ora, depende dele se afastar dessa influência desde esta vida, pois tem o livre-arbítrio e, por consequência, a escolha entre fazer e não fazer. Por conseguinte, que exerça domínio sobre suas paixões animais; não tenha nem ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não seja dominado pelo egoísmo; que purifique sua alma pelos bons sentimentos; que pratique o bem; que não dê às coisas deste mundo senão a importância que merecem; então, mesmo sob o envoltório corpóreo, já estará depurado, já estará livre da matéria e, quando deixar esse envoltório, não sofrerá mais a sua influência. Os sofrimentos físicos pelos quais tiver passado não lhe deixarão nenhuma lembrança penosa; não lhe restará nenhuma impressão desagradável, porque estas não afetaram o Espírito, mas apenas o corpo; sentir-se-á feliz por estar liberto e a tranquilidade de sua consciência o afastará de todo sofrimento moral.

Interrogamos sobre o assunto milhares de Espíritos, pertencentes a todas as classes sociais e posições. Estudamo-los em todos os estágios de sua vida espírita, desde o momento em que deixaram a vestidura carnal. Seguimo-los, passo a passo na vida além-túmulo, observando as mudanças que neles se operavam, em suas ideias e sensações. A esse respeito, os homens mais simples não foram os que nos forneceram menos preciosos objetos de estudo. Ora, vimos sempre que os sofrimentos estão relacionados à conduta, da qual sofrem as consequências e que a nova existência é uma fonte de felicidade inefável àqueles que tomaram o bom caminho. De onde se segue que os que sofrem é porque assim o quiseram e só devem queixar-se de si mesmos, tanto no outro mundo quanto neste.

Escolha das provas

258. Quando se encontra na erraticidade, antes de iniciar nova existência corpórea, tem o Espírito consciência do que lhe sucederá na vida terrena? Pode prevê-lo?

“Ele mesmo escolhe os tipos de provas por que há de passar; nisto consiste o seu livre-arbítrio.”

258a. Não é, portanto, Deus que lhe impõe as tribulações da vida como castigo?

“Nada acontece sem a permissão de Deus, porque foi Ele quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Não obstante, poderia se perguntar, por que fez tal lei em vez de tal outra. Deixando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade por seus atos e as respectivas consequências. Sem que nada lhe impeça a escolha, pode optar pelo caminho do bem ou do mal. Caso venha a fracassar, saberá ao menos que nem tudo está perdido, pois a bondade divina permite-lhe recomeçar o que fez mal feito. É necessário distinguir o que é da vontade de Deus do que é da vontade do homem. Se um perigo o ameaça, não foi obra sua, mas de Deus; depende da sua vontade a ele se expor, por considerá-lo um meio de adiantamento e Deus o permite.”

259. Se o Espírito escolhe o gênero de provas pelas quais deve atravessar, significa que todas as atribuições da vida têm por princípio a nossa escolha?

“Todas não seria bem o termo. Porque não se pode dizer que houve uma escolha ou uma previsão de sua parte, até das mínimas coisas. Houve uma escolha relativa ao gênero de provas; os detalhes são a consequência da posição escolhida e, amiúde, de suas próprias ações. Se o Espírito quis renascer entre malfetores, por exemplo, sabia de antemão a quais deslizes estaria exposto, ignorando, todavia, cada um dos atos que praticará. Essas ações são produtos de sua vontade ou de seu livre-arbítrio. O Espírito sabe o gênero de lutas que terá de enfrentar, pois ele mesmo escolheu este caminho. Sabe, portanto, a natureza das vicissitudes que encontrará, mas desconhece os acontecimentos que o aguardam. Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas. Somente os grandes acontecimentos que influem sobre o destino estão previstos. Se houve uma opção de sua parte por um caminho cheio de desvios, saberá que deve tomar precauções, porque corre o risco de cair; ignora, contudo, quando cairá e pode ser que não venha a cair, se for prudente. Se ao passar pela rua, cair-lhe uma telha sobre a cabeça, não se deve acreditar que estava escrito, como vulgarmente se diz.”

260. Como o Espírito pode querer nascer entre indivíduos de má vida?

“É preciso que renasça num meio em que possa sofrer a prova pedida. Pois bem! Semelhante atrai semelhante; para lutar contra o instinto do banditismo, é necessário encontrar-se entre os indivíduos desta categoria.”

260a. Se não houvesse indivíduos de má vida na Terra, o Espírito ficaria, portanto, privado dos meios necessários para submeter-se a certas provas?

“E deveríamos lamentar isso? É precisamente o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não tem acesso. É por isso que neles só se encontram bons Espíritos. Façam com que o mesmo aconteça, bem rapidamente na Terra.”

261. Nas provas que deve sofrer para chegar à perfeição, o Espírito precisa provar todos os gêneros de tentações? Deverá passar por todas as circunstâncias que lhe possam despertar o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade etc.?

“Certamente não, pois é de seu conhecimento que há Espíritos que tomam, desde o princípio, um caminho que os afasta de muitas provas. Aquele, porém, que se deixa levar pelos maus arrastamentos fica à mercê dos perigos nele existentes. Um Espírito, por exemplo, pode pedir e obter a riqueza; então, segundo o seu caráter, poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda, deixar-se arrastar pelos prazeres da sensualidade. Não obstante, isso não significa que deveria se render forçosamente a todas essas tendências.”

262. Como pode o Espírito que, em sua origem, é simples, ignorante e sem experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus supre a sua inexperiência, ao traçar-lhe o caminho que deve seguir, como se faz com uma criança desde o berço. Mas dá-lhe, gradativamente, a liberdade de escolha, à medida que seu livre-arbítrio se desenvolve. É, então, que muitas vezes se extravia ao tomar o mau caminho, por não ouvir os conselhos dos bons Espíritos. É a isso que podemos chamar a queda do homem.”

262a. Quando o Espírito goza de seu livre-arbítrio, a escolha da existência corporal depende sempre exclusivamente de sua vontade, ou esta pode ser-lhe imposta pela vontade de Deus, como expiação?

“Deus sabe esperar; não precipita a expiação. No entanto, pode impor uma existência a um Espírito quando este, por sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais proveitoso e quando vê que essa existência pode servir à sua purificação e progresso e, ao mesmo tempo, servir-lhe de expiação.”

263. O Espírito escolhe o gênero de provas da nova existência imediatamente após a morte?

“Não, muitos acreditam na eternidade das penas. Já lhes dissemos: é um castigo.”

264. O que orienta o Espírito na escolha das provas por que pretende passar?

“Ele escolhe as que podem servir-lhe como expiação, segundo a natureza de suas faltas e fazê-lo progredir mais rapidamente. Alguns podem impor-se uma vida de misérias e de privações, para tentar suportá-la com coragem. Outros, por meio das tentações proporcionadas pela fortuna e pelo poder, bem mais perigosos pelo abuso e o mau emprego que lhes poderão dar e pelas más paixões que possam desenvolver. Outros, enfim, querem provar-se pelas lutas que têm a travar no contato com o vício.”

265. Se certos Espíritos escolhem o contato com o vício como prova, há os que o escolhem por simpatia e pelo desejo de viver em um meio adequado às suas inclinações, ou, ainda, para poderem entregar-se livremente às suas preferências materiais?

“Há, por certo, mas apenas entre aqueles cujo senso moral ainda é pouco desenvolvido. A prova decorre disso e eles a sofrem por mais tempo. Cedo ou tarde compreenderão que a satisfação das paixões brutais tem, para todos, funestas consequências, que sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. Deus poderá deixá-los nesse estado até que tenham compreendido suas faltas, pedindo, por iniciativa própria, o meio para resgatá-las em provas proveitosas.”

266. Não parece natural escolher as provas menos penosas?

“Para o encarnado, sim. Para o Espírito, não. Quando está liberto da matéria, a ilusão cessa e a sua maneira de pensar é diferente.”

O homem encarnado, submetido à influência das ideias materiais, vê nas provas apenas o lado penoso. É por isso que lhe parece natural

escolher as que, sob este ponto de vista, podem subsistir com os prazeres materiais. Mas na vida espiritual ele contrapõe os prazeres rudes e fugazes com a felicidade inalterável que entrevê e, então, que lhe importam alguns sofrimentos passageiros? O Espírito pode, portanto, escolher a prova mais difícil e por consequência a existência mais penosa, com a expectativa de chegar mais rápido a um estado melhor, como o doente escolhe, muitas vezes, o remédio mais desagradável para curar-se mais cedo. Quem deseja ligar o seu nome à descoberta de um país desconhecido não escolhe um caminho coberto de flores, pois sabe os perigos que corre, mas sabe também a glória que o espera, se atingir o objetivo.

A doutrina da liberdade de escolha de nossas existências e das provas que devemos sofrer deixa de parecer estranho se considerarmos que os Espíritos libertos da matéria apreciam as coisas de maneira diferente da nossa. Pressentem o fim e esse fim lhes parece de muito maior importância que os prazeres efêmeros do mundo. Após cada existência, veem o progresso realizado e compreendem o que lhes falta ainda para evoluir, com o intento de atingi-lo. Eis por que se submetem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corporal, ao pedirem as que podem fazê-los chegar mais depressa. Não há, portanto, razões para nos admirarmos de que o Espírito não dê preferência à existência mais suave. Ainda estagiando no estado de imperfeição, não pode desfrutar a vida sem amarguras, que apenas entrevê e é para chegar até ela que procura se melhorar.

Não vemos diariamente o exemplo de escolhas parecidas? O homem que trabalha uma parte de sua vida, sem tréguas nem descanso, a fim de ajuntar o necessário ao seu bem-estar, não exerce uma tarefa ao qual se submeteu, com vistas a um futuro melhor? O militar que se oferece para uma missão perigosa, o viajante que enfrenta perigos, no interesse da Ciência ou de seus próprios objetivos, não se submetem a provas voluntárias que devem lhes proporcionar honra e proveito, se as superarem? A que o homem não se submete ou expõe, pelo seus interesses ou pela sua glória? Todos os concursos não são igualmente provas voluntárias, visando melhorar na carreira escolhida? Não se chega a uma posição social de elevada importância nas Ciências, nas Artes ou na Indústria, sem que passemos pela fieira de posições inferiores, que são outras tantas provas.

A vida humana é, assim, o decalque da vida espiritual. Nela encontramos, em menor escala, os mesmos incidentes daquela. Se na vida terrena escolhemos com frequência as provas mais complexas visando a um objetivo mais elevado, por que o Espírito, que vê além do corpo e para quem a vida na matéria é apenas um incidente fugidio, não escolheria uma existência penosa e laboriosa, se deve conduzi-lo a uma eterna felicidade? Aqueles que dizem que, se pudessem escolher a sua existência, pediriam a de príncipes ou milionários, são como os míopes, que não veem o que tocam, ou como as crianças gulosas, que respondem, ao perguntarmos que profissão teriam: pasteleiros ou confeitários.

Tal como o viajante que, no fundo de um vale nevoento, não vê a extensão nem os pontos extremos de seu caminho. Ao chegar ao cume da montanha, vê a rota percorrida e o que lhe resta a percorrer. Vê o seu objetivo final, os obstáculos que ainda tem a vencer e pode, então, escolher com mais segurança os meios de o alcançar. O Espírito encarnado é como o viajante no fundo do vale. Desembaraçado dos laços terrestres, assemelha-se ao que atingiu o cume. Para o viajante, o objetivo é o repouso após a fadiga; para o Espírito, é a felicidade suprema após as tribulações e as provas.

Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, procuram, estudam e observam para fazer a escolha. Não temos um exemplo desse fato na vida corporal? Não buscamos, muitas vezes, durante anos, a carreira na qual fixamos livremente a nossa escolha, porque acreditamos ser a mais adequada aos nossos objetivos? Se fracassamos numa, procuramos outra. Cada carreira que abraçamos não é uma fase, um período da vida, cada dia não é empregado a procurar o que faremos no outro? Ora, que são as diferentes existências corporais para o Espírito, senão fases, períodos, dias da sua vida espírita que é, como o sabemos, a vida normal? A vida corporal é apenas transitória e passageira.

267. O Espírito pode fazer a sua escolha durante a vida corpórea?

“Seu desejo poderá ter influência, tudo dependendo da intenção. É preciso recordar, no entanto, que no estado de Espírito a criatura vê as coisas diferentemente. É o Espírito quem faz essa escolha; mas, ainda assim, pode

fazê-la nesta vida material, porque o Espírito tem sempre os momentos em que se liberta das constrações da matéria.”

267a. Entre as pessoas que desejam grandezas e riquezas, encontramos muitas daquelas que não as querem, certamente, como expiação ou como prova.

“Sem dúvida, é a matéria que assim deseja com a intenção apenas de desfrutá-las; o Espírito as deseja para conhecer-lhes as vicissitudes.”

268. Até que chegue ao estado de pureza perfeita, o Espírito tem constantemente provas a sofrer?

“Sim, mas não como são entendidas, pois provas são as atribuições materiais. Ora, o Espírito, chegando a um certo grau, mesmo sem ser perfeito, não tem mais nada a sofrer. Não obstante, tem sempre deveres que o ajudam a se aperfeiçoar e que não lhe são penosos, a não ser os de ajudar o aperfeiçoamento dos outros.”

269. O Espírito pode enganar-se quanto à eficácia da prova que escolheu?

“Pode escolher uma que esteja além das próprias forças e sucumbir. Pode também escolher uma que em nada lhe aproveite, como um gênero de vida ocioso e inútil. Entretanto, uma vez de volta ao mundo dos Espíritos, percebe que nada ganhou e pede para recuperar o tempo perdido.”

270. A que se devem atribuir as vocações de certas pessoas e sua preferência por seguir uma carreira a outra?

“Parece-me que poderiam responder a esta questão. Não é a consequência de tudo o que dissemos acerca da escolha das provas e do progresso realizado numa existência anterior?”

271. No estado errante, estudando as diversas condições nas quais poderá progredir, como pensa o Espírito poder realizá-lo, renascendo, por exemplo, entre canibais?

“Não são os Espíritos já avançados que nascem entre os canibais, mas Espíritos de mesma natureza, ou que lhes são inferiores.”

Sabemos que os nossos antropófagos não estão no último grau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade absolutamente não encontram analogia sobre a Terra. Esses Espíritos são, portanto, inferiores aos mais inferiores de nosso mundo e vir entre os nossos selvagens significa para eles um progresso, como seria um

progresso para o canibal conviver em uma comunidade civilizada, embora exercendo uma profissão que os obrigasse a derramar sangue. Se não objetivam a uma vida mais elevada, é porque a sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito não pode avançar senão gradualmente; não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, e é nisso que consiste uma das necessidades da reencarnação que se mostra verdadeiramente concorde à justiça de Deus. De outro modo, em que se transformariam esses milhares de seres que morrem diariamente no último estágio de degradação se não tivessem os meios de se elevar? Deus os teria deserdado dos favores concedidos aos demais?

272. Os Espíritos provenientes de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, por exemplo, poderiam nascer entre os povos civilizados?

“Sim, há os que se extraviam ao aspirar por subir mais alto. Nesse caso, ficam deslocados em sua sociedade, porque têm hábitos e instintos que vão de encontro aos seus.

“Esses seres dão-nos o triste espetáculo da ferocidade em meio à civilização; ao retornarem entre os canibais, isso não será um retrocesso, pois estarão apenas retomando o seu lugar e, talvez, ainda com proveito.”

273. Um homem pertencente a uma raça civilizada poderia, por expiação, reencarnar-se numa raça selvagem?

“Sim, mas isso depende do gênero da expiação. Um senhor que teria sido duro para com seus escravos poderá tornar-se escravo a seu turno e sofrer os maus-tratos que teria infligido. Aquele que mandou em uma época pode, em uma nova existência, estar sujeito à obediência aos mesmos que se curvaram ante a sua vontade. É uma expiação, se ele abusou de seu poder e Deus pode determiná-la como tal. Um bom Espírito pode, para fazê-los avançar, escolher uma existência influente entre esses povos. Nesse caso, desempenha uma missão.” ()*

(*) Questão 273 – Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

Relações de além-túmulo

274. As diferentes ordens de Espíritos estabelecem entre si uma hierarquia de poder? Há entre eles subordinação e autoridade?

“Sim, bem grande. Os Espíritos têm, uns sobre os outros, uma autoridade relativa à sua superioridade e a exercem por intermédio de uma ascendência moral irresistível.”

274a. Os Espíritos inferiores podem subtrair-se à autoridade dos que lhes são superiores?

“Eu disse: irresistível.”

275. O poder e a consideração que um homem desfruta na Terra lhe conferem alguma supremacia no mundo dos Espíritos?

“Não, pois os pequenos serão exaltados e os grandes rebaixados. Leiam os salmos.”

275a. Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

“Não é de seu conhecimento que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem, o maior na Terra pode pertencer à última classe entre os Espíritos, enquanto o seu servidor poderá estar na primeira. Compreende isso? Jesus não disse: ‘Aquele que se exaltar será humilhado, e o que se humilhar será exaltado?’”⁴

276. Aquele que foi grande sobre a Terra e que se encontra em um estado inferior entre os Espíritos sente humilhação?

“Não raro, sente-se muito humilhado; sobretudo se era orgulhoso e invejoso.”

277. O soldado que, após a batalha, encontra o seu general no mundo dos Espíritos reconhece-o ainda como seu superior?

“O título não é nada; a superioridade real é a que conta.”

278. Os Espíritos de diferentes ordens estão misturados?

“Sim e não; isto é, eles se veem, mas distinguem-se uns dos outros. Aproximam-se ou evitam-se segundo a semelhança ou discordância de sentimentos, como acontece entre os homens. É todo um mundo do qual o seu é o reflexo obscuro. Os da mesma ordem se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, reunidos pela simpatia

⁴ Mateus, 23:12. (N. do E.)

e pelos objetivos a que se propõem: os bons pelo desejo de fazer o bem, os maus pelo desejo de fazer o mal, pela vergonha dos erros cometidos e a necessidade de se encontrarem entre seres semelhantes.”

É como uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela semelhança de gostos; onde o vício e a virtude se acotovelam sem nada dizer.

279. Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso uns aos outros?

“Os bons vão a todos os lugares e é necessário que assim seja, para que possam exercer a sua influência sobre os maus. Mas as regiões habitadas pelos bons estão interditas aos Espíritos inferiores, a fim de que não possam levar o distúrbio das más paixões.”

280. Qual é a natureza das relações entre os bons e os maus Espíritos?

“Os bons procuram combater as más inclinações dos outros, a fim de ajudá-los a evoluir. É uma missão.”

281. Por que os Espíritos inferiores se comprazem em induzir-nos ao mal?

“Pelo despeito de ainda não possuírem o mérito da convivência com os bons. Seu desejo é o de impedir os Espíritos ainda inexperientes, por todos os meios, de chegarem ao bem supremo. Querem fazer provar aos outros o que experimentam. Pois não existe isso também entre os homens?”

282. Como os Espíritos se comunicam entre si?

“Eles se veem e se compreendem. A palavra, que é material, mais não é que um reflexo da faculdade espiritual. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante. É o veículo da transmissão do pensamento, como o ar é o veículo do som. Uma espécie de telégrafo universal que liga todos os mundos, permitindo aos Espíritos comunicarem-se de um mundo a outro.”

283. Os Espíritos podem dissimular reciprocamente os seus pensamentos? Podem esconder-se uns dos outros?

“Não. Para eles tudo é perceptível, sobretudo quando são perfeitos. Podem distanciar-se mutuamente, mas se veem sempre. Esta não é uma regra absoluta, porque certos Espíritos podem tornar-se invisíveis a outros, se julgarem útil fazê-lo.”

284. Como podem os Espíritos, que não têm mais corpo, constatar a sua individualidade e distinguir-se dos demais seres espirituais que os rodeiam?

“Por meio do perispírito, que os distingue uns dos outros, como os corpos entre os homens.”

285. Os Espíritos se reconhecem por terem convivido na Terra? O filho reconhece a seu pai, o amigo a seu amigo?

“Sim, e assim acontece de geração a geração.”

285a. Como os homens que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

“Vemos a nossa vida passada e a ela temos acesso como um livro que se lê. Ao ver o passado de nossos amigos e de nossos inimigos, vemos também a sua passagem da vida para a morte.”

286. A alma, ao deixar os seus despojos mortais, vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?

“Nem sempre imediatamente, pois como dissemos, é-lhe necessário algum tempo para reconhecer-se em seu novo estado e sacudir o véu material.”

287. Como a alma é acolhida em seu retorno ao mundo dos Espíritos?

“A do justo, como um irmão bem-amado e longamente aguardado; a do mau, como um ser ao qual se despreza.”

288. Que sentimento provam os Espíritos impuros à vista de outro mau Espírito que chega?

“Os maus ficam satisfeitos ao verem seres à sua imagem e privados, como eles, da felicidade infinita. O mesmo ocorre na Terra, com um ladrão entre os seus iguais.”

289. Quando deixamos a Terra nossos pais e amigos vêm ao nosso encontro?

“Sim, vêm ao encontro da alma que estimam, felicitam-na como pelo retorno de uma viagem, se ela escapou aos obstáculos e perigos do caminho e ajudam-na a desprender-se dos laços corporais. É uma concessão dada aos bons Espíritos, quando os que os amam vêm ao seu encontro, enquanto os que estão maculados ficam em isolamento ou são cercados apenas por Espíritos iguais a eles: é uma punição.”

290. Os parentes e os amigos sempre se reúnem após a morte?

“Isso depende de sua elevação e do caminho que seguiram para o seu progresso. Se algum deles se acha mais adiantado e caminha mais rapidamente que outro, não poderão permanecer juntos. Poderão ver-se, algumas vezes, mas não estarão sempre reunidos, a não ser quando houverem alcançado a igualdade na perfeição. Por outro lado, a privação de estar com os parentes e amigos constitui, às vezes, uma punição.”

Relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos. Metades eternas

291. Além da simpatia provocada pela afinidade, os Espíritos têm entre eles afetos particulares?

“Sim, como entre os homens, mas o laço que os une é mais forte quando da ausência do corpo, porque não está mais exposto às vicissitudes das paixões.”

292. Os Espíritos têm, entre si, aversões?

“Há aversões apenas entre os Espíritos impuros, e são eles que incitam entre os encarnados as inimizades e as dissensões.”

293. Dois seres que haviam sido inimigos sobre a Terra conservam ressentimento mútuo no mundo dos Espíritos?

“Não. Compreendem que sua dissensão era tola, e seu motivo, pueril. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma certa animosidade, até que estejam depurados. Se a causa dessa separação foi motivada apenas por interesses materiais, não pensarão mais no assunto, por pouco que estejam desmaterializados. Se não há antipatia entre eles e o objeto da discussão não mais existir, podem se rever com prazer.”

Tal como dois escolares que, ao chegarem à idade da razão, reconhecem a puerilidade das brigas que tiveram em sua infância e param de se querer mal.

294. A lembrança das más ações que dois homens cometeram um ao outro é um obstáculo ao relacionamento?

“Sim, ela os leva a se distanciarem.”

295. Após a morte, qual o sentimento daqueles a quem fizemos mal neste mundo?

“Se são bons, perdoam segundo o seu arrependimento demonstrado. Se são maus, podem conservar ressentimentos e, algumas vezes, perseguí-los até em uma outra existência. Deus pode permiti-lo como castigo.”

296. Os afetos individuais dos Espíritos são suscetíveis de alteração?

“Não, porque não podem se enganar: não têm mais a máscara na qual se ocultam os hipócritas. É porque seus afetos são inalteráveis quando são puros. O amor que os une é, para eles, a fonte de uma suprema felicidade.”

297. Os laços afetivos que dois seres mantiveram na Terra perpetuam-se no mundo dos Espíritos?

“Sim, sem dúvida, se estão fundados sobre uma simpatia verdadeira; mas se as causas físicas tiveram mais influência que a simpatia, ela cessa com a causa. Os afetos entre os Espíritos são mais sólidos e mais duráveis que sobre a Terra, porque não estão subordinados ao capricho dos interesses materiais e do amor-próprio.”

298. As almas que se unirão estão predestinadas a essa união desde a sua origem? Cada um de nós tem, em alguma parte do Universo, a sua metade à qual estará fatalmente reunida, um dia?

“Não, não existe a união particular e fatal entre duas almas. A união existe entre os Espíritos, mas em graus diferenciados, segundo a classe que ocupam e a perfeição adquirida; quanto mais evoluídos, mais unidos serão. Da discórdia nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a felicidade completa.”

299. Em que sentido se deve entender a palavra “metade” da qual certos Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

“A expressão é inexata. Se um Espírito fosse a metade de outro, quando separado estaria incompleto.”

300. Dois Espíritos num mesmo nível de empatia, uma vez reunidos, ficarão assim para a eternidade ou podem separar-se e unir-se a outros Espíritos?

“Todos os Espíritos estão unidos entre si; refiro-me àqueles que chegaram à perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito se eleva, não tem mais a mesma simpatia por aqueles que deixou.”

301. Dois Espíritos simpáticos são o complemento um do outro ou essa simpatia é o resultado de uma identidade perfeita?

“A simpatia que atrai um Espírito para outro é o resultado da perfeita concordância de suas tendências, de seus instintos. Se um devesse completar o outro, perderia a sua individualidade.”

302. A semelhança entre pensamentos e sentimentos são os fatores para criar-se a simpatia perfeita, ou também a uniformidade de conhecimentos adquiridos?

“Na igualdade dos graus de elevação.”

303. Os Espíritos que atualmente não são simpáticos entre si podem vir a sê-lo mais tarde?

“Sim, todos o serão. O Espírito que está hoje na esfera inferior, ao se aperfeiçoar, chegará à esfera na qual o outro se encontra. Seu reencontro se dará mais prontamente se o Espírito mais elevado, suportando mal as provas as quais se submetera, tiver permanecido no mesmo estado.”

303a. Dois Espíritos simpáticos podem deixar de sê-lo?

“Certamente, se um deles for indolente.”

A teoria das metades eternas é uma alegoria que representa a união de dois Espíritos simpáticos; é uma expressão usada na linguagem comum e que não deve ser interpretada ao pé da letra. Os Espíritos que se servem dela, seguramente, não pertencem à ordem mais elevada. A esfera de suas ideias é necessariamente limitada e expressaram os seus pensamentos segundo a linguagem utilizada durante a sua vida corporal. É necessário, portanto, rejeitar a ideia de que dois Espíritos, criados um para o outro, deverão fatalmente reunir-se na eternidade, após terem sido separados durante um lapso de tempo mais ou menos longo.

Lembrança da existência corporal

304. O Espírito se lembra de sua existência corporal?

“Sim. Ao reencarnar várias vezes, recorda-se do que foi e lhe asseguro que, por vezes, sorri de piedade de si mesmo.”

Como o homem que atingiu a idade da razão ri-se das loucuras de sua juventude ou das puerilidades da infância.

305. A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito de uma maneira completa e repentina após a morte?

“Não, mas gradativamente, como algo que sai da neblina e à medida que fixa nela a sua atenção.”

306. O Espírito lembra-se, em detalhes, de todos os acontecimentos de sua vida abrangendo-a em seu todo num golpe de vista retrospectivo?

“Lembra-se das coisas em razão das consequências que acarretam para a sua situação de Espírito. Mas compreende que há circunstâncias às quais não atribui nenhuma importância e nem mesmo procura lembrar.”

306a. Poderia lembrá-las, se quisesse?

“Sim, pode lembrar-se de detalhes e de incidentes minuciosos, sejam de acontecimentos, ou mesmo de seus pensamentos. Mas quando isso não tem utilidade, não o faz.”

306b. O Espírito entrevê os objetivos da vida terrena em relação à vida futura?

“Seguramente que sim e compreende bem melhor do que na existência corporal. Entende a necessidade de depurar-se para chegar ao infinito e sabe que a cada existência livra-se de algumas impurezas.”

307. De que forma a vida passada se desenrola na memória do Espírito? Por um esforço de sua imaginação ou mediante um quadro que se forma diante dos olhos?

“De ambas as formas. Todos os atos pelos quais tenha interesse são para ele como se estivessem presentes; os outros ficam mais ou menos nas profundezas de sua memória ou completamente esquecidos. Quanto mais desmaterializado, menos importância atribui às coisas materiais.

Muitas vezes faz-se a evocação de um Espírito errante que acaba de deixar a Terra e que não se lembra dos nomes das pessoas que amava, nem de detalhes que são importantes ao seu entendimento, mas que pouco interessam ao Espírito, caindo, portanto, no esquecimento. Entretanto, ele se lembra muito bem dos fatos principais que permeiam a sua própria melhoria.”

308. O Espírito lembra-se de todas as existências que precederam à última?

“Todo o seu passado projeta-se diante dele, como as etapas de uma trajetória percorrida por um viajante. Mas, como já dissemos, não se lembra de

modo absoluto de todos os seus atos, recordando-os na razão da influência que tiveram sobre o seu estado presente. Quanto às primeiras existências, as que podemos considerar como a infância do Espírito, perdem-se no vazio e desaparecem na noite do esquecimento.”

309. Como o Espírito considera o corpo que deixou?

“Como uma roupa desconfortável que o incomodava e da qual sente-se feliz por se ter desembaraçado.”

309a. Que sentimento experimenta ante seu corpo em decomposição?

“Quase sempre o de indiferença, como por uma coisa que em nada o interessa.”

310. Ao fim de um certo lapso de tempo o Espírito reconhece os ossos ou outros objetos como tendo lhe pertencido?

“Às vezes. Isso depende do ponto de vista mais ou menos elevado pelo qual considera as coisas terrestres.”

311. O respeito que temos pelos objetos deixados pelos Espíritos atrai a sua atenção sobre eles? Consideram esse respeito com satisfação?

“O Espírito sempre se sentirá feliz pela lembrança de que é objeto. As coisas pessoais que dele conservamos avivam-nos a sua lembrança, mas é o pensamento que o atrai para o seu convívio e não os objetos.”

312. Os Espíritos conservam a lembrança dos sofrimentos que suportaram durante a sua última existência corporal?

“Isto ocorre frequentemente e essa lembrança concorre para que melhor avaliem a felicidade que podem desfrutar como Espírito.”

313. O homem que foi feliz lastima a perda de seus prazeres quando tem de deixar a Terra?

“Somente os Espíritos inferiores lamentam os prazeres condizentes à sua natureza e que expiam pelo sofrimento. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos efêmeros prazeres da Terra.”

Tal como o homem adulto que despreza o que constituiu as delícias de sua infância.

314. Aquele que iniciou trabalhos importantes, visando à utilidade geral e que os vê interrompidos pela morte, lamenta, no outro mundo, tê-los deixado inacabados?

“Não, porque vê que outros estão destinados a concluí-los. Ao contrário, trata de influenciar outros Espíritos humanos a continuá-los. Seu objetivo na Terra era o bem da Humanidade. Esse objetivo é o mesmo no mundo dos Espíritos.”

315. Aquele que deixou trabalhos ligados à arte ou à literatura conserva por suas obras o amor que tinha quando em vida?

“Segundo a sua elevação, julga-os sob outro ponto de vista e frequentemente reprova o que mais admirava.”

316. O Espírito ainda se interessa pelos trabalhos que são feitos na Terra em prol do progresso das artes e das ciências?

“Isso depende do grau de sua elevação ou da missão que pode vir a cumprir. O que parece grandioso de sua parte tem pouca importância a certos Espíritos; admiram-no, como o sábio admira a obra de um escolar. Examinam aquilo que pode incentivar a elevação dos Espíritos encarnados e seu progresso.”

317. Os Espíritos, após a morte, conservam o amor à pátria?

“É sempre o mesmo princípio: para os Espíritos elevados a pátria é o Universo; sobre a Terra, é aquela em que possuem maior número de pessoas afins.”

A situação dos Espíritos e sua maneira de ver as coisas variam infinitamente em razão do seu grau de desenvolvimento moral e intelectual. Os Espíritos de uma ordem elevada fazem, geralmente, estações de curta duração na Terra. Tudo quanto o que aqui se faz é muito pouco em comparação às grandezas do infinito; as coisas para as quais os homens atribuem maior importância são tão pueris a seus olhos, que eles encontram poucos atrativos no mundo a menos que sejam chamados a influir no progresso da Humanidade. Os Espíritos de uma ordem intermediária vêm mais frequentemente à Terra, embora considerem as coisas sob um ponto de vista mais elevado do que durante a sua encarnação. Os Espíritos comuns são, de algum modo, os que aqui permanecem e constituem a massa da população ambiente do mundo invisível. Eles conservam, com pouca diferença, as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas tendências que tinham quando encarnados. Intrometem-se em nossas reuniões, em nossos negócios, em nossas diversões, nos quais tomam parte mais

ou menos ativa, segundo o seu caráter. Não podendo satisfazer as suas paixões, desfrutam-nas com aqueles que a elas se abandonam e as excitam nessas pessoas⁵. Entre eles há também os mais sérios, que vêm para observar, instruir-se e aperfeiçoar-se.

318. As ideias dos Espíritos se modificam na vida de Espírito?

“Muito. Elas sofrem grandes modificações à medida que o Espírito se desmaterializa. Pode, às vezes, permanecer longo tempo com as mesmas ideias, mas pouco a pouco a influência da matéria diminui e vê as coisas mais claramente. É então que procura os meios de melhorar-se.”

319. Desde que o Espírito viveu a vida espírita antes de sua encarnação, de onde vem a sua surpresa ao reentrar no mundo dos Espíritos?

“É apenas o efeito do primeiro momento e da perturbação que se segue ao despertar. Mais tarde reconhecerá perfeitamente a sua situação, à medida que o passado lhe volte à lembrança e que as impressões da vida terrena se desfaçam.” (Ver questão 163 e as seguintes.)

Comemoração aos mortos. Funerais

320. Os Espíritos são sensíveis à saudade daqueles que os amaram na Terra?

“Muito mais do que se acredita. Essa lembrança aumenta-lhes a felicidade, se estão felizes. Se desditosos, serve-lhes de alívio.”

321. O dia de comemoração aos mortos tem qualquer coisa de mais solene para os Espíritos? Preparam-se eles para visitar os que vão orar sobre os seus túmulos?

⁵ Kardec trata aqui das observações, que, profundamente estudadas e pesquisadas pelo Codificador, são comentadas e relatadas nas cinco obras da Codificação, além dos livros de sua autoria. Obsessão, a série *Revista Espírita* dos anos de 1859, 1860, 1862, 1863, 1864, 1865 e 1866, além dos seus discursos, compilados pelo confrade Wallace L. Rodrigues e constantes do livro sob o título *Viagem Espírita* em 1862. A obsessão, cujos fatos podemos comprovar em diversas abordagens, na vasta literatura espírita atual, é tratada por meio da terapêutica espírita nos trabalhos de assistência espiritual executada por Centros Espíritas. Aliados à fluidoterapia, o valor da prece, do perdão, a ação do pensamento no bem, o poder da vontade e um programa efetivo de transformação interior, formam a profilaxia eficaz contra a infestação obsessiva. O maior antídoto, porém, está no amor.

Segundo Eurípedes Barsanulfo, “aquele que encontrou Jesus já começou o processo de libertação interior e de desobsessão natural” (FRANCO, Divaldo Pereira <Médium> e Autores Diversos. *Sementes de Vida Eterna*, c. 50). (N. do E.)

“Os Espíritos atendem ao chamado do pensamento, nesse dia como nos outros.”

321a. Esse é para eles um dia de reunião junto às sepulturas?

“São mais numerosos nesse dia, porque há uma maior concentração de pessoas a chamá-los. Mas comparecem apenas em atenção aos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.”

321b. Sob que forma comparecem e como seriam vistos, se pudessem tornar-se visíveis?

“Sob aquela pela qual foram conhecidos em vida.”

322. Os Espíritos esquecidos, cujos túmulos não recebem nenhuma visita, comparecem, apesar disso, e sentem pesar por não verem nenhum amigo lembrá-los?

“Que lhes importa a Terra? Prendem-se-lhe apenas pelo coração. Se não mais são amados, não há nada que os faça voltar: têm todo o Universo à frente.”

323. A visita ao túmulo é mais agradável ao Espírito que uma prece feita em sua intenção?

“A visita ao túmulo é uma maneira de se manifestar a lembrança do Espírito ausente: é a exteriorização deste sentimento. Eu já mencionei alhures que é a prece que santifica o ato. Pouco importa o lugar, se a lembrança é ditada pelo coração.”

324. Os Espíritos de pessoas homenageadas com estátuas ou monumentos comparecem às inaugurações e sentem satisfação por isso?

“Muitos as assistem, quando podem, mas são menos sensíveis à honra que se lhes atribuem do que à lembrança.”

325. De onde pode vir, em certas pessoas, o desejo de serem enterradas em um lugar determinado? A ele voltariam com maior satisfação após a morte? A importância dada a uma coisa material é sinal de inferioridade do Espírito?

“A afeição do Espírito por certos lugares denota inferioridade moral. O que significa um pedaço de terra para o Espírito elevado? Não sabe ele que sua alma estará reunida àqueles que ama, mesmo que seus ossos estejam separados?”

325a. A reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família deve ser considerada um hábito fútil?

“Não, é um costume piedoso e um testemunho de simpatia para com aqueles que amamos. Se essa reunião importa pouco aos Espíritos, é útil aos homens: as lembranças estão mais bem canalizadas.”

326. A alma que retorna à vida espiritual é sensível às honras concedidas aos seus despojos mortais?

“Quando o Espírito chega a um certo grau de perfeição, não detém mais as vaidades terrenas e compreende a futilidade de todas essas coisas. Mas saibam bem que, muitas vezes, há Espíritos que no primeiro momento de sua morte recebem com grande satisfação as honras que lhes são tributadas, ou se desgostam com o abandono a que lançam o seu envoltório, pois ainda conservam alguns hábitos da Terra.”

327. O Espírito assiste ao seu funeral?

“Frequentemente assiste, mas, às vezes, não compreende o que se passa, se ainda estiver perturbado.”

327a. Fica lisonjeado pela grande afluência de pessoas ao seu funeral?

“Mais ou menos, segundo o sentimento que anima esse afluxo.”

328. O Espírito recém-desencarnado assiste às reuniões de seus herdeiros?

“Quase sempre. Deus o quer para sua própria instrução e para castigo dos culpados. É nesta oportunidade que julga o valor dos protestos de consideração a ele atribuídos. Todos os sentimentos se tornam evidentes e a decepção que prova, ao ver a cobiça dos que dividem o seu espólio, esclarece-o sobre os seus reais sentimentos. Mas a vez deles também chegará.”

329. O respeito instintivo que o homem possui pelos mortos, em todos os tempos e em todos os povos, é efeito da intuição da existência futura?

“É uma consequência natural. Sem ela, esse respeito não teria sentido.”

RETORNO À VIDA CORPORAL

Prelúdio do retorno

330. Os Espíritos conhecem a época em que terão de reencarnar?

“Presentem-na, como um cego sente o fogo do qual se aproxima. Reconhecem que devem retomar um corpo, como todos sabem que devem morrer um dia, mas ignoram quando isso acontecerá.” (Ver questão 166.)

330a. A reencarnação é, portanto, uma necessidade da vida espírita, como a morte é uma necessidade da vida corporal?

“Seguramente, sim.”

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

“Há os que nem sequer nela pensam ou mesmo a compreendem. Depende de sua natureza mais ou menos avançada. Para alguns, a incerteza quanto ao próprio futuro representa uma punição.”

332. O Espírito pode abreviar ou retardar o momento de sua reencarnação?

“Ele pode abreviá-lo, solicitando-o em suas preces; pode também retardá-lo, se recua ante a prova, porque entre os Espíritos há também os pusilânimes e os indiferentes, mas não o faz impunemente; sofre como aquele que recusa o remédio que pode curá-lo.”

333. Se um Espírito se sentisse muito feliz numa condição mediana entre os Espíritos errantes e não ambicionasse se elevar, poderia prolongar esse estado indefinidamente?

“Não indefinidamente. O progresso é uma necessidade que o Espírito prova cedo ou tarde. Todos devem elevar-se, pois é a destinação de todos.”

334. A união da alma com um determinado corpo está predestinada, ou é apenas no último momento que a escolha se faz?

“O Espírito é sempre designado com antecedência. Ao escolher a prova que deseja sofrer, pede para se encarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e tudo vê, conhece de antemão qual alma se unirá a qual corpo.”

335. O Espírito tem o direito de escolher o corpo no qual deve encarnar ou somente o gênero de vida que deve servir-lhe como prova?

“Pode também escolher o corpo, pois as imperfeições desse corpo serão provas que o ajudam a evoluir, se vencer os obstáculos que encontra; mas a escolha não depende sempre dele, que poderá pedi-la.”

335a. O Espírito poderá, no último momento, recusar o corpo escolhido?

“Se o recusar, sofrerá mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova.”

336. Poderá acontecer de um corpo que deve nascer não encontrar Espírito para encarnar-se nele?

“Deus proveria a isso. A criança, quando deve nascer e viver, é sempre dotada de uma alma. Nada foi criado sem um propósito.”

337. A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?

“Pode ser imposta, da mesma maneira que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito não estiver apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Pode ser constrangido a unir-se ao corpo de uma criança que, por seu nascimento e posição no mundo, poderá tornar-se para ele um meio de expiação.”

338. Se vários Espíritos se apresentassem para um mesmo corpo que deveria nascer, o que seria decidido?

“Vários podem pedi-lo, porém, é Deus quem julga cada caso, destinando-o àquele que for o mais capacitado a cumprir a missão à qual a criança é destinada; mas, como já disse, o Espírito é sempre designado antes do instante em que deve unir-se ao corpo.”

339. O momento da encarnação é acompanhado de perturbação semelhante àquela que se verifica por meio da desencarnação?

“Muito maior e sobretudo mais longa. Na morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra nela.”

340. O instante em que um Espírito deve encarnar-se é, para ele, um momento solene? Cumpre esse ato como um acontecimento grave e importante?

“É como um viajante que embarca para uma travessia marítima perigosa e não sabe se vai encontrar a morte nas ondas que terá de enfrentar.”

O viajante que embarca sabe a quais perigos se expõe, mas não sabe se naufragará. É assim com o Espírito; conhece o gênero das provas às quais se submete, mas ignora se sucumbirá.

O mesmo ocorre com a morte do corpo, que é o renascimento para o Espírito. A reencarnação é para ele uma espécie de morte, ou, antes, de exílio e clausura. Deixa o mundo dos Espíritos para ir para o mundo corporal, como o homem deixa o mundo corporal pelo dos Espíritos. O Espírito sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá um dia, mas, como este, tem consciência do fato apenas no último momento, quando chega o tempo desejado. Então, nesse momento supremo, a perturbação o envolve, como no homem que entra em agonia, e essa perturbação persiste até que a nova existência esteja nitidamente firmada. O início da reencarnação é uma espécie de agonia para o Espírito.

341. A incerteza quanto às eventualidades do seu triunfo nas provas as quais se submeterá na vida é causa de sofrimento para o Espírito, antes de sua encarnação?

“Um grande sofrimento, porque as provas de sua existência poderão fazê-lo adiantar-se ou estacionar, conforme as tiver bem ou mal suportado.”

342. No momento de sua encarnação o Espírito é acompanhado pelos Espíritos, seus amigos, que vêm assistir à sua partida do mundo espírita, bem como o receberão em seu retorno?

“Isso depende da esfera que o Espírito habita. Se está nas esferas em que reina a afeição, os Espíritos que o amam acompanham-no até o último momento, encorajam-no e, muitas vezes mesmo, acompanham-no durante a vida.”

343. Os Espíritos amigos que nos seguem durante vida são, por vezes, aqueles que encontramos em sonho, que nos testemunham a sua afeição e que se nos apresentam com feições desconhecidas?

“Muitas vezes sim. Eles vêm visitá-los, como se visita um encarcerado.”

União da alma e do corpo

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas estará completa apenas no momento do nascimento. No momento da concepção, o Espírito designado a habitar um corpo liga-se a ele por um laço fluídico que vai se encurtando, mais e mais, até o instante em que a criança vem à luz. O grito que escapa de seus lábios anuncia que entrou para o número dos vivos e dos servos de Deus.”

345. É definitiva a união entre o Espírito e o corpo desde o momento da concepção? Durante esse primeiro período, o Espírito poderá renunciar ao corpo que lhe foi designado?

“A união é definitiva no sentido em que um outro Espírito não poderia substituir aquele que foi designado para o corpo. Mas, como os laços são ainda muito frágeis, podem ser facilmente rompidos pela vontade do Espírito que recua ante a prova escolhida; então, a criança não vinga.”

346. Que acontece ao Espírito cujo corpo que escolheu venha a morrer antes de nascer?

“Escolhe um outro.”

346a. Qual poderia ser a utilidade dessas mortes prematuras?

“Em grande parte, a causa dessas mortes são as imperfeições da matéria.”

347. Que utilidade há para o Espírito uma encarnação cujo corpo morre poucos dias após o seu nascimento?

“O ser ainda não tem consciência da sua efetiva existência. A importância da morte é quase nula. Como já dissemos, é muitas vezes uma prova para os pais.”

348. O Espírito sabe, de antemão, que o corpo que escolheu não tem chance de viver?

“Às vezes, o sabe, mas, se houve escolha intencional, é porque recuou ante a prova.”

349. Quando, por uma causa qualquer, uma encarnação falha para o Espírito, é ela suprida prontamente por outra existência?

“Nem sempre. É necessário certo tempo para optar por nova oportunidade, a menos que a reencarnação instantânea provenha de uma determinação anterior.”

350. O Espírito, uma vez unido ao corpo da criança, e não lhe sendo possível retroceder, lamenta a escolha feita?

“A sua pergunta é se, como homem, se queixa da vida que tem? Se desejaria outra? Sim. Se lamenta a escolha feita? Não, pois ignora que a escolheu. O Espírito, uma vez encarnado, não pode lamentar uma escolha da qual não tenha consciência, mas pode considerá-la acima de suas forças, e é então que recorre ao suicídio.”

351. No intervalo entre a concepção e o nascimento, o Espírito desfruta de todas as suas faculdades?

“Mais ou menos, de acordo com a fase em que se encontre, porque não está ainda encarnado, mas ligado ao corpo. Desde o instante da concepção, a perturbação começa a envolver o Espírito, advertindo-o de que chegou o momento de voltar a uma nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é pouco mais que o de um Espírito encarnado, durante o sono do corpo. À medida que o momento do nascimento se aproxima, sua lucidez vai se obscurecendo, assim como a lembrança do passado se apaga, uma vez entrado na nova existência. Mas essa lembrança volta-lhe pouco a pouco à memória, em seu estado de Espírito.”

352. No momento do nascimento, o Espírito recobra imediatamente a plenitude de suas faculdades?

“Não. Elas se desenvolvem progressivamente com os órgãos. É para ele uma nova existência e, como tal, é necessário que aprenda a se servir desses instrumentos. As ideias voltam-lhe pouco a pouco, como a um homem que desperta de um sonho e que se encontra numa posição diferente da que ocupava antes de dormir.”

353. A união do Espírito e do corpo estando completa e definitivamente consumada somente após o nascimento, considera-se o feto como tendo uma alma?

“O Espírito que deve animá-lo existe, de qualquer maneira, fora dele. Não tem, portanto, propriamente falando, uma alma, porque a encarnação está somente em vias de se operar, mas está ligado àquela que deve possuir.”

354. Como explicar a vida intrauterina?

“É a da planta que vegeta. O feto vive a vida biológica. O homem possui em si mesmo a vida animal e a vida vegetal, que se completa no nascimento, com a vida espiritual.”

355. Há, como o indica a Ciência, crianças que desde o ventre da mãe não têm possibilidades de viver? Com que finalidade isto ocorre?

“Isto acontece com muita frequência. Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito destinado a encarnar.”

356. Há crianças natimortas que não foram destinadas à encarnação de um Espírito?

“Sim, há as que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos. Nada deveria cumprir-se para elas. É somente pelos pais que essa criança nasce.”

356a. Um ser dessa natureza pode chegar ao termo de sua gestação?

“Por vezes sim, mas não sobrevive.”

356b. Toda criança que sobrevive tem, portanto, um Espírito encarnado?

“O que ela seria sem o Espírito? Não seria um ser humano.”

357. Quais são, para o Espírito, as consequências do aborto?

“É uma existência nula e a recomçar.”

358. O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da concepção?

“Há crime sempre que se transgrida a lei de Deus. A mãe, ou qualquer outra pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida de uma criança antes de seu nascimento, porque é impedir a alma de suportar as provas de que o corpo deveria ser o instrumento.”

359. No caso em que haja riscos à vida da mãe pelo nascimento da criança, há crime em sacrificá-la para salvar a mãe?

“É preferível sacrificar o ser que não existe ao ser que existe.”

360. É racional ter pelo feto o mesmo respeito que se tem ao corpo de uma criança viva?

“Em tudo isso vejam a vontade de Deus e a Sua obra. Não se deve, portanto, tratar levemente as coisas às quais se deve respeito. Por que não honrar as obras da Criação, que às vezes são incompletas pela vontade do Criador? Isso pertence a Seus desígnios, a que ninguém é chamado a julgar.”

Faculdades morais e intelectuais

361. De onde vêm, para o homem, as suas qualidades morais, boas ou más?

“São as do Espírito que está nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, mais o homem é inclinado ao bem.”

361a. Parece resultar daí que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, e o homem vicioso o de um mau Espírito?

“Sim, mas diga-se antes que é um Espírito imperfeito, pois de outra forma poderia se acreditar na existência de Espíritos perpetuamente maus, aqueles que são denominados demônios.”

362. Qual é o caráter dos indivíduos nos quais se encarnam os Espíritos zombeteiros e levianos?

“Estouvados, travessos e, às vezes, maldosos.”

363. Os Espíritos têm paixões que são estranhas à Humanidade?

“Não. Se assim fosse, os homens também as teriam.”

364. É o mesmo Espírito que dá ao homem as qualidades morais e as da inteligência?

“Seguramente é o mesmo, e isso em razão do grau a que tenha chegado. O homem não tem em si dois Espíritos.”

365. Por que o homem muito inteligente, que revela um Espírito superior nele encarnado, é em alguns casos, ao mesmo tempo, profundamente vicioso?

“É que o Espírito encarnado não é suficientemente puro, e o homem cede à influência de outros Espíritos inferiores. O Espírito progride em uma marcha ascendente imperceptível, mas o progresso não se realiza

simultaneamente em todos os sentidos. Num período pode avançar em ciência; noutro, em moralidade.”

366. O que pensar da opinião segundo a qual as diferentes faculdades intelectuais e morais do homem seriam o produto de diversos Espíritos nele encarnados, tendo cada qual uma aptidão particular?

“Ao refletir a respeito, reconhece-se que é absurda. O Espírito deve ter todas as aptidões; para poder progredir, é necessário uma vontade única. Se o homem fosse uma fusão de Espíritos, essa vontade não existiria e ele não seria possuidor de uma individualidade, pois em sua morte todos esses Espíritos seriam como um bando de pássaros soltos da gaiola. O homem queixa-se, muitas vezes, de não compreender certas coisas e é curioso ver como multiplica as dificuldades, quando tem em mãos uma explicação tão simples e natural. É, novamente, tomar o efeito pela causa: é fazer com o homem o que os pagãos fizeram com Deus. Acreditavam em tantos deuses quantos os fenômenos do Universo. Entretanto, mesmo dentre eles, as pessoas sensatas viam nesses fenômenos apenas os efeitos, tendo como causa o Deus único.”

O mundo físico e o mundo moral oferecem-nos, a esse respeito, numerosos pontos de comparação. Acreditou-se na existência múltipla da matéria, enquanto o exame se detinha nos aspectos exteriores dos fenômenos. Hoje, compreendemos que esses fenômenos tão variados podem muito bem ser apenas manifestações de uma matéria elementar única. As diversas faculdades são manifestações de uma mesma causa que é a alma, ou Espírito encarnado, e não de várias almas, como os diferentes sons do órgão são o produto de uma mesma espécie de ar e não de tantas espécies de ar quanto há de sons. Resultaria desse sistema que, quando um homem perdesse ou adquirisse certas aptidões, certas tendências, isso significaria que outros Espíritos o tivessem possuído ou deixado, fazendo dele um ser múltiplo, sem individualidade e, por consequência, sem responsabilidade. Isto é refutado pelos tão numerosos exemplos de manifestações pelas quais os Espíritos provam a sua personalidade e a sua identidade.

Influência do organismo

367. O Espírito, ao unir-se ao corpo, identifica-se com a matéria?

“A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como a roupa é o envoltório do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual.”

368. As faculdades do Espírito se exercem com toda a liberdade, após a união com o corpo?

“O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento. Elas são limitadas pela densidade da matéria.”

368a. De acordo com isso, o envoltório material seria um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco impede a livre irradiação da luz?

“Sim, e muito opaco.”

Pode-se comparar a ação da matéria grosseira do corpo sobre o Espírito à de uma água lodosa, que tira a liberdade dos movimentos do corpo nela mergulhado.

369. O livre exercício das faculdades da alma está sujeito ao desenvolvimento dos órgãos?

“Os órgãos são instrumentos de manifestação das faculdades da alma. Essa manifestação está subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição destes órgãos, como a excelência de um trabalho à excelência do instrumento.”

370. Pode-se inferir, da influência dos órgãos, uma relação entre o desenvolvimento dos órgãos cerebrais e o das faculdades morais e intelectuais?

“Não confundam o efeito pela causa. O Espírito tem sempre as faculdades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que lhe dão as faculdades, mas estas que estimulam o desenvolvimento dos órgãos.”

370a. De acordo com isso, a diversidade das aptidões no homem decorre unicamente do estado do Espírito?

“Unicamente não é de todo exato. As qualidades do Espírito, que pode ter uma maior ou menor evolução, constituem o princípio, mas é necessário ter em conta a ascendência da matéria que entrava para mais ou para menos o exercício dessas faculdades.”

O Espírito, ao encarnar-se, traz certas predisposições e se admitirmos, para cada uma, um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será um efeito e não uma causa. Se as faculdades tivessem seu princípio nos órgãos, o homem seria uma máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade sobre os próprios atos. Seria admitir que os maiores gênios, sábios, poetas, artistas, não são gênios senão porque o acaso lhes deu órgãos especiais. De onde se conclui que, sem esses órgãos, não teriam sido gênios e que o último tolo teria podido ser um Newton, um Virgílio ou um Rafael¹, se lhes fossem providos certos órgãos. Suposição mais absurda ainda quando se aplica às qualidades morais. Assim, nesse sistema, São Vicente de Paulo², dotado pela Natureza de tal ou qual órgão, poderia ter sido um malfeitor e seria preciso a um malfeitor apenas um órgão para ser um São Vicente de Paulo.

Admita-se, ao contrário, que os órgãos especiais, se é que existem, são consequentes e se desenvolvem pelo exercício das faculdades, como os músculos pelo movimento e nada terá de irracional. Tomemos uma comparação trivial, por se aplicar ao caso: por certos sinais fisionômicos se reconhece o homem dado à bebida; são esses sinais que o fazem alcoólatra ou é o vício que produz esses sinais? Pode-se dizer, então, que os órgãos recebem a marca das faculdades.

Idiotismo, loucura

371. Tem fundamento a opinião segundo a qual os cretinos e os idiotas³ teriam uma alma de natureza inferior?

¹ Sir Isaac Newton (1642-1727), matemático e filósofo, v. nota (5) questão 222; Virgílio (70-19 a.C.), poeta latino autor da obra-prima *Eneida*; Raphael Sanzio (1483-1520), pintor italiano da Renascença. (*N. do E.*)

² São Vicente de Paulo – leia o resumo biográfico no fim deste livro. (*N. do E.*)

³ À época, a nomenclatura oficial designava os **Deficientes Mentais (ou Intelectuais)** como **cretinos** ou **idiotas**. Durante os séculos XVIII e XIX, a Medicina acreditava que o cretinismo fosse causado pelo bócio, muito frequente em determinadas regiões da Europa. O cretinismo seria a forma mais grave de deficiência mental, sendo a idiotia, a imbecilidade e a debilidade mental, a nomenclatura utilizada para as formas mais leves do cretinismo. Também Philippe Pinel (1745-1826), no início do

“Não. Eles têm uma alma humana, frequentemente mais bem dotada do que se pode julgar num primeiro momento e que sofre com a insuficiência de meios para se comunicar, como o mudo sofre por não poder falar.”

372. Qual é o objetivo da Providência ao criar seres desventurados como os cretinos e os idiotas?

“São Espíritos em punição que habitam corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem com o constrangimento a que estão submetidos e pela impossibilidade de manifestação, em consequência dos órgãos não desenvolvidos ou defeituosos.”

372a. Não é, portanto, exato dizer que os órgãos não exercem predomínio sobre as faculdades?

“Não dissemos, jamais, que assim fosse. Os órgãos exercem uma grande influência sobre a manifestação das faculdades, mas não produzem as faculdades. Aí está a diferença. Um bom músico com um mau instrumento não fará boa música, o que não o impede de ser um bom músico.”

É imperioso distinguir o estado normal do patológico. No estado normal, o moral supera o entrave material; mas há casos em que a matéria oferece resistência tal que as manifestações são obstaculadas ou adulteradas, como na idiotia e na loucura. São casos patológicos e, neste estado, a alma não desfruta de toda a sua liberdade. A lei humana a isenta da responsabilidade dos próprios atos.

373. Qual pode ser o mérito da existência para seres que, como os idiotas e os cretinos, estando impossibilitados de praticar o bem e o mal, não podem progredir?

“É uma expiação imposta pelo abuso que uma pessoa fez de certas faculdades. É um período de suspensão.”

373a. O corpo de um idiota pode, desta forma, encerrar um Espírito que teria animado um homem de gênio em uma existência progressiva?

século XIX, acreditava que idiotia, imbecilidade e deficiência mental seriam sintomas de degeneração do sistema central, de origem hereditária. Até então, demência (doença mental) e amênia (deficiência mental) eram tratados da mesma forma.

A deficiência mental pode ser definida como funcionamento intelectual abaixo da média, originado durante o período de desenvolvimento e associado a distúrbios nos campos da maturação, aprendizado e adaptação social. Nas questões 371 a 374, os Espíritos explicam as causas espirituais para as deficiências mentais. Também André Luiz (*Evolução em Dois Mundos*) e Jorge Andréa dos Santos (*Psicologia Espírita I*), abordam a temática sob o enfoque espírita. Para mais detalhes, acesse o *site* do Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz, www.feal.com.br/casasandre Luiz (N. do E.).

“Sim, a genialidade torna-se, às vezes, uma desgraça quando dela se abusa.”

A superioridade moral não está sempre na proporção da superioridade intelectual, e os maiores gênios podem ter muito a expiar resultando que, frequentemente, têm de cumprir uma existência inferior às que tenham vivido, sendo-lhes causa de sofrimentos. Os entraves que o Espírito prova em suas manifestações são como as cadeias que tolhem os movimentos de um homem vigoroso. Pode-se dizer que o cretino e o idiota são mutilados do cérebro, como o coxo das pernas, e o cego dos olhos.

374. O idiota, no estado de Espírito, tem a consciência de seu estado mental?

“Sim, muitas vezes, pois compreende que as cadeias que embaraçam o seu desenvolvimento são uma prova e uma expiação.”

375. Qual é a situação do Espírito na loucura?

“O Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente a sua ação sobre a matéria. Quando encarnado, encontra-se em condições totalmente diferentes e na contingência de o fazer apenas com a ajuda de órgãos especiais. Que uma parte ou conjunto desses órgãos sofram alterações, e a sua ação ou suas impressões no que concerne a esses órgãos são interrompidas. Se perde os olhos, fica cego; os ouvidos, fica surdo etc. Imagine agora se o órgão que preside os efeitos da inteligência e da vontade seja parcial ou inteiramente agredido ou modificado; será facilmente compreensível que o Espírito, somente tendo a seu serviço apenas órgãos incompletos ou alterados, deve entrar em perturbação da qual ele mesmo em seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso não lhe é mais possível deter.”

375a. Desta forma, é sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado?

“Sim, mas é necessário atentar para o fato de que, se o Espírito age sobre a matéria, da mesma forma esta reagirá sobre ele em certa proporção e que o Espírito pode se encontrar momentaneamente impactado pela alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe suas impressões. Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou bastante, a repetição dos mesmos atos acabe por ter sobre o Espírito uma influência da qual se livrará apenas após a sua completa separação de todo abalo material.”

376. Qual a razão por que a loucura leva, às vezes, ao suicídio?

“O Espírito sofre pelos constrangimentos que o impedem de manifestar-se livremente. Desta forma, busca na morte um meio de libertação.”

377. O Espírito se ressentido da perturbação de suas faculdades, após a morte?

“Pode ressentir-se, por algum tempo, até que esteja completamente desligado da matéria; como o homem que, ao despertar, se ressentido por algum tempo da perturbação em que o sono o mergulhara.”

378. Como as alterações cerebrais podem reagir sobre o Espírito após a morte?

“É uma lembrança. Como um peso imenso que o oprime e, como o Espírito não teve a consciência de tudo o que se passou durante o período de sua loucura, lhe é necessário um certo tempo para pôr-se a corrente. É por isso que, quanto mais tenha durado a loucura durante a vida, mais longamente durará a tortura, o constrangimento após a morte. O Espírito desligado do corpo se ressentido, por algum tempo, da impressão de seus laços.”

Sobre a infância

379. O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido quanto o de um adulto?

“Ele pode ser mais desenvolvido, se mais progrediu. São apenas os órgãos ainda imperfeitos que o impedem de se manifestar. Age em razão do instrumento do qual se serve.”

380. Em uma criança em tenra idade, o Espírito, longe dos obstáculos que a imperfeição dos órgãos opõe à sua livre manifestação, pensa como uma criança ou como um adulto?

“Enquanto criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não possam possibilitar-lhe a intuição de um adulto. Tem, com efeito, a inteligência muito limitada, até que a idade lhe amadureça a razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa imediatamente ao nascimento; dissipa-se gradualmente com o desenvolvimento dos órgãos.”

Uma observação vem apoiar esta resposta: é que os sonhos de uma criança não tem o mesmo caráter dos de um adulto. Seu objeto é quase sempre pueril, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381. Após a morte da criança, o Espírito retoma imediatamente o seu vigor inicial?

“Assim deve ser, uma vez desembaraçado de seu envoltório carnal. No entanto, retoma a sua lucidez primitiva apenas quando a separação é completa, ou seja, quando não houver mais nenhum laço que ligue o Espírito ao corpo.”

382. O Espírito encarnado sofre, durante a infância, com os constrangimentos que o corpo lhe impõe?

“Não, esse estado é uma necessidade. É perfeitamente natural e corresponde aos desígnios da Providência: é um tempo de repouso para o Espírito.”

383. Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?

“O Espírito reencarna tendo em vista aperfeiçoar-se. É mais acessível, durante esse tempo, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu desenvolvimento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados de sua educação.”⁴

384. Por que o choro é a primeira manifestação da criança ao nascer?

“Para estimular o interesse da mãe e provocar os cuidados que lhe são necessários. Se tivesse apenas manifestações de alegria quando ainda nem sabe falar, pouco se inquietaria ela com as suas necessidades. Admire, pois, em tudo, a sabedoria da Providência.”

385. Quais as razões da mudança que se opera no caráter do indivíduo, em certa idade, particularmente ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

“É o Espírito que retoma a natureza que lhe é própria e se mostra tal qual era.”

Os homens não conhecem o mistério que as crianças ocultam na sua inocência; não sabem o que elas são, nem o que foram, nem o que serão e, no entanto, amam-nas e as acariciam como se fossem parte de si mesmos, de tal forma que o amor de uma mãe por seus filhos é

⁴O Espiritismo, como corpo de doutrina, é um verdadeiro processo educacional para o Espírito, seja ele habitante de um corpo na infância ou na idade adulta. Os pais e professores devem atentar para este fato, direcionando a criança desde a mais tenra idade, à compreensão dos valores exarados em toda a Codificação. (N. do E.)

considerado o maior amor que um ser possa vir a ter por outro. De onde vem essa doce afeição, essa terna complacência que até os estranhos provam por uma criança? Sabem? Não. É isso que eu vou lhes explicar.

As crianças são os seres que Deus enviou a novas existências e, para que não possam acusá-Lo de uma severidade muito grande, lhes dá toda a aparência da inocência. Mesmo em uma criança de natureza má, suas faltas são acobertadas pela não consciência de seus atos. Essa inocência não significa uma superioridade real sobre o que eram antes, mas, sim, uma imagem do que deveriam ser e, se não o são, é somente sobre elas que recai a responsabilidade.

Mas não é somente por elas que Deus lhes dá esse aspecto. É também, e sobretudo por seus pais, cujo amor é necessário à fragilidade infantil e que seria singularmente enfraquecido pela presença de um caráter áspero e rude, enquanto que, se acreditarem que seus filhos são bons e ternos, dar-lhes-ão todo o afeto e os envolverão nos mais delicados cuidados. Mas quando as crianças não têm mais necessidade dessa proteção, dessa assistência que lhes foi prestada durante quinze a vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda sua realidade: permanecem boas se eram fundamentalmente boas, mas apresentam sempre os característicos que estavam velados na primeira infância.

Vejam que os caminhos de Deus são sempre os melhores e que, quando se tem o coração puro, a explicação é fácil de se conceber.

Com efeito, ponderem bem que o Espírito da criança que nasceu entre os homens pode provir de um mundo onde tenha adquirido hábitos diferentes. Como querem que ele permaneça no seu meio esse novo ser que vem com as inclinações e gostos inteiramente opostos aos seus? Como esperam que ele se incorpore ao seu ambiente, senão como Deus o quis, ou seja, após haver passado pela preparação da infância? Nesta se confundem todos os pensamentos, todos os caracteres, toda a multiplicidade de seres engendrados por essa multidão de mundos nos quais se desenvolvem as criaturas. Ao morrer, a criatura humana também estará em uma espécie de infância, no meio de novos irmãos; e em sua nova existência não terrena ignorará os hábitos, os costumes, as formas de relação desse mundo novo. Manejará, com dificuldade, um

idioma que não está habituada a falar e que poderá ser mais dinâmico do que é, hoje, o seu pensamento. (Ver questão 319.)

A infância tem, ainda, outra utilidade: os Espíritos ingressam na vida corporal apenas para se aperfeiçoar, melhorar. A fragilidade da tenra idade torna-os flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que os devem fazer progredir. É então que se pode reformar o seu caráter e reprimir as suas más tendências. Tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder.

Por tudo isso, a infância, além de útil, necessária, indispensável, é ainda a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.”

Simpatias e antipatias terrenas

386. Podem dois seres, que se conheceram e estimaram, encontrar-se noutra existência corporal e reconhecer-se?

“Reconhecer-se, não. Podem, porém, sentir-se atraídos um para o outro. Muitas vezes, as ligações íntimas fundadas em sincera afeição não têm outra causa. Dois seres aproximam-se um do outro por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que são resultado da atração de dois Espíritos que se buscam por entre a multidão.”

386a. Não seria mais agradável para ambos o reconhecimento mútuo?

“Nem sempre. A lembrança de existências passadas teria inconvenientes maiores do que se possa acreditar. Após a morte, se reconhecerão e saberão em que época estiveram juntos. (Ver questão 392.)

387. A simpatia tem sempre por princípio um conhecimento anterior?

“Não. Dois Espíritos que tenham mútua afinidade se procuram naturalmente sem que tenham se conhecido como encarnados.”

388. Os reencontros que se dão, algumas vezes entre certas pessoas e que são atribuídas ao acaso, não seriam efeito de uma espécie de relação simpática?

“Há, entre os seres pensantes, ligações que ainda não são conhecidas. O magnetismo é a bússola dessa Ciência, que compreenderão melhor mais tarde.”

389. De onde vem a repulsa instintiva que se experimenta por certas pessoas, à primeira vista?

“Espíritos antipáticos que se percebem e se reconhecem sem se falarem.”

390. A antipatia instintiva é sempre um sinal de má natureza?

“Dois Espíritos não são necessariamente maus, somente pelo fato de não serem simpáticos. Esse sentimento antagônico pode nascer de uma ausência de empatia no modo de pensar; mas, à medida que se elevam, as diferenças se apagam e a antipatia desaparece.”

391. A antipatia entre duas pessoas nasce, em primeiro lugar, naquele cujo Espírito é o pior ou o melhor?

“Em um e em outro, mas as causas e os efeitos são diferentes. Um Espírito mau sente antipatia contra quem pode julgá-lo e desmascará-lo. Ao ver uma pessoa pela primeira vez, sabe que será desaprovado por ela. Seu afastamento se transforma em ódio, em inveja e lhe inspira o desejo de fazer o mal. O bom Espírito sente repulsa pelo mau, porque sabe que não será compreendido e que ambos não participam dos mesmos sentimentos; entretanto, seguro de sua superioridade, não sente contra o outro nem ódio, nem inveja; contenta-se em evitá-lo e lastimá-lo.”

Esquecimento do passado

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança de seu passado?

“O homem não pode nem deve saber tudo. Deus assim o quer, em sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa sem transição da obscuridade à luz. Pelo esquecimento do passado é mais ele mesmo.”

393. Como o homem pode ser responsabilizado por atos e resgatar faltas das quais nem sequer se recorda? Como pode aproveitar a experiência adquirida em existências que caíram no esquecimento? Seria admissível que as atribuições da vida fossem uma lição, se pudesse lembrar-se daquilo que as atraiu, mas, desde que isso não ocorre, cada existência é como se fosse a primeira e, desta forma, está sempre recomeçando. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

“A cada nova existência, o homem tem mais inteligência e pode melhor

distinguir o bem e o mal. Onde estaria o mérito se ele se recordasse de todo o passado? Quando o Espírito retorna à vida espírita, todo o seu passado se desenrola diante dele. Vê as faltas nas quais incorreu e que são causas de seu sofrimento, bem como o que poderia tê-lo impedido de cometê-las. Compreende que a posição em que se encontra é justa e busca, então, uma nova existência que poderia reparar a que acaba de se findar. Procura provas semelhantes às que não soube vencer, ou as lutas que acredita apropriadas ao seu adiantamento; pede aos Espíritos superiores para o ajudarem nessa nova tarefa que empreenderá, ciente de que o Espírito que lhe for dado como guia nessa nova existência, procurará fazê-lo reparar as suas faltas, ao dar-lhe uma espécie de intuição das que ele cometeu. Essa mesma intuição é o pensamento, o desejo criminoso que o envolve muitas vezes e ao qual instintivamente resiste, atribuindo a sua resistência, na maior parte do tempo, aos princípios que recebeu de seus pais, enquanto que é a voz da consciência que lhe fala; essa voz é a lembrança do passado, que lhe adverte a não recair nas faltas que cometeu anteriormente. Se o Espírito, nessa nova existência, sofre essas provas com coragem e resiste, eleva-se na hierarquia dos Espíritos, quando para o meio deles retornar.”

Se não temos, durante a vida corporal, uma lembrança precisa do que fomos e do que fizemos de bem ou de mal em nossas existências anteriores, temos, não obstante, a intuição. Nossas tendências instintivas são uma reminiscência do passado às quais a nossa consciência – que representa o desejo que concebemos de não mais incidir nos mesmos erros – indica que devemos resistir.

394. Nos mundos mais adiantados que a Terra, onde os que os habitam não sofrem as necessidades físicas e enfermidades que nos afligem, os seus habitantes compreendem que são mais felizes que nós? Sendo a felicidade, em geral, relativa, nós a avaliamos somente por comparação a um estado menos feliz. Como alguns desses mundos, embora melhores que o nosso, ainda não chegaram ao estado de perfeição, seus habitantes hão de ter motivos de desgosto, embora diferentemente dos nossos. Entre nós, mesmo o rico, ainda que não tenha sofrido as angústias das necessidades materiais, nem por isso está menos sujeito às atribulações que lhe amargam a existência. Assim, pergunto se os habitantes desses mundos

não se sentem tão desditosos quanto nós e não se lastimam de sua sorte, já que não têm a lembrança das existências inferiores para comparação?

“Cabem aqui duas respostas distintas. Há mundos, entre aqueles referidos, cujos habitantes guardam lembrança clara e exata de suas existências passadas. Esses, compreenda, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite fruir. Outros há, entretanto, cujos habitantes, achando-se, como foi dito, em melhores condições do que a Terra proporciona a seus habitantes, nem por isso estão menos sujeitos a grandes tribulações e mesmo situações infelizes. Esses não apreciam a felicidade de que desfrutam, pelo fato de não se recordarem de um estado ainda mais desditoso. Se não a apreciam como homens, apreciam-na como Espíritos.”

Não há no esquecimento dessas existências passadas, principalmente se tiverem sido penosas, algo de providencial e em que se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes é apenas um mau sonho, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as infelicidades presentes não seriam agravadas pela lembrança de tudo aquilo que se suportou? Concluamos, assim, que tudo quanto Deus fez é benfeito e não nos cabe criticar as suas obras e dizer como teria de regular o Universo.

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves. Poderia, em certos casos, humilhar-nos intensamente; em outros, exaltar o nosso orgulho e, por isso mesmo, entravar o nosso livre-arbítrio. Deus nos deu, para evoluirmos, justamente o que nos é necessário e suficiente: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, tirando-nos aquilo que poderia prejudicar-nos. Acrescentamos ainda que, se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos atos alheios e esse conhecimento poderia ter os mais desagradáveis efeitos sobre as relações sociais. Não havendo sempre motivo de nos orgulharmos de nosso passado, é quase uma felicidade que um véu seja lançado sobre ele. Isso concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos sobre os mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, em que apenas reina o bem, a lembrança do passado não tem nada de penoso. Eis por que lembram-se de sua existência pretérita, como nos lembramos do que fizemos no dia precedente.

Quanto à passagem que se possa ter tido nos mundos inferiores, não é mais, como temos dito, que um mau sonho.

395. Podemos ter revelações sobre as nossas existências anteriores?

“Nem sempre. Muitos sabem, no entanto, o que foram e o que fizeram. Se lhes fosse permitido dizê-lo abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.”

396. Certas pessoas acreditam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido, que se apresenta a elas como uma imagem fugidia de um sonho que se procura em vão reter. Essa ideia não seria apenas uma ilusão?

“É algumas vezes real; mas, frequentemente, é também uma ilusão contra a qual é preciso acautelar-se, pois pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.”

397. Nas existências corporais de uma natureza mais elevada que a nossa, a lembrança de existências anteriores é vista com maior exatidão?

“Sim, pois à medida que o corpo é menos material, recorda-se melhor. A lembrança do passado é mais clara para aqueles que habitam os mundos de uma ordem superior.”

398. Sendo as tendências instintivas do homem senão uma reminiscência de seu passado, pelo estudo dessas tendências, ele pode conhecer as faltas que cometeu?

“Sem dúvida, até certo ponto. Mas é necessário ter em conta a melhora que se possa ter operado no Espírito e as resoluções que tomou no estado errante. A existência atual pode ser bem melhor que a precedente.”

398a. Poderá ela ser pior? Por outras palavras, o homem pode numa existência cometer faltas não perpetradas na precedente?

“Isso depende de seu avanço. Se não souber resistir às provas, poderá ser arrastado ao cometimento de novas faltas, consequência da posição que escolheu. Mas, em geral, essas faltas denunciam um estado mais estacionário que retrógrado, porque o Espírito pode avançar ou se deter, mas não recuar.”

399. Sendo as vicissitudes da vida corporal expiação de faltas passadas, ao mesmo tempo que provas para o futuro, é possível induzir-se o gênero de existência anterior pela natureza dessas vicissitudes?

“Muitas vezes, pois cada um é punido pela qualidade do mal perpetrado. No entanto, não se deve fazer disso uma regra absoluta. As tendências instintivas são um indicador mais seguro, pois as provas que sofre o Espírito se referem tanto ao futuro quanto ao passado.”

Chegado ao termo marcado pela Providência para a sua vida errante, o próprio Espírito escolhe as provas às quais irá se submeter para apressar o seu progresso, isto é, o gênero de existência que acredita ser mais apropriado para lhe fornecer os meios e essas provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se nelas triunfa, se elevará; se sucumbir, terá de recomeçar.

O Espírito goza sempre de seu livre-arbítrio. É em virtude dessa liberdade, no estado de Espírito, que escolhe as provas da vida corporal e, quando encarnado, delibera o que fará ou não, escolhendo entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio seria reduzi-lo à condição de máquina.

Integrado na vida corporal, o Espírito perde momentaneamente a lembrança dessas existências anteriores como se um véu as ocultasse. No entanto tem, às vezes, uma vaga consciência e elas podem mesmo ser-lhe reveladas em certas circunstâncias. Mas isto não acontece senão pela vontade dos Espíritos superiores que o fazem espontaneamente, com um fim útil e jamais para satisfazer uma vã curiosidade⁵.

As existências futuras não podem ser reveladas em nenhum caso, pela razão de que dependem da maneira como se cumpre a existência presente e da escolha ulterior do Espírito.

O esquecimento de faltas cometidas não é um obstáculo à melhora do Espírito porque, se ele não possui uma lembrança precisa, o conhecimento que delas teve no estado errante e o desejo de repará-las guiam-no por intuição e lhe dão o pensamento de resistir ao mal. Esse pensamento é a voz da consciência, secundada pelos Espíritos que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe sugerem.

⁵ Nesta instrução desenvolvida por Kardec, vemos a seriedade da questão. Nos dias atuais, a Terapia Regressiva a Vivências Passadas, objeto da terapêutica médica – e não doutrinário-espírita – trabalha com eventos traumáticos do passado do paciente. Não deve ser confundida com prática espírita nem deverá ser diagnosticada para finalidades fúteis. (N. do E.)

Se o homem não conhece os próprios atos que cometeu em suas existências anteriores, pode sempre saber de qual gênero de faltas é culpado e qual era o seu caráter dominante. Basta estudar a si mesmo e poderá julgar o que foi, não pelo que é, mas por suas tendências.

As vicissitudes da vida corporal são, às vezes, uma expiação das faltas passadas e provas para o futuro. Elas nos purificam e nos elevam, segundo a maneira pela qual sofremos com resignação e sem queixumes.

A natureza das vicissitudes e das provas as quais nos submetemos pode também esclarecer-nos sobre o que fomos e o que fizemos, como neste mundo julgamos os atos de um malfeitor pela pena que lhe inflige a lei. Assim, esse será castigado em seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avaro, pela miséria; aquele que foi duro para com os outros, pela dureza que sofrerá; o tirano, pelo escravismo; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso por um trabalho forçado etc.

EMANCIPAÇÃO DA ALMA

O sono e os sonhos

400. O Espírito encarnado permanece voluntariamente em seu envoltório corporal?

“É como perguntar se um encarcerado sente-se satisfeito sob as chaves. O Espírito encarnado aspira, sem cessar, à libertação e quanto mais denso o envoltório, mais deseja desembaraçar-se.”

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

“Não. O Espírito jamais permanece inativo. Durante o sono, os laços que o unem ao corpo se afrouxam e este não tem necessidade do Espírito. É quando ele, então, percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”

402. Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?

“Pelos sonhos. Saibam que, quando o corpo repousa, o Espírito dispõe de mais faculdades que no estado de vigília. Lembra-se do passado e, às vezes, tem a previsão do futuro. Adquire maior potencialidade e pode entrar em comunicação com os outros Espíritos, sejam deste mundo, sejam de outro. Muitas vezes se comenta: ‘Tive um sonho bizarro, um sonho horrível, mas que nada tem de genuíno’. É engano. São, muitas vezes, as lembranças das coisas e de lugares que viu ou que verá em uma outra existência ou em outro momento. Com o corpo adormecido, o Espírito trata de quebrar as suas cadeias para perquirir o passado ou o futuro.”

Pobres homens, que conhecem tão pouco os fenômenos mais simples da vida. Acreditam ser bem sábios e as coisas mais simples os embarçam. A esta pergunta de todas as crianças: 'O que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos?' ficam sem resposta.

O sono liberta, parcialmente, a alma do corpo. Quando dormimos, estamos momentaneamente no estado em que nos encontramos, de maneira definitiva, após a morte. Os Espíritos que cedo se desprendem da matéria, ao morrerem, tiveram sonhos inteligentes. Alguns, quando dormem, procuram a sociedade dos que lhes são superiores: viajam, conversam e se instruem com eles. Trabalham mesmo em obras que encontram concluídas, no seu retorno. Destes fatos, todos devem aprender a não temer a morte, visto que se morre todos os dias, segundo as palavras de um santo.

Assim é para o Espírito elevado; mas para a massa dos homens que, ao morrerem, devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza já comentada, vão, seja a mundos inferiores à Terra, em que antigos afetos os chamam, seja à procura dos prazeres talvez ainda mais baixos do que possuíam aqui; vão impregnar-se das doutrinas ainda mais vis, mais desprezíveis, mais nocivas do que as que professavam no plano terreno. E o que gera a simpatia sobre a Terra não é outra coisa senão o fato de nos sentirmos, ao acordar, ligados pelo coração àqueles com quem vimos de passar oito ou nove horas de felicidade ou de alegrias.

O que explica, também, essas antipatias invencíveis é que sabemos, no fundo do coração, que essas pessoas têm uma consciência diferente da nossa, porque as conhecemos sem jamais tê-las visto. É ainda o que explica a indiferença, visto que não procuramos fazer outras amizades, pois sabemos ter os que nos amam e nos querem. Em uma palavra, o sono influi mais sobre a vida do que se possa pensar.

Pelo efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos, e é isso que faz com que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, em encarnar-se na Terra. Deus quis que, durante o seu contato com o vício, pudessem retemperar-se na fonte do bem, para não falharem, eles que vinham instruir aos outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para contatar seus amigos do além. É o lazer após o

trabalho, enquanto esperam o grande livramento, a libertação final que deve restituir-lhes ao seu verdadeiro meio.

O sonho é a lembrança do que o seu Espírito viu durante o sono, mas observem que não sonham sempre, porque nem sempre se lembram do que viram ou de tudo o que viram. Isso ocorre, porque a alma não está plenamente desenvolvida em suas faculdades. Muitas vezes, fica apenas a lembrança da perturbação que acompanha a sua partida ou a sua volta, acrescida da lembrança que resulta do que fizeram ou do que os preocupa quando despertos. Sem isto, como explicar esses sonhos absurdos que acontecem aos mais sábios e aos mais simples? Os maus Espíritos também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

De resto, verão em pouco tempo desenvolver-se outra espécie de sonhos. É tão antiga quanto aquela que conhecem, mas que ignoram. O sonho de Joanna¹, o sonho de Jacó², o sonho dos profetas judeus e de alguns ‘adivinhos’ indianos: é a lembrança da alma inteiramente liberta do corpo, a lembrança dessa segunda vida da qual há pouco lhes falava.

Procurem distinguir bem as duas espécies de sonhos, dentre aqueles dos quais se lembram; sem isso, cairão em contradições e erros que seriam funestos para a sua própria fé.”

Os sonhos são o produto da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí resulta a espécie de clarividência indefinida, que se estende aos lugares mais distantes ou que jamais se viu e, às vezes, mesmo a outros mundos. Daí, também a lembrança que retrata na memória os acontecimentos verificados na existência presente ou nas anteriores. A singularidade das imagens referentes ao que se passa ou se passou nos mundos desconhecidos, entremeadas de coisas do mundo atual, formam os conjuntos bizarros e confusos que parecem não ter sentido, nem nexos.

¹ Joanna D’Arc (1412-1431) – heroína francesa, chefiou os exércitos de Carlos VII, vencendo os ingleses em Orléans e Patery, reunificando a França e levando o rei à sagração na Catedral de Reims. Presa em combate, foi vítima de articulações políticas que culminaram em pena máxima pelos tribunais da Inquisição. (*N. do E.*)

² Jacó ou Jacob – um dos grandes patriarcas de Israel, filho de Isaac e Rebeca, neto de Abraão; sua história ocupa metade do livro do Gênesis, ligada em parte à de seu pai e a do seu filho José. (*N. do E.*)

A incoerência dos sonhos se explica, ainda, pelas lacunas decorrentes da lembrança incompleta do que nos apareceu em sonho. Tal como um relato em que se houvessem truncado, ao acaso, frases ou partes de frases: os fragmentos que restassem, quando reunidos, perderiam toda a significação racional.

403. Por que não nos recordamos sempre dos sonhos?

“Isso a que se referem por sono é apenas o repouso do corpo, porque o Espírito está constantemente em atividade. No sono, ele recobra um pouco de sua liberdade e se comunica com os que lhe são queridos, seja neste mundo, seja em outros. Mas como o corpo é uma matéria pesada e densa, dificilmente conserva as impressões que recebeu do Espírito, porque este não as percebeu pelos órgãos do corpo.”

404. O que pensar da significação atribuída aos sonhos?

“Os sonhos não são verdadeiros como o entendem os leitores da sorte, porque é absurdo acreditar que sonhar tal coisa anuncia outra. São verdadeiros no sentido em que apresentam imagens reais para o Espírito, mas que, muitas vezes, não têm relação com o que acontece na vida corporal. Frequentemente, como já dissemos, é uma lembrança. Pode ser, enfim, algumas vezes, um pressentimento do futuro, se Deus o permite, ou a visão do que se passa no momento em outro lugar a que a alma se transporta. Não há numerosos exemplos de pessoas que aparecem em sonho e vêm advertir parentes e amigos do que lhes acontece? O que são essas aparições senão a alma ou o Espírito dessas pessoas que vêm comunicar-se? Quando adquirirem a certeza de que o que viram realmente aconteceu, não é uma prova de que a imaginação nenhuma parte tomou no fato, sobretudo se o ocorrido absolutamente não estava no seu pensamento durante a vigília?”

405. Frequentemente se veem, nos sonhos, coisas que parecem presentimentos e que não se cumprem; de onde vem isso?

“Podem cumprir-se para o Espírito, se não se cumprem para o corpo. Quer dizer que o Espírito vê aquilo que deseja porque vai procurá-lo. Não se deve esquecer de que, durante o sono, a alma está sempre mais ou menos sob a influência da matéria e que, por consequência, não se afasta, completamente, das ideias terrenas, donde resulta que as preocupações da vigília podem dar àquilo que se vê, a aparência do que se deseja ou do que se teme. É aí,

verdadeiramente, o que podemos chamar de um efeito da imaginação. Sempre que uma ideia nos preocupa fortemente, relaciona-se a ela tudo o que se vê.”

406. Quando vemos em sonho pessoas vivas, que conhecemos perfeitamente, praticarem atos de que absolutamente não cogitam, não é isso puro efeito de imaginação?

“Em que absolutamente não pensam? Como sabe disso? Os Espíritos dessas pessoas podem vir visitar o seu, como o seu pode visitar os delas, e nem sempre saberá o que pensam. Além disso, muitas vezes, aplica-se às pessoas que se conhece e segundo os seus próprios desejos, aquilo que se passou ou o que se passa em outras existências.”

407. O sono completo é necessário para a emancipação do Espírito?

“Não. O Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem. Aproveita para emancipar-se em todos os instantes de descanso que o corpo lhe oferece. Desde que haja a diminuição das forças vitais, o Espírito se desprende e, quanto mais o corpo estiver fraco, mais o Espírito fica livre.

É assim que o cochilar ou um simples entorpecimento dos sentidos, apresenta muitas vezes as mesmas imagens que o sonho.

408. Parece-nos, às vezes, ouvir em nosso íntimo palavras pronunciadas distintamente e que não têm nenhuma relação com o que nos preocupa. De onde vêm elas?

“Sim, e mesmo frases inteiras, sobretudo quando os sentidos começam a se entorpecer. É, por vezes, um frágil eco de um Espírito que deseja comunicar-se contigo.”

409. Frequentemente, em um estado que não é ainda o cochilo, quando temos os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras das quais apanhamos os mais minuciosos detalhes. É um efeito de visão ou imaginação?

“Com o corpo entorpecido, o Espírito procura quebrar a sua cadeia: ele se desprende e vê. Se o sono estivesse completo, seria um sonho.”

410. Temos, às vezes, durante o sono ou o cochilo, ideias que parecem excelentes e que, apesar dos esforços que fazemos para recordá-las, se apagam da memória. De onde vêm essas ideias?

“São o resultado da liberdade do Espírito que se emancipa e desfruta de mais amplas faculdades durante esse momento. São, muitas vezes, também os conselhos dados por outros Espíritos.”

410a. Para que servem essas ideias ou esses conselhos, visto que a sua lembrança se perde e não se pode aproveitá-los?

“Essas ideias pertencem, às vezes, mais ao mundo dos Espíritos que ao corporal. Mas, na maioria das vezes, se o corpo esquece, o Espírito se lembra e a ideia volta no momento necessário, como uma inspiração.”

411. O Espírito encarnado, nos momentos em que está livre da matéria e age como Espírito, conhece a época de sua morte?

“Muitas vezes a pressente. Por vezes, tem dela a consciência muito clara e é isso que, no estado de vigília, lhe dá a intuição. É por isso que algumas pessoas preveem a sua própria morte com grande exatidão.”

412. A atividade do Espírito durante o repouso ou o sono do corpo pode provocar a fadiga neste último?

“Sim, porque o Espírito prende-se ao corpo como um balão cativo ao poste. Ora, da mesma forma que as sacudidelas do balão abalam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode provocar-lhe fadiga.”

Visitas espíritas entre pessoas vivas

413. Sobre o princípio da emancipação da alma durante o sono, parece resultar que temos uma dupla existência simultânea: a do corpo – que nos dá a vida de relação exterior – e a da alma – que nos dá a vida de relação oculta. Isso é exato?

“No estado de emancipação, a vida do corpo cede à vida da alma, mas não são, propriamente falando, duas existências: são, antes, duas fases da mesma existência, porque o homem não vive de forma dupla.³”

414. Duas pessoas que se conhecem podem visitar-se durante o sono?

“Sim, e muitas outras que acreditam não se conhecerem, se encontram para conversar. Pode-se ter um amigo em outro país, sem que se tenha consciência disso. O fato de haver visitas durante o sono, entre amigos, parentes,

³O tema foi desenvolvido por Kardec e consta do livro *Obras Póstumas*, I. Parte, Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas. O metapsiquista Ernesto Bozzano igualmente tratou do assunto em seu trabalho *Comunicações mediúnicas entre vivos*. Em nossos dias, encontramos vasta bibliografia dentre os autores sérios que estudaram profundamente o fenômeno, a partir das pesquisas do Codificador. (N. do E.)

conhecidos, pessoas que lhes podem ser úteis, é tão frequente que pode mesmo acontecer quase todas as noites.”

415. Qual pode ser a utilidade dessas visitas noturnas, visto que não nos lembramos?

“Comumente, ao despertar, resta uma intuição que é muitas vezes a origem de certas ideias que vêm espontaneamente, sem que se possa explicá-las e que nada mais são que as ideias que haurimos nesses colóquios.”

416. O homem pode provocar as visitas espíritas por sua vontade? Pode, por exemplo, dizer ao adormecer: “Esta noite eu vou me encontrar, em Espírito, com tal pessoa, falar-lhe e dizer-lhe tal coisa?”

“Eis o que se passa: quando o homem dorme, seu Espírito desperta e o que ele resolveu, o Espírito está, muitas vezes, bem longe de seguir, porque a vida de relação do homem interessa pouco ao Espírito, quando está liberto da matéria. Isto acontece com os homens já muito elevados; com os outros, sua existência espiritual passa de modo totalmente diverso. Entregam-se às paixões ou permanecem em inatividade. Pode ocorrer, portanto, que, segundo o motivo a que se propôs, o Espírito vá visitar as pessoas que deseja; todavia, o fato de o haver desejado, quando no estado de vigília, não é razão para que o faça.”

417. Certo número de Espíritos encarnados podem se reunir e assim formar assembleias?

“Sem dúvida nenhuma; os laços de amizade, antigos ou novos, reúnem, muitas vezes, diversos Espíritos que se sentem felizes por se encontrar.”

Pela palavra *antigos*, é necessário entender os laços granjeados nas existências anteriores. Trazemos, ao acordar, uma intuição das ideias que absorvemos nesses colóquios ocultos, cuja fonte ignoramos.

418. Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, sem que na realidade o estivesse, poderia encontrar-se com ele em Espírito e saber, desta forma, que ele continuava vivo? Neste caso, conservaria a intuição?

“Como Espírito, pode certamente ver e conhecer-lhe o destino. Se não lhe é imposto como prova acreditar na morte do amigo, terá um pressentimento de sua existência, bem como o de sua morte.”

Transmissão oculta do pensamento

419. Qual a razão por que uma mesma ideia, uma descoberta, por exemplo, ocorre simultaneamente para várias e diferentes pessoas?

“Já dissemos que durante o sono os Espíritos comunicam-se mutuamente. Pois bem, quando o corpo desperta, o Espírito se recorda do que aprendeu e o homem acredita ter inventado. Assim, muitos podem descobrir simultaneamente a mesma coisa. Quando dizem que uma ideia está no ar, é uma figura muito mais exata do que se acredita; cada um contribui para propagá-la sem dar-se conta.”

Nosso Espírito revela, assim, frequentemente, a outros Espíritos, e à nossa revelia, aquilo que constitui o objeto de nossas preocupações durante a vigília.

420. Os Espíritos podem comunicar-se estando o corpo completamente desperto?

“O Espírito não está encerrado no corpo como numa caixa: irradia ao seu redor. Eis por que pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo no estado de vigília, embora isto ocorra com maior dificuldade.”

421. Por que duas pessoas despertas têm, simultânea e instantaneamente, o mesmo pensamento?

“São dois Espíritos simpáticos que se comunicam e veem reciprocamente os seus pensamentos, mesmo quando não estão sob a influência do sono.”

Há entre os Espíritos afins, uma comunicação de pensamentos que faz com que duas pessoas, ao se verem, se compreendam, sem ter necessidade dos sinais exteriores da linguagem. Pode-se dizer que falam a linguagem dos Espíritos. (Ver questão 282.)

Letargia, catalepsia⁴, morte aparente

422. Os letárgicos e os catalépticos geralmente veem e ouvem o que se passa ao redor deles, mas não podem manifestar-se; é pelos olhos e ouvidos do corpo que isto acontece?

⁴ Segundo Kardec, o desprendimento e a emancipação da alma manifestam-se sobretudo de maneira evidente, no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia. Ver *Obras Póstumas*, 1ª Parte, parágrafo IV, it.25 e *A Gênese*, c.15, it.37-40. (N. do E.)

“Não. É pelo Espírito que está consciente, mas impossibilitado de comunicar-se.”

422a. Por que não pode comunicar-se?

“Porque a isso se opõe o estado do corpo. Esse estado específico dos órgãos dá-lhes a prova de que há no homem outra coisa além do corpo, que neste caso, não se manifesta; não obstante, o Espírito continua a agir.”

423. Na letargia, o Espírito pode separar-se totalmente do corpo, de forma a dar-lhe todas as aparências da morte e voltar em seguida?

“Na letargia o corpo não está morto, visto que as funções orgânicas continuam a processar-se; a vitalidade permanece em estado latente, como na crisálida, e não se extingue. Ora, o Espírito está unido ao corpo enquanto ele viver; uma vez os laços rompidos pela morte real e pela desagregação dos órgãos, a separação será completa e o Espírito não volta mais. Quando um homem aparentemente morto volta à vida, é porque a morte não foi consumada.”

424. Por meio de cuidados dispensados a tempo, poder-se-á reatar os laços prestes a se romper e restituir à vida um ser que definitivamente morreria sem esse atendimento?

“Sim, sem dúvida, e há provas disso cotidianamente. O magnetismo⁵ é, muitas vezes, nesse caso, um poderoso meio, porque dá ao corpo o fluido vital e que era insuficiente para manter o metabolismo dos órgãos.”

⁵ Na civilização ocidental, o magnetismo teve seus primórdios com Paracelso (1493-1541), alquimista e médico suíço, que utilizava a aplicação de ímãs para aplacar as dores de dentes; mas foi com Franz Anton Mesmer (1733-1815) que o magnetismo surgiu como processo terapêutico de cura aplicada às diversas doenças. Inicialmente utilizando-se dos ímãs, cedo Mesmer dispensou os instrumentos para sustentar a existência e eficácia do magnetismo animal. Partindo da hipótese de que uma vez os planetas influenciando-se uns aos outros, e como o Sol e a Lua influem em nossa atmosfera e nossos mares, esses corpos também teriam uma grande ascendência sobre os corpos animados, particularmente sobre o sistema nervoso, por meio de um fluido sutil, que em tudo penetra, conforme sua tese de doutorado em Medicina, *De Influxu planetarium in corpus humanus*, de 1766. Esse fluido magnético também se transmitiria por intermédio dos homens. Assim, os fluidos de um indivíduo sadio influenciariam benéficamente a um doente. Era o que Mesmer batizou de **magnetismo animal**, ciência esta que já era conhecida e praticada na Antiguidade, mormente no Egito, como o provam documentos autênticos e figuras em hieróglifos, onde se reconhece, de modo a não haver engano, a posição, o gestual e todos os sinais de passes magnéticos sobre um doente. Mesmer foi considerado mais um taumaturgo do que um médico e seus métodos, bem como suas teorias foram repudiadas pela Academia de Ciências da França e pela Sociedade Real de Medicina. O magnetismo foi fartamente estudado e documentado nos anais da Sociedade Espírita de Paris, conforme nos relata a *Revista Espírita* a partir do ano de 1858 e seguintes. Em nossos dias, a assistência espiritual

A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicável ⁶. Elas diferem no sentido de que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de maneira a deixar a inteligência livre para se manifestar, o que permite não confundi-la com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é, às vezes, espontânea, mas pode ser provocada e desfeita artificialmente pela ação magnética⁷.

Sonambulismo

425. O sonambulismo natural tem relação com os sonhos? Como se explica?

“É um estado de independência da alma, mais completo que no sonho e, então, as faculdades ganham maior amplitude. Tem a percepção que não atinge no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na plena posse de si mesmo. Os órgãos materiais, estando de qualquer forma em estado cataléptico, não recebem mais as impressões exteriores. Esse estado se manifesta sobretudo durante

convencional por meio da aplicação do passe, reportados seus efeitos nas obras do Espírito André Luiz, também encontra similar em outros continentes, a exemplo dos EUA e Europa, como parte da terapêutica ministrada em hospitais e clínicas de saúde. O Espírito Emmanuel define o magnetismo como “fenômeno da vida, por constituir manifestação natural em todos os seres” (EMMANUEL <Espírito>, XAVIER, Francisco Cândido <Médium>. O Consolador, 1ª Parte, c. 1, q.26, 18ª ed. Brasília: FEB, 1997. p. 34). Ver KARDEC, Allan. *A Gênese*, c. 10, it.19, 32ª ed. Brasília: FEB, 1988. p.199; KARDEC. *op. cit.*, c.14, it.31-34, pp. 294-296. Ver também *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, c. IV, it.74, 15ª ed. São Paulo: NECB, 1989). (N. do E.)

⁶ O eminente tribuno baiano Divaldo Pereira Franco, ao ser perguntado sobre se houve evolução neste processo, e qual a explicação nos dias atuais para o fenômeno, respondeu: “A tese kardequiana prossegue muito atual. Não obstante, a catalepsia se manifesta como um tipo de perturbação de natureza psicomotora, produzindo a parada dos movimentos voluntários, não havendo, necessariamente, lesão de natureza física, enquanto que a letargia é um estado de sono profundo, no qual as funções orgânicas se apresentam aparentemente interrompidas, bem como as de respiração e circulação. Considerados patológicos, podem ser ocasionados por um agente externo. No entanto, o mecanismo pelo qual se operam os dois fenômenos, sua *causa fisiológica continua inexplicada*.” (FRANCO, Divaldo Pereira. *Mediunidade – Encontro com Divaldo*, 2ª Parte, p. 4, 3ª ed. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2000. p. 87. (N. do E.)

⁷ Ver DELLANE, Gabriel. *Evolução Anímica*; PEREIRA, Yvonne. *Recordações da Mediunidade*; *Boletim Médico-Espírita* Nº 11 da AME – SP. (N. do E.)

o sono, quando, então, o Espírito deixa provisoriamente o corpo que se encontra em repouso indispensável à matéria.

Quando o sonambulismo acontece, é que o Espírito, preocupado com alguma coisa, entrega-se a uma ação qualquer que necessite usar o seu corpo; serve-se então deste, como se empregasse uma mesa ou qualquer outro objeto material, no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo com suas mãos nas comunicações escritas. Nos sonhos em que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar e recebem imperfeitamente as impressões produzidas pelos objetos ou coisas exteriores e as comunicam ao Espírito que, em repouso, percebe apenas sensações confusas e, muitas vezes, fragmentadas, sem nenhuma razão aparente de ser, misturadas que estão com vagas lembranças, seja desta existência, seja de existências anteriores. Desta forma, torna-se fácil de compreender porque os sonâmbulos não têm nenhuma lembrança e porque os sonhos, de que conservam a lembrança, não têm, na maioria das vezes, nenhum sentido. Digo na maioria das vezes, porque acontece também serem eles a consequência de uma recordação precisa dos acontecimentos de uma vida anterior e, até mesmo, uma espécie de intuição do futuro.”

426. O sonambulismo denominado magnético tem alguma relação com o sonambulismo natural?

“Trata-se da mesma coisa, apenas que é provocado.”

427. Qual é a natureza do agente chamado fluido magnético?

“Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.”

428. Qual é a causa da clarividência sonambúlica?

“Já o dissemos: é a alma que vê.⁸”

429. Como o sonâmbulo pode ver através dos corpos opacos?

“Não há corpos opacos senão para os seus órgãos. Já dissemos que, para o Espírito, a matéria não oferece qualquer obstáculo. Muitas vezes ele lhes diz o que vê pela testa, pelo joelho etc., porque, inteiramente imersos na matéria como estão, não compreendem que o Espírito possa ver sem o auxílio dos órgãos; ele mesmo, pela sua insistência, julga necessitar

⁸ Ver KARDEC, Allan – *Obras Póstumas*, 1ª Parte, Causa e Natureza da Clarividência Sonambúlica. (N. do E.)

desses órgãos. Não obstante, se o deixassem livre, compreenderia que vê por todas as partes de seu corpo, ou seja, é fora de seu corpo que ele vê.”

430. Visto que a clarividência do sonâmbulo é a de sua alma ou de seu Espírito, por que não vê tudo e por que se engana tantas vezes?

“Primeiramente, não é dado aos Espíritos imperfeitos tudo ver e a tudo conhecer. Eles participam ainda de seus erros e de seus preconceitos. Além disso, quando estão ligados à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus deu essa faculdade ao homem com uma finalidade útil e séria e não para que ele aprenda aquilo que não deve saber. Eis por que os sonâmbulos não podem dizer tudo.”

431. Qual é a origem das ideias inatas do sonâmbulo, e como pode falar com exatidão de coisas que ignora no estado de vigília, e que estão, não raro, acima de sua capacidade intelectual?

“Acontece que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que se lhe reconhecem; somente estão adormecidos, porque o seu envoltório é bastante imperfeito e não lhe permite a recordação plena. Mas, em última análise, o que é ele? Espírito, como nós, mas que está encarnado para cumprir uma missão e o estado no qual entra o despertar dessa letargia. Já lhe dissemos, em várias oportunidades, que revivemos várias vezes; e essa mudança é que faz o Espírito perder, materialmente, o que aprendeu na existência precedente. Ao entrar no estado aí denominado de crise, ele se lembra, embora de uma maneira incompleta; sabe, mas não poderia dizer de onde lhe vem o conhecimento, nem como o adquiriu. Passada a crise, toda recordação se apaga e ele volta à obscuridade.”

A experiência mostra que os sonâmbulos recebem, também, comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devem dizer e suprem a sua inaptidão. Isto se vê, sobretudo, nas prescrições médicas: o Espírito do sonâmbulo vê a enfermidade, o outro lhe indica o medicamento. Essa dupla ação é algumas vezes evidente e se revela em outras oportunidades, pelas expressões muitos frequentes: dizem-me para relatar tal coisa; ou proibem-me de dizê-la. Neste último caso, há sempre riscos em insistir para se obter uma revelação recusada, porque então dá-se espaço aos Espíritos levianos que falam de tudo sem escrúpulos e sem se interessarem pela verdade.

432. Como explicar a visão a distância de certos sonâmbulos?

“A alma não se transporta durante o sono? Com o sonambulismo dá-se o mesmo.”

433. O aperfeiçoamento da clarividência sonambúlica em maior ou menor escala depende da organização física ou da natureza do Espírito encarnado?

“De ambas. Há condições físicas que permitem ao Espírito desprender-se com maior ou menor facilidade da matéria.”

434. As faculdades de que o sonâmbulo desfruta são as mesmas que as do Espírito após a morte?

“Até certo ponto, pois é preciso ter-se em conta a influência da matéria à qual ainda está ligado.”

435. O sonâmbulo pode ver outros Espíritos?

“A maior parte deles os vê perfeitamente; entretanto, depende do grau e da natureza de sua lucidez. Algumas vezes não compreendem de imediato e os tomam por seres corpóreos. Isso acontece sobretudo com aqueles que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo. Não compreendem ainda a natureza dos Espíritos; o fato os surpreende, e é por isso que acreditam ver pessoas vivas.”

O mesmo efeito se produz no momento da morte, naqueles que se acreditam ainda vivos. Nada ao redor lhes parece mudado, os Espíritos lhes parecem ter corpos semelhantes aos nossos e tomam a aparência de seu próprio corpo como de corpos reais.

436. O sonâmbulo que vê a distância, vê do ponto onde está o seu corpo ou de onde está a sua alma?

“Por que esta pergunta, pois se é a alma que vê e não o corpo?”

437. Visto que é a alma que se transporta, de que forma pode o sonâmbulo provar em seu corpo as sensações de calor ou frio do lugar em que se encontra a sua alma e que está, por vezes, muito longe de seu corpo?

“A alma não deixou inteiramente o corpo. Permanece sempre ligada pelo laço que os une. É esse laço o condutor das sensações. Quando duas pessoas correspondem-se de uma cidade a outra por meio da eletricidade⁹, é esta o laço existente entre os seus pensamentos. Eis por que se comunicam como se estivessem ao lado uma da outra.”

438. O uso que um sonâmbulo faz de sua faculdade influi sobre o estado de seu Espírito após a morte?

“Muito, assim como o bom ou mau uso de todas as faculdades que Deus deu ao homem.”

Êxtase

439. Qual a diferença entre o êxtase e o sonambulismo?

“É um sonambulismo mais apurado. A alma do extático é ainda mais independente.”

440. O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores?

“Sim, ele os vê e compreende a felicidade dos que ali se encontram – por isso deseja neles permanecer, mas há mundos inacessíveis aos Espíritos que não estão suficientemente depurados.”

441. Quando o extático exprime o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente? Não o retém o instinto de conservação?

“Isso depende do grau de depuração do Espírito. Quando percebe que sua posição futura será melhor que a vida presente, esforça-se por romper os laços que o prendem à Terra.”

442. Se abandonamos o extático à própria sorte, sua alma poderia, definitivamente, abandonar o corpo?

“Sim, ele pode morrer. Por isso é necessário chamá-lo, por meio de tudo o que poderá retê-lo a este mundo, sobretudo fazendo-lhe entender que, se quebrasse o elo que o retém à Terra, seria esse o verdadeiro meio de não ficar lá, onde percebe que seria feliz.”

443. Há coisas que o extático diz ver e que são, claramente, produto de sua imaginação, estimulada pelas crenças e preconceitos terrenos. Segue-se, então, que tudo o que vê não é real?

“O que ele vê é real para ele; entretanto, se o seu Espírito está sempre sob a influência das ideias terrenas, ele vê à sua maneira ou, melhor dizendo, exprime-se em uma linguagem compatível aos preconceitos e ideias dos

⁹ Os Espíritos referem-se aqui à comunicação via telégrafo, conforme era usual à época da Codificação. A mesma resposta poderia ser aplicada à moderna comunicação computadorizada via Internet de nossos dias. (N. do E.)

quais se acha imbuído ou ainda, com as suas, a fim de se fazer compreender melhor. É nesse sentido sobretudo que pode errar.”

444. Qual o grau de confiança que se pode depositar nas revelações dos extáticos?

“O extático pode, muitas vezes, enganar-se, sobretudo se quiser penetrar no que deve permanecer um mistério para o homem, porque então se abandona às suas próprias ideias ou torna-se joguete de Espíritos enganadores que se aproveitam de seu entusiasmo para fasciná-lo.”

445. Quais as deduções que se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam uma espécie de iniciação à vida futura?

“Melhor dizendo, o homem entrevê a vida passada e a vida futura. Que ele estude esses fenômenos e neles encontrará a solução de mais de um mistério que a sua razão procura inutilmente desvendar.”

446. Os fenômenos do sonambulismo e do êxtase poderiam adequar-se ao materialismo?

“Aquele que os estudar de boa-fé e sem prevenções não poderá ser materialista nem ateu.”

Dupla vista¹⁰

447. O fenômeno designado sob o nome de dupla vista tem relação com o sonho e o sonambulismo?

“Trata-se da mesma coisa. Essa denominação dupla vista é ainda o Espírito em maior liberdade, embora o corpo não esteja adormecido. A dupla vista é a vista da alma.”

448. A dupla vista é permanente?

“A faculdade, sim, o exercício, não. Nos mundos menos materiais que a Terra, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação somente pelo pensamento, sem excluir, no entanto, a linguagem articulada. A dupla vista também é, para a maioria, uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos sonâmbulos lúcidos e é também a

¹⁰No original francês, Kardec utilizou-se, preferencialmente, da expressão **segunda vista**. Nesta e em outras obras da Codificação encontramos também a expressão **dupla vista**, com o mesmo sentido. Conservaremos a expressão **dupla vista**, por estar consagrada no vernáculo espírita. (N. do E.)

razão pela qual se manifestam mais facilmente do que os encarnados portadores de corpos mais grosseiros.”

449. A dupla vista desenvolve-se espontaneamente ou pela vontade de quem a possui?

“Na maior parte das vezes é espontânea, mas também a vontade desempenha um grande papel. Assim, podemos tomar, por exemplo, certas pessoas a quem se designa com a expressão ledoras da sorte, das quais algumas têm essa faculdade de dupla vista, na qual empenharam a vontade em desenvolver.”

450. A dupla vista é suscetível de se desenvolver pelo exercício?

“Sim, o trabalho constante sempre conduzirá ao progresso e o véu que encobre as coisas tornar-se-á cristalino.”

450a. Essa faculdade está ligada à organização física?

“Sim, a organização desempenha o seu papel, não obstante algumas manterem-se refratárias.”

451. Como se explica que a dupla vista pareça hereditária em algumas famílias?

“Semelhança de organizações, que se transmite, como as outras qualidades físicas; e também pelo desenvolvimento da faculdade por uma forma de educação, que igualmente se transmite de um indivíduo a outro.”

452. É verdade que certas circunstâncias desenvolvem a dupla vista?

“Fatores como doença, aproximação de um perigo, uma grande comoção podem desenvolvê-la. O corpo se encontra, por vezes, num estado específico que permite ao Espírito ver o que não pode ver com os olhos do corpo.”

Os tempos de crise e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas que superexcitam a moral, provocam, por vezes, o desenvolvimento da dupla vista. Parece que a Providência, na presença do perigo, nos dá o meio de preveni-lo. Todas as seitas e partidos perseguidos oferecem numerosos exemplos a respeito.

453. As pessoas dotadas de dupla vista têm sempre consciência disso?

“Nem sempre, pois, para elas, se trata de um acontecimento natural. Muitas delas acreditam que, se todos se observassem nesse sentido, perceberiam ser de forma semelhante.”

454. Poder-se-ia atribuir a uma espécie de dupla vista a perspicácia de certas pessoas que, sem nada terem de extraordinário, julgam as coisas com mais exatidão que outras?

“É sempre a alma que irradia mais livremente e julga melhor do que sob o véu da matéria.”

454a. Essa faculdade pode, em certos casos, dar a presciência das coisas?

“Sim, dá também os pressentimentos, porque há vários graus desta faculdade, e o mesmo indivíduo pode ter todos os graus, ou apenas alguns.”

Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e são independentes de qualquer causa exterior conhecida, mas, em certas pessoas dotadas de uma organização especial, podem ser provocados artificialmente pela ação do agente magnético.

O estado designado sob o nome de *sonambulismo magnético* difere do sonambulismo natural apenas porque o primeiro é provocado, enquanto o segundo ocorre de modo espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato notório que ninguém pensa colocar em dúvida, apesar do caráter fenomênico que apresenta. O que haveria, portanto, de mais extraordinário ou de mais irracional no sonambulismo magnético, por ser produzido artificialmente, como tantas outras coisas? Os charlatães, dizem, o têm explorado; mais uma razão para não deixá-lo em suas mãos. Quando a Ciência dele tiver se apropriado, o charlatanismo terá bem menos crédito sobre as massas¹¹. Mas, enquanto isso, como o sonambulismo natural ou artificial são um fato e contra fatos não há argumentação plausível, ele se firma, malgrado a má vontade de alguns e isso no próprio seio mesmo da Ciência, em que se introduz por meio de um sem-número de portas laterais, em vez

¹¹ Esta assertiva de Kardec coloca de maneira apropriada o caráter e a missão da Ciência, quando esta se permitir adentrar no conhecimento dos postulados espíritas, que lhe servirão de ponte para as grandes descobertas no campo do Espírito e do Mundo Espiritual. (*N. do E.*)

de passar pela entrada principal. Quando estiver firmado, será necessário lhe conceder o direito de cidadania.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno fisiológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é nele que ela se mostra manifestamente. Ora, um dos fenômenos pelos quais ela se caracteriza é a clarividência, independente dos órgãos comuns da visão. Os que contestam esse fato fundamentam seus argumentos sobre o sonâmbulo não ver sempre e à vontade dos experimentadores, como através dos olhos. Seria de se admirar que os meios sendo diferentes, os efeitos não sejam os mesmos? Seria racional buscar efeitos similares, quando o instrumento não existe mais? A alma tem suas propriedades como os olhos têm as deles – é necessário julgá-los em si mesmos e não por analogia.

A causa da clarividência, do sonambulismo magnético e do sonambulismo natural é precisamente a mesma: *é um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós, e que não tem limites além dos que são assinalados à própria alma. Ele vê por toda a parte em que sua alma possa transportar-se, não obstante a distância.

Na visão a distância, o sonâmbulo não vê as coisas do ponto em que se encontra o seu corpo, como num efeito telescópico. Ele as vê presentes, como se estivesse no lugar em que elas existem, porque a sua alma lá se encontra na realidade; é por isso que o seu corpo fica prostrado e parece privado de sensações, até o momento em que a alma vem reapropriar-se dele. Essa separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal que pode ter uma duração mais ou menos longa, mas não indefinida. É a causa da fadiga que o corpo prova após um certo tempo, sobretudo quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma ou do Espírito, não sendo circunscrita e não tendo sede determinada, é o que explica por que os sonâmbulos não lhe podem assinalar um órgão particular. Eles veem porque veem, sem saber por que nem como, pois a vista não tem lugar próprio para eles, como Espírito. *Se eles se reportam ao corpo*, esse lugar parece estar nos centros

em que a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica ou no órgão que lhes parece o ponto de ligação *mais tenaz* entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é indefinido. O Espírito, mesmo quando completamente livre, está limitado em suas faculdades e em seus conhecimentos, segundo o grau de perfeição que tenha alcançado; e é mais ainda, quando está ligado à matéria da qual sofre influência. Tal é a causa pela qual a clarividência sonambúlica não é universal, nem infalível. Podemos contar menos com sua infalibilidade, quanto mais a desviem do objetivo proposto pela natureza e a transformem em objeto de curiosidade e de *experimentação*.

No estado de desprendimento em que se encontra o Espírito do sonâmbulo, entra ele em comunicação mais facilmente com os outros Espíritos, *encarnados* ou *não*. Essa comunicação se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio à eletricidade. O sonâmbulo não tem, portanto, necessidade de que o pensamento se articule pela palavra: ele o sente e adivinha. É o que o torna eminentemente impressionável e acessível às influências da atmosfera moral, na qual se encontra. É também por isso que uma afluência numerosa de espectadores, e sobretudo de curiosos mais ou menos mal-intencionados, prejudica essencialmente o desenvolvimento de suas faculdades que se fecham, por assim dizer, sobre si mesmas, e não se desdobram com total liberdade, como na intimidade e num meio harmônico. *A presença de pessoas malévolas ou antipáticas produz nele o efeito do contato da mão sobre a sensitiva.*

O sonâmbulo vê, simultaneamente, o seu próprio Espírito e o seu corpo. São, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência espiritual e corporal, confundidos, no entanto, pelos laços que os unem. O sonâmbulo nem sempre se dá conta dessa situação, e essa *dualidade* faz com que, muitas vezes, fale de si mesmo, como se falasse de uma pessoa estranha. É que em um momento o ser corporal fala ao espiritual, e em outro é o ser espiritual que fala ao corporal.

O Espírito adquire um acréscimo de conhecimento e de experiência a cada uma de suas existências corpóreas. Esquece-os, em parte, durante a sua encarnação em uma matéria por demais grosseira, *mas se lembra deles como Espírito*. É assim que certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao seu grau de instrução e mesmo de sua capacidade intelectual aparente. A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo no estado de vigília, portanto, não permite prejulgar-se nada sobre os conhecimentos que pode revelar no estado de lucidez. Segundo as circunstâncias e o objetivo que se pretenda, ele pode hauri-los em sua própria experiência, na clarividência das coisas presentes, ou nos conselhos que recebe de outros Espíritos; mas, como o seu próprio Espírito pode ser mais ou menos avançado, pode dizer coisas equivalentemente justas.

Pelos fenômenos do sonambulismo, seja natural ou magnético, a Providência nos dá a prova irrefutável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao espetáculo sublime de sua emancipação. Por estes fenômenos, ela nos abre o livro de nossa destinação. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, é evidente que vê, mas não pelos olhos do corpo; vê a si mesmo no local descrito e sente-se como transportado para aquele lugar. Lá existe, portanto, qualquer coisa dele, e essa alguma coisa, não sendo o seu corpo, só pode ser sua alma ou o seu Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível na busca das causas de nossa existência moral, Deus põe diariamente sob seus olhos e suas mãos os meios mais simples e mais patentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado no qual a independência da alma e do corpo se manifesta da maneira mais sensível e torna-se, de certa forma, palpável.

No sonho e no sonambulismo, a alma vagueia pelos mundos terrestres. No êxtase, ela penetra um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, no entanto, poder ultrapassar certos limites que não poderia transpor sem romper totalmente os laços que a ligam ao corpo. Um clarão resplendente e inteiramente novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a empolgam, um bem-estar indefinível a envolve: desfruta, por antecipação, da beatitude celeste *e pode-se dizer que pousa um pé sobre o limiar da eternidade*.

No estado de êxtase, a prostração do corpo é quase completa, conservando, por assim dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se liga a ele apenas por um fio, que um esforço a mais faria romper irremediavelmente.

Nesse estado, todos os pensamentos terrenos desaparecem para dar lugar ao sentimento depurado que é a própria essência de nosso ser imaterial. Totalmente entregue a essa contemplação sublime, o extático encara a vida apenas como uma pausa momentânea; para ele, os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias daqui, são apenas os incidentes fúteis de uma viagem da qual se sente feliz por ver o termo.

Acontece com os extáticos o mesmo que com os sonâmbulos: sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita, e seu próprio Espírito, conforme a elevação, é também proporcionalmente apto a conhecer e a compreender as coisas. Entretanto, por vezes, verifica-se neles, mais de exaltação do que lucidez ou, melhor dizendo, a sua exaltação tolhe a lucidez. É por isso que suas revelações são ordinariamente uma mescla de verdades e de erros, de coisas sublimes e absurdas, ou mesmo ridículas. Os Espíritos inferiores aproveitam-se dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando não se sabe dominá-la, para subjugar o extático. Para tanto, revestem-se aos seus olhos de aparências que o mantêm nas suas ideias ou preconceitos do estado de vigília. Este é um obstáculo, não obstante, nem todos são assim. Cabe-nos julgar friamente e pesar as suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma se manifesta, às vezes, no estado de vigília e produz o fenômeno designado sob o nome de *dupla vista*, que dá, aos que são dotados desta faculdade, a possibilidade de ver, ouvir e sentir *além dos limites dos nossos sentidos*. Eles percebem as coisas ausentes, por toda parte, até onde a alma possa estender a sua ação. Veem, por assim dizer, pela visão comum e como por uma espécie de miragem.

No momento em que se produz o fenômeno da dupla vista, o estado físico está sensivelmente modificado; o olhar tem qualquer coisa de vago, olhando sem ver. Toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos da visão estão alheios ao fenômeno, ao verificar-se que a visão persiste, mesmo com os olhos cerrados.

Esta faculdade parece, aos que a possuem, tão natural como a de ver. É para eles um atributo normal, que não lhes parece constituir exceção. O esquecimento se segue, na maioria das vezes, a essa lucidez passageira, cuja lembrança se torna cada vez mais imprecisa, acabando por desaparecer como um sonho.

O potencial de abrangência da dupla vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Em estado rudimentar, ela dá, a certas pessoas, o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos que se pode chamar *a justeza do golpe de vista moral*. Mais desenvolvida, ela desperta os pressentimentos; ainda mais desenvolvida, mostra os acontecimentos já ocorridos ou em vias de ocorrer.

O sonambulismo natural ou artificial, o êxtase e a dupla vista são apenas variações ou modificações de uma mesma causa. Esses fenômenos, do mesmo modo que os sonhos, estão na ordem natural. É por isso que existiram desde todos os tempos. A história nos mostra que foram conhecidos e mesmo explorados, desde a mais alta Antiguidade e neles se encontra a explicação de uma infinidade de fatos que os preconceitos têm registrado como sobrenaturais.

INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPÓREO

Penetração de nosso pensamento pelos Espíritos

456. Os Espíritos veem tudo o que fazemos?

“Sim, pois os homens estão constantemente rodeados por eles. Contudo, cada um vê apenas as coisas às quais dirige a sua atenção, porque eles não se ocupam das coisas que não lhes interessam.”

457. Os Espíritos podem conhecer os nossos mais secretos pensamentos?

“Muitas vezes conhecem o que se desejaria deles ocultar; nem atos, nem pensamentos podem ser dissimulados para eles.”

457a. Sendo assim, parece mais fácil ocultar-se uma coisa a uma pessoa viva, do que a esta mesma pessoa, após a sua morte?

“Certamente, pois quando acreditam estar bem escondidos, em realidade há uma multidão de Espíritos ao seu lado, que os observam.”

458. Que pensam de nós os Espíritos que estão ao nosso redor e que nos observam?

“Isso depende. Os Espíritos levianos se riem das pequenas travessuras que vos fazem e zombam de vossa impaciência. Os Espíritos sérios lamentam os seus tropeços e tratam de ajudá-los.”

Influência oculta dos Espíritos sobre os nossos pensamentos e as nossas ações

459. Os Espíritos têm influência sobre nossos pensamentos e ações?

“Em relação a isso, a sua influência é bem maior do que imaginam, porque muitas vezes são eles que os dirigem.”

460. Temos pensamentos que nos são próprios e outros que nos são sugeridos?

“Suas almas são Espíritos que pensam. Ignoram que muitos pensamentos lhes chegam, de vez em quando, sobre um mesmo assunto e amiúde bastante contraditórios. Pois bem, há neles sempre algo dos vossos pensamentos bem como dos nossos. É o que os deixa na incerteza, porque há duas ideias que se entrechocam.”

461. Como distinguir os nossos próprios pensamentos dos que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que lhes fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os que surgem no primeiro impulso. Mas não há um grande interesse nessa distinção e é, muitas vezes, útil não saber: o homem age mais livremente; se decidir pelo bem, ele o faz naturalmente. Se optar pelo mau caminho, sua responsabilidade será maior.”

462. É sempre de si mesmos que os homens portadores de grandes talentos e de genialidade tiram as suas ideias?

“Às vezes, as ideias vêm do próprio Espírito, mas, ordinariamente, lhes são sugeridas por outros Espíritos que os julgam aptos a compreendê-los e dignos de as transmitir. Quando não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração. É uma evocação que fazem, sem perceber.”

Se fosse útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria dado os meios de fazê-lo, como nos dá o de distinguir o dia da noite. Quando uma coisa fica imprecisa, é que assim deve permanecer para o nosso bem.

463. Diz-se que o primeiro impulso é sempre bom; isto é certo?

“Pode ser bom ou mau dependendo da natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para aquele que escuta as boas inspirações.”

464. Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito?

“Examinem bem o assunto; os bons Espíritos aconselham apenas o bem; cabe-lhes distinguir.”

465. Com que intenção os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

“Para fazê-los sofrer como eles.”

465a. Isso diminui os seus sofrimentos?

“Não, eles o fazem por inveja dos seres mais felizes.”

465b. Qual a natureza dos sofrimentos que querem fazer-nos provar?

“Os que resultam de uma ordem inferior e o distanciamento de Deus.”

466. Por que Deus permite que os Espíritos nos induzam ao mal?

“Os Espíritos imperfeitos são instrumentos destinados a provar a fé e a constância dos homens no bem. Como Espírito, a sua pessoa deve progredir na ciência do infinito e é para tanto que passa pelas provas do mal para chegar ao bem. Nossa missão é colocá-lo no bom caminho; quando as más influências o atingem, é porque foram atraídas pelo seu desejo do mal, porque os Espíritos inferiores vêm associar-se no mal, quando há evidente vontade de cometê-lo; só podem ajudá-lo nisto, tão somente quando houver desejo de o praticar. Se está inclinado ao assassinio, terá uma nuvem de Espíritos que o manterão nesse pensamento, mas também terá outros que tratarão de influenciá-lo para o bem. O que faz com que se restabeleça o equilíbrio da balança e o faça senhor de si mesmo.”

É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho a seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exerçam sobre nós.

467. O homem pode afastar-se da influência dos Espíritos que o solicitam à prática do mal?

“Sim, porque eles se ligam tão somente àqueles que os solicitam por seus desejos ou os atraíam por seus pensamentos.”

468. Os Espíritos, cuja influência é repelida pela vontade do homem, renunciam aos seus intentos?

“Que queres que eles façam? Quando não há nada a fazer, abandonam o campo. No entanto, espreitam o momento favorável, como o gato espreita o rato.”

469. Por qual meio pode-se neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Ao praticar o bem e ao colocar toda a sua confiança em Deus, repelem a influência dos Espíritos inferiores e destroem o poder que estes desejam

ter. Guardem-se de escutar as sugestões dos Espíritos que inspiram maus pensamentos, que insuflam a discórdia e excitam todas as más paixões. Desconfiem, sobretudo, dos que exaltam o orgulho, porque serão atacados em sua fraqueza. Eis por que Jesus ensinou a dizer na oração dominical: ‘Senhor, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal’¹.”

470. Os Espíritos que procuram induzir-nos ao mal, pondo à prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo uma missão? E, se assim for, terão alguma responsabilidade nisso?

“Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal. Quando ele o faz, é por sua própria vontade e, por conseguinte, sofre as consequências. Deus pode deixá-los fazer como prova, mas jamais ordena e sempre devem repeli-lo.”

471. Quando provamos um sentimento de angústia, de ansiedade indefinível ou de satisfação interior sem causa conhecida, isso se deve unicamente a uma disposição física?

“É, quase sempre, um efeito das comunicações que têm, sem o perceber, com os Espíritos, ou dos encontros que tiveram com eles durante o sono.”

472. Os Espíritos que vêm incitar-nos ao mal limitam-se a aproveitar as circunstâncias em que nos encontramos, ou podem provocar essas circunstâncias?

“Eles aproveitam as circunstâncias, mas ordinariamente a provocam, ao empurrá-los para o objeto de sua ambição. Assim, por exemplo, um homem encontra em seu caminho uma certa quantia: não acreditem que foram os Espíritos que a puseram nesse local, mas podem dar ao homem o pensamento de dirigir-se naquela direção e, então, lhe sugerem apoderar-se do dinheiro, enquanto que outros propõem devolvê-lo a quem pertence. Ocorre o mesmo com respeito a todas as outras tentações.”

Possessos

473. Um Espírito pode, momentaneamente, revestir-se do envoltório de uma pessoa viva, quer dizer, introduzir-se em um corpo animado e agir em substituição ao Espírito encarnado?

¹ Lucas, 11:4 (N. do E.)

“O Espírito não entra em um corpo como se entra numa casa. Ele se identifica com o Espírito encarnado que possui os mesmos defeitos e as mesmas qualidades para uma ação conjunta; contudo, é sempre o Espírito encarnado que age como deseja sobre a matéria de que está revestido. Um Espírito não pode substituir aquele que está encarnado, porque este está ligado ao corpo físico até o tempo estabelecido para o termo da existência material.”

474. Se não há possessão propriamente dita, ou seja, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode encontrar-se na dependência de um outro Espírito, de maneira a ser *subjugada* ou *obsedada*, a ponto de ter sua vontade vencida?

“Sim, e aí estão os verdadeiros possessos. Mas saibam que essa dominação não se faz jamais sem a conivência daquele que a sofre, seja por sua fraqueza, seja por seu desejo. Frequentemente se tomam por possessos pessoas portadoras de enfermidades como epilepsia ou doenças mentais, que necessitam mais da Medicina do que de exorcismo.”

A palavra *possesso*, em sua acepção comum, pressupõe a existência de demônios, quer dizer, de uma categoria de seres de má natureza e a coabitação de um desses seres com a alma no corpo de um indivíduo. Visto que não há demônios nesse sentido e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessões segundo a ideia ligada a esse vocábulo. A palavra *possesso* deve ser entendida apenas como a dependência absoluta em que a alma possa se encontrar em relação aos Espíritos imperfeitos que a subjugam.

475. Qualquer pessoa pode, por si mesma, afastar os maus Espíritos e libertar-se de sua dominação?

“Pode-se sempre subtrair-se a um jugo, quando se tem a vontade firme.”

476. Pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja tal que a pessoa subjugada não se aperceba? Neste caso, uma terceira pessoa pode fazer cessar o processo? Quais requisitos deve ela obedecer?

“Se for um homem de bem, sua vontade pode ajudar, invocando o concurso dos bons Espíritos, porque quanto mais se é um homem de bem,

mais poder se tem sobre os Espíritos imperfeitos para os afastar e sobre os bons para os atrair. No entanto, seria impotente se o que está subjogado não quisesse a própria libertação, pois há pessoas que se comprazem em uma dependência que satisfaz seus gostos e seus anseios. Em todos os casos, aquele cujo coração não é puro não pode ter nenhuma influência. Os bons Espíritos o desprezam e os maus não o temem.”

477. As fórmulas de exorcismo têm alguma eficácia sobre os maus Espíritos?

“Não. Quando esses Espíritos veem alguém que leva a coisa a sério, riem e se obstinam.”

478. Há pessoas animadas por boas intenções e nem por isso menos obsedadas. Qual é o melhor meio de se livrarem dos Espíritos obsessores?

“Cansar-lhes a paciência, não dar nenhuma atenção às suas sugestões, mostrar-lhes que perdem seu tempo; então, quando veem que não têm nada a fazer, se vão.”

479. A prece é um meio eficaz para curar a obsessão?

“A prece é uma poderosa profilaxia. Mas saibam que não é suficiente murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste aqueles que agem e não os que se limitam a pedir. É necessário, portanto, que o obsedado destrua em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos.”

480. O que se deve pensar da expulsão de demônios referida nos Evangelhos?

“Isso depende da maneira como se interpreta. Se por demônio se designa um mau Espírito que subjuga um indivíduo, quando a sua influência for destruída, ele será verdadeiramente expulso. Se atribuem a ação perniciosa de uma doença ao demônio, quando a curarem, dirão também que expulsaram o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, de acordo com o sentido que se dê às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando se olha apenas a forma e quando se toma a alegoria por realidade. Compreendam bem isso e guardem esta informação, pois é de aplicação geral.”

Convulsionários

481. Há um papel representado pelos Espíritos nos fenômenos produzidos nos indivíduos designados sob o nome de convulsionários²?

“Sim, e muito grande, assim como o magnetismo que é a fonte desses fenômenos. O charlatanismo, porém, os tem geralmente explorado e exagerado os seus efeitos, lançando-os ao ridículo.”

481a. De que natureza são os Espíritos que, em geral, concorrem para a ocorrência desses fenômenos?

“Espíritos pouco elevados; acreditam que os Espíritos Superiores perderiam tempo com essas coisas?”

482. Como o estado anormal dos convulsionários e dos nervosos pode propagar-se subitamente a toda uma população?

“Por afinidade e sintonia. As disposições morais se interligam mais facilmente em certos casos. Os efeitos magnéticos não são desconhecidos a ponto de não se compreender esse fato e a participação que nele têm certos Espíritos, por empatia pelos que os provocam.”

Entre as faculdades estranhas que se nota nos convulsionários, reconhecemos, sem dúvida, algumas em que o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos: tais são, entre outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão de dores por sintonia etc. Não se pode, portanto, duvidar que esses indivíduos em crise estejam em uma espécie de estado sonambúlico desperto, provocado pela influência que exercem mutuamente. São simultaneamente magnetizadores e magnetizados, sem o saber.

483. Qual é a causa da insensibilidade física que se verifica, seja em certos convulsionários, seja em outros indivíduos submetidos às torturas mais atrozes?

“Em alguns, é um efeito puramente magnético, que age sobre o sistema nervoso da mesma maneira que certas substâncias químicas. Noutros, a

² Indivíduo que sofre convulsões, que se caracterizam por contrações violentas e involuntárias dos músculos, acompanhadas de abalos mais ou menos violentos. No século XVIII, grupos de fanáticos adeptos do jansenismo (Cornélio Jansen, bispo de Ipres) granjearam notoriedade por caírem em espasmos convulsivos e por outras posturas extravagantes. Ver KARDEC, Allan. *A Gênese*, c. 14, n. 29; *Revista Espírita* 1859 (novembro), 1860 (maio), 1868 (janeiro). (*N. do E.*)

exaltação do pensamento embota a sensibilidade, aparentando que a vida desligou-se do corpo, transportando-se para o Espírito. Não sabem que, quando o Espírito se acha vivamente preocupado com uma coisa, o corpo não sente, não ouve e não vê?

A exaltação fanática e o entusiasmo oferecem, muitas vezes, nos casos de suplícios, o exemplo de uma calma e de um sangue-frio que não poderiam vencer uma dor aguda, se não se admitisse que a sensibilidade foi neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que, no calor do combate, muitas vezes não se percebe um ferimento grave, enquanto que, em circunstâncias comuns, um arranhão provocaria tremores.

Visto que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, pode-se perguntar como, em certos casos, a autoridade pode fazê-los cessar. A razão é simples. A ação dos Espíritos é aqui secundária, pois tão somente aproveitam uma disposição natural. A autoridade não suprimiu essa disposição, mas a causa que a entretinha e a exaltava. De ativa, tornou-se latente e tem razão de agir assim, porque o fato resultaria em abuso e escândalo. Sabemos, de resto, que essa intervenção é importante quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

Afeição dos Espíritos por certas pessoas

484. Os Espíritos se afeiçoam, de preferência, a determinadas pessoas?

“Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis ao progresso. Os Espíritos inferiores, com os homens viciosos ou que podem viciar-se; daí o seu apego, resultado da similitude de sensações.”

485. A afeição dos Espíritos por certas pessoas é exclusivamente moral?

“A afeição verdadeira nada tem de carnal, mas, quando um Espírito se apega a uma pessoa, nem sempre o faz por afeição e, sim, por ainda existir resquícios de paixões humanas.”

486. Os Espíritos se interessam por nossas desventuras e pela nossa prosperidade? Aqueles que nos querem bem se afligem pelos males que provamos na vida?

“Os bons Espíritos fazem todo o bem possível e sentem-se felizes com as suas alegrias. Afligem-se pelos seus males, quando não os suportam com resignação, porque então esses males não lhes dão resultados, pois é como o doente que rejeita o remédio amargo que deve curá-lo.”

487. Qual a natureza do mal com que os Espíritos mais se afligem por nós: o mal físico ou o mal moral?

“O seu egoísmo e a sua dureza de coração, pois é destes males que tudo deriva. Eles se riem de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição e se rejubilam com os que têm por finalidade abreviar o seu tempo de provas.”

Os Espíritos, sabendo que a vida corporal é apenas transitória e que as adversidades que a acompanham são os meios de condução a um estado melhor, afligem-se mais pelas causas morais que podem distanciar-nos desse estado, do que pelos males físicos que são apenas passageiros.

Os Espíritos pouco se importam com os males que afetam apenas as nossas ideias mundanas, tal como os sofrimentos pueris da infância.

O Espírito que vê nas aflições da vida um meio de adiantamento para nós considera-as como a crise momentânea que deve salvar o doente. Compadece-se de nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos de um amigo; mas veem as coisas sob um ângulo mais justo, apreciando-as de maneira diversa da nossa e, enquanto os bons reerguem a nossa coragem, no interesse de nosso futuro, os outros nos estimulam ao desespero, visando comprometer-nos.

488. Nossos parentes e amigos que nos precederam na outra vida têm por nós mais simpatia que os Espíritos que nos são estranhos?

“Sem dúvida e, muitas vezes, os protegem como Espíritos, segundo o seu poder.”

488a. São sensíveis à afeição que lhes conservamos?

“Muito sensíveis, mas se esquecem daqueles que os esqueceram.”

Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos

489. Há Espíritos que se ligam a um indivíduo em particular, para protegê-lo?

“Sim, o irmão espiritual; é o que chamam de bom Espírito ou bom gênio.”

490. O que se deve entender por anjo da guarda?

“O Espírito protetor de uma ordem elevada.”

491. Qual a missão do Espírito protetor?

“O de um pai para com seus filhos: conduzir o seu protegido no bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida.”

492. O Espírito protetor é ligado ao indivíduo desde o seu nascimento?

“Desde o nascimento até a morte e, muitas vezes, o segue após a morte, na vida espírita e mesmo por meio das inúmeras existências corporais, porque essas existências nada mais são que fases bem curtas em relação à vida do Espírito.”

493. A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?

“O Espírito é obrigado a isto porque aceitou a tarefa, mas pode escolher os seres que lhe sejam simpáticos. Para uns, é um prazer; para outros, uma missão ou um dever.”

493a. Ao se ligar a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteção de outros indivíduos?

“Não, mas o faz de maneira mais generalizada.”

494. O Espírito protetor está fatalmente ligado ao ser confiado à sua guarda?

“Acontece, muitas vezes, que certos Espíritos deixam sua posição para cumprir diversas missões; entretanto, são substituídos.”

495. O Espírito protetor abandona por vezes o seu protegido quando este se rebela diante de suas admoestações?

“Afasta-se quando sabe que serão inúteis os seus conselhos, por ser mais forte a vontade do seu protegido em submeter-se às más influências. Não obstante, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É o homem que lhe fecha os ouvidos. Ele volta assim que chamado.

Há uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos por seu encanto e doçura: a dos anjos da guarda. Pensar que sempre têm a seu lado seres que lhes são superiores, que estão sempre ali para aconselhá-

-los, sustentá-los, ajudá-los a escalar a montanha escarpada do bem, que são amigos mais firmes e mais devotados que as mais íntimas ligações que possam encontrar sobre a Terra, não é uma ideia bem consoladora? Esses seres estão por ordem de Deus, que os colocou ao seu lado; ali estão por seu amor e cumprem, junto a todos, uma bela mas penosa missão. Sim, em qualquer parte onde estiverem, lá estarão eles: nos cárceres, nos hospitais, nos antros do vício, na solidão, nada os separa desse amigo que não podem ver, mas do qual a sua alma sente os mais ternos impulsos e ouve os mais sábios conselhos.

Ah, se conhecessem melhor essa verdade! Quantas vezes ela os ajudaria nos momentos de crise; quantas vezes os salvaria dos maus Espíritos! Mas, no momento decisivo, esse anjo do bem terá de dizer-lhes: 'Eu não os avisei disso? E não foi feito! Não lhes mostrei o abismo? E nele precipitaram-se! Não fiz soar, em sua consciência, a voz da verdade, abafada pelos conselhos da mentira?'. Ah, interroguem seus anjos da guarda; estabeleçam com eles essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos! Não pensem em nada lhes ocultar, pois eles são os olhos de Deus e não há como enganá-los! Considerem o futuro, procurem avançar nessa vida e suas provas serão mais curtas, suas existências mais felizes. Vamos, homens, coragem! Rejeitem, de uma vez por todas, os preconceitos e as segundas intenções! Adentrem no novo caminho que se abre e perseverem! Sigam os seus guias; não pode lhes faltar objetivo, porque esse objetivo é o próprio Deus.

Aos que pensam que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa e constante, diremos que influenciemos as suas almas, mesmo estando a milhões de léguas de distância; para nós, o espaço não existe e, mesmo vivendo em outro mundo, conservamos essa ligação mútua. Desfrutamos de qualidades que não podem compreender, mas estejam seguros de que Deus não lhes impôs uma tarefa acima de suas forças e nem os abandonou sozinhos na Terra, sem amigos ou sem amparo. Cada anjo da guarda tem o seu protegido por quem vela, como um pai vela por seu filho. Sente-se feliz quando o vê no bom caminho; chora quando seus conselhos são desprezados.

Não temam fatigar-nos com as suas questões; permaneçam, ao contrário, sempre em contato conosco; serão mais fortes e mais felizes. São essas

comunicações de cada homem com seu Espírito familiar que fazem médiuns a todos os homens, médiuns hoje ignorados, mas que se manifestarão mais tarde, propagando-se como um oceano sem bordas, fazendo retroceder a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruem; homens de talento, eduquem seus irmãos. Não sabem que obra assim realizam: a do Cristo, a que Deus lhes impõe. Por que Deus teria lhes dado a inteligência e a ciência, senão para partilhar com seus irmãos, para fazê-los avançar no caminho da ventura e da eterna bem-aventurança?”

São Luís, Santo Agostinho³

A doutrina dos anjos da guarda, velando por seus protegidos, malgrado a distância que separa os mundos, nada tem que deva surpreender. É, ao contrário, grande e sublime. Não temos sobre a Terra um pai velando por seu filho, ainda que esteja distante, ajudando-o com seus conselhos por meio de correspondências? Por que admirar-se que os Espíritos possam guiar aqueles que tomam sob a sua proteção, de um mundo a outro, pois, para eles, a distância que separa os mundos é menor do que a que separa os continentes sobre a Terra? Não dispõe eles do fluido universal que liga todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é para nós o veículo da transmissão do som?

496. O Espírito que abandona o seu protegido, não mais lhe fazendo o bem, pode fazer-lhe mal?

“Os bons Espíritos jamais praticam o mal. Permitem que o faça, aqueles que lhe tomaram o lugar e então o homem acusa o destino dos males que o oprimem; no entanto, a falta é de si mesmo.”

497. O Espírito protetor pode deixar o seu protegido à mercê de um Espírito que poderia lhe querer o mal?

“Há a união dos maus Espíritos para neutralizar a ação dos bons, mas, se o protegido quiser, dará toda força ao seu bom Espírito. O bom Espírito encontrará, talvez em outro local, uma boa vontade a ser ajudada e que aproveita, aguardando o momento de retornar junto ao seu protegido.”

³ Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

498. Quando o Espírito protetor deixa o seu protegido extraviar-se na vida, é por incapacidade para enfrentar os Espíritos malévolos?

“Não é por incapacidade, mas porque ele não o quer. Seu protegido sai das provas mais experiente e habilitado e ele o assiste com os seus conselhos, por meio dos bons pensamentos que lhe sugere, mas que, infelizmente, não são sempre ouvidos. Não é senão a falibilidade, o desleixo ou o orgulho do homem que dá força aos maus Espíritos. Seu poder atua apenas sobre os que não lhes opõem resistência.”

499. O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido? Não há nenhuma circunstância em que, sem abandoná-lo, o perca de vista?

“Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor não é necessária junto ao seu protegido.”

500. Há um momento em que o Espírito não tem mais necessidade do anjo da guarda?

“Sim, quando se torna capaz de conduzir-se por si mesmo, como chega um momento em que o aluno não tem mais necessidade do mestre. Entretanto, isso não acontece na Terra.”

501. Por que a ação dos Espíritos sobre a nossa existência é oculta e por que, quando nos protegem, não o fazem de uma maneira ostensiva?

“Se contassem com o seu apoio, não agiriam por si mesmos e o seu Espírito não progrediria. Para que possa avançar, falta-lhe a experiência e é preciso, muitas vezes, que a adquira às próprias custas. É necessário que exercite as suas forças, sem isso seria como uma criança a quem não se deixa andar sozinha. A ação dos Espíritos que os querem bem é sempre de forma a deixar-lhes o livre-arbítrio, pois se não tiverem responsabilidade, não avançarão no caminho que deve conduzi-los a Deus. O homem, não vendo quem o ampara, entrega-se às suas próprias forças. Seu guia, no entanto, vela por ele e o adverte do perigo, sempre que necessário.”

502. O Espírito protetor, que consegue conduzir o seu protegido pelo bom caminho, conquista um bem para si mesmo?

“É um mérito que lhe será levado em conta, seja para o seu próprio progresso, seja para a sua felicidade. É feliz quando vê seus cuidados coroados de sucesso. É para ele uma vitória, a exemplo do preceptor que triunfa com os sucessos de seu discípulo.”

502a. É responsável quando não consegue?

“Não, visto que fez o que dele dependia.”

503. O Espírito protetor que vê o seu protegido seguir um mau caminho, malgrado seus avisos, sofre com isso e lhe é uma causa de transtorno à própria felicidade?

“Sofre com seus erros e os lamenta, mas essa aflição não tem as angústias da paternidade terrena, porque sabe que há remédio para o mal e o que hoje não se fez, amanhã se fará.”

504. Podemos sempre saber o nome do nosso Espírito protetor ou anjo da guarda?

“Como quereis saber nomes que nada vos significam? Acreditai que não há entre os Espíritos, senão aqueles que conheceis?”

504a. Como então invocá-lo, se não o conhecemos?

“Deem-lhe o nome que quiserem ou o de um Espírito Superior por quem tenham simpatia ou veneração. O Espírito protetor atenderá a esse chamado, porque todos os bons Espíritos são irmãos e assistem-se mutuamente.”

505. Os Espíritos protetores que tomam nomes conhecidos são sempre os que tiveram tais nomes?

“Não, mas Espíritos que lhes são simpáticos e que muitas vezes vêm por sua ordem. É-lhes importante um nome; então, tomam um que lhes inspire confiança. Quando alguém não pode cumprir uma missão pessoalmente, envia outra pessoa de sua confiança, que age em seu nome.”

506. Quando estivermos na vida espírita, reconheceremos o nosso Espírito protetor?

“Sim, pois frequentemente o conheceram antes de reencarnarem.”

507. Todos os Espíritos protetores pertencem à classe dos Espíritos superiores? Podem ser encontrados entre os da classe média? Um pai, por exemplo, pode tornar-se o Espírito protetor de seu filho?

“Pode, mas a proteção pressupõe um certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais concedidos por Deus. O pai que protege seu filho pode ser assistido por um Espírito mais elevado.”

508. Os Espíritos que deixaram a Terra em boas condições podem sempre proteger aqueles que amam e que lhe sobreviveram?

“Seu poder é mais ou menos restrito. A posição em que se encontram não lhes permite, sempre, inteira liberdade de ação.”

509. Os homens no estado selvagem ou de inferioridade moral têm igualmente seus Espíritos protetores e, nesse caso, esses Espíritos são de uma ordem tão elevada quanto a dos homens muito evoluídos?

“Cada homem tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são relativas ao seu objeto. Não se dá a uma criança que está aprendendo a ler um professor de Filosofia. O progresso do Espírito familiar segue o do Espírito protegido. Tendo um Espírito superior que vela por nós, podem, também, tornar-se os protetores de um Espírito que lhes é inferior e o progresso que o ajudar a fazer contribuirá para o seu adiantamento. Deus não pede ao Espírito mais do que a sua natureza e o grau a que tenha atingido possa comportar.”

510. Quando o pai que vela por seu filho reencarna-se, continua ainda a velar por ele?

“É mais difícil, mas pode pedir, em um momento de desprendimento, que um Espírito simpático o assista nessa missão. Aliás, os Espíritos aceitam apenas as missões que podem cumprir até o fim.”

O Espírito encarnado, sobretudo nos mundos em que a existência é material, está demasiadamente sujeito a seu corpo para poder estar inteiramente devotado a outro, ou até assisti-lo pessoalmente. Eis por que aqueles que não são muito elevados são assistidos por Espíritos que lhes são superiores, de tal forma que, se algum faltar, por uma causa qualquer, será substituído por outro.”

511. Além do Espírito protetor, um mau Espírito é ligado a cada indivíduo tendo em vista incitá-lo ao mal para que encontre ocasião de lutar entre o bem e o mal?

“Ligado não é bem a palavra. É verdade que os maus Espíritos procuram desviar os homens do bom caminho quando encontram ocasião, mas quando algum deles se liga a um indivíduo o faz por si mesmo, porque espera ser escutado. Então, haverá a luta entre o bom e o mau e vencerá aquele a cujo domínio o homem se submeter.”

512. Podemos ter vários Espíritos protetores?

“Cada homem tem sempre Espíritos simpáticos, mais ou menos elevados e que se afeiçoam e se interessam por ele, como há também os que o assistem no mal.”

513. Os Espíritos simpáticos agem em virtude de uma missão?

“Às vezes podem ter uma missão temporária, mas geralmente são solicitados apenas pela similitude de pensamentos e de sentimentos, tanto no bem como no mal.”

513a. Parece resultar daí que os Espíritos simpáticos podem ser bons ou maus?

“Sim, qualquer que seja o seu caráter, o homem encontra sempre Espíritos que simpatizam com ele.”

514. Os Espíritos familiares são a mesma coisa que Espíritos simpáticos ou Espíritos protetores?

“Há muitos graus na proteção e na simpatia. Deem-lhes os nomes que quiserem. O Espírito familiar é, acima de tudo, o amigo da casa.”

Das explicações dadas e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se ligam ao homem, podemos deduzir o que se segue:

O Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio, é o que tem por missão seguir o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de uma natureza superior à do protegido.

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis tendo em vista ser-lhes útil na medida de seu poder, frequentemente muito limitado. São bons, mas, às vezes, pouco avançados e mesmo levianos; ocupam-se voluntariamente de detalhes da vida íntima e agem apenas por ordem ou com a permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são os que atraímos para nós por afeições particulares e uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto no bem como no mal. A duração de suas relações está quase sempre subordinada às circunstâncias.

O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso que se liga ao homem visando desviá-lo do bem, mas age por seu próprio impulso e não em virtude de uma missão. Sua tenacidade está na razão do acesso mais facilitado ou mais dificultado que encontre. O homem é sempre livre para escutar a sua voz ou de a repelir.

515. O que se deve pensar das pessoas que parecem ligar-se a certos indivíduos para levá-los à perdição ou para guiá-los no bom caminho?

“Certas pessoas, com efeito, exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso acontece para o mal são maus Espíritos, de que se servem outros maus Espíritos para melhor subjugarem as suas vítimas. Deus pode permitir isso para pô-los à prova.”

516. Nosso bom e nosso mau gênio poderiam encarnar-se para nos acompanhar na vida de uma maneira mais direta?

“Isso tem acontecido frequentemente, mas algumas vezes, também, encaram essa missão a outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.”

517. Haverá Espíritos que se liguem a uma família inteira para protegê-la?

“Certos Espíritos se ligam aos membros de uma mesma família que estão unidos pelos laços da afeição, mas não acreditem em Espíritos protetores do orgulho das raças.” ()*

518. Assim como os Espíritos são atraídos aos indivíduos por simpatia, são igualmente atraídos para as reuniões de indivíduos, por motivos particulares?

“Os Espíritos vão de preferência aonde estão os seus semelhantes, pois lá podem estar mais à vontade e seguros de ser ouvidos. O homem atrai para si os Espíritos em razão de suas tendências, quer esteja só ou constitua um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade ou um povo. Há, portanto, sociedades, cidades e povos que são assistidos por Espíritos em maior ou menor evolução, segundo o caráter e as paixões que ali predominem. Os Espíritos imperfeitos se afastam daqueles que os repelem. Desta forma, o aperfeiçoamento moral de um todo coletivo, como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que incitam e mantêm o sentimento do bem nas massas, da mesma forma que outros podem insuflar-lhes as más paixões.”

519. As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm Espíritos protetores especiais?

“Sim, porque são compostos de individualidades coletivas que marcham para um objetivo comum e que têm necessidade de uma direção superior.”

520. Os Espíritos protetores das massas são de uma natureza mais elevada que aqueles que se ligam aos indivíduos?

(*) Questão 517 – Veja Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

“Tudo é relativo ao grau de evolução, tanto das massas como dos indivíduos.”

521. Certos Espíritos podem ajudar no progresso das Artes, ao proteger os que delas se ocupam?

“Há Espíritos protetores especiais que assistem aqueles que os invocam, quando dignos dessa assistência, mas o que querem que façam com aqueles que acreditam ser o que não são? Eles não podem fazer os cegos enxergarem, nem os surdos ouvirem.”

Os antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As Musas⁴ seriam a personificação alegórica dos Espíritos protetores das Ciências e das Artes, bem como lares e penates⁵ os Espíritos protetores da família. Na era moderna, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países, têm também seus patronos protetores que são os Espíritos Superiores, mas sob outros nomes.

Tendo cada homem o seu rol de Espíritos simpáticos, disso resulta que, nas coletividades, a generalidade dos Espíritos simpáticos está em relação com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos pela identidade de gostos e de pensamentos. Em uma palavra, esses agrupamentos, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos envolvidos, assistidos, influenciados, segundo a natureza dos pensamentos da multidão.

Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante, sobretudo as leis, pois o caráter da nação se reflete nas leis. Os homens que fazem reinar a justiça combatem a influência dos maus Espíritos. Por toda a parte em que as leis consagram as coisas injustas, contrárias à Humanidade, os bons Espíritos estão em minoria, e a massa dos maus que para lá afluem entretêm a nação em suas ideias e paralisa as boas influências parciais, que acabam por ficar perdidas na multidão, como a espiga isolada no meio dos espinheiros.

⁴ Musas: refere-se às nove deusas da Mitologia grega, protetoras das Artes. (N. do E.)

⁵ Lares e penates, deuses domésticos da Roma Antiga – os primeiros, protetores das famílias e das casas, também eram tidos como protetores das cidades e dos vilarejos, tal como o são, entre os cristãos, os santos padroeiros. Os segundos eram representatividades dos manes (almas) dos ancestrais, cujas imagens se guardavam em lugar secreto, ao abrigo de profanações. (N. do E.)

Ao estudar os costumes dos povos ou de todo agrupamento, é fácil, portanto, fazer uma ideia da população oculta que se imiscui em seus pensamentos e em suas ações ⁶.”

Pressentimentos

522. O pressentimento é invariavelmente uma advertência do Espírito protetor?

“O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que lhes deseja o bem. É também a intuição da escolha anterior: é a voz do instinto. O Espírito, antes de se encarnar, tem conhecimento das principais fases de sua existência, ou seja, do tipo de provas aos quais se submeterá. Quando estas têm caráter marcante, conserva uma espécie de impressão em seu foro íntimo e essa impressão, que é a voz do instinto⁷, desperta ao chegar o momento, tornando-se pressentimento.”

523. Os pressentimentos e a voz do instinto têm sempre alguma coisa de vago. Como devemos proceder na incerteza?

“Quando estiver em dúvida, invoque seu bom Espírito ou ore a Deus, que Ele lhe enviará um de Seus mensageiros, um de nós.”

524. As advertências de nossos Espíritos protetores têm por objetivo exclusivo a conduta moral ou também a conduta que devemos ter em relação às coisas da vida privada?

“Engloba tudo. Eles procuram fazê-los viver da melhor maneira possível, mas, muitas vezes, os homens fecham os ouvidos às boas advertências e tornam-se infelizes por sua própria culpa.”

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos pela voz da consciência que tornam audível em nosso íntimo, mas, como não lhes damos sempre a necessária importância, eles nos oferecem outros, por intermédio das pessoas que nos cercam. Que cada um examine as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que, em

⁶ Com este comentário, Kardec introduz uma nova visão à Sociologia – o estudo do comportamento das massas, mediante a análise das influências dos Espíritos sobre elas. (N. do E.)

⁷ Kardec refere-se aqui ao reflexo do *instinto espiritual* ou *ideias intuitivas*, nada tendo, pois, com o instinto biológico, mencionado nas questões 589 e 590. (N. do E.)

muitas oportunidades, recebeu conselhos que nem sempre aproveitou e que lhe teriam poupado dissabores se os tivesse escutado.

Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida

525. Os Espíritos exercem influência sobre os acontecimentos da vida?

“Certamente, pois os aconselham.”

525a. Além do pensamento que sugerem, exercem essa influência de outra maneira, ou seja, têm uma ação direta sobre a realização das coisas?

“Sim, mas jamais agem fora das leis naturais.”

Pensamos erroneamente que a ação dos Espíritos deva se manifestar apenas pelos fenômenos extraordinários. Desejaríamos que viessem em nossa ajuda por intermédio de milagres e os representamos sempre armados de uma varinha mágica. Não é bem assim. Eis por que a sua intervenção nos parece oculta e o que se faz por seu concurso nos parece tão natural. Assim, por exemplo, provocarão o encontro de duas pessoas que parecia se dar por acaso; inspirarão em alguém o pensamento de passar por tal lugar; chamarão sua atenção sobre determinado ponto, se isso devesse conduzir ao resultado que desejam obter; de tal sorte que o homem, acreditando seguir apenas o seu próprio impulso, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

526. Tendo ação sobre a matéria, os Espíritos podem provocar determinados efeitos, objetivando suscitar um acontecimento? Por exemplo, um homem deve morrer: ele sobe uma escada, a escada se quebra e o homem morre. Foram os Espíritos que quebraram a escada para que se cumprisse o destino desse homem?

“É bem verdade que os Espíritos têm influência sobre a matéria, mas para o cumprimento das leis da Natureza e não para derogá-las, ao fazer surgir em determinado momento um acontecimento inesperado e contrário a essas leis. No exemplo citado, a escada se quebra porque estava carunchada ou não era bastante forte para suportar o peso do homem. Se está no

destino desse homem morrer dessa maneira, eles lhe inspirariam o pensamento de subir na escada que deveria romper-se sob seus pés, e sua morte se daria por um efeito natural, sem necessidade de milagre para isso.”

527. Tomemos um outro exemplo, em que o estado natural da matéria não intervenha em nada. Um homem deve morrer por um raio. Refugia-se sob uma árvore, o raio estala e ele morre. Os Espíritos poderiam ter provocado o raio, dirigindo-o sobre ele?

“Trata-se, ainda, da mesma coisa. O raio incidiu sobre aquela árvore nesse momento, porque o fato está nas leis da Natureza. Ele não foi dirigido para essa árvore porque o homem lá se encontrava, mas foi inspirado ao homem o pensamento de se refugiar sob uma árvore, sobre a qual ele deveria incidir. A árvore não deixaria de ser atingida, só por ter abrigado ao homem.”

528. Um homem mal-intencionado dispara um tiro sobre alguém, que passa de raspão, não o atingindo. Um Espírito benfazejo pode ter desviado o tiro?

“Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito benfazejo lhe inspirará o pensamento de se desviar, ou ainda poderá ofuscar o seu inimigo no intuito de lhe desorientar a pontaria, porque o projétil, uma vez lançado, segue a linha da sua trajetória.”

529. O que se deve pensar das balas encantadas, a que se referem certas lendas e que fatalmente atingem um alvo?

“Pura imaginação. O homem ama o maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.”

529a. Os Espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser contrariados pelos Espíritos que desejam o oposto?

“O que Deus quer, deve acontecer. Se há demora ou impedimento, é por sua vontade.”

530. Os Espíritos levianos e zombeteiros não podem criar esses pequenos embaraços à realização de nossos projetos e transtornar as nossas previsões? Em uma palavra, são eles os autores do que comumente chamamos as pequenas misérias da vida humana?

“Eles se comprazem em causar esses aborrecimentos que são provas à sua paciência, mas se cansam quando veem que não atingem seu intento. No

entanto, não seria justo, nem exato, responsabilizá-los por todos os vossos infortúnios, dos quais sois os primeiros responsáveis. Pois se a sua baixela se quebra é, antes de tudo, resultado de vosso descuido do que por culpa dos Espíritos.”

530a. Os Espíritos que suscitam discórdias agem por animosidade pessoal ou atacam ao primeiro que encontram, sem motivo determinado, unicamente por malícia?

“Tanto um como outro. Às vezes são inimigos criados durante esta vida ou em existência anterior e que os perseguem; de outras vezes, não há motivo algum.”

531. O rancor dos seres que nos têm causado o mal sobre a Terra extingue-se com a sua vida corpórea?

“Muitas vezes reconhecem sua injustiça e o mal que fizeram; mas, frequentemente, também, os perseguem com o seu ódio, se Deus o permite, para continuar a prová-los.”

531a. Pode-se pôr um termo a isso e por qual meio?

“Sim, podemos orar por eles e retribuir-lhes o mal com o bem. Desta forma, terminarão por compreender os seus erros. De resto, se souberem colocar-se acima de suas maquinações, cessam de fazê-las, ao ver que nada ganham com isso.”

A experiência prova que certos Espíritos prosseguem com sua vingança de uma existência a outra e que expiaremos, assim, cedo ou tarde, os males que pudermos ter acarretado a alguém.

532. Os Espíritos têm o poder de afastar os males de certas pessoas e de atrair sobre elas a prosperidade?

“Não inteiramente, porque há males que estão nos desígnios da Providência. No entanto, minoram as suas dores ao dar-lhes a paciência e a resignação.

Saibam, também, que depende muitas vezes dos próprios encarnados desviarem esses males ou ao menos atenuá-los. Deus lhes deu a inteligência para ser aplicada e é sobretudo por meio dela, que os Espíritos lhes socorrem, ao sugerir-lhes pensamentos favoráveis. Mas assistem apenas aqueles que sabem assistir-se a si mesmos. É esse o sentido das palavras: ‘Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á’⁸.

⁸ Mateus, 7:7. (N. do E.)

Saibam, ainda, que aquilo que lhes parece um mal nem sempre é um mal. Muitas vezes, um bem que deve resultar dele será maior que o mal, e é o que não compreendem, porque pensam apenas no momento presente ou em sua própria pessoa.”

533. Os Espíritos podem fazer obter os dons da fortuna, desde que solicitados neste sentido?

“Às vezes, como prova, mas, frequentemente, os recusam como se recusa a uma criança um pedido inconsequente.”

533a. São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores?

“Tanto uns quanto outros, isso depende da intenção. No entanto, em geral são os Espíritos que querem arrastá-los para o mal e encontram um meio fácil de o fazer nos prazeres que a fortuna proporciona.”

534. Quando os obstáculos parecem se opor fatalmente aos nossos projetos, seria isso por influência de algum Espírito?

“Em algumas oportunidades são os Espíritos; em outras, e mais frequentemente, é que andais equivocadamente. A posição e o caráter do indivíduo influem muito. Se houver obstinação num caminho que lhes não corresponda, os Espíritos nada poderão fazer, pois se tornaram o seu próprio mau gênio.”

Quando nos acontece alguma coisa feliz, é ao nosso Espírito protetor que devemos agradecer?

“Agradeçam sobretudo a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois aos bons Espíritos que foram os seus agentes.”

535a. O que acontece quando não agradecemos?

“O que acontece aos ingratos.”

535b. No entanto, há pessoas que não oram, nem agradecem e para quem tudo sai bem?

“Assim é, de fato, mas importa ver o fim. Eles pagarão bem caro essa felicidade passageira que não fizeram por merecer, pois quanto mais tiverem recebido, mais terão de restituir.”

Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza

536. Os grandes fenômenos da Natureza, aqueles que se considera como uma perturbação dos elementos, são ocasionados por causas fortuitas ou têm todos um objetivo providencial?

“Tudo tem razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.”

536a. Esses fenômenos têm sempre por alvo a vida humana?

“Às vezes eles têm uma razão de ser diretamente relacionada a isto, mas, em muitas ocasiões não têm outro objetivo, que o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.”

536b. Concebemos, perfeitamente, que a vontade de Deus seja a causa primária, nisso como em todas as coisas. Mas, como sabemos que os Espíritos agem sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exerceriam uma influência sobre os elementos para agitá-los, acalmá-los ou dirigi-los?

“Mas é evidente; isso não poderia ser de outro modo. Deus não se entrega a uma ação direta sobre a Natureza, mas tem os seus agentes devotados, em todos os graus da escala dos mundos.”

537. A mitologia dos antigos é inteiramente fundamentada sobre as ideias espíritas, com a diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Ora, eles nos representam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns se encarregavam dos ventos, outros dos raios, outros de presidir a vegetação etc. Tal crença é destituída de fundamento?

“Tão pouco destituída de fundamento, que está ainda bem aquém da verdade.”

537a. Pela mesma razão, poderia haver Espíritos habitando o interior da Terra e presidindo os fenômenos geológicos?

“Esses Espíritos não habitam precisamente a Terra, mas presidem e dirigem os fenômenos, segundo as suas atribuições. Um dia terão a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderão melhor.”

538. Os Espíritos que presidem os fenômenos da Natureza formam uma categoria específica no mundo espírita? São seres à parte ou Espíritos que foram encarnados como nós?

“Que o foram, ou que o serão.”

538a. Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espírita?

“De acordo com o papel que desempenham, sendo mais ou menos material ou inteligente. Uns comandam, outros executam. Os que executam as coisas

materiais são sempre de uma ordem inferior, não só entre os Espíritos como também entre os homens.”

539. Na produção de certos fenômenos, como o das tempestades, por exemplo, é um só Espírito que age ou se reúnem em massa?

“Em massas inumeráveis.”

540. Os Espíritos que exercem ação sobre os fenômenos da Natureza agem com conhecimento de causa, em virtude de seu livre-arbítrio, ou por um impulso instintivo e irrefletido?

“Uns sim, outros não. Faça uma comparação: suponha essas quantidades incalculáveis de animais que, pouco a pouco, fazem surgir do mar as ilhas e os arquipélagos. Não haveria ali um objetivo providencial? Essa transformação da superfície do globo não seria necessária para a harmonia geral? No entanto, são apenas animais do último grau que realizam essas coisas, para prover às suas necessidades e sem perceberem que são instrumentos de Deus. Pois bem, de maneira análoga, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto, enquanto ensaiam para a vida e, antes de ter a plena consciência de seus atos e de seu livre-arbítrio, agem sobre certos fenômenos do qual são agentes sem o saberem. Primeiro executam; depois, quando a sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo⁹. Admirável lei de harmonia de que seus Espíritos limitados não podem ainda abranger o conjunto.”

Os Espíritos durante os combates

541. Em uma batalha, há Espíritos que assistem e amparam cada uma das forças em combate?

⁹ Com respeito a esta afirmação, destacamos a observação de José Herculano Pires: “Verificamos que é através dela (palingenesia) que tudo desaparece e reaparece, ou seja, que tudo se faz, se desfaz e refaz, no eterno suceder das coisas e dos seres, como Heráclito já havia intuído, mas não em forma cíclica, em inútil e constante repetição, mas num processo de desenvolvimento regido pela lei de evolução. É o que vemos nesta admirável frase: ‘tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo’”. (PIRES, J.H.– *Introdução à Filosofia Espírita*. 2ª ed. São Paulo: FEESP, 1993.) (*N. do E.*)

“Sim e que lhes estimulam a coragem.”

As civilizações antigas representavam-nos como deuses tomando partido por tal ou qual povo. Os deuses, sendo apenas Espíritos, eram representados por figuras alegóricas.

542. Numa guerra, a justiça está sempre de um lado. Como os Espíritos podem tomar partido de quem está errado?

“Sabe-se perfeitamente que há Espíritos que procuram apenas a discórdia e a destruição. Para esses, a guerra é a guerra: a justiça da causa pouco lhes importa.”

543. Certos Espíritos podem influenciar o general na concepção de seus planos de campanha?

“Sem dúvida nenhuma, os Espíritos podem influenciá-lo nesse sentido, como em todas as suas ideias e planos.”

544. Os maus Espíritos poderiam suscitar-lhe estratégias falhas, com o fim de levá-lo à derrota?

“Sim, mas não tem ele o seu livre-arbítrio? Se o seu discernimento não lhe permite distinguir uma ideia correta de uma ideia falsa, sofrerá as consequências e faria melhor em obedecer que comandar.”

545. O general pode, às vezes, ser guiado por uma espécie de segunda vista, uma visão intuitiva que lhe mostra, por antecipação, o resultado de sua estratégia?

“É o que ocorre, frequentes vezes, com o homem de gênio. É o que ele chama inspiração e lhe permite agir com alguma certeza. Essa inspiração lhe vêm dos Espíritos que o dirigem e se servem das faculdades de que ele é dotado.”

546. Durante o combate, o que acontece aos Espíritos que perecem? Continuam a interessar-se pela luta após a morte?

“Alguns ainda se interessam, outros se afastam.”

Nos combates, acontece o que ocorre em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreso e como que atordoado. Não acredita estar morto. Parece-lhe ainda tomar parte na ação. É apenas de forma gradativa que a realidade lhe aparece.

547. Os Espíritos que se combatiam quando em vida, uma vez mortos, se reconhecem ainda como inimigos? Continuam lutando uns contra os outros?

“Nessas ocasiões o Espírito jamais se mostra calmo. Num primeiro momento, pode ainda odiar ao seu inimigo e até persegui-lo. Mas, quando se acalmar, verá que a sua animosidade não tem mais razão de ser. No entanto, ainda poderá conservar alguns traços, cuja intensidade varia segundo o seu caráter.”

547a. Percebe ainda o rumor da batalha?

“Sim, perfeitamente.”

548. O Espírito que, como espectador, assiste friamente a um combate, testemunha a separação entre a alma e o corpo? Como se lhe apresenta esse fenômeno?

“Há poucas mortes que ocorrem instantaneamente. Na maior parte dos casos, o Espírito, cujo corpo acaba de ser mortalmente ferido, não tem consciência do fato imediatamente. Quando começa a retomar a consciência, é que os assistentes espirituais o reconhecem movendo-se ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que nenhum efeito desagradável lhe produz a visão do corpo morto. Tendo a vida se concentrado no Espírito, somente ele chama a atenção; é com ele que se conversa ou a quem se dá ordens.”

Sobre os pactos

549. Há alguma verdade nos pactos com os maus Espíritos?

“Não, não há pactos, mas a má natureza encontra sintonia com maus Espíritos. Por exemplo: se de sua parte quiser atormentar o seu vizinho e não souber como proceder, procura chamar pelos Espíritos inferiores que também querem apenas o mal e, para ajudá-lo, querem também ser servidos em seus maus intentos. Mas isso não quer dizer que seu vizinho não possa livrar-se deles por uma ação contrária e por sua própria vontade. Aquele que deseja cometer uma má ação, pelo simples fato de o querer, atrai os maus Espíritos em sua ajuda. Fica, assim, obrigado a servi-los da mesma forma como o auxiliaram, pois também eles têm necessidade dos homens para o mal que querem fazer. É somente nisso que consiste o pacto.”

A dependência em que o homem se encontra, algumas vezes, de Espíritos inferiores, é proveniente da sua submissão aos maus pensamentos que lhe sugerem e não de acordos feitos entre eles. O pacto, no

sentido comum atribuído a essa palavra, é uma alegoria que ilustra uma má natureza simpatizante com os Espíritos malfeitores.

550. Qual é o sentido das lendas fantásticas segundo as quais figuram indivíduos que teriam vendido as suas almas a Satanás, para obterem certos favores?

“Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral; é um erro prenderem-se ao sentido literal. Essa é uma alegoria que pode ser explicada assim: aquele que chama em sua ajuda os Espíritos para deles obter os dons da fortuna ou qualquer outro favor rebela-se contra a Providência, renuncia à missão que recebeu e às provas pelas quais deve passar e sofrerá as consequências na vida futura. Isso não quer dizer que sua alma esteja para sempre condenada ao sofrimento; mas, em vez de se libertar da matéria, a ela se liga cada vez mais, o que foi para ele uma alegria na Terra, não o será no mundo dos Espíritos, até que resgate a sua falta por intermédio de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Por seu apego aos prazeres materiais, submete-se ao domínio dos Espíritos impuros. Estabelece-se, desta forma, um pacto implícito que o conduz à sua própria perda, mas que lhe é sempre fácil de romper com a assistência dos bons Espíritos, se tiver firme vontade.”

Poder oculto, talismãs, feiticeiros

551. Um homem mau pode, com a ajuda de um mau Espírito que lhe seja dedicado, fazer o mal ao seu próximo?

“Não. Deus não o permitiria.”

552. O que pensar da crença no poder que teriam certas pessoas de lançar feitiços?

“Certas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso se o seu próprio Espírito for mau. Nesse caso, podem estar assessoradas por maus Espíritos. Mas não acreditem nesse pretensão poder mágico que está apenas na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos citados são fatos naturais mal observados e sobretudo mal compreendidos.”

553. Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas com as quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?

“O efeito de torná-las ridículas, se são de boa-fé. Caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são enganosas. Não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles são atraídos apenas pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

553a. Não obstante, certos Espíritos não ditaram, em algumas ocasiões, fórmulas cabalísticas?

“Sim, existem Espíritos que lhes indicam sinais, palavras bizarras, ou ainda que lhes prescrevem certos atos, com a ajuda dos quais fazem o que se denomina conjuração. Mas fiquem bem seguros que esses são Espíritos que zombam e abusam de sua credulidade.”

554. Aquele que confia no poder de um talismã pode atrair um Espírito por meio dessa confiança, visto que é o pensamento que age, e o talismã apenas um veículo que direciona o pensamento?

“É verdade, mas a natureza do Espírito atraído depende da natureza da intenção e da elevação dos sentimentos. Ora, é raro aquele que, sendo muito simples para acreditar na virtude de um talismã, não tenha um objetivo mais material que moral. Em todo caso, isso anuncia uma estreiteza e fragilidade de ideias que dão vazão aos Espíritos imperfeitos e zombeteiros.”

555. Qual sentido se deve dar à qualificação de feiticeiro?

“Os chamados feiticeiros são pessoas que, se de boa-fé, são dotadas de certas faculdades, como o poder magnético ou a segunda vista. E como fazem coisas que não são compreendidas, acredita-se que sejam dotadas de uma força sobrenatural. Seus sábios não têm, muitas vezes, passado por feiticeiros aos olhos das pessoas ignorantes?”

O Espiritismo e o magnetismo dão-nos a chave de uma infinidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu muitas fábulas, em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento esclarecido dessas duas ciências, que se consubstanciam em apenas uma, ao mostrar a realidade das coisas e a sua verdadeira causa, é o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque mostra o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de credice.

556. Certas pessoas têm realmente o dom de curar pelo simples toque?

“O potencial magnético pode chegar até essa intensidade, quando é secundado pela pureza de sentimentos e um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos vêm assisti-lo. Mas é necessário precaver-se contra a maneira pela qual as coisas são contadas pelas pessoas muito crédulas ou muito entusiastas, sempre dispostas a ver o maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. É necessário igualmente desconfiar dos relatos interesseiros por parte das pessoas que exploram a credulidade em seu próprio proveito.”

Bênção e maldição

557. Podem a bênção e a maldição atrair o bem e o mal sobre aqueles a quem são lançados?

“Deus não escuta uma maldição injusta, e aquele que a pronuncia é culpável a seus olhos. Como temos as tendências opostas, o bem e o mal, pode haver uma influência momentânea, mesmo sobre a matéria. Todavia, essa influência ocorre apenas pela vontade de Deus, como acréscimo de prova àquele que a sofre. De resto, frequentemente se maldizem os maus e bendizem os bons. A bênção e a maldição não podem jamais desviar a Providência dos caminhos da justiça: ela não fere o amaldiçoado se ele não for mau e a sua proteção não cobre aquele que não a mereça¹⁰.”

⁽¹⁰⁾ Conforme preceitavam os Espíritos, a questão das bênçãos e das maldições se restringe ao plano das relações psíquicas e permeia o campo dos estudos relacionados à psicologia espírita. (N. do E.)

OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

558. Além do trabalho de autoaprimoramento, têm os Espíritos outras ocupações?

“Concorrem para a harmonia do Universo, executando a vontade de Deus, do qual são os ministros. A vida espírita é uma ocupação ininterrupta, mas nada tem de penosa como a da Terra, pois não está sujeita à fadiga física nem às angústias da necessidade.”

559. Os Espíritos inferiores e imperfeitos desempenham igualmente um papel útil no Universo?

“Todos têm deveres a cumprir. O último dos pedreiros não concorre para a construção do edifício tanto quanto o arquiteto?” (Ver questão 540.)

560. Os Espíritos têm, individualmente, atributos especiais?

“Todos devemos habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo sucessivamente às funções relativas a todos os planos do Universo. Como diz o Eclesiastes¹, há um tempo para cada coisa. Assim, este cumpre hoje seu destino neste mundo, aquele o cumprirá ou já cumpriu em outro tempo, sobre a terra, na água, no ar etc.”

561. As funções que os Espíritos desempenham na ordem das coisas são permanentes para cada um individualmente e pertencem às atribuições pertinentes a certas classes?

¹ Eclesiastes, 3. (N. do E.)

“Todos devem percorrer os diferentes graus da escala, para se aperfeiçoarem. Deus, que é justo, não poderia dar a uns a ciência sem o trabalho, enquanto outros a adquirem penosamente.”

Mesmo entre os homens, nenhum chega ao supremo grau de habilidade numa arte qualquer, sem ter possuído os conhecimentos necessários na prática das funções peculiares e mais detalhadas dessa arte.

562. Os Espíritos de ordem mais elevada, que já alcançaram todo o conhecimento, estão em repouso absoluto ou têm ainda ocupações?

“Como imaginar que estivessem por toda a eternidade? A eterna ociosidade lhes seria um eterno suplício.”

562a. Qual a natureza de suas ocupações?

“Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las por todo o Universo e velar por sua execução.”

563. As ocupações dos Espíritos são incessantes?

“Sim, se por incessante entendermos que o seu pensamento está sempre ativo, pois vivem pelo pensamento. Mas é necessário não comparar as ocupações dos Espíritos às ocupações materiais dos homens. Sua atividade é sempre uma fonte inesgotável de felicidade, pela consciência que eles têm de ser úteis.”

563a. Isto se explica quando nos referimos aos bons Espíritos, mas é o mesmo para os Espíritos inferiores?

“Os Espíritos inferiores têm ocupações apropriadas à sua natureza. Confiar-se ao trabalhador braçal e ao ignorante os trabalhos do homem culto?”

564. Entre os Espíritos, há os que são ociosos ou que não se ocupam de nada útil?

“Sim, mas esse estado é temporário e sujeito ao desenvolvimento de sua inteligência. Certamente há, como entre os homens, aqueles que vivem apenas para si mesmos, mas essa ociosidade lhes pesa e, cedo ou tarde, o desejo de avançar os faz provar a necessidade de atividade e felizes se sentirão por poderem tornar-se úteis. Falamos de Espíritos que alcançaram o nível necessário para terem consciência de si mesmos e de seu livre-arbítrio, porque, em sua origem, são como crianças recém-nascidas que agem mais por instinto do que por uma vontade determinada.”

565. Os Espíritos examinam nossos trabalhos de arte e por eles se interessam?

“Eles examinam o que pode provar a elevação dos Espíritos e o seu progresso.”

566. Um Espírito que teve uma especialidade profissional na Terra, um pintor, um arquiteto, por exemplo, se interessa preferencialmente por trabalhos que foram objeto de sua predileção durante a vida?

“Tudo se confunde num objetivo geral. Se for bom, se interessará à medida que lhe permitam ajudar a elevação das almas a Deus. Aliás, um Espírito que tenha praticado certa arte ou profissão em uma existência pode ter praticado outra em existências precedentes, porque é necessário que tudo saiba para tornar-se perfeito². Assim, dependendo de seu grau de evolução, pode ser que nenhuma delas seja uma especialidade para ele. É isso o que eu entendo, ao dizer que tudo se confunde num objetivo geral. Notem ainda: o que é sublime para os homens, no mundo atrasado em que vivem, não passa de puerilidade se comparado com os mundos mais evoluídos. Como querer que os Espíritos que habitam esses mundos onde existem artes desconhecidas de todos admirem o que, para eles, é apenas uma obra de escolares? Já afirmei: eles examinam apenas o que pode demonstrar progresso.”

566a. Compreendemos que assim deve ser para os Espíritos muito evoluídos, mas referimo-nos aos Espíritos mais comuns e que ainda não estão situados acima das ideias terrenas.

“Com relação a esses, é diferente. Seu ponto de vista é mais restrito e podem vir a admirar o que os encarnados admiram.”

567. Os Espíritos se intrometem, às vezes, em nossas ocupações e em nossos prazeres?

“Os Espíritos comuns, como disse, sim; estão incessantemente à volta dos encarnados e participam naquilo que fazem, conforme a sua natureza. E é bom que o façam, a fim de impulsionar os homens em direção aos diferentes caminhos da vida, excitar ou moderar as suas paixões.”

Os Espíritos se ocupam das coisas deste mundo em razão de sua elevação ou de sua inferioridade. Os Espíritos superiores têm, sem

² Ver Introdução VI – Nota 8. (N. do E.)

dúvida, a faculdade de avaliá-las em seus mínimos aspectos, mas não o fazem senão à medida que isso for útil ao progresso. Os Espíritos inferiores só se ligam a essas coisas em virtude da importância relativa que ainda atribuem às lembranças que estão ainda presentes em sua memória e às ideias materiais que ainda não estão extintas.

568. Os Espíritos que têm missões a cumprir, cumprem-nas no estado errante ou encarnados?

“Tanto num estado quanto noutra. Para certos Espíritos errantes, é uma grande ocupação.”

569. Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes?

“São tão variadas que é impossível descrevê-las. Os Espíritos executam a vontade de Deus; há as que os encarnados não podem compreender, pois não podem penetrar nos seus desígnios.”

As missões dos Espíritos têm sempre o bem como objetivo. Seja como Espíritos, seja como homens, são encarregados de ajudar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, num círculo de ideias mais ou menos amplo e especial, de preparar caminhos para certos acontecimentos, de velar pela realização de certas ocorrências. Alguns têm missões mais restritas e, de certa forma, pessoais ou totalmente locais, como de assistir os doentes, os agonizantes, os aflitos, de velar por aqueles que estão sob a sua proteção de guias e protetores, de dirigi-los por seus conselhos ou pelos bons pensamentos que lhes sugerem. Pode-se dizer que há tantos tipos de missões quantas espécies de interesses há para resguardar, seja no mundo físico, seja no mundo moral. O Espírito avança segundo a maneira pela qual desempenha a sua tarefa.

570. Os Espíritos percebem sempre os desígnios que lhes compete executar?

“Não; há os que são instrumentos cegos, mas há outros que sabem muito bem com que objetivo agem.”

571. Só há Espíritos elevados no desempenho de missões?

“A importância das missões está em relação direta com a capacidade e a elevação do Espírito. O mensageiro que leva um despacho cumpre também uma missão, que não é a do general.”

572. A missão de um Espírito lhe é imposta ou depende de sua vontade?

“Ele a solicita e alegra-se por obtê-la.”

572a. A mesma missão pode ser solicitada por vários Espíritos?

“Sim; há sempre vários candidatos, mas nem todos são aceitos.”

573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?

“Instruir os homens, ajudá-los a progredir, melhorar as suas instituições pelos meios diretos e materiais; entretanto, as missões são mais ou menos gerais e importantes: aquele que cultiva a terra cumpre uma missão, como aquele que governa ou o que instrui. Tudo se encadeia na Natureza; ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, igualmente concorre para o cumprimento dos desígnios da Providência. Cada um tem a sua missão na Terra, porque cada um pode ser útil em algum sentido.”

574. Qual pode ser a missão das pessoas voluntariamente inúteis na Terra?

“Há, efetivamente, pessoas que vivem apenas para si mesmas e que não sabem ser úteis para nada. São pobres seres que devemos lastimar, porque expiarão cruelmente a sua inutilidade voluntária; seu castigo começa, muitas vezes, desde este mundo, pelo tédio e o desgosto pela vida.”

574a. Visto que teriam o direito de escolha, por que preferiram uma existência que nenhum proveito lhes traria?

“Entre os Espíritos há também os preguiçosos que recuam diante de uma vida de labor. Deus lhes permite isso, pois compreenderão, mais cedo ou mais tarde e à sua própria custa, os inconvenientes de sua inutilidade e serão os primeiros a pedir a reparação do tempo perdido. Talvez, também, tenham escolhido uma vida mais útil, mas uma vez em ação, recuaram e se deixaram arrastar pelas sugestões de Espíritos que os encorajavam em sua ociosidade.”

575. As ocupações comuns nos parecem antes deveres que missões propriamente ditas. A missão, segundo a ideia ligada ao termo, tem um caráter menos exclusivo e, sobretudo, menos pessoal. Sob esse ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem tenha uma missão real sobre a Terra?

“Pelas grandes coisas que realiza, pelo progresso que leva os seus semelhantes a realizarem.”

576. Os homens que têm uma missão importante estão predestinados a ela antes de seu nascimento e têm consciência disso?

“Às vezes, sim; mas, na maior parte das vezes, o ignoram. Ao virem à Terra, têm um vago sentimento a respeito; após o nascimento, sua missão se desenvolve gradualmente, e de acordo com as circunstâncias. Deus os impulsiona no caminho em que devem cumprir os seus desígnios.”

577. Quando um homem faz uma coisa útil é sempre em virtude de uma missão anterior e predestinada ou pode receber uma missão não prevista?

“Tudo o que um homem faz não é resultado de uma missão predestinada. Ele é, muitas vezes, instrumento de que um Espírito se serve para fazer executar uma coisa que acredita útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro que ele mesmo escreveria se estivesse encarnado. Procura o escritor mais apto a compreender o seu pensamento e a executá-lo. Dá-lhe então a ideia e o dirige na execução. Desta forma, esse homem não veio à Terra com a missão de fazer essa obra. O mesmo acontece com certos trabalhos artísticos e com as descobertas. É preciso dizer ainda que, durante o sono do corpo, o Espírito encarnado comunica-se diretamente com o Espírito errante e que se entendem para tal execução.”

578. O Espírito pode fracassar em sua missão por sua própria responsabilidade?

“Sim, se não for um Espírito superior.”

578a. Quais as consequências?

“Será necessário reiniciar a sua tarefa; nisto consiste a punição. Posteriormente, sofrerá as consequências do mal que tenha causado.”

579. Visto que o Espírito recebe a sua missão de Deus, como Deus pode confiar uma missão importante e de interesse geral a um Espírito que pudesse fracassar?

“Não sabe Deus se o seu general sairá vitorioso ou vencido? Ele o sabe, estejam certos, e seus planos, quando importantes, não repousam sobre os que abandonarão a sua obra em meio ao trabalho. Toda a questão reside no conhecimento do futuro, que Deus possui, mas que não é dado a conhecer aos homens.”

580. O Espírito que se encarna para cumprir uma missão tem as mesmas apreensões que aquele que o faz como prova?

“Não, ele tem a experiência.”

581. Os homens que são as luzes do gênero humano, que o esclarecem por meio de sua genialidade, por certo estão imbuídos de uma missão, mas entre eles há os que se enganam e que, ao lado de grandes verdades, fomentam grandes erros. Como devemos considerar a sua missão?

“Como falseada por eles. Estão muito aquém da tarefa que empreenderam. É necessário, no entanto, considerar as circunstâncias. Os homens de gênio têm de falar segundo a época em que vivem; um ensinamento, que parece errôneo ou pueril em uma época avançada, poderá ser suficiente para o seu século.”

582. Pode-se considerar a paternidade como uma missão?

“É, por certo, uma missão; ao mesmo tempo é um dever muito grande que implica, mais do que o homem possa avaliar, sua responsabilidade diante do futuro. Deus põe a criança sob a tutela dos pais para que eles a dirijam no caminho do bem. Facilita-lhes a tarefa ao dar à criança uma organização débil e delicada que a torna acessível a todas as impressões. Mas há os que se ocupam mais de cultivar as árvores de seu jardim e de fazê-las frutificar que endireitar o caráter de seu filho. Se este sucumbir por sua falta, terão penas a sofrer; e o sofrimento da criança na vida futura recairá sobre eles, porque não fizeram o que deles dependia para o seu adiantamento na senda do bem.”

583. Se uma criança se transviar, malgrado os cuidados de seus pais, são estes responsáveis?

“Não. Em verdade, quanto maior a inclinação da criança ao mal, maior a gravidade da tarefa e maior o mérito dos pais se conseguirem desviá-la do mau caminho.”

583a. Se uma criança se torna um bom adulto, malgrado a negligência ou os maus exemplos de seus pais, estes se beneficiam com isso?

“Deus é justo.”

584. Qual pode ser a natureza da missão do conquistador³, que tem em vista apenas satisfazer as suas ambições e que, para atingir esse objetivo, não recua ante nenhuma calamidade que provoca?

³ Nesta questão, poderíamos compreender, em nossos dias, as ações político-militares em desenvolvimento em diversos países. (N. do E.)

“Ele é, na maior parte das vezes, apenas um instrumento de que Deus se serve para o cumprimento de seus desígnios. Paradoxalmente, essas calamidades representam, algumas vezes, uma forma de acelerar o progresso de um povo.”

584a. Aquele que é o instrumento dessas calamidades passageiras é alheio ao bem que delas pode advir, visto estar apenas seguindo um propósito pessoal; não obstante, tira ele algum proveito desse bem?

“Cada um é recompensado segundo as suas obras, pelo bem que desejou fazer e pela retidão de suas intuições.”

Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes à sua existência corpórea. No estado errante, ou de desmaterialização, essas ocupações são proporcionais ao seu grau de evolução.

Alguns percorrem os mundos, instruem-se e preparam-se para uma nova encarnação.

Outros, mais avançados, ocupam-se do progresso, dirigindo os acontecimentos e sugerindo pensamentos benéficos. Assistem os homens de gênio que concorrem para o avanço da Humanidade.

Outros se encarnam com uma missão de progresso.

Outros tomam sob a sua tutela os indivíduos, as famílias, as aglomerações humanas, as cidades e os povos, dos quais são anjos guardiães, gênios protetores e Espíritos familiares.

Outros, enfim, presidem aos fenômenos da Natureza, dos quais são agentes diretos.

Os Espíritos comuns imiscuem-se em nossas ocupações e em nossos divertimentos.

Os Espíritos impuros ou imperfeitos esperam, em sofrimentos e angústias, o momento em que praça a Deus conceder-lhes os meios de avançar. Se fazem o mal, é por despeito do bem, que ainda não podem desfrutar⁴.

⁴ Ver no capítulo IX – Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo. (N. do E.)

OS TRÊS REINOS

Os minerais e as plantas

585. O que os Espíritos pensam sobre a divisão da Natureza em três reinos (mineral, vegetal e animal) – alguns fazem da espécie humana um quarto reino; ou em duas classes: os seres orgânicos e os seres inorgânicos? Qual dessas divisões é preferível?

“Todas são igualmente boas; depende do ponto de vista. Sob o aspecto material, há seres orgânicos e seres inorgânicos; do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”

Esses quatro graus têm, com efeito, caracteres bem definidos, embora os seus limites pareçam confundir-se. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, tem apenas uma força mecânica. As plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade; os animais, compostos de matéria inerte e dotados de vitalidade, têm também uma espécie de inteligência instintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por sua inteligência especial ilimitada¹, que lhe dá a consciência de seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. As plantas têm consciência de sua existência?

“Não, elas não pensam, têm apenas a vida orgânica.”

¹ A inteligência do homem é ilimitada, comparativamente à inteligência limitada do animal. (N. do E.)

587. As plantas experimentam sensações? Sofrem quando mutiladas?

“As plantas recebem impressões físicas que agem sobre a matéria, mas não têm percepções, por conseguinte, não têm a sensação da dor.”

588. A força que atrai as plantas umas para as outras é independente de sua vontade?

“Sim, pois elas não pensam. É uma força mecânica da matéria que age sobre a matéria: não poderiam opor-se.”

589. Certas plantas, tais como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, têm movimentos que acusam uma grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como a última, cujos lóbulos apanham a mosca que vêm pousar sobre ela e para a qual parece ter preparado uma armadilha para matar. Essas plantas são dotadas da faculdade de pensar? Têm uma vontade e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal? São uma transição de uma para a outra?

“Tudo é transitório na Natureza pelo fato mesmo de que nada é semelhante e que, no entanto, tudo se interliga. As plantas não pensam e, por conseguinte, não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos² não têm pensamento: não dispõem senão de um instinto natural e cego.”

O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos analógicos sem a participação da vontade, como nas funções digestivas e circulatórias. O piloro³ se fecha ao contato de certos corpos para negar-lhes a passagem. O mesmo deve acontecer com a sensitiva, na qual os movimentos não implicam a necessidade de uma percepção e menos ainda de uma vontade.

590. Não há nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leva a procurar o que lhes pode ser útil e a fugir do que lhes pode prejudicar?

“Há, se assim quiserem, uma espécie de instinto: isso depende da extensão que dermos a essa palavra, mas é puramente mecânico. Quando, nas reações químicas, vê-se dois corpos se unirem, é que se

² Zoófito: animal invertebrado cuja forma lembra as plantas do tipo coral, esponja etc. (N. do E.)

³ Piloro: orifício de comunicação do estômago com o duodeno. (N. do E.)

afinam, quer dizer, que há afinidades⁴ entre eles, entretanto, não se chama a isso de instinto.”

591. Nos mundos superiores as plantas têm, como os outros seres, uma natureza mais perfeita?

“Tudo é mais perfeito, mas as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais e os homens sempre homens⁵.”

Os animais e o homem

592. Se comparamos o homem e os animais com relação à inteligência, seria difícil estabelecer uma linha demarcatória, porque certos animais têm, a esse respeito, uma superioridade notória sobre certos homens. Essa linha demarcatória pode ser estabelecida de maneira precisa?

“Sobre esse assunto os seus filósofos não estão muito de acordo. Uns querem que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos errados. O homem é um ser à parte, que por vezes se rebaixa, ou que se eleva bem alto. No físico, o homem é como os animais e menos provido que muitos deles; a Natureza dá-lhes tudo o que o homem é obrigado a inventar com sua inteligência para prover suas necessidades e sua conservação. Seu corpo se destrói como o dos animais, é verdade, mas seu Espírito tem uma destinação que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens, que se rebaixam mais que os brutos. Devem saber distinguir-se destes últimos, pois o homem é reconhecidamente superior pela capacidade de reconhecer a Deus.”

593. Podemos dizer que os animais agem apenas por instinto?

“Há nisso um sistema. É bem verdade que o instinto domina na maior parte dos animais, mas não vê que alguns agem com uma vontade determinada? Têm inteligência, mas ela é limitada.”

Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados que denotam uma vontade de agir num sentido

⁴ A afinidade nas reações químicas dá-se pela força de atração que une e mantém unidos os átomos que formam as diversas moléculas. (N. do E.)

⁵ O advérbio **sempre** não significa, aqui, **pela eternidade**, o que seria negar o teor evolucionista da Doutrina Espírita, mas que os três reinos aqui definidos existem sempre, em todos os mundos, conforme explicado pelos Espíritos. (N. do E.)

determinado e segundo as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente canalizado sobre os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e de prover à sua conservação. Neles, não há nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, o que faziam anteriormente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. Os filhotes, isolados de sua espécie, constroem seu ninho sobre o mesmo modelo sem terem sido ensinados. Se alguns são suscetíveis a uma certa educação, seu desenvolvimento intelectual, sempre circunscrito em suas limitações, é por causa da ação do homem sobre uma natureza flexível, porque não fazem nenhum progresso por si mesmos; e mesmo esse progresso é efêmero e puramente individual, porque o animal, quando abandonado a si mesmo, não demora a voltar aos limites traçados pela Natureza.

594. Os animais têm uma linguagem?

“Se por linguagem entender-se a formação de palavras e sílabas, não; mas como um meio de comunicação mútua, sim. Eles se dizem muito mais coisas que supões, mas a sua linguagem é limitada, como as suas ideias, às suas necessidades.”

594a. Há animais que não possuem voz; não parecem esses destituídos de linguagem?

“Compreendem-se por outros meios. Os homens têm apenas a palavra como meio de comunicação? E o que dizer dos mudos? Os animais, sendo dotados da vida de relação, têm meios de se prevenir e de exprimir as sensações que experimentam. Pode-se acreditar que os peixes não se entendam? O homem não tem, portanto, o privilégio exclusivo da linguagem, mas a dos animais é instintiva e limitada pelo círculo exclusivo das suas necessidades e das suas ideias, enquanto que a do homem é perceptível e se presta a todas as concepções de sua inteligência.”

Com efeito, os peixes que emigram em massa, bem como as andorinhas que obedecem ao guia que os conduz, devem ter meios de se advertir, de se entender e de se combinar. Talvez o façam entre si, ou talvez a água sirva como veículo de transmissão de certas vibrações. Seja qual for, é incontestável que eles possuem meios para se

entenderem, da mesma forma como os animais privados da voz, que realizam trabalhos em comum. Deve-se admirar, diante disso, que os Espíritos possam comunicar-se entre si sem o recurso da palavra articulada? (Ver questão 282.)

595. Os animais têm o livre-arbítrio em seus atos?

“Eles não são simples máquinas como se acredita, mas a sua liberdade de ação é limitada às suas necessidades e não se pode compará-las à do homem. Sendo muito inferiores a ele, não têm os mesmos deveres. Sua liberdade está circunscrita aos atos da vida material.”

596. De onde vem a aptidão de certos animais para imitar a linguagem do homem e por que essa aptidão se encontra mais entre as aves que entre os símios, por exemplo, cuja conformação é mais análoga à humana?

“Conformação particular dos órgãos vocais, secundada pelo instinto de imitação. O símio imita os gestos, certos pássaros imitam a voz.”

597. Visto que os animais têm uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?

“Sim, e que sobrevive ao corpo.”

597a. Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?

“É também uma alma, se quiserem. Isso depende do sentido que se empreste a essa palavra, mas é inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus.”

598. A alma dos animais conserva, após a morte, sua individualidade e a consciência de si mesma?

“Sua individualidade, sim; mas não a consciência de si mesma. A vida inteligente permanece em estado latente.”

599. A alma dos animais pode escolher a espécie de sua preferência para encarnar-se?

“Não; ela não tem o livre-arbítrio.”

600. Sobrevivendo à morte do corpo, a alma do animal fica em um estado errante como a do homem?

“É uma espécie de erraticidade, visto que não está unida a um corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade. O dos animais não tem a mesma faculdade. É

a consciência de si mesmo que constitui o principal atributo do Espírito. O Espírito do animal é classificado, após a morte, pelos Espíritos que estão incumbidos disso e quase imediatamente utilizado. Não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas.”

601. Os animais seguem a lei de progresso como os homens?

“Sim, e é por isso que nos mundos superiores, onde os homens são mais evoluídos, os animais também o são, pois dispõem de meios de comunicação mais desenvolvidos; mas são sempre inferiores e estão submetidos ao homem, sendo para estes servidores inteligentes.”

Não há nisso nada de extraordinário: suponhamos os nossos animais mais inteligentes, como o cão, o elefante, o cavalo, dotados de uma conformação apropriada aos trabalhos manuais. O que não poderiam fazer sob a direção do homem?

602. Os animais progridem, como o homem, por sua vontade ou pela força das circunstâncias?

“Pela força das circunstâncias. É por isso que não há, para eles, expiação.”

603. Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus?

“Não, o homem é um deus para eles, como na Antiguidade os Espíritos foram deuses para os homens.”

604. Da afirmação de que os animais, embora aperfeiçoados nos mundos superiores, são sempre inferiores ao homem, conclui-se que Deus teria criado seres intelectuais perpetuamente voltados à inferioridade, o que parece estar em desacordo com a unidade de visão e de progresso que se assinala em todas as suas obras.

“Tudo se encadeia na Natureza por laços que não se podem ainda perceber. As coisas aparentemente absurdas têm pontos de contato que o homem não chegará jamais a compreender em seu estágio atual. Pode entrevê-los por um esforço de sua inteligência, mas poderá ver claramente a obra de Deus apenas quando essa inteligência tiver atingido todo o seu desenvolvimento e estiver livre dos preconceitos do orgulho e da ignorância. Até lá, as suas ideias limitadas lhe farão ver as coisas sob um ponto de vista mesquinho e acanhado. Saibam bem que Deus não pode se contradizer e que tudo, na Natureza, se harmoniza por meio das leis gerais que não se afastam jamais da sublime sabedoria do Criador.”

604a. A inteligência é, desta forma, uma propriedade comum, um ponto de contato, entre a alma dos animais e a do homem?

“Sim, mas os animais têm apenas a inteligência da vida material. No homem, a inteligência produz a vida moral.”

605. Se considerarmos todos os pontos de contato existentes entre o homem e os animais, não poderíamos pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita e que, se ele não tivesse essa última, poderia viver como os animais? Ou seja, o animal é um ser semelhante ao homem, sem a alma espírita? Disso resultaria que os bons e os maus instintos do homem seriam o efeito da predominância de uma dessas duas almas?

“Não, o homem não tem duas almas. O corpo tem seus instintos que são o resultado da sensação dos órgãos. Há nele apenas uma dupla natureza: a natureza animal e a natureza espiritual. Por seu corpo, participa da natureza dos animais e de seus instintos; por sua alma, participa da natureza dos Espíritos.”

605a. De modo que, além de suas próprias imperfeições das quais o Espírito deve se despojar, tem ainda de lutar contra a influência da matéria?

“Sim, quanto mais inferior ele for, mais apertados os laços entre o Espírito e a matéria. Isto é inevitável. Não, o homem não tem duas almas. A alma é sempre única, um só ser. A alma do animal e a do homem são distintas uma da outra, de tal sorte que a alma de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas se o homem não tem alma animal que o coloque, por suas paixões, ao nível dos animais, tem o corpo que o rebaixa muitas vezes até eles, porque o seu corpo é um ser dotado de vitalidade que tem instintos, mas não inteligentes, limitados aos interesses de sua conservação⁶.”

⁶ Com respeito a essa afirmação, o filósofo brasileiro José Herculano Pires comenta: “Nas experiências de exteriorização da sensibilidade e da motricidade realizadas pelo Cel. Albert de Rochas, Diretor do Instituto Politécnico de Paris, foi possível constatar-se a realidade desse ser vital, que os antigos conheciam mas tomavam por uma espécie de alma humana, como vemos a partir dos gregos. Também nas experiências de desdobramento mediúcnico e em sessões de materialização e efeitos físicos, vários observadores reconheceram materialmente a existência de uma espécie de corpo fluídico mais denso e pesado que o perispírito, que, ao se retirar do corpo material do médium, embaraçava o perispírito e ao mesmo tempo deixava o corpo carnal em estado de morte aparente. É o chamado corpo vital de certas doutrinas espiritualistas antigas, um ser que realmente corresponde à natureza animal do nosso

O Espírito, ao se encarnar no corpo do homem, transmite-lhe o princípio intelectual e moral que o torna superior aos animais. As duas naturezas que estão no homem oferecem às suas paixões duas fontes diferentes: algumas provêm dos instintos da natureza animal, outras das impurezas do Espírito encarnado, que se afiniza em maior ou menor escala, com a grosseria dos apetites animais. O Espírito, ao se purificar, liberta-se pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, se aproxima dos brutos; uma vez liberto dessa influência, se eleva à sua verdadeira destinação.

606. De onde os animais retiram o princípio inteligente que constitui a espécie particular de alma de que são dotados?

“Do elemento inteligente universal.”

606a. A inteligência do homem e a dos animais emanam, portanto, de um princípio único?

“Sem dúvida alguma; entretanto, no homem, passa por uma elaboração que a eleva sobre a dos brutos.”

607. Foi dito que a alma do homem, em sua origem, se assemelha ao estado de infância da vida corpórea, que a sua inteligência apenas desponta e que ela ensaia para a vida. (Ver questão 190.) Onde o Espírito cumpre essa primeira fase?

“Em uma série de existências que precedem o período a que chamam de Humanidade.”

607a. Desta forma, a alma parece ter sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

“Não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende à unidade? É nesses seres, que se está longe de conhecer plenamente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e ensaia para a vida. De certa forma, é um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna

corpo e é o responsável direto pelas nossas funções vegetativas. Assim, a Filosofia Espírita satisfaz as exigências atuais de ligação do pensamento filosófico com os dados da investigação científica, o que aliás constitui uma de suas características fundamentais.” (PIRES, J. P. *Introdução à Filosofia Espírita*. c. 5, 2ª ed. São Paulo: FEESP, 1993. pp. 55-56). (Ver também LUIZ, André <Espírito>, XAVIER Francisco C. <Médium> *Nos Domínios da Mediunidade*, c. 11). (N. do E.)

Espírito. É então que começa para ele o período de Humanidade e, com ele, a consciência de seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade por seus atos; como após o período da infância vêm o da adolescência, depois a juventude e, enfim, a idade adulta. Não há nada, nessa origem, que deva humilhar o homem. Os grandes gênios sentem-se humilhados por terem sido fetos disformes no ventre materno? Se algo deve humilhá-los, é a sua inferioridade diante de Deus e sua impotência para sondar a profundidade de seus desejos e a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheçam a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que forma a solidariedade em todas as coisas da Natureza. Acreditar que Deus teria podido fazer qualquer coisa sem objetivo e criar seres inteligentes sem futuro seria blasfemar contra Sua bondade que se estende sobre todas as Suas criaturas.”

607b. Esse período da Humanidade começa sobre a nossa Terra?

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. Em geral, o período da Humanidade começa nos mundos ainda mais inferiores. Essa, no entanto, não é uma regra absoluta e poderia acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Esse caso não é frequente e seria antes uma exceção.”

608. O Espírito do homem, após a morte, tem consciência das existências que precederam, para ele, o período de Humanidade?

“Não, porque não é senão nesse período que começa a vida do Espírito para ele, e é mesmo difícil que se lembre de suas primeiras existências como homem, da mesma forma que o homem não se lembra mais dos primeiros tempos de sua infância e ainda menos do tempo que passou no ventre de sua mãe. É por isso que os Espíritos lhes dizem que não sabem como começaram. (Ver questão 78.)

609. O Espírito, uma vez entrado no período de Humanidade, conserva traços do estágio que o precedeu, ou seja, do período que se poderia chamar anti-humano?

“Depende da distância que separa os dois períodos e o progresso realizado. Durante algumas gerações ele pode conservar um reflexo mais ou menos acentuado do estado primitivo, porque nada na Natureza se faz em brusca transição. Há sempre elos que ligam as extremidades da cadeia dos seres e

dos acontecimentos, mas esses vestígios desaparecem com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos efetuam-se lentamente, porque não são ainda secundados pela vontade, mas seguem uma progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire uma consciência mais perfeita de si mesmo.”

610. Ter-se-ão enganado os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da Criação?

“Não, mas a questão não havia sido desenvolvida e existem coisas que podem vir apenas a seu tempo. O homem é, com efeito, um ser à parte, porque tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem outra destinação. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecê-Lo⁷.”

Metempsicose⁸

611. O fato de ser comum a origem do princípio inteligente dos seres vivos não é a consagração da doutrina da metempsicose?

“Duas coisas podem ter uma mesma origem e absolutamente não se assemelham mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe informe contido na semente de onde saíram? No momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de Humanidade, não há mais relação com seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, há somente de animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e o instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode dizer, portanto, que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal; logo, a metempsicose, tal como a entendem, não é exata.”

⁷ Charles Darwin (1809-1882) criou a teoria da evolução biológica das espécies animais na Terra. Entretanto, foi Alfred Russel Wallace (1823-1913), arquiteto e botânico inglês, quem traçou os parâmetros da seleção natural, evoluindo na direção das teorias apregoadas pelo Espiritismo, sobre a evolução do Princípio Inteligente. Espírita convicto e defensor declarado das ideias espíritas em sua época, é em sua obra *Contribuição à Seleção Natural* que, se distanciando do materialismo darwiniano, desenvolve a ideia de uma potência criadora e de uma força espiritual interveniente na evolução da espécie humana. (*N. do E.*)

⁸ Ver a Nota (2) q. 222. (*N. do E.*)

612. O Espírito que anima o corpo de um homem poderia encarnar-se num animal?

“Isso seria retroceder e o Espírito não retrocede. O rio não remonta à nascente. (Ver questão 118.)

613. Embora de todo errônea, a ideia ligada à metempsicose não seria o resultado do sentimento intuitivo das diferentes existências do homem?

“Reconhecemos esse sentimento intuitivo nessa crença como em muitas outras. Mas, como a maior parte dessas ideias intuitivas, o homem alterou a sua natureza.”^()*

A metempsicose seria verdadeira se a ela aliássemos a progressão da alma de um estado inferior a um estado superior, progressivamente realizando os estágios de desenvolvimento que transformam sua natureza. No entanto, é falsa no sentido da transmigração direta do animal para o homem e vice-versa, o que implicaria a ideia de um retrocesso ou de fusão. Ora, essa fusão não poderia ocorrer entre seres corporais de duas espécies, o que é um indício de que elas se encontram em graus não assimiláveis e que o mesmo deve ocorrer com os Espíritos que os animam. Se o mesmo Espírito pudesse animá-los alternadamente, resultaria uma identidade de natureza que se traduziria pela possibilidade da reprodução material.

A reencarnação ensinada pelos Espíritos está fundamentada, ao contrário, sobre a marcha ascendente da Natureza e sobre a progressão do homem na sua própria espécie, o que não diminui em nada a sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe concedeu para o seu avanço. Seja como for, a antiguidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e os homens eminentes que a professaram provam que o princípio da reencarnação tem suas raízes na própria Natureza. Portanto, os argumentos são antes a seu favor do que contrários.

O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e estão nos segredos de Deus. Não é dado

^(*) Questão 613 — Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

ao homem conhecê-los de maneira absoluta e ele pode fazer, a esse respeito, apenas suposições, construir sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de tudo conhecer, e sobre o que não sabem podem tecer opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim que nem todos pensam da mesma forma com relação ao que existe entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito chega ao período humano apenas após ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela feira animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais que formariam, assim, os primeiros elos da cadeia de seres pensantes. O segundo está mais de acordo com a dignidade do homem e pode se resumir como segue:

As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras por meio de uma cadeia progressiva. Assim, o Espírito da ostra não se torna, sucessivamente, do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie é um tipo *absoluto*, física e moralmente, e cada um de seus indivíduos retira da fonte universal a quantidade de princípio inteligente que lhe é necessária, segundo a perfeição de seus órgãos e a tarefa que deve desempenhar nos fenômenos da Natureza, devolvendo-a à massa após a morte. Os mundos mais avançados que o nosso (Ver questão 188) são formados por raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de evolução dos homens de que são auxiliares, mas que não procedem em absoluto dos da Terra, espiritualmente falando. Não é o mesmo com o homem. Do ponto de vista físico, ele forma evidentemente um elo da cadeia de seres vivos, mas do ponto de vista moral, entre o animal e o homem há solução de continuidade. O homem possui a sua própria alma ou Espírito, centelha divina que lhe dá o senso moral e um alcance intelectual que os animais não possuem. É o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo que conserva a sua individualidade. Qual é a origem do Espírito? Onde está o seu ponto de partida? Ele é formado do princípio inteligente individualizado? É um mistério que seria inútil procurar desvendar e sobre o qual, como temos dito, só podemos construir sistemas.

O que é constante e o que ressalta igualmente ao raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade de evoluir, seu estado feliz ou infeliz, proporcional ao seu adiantamento no caminho do bem e todas as verdades morais que são a consequência desse princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, constitui, repetimos, parte dos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento *atual* não importa ao nosso adiantamento e sobre os quais seria inútil deter-se⁹.

⁹ Ver KARDEC, Allan. *A Gênese*, c. X e XI e DENIS, Léon. *Depois da Morte*, c. 11. (N. do E.)

LIVRO TERCEIRO

LEIS MORAIS

LEI DIVINA OU NATURAL

Características da lei natural

614. O que se deve entender por lei natural?

“A lei natural é a lei de Deus. É a única necessária à felicidade do homem. Ela lhe indica o que deve ou não fazer, e ele só é infeliz quando dela se afasta.”

615. A lei de Deus é eterna?

“Ela é eterna e imutável, como o próprio Deus.”

616. É possível que Deus, em certa época, tenha prescrito aos homens o que lhes proibiria em outra?

“Deus não se engana. Os homens são obrigados a mudar suas leis porque elas são imperfeitas, mas as de Deus são perfeitas. A harmonia que rege o universo material e o universo moral se fundamenta sobre as leis que Deus estabeleceu para toda a eternidade.”

617. O que as leis divinas abrangem? Referem-se a algo mais, além da conduta moral?

“Todas as leis da Natureza são leis divinas, porque Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda as da alma e as segue.”

617a. É dado ao homem aprofundar tanto umas quanto outras?

“Sim, mas uma só existência não é suficiente.”

Com efeito, se considerarmos apenas a distância que separa o homem civilizado do selvagem, devemos reconhecer que os poucos anos de vida humana são insuficientes à criação de um ser perfeito. Essa inadequação se torna mais aparente, quando considerarmos que, para alguns indivíduos, a vida é bem curta.

Entre as leis divinas, algumas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da Ciência.

As outras dizem respeito particularmente ao próprio homem e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes; compreendem as regras da vida do corpo e também as da vida da alma: são as leis morais.

618. As leis divinas são as mesmas em todos os mundos?

“A razão nos diz que devem ser apropriadas à Natureza de cada mundo e proporcionais ao grau de evolução dos seres que os habitam.”

Conhecimento da lei natural

619. Deus proporcionou aos homens os meios de conhecerem a Sua lei?

“Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os que a compreendem melhor são os homens de bem e os que desejam pesquisá-la. No entanto, todos a compreenderão um dia, porque é necessário que o progresso se cumpra.”

A justiça da multiplicidade de encarnações do homem é uma consequência desse princípio, porque a cada nova existência a sua inteligência é mais desenvolvida e compreende melhor o que significa o bem e o mal. Se tudo devesse se cumprir para ele em uma só existência, qual seria o destino de tantos milhões de seres que morrem a cada dia no embrutecimento da selvageria ou nas trevas da ignorância, sem que deles tenha dependido o próprio esclarecimento? (Ver as questões 171 a 222.)

620. A alma, antes de sua união com o corpo, compreende melhor a lei de Deus do que após a sua encarnação?

“Ela a compreende segundo o grau de perfeição que tenha atingido e conserva a lembrança intuitiva após a sua união com o corpo, mas os maus instintos do homem fazem-no frequentemente esquecer.”

621. Onde está escrita a lei de Deus?

“Na consciência.”

621a. Uma vez que o homem traz em sua consciência a lei de Deus, que necessidade tem que lhe seja revelada?

“Ele a teria esquecido e desprezado: Deus quis que ela lhe fosse lembrada.”

622. Deus facultou a certos homens a missão de revelar a Sua lei?

“Sim, certamente. Em todos os tempos houve homens que receberam essa missão. São Espíritos superiores encarnados com o objetivo de fazer progredir a Humanidade.”

623. Os que têm pretendido instruir os homens na lei de Deus não se enganaram algumas vezes e não os fizeram se desviar movidos por falsos princípios?

“Os que não foram inspirados por Deus e que se atribuíram, por ambição, uma missão que não tinham, certamente os fizeram extraviar; no entanto, como de fato eram homens de gênio, em meio aos próprios erros ensinaram, frequentemente, grandes verdades.”

624. Qual é o caráter do verdadeiro profeta?

“O verdadeiro profeta é um homem de bem inspirado por Deus. Podemos reconhecê-lo por suas palavras e ações. Deus não pode se servir da boca do mentiroso para ensinar a verdade.”

625. Qual é o ser mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para servir-lhe de guia e de modelo?

“Jesus.”

Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode pretender na Terra. Deus no-Lo ofereceu como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de Sua lei, porque Ele estava animado pelo Espírito Divino e foi o Ser mais puro que apareceu na Terra.

Se alguns daqueles que pretenderam instruir o homem na lei de Deus o desviou para falsos princípios, foi porque deixaram-se dominar por sentimentos extremamente terrenos e por terem confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos apresentaram como leis divinas o que não passava de leis humanas, criadas para servir às paixões e dominar os homens.

626. As leis divinas e naturais foram reveladas aos homens apenas por Jesus. Antes Dele, eram conhecidas somente pela intuição?

“Não dissemos que estão escritas por toda parte? Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam, assim, compreendê-las e ensiná-las desde as mais remotas eras. Mesmo incompletos, os seus ensinamentos prepararam o terreno para receber a semente. As leis divinas estão inscritas no livro da Natureza; o homem pôde conhecê-las sempre que desejou buscá-las. Eis por que os Seus preceitos foram proclamados em todos os tempos pelos homens de bem e também porque encontramos os Seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, posto que incompletos ou alterados pela ignorância e a superstição.”

627. Desde que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensinamento dado pelos Espíritos? Eles nos ensinam alguma coisa a mais?

“A palavra de Jesus era, muitas vezes, alegórica e formulada por meio de parábolas, porque falava segundo a época e os lugares. Faz-se necessário hoje que a verdade seja inteligível para todos. Portanto, é preciso explicar e desenvolver essas leis, pois há poucos que as compreendem e ainda menos os que as praticam. Nossa missão é a de abrir os olhos e os ouvidos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: os que exteriormente aparentam virtude e religiosidade para melhor ocultarem suas torpezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, a fim de que ninguém possa pretextar ignorância e que todos possam julgá-lo e apreciá-lo com a sua própria razão. Estamos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; por isso, é necessário que ninguém possa interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda amor e caridade.”

628. Por que a verdade não esteve sempre ao alcance de todos?

“É necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso habituar-se pouco a pouco, pois de outro modo ela nos ofuscaria.

Jamais houve um tempo em que Deus haja permitido ao homem receber comunicações tão completas e tão instrutivas como as que hoje lhes são dadas. Na Antiguidade havia, como o sabem, alguns indivíduos que possuíam o que consideravam uma ciência sagrada e da qual faziam

mistério aos profanos, segundo o seu critério. Devem compreender, com o que conhecem das leis que regem esses fenômenos, que eles recebiam apenas verdades esparsas em meio a um conjunto de informações equivocadas e, na maioria das vezes, alegóricas. No entanto, não há para o homem de estudo, nenhum sistema filosófico antigo, nenhuma tradição, nenhuma religião a negligenciar, porque todos encerram o germe de grandes verdades que, embora pareçam contraditórias, esparsas que se acham em meio a acessórios sem fundamento, são hoje muito fáceis de coordenar, graças à chave que lhes dá o Espiritismo, de uma infinidade de coisas que até aqui lhes pareciam sem razão e cuja realidade lhes é demonstrada de uma maneira irrecusável. Não negligencieis, portanto, esses materiais como móveis de estudo, pois são muito ricos e podem contribuir fortemente para a instrução dos homens¹.”

O bem e o mal

629. Que definição pode-se dar à moral?

“A moral é a regra de boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal. É fundamentada sobre a observação da lei de Deus. O homem conduz-se bem quando faz tudo visando ao bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus².”

¹ Todo e qualquer entendimento das leis divinas e das verdades eternas e a razão por não terem sido claramente expostas, encontramos nas palavras de Jesus, quando, causando estranheza aos apóstolos o fato de mandar colocar a luz sobre o velador e ao mesmo tempo falar por parábolas, Ele explica: “Porque foi dado a vós conhecer os mistérios do reino dos céus; mas, a eles, isso não lhes foi dado (...). Falo-lhes por parábolas, porque, vendo, não veem, e ouvindo, não escutam e não compreendem (Mateus, 13:10 a 15). E Kardec complementa: “Dessa maneira, indica o verdadeiro sentido do Seu ensinamento: não se deve colocar a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o velador, a fim de que todos aqueles que entrem possam ver a luz, isto é, não é prudente revelar precipitadamente todos os conhecimentos, pois o ensinamento deve ser proporcional à inteligência daquele a quem se dirige, porque há pessoas para as quais a luz muito viva ofusca sem esclarecer”. (KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, c. 24, it.1 a 4). (N. do E.)

² Allan Kardec define o Espiritismo da seguinte forma: “O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste das relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.” (KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Preâmbulo, 39ª ed. Araras: IDE, 1999, p.12). O Espiritismo é a aplicação legítima dos postulados de Jesus, pois demonstra ao homem a absoluta necessidade de sua transformação, autoaperfeiçoando-se e conformando a conduta ao conhecimento, de modo a servir como modelo aos demais. (Ver também KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, c. 17, it.7). (N. do E.)

630. Como se pode distinguir o bem do mal?

“O bem é tudo o que está conforme à lei de Deus, e o mal tudo que dela se afasta. Assim, fazer o bem é conformar-se com a lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.”

631. O homem tem por si próprio os meios de distinguir o bem e o mal?

“Sim, quando acredita em Deus e quando o quer saber. Deus lhe concedeu a inteligência para discernir um do outro.”

632. O homem, que está sujeito ao erro, não pode se enganar na apreciação do bem e do mal e acreditar que faz o bem quando em realidade fez o mal?

“Jesus disse: ‘Tratai aos outros como quereríeis que os outros vos tratassem’³. Tudo se resume nisso; desta forma, não se enganarão.”

633. A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de *reciprocidade* ou de *solidariedade*, não pode se aplicar à conduta pessoal do homem para com ele mesmo. Poderá ele encontrar, na lei natural, a regra dessa conduta e um guia seguro?

“Quando se excedem na alimentação, isso lhes faz mal. Pois bem, é Deus quem lhes dá a medida do que é necessário. Quando a ultrapassam, são punidos. É o mesmo para com todas as coisas. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem escutasse, em todas as coisas, essa voz que lhe diz basta, evitaria a maior parte dos males de que acusa a Natureza.”

634. Por que o mal está na natureza das coisas? Eu me refiro ao mal moral. Deus não poderia criar a Humanidade em melhores condições?

“Já lhe dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes. (Veja a questão 115.) Deus deixa ao homem a escolha do caminho: tanto pior para ele se seguir o mal; sua jornada será mais longa. Se não existissem as montanhas, o homem não poderia compreender que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não saberia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira a experiência e, para isso, é necessário que conheça o bem e o mal. É por isso que há a união do Espírito e do corpo.” (Ver questão 119.)

³ Mateus, 7:12. (N. do E.)

635. Das diferentes condições sociais nascem as necessidades que não são idênticas para todos os homens. A lei natural pareceria, assim, não ser uma regra uniforme?

“Essas diferentes condições existem na Natureza e são concordes à lei de progresso. Isso não contraria a unidade da lei natural que se aplica a tudo.”

As condições de existência do homem mudam segundo as épocas e os lugares. Daí resultam as diferentes necessidades e posições sociais apropriadas a essas necessidades. Desde que a diversidade está na ordem das coisas, ela é conforme a lei de Deus, e essa lei não é menos uma em seu princípio. Caberá à razão saber distinguir as necessidades reais das fictícias ou convencionais.

636. O bem e o mal são absolutos para todos os homens?

“A lei de Deus é a mesma para todos. O mal, contudo, depende especialmente da vontade que se tem de fazê-lo. O bem é sempre o bem e o mal é sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. A diferença está no grau de responsabilidade.”

637. Considera-se culpado um selvagem que cede ao seu instinto se alimentando de carne humana?

“Eu disse que o mal depende da vontade. Pois bem, o homem é mais culpado, à medida que tem discernimento sobre os seus atos.”

As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete, muitas vezes, faltas que, embora decorrentes da posição em que a sociedade o tem colocado, não são menos repreensíveis. Entretanto, a responsabilidade está na razão dos meios de que dispõe para compreender o bem e o mal. É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpável aos olhos de Deus que o selvagem ignorante que se abandona aos seus instintos.

638. O mal parece, às vezes, ser uma consequência das circunstâncias. Tal, por exemplo, em alguns casos, a necessidade de destruição, mesmo de nosso semelhante. Há infração da lei de Deus nesses casos?

“O mal não deixa de ser mal, pelo fato de ser necessário, mas essa necessidade desaparece à medida que a alma se depura por meio das reencarnações sucessivas. Torna-se mais culpável quando o comete, porque melhor o compreende.”

639. Em muitos casos, o mal que se comete é o resultado das circunstâncias diretamente causadas por outros homens. Nesse caso, quem é o mais culpável?

“O mal recai sobre aquele que o causa. Assim, o homem que é conduzido ao mal pela posição que lhe é imposta por terceiros, é menos culpável do que aqueles que o causaram, pois cada um sofrerá não somente na proporção do mal que tenha feito, mas também do que houver provocado.”

640. Aquele que não pratica o mal, mas que se aproveita do mal praticado por outrem, é culpável no mesmo grau?

“É como se o cometesse. Aproveitar é participar. Talvez tenha recuado diante da ação, mas se a encontra realizada e dela se serve, é porque a aprova e a teria praticado, por si mesmo, se pudesse ou se tivesse ousado.”

641. O desejo do mal é tão repreensível quanto o próprio mal?

“Depende. Há virtude em resistir, voluntariamente, ao mal que se deseja pôr em prática. Se foi apenas a falta de ocasião para praticá-lo, o homem é culpável.”

642. Basta não fazer o mal para ser agradável a Deus e assegurar uma situação futura?

“Não. É necessário fazer o bem no limite das próprias forças, porque cada um responderá por todo o mal que tenha ocorrido pelo bem que deixou de fazer.”

643. Há pessoas que, por sua posição, não tenham a possibilidade de fazer o bem?

“Não há ninguém que não possa fazer o bem: apenas o egoísta não encontra jamais a ocasião de fazê-lo. Basta estar em relação com outros homens para se fazer o bem, e cada dia da vida oferece a possibilidade àquele que não esteja cego pelo egoísmo, porque fazer o bem não é somente ser caridoso, mas ser útil na medida do possível, sempre que o auxílio se fizer necessário.”

644. O meio no qual certos homens convivem não é, para eles, a causa principal dos vícios e dos crimes?

“Sim. Contudo, ainda aí existe uma prova escolhida pelo próprio Espírito, quando em estado de liberdade. Ele quis se expor à tentação para ter o mérito da resistência.”

645. Quando o homem está em meio à atmosfera do vício, o mal não se torna, para ele, um arrastamento quase irresistível?

“Arrastamento, sim; irresistível, não; porque, em meio à atmosfera do vício, pode-se encontrar grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que tiveram ao mesmo tempo, por missão, exercer uma boa influência sobre os seus semelhantes.”

646. O mérito do bem que se faz está subordinado a certas condições? Em outras palavras, há diferentes graus para esse mérito?

“O mérito do bem está na dificuldade; não há mérito nenhum em fazê-lo sem trabalho, e quando nada custa. Deus tem mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão que o rico que dá apenas de seu supérfluo. Jesus o disse, a propósito do óbolo da viúva⁴.”

Divisão da lei natural

647. Toda a lei de Deus está encerrada na máxima do amor ao próximo ensinada por Jesus?

“Certamente. Esse preceito encerra todos os deveres dos homens entre si; contudo, é necessário mostrar-lhes a aplicação, pois de outro modo podem negligenciá-la, como o fazem hoje. A lei natural compreende todas as circunstâncias da vida e essa máxima se refere a apenas um de seus aspectos. Os homens precisam de regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam várias portas abertas à interpretação.”

648. Qual o seu parecer sobre a divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis sobre a adoração, o trabalho, a reprodução, a conservação, a destruição, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade, e, por fim, a de justiça, amor e caridade?

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abarcar todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Pode-se, portanto, segui-la sem que ela tenha, no entanto, nada de absoluto, como não o têm os outros sistemas de classificação, que sempre dependem do ponto de vista sob o qual se considera um assunto. A última lei é a mais importante: é por intermédio dela que o homem pode avançar mais na vida espiritual, porque ela resume todas as outras.”

⁴ Marcos, 12:41-44, e Lucas, 21:1-4. (N. do E.)

LEI DE ADORAÇÃO

Objetivo da adoração

649. Em que consiste a adoração?

“É a elevação do pensamento em direção a Deus. Pela adoração, o ser humano aproxima de Deus a sua alma.”

650. A adoração é o resultado de um sentimento inato ou o produto de um ensinamento?

“Sentimento inato, como o da Divindade. A consciência de sua fraqueza leva o ser humano a se curvar ante Aquele que o pode proteger.”

651. Houve povos desprovidos de todo sentimento de adoração?

“Não, porque jamais houve povos ateus. Todos compreendiam que há, acima deles, um Ser supremo.”

652. Pode-se considerar a adoração como tendo sua origem na lei natural?

“Ela está na lei natural, pois resulta de um sentimento inato no homem. É por isso que a encontramos em todos os povos, embora sob diferentes formas.”

Adoração exterior

653. A adoração tem necessidade de manifestar-se exteriormente?

“A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as suas ações, lembrem sempre que o Senhor os observa.”

653a. A adoração exterior é útil?

“Sim, se ela não representar apenas um vão simulacro. É sempre útil dar um bom exemplo, mas os que o fazem apenas por afetação e amor-próprio, e cuja conduta desmente a sua aparente piedade, dão um exemplo antes mau do que bom, fazem mais mal do que supõem.”

654. Deus tem preferência por aqueles que O adoram por meio desta ou daquela forma?

“Deus prefere aqueles que O adoram do fundo do coração, sinceramente, praticando o bem e evitando o mal, àqueles que acreditam honrá-Lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes.

Todos os homens são irmãos e filhos de Deus, que chama para Ele todos os que seguem Suas leis, qualquer que seja a forma sob a qual se exprimam.

Aquele que tem apenas a aparência de piedade é um hipócrita; aquele para quem a adoração é apenas fingimento e está em contradição com a própria conduta dá mau exemplo.

Aquele que faz profissão da adoração ao Cristo e que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável para os outros ou ambicioso pelos bens desse mundo, eu lhes digo que a religião está em seus lábios e não em seu coração. Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpado pelo mal que faz do que o selvagem ignorante do deserto e será tratado de forma análoga no dia do juízo. Se um cego os derrubar ao passar, será desculpado; se for alguém que enxerga claramente, será censurado e com razão.

Não perguntem, portanto, se há uma forma de adoração mais conveniente, porque isso seria perguntar se é mais agradável a Deus ser adorado em um idioma do que em outro. Digo-lhes mais uma vez: os cânticos chegam a Ele apenas pela porta do coração.”

655. É censurável praticar uma religião na qual não se acredite do fundo da alma, fazendo-o apenas por respeito humano e para não escandalizar os que pensam contrariamente?

“A intenção, nisso como em muitas outras coisas, é a regra. Aquele que tem em vista apenas respeitar as crenças dos outros não faz mal; faz melhor do que aqueles que as ridicularizassem, porque faltariam com a caridade. Mas quem as praticar por interesse e por ambição é desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Deus não pode se agradar daqueles que não demonstram humildade perante Ele, senão para provocar a aprovação dos homens.”

656. A adoração em comum é preferível à adoração individual?

“Reunidos por uma comunhão de pensamentos e de sentimentos, os homens têm mais força para atrair os bons Espíritos. Ocorre o mesmo quando se reúnem para adorar a Deus. Mas não acreditem, por isso, que a adoração individual seja menos aceitável, porque cada um pode adorar a Deus pensando Nele.”

Vida contemplativa

657. Aqueles que se entregam à vida contemplativa, não fazendo nenhum mal e pensando apenas em Deus, têm mérito aos Seus olhos?

“Não, porque, se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis. Aliás, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense Nele, mas não apenas Nele, porque deu aos seres humanos deveres a cumprir sobre a Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil à Humanidade, e Deus pedirá contas do bem que não tenha feito.” (Ver questão 640.)

Sobre a prece

658. A prece é agradável a Deus?

“A prece é sempre agradável a Deus quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele. A prece do coração é preferível àquela que pode ser lida, por mais bela que seja, se for lida com os lábios e não com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando for proferida com fé, fervor e sinceridade, mas não acredite que Deus seja tocado pela prece do homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que represente um ato sincero de arrependimento e de verdadeira humildade.”

659. Qual é a característica geral da prece?

“A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar Nele, é aproximar-se Dele; é colocar-se em comunicação com Ele. Pela prece, pode-se propor três coisas: louvar, pedir e agradecer.”

660. A prece torna o ser humano melhor?

“Sim, porque se alguém ora com fervor e confiança torna-se mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia os bons Espíritos para assisti-lo. É um socorro jamais recusado quando é pedido com sinceridade.”

660a. Como se explica que em certas pessoas, não obstante orarem muito, prevaleçam o mau caráter, o ciúme, a inveja, a intolerância; que lhes faltem a benevolência e a indulgência; que sejam até mesmo viciosas?

“O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas acreditam que todo o mérito está na duração da prece e fecham os olhos aos seus próprios defeitos. A prece é para elas uma ocupação, uma utilização do tempo, mas não um estudo delas mesmas. Não é o remédio que é ineficaz, mas a maneira como é empregado.”

661. Pode-se orar eficazmente a Deus para o perdão às nossas faltas?

“Deus sabe discernir o bem e o mal. A prece não oculta as faltas. Aquele que pede o perdão de suas faltas só o obterá se mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, pois os atos valem mais do que as palavras.”

662. Pode-se orar eficazmente pelos outros?

“O Espírito daquele que ora age pela vontade de praticar o bem. Pela prece atrai, para si, os bons Espíritos que se associam ao bem que deseja fazer.”

Possuímos, em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende bem além dos limites de nossa esfera corporal. A prece pelos outros é um ato dessa vontade. Se ela é ardente e sincera, pode chamar para si o auxílio dos bons Espíritos, a fim de sugerir-lhe bons pensamentos e dar-lhe a força necessária ao corpo e à alma. Mas ainda, nesse caso, a prece do coração é tudo; a dos lábios é nada¹.

¹ De acordo com os ensinamentos de Jesus e Kardec, a prece pode ser assim praticada, considerando-se o seguinte: “sem exibição, em recolhimento; com poucas palavras, bastando enunciar o que nos vai na alma; com espontaneidade, sem atitudes e palavras estudadas; expressar as necessidades espirituais; ser colorida pelo sentimento, não labial nem mecânica; servir para interceder por terceiros; pode ser mental, não tendo necessidade de palavras audíveis.” (RIZZINI, Carlos T., *Evolução para o Terceiro Milênio*, 2ª Parte, c. IV, it.b, 12ª ed. São Paulo: Edicel, 1996. p. 87) (*N. do E.*)

663. As preces que fazemos por nós mesmos podem mudar a natureza de nossas provas e desviar-lhes o curso?

“Suas provas estão nas mãos de Deus e há aquelas que devem ser toleradas até o fim. Contudo, Deus leva sempre em conta a resignação. A prece atrai os bons Espíritos que lhes dão forças para suportá-las com coragem, e é então que elas parecem menos difíceis. Já dissemos que a prece nunca é inútil quando benfeita, porque fortalece aquele que ora e nisto já há um grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo, e o céu te ajudará; isto já é conhecido. Aliás, Deus não pode mudar a ordem da Natureza ao sabor de cada um, porque aquilo que parece um grande mal, sob o ponto de vista mesquinho dos homens e de sua vida efêmera, muitas vezes é um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, há males dos quais o homem é o próprio autor, por sua imprevidência ou por suas faltas. Ele é punido naquilo em que pecou. No entanto, os justos pedidos são, muitas vezes, mais escutados do que se pensa; os homens acreditam não serem ouvidos por Deus, porque não fez um milagre a seu favor; no entanto, ele os assiste por meios totalmente naturais, que lhes parecem efeito do acaso ou da força das circunstâncias. Muito frequentemente, suscita-lhes o pensamento necessário para que saiam dos embaraços por si próprios.”

664. Será útil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores e, nesse caso, como nossas preces podem proporcionar-lhes alívio e abreviar-lhes os sofrimentos? Têm elas o poder de mudar a justiça de Deus?

“A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma para a qual se ora prova um alívio, pois é um testemunho do interesse que se lhe dá e o infeliz é sempre consolado, quando encontra almas caridosas que compartilham das suas dores. Por outro lado, a prece provoca o arrependimento e o desejo de fazer o que for necessário para ser feliz. É nesse sentido que se pode abreviar a sua pena, se de seu lado ele contribuir com a sua boa vontade. Esse desejo de melhorar, estimulado pela prece, atrai para o Espírito sofredor os Espíritos melhores, que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e dar-lhe esperança. Jesus orava pelas ovelhas transviadas². Mostrava-lhes, com isso, que serão culpados se nada fizerem pelos mais necessitados.”

² João, 17:9-12. (N. do E.)

665. O que pensar da opinião que rejeita a prece aos mortos, por não estar prescrita nos Evangelhos?

“O Cristo disse aos homens: ‘amai-vos uns aos outros’³. Essa recomendação implica em empregar todos os meios possíveis para testemunhar afeição aos outros, sem entrar em nenhum detalhe sobre a maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça, inerente a Ele mesmo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdade que a prece a Ele endereçada, em favor daquele que lhes inspira afeição, é para este, um testemunho da lembrança que pode contribuir para aliviar seus sofrimentos e consolá-lo. Desde que ele revele o mais leve arrependimento e, somente então, será auxiliado; contudo, não deixá-lo jamais ignorar que uma alma simpática se ocupou dele e lhe dará a doce crença de que a sua intercessão lhe foi útil. Disso resulta o reconhecimento àquele que lhe deu essa prova de interesse e de compaixão. Por conseguinte, fez aumentar entre eles o amor que o Cristo recomenda entre os homens e ambos obedeceram à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade, objetivo e fim do Espírito.”

666. Podemos orar aos Espíritos?

“Podemos orar aos bons Espíritos como os mensageiros de Deus e os executores de sua vontade, mas o seu poder está na razão de sua superioridade e deriva sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. É por isso que as preces que lhes endereçamos são eficazes somente se forem agradáveis a Deus⁴.”

Politeísmo

667. Por que o politeísmo é uma das crenças mais antigas e mais difundidas, se é falsa?

“O pensamento de um Deus único só poderia ser, para o homem, resultado de seu desenvolvimento psicológico. Na sua ignorância, incapaz de conceber um ser abstrato, sem forma determinada, agindo sobre a matéria,

³ João, 13:34. (N. do E.)

⁴ Resposta dada pelo Espírito M. Monod, pastor protestante em Paris, falecido em abril de 1856. A resposta precedente, de número 664, é do Espírito São Luiz. (Nota de Allan Kardec)

deu-lhe os atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e uma figura e, desde então, tudo o que lhe parecia ultrapassar as proporções da inteligência vulgar, representava para ele uma divindade. Tudo o que não compreendia, devia ser obra de um poder sobrenatural e daí a acreditar em vários poderes distintos quantos efeitos pudesse presenciar, não ia mais do que um passo. Mas em todos os tempos houve homens esclarecidos, que compreenderam a impossibilidade de governar o mundo com essa multidão de poderes sem uma direção superior e conceberam o pensamento de um Deus único.”

668. Os fenômenos espíritas, produzidos em todos os tempos e conhecidos desde a mais remota Antiguidade, não teriam contribuído para a crença na pluralidade dos deuses?

“Sem dúvida, porque os homens chamavam deus a tudo que era sobre-humano. Os Espíritos seriam para eles deuses e é por isso que, quando um homem se distinguiu entre os demais por suas ações, por seu gênio ou por um poder oculto incompreensível para o homem comum, fazia-se dele um deus e rendiam-lhe culto após sua morte.” (Ver questão 603.)

A palavra *deus* tinha, para as civilizações antigas, uma acepção muito extensa; não era, como em nossos dias, uma personificação do Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica dada a todo ser não pertencente às condições humanas. Ora, as manifestações espíritas revelaram-lhes a existência de seres incorpóreos, agindo como forças da Natureza, a quem chamaram *deuses*, como nós os chamamos Espíritos. Trata-se de uma simples questão de palavras, com a diferença que, em sua ignorância, entretida por aqueles que tinham interesse em mantê-la, erigiram-lhes templos e altares lucrativos, enquanto que, para nós, são simples criaturas, nossas semelhantes, mais ou menos perfeitas e despojadas de seu envoltório terreno. Se estudarmos com atenção os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos sem dificuldade todos os que caracterizam os nossos Espíritos, em todos os graus da escala espírita; seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que exercem com relação às coisas terrenas.

O Cristianismo, ao vir esclarecer o mundo com a sua luz divina, não podia destruir uma coisa que está na Natureza e fez com que a adoração

voltasse a quem ela realmente pertence. Quanto aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob diversos nomes, concorde aos povos e suas manifestações, que jamais cessaram, foram diversamente interpretadas e, muitas vezes, exploradas sob o império do mistério. Enquanto a religião as considerava como fenômenos miraculosos, os incrédulos as erigiram por mentiras. Hoje, graças a estudos mais sérios, feitos à plena luz, o Espiritismo, livre das ideias supersticiosas que o obscureceram por séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da Natureza.

Sacrifícios

669. A prática de sacrifícios humanos data à mais remota Antiguidade. Como foi o homem levado a acreditar que semelhantes hábitos pudessem agradar a Deus?

“Primeiro, por não compreender a Deus como a fonte da bondade. Para os povos primitivos, a matéria sobrepõe-se ao Espírito. Abandonam-se aos instintos brutais e por isso são geralmente cruéis, porque o senso moral ainda não se encontra desenvolvido. Depois, os homens primitivos deviam acreditar naturalmente que uma criatura animada teria muito mais valor aos olhos de Deus que um corpo material. Foi isso que os levou a imolar, primeiramente os animais, e mais tarde a própria criatura humana, pois de conformidade com a falsa crença que professavam, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima.

Na vida material, como geralmente é praticado, ao se oferecer um presente a alguém, escolhe-se sempre o de um valor maior quanto mais intensa for a estima e a consideração à pessoa. O mesmo deveriam fazer os homens ignorantes com relação a Deus.”

669a. Desta forma, o sacrifício de animais teria precedido ao de humanos?

“Quanto a isso não há dúvida.”

669b. De acordo com as suas explicações, os sacrifícios humanos não se originaram de um sentimento de crueldade?

“Não, mas de uma falsa concepção quanto à maneira de agradar a Deus. Vejam Abraão. Com o passar do tempo, os homens passaram a cometer

abusos, imolando seus inimigos, mesmo os inimigos pessoais. De resto, Deus jamais exigiu sacrifícios, nem de animais, nem de homens. Ele não pode ser honrado pela destruição inútil de Suas próprias criaturas.”

670. Os sacrifícios humanos, realizados com uma intenção piedosa, poderiam ter algumas vezes agradado a Deus?

“Não, jamais; mas Deus julga a intenção. Os homens, sendo ignorantes, podiam acreditar que realizavam um ato louvável ao imolar um de seus semelhantes. Nesse caso, Deus atentaria apenas ao pensamento, e não ao fato. Os homens, ao se aperfeiçoarem, deviam reconhecer o erro e reprovar esses sacrifícios que não deviam ser admissíveis para espíritos esclarecidos. Disse esclarecidos, porque os Espíritos estavam então envolvidos pelo véu material. Mas, pelo livre-arbítrio, poderiam ter uma percepção de sua origem e de sua finalidade. Muitos já compreendiam por intuição o mal que faziam, e só o praticavam com o intuito de satisfazer suas paixões.”

671. O que devemos pensar das chamadas guerras santas? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminar o máximo que puderem aqueles que não lhes comungam a mesma crença, visando agradar a Deus, não teria a mesma origem dos que antigamente incitavam os sacrifícios humanos?

“Esses povos são impulsionados pelos maus Espíritos; ao fomentar a guerra aos seus semelhantes, vão contra a vontade de Deus que manda o homem amar ao próximo como a si mesmo. Todas as religiões, ou antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, quer sob este ou aquele nome. Por que promover uma guerra de extermínio em virtude da diferença religiosa ou por não ter ainda atendido ao progresso dos povos esclarecidos? Os povos podem ser desculpados por não acreditarem na palavra daquele que estava animado pelo Espírito de Deus e fora enviado por Ele, sobretudo quando não O viram e não testemunharam os Seus atos. Como querer que acreditem nessa palavra de paz, quando são procurados pela espada em punho? Eles devem se esclarecer e devemos procurar fazê-los conhecer a sua doutrina pela persuasão e pela doçura, e não pela força e pelo sangue. A maior parte não acredita nas comunicações que nós, Espíritos, temos com certos mortais; como querer que os estranhos acreditem nas suas palavras quando os seus próprios atos desmentem a doutrina que pregam?”

672. A oferenda dos frutos da terra teria mais mérito aos olhos de Deus que o sacrifício dos animais?

“Já lhes respondi ao dizer que Deus julgaria a intenção e que o fato teria pouca importância para Ele. Seria certamente mais agradável a Deus a oferenda do fruto da terra que o sangue das vítimas. Como já lhes dissemos e repetimos sempre, a prece proferida do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus que todas as oferendas que poderiam Lhe fazer. Repito que a intenção é tudo e o fato nada.”

673. Não haveria uma forma de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus, consagrando-as ao amparo daqueles a quem falta o necessário? Nesse caso, o sacrifício dos animais, realizado com um objetivo útil, não seria mais meritório, enquanto que o abusivo que não serviria para nada ou aproveitaria senão às pessoas que de nada precisam? Não haveria algo de verdadeiramente piedoso em se consagrar aos pobres os primeiros frutos dos bens que Deus nos concede sobre a Terra?

“Deus bendiz sempre aqueles que fazem o bem. Amparar aos pobres e aos aflitos é o melhor meio de honrá-Lo. Já lhes disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias com que fazem as suas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente. Deus ama a simplicidade em todas as coisas. O homem que se interessa pelo exterior e não pelo coração é um Espírito com visão estreita. Julguem se Deus deve se importar mais com a forma do que com o fundo.”

LEI DO TRABALHO

Necessidade do trabalho

674. A necessidade do trabalho é uma lei natural?

“O trabalho é uma lei da Natureza e por isso mesmo é uma necessidade. A civilização obriga o homem a trabalhar mais porque aumenta suas necessidades e seus prazeres.”

675. Deve-se entender por trabalho apenas as ocupações materiais?

“Não. O Espírito também trabalha, como o corpo. Toda ocupação útil é um trabalho.”

676. Por que o trabalho é imposto ao homem?

“É uma consequência de sua natureza corporal. É uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar a sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância intelectual. Por isso é que sua alimentação, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Aquele que tiver um físico franzino, Deus outorgou a inteligência para o compensar; no entanto, há sempre trabalho.”

677. Por que a Natureza provê, por si mesma, todas as necessidades dos animais?

“Tudo na Natureza é trabalho. Os animais trabalham tanto quanto o homem, mas o seu labor, como sua inteligência, limita-se aos cuidados da conservação. Eis por que, entre eles, o trabalho não conduz ao progresso, enquanto que para a raça humana há um duplo objetivo: a conservação do corpo e o desenvolvimento do pensamento, que é também uma necessidade e que o eleva acima de si próprio. Quando digo que o trabalho dos animais

limita-se aos cuidados de sua conservação, refiro-me ao objetivo a que eles se propõem ao trabalhar. Mas, eles são, embora sem discernimento, enquanto se entregam a prover as suas necessidades, os agentes que contribuem para os desígnios do Criador. Seu trabalho não concorre menos ao objetivo final da Natureza, embora amiúde o homem não veja o seu resultado imediato.”

678. Nos mundos mais adiantados, o homem é submetido à mesma necessidade de trabalho?

“A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades; quanto menos necessidades materiais, menos material será o trabalho. Mas nunca julguem, por isso, que o homem permaneça inativo e inútil: a ociosidade seria um suplício, ao invés de ser um benefício.”

679. Acha-se livre da lei do trabalho o homem que possui bens suficientes para assegurar a sua própria subsistência?

“Do trabalho material, talvez; mas não da obrigação de tornar-se útil, segundo os meios de que dispõe, aperfeiçoar sua inteligência ou a dos outros, o que representa também um trabalho. Se o homem a quem Deus concedeu bens suficientes para assegurar a sua subsistência não está obrigado a comer o pão com o suor de sua frente, a obrigação de ser útil a seus semelhantes é tanto maior quanto as oportunidades surgidas para fazer o bem com o adiantamento que Deus lhe concedeu em bens materiais.”

680. Não há homens impossibilitados para o trabalho, seja ele qual for, e cuja existência é inútil?

“Deus é justo. Condena apenas aquele cuja existência for voluntariamente inútil, porque este vive na dependência do trabalho dos outros. Deus quer que cada um se torne útil segundo suas faculdades individuais.” (Ver questão 643.)

681. A lei natural impõe aos filhos a obrigação de trabalhar para os pais?

“Certamente, como os pais devem trabalhar para os filhos. É por isso que Deus fez do amor entre pais e filhos um sentimento natural, a fim de que, por essa afeição recíproca, os membros de uma mesma família sejam levados a se auxiliarem mutuamente, o que, aliás, com muita frequência, se esquece na sua atual sociedade.” (Ver questão 205.)

Limite do trabalho – repouso

682. Uma vez que o repouso é uma necessidade após o trabalho, não é ele uma lei natural?

“Sem dúvida, o repouso serve para reparar as forças do corpo e é também necessário, a fim de deixar um pouco mais de liberdade à inteligência, que deve se elevar acima da matéria.”

683. Qual é o limite do trabalho?

“O limite das forças. No entanto, Deus deixa o homem livre.”

684. O que pensar dos que abusam da autoridade para impor a seus inferiores o excesso de trabalho?

“É uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de dirigir é responsável pelo excesso de trabalho que imponha aos seus subordinados, porque transgride a lei de Deus.” (Ver questão 273.)

685. O homem tem direito ao repouso em sua velhice?

“Sim, pois está obrigado ao trabalho apenas na proporção de suas forças.”

685a. Que recursos utilizará o idoso que tem necessidade de trabalhar para viver e que não tem condições?

“O forte deve trabalhar para o fraco; na ausência de uma família, a sociedade deve ampará-lo: é a lei da caridade.”

Não é suficiente dizer ao homem que ele deve trabalhar; é necessário também que aquele que vive de seu trabalho encontre ocupação, e isso nem sempre ocorre. Quando a falta de oferta de trabalho se generaliza, toma proporções de um flagelo como a escassez. A ciência econômica procura a solução no equilíbrio entre a produção e o consumo, mas esse equilíbrio, supondo-se que seja possível, sofrerá sempre intermitências e, durante esse processo, o trabalhador tem necessidade de viver. Há um elemento que não se tem avaliado suficientemente e sem o qual a ciência econômica é apenas uma teoria: é a *educação*; não a educação intelectual, mas a moral; não a educação moral pelos livros, mas a que consiste na *arte de formar o caráter*, a que dá os *hábitos*: porque *educação é o conjunto de hábitos adquiridos*.

Quando se pensa na massa de indivíduos lançados a cada dia na corrente populacional, sem princípios, sem freios e entregues a seus

próprios instintos, deve-se admirar das consequências desastrosas que daí resultam? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem seguirá no mundo os hábitos *de ordem e de previdência* para si mesmo e para os seus, de *respeito pelo que for respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar, menos penosamente, os inevitáveis maus dias. A desordem e a imprevidência são duas chagas que somente uma educação *bem compreendida* pode curar. Aí está o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de todos.

LEI DE REPRODUÇÃO

População do globo

686. A reprodução dos seres vivos é uma lei natural?

“Isso é evidente. Sem a reprodução, o mundo corporal pereceria.”

687. Se a população seguir sempre a progressão crescente que vemos, chegará um momento em que ela se tornará excessiva sobre a Terra?

“Não. Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio. Não faz nada que não seja útil. O homem, que vê apenas um ângulo do quadro da Natureza, não pode julgar a harmonia do conjunto¹.”

Sucessão e aperfeiçoamento das raças

688. Há, neste momento, raças humanas que têm evidentemente decrescido. Chegará um momento em que elas terão desaparecido da Terra?

¹ No século XIX, T. R. Malthus (1766-1834) tornou pública a sua teoria materialista para a solução do problema de uma hipotética superpopulação mundial. No livro *Após a Tempestade* encontramos o seguinte comentário do Espírito Joanna de Ângelis: “Ninguém pode formular uma perfeita visão do porvir para a Humanidade, e os futurólogos que aí se encontram têm estado confundidos pelas próprias previsões, nas surpresas decorrentes da sucessão dos acontecimentos ainda nos seus dias. A cada instante recursos novos e novas soluções são encontrados para os problemas humanos. (...) Em toda parte na Criação vigem as leis do equilíbrio, particularmente do equilíbrio biológico. Olha em derredor e concordará. Os animais multiplicam-se, as espécies surgem ou desaparecem por impositivos evolutivos, naturais. (...) O fantasma da fome de que se fala, mesmo quando a Terra não possuía superpopulação, como as pestes e as guerras, dizimou no passado cidades, países inteiros. Conserva os códigos morais insculpidos no espírito e organiza tua família, confiante, entregando-te a Deus e porfiando no Bem, porquanto em última análise Dele tudo procede como atento Pai de todos nós”. (ÂNGELIS, Joanna <Espírito>, FRANCO, D.P. <Médium> *Após a Tempestade*, c. 10, 2ª ed., Salvador: LEAL, 1974. pp. 60-62) (*N. do E.*)

“É verdade, mas outras as substituirão, da mesma forma que outras raças tomarão o lugar da sua, um dia.”^()*

689. Os homens atuais são uma nova criação ou os descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?

“São os mesmos Espíritos que estão de volta para se aperfeiçoarem em novos corpos, mas que ainda estão distantes da perfeição. Assim, a raça humana atual que, por seu crescimento, tende a habitar toda a Terra e substituir as raças que se extinguem, terá seu período de decrescimento e de extinção. Outras raças mais aperfeiçoadas a substituirão, descendentes da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e asselvajados dos tempos primitivos.”^()*

690. Do ponto de vista puramente material, a constituição física da raça atual é uma criação especial ou procedem dos corpos primitivos através da reprodução?

“A origem das raças se perde na noite dos tempos, mas, como todas pertencem à grande família humana, seja qual for o tronco primitivo de cada uma, puderam mesclar-se e produzir novos tipos.”^()*

691. Qual é, do ponto de vista físico, a característica distintiva e dominante das raças primitivas?

“Desenvolvimento da força bruta, em detrimento da intelectual. Atualmente é o inverso: o homem faz mais pela inteligência que pela força física e, no entanto, faz cem vezes mais, porque tem a seu serviço as forças da Natureza, o que não fazem os animais.”^()*

692. O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência é contrário à lei natural? Estaria mais de acordo com essa lei deixar as coisas seguirem o seu curso normal?

“Deve-se fazer tudo para chegar à perfeição, e o próprio homem é um instrumento do qual Deus se serve para alcançar os seus fins. A perfeição é o objetivo para o qual tende a Natureza, e favorecer essa conquista é corresponder a esse objetivo.”

692a. Entretanto, o homem é geralmente movido em seus esforços para melhorar as raças, por um sentimento pessoal e sem outro objetivo

^(*) Questões de 688 a 691 – Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

que o crescimento de seu bem-estar; isso não diminui o seu mérito?

“Que importa que seu mérito seja nulo, contanto que o progresso se faça? Compete a ele tornar seu trabalho meritório pela intenção. De mais, por esse trabalho, exercita e desenvolve a sua inteligência, e é sob esse aspecto que tira maior proveito.”

Obstáculos à reprodução

693. As leis e os costumes humanos que têm por objetivo ou por efeito obstar a reprodução são contrários às leis naturais?

“Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral.”

693a. No entanto, há espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução indefinida seria nociva às outras espécies e das quais o próprio homem acabaria por ser vítima. Deter essa reprodução seria um ato repreensível?

“Deus deu ao homem um poder sobre todos os seres vivos, que ele deve usar para o bem e não abusar. Pode regular a reprodução segundo as necessidades, mas não entrará-la sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso colocado por Deus para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza, e isso ainda o distingue dos animais, porque o faz com conhecimento de causa. Mesmo os animais concorrem igualmente para esse equilíbrio, porque o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, ao proverem à sua própria conservação, detenham o desenvolvimento excessivo, e talvez perigoso, das espécies animais e vegetais de que se nutrem.”

694. O que pensar dos meios de que se dispõe para deter a reprodução, visando satisfazer a sensualidade?

“Isso prova a predominância do corpo sobre a alma e o quanto o homem está mergulhado na matéria.”

Casamento e celibato

695. O casamento, ou seja, a união permanente de dois seres, é contrário à lei natural?

“É um progresso na marcha da Humanidade.”

696. Qual o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana?

“O retorno à vida animal.”

A união livre e casual dos seres é o estado natural. O casamento é um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraternal e encontra-se em todos os povos, embora em condições diversas. A abolição do casamento seria, portanto, o retorno à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo das uniões constantes.

697. A indissolubilidade absoluta do casamento está na lei natural ou somente na lei humana?

“É uma lei humana, contrária à lei natural. Mas os homens podem modificar as suas leis; somente as naturais são imutáveis.”

698. O celibato voluntário é um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?

“Não, e os que vivem assim por egoísmo, desagradam a Deus e enganam a todos.”

699. O celibato não é um sacrifício por parte de algumas pessoas que objetivam se dedicar mais inteiramente a serviço da Humanidade?

“Isto é bem diferente. Eu disse: por egoísmo. Todo sacrifício pessoal é meritório quando é para o bem. Quanto maior o sacrifício, maior o mérito.”

Deus não se contradiz, nem considera mau aquilo que Ele mesmo fez. Não pode, portanto, haver mérito na violação de Sua lei. Mas se o celibato, por si mesmo, não é um estado meritório, já não é o mesmo quando constitui, pela renúncia às alegrias da vida familiar, um sacrifício realizado a favor da Humanidade. Todo sacrifício pessoal, visando ao bem, e sem segundas intenções egoístas, eleva o homem acima da sua condição material.

Poligamia

700. A igualdade numérica aproximativa entre ambos os sexos é um indício da proporção segundo a qual eles devam se unir?

“Sim, pois tudo tem um objetivo na Natureza.”

701. Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, está mais conforme à lei natural?

“A poligamia é uma lei humana, cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo a visão de Deus, deve estar estruturado sobre a afeição de seres que se unem. Com a poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade².”

Se a poligamia estivesse de acordo com a lei natural, ela deveria ser universal, o que seria materialmente impossível, visto a igualdade numérica dos sexos.

A poligamia deve ser considerada como um uso ou uma legislação particular, apropriada a certos costumes, e que o aperfeiçoamento social fará desaparecer gradativamente.

² A evolução espiritual é lenta, profunda e inabalável. No livro *Vida e Sexo*, Emmanuel nos mostra esse processo: “A princípio, exposto aos lances adversos das aventuras poligâmicas, o homem avança, de ensinamento a ensinamento, para a sua própria instalação na monogamia, reconhecendo a necessidade de segurança e equilíbrio, em matéria de amor. (...) Existe o mundo sexual dos Espíritos de evolução primária, inçado de ligações irresponsáveis e existe o mundo sexual dos Espíritos conscientes, que já adquiriram conhecimento das obrigações próprias, à frente da vida: (...) os primeiros se mantêm fixados à poligamia, às vezes desenfreada, e só, muito pouco a pouco, despertará para as noções de responsabilidade no plano do sexo, por meio de experiências múltiplas na feira das reencarnações. O segundo já se levantou para a visão panorâmica dos deveres que nos competem diante de nós mesmos e procura elevar os próprios impulsos sexuais, educando-os pelos mecanismos da contenção. (...) Evidentemente, o mundo avança para mais elevadas condições de existência. Fenômenos de transição explodem aqui e ali, comunicando renovação. E, com semelhantes ocorrências, surge para as nações o problema da educação espiritual, para que a educação do sexo não se faça irrisão com palavras brilhantes mascarando a licenciosidade”. (EMMANUEL <Espírito>, XAVIER Francisco C. <Médium> *Vida e Sexo*, c. 20, 22, 24, 4ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1971. pp. 85-86, 95, 102. (N. do E.)

LEI DE CONSERVAÇÃO

Instinto de conservação

702. O instinto de conservação é uma lei da Natureza?

“Sem dúvida. Todos os seres vivos o possuem, seja qual for o grau de sua inteligência. Em alguns, é puramente mecânico, em outros, é racional.”

703. Com que objetivo Deus concedeu a todos os seres vivos o instinto de conservação?

“Porque todos devem colaborar nos desígnios da Providência. Foi por isso que Deus lhes deu a necessidade de viver. A vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres; eles o sentem instintivamente sem sequer se aperceberem.”

Meios de conservação

704. Dando aos homens a necessidade de viver, Deus lhes concedeu sempre os meios para tal?

“Sim, e se o homem não os encontra é por falta de compreensão. Deus não poderia dar ao homem a necessidade de viver, sem dar-lhe meios para tanto. É por isso que faz a terra produzir, de modo a fornecer o necessário a todos os seus habitantes, pois só o necessário é útil; o supérfluo nunca o é.”

705. Por que a terra não produz sempre o suficiente para fornecer o necessário ao homem?

“É que, ingrato, o homem a negligencia, não obstante ser ela uma excelente mãe. Muitas vezes, também, ele acusa a Natureza pelas consequências de

seus atos inábeis e incautos. A terra produziria sempre o necessário se o homem soubesse contentar-se. Se ela não supre todas as suas necessidades é porque ele emprega no supérfluo o que poderia ser destinado ao necessário. Vejam o árabe no deserto: encontra sempre do que viver, porque não cria necessidades fictícias. Mas, quando a metade dos produtos é desperdiçada para satisfazer fantasias, o homem deve se admirar de nada encontrar no dia seguinte? Terá razão de lastimar-se por achar-se desprevenido quando vier o tempo de escassez? Em verdade eu lhes digo que não é a Natureza que é imprevidente, mas o homem que não sabe regrear a sua vida.”

706. Os bens da terra devem ser entendidos apenas como os produtos do solo?

“O solo é a fonte de onde se originam todos os outros recursos, pois esses recursos, em última instância, são apenas uma transformação dos produtos do solo. É por isso que é necessário entender por bens da terra tudo quanto o homem pode desfrutar aqui.”

707. Frequentemente faltam a certos indivíduos os meios de subsistência, mesmo em meio à abundância que os cerca. A que se deve atribuir esse fato?

“Ao egoísmo dos homens que nem sempre fazem o que devem. Em seguida e, na maioria das vezes, a eles mesmos. Buscai e achareis¹. Essas palavras não querem dizer que seja suficiente olhar a terra para encontrar o que se deseja, mas que é necessário buscar com ardor e perseverança e não com displicência, sem se deixar desanimar pelos obstáculos que, muitas vezes, são apenas meios de pôr à prova a sua constância, a sua paciência e a sua firmeza.” (Ver questão 534.)

Se a civilização multiplica as necessidades, o mesmo se dá com relação às fontes de trabalho e os meios de vida, mas é preciso convir que, nesse sentido, resta-lhe muito ainda a fazer. Quando ela tiver realizado sua obra, ninguém poderá dizer que lhe falte o necessário, a não ser que o falte por sua própria responsabilidade. O mal, para muitos, é viverem uma vida que não é a que a Natureza lhes traçou. É, então, que falta-lhes a inteligência para vencerem. Há um lugar ao sol para todos,

¹ Mateus, 7:7. (N. do E.)

mas com a condição de cada qual tomar o seu e não o dos outros. A Natureza não poderia ser responsável pelos vícios da organização social e das consequências da ambição e do amor-próprio.

Seria preciso ser cego, no entanto, para não reconhecer o progresso que têm realizado, nesse sentido, os povos mais avançados. Graças aos louváveis esforços que a Filantropia e a Ciência, unidas, não cessam de fazer para melhorar a condição material dos homens, malgrado o crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção é atenuada, ao menos em grande parte e os anos mais calamitosos em nada se comparam aos de antigamente. A higiene pública, esse elemento tão essencial para o bem-estar e a saúde, desconhecido por nossos pais, é objeto de cuidados especiais; o infortúnio e o sofrimento encontram lugares de refúgio. Por toda parte, a Ciência é chamada a contribuir para o crescimento do bem-estar. Atingimos a perfeição? Oh, certamente que não. Mas o que já se fez dá a medida do que pode se fazer com perseverança, se o homem for sensato o suficiente para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias, e não nas utopias que o fazem recuar em lugar de avançar.

708. Não há situações em que os meios de subsistência absolutamente não dependem da vontade do homem, em que a privação do necessário é uma consequência da própria força das circunstâncias?

“É uma prova muitas vezes cruel que deve sofrer e à qual sabia que estaria exposto. Seu mérito está na submissão à vontade de Deus, se a sua inteligência não lhe permitir nenhum meio de tirá-lo da dificuldade. Se a morte deve atingi-lo, deve submeter-se sem queixas, pensando que a hora da verdadeira liberdade chegou e que o desespero do último momento pode fazer-lhe perder o fruto de sua resignação.”

709. Aqueles que, em certas situações críticas, encontraram-se forçados a sacrificar seus semelhantes para saciar a fome cometeram um crime? Se houve crime, é ele atenuado pela necessidade de viver que lhes dá o instinto de conservação?

“Já respondi ao dizer que há mais mérito em sofrer todas as provas da vida com coragem e abnegação. Há homicídio e crime de lesa-natureza, que deve ser duplamente punido.”

710. Nos mundos em que a organização é mais evoluída, os seres vivos têm necessidade de alimentação?

“Sim, mas seus alimentos estão relacionados com a sua natureza. Esses alimentos não seriam substanciais para os vossos organismos grosseiros e, da mesma forma, eles não poderiam digerir os vossos alimentos.”

Usufruto dos bens terrenos

711. O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens?

“Esse direito é consequência da necessidade de viver. Deus não pode impor um dever sem dar os meios de o cumprir.”

712. Com que objetivo Deus colocou o atrativo do prazer na posse e uso de bens materiais?

“Para incentivar o homem ao cumprimento de sua missão, e também para prová-lo pela tentação.”

712a. Qual o objetivo dessa tentação?

“Desenvolver sua razão, que deve preservá-lo dos excessos.”

Se o homem fosse incentivado ao usufruto dos bens da Terra, somente com vistas à utilidade, sua indiferença poderia comprometer a harmonia do Universo. Deus deu-lhe a atração pelo prazer que o solicita ao cumprimento dos desígnios da Providência. Mas, por meio desse mesmo atrativo, Deus quer prová-lo também pela tentação que o arrasta ao abuso, do qual sua razão deve detê-lo.

713. A satisfação têm limites traçados pela Natureza?

“Sim, para indicar-lhes os limites do necessário, não obstante os seus excessos levá-los ao tédio, e com isso punir a si mesmos.”

714. O que pensar do homem que procura nos excessos de todos os tipos um refinamento de seus prazeres?

“Pobre criatura que devemos lastimar e não invejar, porque está bem próxima da morte.”

714a. É da morte física ou da morte moral que ele se aproxima?

“Tanto de uma quanto da outra.”

O homem que procura nos excessos de todos os tipos um refinamento de seus prazeres, coloca-se abaixo dos animais, pois estes sabem ater-se à satisfação das suas necessidades. Ele abdica da razão que Deus

lhe deu por guia e, quanto maiores os seus excessos, maior domínio ele concede à sua natureza animal sobre a espiritual. As enfermidades, e mesmo a morte, consequências do abuso, são, ao mesmo tempo, a punição da transgressão às leis de Deus.

Necessário e supérfluo

715. Como o homem pode conhecer o limite do necessário?

“O homem de bom senso o conhece por intuição; muitos o conhecem à custa de suas próprias experiências.”

716. O limite do necessário não foi traçado pela Natureza em nossa própria organização?

“Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza traçou o limite de suas necessidades no seu próprio organismo, mas os vícios modificaram a sua constituição e criaram para ele necessidades fictícias.”

717. O que pensar daqueles que monopolizam os bens da terra para permitirem-se o supérfluo em prejuízo daqueles a quem falta o necessário?

“Desconhecem as leis de Deus e terão que responder pelas privações que tenham ocasionado.”

O limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A civilização tem criado necessidades que não existem no estado de selvageria, e os Espíritos que têm ditado esses preceitos não pretendem que o homem civilizado viva como o selvagem. Tudo é relativo e cabe à razão colocar cada coisa em seu devido lugar. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade que leva os homens a se apoiarem reciprocamente. Os que vivem à custa das privações alheias exploram os benefícios da civilização em seu próprio proveito. Eles têm da civilização apenas o verniz, assim como há pessoas que têm da religião apenas a aparência.

Privações voluntárias. Mortificações

718. A lei de conservação obriga-nos a prover as necessidades do corpo?

“Sim, pois sem força e saúde o trabalho é impossível.”

719. O homem é censurável por buscar o bem-estar?

“O bem-estar é uma expectativa natural. Deus proíbe apenas o abuso, pois este é contrário à conservação e não considera um crime a busca pelo bem-estar, se esse bem-estar não for conquistado às expensas de alguém e se não enfraquecer as suas forças morais, nem as suas forças físicas.”

720. São meritórias aos olhos de Deus as privações voluntárias, visando a uma expiação igualmente voluntária?

“Façam o bem aos outros e terão maior mérito.”

720a. Existem privações voluntárias que sejam meritórias?

“Sim, a privação do prazer inútil, porque liberta o homem da matéria e eleva sua alma. O mérito está em resistir à tentação que os estimula aos excessos ou ao desfrute das coisas inúteis; é retirar do necessário para dar aos que não o têm. Se a privação é apenas um simulacro, nada mais é que um engano.”

721. É meritória sob algum ponto de vista a vida de mortificações no ascetismo que tem sido praticada desde a Antiguidade e por povos diferentes?

“Perguntem a quem ela serve e terão a resposta. Se não serve àquele que a pratica e o impede de fazer o bem é egoísta, qualquer que seja o pretexto sob a qual esteja encoberta. Sujeitar-se a privações no trabalho pelos outros é a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã.”

722. Abster-se de certos alimentos, conforme o hábito de diversos povos, fundamenta-se na razão?

“Todo alimento é permitido ao homem, desde que não lhe prejudique a saúde. Os legisladores de vários povos, no entanto, têm interditado o uso de certos alimentos, em geral com um objetivo útil e, para dar mais crédito às suas leis, as têm apresentado como vindas de Deus.”

723. A alimentação animal é contrária às leis da Natureza?

“Em sua constituição física, a carne nutre a carne, pois de outro modo, o homem pereceria. A lei de conservação impõe ao homem o dever de conservar suas forças e sua saúde para poder cumprir a lei do trabalho. Ele deve, portanto, alimentar-se segundo o exige a sua organização.”

724. É meritória a abstenção de alimentos animais ou quaisquer outros, como expiação?

“Sim, se o ser humano priva-se em favor dos outros, mas Deus não pode

ver uma mortificação quando não há privação séria e útil. É por isso que dizemos que os que se privam apenas em aparência são hipócritas.” (Ver questão 720.)

725. O que pensar das mutilações operadas sobre o corpo do homem e dos animais?

“A que se deve semelhante pergunta? Perguntem sempre se uma coisa é útil. O que é inútil não pode ser agradável a Deus e o que é prejudicial Lhe é sempre desagradável, porque, saibam bem, Deus é sensível apenas aos sentimentos que elevam a alma para Ele, e é praticando Suas leis, e não violando-as, que poderão se libertar do jugo da matéria.”

726. Se os sofrimentos deste mundo nos elevam pela maneira como os suportamos, seremos elevados por aqueles que criarmos voluntariamente?

“Os sofrimentos que elevam são os naturais, porque eles vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários não servem para nada, quando nada valem pelo bem dos outros. Acredita que aqueles que abreviam a vida por rigores sobre-humanos, como fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de várias seitas, avançam em seu caminho? Por que não trabalham, antes, para o bem de seus semelhantes? Que vistam o indigente; que consolem o que chora; que trabalhem para aquele que está enfermo; que sofram privações para o alívio dos infelizes, então sua vida será útil e agradável a Deus. Quando nos sofrimentos voluntários que alguém sofre, visa apenas a si mesmo, é egoísmo. Quando alguém sofre pelos outros, é caridade: tais são os preceitos do Cristo.”

727. Se devemos nos resguardar de sofrimentos voluntários que nenhuma utilidade tenham para os outros, devemos, contudo, preservar-nos dos que prevemos ou dos que nos ameaçam?

“O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustiguem seu Espírito e não o seu corpo, mortifiquem o seu orgulho, sufoquem o seu egoísmo, que se assemelha a uma serpente que lhes devora o coração e farão mais por seu adiantamento do que pelos rigores que não pertencem mais a este século.”

LEI DE DESTRUIÇÃO

Destruição necessária e destruição abusiva

728. A destruição é uma lei da Natureza?

“É necessário que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Isso a que chamam destruição é apenas uma transformação que tem por objetivo a renovação e o melhoramento dos seres vivos.”

728a. Desta forma, o instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?

“As criaturas de Deus são os instrumentos dos quais Ele se serve para chegar aos seus fins. Para se alimentarem, os seres vivos se destroem entre si, e isso com o duplo objetivo de manter o equilíbrio na reprodução, que poderia se tornar excessiva, e de utilizar os restos do envoltório exterior. Mas é apenas esse envoltório que é destruído, pois não é mais que acessório, não a parte essencial do ser pensante, pois este é o princípio inteligente indestrutível, o qual se elabora nas diferentes metamorfoses por que passa.”

729. Se a destruição é necessária para a regeneração dos seres, por que a Natureza os cerca dos meios de preservação e conservação?

“Para evitar a destruição antes do tempo necessário. Toda destruição prematura entrava o desenvolvimento do princípio inteligente. É por isso que Deus deu a cada ser a necessidade de viver e se reproduzir.”

730. Já que a morte deve nos reconduzir a uma vida melhor e que nos liberta dos males deste mundo, e por isso seria mais de se desejar do que de temer, por que o homem tem por ela um horror instintivo que a torna motivo de apreensão?

“Já o dissemos. O homem deve procurar prolongar a vida para cumprir a sua tarefa. É por isso que Deus lhe deu o instinto de conservação e esse instinto o sustenta em suas provas; sem isso, amiúde se entregaria ao desânimo. A voz secreta que o faz repelir a morte diz-lhe que ainda pode fazer alguma coisa para o seu adiantamento. Quando um perigo o ameaça, ela o adverte de que deve tirar proveito do tempo que Deus lhe concede. Mas, ingrato, ele rende quase sempre graças à sua estrela e não ao seu Criador.”

731. Por que, ao lado dos meios de conservação, a Natureza colocou os agentes destruidores?

“O remédio ao lado do mal. Já dissemos: para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.”

732. A necessidade de destruição é a mesma em todos os mundos?

“É proporcional ao estado mais ou menos material dos mundos. Contudo, ela cessa com o estado físico e moral mais depurado. Nos mundos mais avançados que o vosso, as condições de existência são bem diferentes.”

733. Entre os homens da Terra existirá sempre necessidade de destruição?

“A necessidade de destruição diminui no homem, à medida que o Espírito supera a matéria. É por isso que, ao horror da destruição, vê-se o surgimento do desenvolvimento intelectual e moral.”

734. No seu estado atual, o homem tem direito ilimitado de destruição sobre os animais?

“Esse direito é regulado pela necessidade de prover à sua alimentação e à sua segurança. O abuso jamais foi um direito.”

735. O que pensar da destruição que ultrapassa os limites das necessidades e da segurança, da caça, por exemplo, quando tem por objetivo apenas o prazer de destruir sem utilidade?

“Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que ultrapassa os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais destroem apenas para sua necessidade; o homem, que tem o livre-arbítrio, destrói sem finalidade. Prestará contas do abuso da liberdade que lhe foi conferida, pois, nesses casos, ele cede aos maus instintos.”

736. Os povos que levam o escrúpulo relativo à destruição dos animais ao excesso têm mérito especial?

“É um excesso, num sentimento louvável em si mesmo, mas que se torna abusivo e cujo mérito é neutralizado pelo abuso de outra natureza. Há neles mais temor supersticioso que verdadeira bondade.”

Flagelos destruidores

737. Com que objetivo Deus castiga a Humanidade com flagelos destruidores?

“Para fazê-la avançar mais depressa. Não temos dito que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que adquirem, em cada nova existência, um novo grau de perfeição? É necessário considerar o fim para apreciar os resultados. Os homens os julgam apenas sob seu ponto de vista pessoal, chamando-os flagelos por causa dos prejuízos que ocasionam. Mas esses transtornos são frequentemente necessários para fazer com que as coisas cheguem mais rapidamente a uma melhor ordem, conseguindo em alguns anos o que se exigiria em muitos séculos.” (Ver questão 744.)

738. Deus não poderia empregar outros meios que não os flagelos destruidores para melhorar a Humanidade?

“Sim, e os emprega todos os dias, porque deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. É o homem que não os aproveita. Portanto, é necessário castigá-lo em seu orgulho e fazê-lo sentir a sua fragilidade.”

738a. Contudo, o homem de bem sucumbe com o perverso nesses flagelos; isso é justo?

“Durante a vida, o homem relaciona tudo ao seu corpo; após a morte, pensa de outra forma e, como dissemos, a vida do corpo representa muito pouco. Um século de seu mundo é um relâmpago na Eternidade. Portanto, os sofrimentos de alguns meses ou alguns dias nada representam. É um ensinamento a servir-lhes para o futuro. Os Espíritos que preexistem e sobrevivem a tudo, eis o mundo real. (Ver questão 85). São eles os filhos de Deus e o objeto de sua solicitude. Os corpos são apenas os disfarces sob os quais aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizimam os homens, são como um exército que, durante a guerra, vê seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general tem mais cuidado com seus soldados que com suas vestes.”

738b. Mas, apesar disto, as vítimas desses flagelos não são também vítimas?

“Se considerássemos a vida pelo que ela é, e quão pouca coisa significa em relação ao infinito, menos importância lhe atribuiríamos. Essas vítimas encontrarão, em outra existência, uma ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem queixas.”

Quer a morte chegue por um flagelo ou por uma causa qualquer, não se pode escapar a ela quando a hora da partida soar. A única diferença é que no primeiro caso parte um número bem grande de uma só vez.

Se pudéssemos nos elevar pelo pensamento, de maneira a abarcar a Humanidade em uma única visão, esses flagelos tão terríveis nos pareceriam apenas tempestades passageiras no destino do mundo.

739. Os flagelos destruidores têm alguma utilidade do ponto de vista físico, apesar dos males que ocasionam?

“Sim, pois modificam, em algumas vezes, o estado de uma região. Mas o bem que resulta é geralmente percebido apenas pelas gerações futuras.”

740. Os flagelos não seriam também provas morais para o homem que o submetem às mais aflitivas necessidades?

“Os flagelos são provas que fornecem ao homem a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar paciência e resignação à vontade de Deus e servem, ao mesmo tempo, para desenvolver seus sentimentos de abnegação, desinteresse próprio e de amor ao próximo, se ele não for dominado pelo egoísmo.”

741. É dado ao homem evitar os flagelos que o afligem?

“Sim, em parte; contudo, não como geralmente se pensa. Muitos flagelos são consequência de sua própria imprevidência. À medida que adquire conhecimentos e experiência, pode preveni-los, se souber pesquisar-lhes as causas. Mas entre os males que afligem a Humanidade, há os que são de caráter geral e estão nos desígnios da Providência. Desses, cada indivíduo recebe em maior ou menor proporção a parte que lhe cabe. A esses o homem pode opor apenas resignação à vontade de Deus e, ainda, os males são muitas vezes agravados pela sua negligência.

Entre os flagelos destruidores, materiais e independentes do homem, é necessário colocar em primeira linha, a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais à produção da terra. Mas o homem não encontrou na

Ciência, nos trabalhos de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, nas sementeiras e irrigações e no estudo das condições higiênicas, os meios para neutralizar ou, pelo menos, atenuar tantos desastres? Certas regiões, anteriormente devastadas por terríveis flagelos, não estão preservadas hoje? O que não fará, portanto, o homem pelo seu bem-estar material, quando souber aproveitar todos os recursos de sua inteligência e quando ao cuidar de sua preservação pessoal, souber aliar o sentimento de uma verdadeira caridade para com seus semelhantes?” (Ver questão 707.)

Guerras

742. Qual é a causa que leva o homem à guerra?

“Predominância da natureza animal sobre a espiritual e satisfação das paixões. Nesse estado de barbárie, os povos conhecem apenas o direito do mais forte. É por isso que a guerra é, para eles, um estado normal. À medida que o homem progride, ela é menos frequente, porque evita as suas causas e, quando é inevitável, saberá adicionar-lhe humanidade¹.”

743. A guerra desaparecerá um dia da face da Terra?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Então, todos os povos serão irmãos.”

744. Qual o objetivo da Providência, ao tornar a guerra necessária?

“A liberdade e o progresso.”

744a. Se a guerra deve ter por efeito conduzir à liberdade, como se explica que ela tenha por objetivo e por resultado a escravidão?

“Escravidão momentânea para sovar os povos, com a finalidade de fazê-los progredir mais rapidamente.”

745. O que pensar daquele que provoca a guerra em seu próprio proveito?

¹ Um exemplo desta assertiva dos Espíritos, nos tempos atuais, é a criação da Convenção de Genebra, uma série de tratados internacionais que amenizam os efeitos da guerra em soldados e civis. Ainda sobre a guerra, Joanna de Ângelis diz: “Como as leis da evolução e do progresso são imbatíveis, Deus se utiliza do estágio guerreiro em que o homem se demora, a fim de encorajar-lhe os esforços, que, não obstante programados para a destruição, logo cessada a sanha guerreira, se convertem em abençoadas contribuições ao desenvolvimento das comunidades e o ajudam a redimir-se dos desvarios anteriores.” (ÂNGELIS, Joanna <Espírito>, FRANCO, D.P. <Médium> *op. cit.* c. 19, p. 103). (N. do E.)

“Esse é o verdadeiro responsável pela guerra e necessitará de muitas existências para expiar todos os assassinios que causou, pois responderá pela vida de cada homem cuja morte tenha causado para satisfazer a sua ambição.”

Assassínio

746. O assassinio é um crime aos olhos de Deus?

“Sim, um grande crime, pois aquele que tira a vida de seu semelhante interrompe uma vida de expiação ou de missão e nisso está o mal.”

747. No assassinio há sempre o mesmo grau de culpabilidade?

“Já o dissemos, Deus é justo e julga a intenção mais que o fato.”

748. Deus perdoa o assassinato em caso de legítima defesa?

“Só a necessidade pode desculpá-lo; mas, se pudermos preservar a vida sem atentar contra a do agressor, devemos fazê-lo.”

749. O homem é culpável pelos assassinios que cometeu durante a guerra?

“Não, quando ele é estrangido pela força, mas é responsável pelas crueldades que comete e seus sentimentos de Humanidade serão levados em conta.”

750. Quem é mais culpável aos olhos de Deus, o parricida ou o infanticida?

“Ambos o são igualmente, pois todo crime é crime.”

751. Qual a causa do infanticídio nos costumes de certos povos já avançados do ponto de vista intelectual, estando em alguns casos, consagrados pela legislação?

“O desenvolvimento intelectual não acarreta a necessidade do bem. O Espírito superior em inteligência pode ser mau; é aquele que muito viveu sem se adiantar: ele o sabe².”

²O infanticídio, nos primórdios da civilização, era comumente praticado como forma de eliminar os deficientes, os fracos e os doentes, como controle de natalidade ou ainda como oferta religiosa. Em alguns povos, a criança de sexo feminino primogênita também era morta ao nascer. Entre os hebreus, havia uma prescrição legal que determinava a pena de morte por apedrejamento para o filho rebelde, de acordo com a passagem contida em Deuteronômio, 21:18-21. Ao tempo da publicação de *O Livro dos Espíritos*, a morte do primogênito era praticada entre alguns povos da Índia como oferta mais preciosa aos deuses locais. Surpreendentemente, nos tempos atuais, o infanticídio ainda ocorre

Crueldade

752. Podemos ligar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?

“É o próprio instinto de destruição no que ele tem de pior, porque, se a destruição é por vezes uma necessidade, a crueldade jamais o é. Ela é sempre o resultado de uma natureza má.”

753. Por que razão a crueldade é a característica dominante dos povos primitivos?

“Nos povos primitivos, como são chamados, a matéria sobrepuja o Espírito. Abandonam-se aos instintos dos brutos e, como não têm outras necessidades que as da vida do corpo, cuidam apenas de sua conservação pessoal. É isso o que geralmente os torna cruéis. Além disso, os povos, cujo desenvolvimento é imperfeito, estão sob o império dos Espíritos igualmente imperfeitos que lhes são simpáticos, até que povos mais avançados venham destruir ou enfraquecer essa influência.”

754. A crueldade não se origina da ausência do senso moral?

“Diga que o senso moral não está desenvolvido, mas não que está ausente, porque existe, em princípio, em todos os homens. É esse senso moral que os transforma, mais tarde, tornando-os bons e humanos. Ele existe no selvagem, como o princípio do perfume no botão da flor, antes mesmo de desabrochar.”

Todas as faculdades existem no homem em estado rudimentar ou latente e se desenvolvem segundo as circunstâncias mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas impede ou neutraliza o de outras. A superexcitação dos instintos materiais sufoca, por assim dizer, o senso moral, como o desenvolvimento deste enfraquece pouco a pouco as faculdades puramente animais.

entre os povos da República Popular da China como parte da política de controle da natalidade. A ONU – Organização das Nações Unidas, por meio de seus órgãos pertinentes, principalmente a Unicef –, assegura os direitos da criança e do adolescente à saúde, à educação e à proteção, dentre outros. No Brasil, a atual Carta Magna dispõe que: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Artigo 227, *caput*). Para regulamentá-lo, veio o Estatuto da Criança e do Adolescente (em 1990), detalhando todos aqueles direitos assegurados constitucionalmente. (N. do E.)

755. Como se explica que no seio da civilização mais avançada existam seres às vezes tão cruéis como os selvagens?

“Da mesma forma que em uma árvore carregada de bons frutos, encontram-se os prematuros. São como selvagens que têm da civilização apenas a aparência, lobos extraviados em meio a cordeiros. Os Espíritos de uma ordem inferior e muito atrasados podem se encarnar entre os homens avançados na esperança de também progredirem. Mas se a prova for muito pesada, a sua natureza primitiva o arrebatá.”

756. A sociedade dos homens de bem estará um dia livre dos malfeitores?

“A Humanidade progredirá; esses homens dominados pelo instinto do mal e que estão deslocados entre as pessoas de bem, desaparecerão gradativamente, como o mau grão é separado do bom depois de joeirado³, mas para renascer sob outro envoltório. Então, com mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Temos um exemplo nas plantas e nos animais que o homem aprendeu a aperfeiçoar, desenvolvendo-lhe novas qualidades. Pois bem, é somente depois de numerosas gerações que o aperfeiçoamento se completa. Essa é a imagem das diferentes existências do homem.”

Duelo

757. Pode-se considerar o duelo como um caso de legítima defesa?

“Não, é um assassinio e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais avançada e mais moral, o homem compreenderá que o duelo⁴ é tão ridículo quanto os combates que eram considerados outrora como ‘o juízo de Deus’.”

758. O duelo pode ser considerado um assassinio da parte daquele que, conhecendo sua própria fragilidade, está quase certo de sucumbir?

“É um suicídio.”

³ Joeirar: ato de passar pela joeira: cesto ou peneira, usada para separar o trigo da moinha (fragmentos miúdos de palha). (N. do E.)

⁴ Contenda entre dois indivíduos, precedido por desafio, com armas iguais e mortais. O duelo, com o tempo, passou a ser social e legalmente inaceitável e desapareceu com a moderna civilização. Contudo, o ensinamento conduz a profunda reflexão quanto aos atuais conflitos humanos. (N. do E.)

758a. Quando as probabilidades são iguais, é um assassinio ou um suicídio?

“É tanto um quanto outro.”

Em todos os casos, mesmo naqueles em que as chances são iguais, o duelista é culpável, porque atenta fria e deliberadamente contra a vida de seu semelhante; em segundo lugar, porque expõe a sua própria vida inutilmente e sem proveito para ninguém.

759. Qual é o valor do que se chama o *ponto de honra* em matéria de duelo?

“O do orgulho e da vaidade; duas chagas da Humanidade.”

759a. Mas não há casos em que a honra se encontra verdadeiramente empenhada e que uma recusa seria uma covardia?

“Isso depende dos costumes e dos usos. Cada país e cada século têm sobre isso uma maneira de ver diferente; quando os homens forem melhores e moralmente mais evoluídos, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando ou se fazendo matar que se repara uma falta.”

Há mais grandeza e verdadeira honra em se reconhecer culpado quando se erra, ou em perdoar se estivermos com a razão; e em todos os casos, não darmos importância aos insultos que não podem nos atingir.

Pena de morte

760. A pena de morte desaparecerá um dia da legislação humana?

“A pena de morte desaparecerá incontestavelmente e sua supressão marcará um progresso para a Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Os homens não terão mais necessidade de serem julgados pelos homens. Falo de um tempo que está ainda muito distante.”

O progresso social, sem dúvida, deixa muito a desejar, mas seríamos injustos para com a sociedade moderna se não víssemos progresso nas restrições impostas à pena de morte entre os povos mais avançados, e à natureza dos crimes aos quais se limita a sua aplicação. Se compararmos

as garantias de que a justiça se esforça para cercar o acusado em nossos dias, a Humanidade com que o trata, mesmo que seja reconhecido culpado, com o que se praticava em tempos que não vão muito longe, não poderemos deixar de perceber o caminho progressivo pelo qual a Humanidade avança⁵.

761. A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar a sua própria vida. Não é na aplicação desse direito que ele elimina da sociedade um membro perigoso?

“Há outros meios de se preservar do perigo sem matar. É necessário, aliás, abrir ao criminoso a porta do arrependimento, e não fechá-la.”

762. Se a pena de morte pode ser banida das sociedades civilizadas, não foi uma necessidade nos tempos menos avançados?

“Necessidade não é a palavra. O homem julga sempre uma coisa necessária quando não encontra nada melhor. Mas, à medida que se esclarece, compreende melhor o que é justo ou injusto e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância, em nome da justiça.”

763. A restrição dos casos em que se aplica a pena de morte é um indício do progresso na civilização?

“Pode ainda haver dúvida quanto a isso? Seu Espírito não se revolta ao ler o relato das carnificinas humanas que se faziam outrora em nome da justiça e, muitas vezes, em honra à Divindade; das torturas que se submetia um condenado e mesmo o acusado para arrancar-lhe, pelo excesso de sofrimento, a confissão de um crime que ele, em muitos casos, não teria cometido? Pois bem, se vivesse nesses tempos, teria achado tudo isso natural, e talvez, como juiz, teria feito outro tanto. É assim que o que parece justo em uma época, parecerá bárbaro em outra. Somente as leis divinas são eternas. As leis humanas mudam

⁵ A pena de morte ainda é tida, em alguns povos, como o “remédio social”, a panaceia para todos os males da sociedade. A Secção de Defesa Social, órgão da ONU – Organização das Nações Unidas, firmou a concepção de que a defesa social deve ser alcançada por meio da prevenção do crime e do tratamento dos delinquentes. O Espiritismo, por intermédio de seus ensinamentos, fornece ao homem a condição de entender a violência e suas manifestações patológicas, levando ao entendimento do fator criminógeno espiritual. O criminoso violento nada mais é do que um Espírito moralmente atrasado em relação à Humanidade, junto à qual foi colocado pela providência divina para cumprimento dos seus desígnios. Portanto, a eliminação arbitrária só fará agregar à massa de desencarnados em desequilíbrio que nos envolve, mais um elemento perturbador e imerso em revolta. (N. do E.)

com o progresso e se modificarão ainda, até que estejam em harmonia com as leis divinas⁶.”

764. Jesus disse: “Quem matou pela espada perecerá pela espada⁷”. Essas palavras não são a consagração da pena de talião? E a morte infligida ao assassino não é a aplicação dessa pena?

“Tenham cautela. Estão equivocados nessas palavras como sobre muitas outras. A pena de talião é a justiça divina; é Deus quem a aplica. Todos sofrem, a cada instante essa pena, porque são punidos naquilo em que pecam, nessa vida ou em outra. Aquele que tem feito seus semelhantes sofrerem será colocado numa posição em que sofrerá o que tiver causado. É o sentido dessas palavras de Jesus; mas ele também disse: ‘Perdoai aos vossos inimigos⁸’, e ensinou a pedir a Deus para perdoar-lhes as ofensas da mesma maneira que perdoarem, isto é, na proporção em que houverem perdoado. Compreendam bem isso.”

765. O que pensar da pena de morte infligida em nome de Deus?

“Equivale a tomar o lugar de Deus na prática da justiça. Aqueles que agem assim mostram o quão estão longe de compreender Deus e quanto têm ainda a expiar. A pena de morte é um crime ao nome de Deus, e aqueles que a infligem são responsáveis por essas mortes.”

⁶ Este ponto representa o paradigma ético-espírita. Com o desenvolvimento do progresso moral, as leis e os costumes se abrandam, oferecendo qualidade de vida para as criaturas humanas necessitadas de esclarecimento e compreensão. (N. do E.)

⁷ Mateus, 26:52. (N. do E.)

⁸ Mateus, 5:44, Lucas, 6:35. (N. do E.)

LEI DE SOCIEDADE

Necessidade da vida social

766. A vida social está na Natureza?

“Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Deus não deu em vão ao homem a palavra, bem como todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.”

767. O isolamento absoluto é contrário à lei natural?

“Sim, pois os homens buscam instintivamente a vida em sociedade. Além disso, todos devem concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente.”

768. Ao buscar viver em sociedade, o homem apenas obedece a um sentimento pessoal ou há também nesse sentimento um objetivo providencial, de ordem geral?

“O homem deve progredir. No entanto, sozinho não o pode fazer porque não está de posse de todas as faculdades. É preciso o contato com outros homens. No isolamento, ele se embrutece e se estiola¹.”

Nenhum homem possui todos os conhecimentos e é pela união social que eles se completam uns aos outros, a fim de assegurarem o bem-estar mútuo e progredirem. Eis por que, tendo necessidade uns dos outros, são feitos para viver em sociedade e não isolados.

¹ Estiolar-se: enfraquecer-se, debilitar-se. (N. do E.)

Vida de isolamento. Voto de silêncio

769. Como princípio geral, compreende-se que a vida social faça parte das leis da Natureza. No entanto, como todos os gostos são também naturais, porque o do isolamento absoluto seria condenável, se o homem nele encontra satisfação?

“Satisfação do egoísmo. Há também homens que encontram satisfação na embriaguez; devemos aprová-los por isso? Deus não pode considerar agradável uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém.”

770. O que pensar dos homens que vivem em reclusão absoluta para fugirem ao contato pernicioso do mundo?

“Duplo egoísmo.”

770a. Mas se esse retiro tem por objetivo uma expiação, sob o impositivo de uma penosa renúncia, não é meritório?

“Praticar o bem em maior proporção do que o mal que se tenha praticado, essa é a melhor expiação. Com esse retraimento, evitando um mal o homem cai em outro, pois ignora a lei de amor e caridade.”

771. O que pensar daqueles que fogem do mundo para se dedicarem ao amparo dos infelizes?

“Esses se elevam ao se rebaixarem. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos prazeres materiais e de praticarem o bem pelo cumprimento da lei do trabalho.”

771a. E os que procuram no retiro a tranquilidade para a realização de certos trabalhos?

“Estes não se confundem com o retiro absoluto do egoísta; não se isolam da sociedade, pois trabalham para ela.”

772. Que pensar do voto de silêncio prescrito por certas seitas desde eras remotas?

“Perguntem, antes, se a palavra é um dom natural e porque Deus a concedeu. Deus condena o abuso e não o uso das faculdades que concedeu ao homem. No entanto, o silêncio é útil, porque nele o indivíduo se recolhe. Seu Espírito torna-se mais livre e pode então entrar em comunicação direta conosco, mas o voto de silêncio é uma tolice. Sem dúvida, os que consideram essas privações voluntárias como atos de virtude, têm uma boa intenção, mas se enganam por não compreenderem suficientemente as verdadeiras leis de Deus.”

O voto de silêncio absoluto, do mesmo modo que o voto de isolamento, priva o homem das relações sociais que podem fornecer-lhe ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso.

Laços de família

773. Por que, entre os animais, estes e seus filhotes não se reconhecem quando os últimos não têm mais necessidade de cuidados?

“Os animais vivem a vida material e não a vida moral. A ternura da mãe por seus filhotes tem por princípio o instinto de conservação aplicado aos seres que deu à luz. Quando esses seres podem cuidar-se de si mesmos, sua tarefa está cumprida e a natureza nada mais lhe exige. Por isso ela os abandona para se ocupar de outros que chegam.”

774. Há pessoas que concluem, diante abandono dos pequenos animais por seus pais, que os laços de família entre os homens são resultantes apenas de costumes sociais e não uma lei natural. O que devemos deduzir a esse respeito?

“O homem tem outra destinação que não a dos animais. Por que, então, querer sempre identificá-los? Para ele, há outra coisa além das necessidades físicas: há a necessidade do progresso. Os laços sociais são necessários à evolução e os laços de família sintetizam os primeiros: eis por que eles são uma lei da natureza. Deus quis que, desta forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos².” (Ver questão 205.)

775. Qual seria, para a sociedade, o resultado do relaxamento dos laços de família?

“Uma recrudescência do egoísmo.”

² Em sua obra *Leonardo e Gertrudes*, Johann H. Pestalozzi (1746-1827) assim se refere ao amor: “A manifestação do amor é a salvação do mundo! Amor é o fio que liga Deus e o homem. Sem amor, o homem está sem Deus e, sem Deus e sem amor, o que é o homem?”. É esse amor preconizado como o elo de união e de equilíbrio entre os homens, que o grande educador atribui ao processo familiar, fonte inesgotável de incentivos ao desabrochar das potencialidades da criança e do jovem. (*N. do E.*)

LEI DO PROGRESSO

Estado natural

776. O estado natural e a lei natural são a mesma coisa?

“Não, o estado natural é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado natural, enquanto a lei natural contribui para o progresso da Humanidade.”

O estado natural é a infância da Humanidade e o ponto de partida de seu desenvolvimento intelectual e moral. O homem, sendo perfectível e trazendo em si o germe de sua evolução, não está destinado a viver perpetuamente no estado natural, como não foi destinado a permanecer na infância. O estado natural é transitório, o homem liberta-se dele norteador-se para o progresso e a civilização. A lei natural, ao contrário, regula toda a condição humana, e o homem se melhora à medida que amplia suas perspectivas de compreensão e aperfeiçoa-se no exercício dessa lei.

777. Com menos necessidades, o homem no estado natural não tem todas as tribulações por ele criadas num estágio mais avançado. O que pensar da opinião dos que consideram essa condição como a da mais perfeita felicidade sobre a Terra?

“O que esperar dessa condição? É a felicidade do bruto. Há pessoas que não compreendem outra. É ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes que os adultos.”

778. O homem pode retroceder ao estado natural?

“Não, o homem deve progredir sem cessar e não pode retornar ao estado de infância. Se progride, é que Deus assim o quer. Pensar que poderia retroceder à condição primitiva, seria negar a lei do progresso.”

Marcha do Progresso

779. Os seres humanos possuem em si mesmos o impulso para o progresso ou o adquirem mediante a educação?

“O ser humano desenvolve-se por si mesmo, naturalmente. No entanto, não progridem todos ao mesmo tempo e da mesma forma. É assim que os mais adiantados ajudam pelo contato social o progresso dos demais.”

780. O progresso moral segue sempre o progresso intelectual?

“É consequente, mas não o segue sempre de imediato. (Ver as questões 192 e 365.)”

780a. Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

“Dando a compreensão do bem e do mal pois, assim, o ser humano poderá optar. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue o desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade pelos seus atos.”

780b. Como se explica, então, que os povos mais esclarecidos sejam, amiúde, os mais corrompidos?

“O progresso completo é o ponto de chegada, mas os povos, como os indivíduos, caminham passo a passo. Até que o senso moral esteja desenvolvido, podem servir-se de sua inteligência para fazer o mal. O moral e a inteligência são duas forças que se equilibram apenas com o transcorrer do tempo.” (Ver as questões 365 e 751.)

781. O homem tem poderes para deter a marcha do progresso?

“Não, mas de entravá-la algumas vezes.”

781a. O que pensar dos homens que tentam deter a marcha do progresso e fazer retroceder a Humanidade?

“Pobres seres que Deus castigará. Serão levados pela torrente que pretendem deter.”

O progresso é uma condição *sine qua non*¹ da natureza humana; não há poder que se lhe oponha. É uma *força viva* que leis retardatárias podem pretender estagnar, mas não sufocar. Quando essas leis tornam-se incompatíveis com o progresso, ele as abate, com todos os que tentam mantê-las; e assim será até que o homem compatibilize as suas

¹ *Sine qua non*: expressão latina, utilizada para designar uma condição obrigatória. (N. do E.)

leis com a justiça divina, que quer o bem de todos, e não as leis feitas para o forte em detrimento do fraco.

782. Não há homens que, de boa-fé, entram o progresso acreditando favorecê-lo, porque o veem de acordo com seu ponto de vista e, muitas vezes, onde ele não existe?

“Pequena pedra posta sob a roda de um grande veículo, que não o impede de avançar.”

783. O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta?

“Há o progresso regular e lento que resulta da força das coisas. Mas, quando um povo não avança o suficiente, Deus o submete, oportunamente, a um abalo físico ou moral que o transforma.”

O homem não pode perpetuar-se no estado de ignorância, porque deve chegar ao objetivo determinado pela Providência. Ele se esclarece pela força das circunstâncias. As revoluções morais, bem como as revoluções sociais, infiltram-se, pouco a pouco nas ideias, germinam no decurso dos séculos e depois manifestam-se ruidosamente, fazendo desmoronar o edifício carcomido do passado, que não está mais em consonância com as novas necessidades e aspirações.

O homem geralmente não percebe, nessas comoções, mais do que a desordem e a confusão momentâneas, que o atingem nos seus interesses materiais. Contudo, aquele que eleva o seu pensamento acima dos interesses de ordem pessoal enaltece os desígnios da Providência que do mal fazem surgir o bem. São a tempestade e o furacão que saneiam a atmosfera, após a terem revolvido.

784. A perversidade do homem manifesta-se com muita veemência. Não parece que ele está recuando, em lugar de avançar, ao menos do ponto de vista moral?

“É engano seu. Observe bem o conjunto e verá que ele avança, pois vai compreendendo melhor o que é o mal e gradativamente corrige os seus abusos. É preciso que haja excesso do mal para fazer-lhe compreender as necessidades do bem e das mudanças.”

785. Qual o maior obstáculo ao progresso?

“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porque o

intelectual avança sempre. Este último parece, num primeiro momento, dobrar a intensidade do egoísmo e do orgulho, desenvolvendo a ambição e o amor pelas riquezas que, a seu turno, estimulam o homem às pesquisas que esclarecem o Espírito. É assim que tudo se relaciona no mundo moral como no mundo físico e que do próprio mal pode resultar o bem. Mas esse estado de coisas deve durar apenas um tempo; modificar-se-á à medida que o homem compreender melhor que, além do gozo dos bens terrenos, há uma felicidade infinitamente maior e infinitamente mais durável.” (Ver Do egoísmo, Livro Terceiro, capítulo XII.)

Há duas espécies de progresso que se apoiam mutuamente, não obstante não caminharem juntos: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro recebe em nosso século todos os estímulos desejáveis, atingindo um grau desconhecido até os nossos dias. É necessário que o segundo esteja no mesmo nível. No entanto, se compararmos os costumes sociais de alguns séculos passados com os de hoje, teremos de ser cegos para negar que realmente houve progresso moral. Por que a marcha ascendente da moral deveria apresentar mais hiatos que a da inteligência? Por que não haveria entre os séculos XIX e XXIV tanta diferença nessa área como entre os séculos XIV e XIX? Duvidar dessa afirmativa seria pretender que a Humanidade estivesse no auge da perfeição, o que seria absurdo; ou que ela não é moralmente perfectível, o que é desmentido pela experiência.

Povos degenerados

786. A História nos mostra um grande número de nações que após terem sofrido grandes abalos, recaíram na barbárie. Onde está o progresso, nesse caso?

“Quando a sua casa ameaça ruir, torna-se necessário derrubá-la, para construir uma mais sólida e mais cômoda. Mas até que seja reconstruída, haverá problemas e confusões em sua morada.

Considere ainda outra analogia, tomando a sua pessoa como exemplo: se em determinada época habitar um casebre e ficar rico, deixá-lo-á para ir morar num palácio. Depois, uma pessoa, também muito carente, virá

ocupar o seu lugar no casebre e se sentirá muito contente, pois antes não possuía sequer um abrigo. Pois bem. Compreenda, portanto, que os Espíritos que estão encarnados nesse povo degenerado não são mais aqueles que os formavam no tempo de seu esplendor. Os primeiros, assim que progrediram, mudaram-se para habitações mais perfeitas e prosseguiram sua evolução, enquanto os outros, menos avançados, tomaram o seu lugar, que por sua vez também deixarão um dia.”

787. Existem raças rebeldes ao progresso por sua própria natureza?

“Sim, mas a cada dia que passa, elas se aniquilam fisicamente.”

787a. Qual será a destinação futura dessas almas?

“Elas alcançarão a perfeição, como todas as outras, passando por inúmeras experiências. Deus não deserda ninguém.”

787b. Pode-se concluir então que os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?

“A sua própria pessoa o foi, mais de uma vez, antes de ser o que é hoje.”

788. Os povos são individualidades coletivas que, como os indivíduos, passam pela infância, a idade madura e a decrepitude. Este fato, constatado pela História, não nos permite presumir que os povos mais avançados deste século teriam seu declínio e fim, como os da Antiguidade?

“Os povos materialistas, cuja grandeza está estruturada sobre a força e a extensão territorial, nascem, crescem e morrem porque a força de um povo se esgota como a de um homem. Aqueles, cujas leis egoístas atentam contra o progresso das luzes e da caridade, morrem, porque a luz extermina as trevas e a caridade extingue o egoísmo. Mas há para os povos, como para os indivíduos, a vida da alma; aqueles, cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador, viverão e serão o farol de outros povos.”

789. O progresso reunirá, no futuro, todos os povos da Terra em uma só nação?

“Não em uma só nação, pois isso é impossível, uma vez que da diversidade dos climas nascem costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades. Desta forma, serão sempre necessárias leis apropriadas a esses costumes e a essas necessidades. Mas a caridade não conhece latitudes e não faz distinção dos homens pela cor. Quando a lei de Deus constituir a base da lei humana por toda a parte, os povos praticarão a caridade

mutuamente, como os indivíduos. Então, viverão felizes e em paz, porque ninguém procurará fazer o mal ao seu vizinho, nem viver à sua custa.”

A Humanidade progride por meio da melhora gradativa dos indivíduos que se esclarecem. Então, quando estes aumentam em quantidade, tomam a dianteira e arrastam os outros. Ocasionalmente, surgem os homens de gênio que lhes dão um impulso e, depois, homens investidos de autoridade, instrumentos de Deus, que em alguns anos fazem-na avançar vários séculos.

O progresso dos povos faz ressaltar ainda uma vez a justiça da reencarnação. Os homens de bem fazem louváveis esforços no sentido de coadjuvar o processo evolutivo moral e intelectual de uma nação; esta, quando transformada, será mais feliz neste mundo e no outro. Mas durante a sua lenta marcha por entre os séculos, milhares de indivíduos morrem a cada dia. Qual seria o destino de todos esses que sucumbem durante o trajeto? Sua inferioridade relativa os priva da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou a sua felicidade também é relativa? A justiça divina não poderia consagrar tal injustiça. Pela pluralidade das existências, o direito à felicidade é o mesmo para todos, pois ninguém é deserdado pelo progresso. Aqueles que viveram no tempo da barbárie poderão retornar no tempo da civilização, fazendo parte do mesmo povo ou de outro, daí resultando que todos se beneficiam da jornada ascensional.

O sistema da unicidade das existências apresenta outra dificuldade. Com essa regra, a alma é criada no momento do nascimento, de forma que um indivíduo é mais evoluído que outro porque Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que mérito tem ele que não viveu mais do que o outro, e geralmente menos, para ser dotado de uma alma em estágio superior? No entanto, essa não é a principal dificuldade. Uma nação passa, em mil anos, da barbárie à civilização. Se os homens vivessem mil anos, poderíamos imaginar que, nesse intervalo, tivessem tempo para progredir. Mas, diariamente, morrem criaturas de todas as idades, renovando-se sem cessar e de tal forma que a cada dia as vemos aparecerem e desaparecerem. Ao fim de um milênio, não há mais traços dos antigos habitantes; a nação, da barbárie transformou-se para a civilização. Quem progrediu? Foram os indivíduos, antes bárbaros?

Mas eles morreram há muito tempo. Foram os recém-chegados? Mas se sua alma é criada no momento do seu nascimento, essas almas não existiam no tempo da barbárie e é preciso, então, admitir que *os esforços que se fizeram para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar almas imperfeitas, mas de fazer criar, por Deus, almas mais perfeitas.*

Comparemos esta teoria do progresso, com a que nos foi dada pelos Espíritos. As almas vindas ao tempo da civilização tiveram sua infância, como todas as outras; no entanto, *elas já viveram* e voltaram mais adiantadas, demonstrando progresso anterior. Elas vêm atraídas por um meio que lhes é simpático e que está relacionado com o seu estado atual. Dessa maneira, os cuidados dispensados ao processo civilizante de um povo não têm por objetivo definir a criação futura de almas mais perfeitas, mas atrair aquelas que já progrediram, seja as que já viveram em meio a este mesmo povo à época da barbárie, seja as procedentes de outra parte. Aí está a chave do progresso da Humanidade inteira. Quando todos os povos estiverem no mesmo nível quanto ao sentimento do bem, a Terra acolherá apenas bons Espíritos, que viverão em união fraternal; os maus, repelidos e deslocados, irão buscar, nos mundos inferiores, o meio que lhes convém, até que sejam dignos de voltar ao nosso meio, transformados. A teoria comum origina ainda esta consequência: que os trabalhos de melhoramento social são aproveitados apenas pelas gerações presentes e futuras. Seu resultado é nulo para as gerações passadas, que cometeram o erro de chegar mais cedo e só avançaram por consequência de suas próprias forças, sob a carga de seus atos de barbárie. Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente a essas gerações, que revivem em condições melhores e podem, assim, aperfeiçoar-se junto à civilização. (Ver questão 222.)

Civilização

790. A civilização é um progresso ou, segundo alguns filósofos, uma decadência da Humanidade?

“Progresso incompleto. O homem não passa subitamente da infância à maturidade.”

790a. É justo condenar a civilização?

“Condenem antes os que dela abusam e não a obra de Deus.”

791. A civilização se depurará um dia, de maneira a dissipar os males que tenha produzido?

“Sim, quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência. O fruto não pode vir antes da flor.”

792. Por que a civilização não realiza imediatamente todo o bem que poderia produzir?

“Porque os homens ainda não estão prontos, nem tampouco dispostos a obter esse bem.”

792a. Não seria também porque, ao criar novas necessidades, ela estimula novas paixões?

“Sim, porque todas as faculdades do Espírito não progridem ao mesmo tempo. É necessário tempo para tudo. Não se pode esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta.” (Ver as questões 751 e 780.)

793. Por quais sinais se pode reconhecer uma civilização completa?

“Reconhecê-la-ão pelo desenvolvimento moral. A sua civilização acredita estar bem avançada, porque têm feito grandes descobertas e invenções maravilhosas, por estarem mais bem instalados e vestidos que os selvagens. Mas somente terão o direito de se dizer verdadeiramente civilizados, quando tiverem banido de sua sociedade os vícios que a desonram e que vivam como irmãos, praticando a caridade cristã. Até lá, serão somente povos esclarecidos, tendo percorrido apenas a primeira fase da civilização.”

A civilização tem os seus níveis, como todas as coisas. Uma civilização incompleta é um estado de transição que origina males específicos, desconhecidos no estado primitivo, mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que leva consigo o remédio para aqueles males. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que engendrou e, com o progresso moral, esses males desaparecerão.

De dois povos que chegam ao cume da escala social, só poderá dizer-se mais civilizado, na verdadeira acepção da palavra, quando nele se encontre menos egoísmo, cupidez e orgulho; em que os hábitos sejam mais intelectuais e morais que materiais; em que a

inteligência possa se desenvolver com mais liberdade; em que haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; em que os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos enraizados, pois são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; em que as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para o último como para o primeiro; seja exercida com menos parcialidade; em que o homem, suas crenças e suas opiniões sejam mais bem respeitadas; em que haja menos infelizes e, enfim, em que todos os homens de boa vontade estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário.

Progresso da legislação humana

794. A sociedade poderia ser regida apenas pelas leis naturais, sem o recurso de leis humanas?

“Poderia, se as criaturas as compreendessem bem e quisessem praticá-las; então, bastariam. Mas a sociedade tem as suas necessidades e precisa de leis específicas.”

795. Qual é a causa da instabilidade das leis humanas?

“Nos tempos de barbárie, são os mais fortes que fazem as leis e as fazem em proveito próprio. À medida que os homens vão compreendendo melhor a justiça, há necessidade de modificá-las. As leis humanas são mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça, ou seja, à medida que são feitas para todos e que se identificam com a lei natural.”

A civilização criou para o homem novas necessidades, relativas à posição social que ele ocupa. Foi necessário regulamentar os direitos e os deveres dessas posições por intermédio de leis humanas. No entanto, sob a influência de suas paixões, o homem criou direitos e deveres imaginários, rejeitados pela lei natural e que os povos apagam de seus códigos à medida que progridem. A lei natural é imutável e a mesma para todos; a lei humana é variável e progressiva; somente ela pode consagrar, na infância da Humanidade, o direito do mais forte.

796. A severidade das leis penais não é uma necessidade no estado atual da sociedade?

“Uma sociedade corrompida tem certamente necessidade de leis mais severas. Infelizmente, essas leis se destinam mais a punir o mal praticado do que lhe cortar a raiz. Apenas a educação pode reformar os homens que assim não terão necessidade de leis tão severas.”

797. Como o homem poderia ser persuadido a reformar suas leis?

“Isso ocorrerá naturalmente, por força das circunstâncias e pela influência das pessoas de bem que o conduzem pelas vias do progresso. Muitas já foram reformadas e muitas outras ainda o serão. Espere!”

Influência do Espiritismo sobre o progresso

798. O Espiritismo se tornará uma crença comum ou será apenas a de algumas pessoas?

“Certamente se tornará uma crença comum e marcará uma nova era na história da Humanidade, porque está na Natureza e chegou o tempo em que deve tomar seu lugar entre os conhecimentos humanos. No entanto, terá grandes lutas a sustentar, mais contra os interesses que contra a convicção, porque não é necessário ocultar que há pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por razões meramente materiais. Porém, os seus contraditores, insulando-se cada vez mais por força das circunstâncias, serão forçados a pensar como todos, sob pena de se tornarem ridículos.”^()*

As ideias só se transformam ao longo do tempo, e nunca de forma abrupta. Elas se enfraquecem de geração a geração e terminam por desaparecer com aqueles que as professavam e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como ocorre com relação às ideias políticas. Veja o paganismo: não há ninguém, com certeza, que professe nos dias atuais, as ideias religiosas daqueles tempos. No entanto, vários séculos após o advento do Cristianismo, ainda havia traços que somente a completa renovação das raças pode apagar. O mesmo se dará com o Espiritismo; ele faz muito progresso, mas haverá ainda, durante duas ou três gerações, manifestações de incredulidade que só o tempo dissipará. Contudo, sua marcha será mais rápida que a

^(*) Questão 798 – Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

do Cristianismo, porque é este que lhe abre os caminhos sobre os quais aquele se desenvolverá. O Cristianismo teve que destruir; o Espiritismo tem apenas que construir.

799. Por que meios pode o Espiritismo contribuir para o progresso?

“Ao destruir o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz os homens compreenderem onde estão os seus verdadeiros interesses. Por não estar mais velada pela dúvida, o conhecimento da vida futura será apreendido pelo homem, que entenderá que pode assegurar o seu futuro pelo próprio presente. Ao destruir os preconceitos de seita, casta e cor, o Espiritismo ensina aos homens a grande solidariedade que deve uni-los como irmãos.”

800. Não é de temer que o Espiritismo não triunfe sobre a indiferença dos homens e o seu apego às coisas materiais?

“Seria conhecer bem pouco os homens pensar que uma causa qualquer pudesse transformá-los como por encanto. As ideias se modificam gradualmente, com os indivíduos e são necessárias gerações para apagar completamente os traços de velhos hábitos. A transformação pode, portanto, operar-se apenas ao longo do tempo, gradativamente. A cada geração, uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo vem rasgá-lo de uma só vez. Mas mesmo que tivesse sobre um homem o efeito de corrigir-lhe apenas um só de seus defeitos, isso seria um passo que o faria dar e, por consequência, um grande bem, porque esse primeiro passo lhe tornaria os outros mais fáceis.”

801. Por que os Espíritos não ensinaram desde todos os tempos o que hoje ensinam?

“Não se ensina às crianças o que se ensina aos adultos e não se dá ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir. Cada coisa a seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou adulteraram, mas que agora podem compreender. Por seu ensinamento, mesmo incompleto, prepararam o terreno para receber a semente que vai agora frutificar.”

802. Visto que o Espiritismo deve marcar um progresso à Humanidade, por que os Espíritos não aceleram esse progresso por meio de manifestações de tal modo ostensivas e generalizadas, que a convicção seja levada aos mais incrédulos?

“Isto significa o anseio por milagres. Entretanto, Deus os semeia abundantemente sob seus passos e há ainda homens que os negam. O Cristo,

pessoalmente, convenceu os seus contemporâneos pelos prodígios que realizou? Não se veem ainda hoje os homens negarem os fatos mais patentes que se passam sob os seus olhos? Não há os que não acreditariam, mesmo que vissem? Não, não é por intermédio de prodígios que Deus conduzirá os homens. Em sua bondade, ele quer deixar-lhes o mérito de se convencerem pela razão. ”

LEI DE IGUALDADE

Igualdade natural

803. Todos os homens são iguais perante Deus?

“Sim, todos se inclinam para o mesmo objetivo e Deus fez as suas leis para todos. Costuma-se dizer frequentemente: “O Sol brilha para todos”; com isso, fala-se uma verdade maior e mais ampla do que se imagina.”

Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores; o corpo do rico passa pelo mesmo processo de destruição que o do pobre. Deus não concedeu, portanto, superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte: são todos iguais diante dele.¹

Desigualdades de aptidões

804. Por que Deus não concedeu as mesmas aptidões a todos os homens?

“Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um individualmente viveu mais ou menos tempo e, por conseguinte, granjeou maior ou menor número de aquisições. A diferença está no grau de experiência e na vontade,

¹ O ideal sociológico de igualdade absoluta é utópico. Os Espíritos se referem à igualdade absoluta de direitos da criatura perante Deus, que concede a todos os seus filhos as mesmas oportunidades de crescimento e evolução, por meio do trabalho e do esforço individual. Assim é também com relação à igualdade de direitos e deveres entre o homem e a mulher, embora desempenhem papéis e funções diferentes na Terra. Kardec discorre mais amplamente sobre o assunto em *Obras Póstumas*, item Liberdade, Igualdade, Fraternidade. (N. do E.)

que é o livre-arbítrio. Daí sucede que uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas. A união de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa cooperar para os desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, o outro faz; é desta forma que cada um tem a sua possibilidade de ser útil. Outro aspecto é que, sendo os mundos solidários entre si, é necessário que os habitantes desses mundos superiores, cuja criação deu-se antes da Terra, venham aqui habitar para dar-lhes o exemplo.” (Ver questão 361.)

805. Ao passar de um mundo superior a um inferior, o Espírito conserva as faculdades adquiridas em sua totalidade?

“Sim, já o dissemos. O Espírito que progrediu não regride mais. Ele pode escolher, quando no estado de Espírito, um envoltório mais rude ou uma posição mais precária que a anterior, mas sempre para servir-lhe de ensinamento e ajudá-lo a progredir.” (Ver questão 180.)

Assim, a diversidade de aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento ao qual tenha chegado como Espírito. Portanto, Deus não criou a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento se mantivessem em contato, a fim de que os mais evoluídos pudessem ajudar no progresso dos mais atrasados e, também, a fim de que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que deve uni-los.

Desigualdades sociais

806. A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?

“Não, ela é obra do homem e não de Deus.”

806a. Essa desigualdade desaparecerá um dia?

“De eterno, apenas as leis de Deus. Não vê desaparecer essa desigualdade, pouco a pouco, a cada dia? Ela desaparecerá com a predominância do orgulho e do egoísmo, restando somente a desigualdade do mérito. Um dia chegará em que os membros da grande família dos filhos de Deus não se olharão mais como de sangue mais ou menos puro, pois somente o Espírito é mais puro ou menos puro e isso não depende da posição social.”

807. O que pensar dos que abusam da superioridade de sua posição social para oprimir o fraco em seu proveito?

“Merecem ser lamentados, infelizes que são. Serão oprimidos a seu turno, e renascerão numa existência em que sofrerão tudo o que fizeram sofrer.”
(Ver questão 684.)

Desigualdades das riquezas

808. A desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das faculdades que dão a uns mais meios de adquiri-las que a outros?

“Sim e não. O que dizer, então, da astúcia e do roubo?”

808a. Entretanto, a riqueza hereditária seria o fruto de más paixões?

“O que se sabe a respeito? Remonte à origem e verá se ela é sempre pura. É de seu conhecimento se, em suas origens, não foi o fruto de uma espoliação ou de uma injustiça? Mas sem falar da origem, que pode ser má, é possível acreditar que a cobiça pelos bens, mesmo honestamente adquiridos, os desejos secretos que se alimentam de possuí-los o mais cedo possível, sejam sentimentos louváveis? É isso o que Deus julga e asseguro-lhe que o seu julgamento é mais severo que o dos homens.”

809. Os herdeiros que herdaram uma fortuna mal adquirida serão por isso responsáveis?

“Decerto não são responsáveis pelo mal que outros fizeram, sobretudo se podem ignorá-lo, mas saiba que, muitas vezes, uma fortuna se destina a um homem para dar-lhe a oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz daquele que o compreender! E, se o fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta para ambos porque frequentemente é sempre este último quem a provoca.”

810. Podemos dispor de nossos bens de uma maneira mais ou menos equitativa, sem fraudar a legalidade. Quem assim procede é responsável, depois da morte, pelas disposições testamentárias?

“Toda ação traz seus frutos. Os frutos das boas ações são doces; os das outras são sempre amargos. Entendam bem isso, sempre.”

811. A igualdade absoluta das riquezas é possível e existiu alguma vez?

“Não, não é possível. A diversidade das faculdades e caracteres opõe-se a isso.”

811a. Há homens, no entanto, que acreditam estar aí o remédio para os males da sociedade. Qual o seu parecer a respeito?

“São sistemáticos ou ambiciosos e invejosos. Não compreendem que a igualdade que almejam seria logo rompida pela força das circunstâncias. Combatam o egoísmo, pois aí está a chaga de sua sociedade e não corram atrás de quimeras.”

812. Se a igualdade de riquezas não é possível, dá-se o mesmo com o bem-estar?

“Não, mas o bem-estar é relativo e cada um poderia desfrutá-lo, se todos se entendessem bem. Porque o verdadeiro bem-estar consiste no emprego do tempo de acordo com sua vontade e não em trabalhos pelos quais não se tem nenhum gosto. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo, é o homem que o perturba.”

812a. Será possível que todos venham a se entender?

“Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça.”

813. Há pessoas que caem nas privações e na miséria por sua própria responsabilidade. Neste caso, a sociedade pode ter uma parcela de culpa?

Sim. Temos dito que ela é quase sempre a causa primeira dessas faltas, pois não deveria velar pela educação moral de seus membros? Quase sempre é a má educação que falseia o seu critério, em lugar de anular-lhes as tendências perniciosas.” (Ver questão 685.)

Riqueza e miséria como provas

814. Por que Deus concedeu a alguns a riqueza e o poder e a outros a miséria?

“Para prová-los, cada um de uma maneira diferente. Aliás, já é de seu conhecimento que essas provas são escolhidas pelos próprios Espíritos, que quase sempre sucumbem.”

815. Qual das duas provas é a mais perigosa para o homem, a do infortúnio ou a da riqueza?

“Tanto uma quanto a outra. A miséria provoca queixumes contra a Providência; a riqueza estimula todos os excessos.”

816. Se o rico sofre mais tentações, não possui também os meios de fazer o bem?

“É justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Suas necessidades aumentam com a fortuna e julga não ter o suficiente para si mesmo.”

A posição social elevada neste mundo e a autoridade sobre os semelhantes são provas tão grandes e tão arriscadas quanto o infortúnio, pois, quanto mais rico e poderoso, *mais o homem tem obrigações a cumprir*, maiores os meios de que dispõe para fazer o bem ou o mal. Deus prova o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e de seu poder.

A riqueza e o poder estimulam todas as paixões que nos prendem à matéria e nos distanciam da perfeição espiritual. Foi por isso que Jesus disse: *“Em verdade vos digo, é mais fácil um camelo passar pela abertura de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus²”*. (Ver questão 266.)

Igualdade de direitos do homem e da mulher

817. O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?

“Deus não concedeu a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818. De onde provém a inferioridade moral da mulher em certas regiões?

“Do predomínio injusto e cruel que o homem exerceu sobre ela. É resultante das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Nos homens moralmente pouco adiantados, a força é o direito.”

819. Com que objetivo a mulher é fisicamente mais fraca do que o homem?

“Para lhe assinalar funções particulares. O homem destina-se aos trabalhos rudes, porque é mais forte; a mulher, aos trabalhos suaves; e ambos para se auxiliarem reciprocamente nas provas da vida.”

² Marcos, 10:25, e Lucas, 18:25. (N. do E.)

820. A fragilidade física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

“Deus deu a uns a força para proteger o fraco e não para escravizá-lo.”

Deus apropriou o organismo de cada ser às funções que ele deve cumprir. Se deu à mulher uma força física menor, dotou-a ao mesmo tempo de uma maior sensibilidade em relação à delicadeza das funções maternas e à fragilidade dos seres colocados sob seus cuidados.

821. As funções às quais a mulher está destinada pela Natureza têm uma importância tão grande como as que são atribuídas ao homem?

“Sim, e maior, pois é ela que lhe dá as primeiras noções da vida.”

822. Os homens, sendo iguais diante da lei de Deus, devem sê-lo igualmente perante as leis humanas?

“Este é o primeiro princípio da justiça: ‘Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam’.”³

822a. De acordo com esse princípio, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher?

“De direitos sim; de funções, não. É necessário que cada um tenha um lugar determinado; que o homem se ocupe dos assuntos externos e a mulher do lar. Cada qual, segundo suas aptidões. A lei humana, para ser justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher. Todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher segue o progresso da civilização; sua escravização anda com a barbárie. Aliás, os sexos existem apenas na organização física, pois os Espíritos podem tomar uma ou outra forma, não havendo diferenças entre eles a esse respeito. Consequentemente, devem desfrutar dos mesmos direitos.”

Igualdade diante do túmulo

823. De onde vem o desejo de perpetuar a própria memória nos monumentos fúnebres?

“Último ato de orgulho.”

³ Mateus, 7:12. (N. do E.)

823a. Mas a suntuosidade dos monumentos fúnebres não é quase sempre feita pelos parentes que querem honrar a memória do falecido e não por vontade deste?

“Orgulho dos parentes que querem glorificar-se a si mesmos. Oh! sim, nem sempre é em honra do morto que se fazem todas essas demonstrações, mas por vaidade, por consideração ao mundo e para exhibir a sua riqueza. É de se acreditar que a lembrança de um ser querido seja menos durável no coração do pobre, que tem condições de colocar apenas uma flor sobre sua tumba? Crê que o mármore salve do esquecimento aquele que foi inútil na Terra?”

824. Os Espíritos reprovam então, de maneira absoluta, as pompas fúnebres?

“Não; quando homenageiam a memória de um homem de bem, são justas e dão um bom exemplo.”

O túmulo é o lugar de encontro de todos os homens. Ali terminam impiedosamente todas as distinções humanas. É em vão que o rico tenta perpetuar a sua memória por meio de faustosos monumentos: o tempo os destruirá como aos seus corpos; assim o quer a Natureza. A lembrança de suas boas e más ações será menos precíval que seu túmulo; a pompa dos funerais não o lavará de suas torpezas e não o fará subir sequer um degrau na hierarquia espiritual. (Ver questão 320 e as seguintes.)

LEI DE LIBERDADE

Liberdade natural

825. Existem posições no mundo em que o homem possa se gabar de desfrutar de uma liberdade absoluta?

“Não, porque todos têm necessidade uns dos outros, tanto os pequenos como os grandes.”

826. Qual seria a condição na qual o homem pudesse desfrutar de uma liberdade absoluta?

“A do eremita num deserto. Desde que haja dois homens juntos, há direitos a respeitar e não terão eles, por consequência, liberdade absoluta.”

827. A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o direito de ser senhor de si?

“Absolutamente, porque é um direito que lhe vem da Natureza.”

828. Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o seu frequente despotismo no próprio lar e com os seus subordinados?

“Eles compreendem a lei natural, mas essa compreensão é contrabalançada pelo orgulho e o egoísmo. Sabem o que devem fazer, quando não transformam seus princípios numa comédia calculada, mas não o fazem.”

828a. Os princípios professados nesta vida serão levados em conta na outra?

“Quanto mais inteligência o homem possua para compreender um princípio, menos desculpável será por não aplicá-lo a si mesmo. Em verdade, eu lhes digo que o homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que aparenta ser o que não é.”

Escravidão

829. Há homens destinados a ser propriedade de outros homens?

“Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força; ela desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos.”

A lei humana que consagra a escravidão é antinatural, porque assemelha o homem ao bruto e o degrada moral e fisicamente.

830. Quando a escravidão pertence aos costumes de um povo, aqueles que a professam são repreensíveis, visto apenas conformarem-se com um uso que lhes parece natural?

“O mal é sempre o mal; todos os seus sofismas não farão que uma má ação torne-se boa. Mas a responsabilidade do mal é relativa aos meios de que se dispõe para compreendê-lo. Aquele que tirar proveito da lei da escravidão é sempre culpável de uma violação da lei natural. Mas nisso, como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. Sendo a escravidão um costume entre certos povos, o homem pode praticá-la de boa-fé, como uma coisa que lhe parece natural. Mas desde que sua razão, mais desenvolvida e sobretudo esclarecida pelas leis do Cristianismo mostrou-lhe no escravo um seu igual perante Deus, não há mais desculpas.”

831. A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças sob a dependência de raças mais inteligentes?

“Sim, para elevá-las e não para embrutecê-las ainda mais na servidão. Durante longo tempo, os homens consideravam certas raças humanas como animais domesticáveis, munidos de braços e mãos e se julgaram no direito de vendê-los como animais de carga. Acreditaram ter sangue mais puro. Insensatos que não enxergam além da matéria! Não é o sangue que deve ser mais ou menos puro, mas o Espírito.” (Ver as questões 361 e 803.)^()*

832. Há homens que tratam seus escravos com Humanidade; que não lhes deixam faltar nada e pensam que a liberdade os exporia a mais privações. Que dizer disso?

“Digo que compreendem melhor seus próprios interesses. Eles têm também grande cuidado com seus bois e cavalos a fim de tirarem melhor e mais

^(*) Questão 831 – Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

proveito no mercado. Não são culpados como aqueles que os maltratam, mas nem por isso deixam de usá-los como mercadorias, privando-os do direito de se pertencerem a si mesmos.”

Liberdade de pensamento

833. Há no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e lhe permita desfrutar de uma liberdade absoluta?

“É pelo pensamento que o homem desfruta de uma liberdade sem limites, porque o pensamento não conhece obstáculos. Pode impedir-se a sua manifestação, mas não aniquilá-lo.”

834. O homem é responsável pelo seu pensamento?

“É responsável perante Deus. Só Deus, podendo conhecê-lo, condena-o ou absolve-o segundo a sua justiça.”

Liberdade de consciência

835. A liberdade de consciência é uma consequência da liberdade de pensar?

“A consciência é um pensamento íntimo que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.”

836. O homem tem o direito de entrar a liberdade de consciência?

“Não mais do que à liberdade de pensar, porque só a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Se o homem regula por suas leis as relações entre os seres humanos, Deus, por meio de suas leis naturais regula as relações do homem com Deus.”

837. Qual é o resultado dos entraves à liberdade de consciência?

“Constranger os homens a agir de modo diferente do que pensam é torná-los hipócritas. A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso.”

838. Toda crença é respeitável, ainda que notoriamente falsa?

“Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem. As crenças reprováveis são as que conduzem ao mal.”

839. Somos repreensíveis por escandalizar em sua crença aquele que não pensa como nós?

“É faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensamento.”

840. Opor entraves às crenças que podem perturbar a sociedade é atentar contra a liberdade de consciência?

“Podemos reprimir os atos, mas a crença íntima é inacessível.”

Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando esses atos acarretam qualquer prejuízo a outrem, não é atentar contra a liberdade de consciência, porque essa repressão deixa à crença sua inteira liberdade.

841. Devemos, por respeito à liberdade de consciência, deixar propagarem-se as doutrinas perniciosas ou podemos, sem atentar contra essa liberdade, procurar conduzir ao caminho da verdade aqueles que se desviaram para falsos princípios?

“Certamente se pode e mesmo se deve; mas, ensinam, a exemplo de Jesus, pela doçura e persuasão e não pela força, o que seria pior que a própria crença daquele a quem se quer convencer. Se há alguma coisa que possa ser imposta é o bem e a fraternidade. Mas não acreditamos que o meio de fazê-lo seja com violência. A convicção não se impõe.”

842. Por quais sinais pode-se reconhecer uma doutrina que tenha o direito de se apresentar como a única que expressa a verdade, já que todas têm tal pretensão?

“Essa será a que forma a maioria dos homens de bem e menos hipócritas, ou seja, que pratiquem a lei de amor e caridade na sua maior pureza e em sua mais ampla aplicação. Por esse sinal, se reconhece que uma doutrina é boa, porque toda doutrina que tenha por consequência semear a desunião e estabelecer uma demarcação entre os filhos de Deus só pode ser falsa e perniciosa.”

Livre-arbítrio

843. O homem tem livre-arbítrio em seus atos?

“Se tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina.”

844. O homem desfruta do livre-arbítrio desde o nascimento?

“Ele possui a liberdade de agir, desde que tenha vontade de fazê-lo. Nos

primeiros instantes de vida, a liberdade é quase nula. Ela se desenvolve e muda de objetivo com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação às necessidades da sua idade, aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.”

845. As predisposições instintivas que o homem traz ao nascer não são um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

“As predisposições instintivas são as do Espírito antes da encarnação. Segundo o seu grau de adiantamento, elas podem incitá-lo a atos repreensíveis no que será secundado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições; mas não há arrastamento irresistível quando se tem a vontade de resistir. Lembrem-se de que querer é poder.” (Ver questão 361.)

846. O organismo não influi sobre os atos da vida? E se tem alguma influência, não é com prejuízo do livre-arbítrio?

“O Espírito é certamente influenciado pela matéria, a qual lhe pode entrar as manifestações. Eis por que, nos mundos em que os corpos são menos materiais que os da Terra, as faculdades se desenvolvem mais livremente; entretanto, o instrumento não dá faculdades ao Espírito. De resto, é necessário distinguir aqui as faculdades morais das faculdades intelectuais. Se um homem tem o instinto do assassinio, é, indubitavelmente, o seu próprio Espírito quem o possui e que lhe transmite, não os seus órgãos. Aquele que aniquila o seu pensamento para ocupar-se apenas da matéria faz-se semelhante ao bruto e ainda pior, porque não pensa mais em se prevenir contra o mal. É nisso que ele se torna faltoso, pois assim age por sua própria vontade.” (Ver questão 367 e as seguintes – Influência do organismo.)

847. A alteração das faculdades tira ao homem o livre-arbítrio?

“Aquele cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer já não é senhor de seu próprio pensamento e, desde então, não tem mais liberdade. Tal alteração é, muitas vezes, uma punição para o Espírito que, em anterior existência, pode ter sido vão e orgulhoso e ter feito mau uso de suas faculdades. Pode renascer no corpo de um idiota¹, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o

¹ Para a expressão **idiota**, reportar-se à Nota nº 3 da questão 371. (N. do E.)

Espírito tem perfeita consciência e sofre com esse constrangimento, do qual tem perfeita consciência. É nisso que está a ação da matéria.” (Ver questão 371 e as seguintes.)

848. A alteração das faculdades intelectuais provocada pela embriaguez desculpa os atos repreensíveis?

“Não, porque a embriaguez é a privação voluntária da razão para satisfazer paixões brutais. Em lugar de uma falta, o ébrio comete duas.”

849. Qual é a faculdade dominante no homem em estado selvagem: o instinto ou o livre-arbítrio?

“O instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade, no tocante a certas coisas. Mas, como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a inteligência. Portanto, a pessoa que é mais esclarecida que um selvagem é mais responsável que ele, pelo que faz.”

850. A posição social não é, em geral, um obstáculo à inteira liberdade de ação?

“O mundo tem, sem dúvida, as suas exigências. Deus é justo e tudo leva em conta, mas deixa-lhes a responsabilidade pelos poucos esforços que fazem para superar os obstáculos.”

Fatalidade

851. Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme o sentido que se dá a essa palavra, ou seja, todos os acontecimentos são predeterminados? Nesse caso, em que consiste o livre-arbítrio?

“A fatalidade existe apenas no que diz respeito à escolha que faz o Espírito, ao se encarnar, de sofrer tal ou qual prova. Ao escolhê-la, ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que se encontra. Refiro-me às provas de natureza física, porque, no tocante às provas morais e às tentações, o Espírito conserva o seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal e é sempre senhor de ceder ou de resistir. Um bom Espírito, ao vê-lo fraquejar, pode vir em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele de maneira a senhorear-lhe a vontade. Um mau Espírito, quer dizer, inferior, ao mostrar-lhe ou exagerar um perigo físico, pode abalá-lo e assustá-lo, mas a vontade do Espírito encarnado não fica por isso menos livre de qualquer entrave.”

852. Há pessoas que a fatalidade parece segui-las, malgrado a sua maneira de agir. Está a infelicidade em seu destino?

“São, talvez, provas que devem sofrer e que elas próprias escolheram; mas, ainda uma vez, tomam por destino aquilo que é, na maioria das vezes, apenas consequência de sua própria falta. Em meio aos males que o afligem, cuide que sua consciência esteja pura e estará em parte consolado.”

As ideias justas ou falsas que fazemos das coisas nos fazem vencer ou fracassar, segundo o nosso caráter e a nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante para o nosso amor-próprio atribuir nossos fracassos à sorte ou ao destino que às nossas próprias falhas. Se a influência dos Espíritos contribui em algumas ocasiões para tanto, podemos sempre subtrair-nos a ela, repelindo as más ideias que nos sugerem.

853. Certas pessoas escapam de um perigo mortal para cair em outro; afigura-se não poderem escapar à morte. Não há nisso fatalidade?

“Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, apenas o instante da morte. O homem não pode subtrair-se a este momento, quer ele surja por um meio ou por outro.”

853a. Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameaça, não morreremos se a nossa hora não chegou?

“Não, não perecerá, e existem milhares de exemplos disso. Mas quando a sua hora chegar, nada poderá subtrair-lo. Deus sabe antecipadamente qual o gênero de morte pelo qual partirá daqui e, quase sempre, o seu Espírito também o sabe, pois isso lhe foi revelado quando fez a escolha desta ou daquela existência.”

854. Desta forma devemos concluir que as precauções que se toma para evitá-la são inúteis?

“Não, porque as precauções tomadas são-lhes sugeridas, visando evitar a morte que os ameaça. Elas são um dos meios para que não ocorra.”

855. Qual o objetivo da Providência ao fazer-nos correr perigos que não devem ter consequências?

“Quando a vida de alguém está em perigo, é essa uma advertência, solicitada pela própria pessoa, a fim de desviar-se do mal e tornar-se melhor. Ao escapar desse perigo e ainda sob a sua influência, reflexiona com maior ou menor intensidade sob a ação dos Espíritos bons, em tornar-se melhor. O mau Espírito,

retornando a tentação (digo mau, supondo o mal que ainda nele exista), pensa que escapará da mesma forma a outros perigos e permite-se, novamente, envolver-se em suas paixões. Pelos perigos que corre, Deus recorda-lhes a própria fraqueza e a fragilidade de sua existência. Se examinarmos a causa e a natureza do perigo veremos, quase sempre, que as consequências foram a punição de uma falta cometida ou de um dever negligenciado. Deus adverte-os, assim, para refletirem sobre si mesmos e emendarem-se.” (Ver as questões de 526 a 532.)

856. O Espírito sabe, com antecedência, o gênero de morte que irá sofrer?

“Ele sabe que o gênero de vida por ele escolhido o expõe mais a um determinado tipo de morte do que de outro. Mas sabe, igualmente, quais as lutas que terá de sustentar para o evitar e que, se Deus o permitir, não sucumbirá.”

857. Há homens que enfrentam os perigos do combate com a convicção de que a sua hora ainda não chegou. Há algum fundamento nessa confiança?

“Com muita frequência, o homem tem o pressentimento do seu fim, como pode ter o de que ainda não morrerá. Esse pressentimento lhe vem de seus Espíritos protetores, que desejam adverti-lo para que esteja pronto para partir ou o encorajam nos momentos em que se faz necessário. Pode vir-lhe, ainda, da intuição que tem da existência que escolheu, ou da missão que aceitou e sabe que deve cumprir.” (Ver as questões 411 e 522.)

858. Aqueles que presentem a própria morte geralmente a temem menos que os outros. Por quê?

“É o homem que teme a morte, não o Espírito. Aquele que a presente pensa mais como Espírito que como homem. Compreende a sua libertação e a espera.”

859. Se a morte não pode ser evitada quando deve acontecer, ocorre o mesmo com todos os acidentes no decurso de nossa vida?

“São, geralmente, fatos de menor importância dos quais podemos preveni-los, dirigindo o seu pensamento no sentido de os evitar, pois não gostamos do sofrimento material. Mas isso é pouco importante para a vida que escolheram. A fatalidade, na verdade, não consiste senão em dois momentos: o do surgimento e o do desaparecimento deste mundo.”

859a. Há fatos que necessariamente devem ocorrer e que a vontade dos Espíritos não pode conjurar?

“Sim, mas que o homem, no estado de Espírito, viu e pressentiu ao fazer a sua escolha. No entanto, não acredite que tudo o que acontece esteja escrito, como se diz. Um acontecimento é quase sempre a consequência de uma coisa que fez por um ato de sua livre vontade, de tal forma que, se não houvesse praticado aquele ato, o acontecimento não teria lugar. Se ocorre de queimar o dedo, isso é apenas a consequência de sua imprudência e da condição da matéria. Somente as grandes dores, os acontecimentos importantes, capazes de influir na sua evolução moral, são previstos por Deus, porque são úteis à sua depuração e instrução.”

860. O homem, por sua vontade e seus atos, pode interferir nos acontecimentos que deveriam realizar-se e vice-versa?

“Pode, desde que esse desvio aparente possa caber na ordem geral da vida que ele mesmo escolheu. Além disso, para fazer o bem, como é do seu dever e único objetivo na vida, ele pode impedir o mal, sobretudo aquele que possa contribuir para um mal ainda maior.”

861. O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que se tornará um assassino?

“Não. Sabe que, escolhendo uma vida de lutas, terá a probabilidade de matar um de seus semelhantes, mas ignora se o fará ou não, porque estará quase sempre nele próprio a deliberação de cometer o crime. Ora, aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de fazê-la ou não. Se o Espírito soubesse com antecedência que, como homem, cometeria um assassinato, então estaria predestinado a isso. Saibam, portanto, que não há ninguém predestinado ao crime e que todo crime ou ato é sempre o resultado da vontade e do livre-arbítrio. De resto, há sempre um equívoco entre duas coisas bem distintas: os acontecimentos materiais da vida e os atos da vida moral. Se há fatalidade, às vezes, é apenas no tocante aos acontecimentos materiais, cuja causa está fora dos homens e que são independentes de sua vontade. Quanto aos atos da vida moral, emanam sempre do próprio homem, que tem sempre, por conseguinte, a liberdade de escolha. Para esses atos, portanto, não há jamais fatalidade.”

862. Há pessoas que nunca conseguem êxito na vida e que um mau gênio parece perseguir, em todas as suas ações. Podemos chamar a isto fatalidade?

“Se quiser chamá-la assim, poderá ser uma fatalidade, mas decorrente da escolha do gênero de existência. Essas pessoas quiseram ser provadas por uma vida de decepções, com o intuito de exercerem a sua paciência e a sua resignação. No entanto, não creiam que seja isso o que acontece. Quase sempre é apenas o resultado de haverem elas tomado uma via errada, que não está de acordo com a sua inteligência nem com as suas aptidões. Para aquele que quer atravessar um rio a nado sem saber nadar, há uma grande probabilidade de se afogar. Assim ocorre com a maior parte dos acontecimentos da vida. Se o homem empreendesse apenas aquilo que está relacionado às suas faculdades, triunfaria quase sempre. O que o perde é seu amor-próprio e a sua ambição, que o desviam do caminho que lhe é próprio e o fazem tomar por vocação o que não passa de desejo de satisfazer certas paixões. Então, fracassa por sua culpa. Entretanto, em lugar de reconhecer o erro, prefere acusar a sua má estrela. Há aquele que teria sido um bom operário, ganhando honradamente a vida, mas se fez um mau poeta e morre de fome. Haveria lugar para todos se cada um soubesse ocupar o seu lugar.”

863. Os costumes sociais não obrigam, em algumas ocasiões, um homem a seguir um determinado caminho errado? Não está ele submetido às influências de opiniões alheias na escolha de suas ocupações? O que chamamos por respeito humano não é um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

“São os homens que fazem os costumes sociais e não Deus. Se a eles se submetem, é porque lhes convêm; isso é também um ato de livre-arbítrio, visto que, se quisessem, poderiam rejeitá-los. Então por que se lamentam? Não são os costumes sociais que devem acusar, mas o seu tolo amor-próprio, que os leva a preferir morrer de fome a infringi-los. Ninguém lhes toma contas desse sacrifício feito à opinião geral, enquanto Deus lhes pedirá conta do sacrifício feito à própria vaidade. Isso não significa que se deva afrontar a opinião sem necessidade, como certas pessoas que têm mais originalidade que de verdadeira filosofia. Tanto é despropositado mostrar-se como um animal curioso quanto é sensato

descer voluntariamente e sem queixumes, quando não se pode manter-se no alto da escala.”

864. Se há pessoas a quem a sorte é contrária, outras parecem favorecidas, pois tudo lhes corre bem. A que se deve atribuir isso?

“Geralmente, porque sabem melhor orientar-se. Mas isso pode ser, também, um gênero de prova. O sucesso as embriaga, elas se confiam ao seu destino e frequentemente pagam mais tarde esse sucesso com cruéis reveses, que poderiam ter evitado com um pouco de prudência.”

865. Como explicar a sorte de certas pessoas, favorecidas em circunstâncias que não dependam da vontade nem da inteligência, como no jogo, por exemplo?

“Certos Espíritos escolheram por antecipação determinadas espécies de prazer e a sorte que os favorece é uma tentação. Aquele que ganha como homem perde como Espírito. É uma prova para o seu orgulho e a sua cupidez.”

866. Desta forma, a fatalidade que parece presidir aos destinos do homem na vida material seria o resultado de nosso livre-arbítrio?

“A sua própria pessoa escolheu a sua prova. Quanto mais rude ela for, e mais bem suportada, mais condições lhe dará de elevar-se. Os que passam a vida na abundância e no bem-estar são Espíritos covardes que permanecem estacionários. Assim, o número de infelizes ultrapassa sobremaneira o dos felizes do mundo, visto que os Espíritos procuram, em sua maioria, as provas que lhes sejam mais proveitosas. Eles veem muito bem a futilidade de suas grandezas e prazeres. Aliás, a vida mais feliz é sempre agitada, sempre inquieta, apesar da ausência da dor.” (Ver questão 525 e as seguintes.)

867. De onde vem a expressão: nascido sob uma boa estrela?

“Velha superstição, que atribui às estrelas o destino de cada homem. Alegoria que certas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra.”

Conhecimento do futuro

868. O futuro pode ser revelado ao homem?

“Em princípio, o futuro lhe é ocultado e apenas em casos raros e excepcionais Deus lhe permite a revelação.”

869. Com que objetivo o futuro é ocultado ao homem?

“Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, pois seria dominado pelo pensamento de que se alguma coisa deve acontecer, não há porque ocupar-se dela ou então procuraria impedi-la. Deus não quis que assim fosse, a fim de que cada um pudesse concorrer para a realização dos acontecimentos, mesmo daqueles aos quais desejaria se opor. Desta forma, o homem mesmo prepara, muitas vezes sem se dar conta, os acontecimentos que sobrevirão no curso de sua vida.”

870. Visto que é útil que o futuro permaneça oculto, porque Deus permite, ocasionalmente, a sua revelação?

“É somente quando esse conhecimento antecipado deva facilitar o cumprimento dos acontecimentos, em vez de embarçá-lo, levando o homem a agir de maneira diferente do que o faria se não o tivesse. Além disso, muitas vezes, é uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode despertar pensamentos que sejam mais ou menos bons. Se um homem souber, por exemplo, que obterá uma herança com a qual não contava, poderá ser tomado pela cobiça, pela alegria de aumentar os seus prazeres terrenos, pelo desejo de obtê-la mais cedo, desejando a morte daquele que lha deve deixar; ou de outra forma, essa perspectiva despertará nele bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a previsão não se realizar, será outra prova: a da forma pela qual suportará a decepção. Mas não deixará por isso de ter um mérito ou demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença na previsão lhe provocou.”

871. Visto que Deus tudo sabe, não ignora se um homem sucumbirá ou não numa prova. Assim sendo, qual a necessidade dessa prova, uma vez que nada pode revelar a Deus sobre aquele homem?

“Isso equivale a perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e realizado (ver questão 119), por que o homem passa pela infância, antes de chegar à idade adulta (ver questão 379). A prova não tem por objetivo esclarecer a Deus sobre o mérito desse homem, porque Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas em deixar ao homem toda a responsabilidade de sua ação, uma vez que ele é livre para fazê-lo ou não. Tendo a condição de optar entre o bem e o mal, a prova tem por objetivo colocá-lo ante a tentação do mal, deixando-lhe todo o mérito da resistência. Ora, não obstante Deus

saiba muito bem, com antecedência, se ele vencerá ou fracassará, não pode, em sua justiça, puni-lo ou recompensá-lo por um ato que ele não tenha cumprido.” (Ver questão 258.)

É assim entre os homens. Por mais capaz que seja um aspirante, por mais certeza que se tenha de sua vitória, não se lhe confere nenhum grau sem o exame, o que quer dizer, sem prova. Do mesmo modo, o juiz não condena um acusado senão pela prova de um ato consumado e não pela previsão de que ele pode ou deve consumir esse ato.

Quanto mais se reflete sobre as considerações que resultariam para o homem o conhecimento do futuro, mais se vê como a Providência foi sábia ao ocultá-lo. A certeza de um acontecimento feliz o atiraria na inação; a de um episódio infeliz, ao desencorajamento; e tanto num como noutro caso, as suas forças seriam paralisadas. Eis por que o futuro não é mostrado ao homem senão como *um objetivo* que ele deve atingir por seus esforços, mas sem conhecer as vicissitudes pelas quais deve atravessar para atingi-lo. O conhecimento de todos os incidentes do caminho lhe tiraria a iniciativa e o uso do livre-arbítrio. Ele se deixaria arrastar pela fatalidade dos acontecimentos, sem exercitar as suas aptidões. Quando o sucesso de alguma coisa está assegurado, ninguém mais se preocupa com ela.

Resumo teórico da motivação das ações humanas

872. A questão do livre-arbítrio pode resumir-se desta maneira: o homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que pratica não “estavam escritos”; os crimes que comete não são o resultado de um decreto do destino. Ele pode, como prova e expiação, escolher uma existência em que se sentirá arrastado ao crime, seja pelo meio em que se encontra, seja pelas circunstâncias supervenientes, mas sempre é livre para agir como quiser. Assim, o livre-arbítrio existe no estado de Espírito, com a escolha da existência das provas e no estado corpóreo, com a faculdade de ceder ou resistir aos arrastamentos aos quais nos submetemos voluntariamente. Cabe à educação combater essas más tendências. Ela o fará, de maneira eficiente, quando estiver baseada

no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, poder-se-á modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e as condições físicas pela higiene.

O Espírito desligado da matéria, no estado errante, faz a escolha de suas futuras existências corporais, segundo o grau de perfeição que tenha alcançado. É nisso, como dissemos, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é anulada pela encarnação. Se ele cede às influências da matéria, é então que sucumbe ante as provas que ele mesmo escolheu. E é para ajudar a superá-las, que pode invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (Ver questão 337.)

Sem o livre-arbítrio, o homem não teria nenhuma responsabilidade com relação ao mal, nem mérito quanto ao bem e isso é de tal modo reconhecido que, de forma geral, sempre se proporciona a censura ou o elogio à intenção, o que quer dizer, à vontade. Ora, quem diz vontade diz liberdade. O homem não poderia, portanto, procurar desculpar as suas faltas, atribuindo-as ao seu corpo, sem abdicar de sua razão e de sua condição de ser humano, para assemelhar-se ao bruto. Se é assim para o mal, seria o mesmo para o bem. Mas, quando o homem faz o bem, tem grande cuidado em evidenciar o mérito ao seu favor e não de gratificar os seus órgãos pela ação praticada, o que prova que, instintivamente, ele não renuncia, malgrado a opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, tal como se entende vulgarmente, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importância. Se assim fosse, o homem seria uma máquina destituída de vontade. Para que lhe serviria a inteligência, se ele fosse invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pelo poder do destino? Tal doutrina, se verdadeira, representaria a destruição de toda liberdade para o homem, nem mal, nem crime, nem virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar a sua criatura pelas faltas que não dependiam dela, nem recompensá-la por virtudes de que não teria mérito. Uma lei pautada nessas condições seria ainda a negação da lei do progresso, porque

o homem que tudo esperasse da sorte nada faria para melhorar a sua posição, visto que não poderia torná-la melhor nem pior.

Entretanto, a fatalidade não é uma palavra vã. Ela existe no tocante à posição que o homem ocupa na Terra e às funções a ela inerentes, como consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu, como *prova, expiação* ou *missão*. Sofre ele, fatalmente, todas as vicissitudes dessa existência e todas as tendências, boas ou más, que lhe são próprias; mas a isso se reduz a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências. Os detalhes dos acontecimentos estão sujeitos às circunstâncias que ele mesmo provoque, por seus atos, e sobre os quais podem influir os Espíritos, pelos pensamentos que lhe sugerem. (Ver questão 459.)

A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam ao homem como consequência da escolha de existência feita pelo Espírito. Mas pode não estar no resultado desses acontecimentos, pois pode depender do homem modificar-lhes o curso pela prudência; *e jamais se encontra fatalidade nos atos da vida moral.*

É na morte que o homem está submetido, de maneira absoluta, à inexorável lei da fatalidade, porque não pode escapar ao decreto que fixa o termo de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper-lhe o curso.

Conforme a opinião geral, o homem possuiria nele próprio todos os seus instintos, que seriam oriundos, seja de sua organização física, pela qual ele não seria responsável, seja de sua própria natureza, na qual poderia encontrar uma desculpa para si mesmo, dizendo que não é sua culpa ter sido criado daquela forma. A Doutrina Espírita é evidentemente mais moral. Ela admite para o homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude e diz-lhe que, se ele pratica o mal, cede a uma má sugestão que lhe vem de fora: deixa-lhe toda a responsabilidade, porque lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse de lutar contra a sua própria natureza. Assim, segundo a Doutrina Espírita, não há arrastamentos irresistíveis: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que em seu foro íntimo, lhe induz ao mal, como pode fechar-se à voz material de alguém que lhe fale.

Pode, por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando, para essa finalidade, a assistência dos bons Espíritos. É o que Jesus nos ensinou na sublime forma da *oração dominical*, quando faz-nos dizer: “*Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*”².

Essa teoria que mostra a causa determinante dos nossos atos ressalta, com evidência, todos os ensinamentos dados pelos Espíritos; e não somente é sublime pela moralidade, mas acrescentaremos que eleva o homem aos seus próprios olhos, mostrando-o capaz de sacudir um jugo obsessor, como é livre de fechar a sua casa aos importunos. Desta forma, ele não é mais uma máquina, agindo por impulso, independente de sua vontade, mas é um ser dotado de razão, que ouve, julga e que escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, apesar disso, o homem não é privado de sua iniciativa. Não age menos por seu próprio impulso, pois, em definitivo, é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

As faltas que cometemos têm, portanto, sua origem primeira nas imperfeições de nosso próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral a que se destina, mas nem por isso é menos dotado de livre-arbítrio. A vida corpórea lhe é dada para depurar-se das imperfeições pelas provas que sofre. Essas são, precisamente, as imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que se aproveitam do fato para fazê-lo sucumbir na luta que empreendeu. Se vencer essa luta, ele se eleva; se perder, continua a ser o que era, nem melhor, nem pior. É uma prova a recomençar e para a qual poderá ainda demorar-se muito tempo na condição em que se encontra. Quanto mais ele se eleva, mais diminuem as suas fraquezas, tornando-se menos acessível àqueles que o solicitam para o mal. Sua força moral cresce na proporção de sua elevação, e os maus Espíritos dele se distanciam.

Todos os Espíritos mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como a nossa Terra é um dos mundos menos

² Mateus, 6:13 e Lucas, 11:4. (N. do E.)

avançados, nela se encontram mais Espíritos maus do que bons. Eis por que nela vemos tanta perversidade. Façamos, portanto, todos os esforços para não regressar a este mundo e para merecermos repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados em que o bem reina inteiramente e onde nos lembraremos de nossa passagem neste planeta como de um tempo de exílio.

LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE

Justiça e direitos naturais

873. O sentimento de justiça é natural ou resulta de ideias adquiridas?

“É de tal modo natural, que todos se revoltam com o pensamento de uma injustiça. Sem dúvida, o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem. Eis por que se encontram, muitas vezes, entre os homens simples e primitivos, noções mais exatas de justiça do que entre pessoas de muito saber.”

874. Se a justiça é uma lei natural, como se explica que os homens a entendam de maneiras tão diversas e que uns considerem justo o que a outros parece injusto?

“É que, geralmente, se mesclam paixões ao julgamento que modificam essa compreensão, como ocorre com a maior parte dos outros sentimentos naturais e fazendo ver as coisas sob um falso ponto de vista.”

875. Como se pode definir a justiça?

“A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um.”

875a. O que determina esses direitos?

“São determinados por duas coisas: a lei humana e a lei natural. Os homens têm criado leis pertinentes aos seus costumes e ao seu caráter, estabelecendo direitos que podem variar com o progresso. Verifiquem se as suas leis hoje, sem serem perfeitas, consagram os mesmos direitos dos

da Idade Média. Esses direitos superados, que lhes parecem monstruosos, pareciam justos e naturais à época. Portanto, o direito estabelecido pelos homens nem sempre é conforme à justiça. Só regulamentava algumas relações sociais, enquanto na vida privada há uma infinidade de atos que são da competência exclusiva do tribunal da consciência.”

876. Fora do direito consagrado pelas leis humanas, qual é a base da justiça edificada sobre a lei natural?

“O Cristo lhes disse: ‘Querer para os outros o que quereis para vós mesmos’¹. Deus pôs no coração do homem a regra de toda a verdadeira justiça, pelo desejo que cada um tem de ver respeitados os seus direitos. Na incerteza do que deve fazer ao seu semelhante em dada circunstância, o homem se pergunta como gostaria que agissem com ele. Deus não lhe poderia dar guia mais seguro que a sua própria consciência.”

O critério da verdadeira justiça é, com efeito, o de se querer para os outros aquilo que se quer para si mesmo, e não de querer para si o que se deseja para os outros, o que não é a mesma coisa. Como não é natural que se queira o próprio mal, ao tomarmos o desejo pessoal como regra ou ponto de partida, podemos estar certos de querer somente o bem ao próximo. Desde todas as épocas e em todas as crenças, o homem procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. *O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo.*

877. A necessidade de viver em sociedade acarreta para o homem obrigações particulares?

“Sim. A primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes; aquele que respeitar esses direitos será sempre justo. Em seu mundo, em que tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um usa de represálias e é isso o que provoca a perturbação e a confusão na sociedade. A vida social dá os direitos e impõe mútuos deveres.”

878. O homem pode iludir-se com respeito à amplitude de seus direitos. O que pode fazê-lo conhecer os seus limites?

“Os limites dos direitos que reconhece para os seus semelhantes em relação a ele, nas mesmas circunstâncias e de forma recíproca.”

¹ Lucas, 6:31. (N. do E.)

878a. Mas se cada um se atribui os direitos de seu semelhante, que virá a ser da subordinação em relação aos superiores? Não significa a anarquia de todos os poderes?

“Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior. Deus não fez uns de limo mais puro que outros e todos são iguais perante Ele. Esses direitos são eternos; os que o homem estabelece, perecem com suas instituições. Além disso, cada um sente a sua força ou a sua fraqueza e saberá ter sempre uma espécie de deferência por aquele que o merecer por suas virtudes e sabedoria. É importante acentuar isso, para que os que se julgam superiores conheçam os seus deveres e possam merecer essas deferências. A subordinação não estará comprometida quando a autoridade for conferida à sabedoria.”

879. Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

“O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, pois praticaria também o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não há a verdadeira justiça.”

Direito de propriedade. Roubo

880. Qual é o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

“O direito de viver. É por isso que ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer algo que possa comprometer a sua existência corporal.”

881. O direito de viver confere ao homem o direito de amealhar o que precisa para viver e repousar, quando não mais puder trabalhar?

“Sim, mas deve fazê-lo em comum, como a abelha, mediante trabalho honesto e não acumular como um egoísta. Certos animais lhe dão o exemplo dessa prudência.”

882. O homem tem o direito de defender o que amealhou pelo trabalho?

“Deus não disse: ‘Não roubarás’? E Jesus: ‘Dai a César o que é de César?’²”

² Mateus, 22:21 e Marcos, 12:17. (N. do E.)

O que o homem ajunta por um trabalho honesto é uma propriedade legítima, que ele tem o direito de defender, pois a propriedade que é fruto do trabalho é um direito natural tão sagrado quanto o de trabalhar e viver.

883. É natural o desejo de possuir?

“Sim. No entanto, quando o homem só deseja para si e para sua satisfação pessoal, é egoísmo.”

883a. O desejo de possuir será legítimo, para não se tornar um peso para ninguém?

“Há homens insaciáveis, que acumulam sem proveito para ninguém ou somente para satisfazer as suas paixões. É possível que isso seja bem visto por Deus? Ao contrário, aquele que ajunta por seu trabalho, tendo em vista ajudar os seus semelhantes, pratica a lei de amor e caridade e seu trabalho é abençoado por Deus.”

884. Qual é o caráter da propriedade legítima?

“Não há propriedade legítima a não ser aquela que foi adquirida sem prejuízo de outrem.” (Ver questão 808.)

A lei de amor e de justiça proíbe fazer ao outro o que não queremos que nos seja feito; condena, por esse mesmo princípio, todo meio de ganho que seja contrário a essa lei.

885. O direito de propriedade tem limites?

“Não há dúvidas de que tudo quanto é adquirido legitimamente é uma propriedade. Mas, como dissemos, a legislação dos homens, sendo imperfeita, consagra frequentemente direitos convencionais que a justiça natural reprovava. É por isso que modificam suas leis à medida que o progresso se realiza e que eles compreendem melhor a justiça. O que parece perfeito num século parecerá barbárie no século seguinte.” (Ver questão 795.)

Caridade e amor ao próximo

886. Qual é o verdadeiro sentido da palavra *caridade*, tal como a entende Jesus?

“Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão às ofensas.”

O amor e a caridade são complementos da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível e que desejaríamos nos fosse feito. Este é o sentido das palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como irmãos”.

A caridade, segundo Jesus, não está restrita à esmola; abrange todas as relações que temos com os nossos semelhantes, quer sejam inferiores, iguais ou superiores a nós. Ela nos determina ser indulgentes, porque temos necessidade da indulgência e proíbe-nos humilhar o infortúnio, contrariamente ao que geralmente se pratica. Se uma pessoa rica se nos apresenta, temos para com ela excessos de consideração e atenção; se é pobre, parece que não nos devemos incomodar com ela. Entretanto, quanto mais sua posição é lastimável, mais devemos evitar aumentar-lhe a infelicidade pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

887. Jesus disse também: “*Amai aos vossos inimigos*”³. Ora o amor por nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a animosidade não provém de uma ausência de simpatia entre os Espíritos?

“Sem dúvida, não se pode ter, para com os inimigos, um amor terno e apaixonado; não foi isso que Ele quis dizer. Amar os inimigos é perdoá-los e pagar-lhes o mal com o bem. É assim que nos tornamos superiores; pela vingança nos colocamos abaixo deles.”

888. O que pensar da esmola?

“O homem reduzido a pedir esmolas degrada-se moral e fisicamente: se embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça, a vida do fraco deve ser provida, sem humilhação para ele. Deve-se assegurar a existência daqueles que não podem trabalhar, sem deixá-los à mercê do acaso e da boa vontade.”

888a. Desta forma a esmola é condenável pelos Espíritos?

“Não, não é a esmola que é condenável, mas quase sempre a maneira como é concedida. O homem de bem, que compreende a caridade segundo

³ Mateus, 5:44 e Lucas, 6:35. (N. do E.)

Jesus, vai ao encontro da criatura infeliz, sem esperar que esta lhe estenda a mão.

A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente; está tanto no ato quanto na maneira de praticá-la. Um serviço prestado com delicadeza tem duplo valor; se o for com altivez, a necessidade pode fazê-lo aceito, mas o coração pouco será tocado.

Lembrem-se também de que a ostentação apaga aos olhos de Deus o mérito do benefício. Jesus disse: ‘Que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita ⁴’. Desta forma, Ele lhes ensina a não macular a caridade pelo orgulho.

É necessário distinguir a esmola, propriamente dita, da beneficência. O mais necessitado nem sempre é o que pede. O temor da humilhação retém o verdadeiro pobre que, muitas vezes, sofre sem reclamar. É a esse que o homem verdadeiramente humano sabe assistir sem ostentação.

Amem-se uns aos outros, eis toda a lei; lei divina pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Não esqueçam jamais que o Espírito, qualquer que seja seu grau de adiantamento, sua situação como reencarnado ou na erraticidade, está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa e um inferior perante o qual tem deveres iguais a cumprir. Sejam, portanto, caridosos; não somente dessa caridade que os leva a tirar de seus bolsos o óbolo que dão friamente àquele que ousa pedir-lhes, mas dirijam-se ao encontro das misérias ocultas. Sejam indulgentes para com os erros de seus semelhantes. Em lugar de menosprezar a ignorância e o vício, instrua-os e moralize-os. Sejam afáveis e benevolentes para com todos os que lhes são inferiores; sejam-no mesmo para com os mais ínfimos seres da criação e terão obedecido à lei de Deus.”

(São Vicente de Paulo)⁵

889. Não há homens reduzidos à mendicância por sua própria responsabilidade?

⁴ Mateus, 6:3. (N. do E.)

⁵ Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

“Sem dúvida, mas se uma boa educação moral lhes tivesse ensinado a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos que lhes causaram a perda. É disso, sobretudo, que depende o melhoramento do seu planeta.”
(Ver questão 707.)

Amor materno e filial

890. O amor materno é uma virtude ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?

“É tanto um quanto outro. A Natureza dotou a mãe do amor pelos filhos, no interesse de sua conservação. Mas no animal esse amor é restrito às necessidades materiais; cessa quando os cuidados se tornam desnecessários. No homem, ele persiste por toda a vida e comporta um devotamento e uma abnegação que constituem virtudes. Sobrevive mesmo à morte, acompanhando o filho além da vida material. Vejam bem que há nele alguma coisa mais do que no animal.” (Ver as questões 205 e 385.)

891. Se o amor materno é natural, por que há mães que odeiam os filhos e muitas vezes desde o nascimento?

“É por vezes uma prova escolhida pelo Espírito do filho ou uma expiação, se ele tiver sido um mau pai, mãe ruim ou mau filho em outra existência (Ver questão 392). Em todos esses casos, a mãe ruim não pode ser animada senão por um mau Espírito, que trata de entravar os passos do filho a fim de que ele sucumba ante a prova desejada. Contudo, essa violação das leis naturais não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que houver superado.”

892. Quando os pais têm filhos que lhes causam desgostos, não são perdoados de não ter por eles a ternura que teriam em caso contrário?

“Não, porque é um encargo que lhes foi confiado e sua missão é fazer todos os esforços para conduzi-los ao bem (Ver as questões 582 e 583.). De outra forma, essa responsabilidade é frequentemente a consequência dos maus costumes que os deixaram seguir desde o berço: colhem, então, o que semearam.”

PERFEIÇÃO MORAL

As virtudes e os vícios

893. Qual a mais meritória de todas as virtudes?

“Todas as virtudes têm o seu mérito, porque todas indicam progresso no caminho do bem. Haverá virtude sempre que houver resistência voluntária ao arrastamento das más tendências, mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal pelo bem do próximo, sem segundas intenções. A mais meritória é aquela que está fundamentada na caridade mais desinteressada.”

894. Há pessoas que fazem o bem por um impulso espontâneo, sem que tenham de lutar contra sentimentos contrários. Têm elas o mesmo mérito que aquelas que devem lutar contra a sua própria natureza e que conseguem superá-la?

“Os que não têm de lutar é porque neles o progresso está cumprido. Lutaram anteriormente e triunfaram. É por isso que os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço e as suas ações lhes parecem tão simples. O bem tornou-se para eles um hábito. Deve-se, portanto, honrá-los como velhos guerreiros que conquistaram suas posições.

Como estão ainda longe da perfeição, esses exemplos lhes causam surpresa pelo contraste e admiração pela singularidade. Mas saibam bem que, nos mundos mais avançados que este, o que na Terra constitui uma exceção, lá se torna regra. O sentimento do bem está em toda a parte e de forma espontânea, porque são mundos habitados apenas por bons Espíritos e uma má intenção seria neles uma exceção monstruosa. Eis por que os homens ali

são felizes. E assim acontecerá na Terra, quando a Humanidade se houver transformado e quando compreender e praticar a caridade em sua verdadeira aceção.”

895. Qual é o sinal mais característico da imperfeição, à parte os defeitos e os vícios sobre os quais ninguém se enganaria?

“O interesse pessoal. As qualidades morais são geralmente como a douração de um objeto de cobre, que não resiste à pedra de toque¹. Um homem pode possuir qualidades reais que o creditem para o mundo como um homem de bem. Mas essas qualidades, embora representem progresso, não suportam em geral certas provas e basta ferir a tecla do interesse pessoal para deixar o fundo a descoberto. O verdadeiro desinteresse é mesmo tão raro sobre a Terra que, quando se apresenta, pode ser admirado como a um fenômeno.

O apego às coisas materiais é um indício notório de inferioridade, pois quanto mais o homem se apega aos bens deste mundo, menos compreenderá a sua destinação. Pelo desinteresse, ao contrário, prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado.”

896. Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que prodigalizam seus haveres sem utilidade real, por não saberem lhes dar um emprego criterioso. Haverá algum mérito por isso?

“Têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam fazer. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida é sempre uma falta de tino. A fortuna não é dada a alguns para ser lançada ao vento, nem para ser encerrada num cofre-forte. É um depósito do qual terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que poderiam ter feito e que não fizeram; por todas as lágrimas que poderiam secar com o dinheiro dado aos que, em verdade, não estavam necessitados.”

897. Os que fazem o bem sem visar à recompensa na Terra, mas na esperança de que lhe será levado em conta na outra vida, onde sua posição seja melhor, é repreensível, e esse pensamento lhes prejudica o adiantamento?

“É necessário fazer o bem por caridade, isto é, com desinteresse.”

¹ Pedra de toque: pedra de silício utilizada para testar a pureza dos metais nobres. (N. do E.)

897a. No entanto, todos têm o desejo muito natural de progredir para sair da situação penosa da vida. Os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo. Haverá algum mal em supor que ao fazermos o bem se pode esperar uma situação melhor?

“Não; certamente. Mas aquele que faz o bem, sem segundas intenções e pelo prazer único de ser agradável a Deus e ao seu próximo sofredor, já se encontra num grau de adiantamento que lhe permitirá chegar muito mais rapidamente à felicidade do que seu irmão que, mais categórico, faz o bem por cálculo e não pela iniciativa natural do seu coração.” (Ver questão 894.)

897b. Não haverá aqui uma distinção a fazer entre o bem que se pode proporcionar ao próximo e o cuidado com a correção dos próprios defeitos? Compreendemos que fazer o bem com o pensamento de que será levado em conta em outra vida é pouco meritório, mas emendar-se, vencer as paixões, corrigir o caráter e aproximar-se dos Espíritos bons e progredir será igualmente um sinal de inferioridade?

“Não, não. Por fazer o bem queremos dizer ser caridoso. Aquele que calcula o que cada boa ação pode render-lhe na vida futura ou ainda nesta vida terrena age de maneira egoísta. Mas não há nenhum egoísmo em melhorar-se, visando aproximar-se de Deus, visto que é o objetivo ao qual cada um deve dirigir-se.”

898. Visto que a vida corpórea é apenas uma efêmera passagem por este mundo e que o nosso futuro deve ser a nossa principal preocupação, é válido esforçar-se por adquirir conhecimentos científicos que digam respeito apenas às coisas e às necessidades materiais?

“Sem dúvida. Primeiro, isso os torna capazes de aliviar os seus irmãos; depois, o seu Espírito se elevará mais depressa se houver progredido intelectualmente. No intervalo entre as encarnações, poderão aprender em uma hora o que na Terra demandaria anos. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem em maior ou menor escala para a evolução, porque o Espírito perfeito deve saber tudo e o progresso deve cumprir-se em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas ajudam no desenvolvimento do Espírito.”

899. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e jamais conheceu a necessidade; o outro deve a sua fortuna ao seu próprio

trabalho. Ambos empregam-na exclusivamente para a sua satisfação pessoal. Qual é o mais culpado?

“Aquele que conheceu o sofrimento. Sabe o que é sofrer. Conhece a dor que não alivia, mas, como geralmente ocorre, não se lembra mais dela.”

900. Aquele que acumula sem cessar e sem beneficiar a ninguém terá uma desculpa válida ao dizer que assim procede para deixar tudo aos seus herdeiros?

“É um compromisso de má consciência.”

901. De dois avaros, o primeiro se priva do necessário e morre de necessidade sobre o seu tesouro; o segundo é avaro apenas para com terceiros e pródigo para consigo mesmo; enquanto recua ante o mais ligeiro sacrifício para prestar um serviço ou fazer uma coisa útil, nada o impede de satisfazer os seus gostos e as suas paixões. Peçam-lhe um favor e ele estará sempre de má vontade; ocorra-lhe contudo, uma fantasia, e estará sempre pronto a satisfazê-la. Qual é o mais culpado e qual é o que terá pior lugar no mundo dos Espíritos?

“Aquele que desfruta, pois é mais egoísta do que o avarento. O outro já recebeu uma parte de sua punição.”

902. É repreensível cobiçar a riqueza com o intuito de fazer o bem?

“O sentimento é louvável, sem dúvida, quando puro. Mas será esse desejo sempre desinteressado? Não ocultará uma segunda intenção pessoal? A primeira pessoa a quem se deseja fazer o bem não será muitas vezes a nossa?”

903. Estudar os defeitos dos outros é culpável?

“Se é com o intuito de criticar e divulgar, há muita culpa, porque é faltar com a caridade. Se é com o intuito do proveito pessoal, evitando-se aqueles defeitos, pode ser útil. Mas é preciso não esquecer que a indulgência com os defeitos dos outros é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar aos outros por suas imperfeições, vejam se não podem dizer a mesma coisa de si próprios. Tratem, portanto, de possuir as qualidades contrárias aos defeitos que criticam nos outros. Esse é um meio de se tornarem superiores. Se os censurar por serem avaros, sejam generosos; por serem orgulhosos, sejam humildes e modestos; por serem duros, sejam dóceis; por agirem com mesquinhez, sejam grandes em todas as suas ações. Em uma palavra, façam de maneira que não lhes possam aplicar estas palavras

de Jesus: *‘Vedes um argueiro no olho do vizinho e não vedes uma trave no vosso ².’*”

904. É culpável aquele que investiga os males da sociedade e os revela?

“Isso depende da intenção que o leva a fazê-lo. Se o escritor tem em vista apenas produzir escândalo, trata-se de um prazer de ordem pessoal que se proporciona, apresentando imagens que constituem antes mau que bom exemplo. O Espírito aprecia isso, mas pode ser punido por essa espécie de prazer que sente ao revelar o mal.”

904a. Como julgar, nesse caso, a pureza das intenções e a sinceridade do escritor?

“Isso nem sempre é útil. Se ele escreve boas coisas, procura aproveitá-las; se escreve más, é uma questão de consciência que diz respeito somente a ele. De resto, se quer provar sua sinceridade, cabe a ele reforçar os preceitos que veicula com o seu próprio exemplo.”

905. Certos autores publicaram obras muito belas e de grandeza moral, que auxiliam o progresso da Humanidade, mas das quais eles mesmos não aproveitaram. Como Espíritos lhes será levado em consideração o bem que fizeram por meio de suas obras?

“A moral sem ações assemelha-se a uma semente sem o trabalho de cultivo. De que lhes serve a semente se não a fizerem frutificar para alimentá-los? Esses homens são mais culpáveis, porque tinham inteligência para compreender. Ao deixar de praticar as máximas que oferecem aos outros, renunciaram à colheita de seus frutos.”

906. Aquele que faz o bem é repreensível por ter consciência disso e por reconhecê-lo?

“Desde que pode ter consciência do mal que fizer, deve tê-la igualmente do bem, a fim de saber se age bem ou mal. É pesando todas as suas ações na balança da lei de Deus e, sobretudo, na da lei da justiça, do amor e da caridade, que ele poderá dizer a si mesmo se as suas ações são boas ou más, aprová-las ou desaprová-las. Não pode, portanto, ser responsabilizado por reconhecer que triunfou das más tendências e de

² Mateus, 7:4, e Lucas, 6:41. (N. do E.)

estar satisfeito por isso, desde que não se envaideça, pois então cairia em outra falta.” (Ver a questão 919.)

Das paixões

907. Visto que o princípio das paixões é natural, constitui um mal em si mesmo?

“Não. A paixão está no excesso provocado pela vontade. O princípio foi dado ao homem para o bem e as paixões podem levá-lo a realizar grandes coisas. É o abuso a que ele se entrega que causa o mal.”

908. Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?

“As paixões são como um cavalo, que é útil quando domado e que é perigoso quando domina. Reconheçam, portanto, que uma paixão se torna perniciosa no momento que deixam de governá-la e quando tem por resultado um prejuízo qualquer para si ou para outrem.”

As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o ajudam a cumprir os desígnios da Providência. Mas se, em lugar de dirigi-las, o homem deixa-se dirigir por elas, cai nos excessos e a própria força que em suas mãos poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento ou necessidade natural. O princípio das paixões não é portanto um mal, não obstante repousar sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão, propriamente dita, é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa; e esse excesso se torna um mal quando tem por consequência algum mal.

Toda paixão que aproxima o homem da Natureza animal afasta-o da Natureza espiritual.

Todo sentimento que eleva o homem acima da Natureza animal anuncia o predomínio do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909. O homem poderia sempre vencer as suas más tendências com seus próprios esforços?

“Sim, e às vezes até com pouco esforço. O que lhe falta é a vontade. Ah, como são poucos os que se esforçam!”

910. O homem pode encontrar nos Espíritos uma assistência eficaz para superar as paixões?

“Se orar a Deus e ao seu bom protetor com sinceridade, os Espíritos bons virão certamente em seu auxílio, porque essa é a missão deles.” (Ver questão 459.)

911. Não há paixões de tal modo vivas e irresistíveis, que a vontade é praticamente impotente para superá-las?

“Há muitas pessoas que dizem: ‘Eu quero’, mas a vontade está apenas nos lábios. Elas querem, mas estão bem satisfeitas de que assim não seja. Quando o homem acredita não poder vencer suas paixões é que o seu Espírito nelas se compraz, como consequência de sua inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende a sua natureza espiritual. Vencê-las é para ele um triunfo do Espírito sobre a matéria.”

912. Qual é o meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza corporal?

“Abnegar-se.”

Do egoísmo

913. Dentre os vícios, qual o que podemos considerar o pior?

“Temos dito sempre: é o egoísmo; dele deriva todo o mal. Estudem todos os vícios e verão que no fundo de todos existe egoísmo. Por mais que tentem combatê-los, não conseguirão extirpá-los enquanto não atacarem o mal na raiz, enquanto não tiverem destruído a causa. Que todos os seus esforços tendam, portanto, para esse objetivo, porque aí está a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral, deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo, porque é incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades.”

914. Baseando-se o egoísmo no interesse pessoal, parece bem difícil extirpá-lo inteiramente do coração humano. Chegaremos a isso?

“À medida que os homens se esclarecem sobre as coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Posteriormente, é necessário reformar as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.”

915. Sendo inerente à espécie humana, o egoísmo não será um obstáculo permanente ao reino do bem absoluto sobre a Terra?

“É certo que o egoísmo é o mal maior, mas ele se liga à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade em si mesma. Ao se depurarem pelas encarnações sucessivas, os Espíritos perdem o egoísmo, como perdem também as outras impurezas. Não haverá na Terra nenhum homem desprovido de egoísmo e praticante da caridade? Há mais do que se possa acreditar, mas são pouco conhecidos, porque a virtude não procura fazer-se notar. E se há um, por que não haverá dez, se há dez, por que não haverá mil e assim por diante?”

916. O egoísmo, longe de diminuir, cresce com a civilização, que parece excitá-lo e mantê-lo. Como a causa poderá destruir o efeito?

“Quanto maior for o mal, mais horrível se torna. Era necessário que o egoísmo produzisse muito mal para fazer compreender a necessidade de extirpá-lo. Quando os homens tiverem despido o egoísmo que os domina, viverão como irmãos, não fazendo o mal e ajudando-se reciprocamente pelo sentimento mútuo da solidariedade. Então, o forte será o apoio e não o opressor do fraco e não se verão homens desprovidos do necessário, porque todos participarão da lei da justiça. É o reino do bem que os Espíritos estão encarregados de preparar.” (Ver questão 784.)

917. Qual o meio para a destruição do egoísmo?

“De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de se desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria da qual o homem, ainda muito adjacente à sua origem, não pôde libertar-se, pois tudo concorre para entretê-la: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão que o Espiritismo lhes dá quanto ao seu estado futuro real e não desfigurado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, os costumes, as relações sociais. O egoísmo está fundado sobre a importância da personalidade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma maneira diante da imensidão. Ao destruir essa importância, ou ao menos fazer

com que a personalidade seja vista naquilo que de fato é, ele combate necessariamente o egoísmo.

É o contato que o homem experimenta do egoísmo dos outros que o torna geralmente egoísta, porque sente a necessidade de se pôr na defensiva. Ao ver que os outros pensam em si mesmos e não nele, é levado a ocupar-se de si mais que dos outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade sejam a base das instituições sociais, das relações legais de povo para povo e de homem para homem, e este pensará menos em sua própria pessoa quando ver que outros o fazem. Sofrerá, desta forma, a influência moralizadora do exemplo e do contato. Em face do atual desdobramento do egoísmo, é preciso uma verdadeira virtude para abdicar da própria personalidade em proveito dos outros, que em geral não o reconhecem; é a esses, sobretudo, que possuam essa virtude, que o reino dos céus está franqueado. A eles está reservada a felicidade dos eleitos, porque em verdade lhes digo que, no dia do juízo, quem quer que tenha pensado senão em si mesmo será posto de lado e sofrerá no abandono.” (Ver questão 785.)

*(Fénelon)*³

Sem dúvida, louváveis esforços para fazer avançar a Humanidade são feitos. Encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos, hoje mais do que em qualquer época e, contudo, o verme devorador do egoísmo continua a ser a chaga social. É um verdadeiro mal, que se espalha por sobre todo o mundo, em que cada um é vítima em maior ou menor proporção. Portanto, é necessário combatê-lo como se combate uma epidemia. Para tanto, deve-se proceder à maneira dos médicos: remontar à causa. Que se pesquisem em toda a estrutura da organização social, desde a família até os povos, da choupana aos palácios, todas as causas, todas as influências patentes ou ocultas que excitam, entretêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Uma vez conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então combatê-las, senão todas ao mesmo tempo, pelo menos por parte e gradativamente o veneno será extirpado. A cura poderá ser prolongada, porque as causas

³ Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

são numerosas, mas não se alcançará esse ponto se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, por meio da educação. Não essa educação que tende a formar homens instruídos, mas aquela que prepara homens de bem. A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, da mesma forma como se endireitam plantas jovens. Entretanto, essa arte demanda muito tato, muita experiência e uma profunda observação. É um grave erro acreditar que basta ter a ciência para poder aplicá-la de forma vantajosa. Quem quer que observe o filho do rico bem como o do pobre desde o instante de seu nascimento, atentando para todas as influências perniciosas que agem sobre ele em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância daqueles que o dirigem, e como geralmente os meios empregados para moralizar fracassam, não pode se admirar de encontrar no mundo tantos problemas. Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, há também, em maior número do que se pensa, as que demandem apenas uma boa cultura para darem bons frutos. (Ver questão 872.)

O homem quer ser feliz, e esse sentimento está na sua própria natureza. Eis por que trabalha sem cessar para melhorar a sua posição sobre a Terra e procura as causas de seus males a fim de remediá-los. Quando compreender bem que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que engendra o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, dos quais a cada instante ele é vítima, que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca as dissensões, destrói a confiança, obrigando-o a manter-se constantemente na defensiva perante seu vizinho e que, enfim, do amigo faz um inimigo, então ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua própria felicidade. Diríamos, ainda, que é incompatível com a sua própria segurança. Quanto mais sofrer, mais sentirá a necessidade de o combater, como combate a peste, os animais daninhos e todos os outros flagelos. A isso será solicitado pelo seu próprio interesse. (Ver questão 784.)

No egoísmo está a fonte de todos os vícios, como na caridade está a fonte de todas as virtudes; destruir um e desenvolver a outra, tal deve

ser a meta de todos os esforços do homem, se ele deseja assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro.

Características do homem de bem

918. Por quais sinais pode-se reconhecer num homem o progresso real que deve elevar o seu Espírito na hierarquia espírita?

“O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos de sua vida corpórea compõem a prática da lei de Deus e quando compreende, por antecipação, a vida espiritual.”^()*

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga a sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem *que podia*; se ninguém teve de se queixar dele; enfim, se tem feito para os outros tudo o que queria que os outros lhe fizessem.

O homem imbuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem expectativas de recompensa e sacrifica o seu interesse pela justiça.

Ele é bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem exceção de etnias ou crenças.

Se Deus lhe deu o poder e a riqueza, olha essas coisas como *um depósito*, do qual deve fazer uso para o bem e disso não se envaidece, porque sabe que Deus, que os concedeu, poderá igualmente retirá-los.

Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral e não para os oprimir com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência e chama para si as palavras do Cristo: *“Aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra⁴”*.

^(*) Questão 918 – Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

⁴ João, 8:7. (*N. do E.*)

Não é vingativo. A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para lembrar-se apenas dos benefícios, porque sabe que *lhe será perdoado assim como tiver perdoado*.

Respeita, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da lei natural, como queria que respeitassem os dele.

Conhecimento de si mesmo

919. Qual é o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

“Um sábio da Antiguidade lhes disse: ‘Conhece-te a ti mesmo’⁵.”

919a. Concebemos toda a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio. Qual o meio de alcançar isso?

“Façam o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim de cada dia, eu interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e me questionava se não havia faltado ao cumprimento de algum dever; se ninguém teria tido motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim necessitava de reformulação. Aquele que, à cada noite, relembresse todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bom ou de mal, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião para o esclarecer, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditem em mim, Deus o assistirá. Formulem, portanto, as suas questões, indaguem o que têm feito e com que objetivo agiram em determinada circunstância, se fizeram alguma coisa que censurariam nos outros, se agiram de tal forma que não ousariam confessar. Perguntem ainda isto: ‘Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém?’. Examinem o que poderão ter feito contra Deus, depois contra o próximo e por fim, contra si mesmos. As respostas serão um motivo de paz para sua consciência ou a indicação de um mal que é necessário anular.

⁵ Aforismo escrito no pórtico do Santuário a Apolo, em Delfos. Sócrates o adotou como regra de conduta e passou a aplicá-lo como estrutura moral de sua Filosofia. (N. do E.)

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do melhoramento individual. No entanto, dirão, como julgar-se a si mesmo? Não se terá a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avaro se julga apenas econômico e previdente; o orgulhoso acredita possuir apenas dignidade. Tudo isto está correto, mas todos têm um meio de controle que não poderá enganá-los. Quando estiverem indecisos sobre o valor de uma de suas ações, perguntem-se como a qualificariam se tivesse sido praticada por outra pessoa; se a censurarem em outros, ela não poderia ser mais legítima para a sua pessoa, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça. Procurem também saber o que pensam os outros e não negligenciem a opinião de seus inimigos, porque eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e geralmente Deus os coloca ao seu lado como um espelho, para adverti-los com mais franqueza do que o faria um amigo. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de extirpar dali as más tendências, como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço da sua jornada moral, como o negociante o faz com seus lucros e perdas e assegure-lhes que o primeiro será mais proveitoso que o outro. Se puder dizer que a sua jornada foi boa, pode dormir em paz e aguardar sem temor o despertar em outra vida.

Formulem, pois, questões claras e precisas, sem temer multiplicá-las. É justo consagrar alguns minutos para a conquista da felicidade eterna. Não trabalham todos os dias, visando ajuntar o que lhes dará o repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto de todos os seus desejos, o objetivo pelo qual sofrem as fadigas e as privações momentâneas? Pois bem, o que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado do que aguarda o homem de bem? Isto não vale a pena de alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro incerto. Ora, é precisamente esse o pensamento que fomos encarregados de destruir em suas mentes, porque desejamos fazê-los compreender esse futuro de maneira a que não possa restar-lhes nenhuma dúvida na alma. É por isso que chamamos primeiro a sua atenção para os fenômenos da Natureza que lhes tocam os sentidos e, posteriormente, lhes trouxemos esclarecimentos que cada um tem o

dever de difundir. Foi com esse propósito que ditamos O Livro dos Espíritos.

(Santo Agostinho)⁶

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais vezes a nossa consciência, veríamos o quanto temos falhado sem disso nos apercebermos, por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem algo de mais precioso do que um aforisma que geralmente não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou não, que não deixam margem a opções: respostas que são outrossim argumentos pessoais pela soma das quais podemos computar a totalidade do bem e do mal que existe em nós.

⁶ Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

LIVRO QUARTO

ESPERANÇAS E
CONSOLAÇÕES

PENAS E ALEGRIAS TERRENAS

Felicidade e infelicidade relativas

920. O homem pode desfrutar de uma felicidade completa na Terra?

“Não, pois a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Mas depende dele abrandar os seus males e de ser tão feliz quanto se pode ser sobre a Terra.”

921. Concebe-se que o homem seja feliz na Terra quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso não acontece, pode o homem desfrutar de uma felicidade relativa?

“O homem é quase sempre o artífice de sua própria infelicidade. Ao praticar a lei de Deus, poupa-se de muitos males e pode até desfrutar de uma felicidade tão grande quanto comporte a sua existência num plano grosseiro.”

Aquele que está bem compenetrado de sua destinação futura vê na vida corpórea apenas uma rápida passagem. É para ele como uma parada momentânea numa precária hospedaria. Consola-se facilmente de alguns episódios desagradáveis, numa viagem que deve conduzi-lo a uma situação tanto melhor quanto mais atenção tenha dado aos seus preparativos para ela.

Somos punidos nesta vida pelas infrações que cometemos às leis da existência corpórea, pelos males decorrentes dessa infração e pelos nossos próprios excessos. Se remontarmos gradualmente à origem do que chamamos infelicidades terrenas veremos que, em sua maior parte, são consequências de um primeiro desvio do caminho certo. Em virtude

desse desvio inicial, adentramos num mau caminho e, de consequência em consequência, caímos afinal na infelicidade.

922. A felicidade terrena é relativa à posição de cada um; o que é suficiente para a felicidade de um faz a infelicidade de outro. Há, no entanto, uma medida de felicidade comum a todos os homens?

“Para a vida material, a posse do necessário; para a vida moral, a consciência pura e a fé no futuro.”

923. O que seria supérfluo para um não se torna necessário para outros, e vice-versa, segundo a posição?

“Sim, segundo as suas ideias materiais, os seus preconceitos, a sua ambição e todos os caprichos ridículos, para os quais o futuro fará justiça quando compreenderem a verdade. Sem dúvida, aquele que tivesse uma renda de cinquenta mil libras e a visse reduzida a dez mil, julgar-se-ia infeliz, por não poder continuar fazendo boa figura, mantendo o seu padrão de vida, ter bons cavalos e criados¹, satisfazer a todas as paixões etc. Acreditaria faltar-lhe o necessário. Mas, francamente, poder-se-ia lastimá-lo, quando ao seu lado outros morrem de fome e de frio e nem sequer têm um abrigo para repousar a cabeça? O homem sensato, para ser feliz, olha para baixo e jamais para os que lhe estão acima, a não ser para elevar sua alma até o infinito.” (Ver questão 715.)

924. Há males que independem da maneira de agir e que ferem o homem mais justo. Não há algum meio de se preservar deles?

“A pessoa atingida deve resignar-se e sofrer sem queixas, se deseja o seu próprio progresso. Contudo, encontra sempre uma consolação em sua própria consciência, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, quando ele faz o necessário para obtê-lo.”

925. Por que Deus proporciona os bens da fortuna a certos homens que não parecem merecê-los?

“É um favor aos olhos dos que não veem além do presente; mas, saibam bem, a fortuna é uma prova geralmente mais perigosa que a miséria.” (Ver a questão 814 e as seguintes.)

¹ À época da Codificação, no século XIX, o padrão de vida era condizente aos recursos do progresso efetuado. Em nossos dias, bastaria substituírmos algumas palavras para trazer o ensinamento dos Espíritos para os nossos dias, sem, contudo, alterar-lhe o conteúdo, que permanece atual. (N. do E.)

926. A civilização, ao criar novas necessidades, não gera novas aflições?

“Os males deste mundo existem na razão das necessidades superficiais que os homens criam para si mesmos. Aquele que sabe limitar os seus desejos e ver sem cobiça o que está além de suas possibilidades preserva-se de muitos aborrecimentos nesta vida. O mais rico é aquele que tem menos necessidades.

Muitos invejam os prazeres dos que aparentam ser os felizes do mundo, mas sabem, por acaso, o que lhes está reservado? Se desfrutam apenas para si mesmos, são egoístas e terão de sofrer o reverso da situação; são dignos de lamentação e não de inveja. Deus permite por vezes que o mau prospere, mas essa felicidade não é para se invejar, porque a pagará com lágrimas amargas. Se o justo é infeliz, é uma prova que lhe será tida em conta, se suportá-la com coragem. Lembrem-se das palavras de Jesus: ‘Bem-Aventurados os que sofrem, porque serão consolados.’²”

927. O supérfluo não é certamente indispensável à felicidade, mas assim não se dá com o necessário. Ora, a infelicidade daqueles que são privados do necessário não é real?

“O homem não é, verdadeiramente, infeliz, senão quando lhe falta aquilo que é necessário para a vida e a saúde do corpo. Essa privação pode ser, talvez, consequência de suas próprias faltas; então, ele deve queixar-se apenas de si mesmo. Se a falta fosse de outro, a responsabilidade recairia sobre aquele que a tivesse causado.”

928. Pela natureza especial das aptidões naturais, Deus indica evidentemente a nossa vocação neste mundo. Muitos males não são provenientes do fato de não seguirmos essa vocação?

“É verdade e, frequentemente, são os pais que, por orgulho ou avareza, fazem os filhos se desviar do caminho traçado pela Natureza, comprometendo-lhes desta forma a felicidade. Contudo, serão responsabilizados.”

928a. Desta forma, os Espíritos consideram justo que o filho de um homem da alta sociedade fabrique tamancos, por exemplo, se for essa a sua aptidão?

“Não é necessário cair no absurdo nem no exagero: a civilização tem as suas necessidades. Por que o filho de um homem da alta sociedade, como

² Mateus, 5:4. (N. do E.)

disse, faria tamancos, se pode fazer outra coisa? Ele poderá sempre se tornar útil na medida de suas faculdades, se forem aplicadas com bom senso e não em sentido oposto. Assim, por exemplo, em lugar de um mau advogado, poderia talvez ser um bom mecânico etc.”

O deslocamento dos homens da esfera intelectual que lhes é própria é, seguramente, uma das causas mais frequentes de decepção. A inaptidão para a carreira abraçada é uma fonte inesgotável de revezes. Depois, o amor-próprio vem juntar-se a isso, impedindo o homem de valer-se de uma profissão mais humilde e mostra-lhe o suicídio como o supremo remédio para escapar do que ele acredita ser uma humilhação. Se uma educação moral o tivesse preparado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais seria surpreendido.

929. Há pessoas que, privadas de todos os recursos, ainda que ao seu redor reine a abundância, não veem outra perspectiva para o seu caso, a não ser a morte. O que devem fazer? Deixar-se morrer de fome?

“Jamais deve o homem ter a ideia de se deixar morrer de fome, pois sempre encontraria meios de se alimentar, se o orgulho não se interpusse entre a necessidade e o trabalho. Frequentemente dizemos que não existem profissões humilhantes e que não é o ofício que desonra, mas o dizemos para os outros e não para nós.”

930. É evidente que, sem os preconceitos sociais pelos quais se deixa dominar, o homem encontraria sempre um trabalho qualquer que o pudesse ajudar a viver, mesmo deslocando-o de sua posição. No entanto, entre as pessoas que não têm preconceitos ou que os põem de lado, não existem as que estão impossibilitadas de prover às suas necessidades, por efeito de moléstias ou outras causas independentes de sua vontade?

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome.”

Com uma organização social sábia e previdente, o homem não pode sofrer necessidades, a não ser por sua própria culpa. Mas as próprias culpas do homem são, em muitos casos, o resultado do meio em que se encontra. Quando o homem praticar a lei de Deus, disporá de uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e com isso ele mesmo será melhor. (Ver questão 793.)

931. Por que as classes sofredoras são mais numerosas que as felizes em nossa sociedade?

“Nenhuma é perfeitamente feliz, pois aquilo que se acredita ser a felicidade muitas vezes oculta pungentes aflições. O sofrimento está em toda parte. Todavia, para responder ao seu pensamento, direi que as classes denominadas sofredoras são mais numerosas porque a Terra é um lugar de expiação. Quando o homem a tiver transformado em morada do bem e dos bons Espíritos, não será mais infeliz neste mundo, que se tornará para ele o paraíso terrestre.”

932. Por que, neste mundo, os maus têm geralmente maior ascendência sobre os bons?

“Pela fraqueza dos bons. Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos. Quando estes quiserem, prevalecerão sobre os maus.”

933. Se o homem é geralmente o artífice dos seus sofrimentos materiais, também o será de seus padecimentos morais?

“Mais ainda, pois os sofrimentos materiais por vezes independem da vontade, mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, são torturas da alma.

Inveja e ciúme! Felizes aqueles que não conhecem esses dois vermes vorazes. Com a inveja e o ciúme não há calma, não há repouso possível. Para aquele que é atingido por esses males, os objetos de sua cobiça, do seu ódio, do seu despeito, erguem-se diante dele como fantasmas que não o deixam em paz e o perseguem até no sono. O invejoso e o ciumento vivem em perpétuo estado febril. É essa uma situação desejável? Não compreendem que, com essas paixões, o homem cria para si mesmo suplícios voluntários e que a Terra se torna, para ele, um verdadeiro inferno?”

Várias expressões demonstram, de forma contundente, os efeitos de certas paixões. Diz-se estar inchado de orgulho, morrer de inveja, secar de ciúmes ou de despeito e até perder o apetite por ciúmes e assim por diante. Esse quadro é bem uma verdade. Às vezes o ciúme nem tem objeto determinado. Há pessoas naturalmente ciumentas de todos aqueles que se elevam, de todos os que saem do terreno da vulgaridade, mesmo quando não tenham interesse direto no caso, unicamente por não poderem atingir a mesma situação. Tudo o que

aparece acima do horizonte comum as ofusca e, se estivessem em maioria na sociedade, tudo desejariam baixar ao seu nível. É o ciúme aliado à mediocridade.

O homem só é infeliz, geralmente, pela importância que atribui às coisas deste mundo. É a vaidade, a ambição e a cobiça fracassadas que o fazem infeliz. Se ele se elevar do círculo estreito da vida material, se elevar o seu pensamento ao infinito, que é a sua destinação, as vicissitudes da Humanidade parecer-lhe-ão mesquinhas e pueris, como as mágoas da criança que se aflige pela perda de um brinquedo, que era a causa de sua felicidade suprema.

Aquele que só encontra a felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros, é infeliz quando não pode satisfazê-los, enquanto o que não se interessa pelo supérfluo é feliz com o que os outros considerariam infortúnio.

Referimo-nos ao homem civilizado, porque o selvagem tem necessidades mais limitadas e não possui os mesmos motivos de cobiça e de angústia. Sua maneira de ver as coisas é totalmente diferente. No estado de civilização, o homem pondera a sua infelicidade, a analisa, e é por isso mais afetado por ela. Mas pode igualmente prevalecer-se do próprio raciocínio para ponderar e analisar os meios que lhe servem de consolo. Esse consolo ele o encontra no sentimento cristão que lhe dá a esperança de um futuro melhor e, no Espiritismo, que lhe dá a certeza desse futuro.

Perda de entes queridos

934. A perda de entes queridos não nos causa um sofrimento tanto mais legítimo quanto é irreparável essa perda e ainda independente de nossa vontade?

“Essa dor atinge tanto o rico quanto o pobre. É uma prova ou expiação e lei para todos. Mas é um consolo poder comunicar-se com os seus amigos pelos meios de que se dispõem, enquanto esperam o surgimento de outros mais diretos e acessíveis aos seus sentidos.”

935. O que pensar da opinião das pessoas que consideram as comunicações de além-túmulo como uma profanação?

“Não pode haver profanação, quando há recolhimento e quando a evocação é feita com respeito e decoro. Prova disso é que os Espíritos que lhes são afeiçoados se manifestam com prazer; sentem-se felizes por sua lembrança e por conversarem consigo. Haveria profanação se as evocações fossem feitas levianamente.”

A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é um doce consolo, porque proporciona o meio de nos entretermos com os parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação, eles se nos aproximam, permanecem ao nosso lado, nos ouvem e nos respondem. Não há mais, por assim dizer, separação entre nós e eles, que nos ajudam com os seus conselhos, nos dão testemunho de sua afeição e do contentamento que sentem por nos lembrarmos deles. É para nós uma satisfação saber que estão felizes e aprender por seu intermédio os detalhes de sua nova existência, adquirindo a certeza de nos unirmos no futuro.

936. Como as dores inconsoláveis dos que ficaram na Terra afetam os Espíritos que partiram?

“O Espírito é sensível à lembrança e ao pranto daqueles que amou, mas uma dor incessante e desesperada afeta-o penosamente, porque ele vê nesse excesso uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao progresso e talvez ao próprio reencontro com os que deixou.”

Estando o Espírito mais feliz do que na Terra, lamentar que tenha partido é lamentar que ele seja feliz. Dois amigos estão prisioneiros e enfermos na mesma cadeia; ambos devem ter um dia a sua liberdade, mas um deles a obtém primeiro. Haveria caridade, se aquele que ficou se entristecesse por seu amigo ter-se libertado antes dele? Não seria mais egoísmo do que afeição de sua parte querer que ele partilhasse do seu cativo e dos seus sofrimentos por mais tempo? O mesmo acontece entre dois seres que se amam na Terra. Aquele que parte antes é o primeiro a libertar-se e devemos felicitá-lo por isso, aguardando com paciência o momento em que também nos libertaremos.

Façamos outra comparação. Ao seu lado há um amigo em situação muito penosa. Sua saúde ou seu interesse exige que vá para outro país,

onde estará melhor sob todos os aspectos. Desta forma, ele não estará mais ao seu lado, durante algum tempo, mas sempre estarão se correspondendo e a separação será apenas material. Ficariam aborrecidos com seu afastamento, visto que é para o bem dele?

A Doutrina Espírita, pelas provas patentes que nos dá com relação à vida futura, da presença ao nosso redor daqueles que amamos, da continuidade de sua afeição e de sua solicitude, pelas relações que nos permite entreter com eles, oferece-nos um supremo conforto, numa das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo não há mais solidão, não há mais abandono. O mais isolado dos homens tem sempre amigos ao seu redor, com os quais pode comunicar-se.

Aturamos impacientemente as atribulações da vida. Elas nos parecem tão intoleráveis que supomos não poder suportá-las. Não obstante, se as suportarmos com coragem, se impusermos silêncio às nossas queixas, haveremos de nos felicitar quando estivermos fora dessa prisão terrena, tal qual o paciente que sofria se alegra ao se ver curado, por haver suportado com resignação um tratamento doloroso.

Decepções – ingratidão – afeições rompidas

937. As decepções provocadas pela ingratidão e pela fragilidade dos laços de amizade não significam, igualmente, para o homem afetuoso, uma fonte de amarguras?

“Sim, mas já os ensinamos a lastimar os ingratos e os amigos infiéis. Eles serão mais infelizes do que o sofrimento que lhes causaram. A ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta encontrará mais tarde corações insensíveis como o dele próprio. Pensem em todos aqueles que fizeram maior bem a todos, que valiam mais que a maioria dos homens e que foram pagos com a ingratidão. Pensem que o próprio Jesus, quando na Terra, foi injuriado e desprezado, tratado como patife e impostor. Não se admirem que o mesmo lhes aconteça. Que o bem que têm feito seja a sua recompensa neste mundo e não se importem com o que dizem os beneficiados. A ingratidão é uma prova para a sua perseverança na prática do bem. Isso lhes será levado em conta, e os que não lhes foram reconhecidos serão punidos tanto mais quanto maior houver sido a sua ingratidão.”

938. As decepções causadas pela ingratidão não serão capazes de endurecer o coração e obstar-lhe a sensibilidade?

“Seria um erro, porque o homem de coração, como disse, será sempre feliz pelo bem que fizer. Ele sabe que, se alguém não o reconhecer nesta vida, na outra o fará e o ingrato sentirá então remorso e vergonha.”

938a. Esse pensamento não impede o seu coração de se sentir ferido. Ora, disso não pode nascer-lhe a ideia de que seria mais feliz se fosse menos sensível?

“Sim, se ele prefere a felicidade do egoísta, uma bem triste felicidade! Entretanto, se ele sabe que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos de sua amizade e que estava enganado sobre eles, não deve lastimar a sua perda. Mais tarde, encontrará quem saberá compreendê-lo melhor. Lamentem aqueles que lhes tratam de forma que não merecem, porque terão uma triste recompensa. Mas, não se aflijam por isso: é o meio de se elevarem acima deles.”

A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e ser amado. Uma das maiores alegrias que lhes são concedidas sobre a Terra é a de encontrar corações que simpatizam com o seu. Ela lhe permite, assim, as premissas da felicidade que lhe está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos, em que tudo é amor e benevolência: é uma ventura recusada ao egoísta.

Unões antipáticas

939. Desde que os Espíritos simpáticos são levados a se unir, como se explica que, entre os Espíritos encarnados, a afeição exista muitas vezes apenas de um dos lados e que o amor mais sincero seja acolhido com indiferença e mesmo com repulsa? Além disso, como a afeição mais intensa entre dois seres pode se transformar em antipatia e, por vezes, até em ódio?

“Não compreende que é uma punição, embora passageira? Além disso, quantos não acreditaram amar perdidamente, porque julgam apenas as aparências e, quando são obrigados a viver em comum, não tardam em reconhecer que se tratava tão somente de uma paixão material? Não basta estar

enamorado por uma pessoa que lhes agrada e que acredita ser possuidora de belas qualidades; é convivendo com ela que realmente poderão apreciá-la. Por outro lado, quantas uniões, que a princípio pareciam incompatíveis, com passar do tempo, quando ambos se conheceram melhor, se transformaram num amor terno e durável, porque firmado na mútua estima? É necessário não esquecer que é o Espírito quem ama, e não o corpo, e quando a ilusão material se dissipa, ele vê a realidade.

Há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma e toma-se, continuamente, uma pela outra. A afeição da alma, quando pura e simpática, é duradoura; a do corpo é perecível. Eis por que os que acreditam amar-se com um amor eterno acabam se odiando quando passa a ilusão.”

940. A falta de simpatia entre os seres destinados a viver juntos não é igualmente uma fonte de sofrimentos, tanto mais amarga quanto envenena toda a existência?

“Com efeito, muito amarga, mas é uma dessas infelicidades de que os homens são, amiúde, a causa primeira. A princípio, as suas leis estão erradas, pois acreditam que Deus os obrigaria a permanecer ao lado daqueles que lhes desagradam? Além disso, nessas uniões procuram mais a satisfação do seu orgulho e da sua ambição que a felicidade de uma afeição mútua. Sofrem, então, as consequências de seus preconceitos.”

940a. Mas, nesse caso, não haverá quase sempre uma vítima inocente?

“Sim, e é para ela uma dura expiação. Mas a responsabilidade de sua infelicidade recairá sobre aqueles que a causaram. Se a luz da verdade tiver penetrado em sua alma, ela buscará conforto na fé no futuro. De resto, à medida que os preconceitos se enfraquecerem, as causas dessas infelicidades íntimas também desaparecerão.”

Preocupação com a morte

941. A preocupação com a morte é para muitas pessoas uma causa de perplexidade. Por que essa apreensão, tendo elas diante de si o futuro?

“É errado ter essa preocupação. Contudo, procuram persuadi-las, desde cedo, que há um inferno e um paraíso, e que mais certo é irem para o inferno, pois lhes ensinam que aquilo que está na própria Natureza é um

pecado mortal para a alma. Então, quando se tornam adultos, se raciocinarem um pouco, não podem admitir isso e se tornam ateus ou materialistas. É assim que são levados a acreditar que fora da vida presente nada existe. Quanto àqueles que persistem em suas crenças da infância, temem o fogo eterno que deve queimá-los sem os destruir.

A morte não inspira nenhum temor ao justo, porque com a fé, ele tem a certeza do futuro; a esperança lhe acena com uma vida melhor e a caridade, cuja lei praticou, dá-lhe a segurança de que não encontrará, no mundo em que irá entrar, nenhum ser cujo olhar deva temer.” (Ver questão 730.)

O homem carnal, mais ligado à vida corpórea do que à espiritual, tem na Terra as suas penas e os seus prazeres materiais. Sua felicidade está na satisfação ilusória de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e influenciada pelas vicissitudes desta vida, perpetua os estados de ansiedade e angústia. A morte o amedronta, porque duvida de seu futuro e acredita deixar na Terra todas as suas afeições e todas as suas esperanças.

O homem moral, que se eleva acima das necessidades fictícias criadas pelas paixões, tem, desde este mundo, prazeres desconhecidos ao homem material. A moderação de seus desejos dá ao seu Espírito calma e serenidade. Feliz pelo bem que realiza, não há para ele decepções e as contrariedades deslizam sobre sua alma sem lhe deixar marcas dolorosas.

942. Certas pessoas não acharão esses conselhos de felicidade um pouco banais? Não verão neles o que se chama de lugares comuns, verdades simplórias, e não dirão, em definitivo, que o segredo para ser feliz é saber suportar sua infelicidade?

“Há aqueles que dirão isso e serão em grande número, mas ocorre o mesmo com certos doentes a quem o médico prescreveu uma dieta: desejariam estar curados sem remédios e continuar a cometer excessos.”

Desgosto pela vida – Suicídio

943. De onde vem o desgosto pela vida, que arrebatou alguns indivíduos sem motivos plausíveis?

“Feito da ociosidade, da falta de fé e, muitas vezes, da saciedade.

Para aquele que exerce suas faculdades com objetivo útil e segundo as

suas aptidões naturais, *o trabalho nada tem de árido e a vida escoá-se mais rapidamente; suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais age visando à felicidade mais sólida e mais durável que o espera.*”

944. O homem tem o direito de dispor de sua própria vida?

“Não; só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei.”

944a. O suicídio não é sempre voluntário?

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

945. O que pensar do suicídio que tem por causa o desgosto pela vida?

“Insensatos! Por que não trabalharam? A existência não lhes teria sido tão pesada!”

946. O que pensar do suicídio que tem por objetivo escapar às misérias e às decepções deste mundo?

“Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que não têm nem forças, nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Infelizes, ao contrário, aqueles que aguardam uma saída nisso que, na sua descrença, chamam de sorte ou acaso! O acaso ou a sorte, para me servir da sua linguagem, podem com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde, e de forma mais cruel, o vazio de suas palavras.”

946a. Aqueles que conduziram uma pessoa infeliz para esse ato de desespero sofrerão as consequências disso?

“Oh! Infelizes deles! Por que responderão como por um assassinio.”

947. O homem que está às voltas com a necessidade e que se deixa morrer de desespero pode ser considerado suicida?

“É um suicida, mas aqueles que o causaram ou que poderiam impedi-lo são mais culpáveis que ele, a quem a indulgência aguarda. Não acreditem, contudo, que seja inteiramente absolvido se lhe faltou firmeza e perseverança e se não fez uso de toda a sua inteligência para se livrar das dificuldades. Infeliz, sobretudo, se o seu desespero nasceu do orgulho; quero dizer, se é desses homens cujo orgulho paralisa os recursos da inteligência, que se envergonhariam por dever a sua existência ao trabalho de suas próprias

mãos, preferindo morrer de fome a ter de descer daquilo a que chamam a sua posição social! Não há cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em enfrentar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que tem boa vontade apenas para com aqueles a quem nada falta e que voltam as costas quando são requisitados? Sacrificar a vida à consideração desse mundo é uma coisa estúpida, porque ele não levará isso em conta.”

948. O suicídio que tem por objetivo escapar à vergonha de uma má ação é também repreensível como aquele que é causado pelo desespero?

“O suicídio não apaga a falta; ao contrário, aparecem duas em lugar de uma. Quando se teve a coragem de fazer o mal, é necessário tê-la para sofrer as consequências. Deus julga e, dependendo da causa, pode por vezes diminuir os seus rigores.”

949. O suicida é perdoável quando tem por objetivo impedir que a vergonha envolva filhos ou família?

“Aquele que age desta forma não procede bem, mas acredita que sim, e Deus levará em conta a sua intenção, porque será uma expiação que a si mesmo se impôs. Ele atenua a sua falta pela intenção, mas nem por isso deixa de cometê-la. De resto, se os abusos de sua sociedade forem abolidos bem como seus preconceitos, não terão mais suicídios.”

Aquele que tira a própria vida para fugir à vergonha de uma má ação, prova que tem mais em conta a estima dos homens que a de Deus, pois vai entrar na vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo-se privado dos meios de repará-las durante a vida. Deus é muitas vezes menos inexorável que os homens, pois perdoa o arrependimento sincero e leva em conta o nosso esforço de reparação. O suicídio nada repara.

950. O que pensar daquele que tira a própria vida na esperança de chegar mais cedo a uma vida melhor?

“Outra loucura! Que faça o bem e estará mais seguro de alcançá-la, pois daquela maneira retarda a sua entrada num mundo melhor e ele mesmo pedirá para vir completar essa vida que interrompeu por uma ideia falsa. Uma falta, qualquer que ela seja, não abre jamais o santuário dos eleitos.”

951. Por vezes o sacrifício da vida não é meritório, quando tem por finalidade salvar a de outros ou de ser útil aos semelhantes?

“Isso é sublime, segundo a intenção, e o sacrifício da vida não é então um

suicídio. Contudo, Deus se opõe a um sacrifício inútil e não pode vê-lo com prazer, se estiver manchado pelo orgulho. Um sacrifício é meritório apenas pelo desinteresse, e aquele que o pratica tem às vezes segundas intenções, que lhe subtraem o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício feito à custa da própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque é a prática da lei de caridade. Ora, a vida é o bem terreno ao qual o homem atribui maior valor; aquele que a ela renuncia para o bem de seus semelhantes não comete um atentado: é um sacrifício que realiza. Mas, antes de cumpri-lo, deve refletir se a sua vida não poderá ser mais útil do que a sua morte.

952. É tido como suicida o homem que perece vítima do abuso das paixões que, como ele sabe, deve abreviar o seu fim, mas às quais não tem mais o poder de resistir, porque o hábito as transformou em verdadeiras necessidades físicas?

“É um suicídio moral. Não compreendem que, neste caso, o homem é duplamente culpado? Há nele falta de coragem e bestialidade e, além disso, o esquecimento de Deus.”

952a. É mais ou é menos culpado do que aquele que tira a própria vida por desespero?

“É mais culpado, porque teve tempo de raciocinar sobre o seu ato. Naquele que o comete impensadamente há, por vezes, uma espécie de desvario que se aproxima da loucura; o outro será punido com mais rigor, porque as penas são sempre proporcionais à consciência que se tenha das faltas cometidas.”

953. Quando uma pessoa vê diante dela uma morte inevitável e terrível, é culpada por abreviar alguns instantes os seus sofrimentos por uma morte voluntária?

“Sempre se é culpado por não esperar o termo fixado por Deus. Aliás, haverá certeza de que esse termo tenha chegado, malgrado as aparências e que não se possa receber socorro inesperado em seus últimos instantes?”

953a. Concebe-se que, em circunstâncias comuns, o suicídio seja repreensível, mas suponhamos o caso em que a morte seja inevitável e em que a vida seja abreviada apenas por alguns instantes?

“É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade de Deus.”

953b. Quais são, nesse caso, as consequências dessa ação?

“Uma expiação proporcional à gravidade da falta, segundo as circunstâncias, como sempre.”

954. Uma imprudência que compromete a vida sem necessidade é repreensível?

“Não há culpabilidade quando não há intenção ou a consciência de fazer o mal.”

955. As mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre o corpo de seus maridos podem ser consideradas suicidas e virem a sofrer as consequências?

“Elas obedecem a um preconceito e geralmente o fazem mais pela força que pela sua própria vontade. Acreditam cumprir um dever, o que não é característica do suicídio. São desculpáveis, por causa da carência de formação moral e pela ignorância da maioria delas. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com a civilização.”³

956. Aqueles que, não podendo suportar a perda de pessoas queridas, ceifam a própria vida, na esperança de se juntarem a elas, atingem o seu objetivo?

“O resultado, para eles, é totalmente diverso do que esperam, pois em lugar de se unirem ao objeto de sua afeição, dele se afastam por mais tempo, porque Deus não recompensa um ato de covardia e o insulto que lhe é lançado ao duvidarem de sua providência. Pagarão esse instante de loucura com aflições maiores do que as que acreditaram abreviar e não terão para os compensar a satisfação que esperavam.” (Ver questão 934 e as seguintes.)

957. Quais são geralmente as consequências do suicídio sobre o Espírito?

“As consequências do suicídio são muito diversas. Não há penalidades fixadas e em todos os casos elas são sempre relativas às causas que o produziram. Mas uma consequência da qual o suicida não pode escapar é o desapontamento. Além disso, a sorte não é a mesma para todos:

³ Referência à prática hindu, na qual a esposa tinha como dever imolar-se junto ao marido, na mesma pira cinerária. O costume vem de épocas remotas, no Egito e na Índia, e assinala a necessidade que um homem tinha de ser acompanhado na morte, bem como o fora em vida. Tal hábito foi abolido na Índia no início do século XIX, mas ainda existem resquícios dessa crença em algumas regiões desse país. (N. do E.)

depende das circunstâncias. Alguns expiam sua falta imediatamente, outros numa nova existência que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

A observação mostra, com efeito, que as consequências do suicídio não são sempre as mesmas. Há, porém, as que são comuns a todos os casos de morte violenta, as que decorrem da interrupção brusca da vida. Primeiramente é a persistência mais prolongada e insistente do laço que liga o Espírito ao corpo. Esse laço está quase sempre com toda a sua vitalidade no momento em que foi rompido, enquanto que na morte natural, se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desata antes da extinção completa da vida. As consequências desse estado de coisas são o prolongamento da perturbação espírita, seguido da ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz o Espírito acreditar que está ainda no mundo dos vivos. (Ver as questões 155 e 165.)

A afinidade que persiste entre o corpo e o Espírito produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito que se ressent, malgrado seu, dos efeitos da decomposição, provando uma sensação plena de angústias e de horror. Esse estado pode persistir tão longamente quanto o tempo que a vida teria que durar e que foi bruscamente interrompida. Esse efeito não é geral, mas em alguns casos o suicida não está livre das consequências de sua falta de coragem e cedo ou tarde expiará essa falta, de uma maneira ou de outra. É assim que certos Espíritos, que haviam sido muito infelizes na Terra, disseram haver se suicidado na existência precedente e estar voluntariamente submetidos a novas provas, tentando suportá-las com mais resignação. Em alguns é como um apego à matéria, da qual procuraram em vão desvencilhar-se, para se encaminharem a mundos melhores, mas cujo acesso lhes é interdito. Na maior parte, é o remorso de haverem feito uma coisa inútil, da qual só provam decepções.

A religião, a moral e todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei natural. Todos nos dizem, em princípio, que não se tem o direito de abreviar voluntariamente a vida, mas por que não se terá esse direito? Por que não se está livre de pôr um termo a esses sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo

daqueles que sucumbiram, que não é apenas uma falta como também uma infração a uma moral, consideração que pouco importa para certos indivíduos, mas um ato estúpido, visto que em nada beneficia aquele que o pratica, até pelo contrário. Não é pela teoria que ele nos ensina; são os fatos que são postos sob os nossos olhos.

PENAS E VENTURAS FUTURAS¹

O nada. A vida futura

958. Por que o homem repele instintivamente o nada?

“Porque o nada não existe.”

959. De onde vem para o homem o sentimento instintivo da vida futura?

“Já dissemos: antes da encarnação, o Espírito conhece todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga lembrança do que sabe e do que viu em seu estado espiritual.” (Ver questão 393.)

Em todos os tempos o homem se preocupou com seu futuro após a morte e isso é muito natural. Qualquer importância que se dê à vida presente, não pode evitar de considerar quanto é curta e sobretudo frágil, visto que pode ser interrompida a qualquer instante e que jamais ele se encontra seguro do amanhã. O que virá após o momento fatal? Em que se tornará? A questão é grave, porque não se trata de alguns anos, mas da eternidade. Aquele que deve passar longos anos num país estranho inquieta-se pela sua situação lá. Como, portanto, não nos preocuparmos com a que teremos ao deixar este mundo, uma vez que o será para sempre?

¹ No original francês, *jouissances*, gozo, felicidade, ventura, estado de alma que reflete esse sentimento. (N. do E.)

A ideia do nada tem alguma coisa que repugna à razão. O homem mais despreocupado durante sua vida, chegado o momento supremo, pergunta-se o que será feito dele e, involuntariamente, permanece na expectativa.

Crer em Deus sem admitir a vida futura seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor está no íntimo de todos os homens. Deus não os teria posto ali em vão.

A vida futura implica a conservação de nossa individualidade após a morte. O que nos importaria, com efeito, sobreviver ao corpo, se a nossa essência moral devesse se perder no oceano do infinito? As consequências disso para nós seriam as mesmas que o nada.

Intuição das penas e das venturas futuras

960. De onde procede a crença, encontrada em todos os povos, nas penas e recompensas futuras?

“É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, dado ao homem pelo seu Espírito; porque, sabem bem, não é em vão que uma voz interior lhes fala. Seu mal é não escutá-la sempre. Se pensassem bem nisso, tornar-se-iam melhores.”

961. No momento da morte, qual é o sentimento que domina a maioria dos homens: a dúvida, o medo ou a esperança?

“A dúvida para os cétricos endurecidos; o medo para os culpados; a esperança para os homens de bem.”

962. Por que há cétricos, visto que a alma traz para o homem o sentimento das coisas espirituais?

“São em menor número do que se acredita. Muitos se fazem passar por espíritos fortes durante esta vida, por orgulho; mas, no momento da morte não se conservam tão presunçosos.”

A consequência da vida futura é proveniente da responsabilidade por nossos atos. A razão e a justiça nos dizem que, na partilha da felicidade à qual todos os homens aspiram, os bons e os maus não poderiam ser confundidos. Deus não pode querer apenas que uns desfrutem dos bens sem trabalho e que outros só o alcancem com esforço e perseverança.

A ideia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade, pela sabedoria de suas leis, não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam aos seus olhos no mesmo plano, nem duvidar de que não recebam um dia, um a recompensa e outro o castigo, pelo bem ou pelo mal que tenham feito. É por isso que o sentimento inato da justiça nos dá a intuição das penas e das recompensas futuras.

Intervenção de Deus nas penas e nas recompensas

963. Deus se ocupa pessoalmente de cada homem? Não é ele imensamente grande e nós muito pequenos, para que cada indivíduo em particular tenha qualquer importância aos seus olhos?

“Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menores que sejam. Nada é tão pequeno para a sua bondade.”

964. Deus tem necessidade de se ocupar de cada um de nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maior parte desses atos não são insignificantes para ele?

“Deus tem as suas leis que regulam todas as ações humanas. Se as violarem, é por sua própria culpa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não emite um julgamento contra ele para dizer-lhe, por exemplo: ‘Você é um glutão e vou puni-lo’; mas ele traçou um limite: as doenças e, muitas vezes, a morte são consequências dos excessos. Eis a punição; ela é o resultado da infração da lei. É assim com tudo.”

Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Não há nenhuma, *por mais insignificante que nos pareça*, que não possa ser uma violação dessas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, devemos nos queixar somente de nós mesmos, que nos fizemos, desta forma, os autores de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura.

Essa verdade se torna clara pela seguinte alegoria:

“Um pai dá ao filho educação e instrução, ou seja, os meios para saber se conduzir. Cede-lhe um campo para cultivar e lhe diz: ‘Eis a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar esse campo fértil e assegurar a sua existência. Dei-lhe a instrução para compreender essa

regra. Se procurar segui-la, seu campo produzirá muito e lhe proverá o repouso na velhice; se não a seguir, nada produzirá e morrerá de fome'. Dito isto, deixa-o agir à vontade."

Não é verdade que um campo produzirá em razão dos cuidados dispensados à cultura e que toda negligência redundará em perda da colheita? Portanto, o filho será, em sua velhice, feliz ou infeliz, segundo tenha seguido ou negligenciado a regra traçada por seu pai. Deus é ainda mais previdente, porque nos adverte a cada instante, se fazemos o bem ou o mal: envia-nos os Espíritos para nos inspirar, mas nós não os escutamos. Há ainda outra diferença: Deus dá sempre ao homem um recurso, por intermédio das novas existências, para reparar os seus erros passados, enquanto que o filho do qual falamos não o terá, se empregar mal o seu tempo.

Natureza das penas e das venturas futuras

965. As penas e as venturas da alma após a morte têm alguma coisa de material?

"Não podem ser materiais, visto que a alma não é matéria. O bom senso o diz. Essas penas e essas venturas nada têm de carnal e, portanto, são mil vezes mais vivas que as da Terra. Uma vez desprendido, o Espírito é mais impressionável: a matéria não mais lhe enfraquece as sensações." (Ver as questões de 237 a 257.)

966. Por que o homem faz das penas e das venturas da vida futura uma ideia tão grosseira e absurda?

"Inteligência ainda não suficientemente desenvolvida. A criança apreende as coisas como o adulto? Aliás, isso depende também do que lhe tenha sido ensinado: é nesse aspecto que há a necessidade de uma reforma.

A linguagem humana é muito imperfeita para exprimir o que está além do seu alcance. Desta forma, foi necessário fazer comparações e são essas imagens e figuras tomadas como a própria realidade. Contudo, à medida que o homem se esclarece, seu pensamento compreende as coisas que a linguagem não pode traduzir."

967. No que consiste a felicidade dos bons Espíritos?

“Conhecer todas as coisas; não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles a fonte de suprema felicidade. Não experimentam nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material; são felizes com o bem que fazem. De resto, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à sua elevação. Somente os Espíritos puros desfrutam, em verdade, da felicidade suprema, mas nem por isso os demais são infelizes. Entre os maus e os perfeitos, há uma infinidade de graus em que a felicidade é relativa ao estado moral. Os que são muito avançados compreendem a felicidade daqueles que avançaram mais que eles e a ela aspiram, mas isso é para eles um motivo de estímulo e não de inveja. Sabem que depende de si mesmos atingi-la e trabalham para esse fim, mas com a calma da consciência pura. Sentem-se felizes por não ter de sofrer o que sofrem os maus.”

968. Entre as condições de felicidade dos Espíritos, estes contam com a ausência das necessidades materiais. No entanto, a satisfação dessas necessidades não significa para o homem uma fonte de satisfações?

“Sim, de satisfações animais; e torna-se uma tortura quando não podem satisfazer essas necessidades.”

969. Como devemos entender quando se diz que os Espíritos puros estão reunidos no seio de Deus e ocupados em lhe cantar louvores?

“É uma alegoria para dar ideia da compreensão que eles têm das perfeições de Deus, pois o veem e compreendem, mas que não deve ser tomada ao pé da letra. Tudo na Natureza, desde o grão de areia, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Mas não acreditem que os Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação pela eternidade. Isso seria uma felicidade estúpida e monótona e, ainda, egoísta, visto que a sua existência viria a ser uma inutilidade sem-fim. Eles não têm mais as tribulações da existência corporal: isto já é uma ventura; e, depois, como dissemos, conhecem e sabem todas as coisas e empregam proveitosamente a inteligência

que adquiriram, para ajudar no progresso de outros Espíritos: essa é a sua ocupação e, ao mesmo tempo, uma ventura.”

970. Como são os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

“São tão variados quanto as causas que os produzem e proporcionais ao grau de inferioridade, como as venturas o são para o grau de superioridade. Podemos resumi-los assim: cobiçar o que lhes falta para serem felizes e não poderem obtê-lo; ver a felicidade e não poder atingi-la; mágoa, ciúme, raiva, desespero decorrentes de tudo o que os impede de ser felizes; remorsos e ansiedade moral indefinível. Desejam tudo aquilo que podem fruir e não têm condições de o fazer. É isso o que os tortura.”

971. É sempre boa a influência que os Espíritos exercem uns sobre outros?

“Sempre boa da parte dos bons Espíritos, é evidente, mas os Espíritos perversos procuram desviar do caminho do bem e do arrependimento aqueles que consideram susceptíveis de indução e que muitas vezes levaram ao mal durante a vida terrena.”

971a. Desta forma, a morte não nos livra da tentação?

“Não, mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre outros Espíritos do que sobre os homens, porque aqueles não estão sujeitos às paixões materiais.” (Ver questão 996.)

972. Se não dispõem do auxílio das paixões, como os maus Espíritos procedem para tentar os outros Espíritos?

“Se as paixões não existem materialmente, existem, contudo, no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus entretêm esses pensamentos, arrastando suas vítimas para os lugares onde deparam com essas paixões e com tudo que as possa excitar.”

972a. Mas para que servem essas paixões, se lhes falta o objeto real?

“Aí está precisamente o seu suplício: o avaro vê o ouro que não pode possuir; o devasso, as orgias às quais não pode tomar parte; o orgulhoso, as honras que inveja e que não pode desfrutar.”

973. Quais são os maiores sofrimentos que podem suportar os maus Espíritos?

“Não há descrição possível das torturas morais que são a punição de certos crimes. Mesmo os Espíritos que as experimentam teriam dificuldades

para lhes dar uma ideia; mas, seguramente, a mais horrível é o pensamento de serem condenados para sempre.”

O homem tem das penas e das venturas da alma após a morte uma ideia mais ou menos elevada, segundo o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, mais essa ideia se purifica e se desprende da matéria; compreende as coisas sob um ponto de vista mais racional e deixa de assimilar as imagens de uma linguagem figurada de forma literal. A razão mais esclarecida nos ensina que a alma é um ser inteiramente espiritual e, por isso mesmo, não pode ser afetada pelas impressões que agem apenas sobre a matéria. Mas disso não se segue que esteja isenta de sofrimentos, nem que não receba punição por suas faltas. (Ver questão 237.)

As comunicações espirituais têm por meta mostrar-nos o estado futuro da alma, não mais como uma teoria, mas como uma realidade. Colocam sob nossos olhos todas as vicissitudes da vida de além-túmulo. Ao mesmo tempo, mostram-nos como conseqüências perfeitamente lógicas da vida terrena e, embora destituídas do aparelho fantástico criado pela imaginação dos homens, não são menos penosas para aqueles que fizeram mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas conseqüências é infinita, mas pode-se dizer, em tese: cada um é punido pelo que pecou. É assim que alguns o são pela visão incessante do mal que praticaram; outros pelos remorsos, pelo medo, pela vergonha, a dúvida, o isolamento, as trevas, pela separação dos seres que lhe são queridos etc.

974. De onde provém a doutrina do fogo eterno?

“Imagem, como muitas outras, aceita como realidade.”

974a. Mas esse temor não pode ter um bom resultado?

“Observem se ela refreia aqueles que a ensinam. Se ensinam coisas que a razão rejeitará mais tarde, produzirão uma impressão que não será durável nem tampouco salutar.”

O homem, incapaz de traduzir na sua linguagem a natureza desses sofrimentos, não encontrou comparação mais enérgica que a do fogo, pois este é para ele o tipo mais cruel de suplício e o símbolo da ação mais enérgica. É por isso que a crença no fogo eterno remonta à mais

remota antiguidade e os povos modernos a herdaram dos povos antigos. É ainda por isso que, em sua linguagem figurada, ele diz: o fogo das paixões, queimar de amor, de ciúmes etc.

975. Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do homem íntegro?

“Sim, e é o que causa o seu suplício, porque compreendem que estão privados dela por sua própria culpa. É por isso que o Espírito liberto da matéria aspira a uma nova existência corpórea, pois poderá abreviar a duração desse suplício se for bem empregada. É, então, que faz a escolha das provas por intermédio das quais poderá expiar suas faltas. Saibam bem que o Espírito sofre por todo mal que praticou ou do qual foi a causa involuntária, por todo bem que tendo podido fazer e não o fez, e por todo o mal que resultar do bem que deixou de fazer.

O Espírito errante não está mais envolvido pelo véu da matéria; é como se tivesse saído de um nevoeiro e vê o que o distancia da felicidade. Então, sofre ainda mais, porque compreende o quanto é responsável. Para ele, não há mais ilusão, pois vê a realidade das coisas.”

O Espírito no estado errante abrange, por um lado, todas as suas existências passadas; por outro, vê o futuro prometido e compreendendo o que lhe falta para atingi-lo. Tal como um viajante que chega ao cume de uma montanha, vê a rota percorrida e o que falta para chegar ao destino.

976. A visão dos Espíritos que sofrem não é para os bons uma causa de aflição e, nesse caso, em que se transforma essa felicidade assim perturbada?

“Isso não é aflição, visto que sabem que o mal terá um fim. Ajudam os outros a se melhorarem, estendendo-lhes a mão: é esta a sua ocupação e uma felicidade quando obtêm êxito.”

976a. Isto se concebe da parte dos Espíritos estranhos ou indiferentes; contudo, a visão das dores e dos sofrimentos daqueles que amaram na Terra não perturba a sua felicidade?

“Se eles não vissem esses sofrimentos, seriam estranhos após a morte. Ora, a religião lhes diz que as almas os veem, mas que consideram as aflições sob outro ponto de vista, pois sabem que esses sofrimentos são úteis para o seu adiantamento, se os suportarem com resignação. Afligem-se, portanto, mais

pela falta de coragem que os retarda do que pelos próprios sofrimentos, que sabem ser apenas passageiros.”

977. Se os Espíritos não podem ocultar os seus pensamentos de forma recíproca e sendo conhecidos todos os atos da vida, deve-se deduzir que o culpado está sempre em presença de sua vítima?

“Isso não poderia ser de outra forma, o bom senso o diz.”

977a. Essa revelação de todos os atos repreensíveis e a constante presença daqueles que lhe foram vítimas serão um castigo para o culpado?

“Maior do que se pensa, mas somente até que ele tenha expiado suas faltas, seja como Espírito, seja como homem nas novas existências corporais.”

Quando estamos no mundo dos Espíritos, todo o nosso passado estando a descoberto, o bem e o mal que tivermos feito serão igualmente conhecidos. É em vão que aquele que fez o mal tenta escapar à visão de suas vítimas: sua presença inevitável será para ele um castigo e instrumento de um remorso incessante, até que tenha expiado os seus erros. Ao contrário, o homem de bem encontra por toda a parte apenas olhares amigos e benevolentes.

Para o mau, não há maior tormento na Terra que a presença de suas vítimas. É por isso que ele as evita sem cessar. Que será dele quando a ilusão das paixões dissipar-se e então compreender o mal que praticou, vendo os seus atos mais secretos revelados, sua hipocrisia desmascarada e sem poder desviá-los de sua vista? Enquanto a alma do homem perverso é presa de vergonha, de pesar e de remorso, a do justo desfruta a serenidade perfeita.

978. A lembrança das faltas que a alma cometeu quando ainda imperfeita não transtorna a sua felicidade, mesmo depois de se haver depurado?

“Não, porque resgatou as suas faltas e saiu vitoriosa das provas às quais se submeteu com essa finalidade.”

979. As provas que ainda terá de sofrer para terminar a sua purificação não são para a alma uma preocupação penosa, que perturba a sua felicidade?

“Para a alma que ainda se conserva maculada, sim; é por isso que não pode gozar de uma felicidade perfeita, senão quando estiver totalmente pura. Mas, para aquela que já se elevou, o pensamento das provas que lhe restam sofrer nada tem de penoso.”

A alma que chegou a um certo grau de pureza já desfruta a felicidade; um sentimento de doce satisfação a envolve. É feliz com tudo o que vê e que a rodeia. O véu se ergue para ela, descobrindo os mistérios e as maravilhas da Criação e as perfeições divinas lhe aparecem em todo o seu esplendor.

980. Os laços de simpatia que unem os Espíritos de mesma ordem é para eles razão de felicidade?

“A união dos Espíritos que se simpatizam pelo bem é, para eles, um dos maiores motivos de felicidade, porque não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. Formam, no mundo inteiramente espiritual, famílias do mesmo sentimento. É nisso que consiste a felicidade espiritual, como em seu mundo também os homens se agrupam por categorias e desfrutam de um certo prazer quando estão reunidos. A afeição pura e sincera que provam e da qual são objeto é uma fonte de felicidade, porque lá não há falsos amigos nem hipócritas.”

O homem desfruta das primícias dessa felicidade sobre a Terra, quando reencontra almas com as quais pode confundir-se em uma união pura e santa. Numa vida mais depurada esse prazer será infável e sem limites, porque ele só encontrará almas simpáticas, que o egoísmo não tornou indiferentes; porque tudo é amor na Natureza: o egoísmo é que o aniquila.

981. Para a vida futura do Espírito, haverá diferença entre aquele que temia a morte e o que a via com indiferença e mesmo com alegria?

“A diferença pode ser muito grande. No entanto, ela ocasionalmente se apaga, ante as causas que dão origem a esse medo ou a esse desejo. Quem a teme ou quem a deseja pode ser impulsionado pelos sentimentos mais diversos, e são esses sentimentos que influem sobre a situação futura do Espírito. É evidente, por exemplo, que aquele que deseja a morte unicamente por ver nela o termo de suas tribulações, de certa maneira se queixa contra a Providência e contra as provas que deve sofrer.”

982. É necessário crer no Espiritismo e nas manifestações dos Espíritos para assegurar a nossa sorte na vida futura?

“Se assim fosse, todos os que não creem ou que não puderam esclarecer-se seriam deserdados, o que é absurdo. É o bem que assegura a sorte no futuro. Ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele conduz.”
(Ver as questões 165 e 799.)

A crença no Espiritismo ajuda o homem a melhorar-se ao fixar-lhe as ideias sobre certos pontos do futuro. Ela apressa o avanço dos indivíduos e das massas, porque permite concebermos o que seremos um dia: é um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina a suportar as provas com paciência e resignação, desvia o homem dos atos que poderiam retardar-lhe a felicidade futura, e é assim que contribui para a sua felicidade. Mas nunca se disse que sem ele não se possa atingi-la.

Penas temporais

983. O Espírito que expia as suas faltas numa nova existência passa apenas por sofrimentos materiais. Sendo assim, é correto dizer que, após a morte, a alma tem apenas sofrimentos morais?

“É bem verdade que, quando reencarnada, as tribulações da vida são para ela um sofrimento, mas é apenas o corpo que sofre materialmente.

Dizem, muitas vezes, que após a morte o desencarnado nada mais tem a sofrer. Isso nem sempre é verdade. Como Espírito, não sofre mais as dores físicas, mas, segundo as faltas que tenha cometido, pode ter dores morais mais cruciantes e numa nova existência pode estar ainda mais infeliz. O mau rico passará a esmolar e estará submetido a todas as privações da miséria; o orgulhoso a todas as humilhações; aquele que abusa de sua autoridade e trata os seus subordinados com desprezo e dureza será forçado a obedecer a um senhor mais duro do que ele próprio o foi. Todas as penas e tribulações da vida são a expiação das faltas de outra existência, quando não são consequência das faltas da vida atual. Quando saírem deste planeta compreenderão. (Ver as questões 273, 393 e 399.)

O homem que se crê feliz sobre a Terra porque pode satisfazer suas paixões é o que faz menos esforços para se melhorar. Geralmente começa a expiar essa felicidade efêmera na própria vida que leva, mas com certeza a expiará em uma outra existência tão material quanto esta.”

984. As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?

“Não, já o dissemos. São provas impostas por Deus, ou escolhas de seu próprio arbítrio quando no estado de Espírito e antes de sua reencarnação, para expiar as faltas cometidas em outra existência, pois jamais a infração às leis de Deus e, sobretudo, da lei da justiça, fica impune. Se tal não acontece nesta vida, será necessariamente em outra. É por isso que aquele que é justo aos seus olhos vê-se, muitas vezes, atingido por seu próprio passado.”
(Ver questão 393.)

985. A reencarnação da alma num mundo menos grosseiro é uma recompensa?

“É uma consequência de sua depuração porque, à medida que os Espíritos se depuram, vão se encarnando em mundos cada vez mais perfeitos, até que se tenham despojado de toda a matéria e lavado todas as suas máculas, para desfrutarem eternamente da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus.”

Nos mundos cuja existência é menos material do que na Terra, as necessidades são menos grosseiras e todos os sofrimentos físicos menos intensos. Os homens não mais conhecem as más paixões que, nos mundos inferiores, os tornam inimigos uns dos outros. Não tendo nenhum motivo de ódio ou de ciúme, vivem em paz entre si, porque praticam a lei de justiça, amor e caridade; não conhecem os aborrecimentos e os cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que fazem o tormento de nossa existência terrena.” (Ver as questões de 172 a 182.)

986. O Espírito que progrediu em sua existência terrena pode às vezes reencarnar no mesmo mundo?

“Sim, se não pôde cumprir a sua missão e ele mesmo pedir para completá-la numa nova existência, que não será mais para ele uma expiação.” (Ver questão 173.)

987. O que será da pessoa que, sem praticar o mal, também nada faz para libertar-se da influência da matéria?

“Visto que não deu nenhum passo em direção à perfeição, deve recommençar uma existência semelhante àquela que deixou. Fica estacionário e é assim que pode prolongar os sofrimentos da expiação.”

988. Há pessoas para as quais a vida flui, serenamente; que não tendo necessidade de fazer qualquer coisa por si mesmas, estão livres de cuidados. Essa existência feliz é uma prova que nada têm a expiar de uma existência anterior?

“É de seu conhecimento que existam muitas pessoas nessa situação? Se assim acredita, engana-se. Muitas vezes a serenidade é apenas aparente. Podem ter escolhido essa existência, mas, quando a deixam, percebem que não contribuiu para o seu progresso e, então, como os preguiçosos, lamentam o tempo perdido. O Espírito não pode adquirir conhecimentos e elevar-se senão por intermédio da atividade. Se adormece na despreocupação, não avança. É semelhante àquele que, de acordo com seus costumes, tem necessidade de trabalhar e vai passear ou dormir com a intenção de nada fazer. Cada um terá de prestar contas da inatividade voluntária de sua existência. Essa inutilidade é sempre fatal à felicidade futura. A soma da felicidade futura está na razão da soma do bem que se tiver praticado; a da infelicidade, na razão do mal e dos infelizes que se tenham criado.”

989. Há pessoas que, sem serem positivamente más, por força de seu caráter tornam infelizes todos os que as rodeiam. Qual é para elas a consequência disso?

“Essas pessoas certamente não são boas e expiarão pela visão daqueles que têm tornado infelizes, cuja presença significará para elas uma acusação. Depois, em outra existência, sofrerão aquilo que fizeram sofrer.”

Expiação e arrependimento

990. O arrependimento acontece no estado corpóreo ou no estado espiritual?

“No estado espiritual, mas pode também verificar-se no estado corpóreo quando bem compreenderem a diferença entre o bem e o mal.”

991. Qual é a consequência do arrependimento no estado espiritual?

“O desejo de uma nova encarnação para purificar-se. O Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e, por isso, aspira a uma nova existência, em que poderá expiar as suas faltas.” (Ver as questões 332 e 975.)

992. Qual é a consequência do arrependimento no estado corpóreo?

“Avançar, desde a vida presente, se tiver tempo para reparar suas faltas. Quando a consciência reprova e mostra uma imperfeição, pode-se sempre melhorar.”

993. Não há homens que têm apenas o instinto do mal e são inacessíveis ao arrependimento?

“Já lhe disse que se deve progredir sem cessar. Aquele que nesta vida tem apenas o instinto do mal, em outra terá o do bem e é por isso que ele renasce muitas vezes; porque é necessário que todos progridam e atinjam o objetivo, uns em tempo mais curto, outros mais demoradamente, segundo o seu próprio desejo. Aquele que tem apenas o instinto do bem já está depurado, porque pode ter tido o do mal numa existência anterior.” (Ver questão 804.)

994. O homem perverso, que em vida não reconheceu as próprias faltas, sempre as reconhecerá após a morte?

“Sim, ele sempre as reconhece e então sofre mais porque se ressent de todo o mal que fez ou do qual foi a causa voluntária. No entanto, o arrependimento não é sempre imediato. Há os Espíritos que se obstinam no mau caminho, malgrado os sofrimentos; mas, cedo ou tarde, reconhecem o falso caminho que trilharam e o arrependimento os alcançará. É para os esclarecer que trabalham os bons Espíritos e que todos os homens podem trabalhar.”

995. Há Espíritos que, sem serem maus, sejam indiferentes à sua própria sorte?

“Há Espíritos que não se ocupam de nada útil; estão na expectativa. Mas sofrem proporcionalmente à situação. E como em tudo deve haver progresso, este se manifesta por intermédio da dor.”

995a. Não possuem eles o desejo de abreviar seus sofrimentos?

“Sem dúvida que sim, mas não dispõem de vontade suficiente para querer o que os poderia aliviar. Não existem pessoas que preferem morrer na miséria a trabalhar?”

996. Uma vez que os Espíritos veem o mal que resulta de suas imperfeições, como se explica que alguns agravem a sua posição e prolonguem o seu estado de inferioridade, praticando o mal como Espíritos, desviando os homens do bom caminho?

“São aqueles cujo arrependimento é tardio, que agem assim. O Espírito que se arrepende pode se deixar arrastar novamente no caminho do mal por outros Espíritos ainda mais atrasados.” (Ver questão 971.)

997. Há Espíritos de notória inferioridade, acessíveis aos bons sentimentos e às preces feitas a seu benefício. Como se explica que outros Espíritos, que nos pareceriam mais esclarecidos, revelem um endurecimento e um cinismo a toda prova?

“A prece tem efeito favorável apenas ao Espírito que se arrepende. Aquele que, sob o impulso do orgulho, se revolta contra Deus e persiste em seus erros, e os exagera, como o fazem os Espíritos infelizes, nada poderá receber da prece e nada receberá até o dia em que o arrependimento nele se manifeste.”

Não se deve esquecer de que o Espírito, após a morte do corpo, não é subitamente transformado. Se sua vida foi repreensível, é porque foi imperfeito. Ora, a morte não o torna imediatamente perfeito. Pode persistir em seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que seja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. A expiação se cumpre no estado corpóreo ou no estado espiritual?

“A expiação se cumpre durante a existência corpórea pelas provas às quais o Espírito é submetido, e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais decorrentes de seu estado de inferioridade.”

999. O arrependimento sincero durante a vida é suficiente para extinguir as faltas e fazer que se mereça a graça de Deus?

“O arrependimento auxilia a melhora do Espírito, mas o passado deve ser expiado.”

999a. De acordo com essa afirmativa, se um criminoso dissesse que para expiar o seu passado não precisa se arrepender, quais seriam para ele as consequências?

“Se teimar no pensamento do mal, sua expiação será mais longa e mais penosa.”

1000. Podemos nós, já nesta vida, resgatar as nossas faltas?

“Sim, começando por repará-las. Mas não acredite poder resgatá-las por algumas privações pueris ou por meio de doações post-mortem, quando de nada mais necessitam. Deus não considera um arrependimento estéril, sempre fácil e que custa apenas bater no peito. A perda de um pequeno dedo ao fazer um serviço apaga mais faltas que o cilício suportado durante anos, sem outro objetivo que o bem de si próprio. (Ver questão 726.)

O mal não é reparado senão pelo bem e a reparação não tem nenhum mérito se não atingir o homem no seu orgulho, ou nos seus interesses materiais. De que lhe serve, como justificativa, restituir após a morte os bens mal adquiridos, que foram desfrutados em vida e já não lhe servem para nada? De que lhe serve a privação de alguns prazeres fúteis e de algumas frivolidades, se o mal que fez a outrem continua o mesmo? De que lhe serve se humilhar perante Deus, se conserva o seu orgulho perante os homens?” (Ver as questões 720 e 721.)

1001. Não há nenhum mérito em se assegurar que, após a morte, os bens que deixamos terão um fim útil?

“Nenhum mérito não é bem a palavra. Isso vale sempre mais do que nada; mas o mal é que naquele que não dá senão depois da morte, em geral prevalece mais o egoísmo do que a generosidade. Deseja ter a honra do bem sem lhe haver provado o sacrifício. Aquele que se priva, em vida, tem duplo proveito: o mérito do sacrifício e o prazer de ver a felicidade que causa naqueles que auxiliou. Mas há sempre o egoísmo a dizer ao homem: aquilo que se dá é tirado dos prazeres. E como o egoísmo fala mais alto que o desinteresse e a caridade, ele guarda em vez de dar, sob o pretexto de suas necessidades e das exigências de sua posição. Ah!, lastimem aquele que não conhece o prazer de dar, pois este foi verdadeiramente deserdado de uma das mais puras e mais suaves venturas do homem. Deus, ao submetê-lo à prova da fortuna, tão escorregadia e perigosa para o seu futuro,

quis dar-lhe por compensação a felicidade oriunda da generosidade, de que pode desfrutar ainda neste mundo.” (Ver questão 814.)

1002. O que deve fazer aquele que no momento da morte reconhece as suas faltas, mas não tem tempo de repará-las? Arrepende-se, nesse caso, é suficiente?

“O arrependimento agiliza o processo de sua reabilitação, mas não o absolve. Não tem ele o futuro pela frente, que jamais lhe será impedido?”

Duração das penas futuras

1003. A duração dos sofrimentos do culpado na vida futura é arbitrária ou subordinada a alguma lei?

“Deus jamais age por capricho, e tudo no Universo é regido por leis nas quais se revelam a sua sabedoria e a sua bondade.”

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

“No tempo necessário para o seu aprimoramento. O estado de sofrimento e de felicidade sendo proporcionais ao grau de depuração do Espírito, a duração e a natureza dos seus sofrimentos dependem do tempo que ele precisa para se melhorar. À medida que progride e que seus sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e se modificam.”

(São Luís)²

1005. Para o Espírito sofredor o tempo parece tão longo ou mais curto do que quando estava encarnado?

“Parece-lhe mais longo: o sono não existe para ele. Somente para os Espíritos que chegaram a um certo grau de purificação o tempo se apaga, por assim dizer, face ao infinito.” (Ver questão 240.)

1006. A duração dos sofrimentos do Espírito pode ser eterna?

“Sem dúvida, se ele fosse eternamente mau, quer dizer, se jamais tivesse de se arrepender ou de melhorar. Então, sofreria eternamente. Mas Deus não criou seres perpetuamente voltados ao mal. Criou-os apenas simples

² Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

e ignorantes e todos devem progredir num tempo mais ou menos longo, segundo a própria vontade. Esta pode ser mais ou menos prolongada, assim como há crianças mais ou menos precoces, mas cedo ou tarde ela se manifesta pela irresistível necessidade que o Espírito experimenta de sair de sua inferioridade e ser feliz. Portanto, a lei que regula a durabilidade das penas é sobremaneira sábia e benevolente, visto que subordina a duração aos esforços do Espírito, jamais lhe tirando o livre-arbítrio: se dele faz mau uso, sofre-lhe as consequências.”

(São Luís)

1007. Há Espíritos que jamais se arrependem?

“Há Espíritos cujo arrependimento é mais tardio; não obstante, pretender que jamais se melhorem, seria negar a lei do progresso, ou seja, dizer que a criança não pode tornar-se adulto.”

(São Luís)

1008. A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito, não existindo as que lhe são impostas por um tempo determinado?

“Sim, há penas impositivas por um período de tempo, mas Deus, que quer apenas o bem de suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento e o desejo de se melhorar nunca é estéril.”

(São Luís)

1009. Segundo essa afirmação, deduz-se que as penas impostas jamais o seriam por toda a eternidade?

“Interroguem o seu bom senso e a sua razão e perguntem se uma condenação perpétua, como consequência de alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus? Que significa a duração da vida, fosse ela de cem anos, perante a eternidade? Eternidade! Compreendem bem essa palavra? Sofrimentos, torturas sem-fim e sem esperança apenas por algumas faltas! Tal pensamento não é contestado pela sua própria razão? Que os antigos tivessem visto no senhor do Universo um Deus terrível, ciumento e vingativo, isso se concebe. Em sua ignorância, transmitiram

à divindade as paixões dos homens. Mas esse não é o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas na ordem das primeiras virtudes: poderia faltar-lhe as qualidades que exige como um dever? Não há contradição em se lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Dizem que, antes de tudo, ele é justo e que o homem compreende a sua justiça, mas a justiça não exclui a bondade e Deus não seria bom se destinasse aos sofrimentos horríveis e perpétuos a maior parte de suas criaturas. Poderia fazer da justiça uma obrigação para os seus filhos, se não lhes desse os meios de compreendê-la? Aliás, não é sublime a justiça aliada à bondade, que faz a duração das penas depender dos esforços do culpado para se melhorar? Aí está a verdade do preceito: “A cada um segundo as suas obras.”

(Santo Agostinho)

“Usem de todos os meios ao seu alcance, a fim de combater e erradicar a ideia da eternidade das penas, pensamento blasfemo da justiça e da bondade de Deus, a mais fecunda fonte da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas, desde que a sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito, no limiar de seu esclarecimento, ou ainda em vias de o fazer, logo compreendeu a desmedida injustiça. Sua razão a repele e, então, raramente deixa de confundir numa mesma condenação, a pena que o revolta e o Deus a que é atribuída. Daí, os males sem conta que recaíram sobre todos e para os quais vimos trazer o remédio. Não obstante, a tarefa que lhes assinalamos lhes será tanto mais fácil quanto as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores dessa crença evitaram de se pronunciar formalmente. Nem os Concílios, nem os Pais da Igreja decidiram de forma absoluta essa grave questão. Se, de acordo com os próprios Evangelistas, tomando-se ao pé da letra as palavras alegóricas ali contidas, o Cristo ameaçou os culpados com um fogo que não se apaga, com um fogo eterno, entretanto nada existe nessas palavras que prove tê-los condenado pela eternidade.

Pobres ovelhas desgarradas, procurem ver que o Bom Pastor se lhes aproxima e que, longe de querer bani-los para sempre de sua presença, vem ao seu encontro para reconduzi-los ao redil. Filhos pródigos, deixem o seu

exílio voluntário. Voltem para a morada paterna: o pai lhes abre os braços e está sempre pronto para festejar o seu retorno à família.”

*(Lamennais)*³

“Guerras de palavras! Guerras de palavras! Já não se verteu sangue o suficiente? Será necessário reacender as fogueiras? Discutem-se as expressões: eternidade das penas, eternidade dos castigos; no entanto, aquilo que se entende hoje por eternidade, os antigos não o entendiam da mesma forma. Consulte o teólogo as fontes e, como todos, descobrirá que o texto hebreu não dá às palavras o mesmo sentido que os gregos, os latinos e que os modernos traduziram por penas sem-fim e irremissíveis. A eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os castigos subsistirão. É nesse sentido relativo que se devem interpretar os textos sagrados. A eternidade das penas é, portanto, apenas relativa e não absoluta. Dia virá em que todos os homens se revestirão, pelo arrependimento, da roupagem da inocência e, nesse dia, não mais haverá gemidos ou ranger de dentes. A razão humana é limitada, é verdade, mas tal qual é, representa um presente de Deus e com a ajuda da razão, não haverá um só homem de boa-fé que compreenda de outro modo a eternidade dos castigos. Castigos eternos! Como? Teríamos que admitir, então, que o mal fosse eterno. Só Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno, pois se assim não fosse, teríamos que destituí-lo do mais magnífico dos atributos: o poder soberano, porque deixa de ser soberanamente poderoso aquele que possa criar um elemento destruidor de suas próprias obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhe mais o seu melancólico olhar nas profundezas da Terra buscando os castigos. Chore, espere, expie e refugie-se no pensamento de um Deus infinitamente bom, absolutamente poderoso e essencialmente justo.”

*(Platão)*⁴

³ Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

⁴ Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

“Gravitar para a unidade divina, tal é a meta da Humanidade; para atingi-la, três coisas lhe são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça⁵. Pois bem: em verdade lhes digo que subvertem esses princípios fundamentais ao comprometer a ideia de Deus com o exagero de sua severidade; comprometem-na duplamente ao deixarem penetrar no Espírito da criatura a ideia de que ela possui mais clemência, mansuetude e verdadeira justiça do que costumam atribuir ao Ser Infinito; até mesmo destroem a ideia de Inferno tornando-a ridícula e inadmissível às suas crenças, como o é para os seus corações o horrível espetáculo das execuções, das fogueiras e das torturas do período medieval. Mas como? Quando banida se encontra das legislações humanas a era das cegas represálias, é que esperam mantê-la viva? Oh, acreditem, acreditem irmãos em Deus e em Jesus Cristo, creiam-me ou se resignem a deixar perecer entre as suas mãos todos os seus dogmas, para não permitir a sua alteração, ou então vivifique-os, abrindo-os aos benéficos eflúvios que os bons Espíritos espargem neste momento sobre eles. A ideia do Inferno, com suas fornalhas ardentes, com suas caldeiras ferventes, pôde ser tolerada ou admissível num século mitológico, mas, no século XIX, não passa de um fantasma, adequado para amedrontar as criancinhas e no qual elas mesmas não mais acreditam ao crescer. Ao persistir nessa mitologia apavorante, incentivam a incredulidade, mãe de toda a desorganização social. Eis por que tremo ao ver toda uma ordem social abalada e ruindo sobre as próprias bases por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, ao trabalho, pois! Não para manter fábulas atualmente desacreditadas, mas para reavivar, revitalizar a verdadeira sanção penal, sob as formas correspondentes aos seus costumes e às luzes de sua época.

Quem é, com efeito, o culpado? Aquele que, por um desvio, por um falso impulso da alma, afasta-se da meta da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo e do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo homem-deus, por Jesus Cristo.

⁵ Nesta parte, Paulo Apóstolo faz referência às Tríades druídicas, de N^{os} 43 e 44. Ver também a obra *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, de Léon Denis. (N. do E.)

Qual será o castigo? É a consequência natural, derivada desse falso impulso; uma inexorável soma de dores necessárias para fazê-lo desgostoso de sua deformidade, pela prova do sofrimento. O castigo é o aguilhão que estimula a alma pela amargura a voltar-se sobre si mesma e retornar ao caminho da salvação. O objetivo do castigo não é outro que a reabilitação. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda razão de ser.

Oh! Em verdade eu lhes digo, basta de colocar em paralelo, na eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura: isso seria criar uma penalidade injustificável. Afirmem, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transmigrações e consagrarão, pela razão unida ao sentimento, a unidade divina.”

(Paulo, Apóstolo)⁶

Deseja-se estimular o homem ao bem e desviá-lo do mal pelo engodo das recompensas e o temor dos castigos, mas, se esses castigos são apresentados de maneira que a razão se recusa a crer, não terão sobre ele nenhuma influência. Longe disso, ele rejeitará a forma e o fundo. Que se lhe apresente, ao contrário, o futuro de uma maneira lógica, e ele não o recusará. O Espiritismo lhe dá essa explicação.

A doutrina da eternidade das penas, em sentido absoluto, faz do Ser Supremo um Deus implacável. Seria lógico dizer-se de um soberano que ele é muito bom, muito benevolente, muito indulgente, que quer apenas a felicidade daqueles que o rodeiam, mas que, ao mesmo tempo, é ciumento, vingativo, inflexível em seu rigor e que pune com o suplício máximo as três quartas partes de seus súditos por uma ofensa ou uma infração às suas leis, mesmo que tenham falhado por desconhecê-las? Não seria isso uma contradição? Ora, Deus pode ser menos do que o seria um homem?

Outra contradição apresenta-se aqui. Visto que Deus tudo sabe, saberia, portanto, ao criar uma alma, que ela falharia. Ela estaria desde a sua formação destinada à infelicidade eterna. Isso é possível, racional?

⁶ Leia o resumo biográfico no fim deste livro. (N. do E.)

Com a doutrina das penas relativas, tudo se justifica. Deus sabe, sem dúvida, que ela falharia, mas lhe daria meios de esclarecer-se por sua própria experiência e, mesmo, por suas faltas. É necessário que ela expie os seus erros para estar mais bem firmada no bem, mas a porta da esperança jamais lhe será fechada e Deus fez depender o momento da sua libertação dos esforços que fizer para o atingir. Eis o que todos podem compreender, o que a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas sob esse ponto de vista, haveria bem menos descrença.

A palavra *eterno* é quase sempre empregada na linguagem comum, com sentido figurado, para designar uma coisa de longa duração e da qual não se prevê o termo, embora se saiba muito bem que esse termo existe. Dizemos, por exemplo, os gelos eternos das montanhas altas, dos polos, embora saibamos, por um lado, que o mundo físico pode ter um fim, e de outra parte, que o estado dessas regiões pode modificar-se pelo deslocamento normal do eixo da Terra ou por um cataclismo. A palavra *eterno*, neste caso, não quer dizer duração infinita. Quando sofremos de uma longa doença, dizemos que o nosso mal é eterno. Que há, portanto, para se admirar, que os Espíritos que sofrem há muitos anos, até mesmo séculos ou milhares de anos, também digam assim? Não nos esqueçamos, sobretudo, de que a sua inferioridade não lhes permite ver o fim do caminho, e eles acreditam sofrer para sempre, o que é para eles uma punição.

De resto, a doutrina do fogo eterno, das fornalhas e das torturas, emprestadas ao Tártaro⁷ do paganismo, está hoje completamente abandonada pela alta teologia. Apenas nas escolas esses apavorantes quadros alegóricos são ainda apresentados como verdades positivas, por alguns homens mais zelosos que esclarecidos e isso muito erroneamente, porque essas imaginações jovens, uma vez libertos do terror, poderão aumentar o número dos incrédulos. A Teologia reconhece hoje que a palavra *fogo* é empregada figuradamente e deve ser entendida como fogo

⁷ Tártaro: na Mitologia clássica, local para onde eram destinadas as almas dos maus; o mesmo que Inferno pagão. (*N. do E.*)

moral. (Ver questão 974.) Aqueles que acompanharam, como nós, as peripécias da vida e os sofrimentos de além-túmulo, por intermédio das comunicações espíritas, puderam convencer-se de que, por não terem nada de material, elas não são menos dolorosas. A respeito mesmo de sua duração, certos teólogos começam a admiti-las, no sentido restritivo que indicamos anteriormente e pensam que, com efeito, a palavra *eterno* pode se referir às penas em si mesmas, como conseqüências de uma lei imutável e não na sua aplicação a cada indivíduo. O dia em que a religião admitir essa interpretação, assim como outras que são igualmente a conseqüência do progresso das luzes, ela reconduzirá ao seu seio muitas ovelhas desgarradas.

Ressurreição da carne

1010. O dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

“É possível ser de outro modo? Dá-se com essa expressão o mesmo que com tantas outras, que só parecem absurdas aos olhos de certas pessoas que a interpretam literalmente e por isso são levadas à incredulidade. Mas dê-lhes uma interpretação lógica e os livres-pensadores a admitirão sem dificuldades, precisamente porque raciocinam. Por isso, não se enganem, esses livres-pensadores nada mais procuram do que crer. Eles têm, como os outros – talvez mais que os outros – ansiedade por conhecer o futuro, mas não podem admitir o que é absurdo para a Ciência. A doutrina da pluralidade das existências está de acordo com a justiça de Deus. Somente ela pode explicar o que sem ela é inexplicável. Como querer que esse princípio não estivesse na própria religião?”

1010a. Assim, a Igreja ensina a doutrina da reencarnação por meio do dogma da ressurreição da carne?

“Isso é evidente. Essa doutrina é a conseqüência de muitas coisas que passaram despercebidas e que dentro em pouco serão compreendidas nesse sentido. Em breve se reconhecerá que o Espiritismo ressalta a cada passo do próprio texto das Escrituras Sagradas. Portanto, os Espíritos não vêm subverter a religião, como alguns o pretendem; vêm, ao contrário, confirmá-la, sancioná-la pelas provas irrefutáveis demonstradas. Como chegou o

tempo de não mais empregar-se a linguagem figurada, exprimem-se sem alegorias, dando às coisas um sentido claro e preciso que não possa ser objeto de nenhuma falsa interpretação. Eis por que dentro de pouco tempo, terão mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que há hoje.”

(São Luís)

A Ciência, com efeito, demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a ideia comum. Se os despojos do corpo humano permanecessem homogêneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda poderia se conceber a sua reunião num tempo determinado. Mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado por elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam para servir à formação de novos corpos, de tal modo que a mesma molécula de carbono, por exemplo, entrará na composição de vários milhares de corpos diferentes (falamos apenas dos corpos humanos, sem contar os dos animais). Desta forma, um indivíduo pode ter em seu corpo moléculas que pertenceram aos homens dos primeiros tempos. E essas mesmas moléculas orgânicas que absorvem em sua alimentação são provenientes talvez do corpo de outro indivíduo que conheceram e assim por diante. Sendo a matéria de quantidade definida e suas transformações em número indefinido, como poderá cada um desses corpos reconstituir-se com os seus mesmos elementos? Há nisto uma impossibilidade material. Racionalmente não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma alegoria representando o fenômeno da reencarnação. Então, nada há que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da Ciência.

É bem verdade que, de acordo com o dogma, essa ressurreição deve ocorrer apenas no fim dos tempos, enquanto que, segundo a Doutrina Espírita, ela ocorre todos os dias, mas não há também nesse quadro do julgamento final uma grande e bela figura que oculta, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis que os céticos não desprezarão, quando forem reconduzidos à verdadeira significação? Que se medite bem a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre a sua destinação, em consequência das diferentes provas que devem

sofrer e se verá que, excetuando a simultaneidade, o julgamento que as condena ou que as absolve não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Consideremos ainda que ela é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admissível, enquanto que, segundo a doutrina do julgamento final, a Terra passa a ser considerada o único mundo habitado.

Paraíso, inferno e purgatório

1011. Haverá um lugar determinado no Universo, destinado às penas e às venturas dos Espíritos de acordo com os seus méritos?

“Já respondemos a essa questão. As penas e as venturas são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um possui, em si mesmo, o princípio da própria felicidade ou infelicidade; como eles estão por toda a parte, nenhum lugar determinado ou fechado se destina a uns ou a outros. Quanto aos Espíritos encarnados, são proporcionalmente felizes ou infelizes, segundo o grau de evolução do mundo que habitam.”

1012. De acordo com essa afirmação, o inferno ou o paraíso não existiriam tal como o homem os retrata?

“São apenas figuras: os Espíritos felizes e infelizes estão por toda a parte. No entanto, como também já o dissemos, os Espíritos da mesma ordem se reúnem por simpatia, mas poderão reunir-se onde quiserem, quando perfeitos.”

A localização absoluta dos lugares das penas e recompensas existe apenas na imaginação do homem. Provém da tendência de materializar e circunscrever as coisas cuja essência infinita não pode compreender.

1013. O que se deve entender por purgatório?

“Dores físicas e morais: é o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que os homens fazem o seu purgatório e que Deus os faz expiar as suas faltas.”

O que o homem chama *purgatório* é mesmo uma alegoria pela qual se deve entender, não algum lugar determinado, mas o estado dos Espíritos imperfeitos que estão em expiação até a purificação completa que deve elevá-los à ordem dos Espíritos felizes. Operando-se essa depuração nas diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal.

1014. Como se explica que Espíritos que, por sua linguagem revelam superioridade, tenham respondido às pessoas mais sérias, a respeito do inferno e do purgatório, segundo as ideias comumente admitidas?

“Esses Espíritos falam uma linguagem compreensível às pessoas que os interrogam. Quando estas últimas estão convictas de certas ideias, não querem chocá-las para não ferir as suas convicções. Se um Espírito fosse dizer, sem precauções oratórias, a um muçulmano que Maomé não era um profeta, seria muito mal recebido.”

1014a. Entenda-se que pode ser assim da parte dos Espíritos que querem nos instruir. Contudo, como se explica que, interrogados sobre a sua situação, vários Espíritos tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

“Quando são inferiores e não estão ainda completamente desmaterializados, conservam uma parte de suas ideias terrenas e interpretam as suas impressões pelas palavras e expressões que lhes são familiares. Encontram-se num meio que não lhes permite sondar o futuro senão de forma imperfeita. Esta é a causa por que em geral os Espíritos errantes, ou recentemente libertos, falam como se estivessem ainda na vida carnal. Inferno pode traduzir-se por um caminho de provas extremamente penosas, com a incerteza de uma melhora; purgatório, uma vida também de provas, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando se prova uma grande dor, não se diz sofrer como um condenado? São apenas palavras e sempre em sentido figurado.”

1015. O que se deve entender por alma penada?

“Uma alma⁸ errante e sofredora, incerta de seu futuro, à qual podem proporcionar um alívio que frequentemente ela solicita ao vir comunicar-se consigo.” (Ver questão 664.)

1016. Em que sentido deve-se entender a palavra céu?

“Poderíamos crer que seja um lugar como os Campos Eliseos⁹ dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão aglomerados e confundidos, sem

⁸ O sentido de alma aqui não define o estado, mas o sentimento. No primeiro caso, os Espíritos, ao responderem a Kardec, teriam dito um *Espírito errante*. (N. do E.)

outra preocupação que a de desfrutar pela eternidade de uma felicidade passiva? Não. É o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os Espíritos usufruem de todas as suas faculdades, sem as tribulações da vida material, nem as angústias inerentes à inferioridade.”

1017. Alguns Espíritos disseram habitar o quarto, o quinto céu etc. O que entendiam por isso?

“Se lhes perguntam que céu habitam, é porque têm a ideia de vários céus sobrepostos como os andares de uma casa. Então, eles lhes respondem segundo a sua linguagem; mas, para eles, as palavras – quarto, quinto céu – exprimem diferentes graus de depuração e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se ele está no inferno. Se é infeliz, dirá que sim, porque para ele inferno é sinônimo de sofrimento, mas sabe muito bem que não se trata de uma fornalha. Um pagão teria dito que estava no Tártaro.”

O mesmo se dá com outras expressões análogas, tais como as de cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esferas etc., que são apenas alegorias empregadas por certos Espíritos, seja como figuras, seja por ignorância da realidade das coisas e mesmo das mais simples noções científicas.

Segundo a ideia restrita que se fazia dos lugares de penas e recompensas e, sobretudo, na opinião de que a Terra era o centro do Universo, que o céu formava uma abóbada na qual haveria uma região das estrelas, colocava-se o *céu no alto e o inferno embaixo*. Daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado no inferno. Hoje, que a ciência demonstrou que a Terra é apenas um dos menores mundos entre tantos milhões de outros e sem importância especial; que traçou a história de sua formação e descreveu a sua constituição; provando que o espaço é infinito; de forma que não há nem alto, nem baixo para o Universo, é necessário renunciar a colocar o céu acima e o inferno nos lugares baixos. Quanto ao purgatório,

⁹ Campos Elíseos: na Mitologia clássica, lugar de descanso e felicidade eternos, destinado aos bons e aos justos. (N. do E.)

nenhum lugar lhe havia sido destinado. Estava reservado ao Espiritismo dar sobre todas essas coisas a explicação mais racional, mais grandiosa e, ao mesmo tempo, mais consoladora para a Humanidade. Assim, pode-se dizer que portamos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso e que encontramos nosso purgatório em nossa encarnação, nas vidas corporais ou físicas.

1018. Em que sentido é necessário entender essas palavras do Cristo: “Meu reino não é deste mundo?”¹⁰

“O Cristo respondeu em sentido figurado. Queria dizer que reina apenas nos corações puros e desinteressados. Está em toda a parte em que domine o amor do bem, mas os homens ávidos das coisas deste mundo e ligados aos bens da Terra não estão com Ele.”

1019. O reino do bem poderá um dia cumprir-se na Terra?

“O bem reinará na Terra quando entre os Espíritos que vêm habitá-la, os bons superarem os maus. Então, farão reinar o amor e a justiça que são a origem do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem atrairá sobre a Terra os bons Espíritos e que afastará os maus, mas os maus só a deixarão quando o homem expulsar daqui o orgulho e o egoísmo.

A transformação da Humanidade foi predita e chega agora o momento em que todos os homens amantes do progresso se apressam. Ela se cumprirá pela encarnação de Espíritos melhores que constituirão uma nova geração na Terra. Então, os Espíritos dos maus que a morte ceifa a cada dia e todos os que tentam deter a marcha do progresso serão excluídos, porque estariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos avançados, cumprir as missões penosas em que poderão trabalhar, pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo em que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos, ainda mais atrasados. Não veem na sua exclusão da Terra transformada a sublime figura do Paraíso Perdido? E no homem que veio à Terra em condições semelhantes, trazendo em si o germe de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do pecado original? Este, considerado sob esse

¹⁰ João, 18:36. (N. do E.)

ponto de vista, se refere à natureza ainda imperfeita do homem que é, assim, responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas de seus pais.

Homens de fé e de boa vontade, trabalhem com zelo e com coragem na grande obra da regeneração, porque colherão cem vezes mais o grão que terão semeado. Infeliz daqueles que fecharam os olhos à luz, pois preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções; infelizes aqueles que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, pois sofrerão mais privações do que as alegrias que desfrutaram. Infelizes, sobretudo, dos egoístas, porque não encontrarão ninguém para ajudá-los a portar o carregar das suas misérias.”

(São Luís)¹¹

¹¹ Pode parecer estranho ao novato da Doutrina, o fato de Allan Kardec haver colocado o título de *Santo* precedendo o nome do autor ou autores das respostas. Contudo, o Codificador o usa apenas como meio de identificação dos Espíritos comunicantes. (*N. do E.*)

CONCLUSÃO

I

Aquele que conhecesse sobre o magnetismo terrestre apenas o jogo dos pequenos patinhos imantados, que se faz manobrar sobre a água de uma bacia, dificilmente poderia compreender que esse brinquedo encerra o segredo do mecanismo do Universo e do movimento dos mundos. O mesmo ocorre com aquele que conhece sobre o Espiritismo apenas o movimento das mesas. Ele vê nisso mais um divertimento, um passatempo das reuniões sociais e não compreende que esse fenômeno tão simples e tão vulgar, conhecido na Antiguidade e mesmo pelos povos semisselvagens, possa relacionar-se às mais importantes questões para a sociedade humana. Para o observador superficial, com efeito, que relação pode ter uma mesa que gira com a moral e o futuro da Humanidade? Mas quem quiser refletir se lembrará que de uma simples panela com água fervente cuja tampa se erguia pelo vapor, fato que também se verificava desde a mais remota Antiguidade, surgiu o mais possante motor com o qual o homem atravessa o espaço e suprime distâncias.

Pois bem. Os que não acreditam em nada fora do mundo material saibam, portanto, que, dessa mesa que gira e provoca sorrisos de desdém, saiu toda uma Ciência, assim como a solução de problemas que nenhuma filosofia pudera resolver. Apelo a todos os adversários de boa-fé e lhes suplico dizerem se tiveram o trabalho de estudar o que criticam; porque, em boa lógica, a crítica tem valor apenas quando o crítico é conhecedor do assunto. Zombar de uma coisa que não se conhece, que não se

sondou com o critério do observador consciencioso não é criticar, é dar provas de leviandade e uma pobre ideia de seu potencial de julgamento. Seguramente, se tivéssemos apresentado esta filosofia como obra de um cérebro humano, ela teria encontrado menos desprezo e teria sido digna de um exame daqueles que pretendem conduzir a opinião. Contudo, ela vem dos Espíritos, que absurdo! É muito que ela mereça um olhar. Julgam-na pelo título, como o símio da fábula julgava a noz pela casca. Façam, se o quiserem, abstração da origem: suponham que este *livro* seja a obra de um homem e digam conscientemente se, após uma leitura *séria*, encontram matéria para zombar.

II

O Espiritismo é o mais temerário antagonista do materialismo. Não é, portanto, de se admirar que tenha os materialistas por adversários; mas como o materialismo é uma doutrina que mal se ousa confessar (prova evidente de que aqueles que a professam não se acreditam fortes o suficiente e são dominados por sua consciência), eles se encobrem com o manto da razão e da Ciência. E, o que é estranho, os mais céticos falam até mesmo em nome da religião, que, da mesma forma, não conhecem, e não compreendem como o Espiritismo. Seu foco é, sobretudo, o *maravilhoso* e o *sobrenatural*, que não admitem. Ora, segundo eles, o Espiritismo está fundado sobre o maravilhoso e, portanto, pode ser apenas uma suposição ridícula. Não refletem que procedendo deste modo, sem restrições contra o maravilhoso e o sobrenatural, fazem o mesmo contra a religião. Com efeito, a religião está fundada na revelação e nos milagres. Ora, o que é a revelação senão as comunicações extra-humanas? Todos os autores sagrados, desde Moisés, falaram dessas espécies de comunicações. Que são os milagres senão fatos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, visto que são, no sentido litúrgico, derrogações das leis naturais? Portanto, ao rejeitar o maravilhoso e o sobrenatural, rejeitam as próprias bases da religião. Mas esse não é o ponto de vista pelo qual desejamos encarar o tema. O Espiritismo não tem de examinar se há ou não milagres,

quer dizer, se Deus pôde, em certos casos, derrogar as leis eternas que regem o Universo. Ele deixa, a esse respeito, toda liberdade à crença; contudo, diz e prova que os fenômenos sobre os quais se apoia têm de sobrenatural apenas a aparência. Esses fenômenos não parecem naturais aos olhos de certas pessoas, apenas pelo fato de serem singulares e excedam os fatos conhecidos. Mas não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos dos quais a Ciência nos dá hoje a solução e que pareciam maravilhosos em outras épocas. Todos os fenômenos espíritas, *sem exceção*, são a consequência de leis gerais. Revelam-nos um dos poderes da Natureza, força desconhecida ou, melhor dizendo, não compreendida até hoje, mas que uma boa observação demonstra estar na ordem das coisas. Portanto, o Espiritismo repousa menos sobre o maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião. Os que o atacam nesse sentido demonstram não conhecê-lo e mesmo que fossem os maiores sábios, nós lhes diríamos: se a sua Ciência, que lhes ensinou tantas coisas, não lhes revelou que o domínio da Natureza é infinito, são apenas meio-sábios.

III

Conforme dizem, querem curar o seu século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Gostariam, antes, que o mundo fosse invadido pela incredulidade, que procuram propagar? Não é à ausência de qualquer crença que atribuiremos o relaxamento dos laços de família e a maior parte das desordens que minam a sociedade? Ao demonstrar a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, reergue os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida: ousariam chamar a isso um mal? Duas doutrinas se defrontam: uma que nega o futuro, outra que o proclama e o prova; uma que nada explica, outra que tudo explica e, por isso mesmo, se direciona à razão. Uma é a confirmação do egoísmo, a outra dá uma base à justiça, à caridade e ao amor por seus semelhantes; a primeira mostra apenas o presente e aniquila toda a esperança, a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro. Qual é a mais perniciosa?

Determinadas pessoas, e entre elas as mais céticas, fazem-se apóstolos da fraternidade e do progresso. Mas a fraternidade supõe o desinteresse, a abnegação da personalidade. Para a verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia. Com que direito impõem um sacrifício àquele a que dizem que com a morte tudo está acabado para ele e que amanhã talvez não será mais que uma velha máquina desarranjada e atirada fora? Que razão terá ele para se impor uma renúncia qualquer? Não é mais natural que durante os curtos instantes que lhe concedem procure ele viver o melhor possível? Daí, o desejo de possuir muito para melhor desfrutar. Desse desejo surge a inveja contra os que possuem mais e dessa inveja à vontade de tomar para si o que eles possuem é apenas um passo. O que o detém? A lei? Mas a lei não inclui todos os casos. Alguns dirão que é a consciência, o sentimento de dever? Mas em que se baseia o sentimento do dever? Esse sentimento tem uma razão de ser na crença de que tudo termina com a vida? Com essa crença, uma só máxima é racional: cada um por si. As ideias de fraternidade, de consciência, de dever, de Humanidade, e mesmo de progresso, são apenas palavras vãs.

Oh! todos os que proclamam semelhantes doutrinas não sabem todo o mal que fazem à sociedade, nem de quantos crimes assumem a responsabilidade! Mas por que falo de responsabilidade? Para o cético, ela não existe; ele rende homenagens apenas à matéria.

IV

O progresso da Humanidade tem o seu princípio na aplicação da lei de justiça, amor e caridade. Essa lei está fundada sobre a certeza do futuro. Exclua-se essa certeza e tirarão a sua pedra angular. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade humana. Somente ela pode sanar as feridas da sociedade. E isso podemos avaliar fazendo uma análise comparativa das épocas e dos povos, porquanto melhoram a sua condição, à medida que essa lei é mais bem compreendida e praticada. Se uma aplicação parcial e incompleta produz um bem real, o que será, portanto, quando a tomarem por base de todas as instituições sociais? Isto é possível? Sim, porque quem deu

dez passos pode dar vinte e assim sucessivamente. Pode-se então julgar o futuro baseando-se no passado. Já estamos observando a extinção gradativa das animosidades entre os povos. As barreiras que os separam caem diante da civilização. Eles se dão as mãos de um extremo a outro do mundo. Maior justiça preside às leis internacionais. As guerras tornam-se progressivamente mais raras e não mais excluem os sentimentos de Humanidade. A uniformidade estabelece-se nas relações. As distinções de etnias e de castas desaparecem e os homens de diferentes crenças fazem cessar os preconceitos sectários para se confundirem na adoração de um só Deus¹. Referimo-nos a povos que andam à frente da civilização (Ver as questões 789 e 793.). Contudo, estamos ainda longe da perfeição e existem ainda resíduos remanescentes a serem destruídos, até que tenham desaparecido os últimos vestígios da barbárie. Mas aqueles vestígios poderão opor-se ao poder irresistível do progresso, a essa força viva que é em si mesma uma lei da Natureza? Se a geração presente é mais avançada que a antecedente, por que a que nos sucederá não o seria mais do que a nossa? Ela o será pela força das coisas. Primeiro, porque com as gerações se extinguem a cada dia alguns velhos campeões dos velhos abusos e assim a sociedade se forma gradualmente de elementos novos, despojados dos velhos preconceitos. Em segundo lugar, porque, aspirando ao progresso, o homem estuda os obstáculos e esforça-se por removê-los. Desde que o movimento progressivo é incontestável, o progresso futuro não poderia ser colocado em dúvida. O homem quer ser feliz por natureza e busca o progresso apenas para aumentar a sua felicidade, sem o que o progresso não teria propósito. O que seria o progresso para ele se não tivesse como intuito melhorar-lhe a posição? Mas, quando tiver a soma de felicidade

¹ Essa afirmativa de Allan Kardec poderia ser objetada, uma vez que, após escrita, a Humanidade já atravessou duas grandes guerras mundiais, além de guerras de cunho étnico, religioso e social. De acordo com as estatísticas da ONU, em 1995 havia 32 conflitos em andamento, cobrindo 4 dos 5 continentes. Como afirmam os Espíritos, o egoísmo, essa chaga da Humanidade, ainda é o maior estímulo desse processo. No entanto, nunca o homem buscou tanto a paz, como agora. Nos dias atuais, diversos órgãos não governamentais, entidades públicas ou privadas, entidades de classe filantrópicas, grupos afins e até religiosos, representam a “minoría criativa” de Arnold Toynbee, que, pela força das circunstâncias, trabalha pela formação de um mundo novo e mais justo, endossando a afirmação dos Espíritos de que o homem, buscando naturalmente o progresso, irá ao encontro do progresso moral, na sublime parceria da inteligência com a ética e a moral. (*N. do E.*)

que lhe pode dar o progresso intelectual, perceberá que a felicidade não é completa; reconhecerá que ela é impossível sem a segurança das relações sociais e esta segurança ele pode encontrá-la apenas no progresso moral. Desta forma, pela força das circunstâncias, ele mesmo impulsionará o progresso nessa direção e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para atingir esse alvo.^(*)

V

Aqueles que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo proclamam, por isso mesmo, a sua força, porque uma ideia sem fundamento e destituída de lógica não poderia tornar-se universal. Se, portanto, o Espiritismo se implanta por toda parte, se recruta adeptos sobretudo entre as classes esclarecidas, como todos reconhecem, é que tem um fundo de verdade. Contra essa tendência, todos os esforços de seus detratores serão inúteis e o que o prova é que o próprio ridículo com que o procuraram cobrir, longe de deter o seu impulso, parece lhe haver dado um novo vigor. Esse resultado justifica plenamente o que muitas vezes têm dito os Espíritos: *“Não se inquietem com a oposição, tudo o que fizerem contra a sua pessoa se converterá a seu favor e os seus maiores adversários servirão à sua causa sem o querer. Contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não poderá prevalecer”*.

Com o Espiritismo, a Humanidade deve entrar numa fase nova, a do progresso moral, que é a sua consequência inevitável. Por isso, deixem de se admirar com a rapidez com a qual se propagam as ideias espíritas. A causa disso está na satisfação que elas proporcionam a todos os que as aprofundam e que veem nelas algo mais que um fútil passatempo. Ora, como o homem quer a sua felicidade acima de tudo, não é de admirar que se interesse por uma ideia que o torne feliz.

O desenvolvimento dessas ideias apresenta três períodos distintos: o primeiro é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenômenos produzidos; o segundo, o do raciocínio e da filosofia; o terceiro, o da

(*) Conclusão, IV – Veja Nota Explicativa no fim deste volume, página 505.

aplicação e das conseqüências. O período da curiosidade já passou; a curiosidade tem duração curta e, uma vez satisfeita, muda de objetivo; não é o mesmo com o que se refere ao pensamento sério e ao raciocínio. O segundo período já começou e o terceiro o seguirá inevitavelmente.

O Espiritismo progrediu sobretudo depois que foi mais bem compreendido em sua essência, após lhe perceberem o alcance, porque toca no ponto mais importante para o homem: a sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí está a causa de sua propagação: o segredo da força que o faz triunfar. Tornam-se felizes aqueles que o compreendem, enquanto a sua influência não se estende sobre as massas. Mesmo aquele que não foi testemunha de nenhum fenômeno material de manifestação dirá: além desses fenômenos há uma filosofia; essa filosofia me explica o que nenhuma outra havia explicado; nela eu encontro, pelo simples raciocínio, uma demonstração *racional* dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro. Ela me oferece a calma, a segurança, a confiança, me liberta do tormento da incerteza. Ao lado disso, a questão dos fatos materiais se torna secundária. A todos que o atacam, querem um meio de combatê-lo com sucesso? Ei-lo aqui. Substituam-no por alguma coisa melhor, encontrem uma solução mais filosófica a todas as questões que ele resolve, deem ao homem *outra certeza* que o torne mais feliz, mas compreendam bem o alcance dessa palavra *certeza*, porque o homem aceita como *certo* apenas o que lhe parece *lógico*. Não se contentem em dizer que isso não é assim, pois é muito fácil negar. Provem, não por uma negação, mas por fatos, que isso não é, jamais foi e não poderá ser. E se isso não é, digam sobretudo o que devia ser em seu lugar. Provem, enfim, que as conseqüências do Espiritismo não tornaram os homens melhores e, portanto, mais felizes pela prática da mais pura moral evangélica, moral que muito se louva, mas que se pratica tão pouco. Quando tiverem assim agido, terão o direito de atacá-lo. O Espiritismo é forte porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras e porque sobretudo mostra essas penas e essas recompensas como conseqüências naturais da vida terrena oferecendo um quadro do futuro em que nada pode ser contestado pela mais exigente razão. Que recompensa oferecem, para os sofrimentos deste mundo, aqueles cuja

doutrina consiste na negação do futuro? Apoiam-se na incredulidade, enquanto o Espiritismo se firma na confiança em Deus. Enquanto convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, os contraditores oferecem-lhes o nada por perspectiva e o egoísmo por consolação. Enquanto o Espiritismo explica tudo, eles nada explicam. Ele prova pelos fatos e os descrentes nada provam. Como pode o homem hesitar entre essas duas doutrinas?

VI

Seria fazer uma ideia bem falsa do Espiritismo acreditar que a sua força provém da prática das manifestações materiais e que assim, ao entrar essas manifestações, pode-se minar-lhes as bases. Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso. Na Antiguidade, ele era objeto de estudos misteriosos, cuidadosamente ocultos ao povo. Hoje não tem segredos para ninguém, pois fala uma linguagem clara, sem ambiguidades; nada há de místico no Espiritismo, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Ele quer ser compreendido por todos, porque é chegado o tempo de se fazer com que os homens conheçam a verdade. Longe de opor-se à difusão da luz, ele a revela a todos; não reclama uma crença cega, mas quer que se saiba por que se crê. Ao se apoiar na razão, será sempre mais forte que as doutrinas que se firmam sobre o nada.

Os entraves que se tentassem oferecer à liberdade das manifestações poderiam abafá-las? Não, porque produziriam o efeito de todas as perseguições: o de estimular a curiosidade e o desejo de conhecer aquilo que foi proibido. Por outro lado, se as manifestações dos Espíritos fossem o privilégio de um só homem, ninguém duvidaria que, ao colocar esse homem de lado, se poria fim às manifestações. Infelizmente para os adversários, elas estão ao alcance de todos e são utilizadas por todos, desde o menor ao maior, desde o palácio ao casebre. Pode-se interditar o seu exercício público, mas sabe-se precisamente que não é em público que elas se produzem melhor e sim na intimidade. Ora, cada um podendo ser médium, quem pode impedir uma família no

interior de seu lar, um indivíduo no silêncio do seu gabinete, o prisioneiro na sua cela de terem comunicações com os Espíritos, à revelia e até mesmo em face dos seus verdugos? Se as proibissem num país, poderiam ser impedidas nos países vizinhos ou no mundo inteiro, visto que não há um país, um continente em que não haja médiuns? Para encarcerar todos os médiuns, seria necessário encarcerar metade do gênero humano; conseguindo-se, o que não seria mais fácil, queimar todos os livros espíritas, no dia seguinte eles estariam sendo reproduzidos, porque a mente é inatacável e não se pode jamais encarcerar nem queimar os Espíritos, seus verdadeiros autores.

O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém se pode dizer seu autor, porque é tão antigo quanto a Criação. Encontra-se por toda a parte, em todas as religiões e mais ainda na religião católica² e com mais autoridade que em todas as outras, porque nela se encontram o princípio de todas as manifestações: Espíritos de todos os graus, suas relações ocultas e patentes com os homens, os anjos guardiães, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todo tipo, as aparições tangíveis. Com relação aos demônios, não são outra coisa que Espíritos maus e, salvo a crença que são votados ao mal, enquanto o caminho do progresso não é interdito aos outros, não há entre eles qualquer diferença além do nome.

Que faz a moderna Ciência espírita? Ela reúne em um todo o que estava disperso; explica em termos próprios o que só se conhecia em linguagem alegórica; elimina tudo o que a superstição e a ignorância haviam criado para deixar apenas o que é real e positivo: eis seu papel. Mas não lhe cabe o de fundadora. Ela mostra o que existe, coordena, mas não cria nada, já que as suas bases estão em todos os tempos e em todos os lugares. Quem, portanto, ousaria considerar-se bastante forte para poder abafá-la sob os sarcasmos e mesmo sob perseguições? Se a proibirem num

² Esta afirmativa se prende ao fato de que o Catolicismo era a religião predominante no século de Kardec. Na Bíblia podemos encontrar registradas todas as manifestações espíritas que o Espiritismo classificou didaticamente, como resultado natural dos estudos e das pesquisas realizadas por Allan Kardec na Sociedade Espírita de Paris e constantes em *O Livro dos Médiuns*, em *A Gênese* e na *Revista Espírita*. (N. do E.)

lugar, ela renascerá em outros, nas mesmas condições em que foi expulsa, porque está na Natureza e não é dado ao homem aniquilar uma força da Natureza nem colocar seu *veto* sobre os decretos de Deus.

Assim, qual interesse haveria em se enterrar a propagação das ideias espíritas? É verdade que essas ideias se levantam contra os abusos que nascem do orgulho e do egoísmo. Mas esses abusos, dos quais alguns se aproveitam, prejudicam as massas. O Espiritismo terá, portanto, as massas a seu favor e não terá por adversários sérios senão os que se interessam na manutenção desses abusos. Por sua influência, ao contrário, essas ideias tornarão os homens melhores uns para com os outros, menos ávidos de interesses materiais e mais resignados com os decretos da Providência, transformando-se em penhor de ordem e de tranquilidade.

VII

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios de filosofia e moral que delas decorrem e a aplicação desses princípios. Daí, as três classes ou antes, os três graus de adeptos: 1^o) os que acreditam nas manifestações e limitam-se a constatá-las; para eles é uma ciência de experimentação; 2^o) os que compreendem as suas consequências morais; 3^o) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual se encarem esses fenômenos estranhos, cada um deles compreende que é toda uma nova ordem de ideias que surge e cujas consequências podem ser apenas uma profunda modificação no estado da Humanidade e cada um compreendendo também que essa modificação pode verificar-se apenas no sentido do bem.

Quanto aos adversários, pode-se também classificá-los em três categorias: 1^a) os que negam sistematicamente tudo o que é novo ou não provém de suas próprias mentes e que dele comentam sem conhecimento de causa. A esta classe pertencem todos os que nada admitem fora do testemunho dos sentidos; nada viram, nada querem ver e ainda menos aprofundar; ficariam mesmo aborrecidos se oportunamente vissem as coisas de maneira muito clara, por medo de serem forçados a reconhecer

que não têm razão. Para esses, o Espiritismo é uma fantasia, uma loucura, uma utopia, ele não existe e eis tudo. São os incrédulos de posição fixa. Ao lado deles, pode-se colocar os que não lhe lançaram sequer uma rápida observação para desencargo de consciência, a fim de poder dizer: Eu quis ver e nada vi. Não compreendem que seja necessário mais de meia hora para se darem conta de toda uma Ciência. 2ª) os que, malgrado o conhecimento que têm do que devem pensar sobre a realidade dos fatos, combatem-nos por motivos de interesse pessoal. Para esses, o Espiritismo existe, mas temem as suas consequências e o atacam como a um inimigo; 3ª) os que encontram na moral espírita uma censura muito severa para os seus atos ou às suas tendências. O Espiritismo levado a sério os incomodaria. Não o rejeitam nem o aprovam: preferem fechar os olhos. Os primeiros são dominados pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Compreende-se que essas causas de oposição, nada tendo de sólidas, devem desaparecer com o tempo, pois procuraríamos em vão uma quarta classe de antagonistas, aquela que se apoiasse em causas contrárias evidentes, demonstrando um estudo consciencioso e laborioso da questão. Todos não lhe opõem senão a negação, nenhum deles apresenta uma demonstração séria e irrefutável.

Seria esperar demasiado da natureza humana crer que pudesse transformar-se subitamente pelas ideias espíritas. A ação dessas ideias não é seguramente a mesma nem do mesmo grau, em todos os que as professam. Todavia, qualquer que seja o seu resultado, mesmo fraco, significa sempre uma melhora, nem que seja apenas o de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto é a consequência da observação dos fatos. Mas entre os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele veem algo mais que os fenômenos, um pouco ou mais curiosos, os efeitos são outros. O primeiro e o mais comum é o de desenvolver o sentimento religioso nos que, sem serem materialistas, são apenas indiferentes às coisas espirituais. Para ele, isto resulta em desprezo pela morte; não dizemos o desejo da morte, longe disso, porque o espírita defenderá a sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que o faz aceitar, sem queixas ou lamentos uma morte inevitável, como uma coisa antes

feliz que temível, pela certeza que lhe acontecerá. O segundo efeito, quase tão comum quanto o primeiro, é a resignação diante das atribulações da vida. O Espiritismo faz ver as coisas de tão alto que a vida terrena perde grande parte de sua importância, e o homem não mais se perturba tanto com as tribulações que o acompanham. Daí mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos e também o afastamento do desejo de abreviar seus dias, porque a Ciência espírita ensina que, pelo suicídio, se perde sempre o que se quer ganhar. A certeza de um futuro que depende de nós mesmos tornar feliz e a possibilidade de estabelecer relações com os seres que nos são queridos oferecem ao espírito um supremo conforto: seu horizonte se amplia até o infinito pela visão incessante que há da vida além-túmulo, da qual podem sondar as misteriosas profundezas. O terceiro efeito é o de despertar a indulgência para com os defeitos alheios. Mas é necessário dizer, o princípio do egoísmo e tudo o que dele decorre são o que há de mais obstinado no homem e, por consequência, mais difícil de se desenraizar. Fazemos sacrifícios voluntários, contanto que nada custem e, sobretudo, que não nos privem de nada; o dinheiro exerce ainda sobre a maioria das criaturas, uma irresistível atração e bem poucos compreendem a palavra *supérfluo* quando se trata de suas próprias pessoas. Assim, a renúncia de si mesmo é o sinal do mais eminente progresso.

VIII

Os Espíritos – perguntam certas pessoas – nos ensinam uma moral nova, superior à que o Cristo ensinou? Se essa moral não é outra que a do Evangelho, que vem trazer o Espiritismo? Esse raciocínio se parece àquele do califa Omar³, falando da Biblioteca de Alexandria: “Se ela contém”, dizia ele, “apenas o que há no Alcorão, é inútil e portanto deve ser queimada; se ela encerra outra coisa, é má, e portanto ainda é necessário queimá-la”. Não, o Espiritismo não encerra uma moral diferente daquela de Jesus, mas perguntaremos, por nosso turno, se antes

³ Califa Omar Ibn Al-Khattab (586-644 d.C.), segundo califa árabe muçulmano. (*N. do E.*)

do Cristo, os homens não tinham a lei de Deus revelada a Moisés? Sua doutrina não se encontra no Decálogo? E por isso se dirá que era inútil a moral de Jesus? Perguntaremos, ainda, àqueles que negam a utilidade da moral espírita, porque a do Cristo é tão pouco praticada e porque os que lhe proclamam a sublimidade são os primeiros a violar a primeira de Suas leis: *a caridade universal*. Os Espíritos vêm não somente confirmá-las, mas mostrar-nos a sua utilidade prática; tornam inteligíveis e claras as verdades que haviam sido ensinadas apenas sob a forma alegórica; e, ao lado da moral, vêm também definir os mais profundos problemas da psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens o caminho do verdadeiro bem. Por que Deus, que O enviou para lembrar a Sua lei esquecida, não enviaria hoje os Espíritos para novamente a lembrar e com mais precisão, pois que os homens dela se esqueceram para tudo sacrificarem ao orgulho e à cobiça? Quem ousaria opor limites ao poder de Deus e delimitar os Seus caminhos? Quem dirá, como afirmam os Espíritos, que os tempos preditos não são chegados e que não alcançamos aqueles cujas verdades mal compreendidas ou falsamente interpretadas devem ser ostensivamente reveladas ao gênero humano para acelerar seu avanço? Não há alguma coisa de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente por todos os pontos do planeta? Não é um só homem, um profeta que vem nos advertir, pois é por toda a parte que a luz se difunde: é todo um mundo novo que se desenrola aos nossos olhos. Como a invenção do microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos do qual nem sequer suspeitávamos, como o telescópio nos descobriu milhares de mundos do qual também não suspeitávamos a existência, as comunicações espíritas nos revelam o mundo invisível que nos rodeia, cujos habitantes nos acotovelam a todo instante e participam, à nossa revelia, de tudo o que fazemos. Algum tempo ainda e a existência desse mundo, que é precisamente o que nos aguarda, será também incontestável como a do mundo microscópico e o dos planetas perdidos no espaço. De nada valerá, então, termos conhecido todo um mundo, de nos haverem iniciado nos mistérios da vida além-túmulo? É verdade que essas descobertas, se assim as podemos

chamar, contrariam de algum modo certas ideias estabelecidas. Mas também é certo que todas as grandes descobertas científicas não têm igualmente modificado, e até mesmo anulado as ideias credoras de maior autoridade? E não foi necessário que o nosso amor-próprio se curvasse à evidência? O mesmo se dará com o Espiritismo e, em pouco tempo, ele terá direito de cidadania entre os conhecimentos humanos.

As comunicações com os seres de além-túmulo tiveram por objetivo nos fazer compreender a vida futura, fazendo com que a vejamos; de nos iniciar nos princípios das penas e das venturas que nos aguardam, segundo os nossos méritos e, por isso mesmo, de conduzir ao *espiritualismo* os que veem nos homens apenas a matéria, uma máquina orgânica. Desta forma, tivemos razão de dizer que o Espiritismo matou o materialismo pelos fatos. Tivesse produzido apenas esse resultado, e a ordem social teria de lhe ser reconhecida. Mas fez mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, por consequência, a necessidade do bem. O número daqueles que ele conduziu a sentimentos melhores, ao neutralizar as suas más tendências e desviando-os do mal, é maior do que se acredita e aumenta todos os dias. Para estes, o futuro não se apresenta de uma maneira vaga; não é uma simples esperança, é uma verdade que se compreende, que se pode explicar, quando *veem* e quando *ouvem* os que nos deixaram lamentar-se ou felicitar-se por aquilo que fizeram na Terra. Quem quer que testemunhe isso é levado a refletir e sente a necessidade de se conhecer, de julgar-se a si mesmo e de se emendar.

IX

Os adversários do Espiritismo não se esqueceram de utilizar contra ele divergências de opiniões sobre certos pontos da doutrina. Não é de admirar que no começo de uma Ciência, quando as observações estão ainda incompletas e cada um as encara sob o seu ponto de vista, que sistemas contraditórios tenham podido aparecer. Mas grande parte desses sistemas estão hoje aniquilados diante de um estudo mais aprofundado, a começar por aquele que atribuía todas as comunicações

ao Espírito do mal, como se fosse impossível a Deus enviar aos homens os bons Espíritos. Doutrina absurda, porque é desmentida pelos fatos; ímpia, porque é a negação do poder e da bondade do Criador. Os Espíritos têm sempre nos aconselhado a não nos inquietarmos com essas divergências, pois que a unidade se faria. Ora, a unidade já se fez sobre a maior parte das questões e as divergências tendem a desaparecer com o tempo. A esta questão: “Ao esperar que a unidade se faça, sobre o que o homem imparcial e desinteressado se pode basear para formar um julgamento?” Eis a resposta:

– “A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante mais puro é o de maior valor; julguem, portanto, os Espíritos pela pureza de seus ensinamentos. Não esqueçam que entre os Espíritos há aqueles que ainda não se despojaram das ideias da vida terrena; saibam identificá-los por sua linguagem; julguem-nos pelo conjunto daquilo que lhes dizem; vejam se há encadeamento lógico nas ideias; se nada do que dizem denuncia ignorância, orgulho ou malevolência; em uma palavra, se suas palavras estão sempre marcadas pelo cunho de sabedoria que revela a verdadeira superioridade. Se o seu mundo fosse inacessível ao erro, seria perfeito, mas está longe disso, pois, estão ainda aprendendo a distinguir o erro da verdade; necessitam de lições da experiência para exercer o seu julgamento e fazê-los avançar. A unidade se fará do lado em que o bem não foi jamais misturado ao mal; é desse lado que os homens se ligarão pela força das coisas, porque reconhecerão que aí está a verdade.”

– “Que importam, aliás, algumas dissidências que estão mais na forma que no fundo? Notem que os princípios fundamentais são, em todo lugar, os mesmos e devem uni-los num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Qualquer que seja, portanto, o modo de progredir que se admita, ou as condições normais da existência futura, o objetivo final é o mesmo: fazer o bem. E como sabem, não há duas maneiras de fazê-lo.”

Se entre os adeptos do Espiritismo há os que diferem de opinião sobre alguns pontos da teoria, entretanto, todos estão de acordo sobre os pontos fundamentais. Há, pois, unidade, a não ser da parte

daqueles que, em pequeno número, não admitem a intervenção dos Espíritos nas manifestações, atribuindo-as a causas puramente físicas, o que contraria o axioma de que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, ou ao reflexo de nosso próprio pensamento, o que é desmentido pelos fatos. Os outros pontos são apenas secundários e não comprometem em nada as bases fundamentais. Pode haver escolas que procuram esclarecer-se sobre as partes ainda controvertidas da Ciência, mas não deve haver seitas rivais. Só deveria haver incompatibilidades entre os que desejam o bem e os que fizessem ou quisessem o mal. Ora, não há um espírita sincero, consciente das grandes máximas morais ensinadas pelos Espíritos, que possa querer o mal nem desejar o mal ao seu próximo, sem distinção de opinião. Se uma dessas escolas está errada, cedo ou tarde será esclarecida, se for procurá-la de boa-fé e sem prevenções. Enquanto isso, todos têm um laço comum que deve uni-los num mesmo pensamento; todos têm uma mesma meta; pouco importa, portanto, o caminho seguido, conquanto ele o conduza ao alvo. Ninguém deve impor-se pelo constrangimento material ou moral e só estaria em caminho falso o que execrasse a outro, porque estaria claramente agindo sob a influência de Espíritos maus. A razão deve ser sempre o argumento supremo e a moderação assegurará melhor o triunfo da verdade do que as censuras envenenadas pela inveja e o ciúme. Os bons Espíritos pregam apenas a união e o amor ao próximo e jamais um pensamento malfazejo, ou contrário à caridade, pode vir de uma fonte pura. Ouçamos, a esse respeito, e para terminar, os conselhos do Espírito de Santo Agostinho:

“Durante muito tempo, os homens se dilaceraram e se execraram em nome de um Deus de paz e de misericórdia, ofendendo-O com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que os unirá um dia, porque lhes mostrará onde está a verdade e onde está o erro. Mas haverá, por muito tempo ainda, escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Desejariam, portanto, saber sob influência de que Espíritos estão as diversas seitas que se espalham pelo mundo? Julguem-nas pelas suas obras e pelos seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram instigadores do mal; jamais aconselharam ou

legitimaram o assassinio e a violência; jamais estimularam o ódio dos partidos nem a sede de riquezas e de honrarias, nem a avidez dos bens da Terra. Somente aqueles que são bons, humanos e benevolentes para com todos, são os seus preferidos como são também os preferidos de Jesus, porque seguem a rota indicada para chegar até ele.”

(Santo Agostinho)

RESUMO BIOGRÁFICO

AGOSTINHO [SANTO] (354-430) – Aurelius Augustinus. Nascido em Tagaste, Numídia, na África, completou seus estudos superiores em Cartago. Rebelde e ateu, sua atenção estava voltada para as coisas mundanas, apesar da inteligência e facilidade de assimilar a Filosofia e as Ciências Exatas. Após a morte do pai torna-se professor bem-sucedido. Muda-se para Roma e continua seus estudos de Filosofia. Deixou-se então seduzir-se pelas doutrinas maniqueístas, que afirmavam a existência absoluta de dois princípios: o bem e o mal; a luz e as trevas. Em Roma, não ficou muito tempo; dirigiu-se a Milão, onde ocupou o cargo de professor de Retórica. Conheceu os discípulos de Plotino (205-270); o neoplatonismo viria a ser a parte que permitiria a Agostinho dar o grande passo de sua vida, pois constituía, para os católicos milaneses, a filosofia por excelência, a melhor formulação da verdade racionalmente estabelecida. Mas, preocupado com os problemas da existência conturbada, recebia a influência da mãe, Monica, que o levava à reflexão. A sua revelação deu-se quando a palavra do apóstolo Paulo lhe foi revelada pelo canto infantil repetido diversas vezes no jardim de sua residência: “*tolle, lege, tolle, lege*”, “toma e lê, toma e lê”. Já não mais se deixaria envolver pela vida sensual nem abrigaria qualquer esperança do mundo: absorveria aquela regra com toda a intensidade de seu caráter.

Foi bispo da cidade de Hipona, Argélia, onde desempenhou inúmeras atividades, liderando a Igreja do norte da África. Apesar disso,

conseguiu redigir uma obra imensa, a maior parte da qual inspirada em problemas concretos que preocupavam a Igreja da época. Seu livro *Confissões* o revela admirável analista de problemas psicológicos íntimos, tanto quanto de questões puramente filosóficas. Entre suas principais obras, destacam-se, *Do livre-arbítrio*, *Confissões*, *Espírito e Letra* e *A Cidade de Deus*.

O fim da vida viria junto com a invasão dos vândalos à Hipona. Pouco depois de a cidade ser incendiada pelos bárbaros, Agostinho adoeceu. Morreu a 23 de outubro de 430, deixando uma obra de pensamento que reinaria no Ocidente cristão durante pelo menos sete séculos, até que outras cabeças pensassem a nova fé em termos filosóficos diferentes.

BENJAMIN FRANKLIN (1706-1790) – Escritor, inventor, cientista e diplomata norte-americano. Seus contemporâneos o chamavam de “apóstolo dos tempos modernos” e de “mentor imortal”.

Nasceu em Boston e foi o décimo quinto de dezessete irmãos. Aprendeu a ler sozinho. Seu pai, que o desejava pastor protestante, mandou-o para a escola aos 8 anos. Na impossibilidade de pagar-lhe os estudos, dois anos depois levou-o a trabalhar em sua companhia. Franklin foi também aprendiz na tipografia de um dos seus irmãos. Estudava muito e escrevia ensaios e poesias, que mandava publicar no jornal da família. Mais tarde, foi o fundador do jornal *Saturday Evening Post*.

Deu-se tão bem no ramo tipográfico que, aos 47 anos, fizera fortuna, retirando-se dos negócios. Criou em Filadélfia um corpo de bombeiros, fundou a primeira Biblioteca Circulante nos EUA e uma academia que mais tarde se transformou na Universidade da Pensilvânia. Ajudou a fundar hospitais e sociedades culturais. Em 1752, fazendo voar, para divertimento de seu filho, um papagaio de seda e metal, durante uma tempestade, verificou que o raio é eletricidade. Inventou então o para-raios a fim de proteger edifícios e casas. Suas obras sobre eletricidade foram publicadas nas colônias e na Europa. Franklin também enfrentou as crises políticas de sua época, participando da independência de seu país. Subscreveu a Declaração

da Independência dos Estados Unidos da América e a primeira Constituição Americana.

Antes de se afastar definitivamente da vida pública, ainda empreendeu vigoroso esforço para que o primeiro Congresso dos Estados Unidos levasse a efeito a abolição da escravatura.

Passou o último ano de sua vida quase todo no leito, vítima de grave enfermidade. Morreu em 1790, com 84 anos. Sua morte teve ampla repercussão não só em seu país como na França, que o considerava homem-símbolo da liberdade.

As atividades intelectuais de Franklin abrangeram, entre outros, os seguintes ramos do conhecimento humano: Ciências Naturais, Educação Política, Serviço Público, Engenharia, Medicina, Saúde Pública, Artes Gráficas, Propaganda, Finanças, Religião, Humanidades, Botânica e Música.

EMMANUEL SWEDENBORG (1688-1771) – Cientista, filósofo e teólogo sueco, procurou se aprofundar nos temas de seu interesse, elevando-se acima dos horizontes comuns à sua época. Como infatigável trabalhador, recolhido a uma existência frugal e metódica, deixou obra de prodigiosas dimensões, quase toda em latim. *Tudo começou com um sonho...*, dizem seus biógrafos, que o descrevem como um temperamento pacífico e comportamento exemplar. Um sonho no qual Swedenborg viu a sua missão, ao qual dedicou vinte e sete anos de sua existência. Allan Kardec assim se refere a Swedenborg: *“A Doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda e mesmo em Paris. Se não foi aceita por todos em todas as suas consequências, teve contudo o resultado de propagar a crença na possibilidade da comunicação com os seres de além-túmulo, crença aliás muito antiga, como todos sabem, mas até agora oculta ao público pelas práticas misteriosas que a tinham envolvido. O incontestável mérito de Swedenborg, seu profundo saber e sua alta reputação de sabedoria foram de grande influência na propagação dessas ideias, que hoje mais e mais se popularizam, pois crescem em plena luz e, longe de buscar a sombra do mistério, apelam à razão. Apesar dos erros do seu sistema, Swedenborg não deixa de ser uma das grandes figuras cuja lembrança ficará ligada à História*

do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e mais zelosos pioneiros.” (Revista Espírita, novembro de 1859).

FRANÇOIS DE SALIGNAC DE LA MOTHE, DUQUE DE FÉNELON (1651-1715) – Prelado francês, pertencente a família de diplomatas e militares. Aos 12 anos, já falava o latim e o grego. Com essa idade cursava a Universidade de Cahors, onde concluiria os estudos de Humanidades para, em seguida, encetar o aprendizado da Filosofia no Colégio Du Plessis. Lá também se dedicou aos estudos de teologia. Ordenado aos 24 anos de idade, Fénelon foi superior da Congregação nas Novas Convertidas (protestantes vindas para o Catolicismo) e missionário. Em 1689, tornou-se preceptor do Delfim e Duque de Borgonha e participou na controvérsia sobre a visão mística da contemplação.

Seus conceitos pedagógicos e trabalhos literários, contudo, exerceram grande influência na cultura francesa.

HUGES FELICITE ROBERT DE LAMMENAIS (1782-1854) – Prelado francês, escritor e filósofo. Após a Revolução Francesa, dedicou-se a estudos referentes à política liberal, que tentava introduzir na filosofia católica romana.

JOÃO EVANGELISTA [SÃO] – Contemporâneo e um dos doze apóstolos de Jesus de Nazaré. João era pescador, como seu pai, Zebedeu, e seu irmão, o apóstolo Tiago Maior.

Teria sido o único apóstolo presente à crucificação do Cristo, tendo sido por ele incumbido de velar por Maria, mãe de Jesus (Jo, 19:26). Depois, tornou-se um dos líderes da comunidade cristã nascente de Jerusalém, juntamente com Pedro e Tiago. Estava presente no Concílio Apostólico de 49, onde se decidiu que ele, Pedro e Tiago pregariam aos judeus enquanto Paulo e Barnabé evangelizariam os pagãos. Por volta de 95, o imperador Domiciano desencadeou perseguição aos filósofos e aos cristãos e teria sido nessa época que João foi exilado na ilha de Patmos, onde recebeu as revelações proféticas que foram registradas no

livro Apocalipse (Ap. 1:9). Conseguiu libertar-se do cativo, voltando para Éfeso, para onde levava Maria, mãe de Jesus e onde esta viera a falecer. Lá morreu e foi sepultado, por volta do ano 100.

A João atribui-se a autoria do quarto Evangelho, bem como três epístolas constantes do Novo Testamento.

LUÍS [SÃO], LUÍS IX (1214-1270) – Rei da França em 1226, com 12 anos de idade. Filho mais velho de Luís VIII e Branca de Castela. Destacou-se em sua época, pelo comportamento de extrema piedade e caridade para com todos, desenvolvendo seus dons inatos de pacifista. Apesar de participar em duas Cruzadas, era piedoso para com os prisioneiros de guerra. Em seus últimos anos, promoveu reformas internas no país e assinou tratados de paz com diversas nações. Admirado por suas ações e atitudes, Luís foi canonizado em 1297.

PAULO, APÓSTOLO DE TARSO – Conhecido por Apóstolo dos Gentios. Contemporâneo de Jesus de Nazaré. Doutor da Lei na Sinagoga de Jerusalém, cidadão de Roma, filho de família ilustre e tradicional da cidade de Tarso. Paulo somente se tornou apóstolo após o encontro com Jesus Espírito na estrada de Damasco, para onde se encaminhava em perseguição aos cristãos. Segundo Emmanuel, na obra *Paulo e Estêvão*, Paulo foi o responsável pela permanência dos ensinamentos do Mestre, em sua pureza, no Cristianismo nascente. Seu mentor espiritual, Estêvão, ao qual são atribuídos grandes méritos pessoais, foi quem lhe serviu de guia e mentor espiritual enquanto permaneceu em missão na Terra. Morreu em Roma, por volta do ano 66, tendo sido decapitado por ordem de Nero.

PLATÃO (429-348 ou 347 a.C.) – Nascido em Atenas, ou na Ilha de Egira, quando da invasão da Grécia por Filipe da Macedônia e num período de decadência artística e política da Grécia. Corria em suas veias o sangue de nobre estirpe, mas a convivência com o filósofo da modéstia e da maiêutica, Sócrates, burilou o seu caráter e transmitiu-lhe as virtudes da alma. Sua filosofia metafísica trata do

mundo das ideias, em que as coisas já existiam antes de tornarem-se reais e concretas. Sua obra é feita em forma de diálogos, da qual se destacam: *A República*, *Críton*, *Apologia a Sócrates*, *O Banquete*, *Fedro*, *Timeu*, dentre outros. Foi mestre de Aristóteles (384-322 a.C.).

SÓCRATES (470-399 a.C.) – Nasceu em Atenas, filho de um escultor a mando de Fídias e de uma parteira. A vida de Sócrates foi um verdadeiro apostolado em favor do bem e da verdade. Filósofo e Educador, Sócrates nada escreveu e Platão o fez para o seu Mestre. O método de Sócrates partia do princípio de que era necessário despertar as inteligências para o exercício da abstração, da reflexão filosófica (num verdadeiro parto das ideias). Aristóteles diz categoricamente que devemos a Sócrates duas coisas importantes: os raciocínios indutivos e a definição universal e que ambos são ingredientes que se referem ao princípio da ciência. A principal preocupação de Sócrates era com a educação e a instrução do homem, mais propriamente dos jovens, mais acessíveis à reformulação conceptual dos costumes. Por isso valeu-se do axioma que encima o pórtico principal do templo de Apolo em Delfos e o colocou como proposição imperiosa para a realização de uma vida exercida com razão e sabedoria: Conhece-te a ti mesmo.

Sócrates foi condenado à morte ignominiosamente, sem culpa justa em 399, pelas articulações do despeito, da inveja e da infâmia, num processo que a história hoje, condena, pois que ficou provada a sua inocência e a malquerença de seus algozes.

VICENTE DE PAULO [SÁO] (1581-1660) – Sacerdote francês, fundador da Congregação dos Padres das Missões (1625). A sociedade que tem seu nome foi fundada em 1833 por F. Ozanam e outros. Filho de camponeses, Vicente custeou seus estudos eclesiásticos dando aulas. Ordenou-se sacerdote em 1600, bacharelado-se em Teologia pela Universidade de Toulouse em 1604. Preso por piratas turcos, foi vendido como escravo em Tunis. De volta à França, em 1607, foi nomeado capelão-geral das galés. Em 1633, fundou a Congregação

das Irmãs de Caridade, com Luísa de Marillac, composto por senhoras piedosas, primeira congregação de irmãs que saíram de dentro dos conventos para ministrar a caridade aos pobres e enfermos. Diante dos exemplos vivos, o rei Luís XIII apoiava com incentivos e bens materiais as obras vicentinas.

Foi canonizado em 1737, e é o patrono de todas as obras de caridade inspiradas em seus exemplos.

As biografias acima foram extraídas da seguinte bibliografia: *Enciclopédia Britânica* (Barsa); *Swedenborg, uma Análise Crítica* (Hermínio C. Miranda); *Noções de História da Filosofia* (Manoel P. São Marcos); *História da Formação do Novo Testamento* (Pinheiro Martins); e *Revista Espírita* –1859.

² (Continuação da nota 2 da resposta da questão 45)

A Origem da Vida é uma das grandes questões científicas da Humanidade e tem sido abordada pelos mais ilustres pensadores há milênios, havendo duas hipóteses. Uma delas defende a tese de que a vida se formou aqui, a partir dos elementos químicos que deram origem ao nosso planeta (geração espontânea). Outra defende a tese de que a vida veio de fora, em estágio de desenvolvimento que pode ter sido mais ou menos complexo, a denominada Panspermia.

Anaxágoras (500-428 a.C.), antecessor de Sócrates, pregava a favor da *Panspermia*, enquanto que Aristóteles (384-322a.C.), discípulo de Platão, defendeu a *Geração Espontânea*, tendo sido ele o formulador da primeira teoria científica de origem da vida que conhecemos. De acordo com sua teoria, existiriam dois princípios: um passivo, que é a matéria e outro ativo, que é a forma. Dentro de certas condições esses dois princípios se combinariam, originando a “vida”. Assim se explicava como carne podre gerava larvas de moscas, por exemplo. A teoria da *Geração Espontânea* tem tido a preferência da ciência há mais de 2.000 anos. Durante a Idade Média essa teoria contou com inúmeros defensores, tais como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, René Descartes e Isaac Newton.

Um dos primeiros opositores de destaque à teoria oficial da *Geração Espontânea* foi o médico e naturalista florentino Francesco Redi (1626-1698). Em resposta à teoria de Aristóteles, Redi demonstrou experimentalmente que só aparecem larvas de moscas na carne podre, quando deixamos moscas pousar nessa carne. A teoria da *Geração Espontânea*, tal como formulada por Aristóteles, só foi refutada definitivamente no século XIX, graças ao trabalho de Louis Pasteur.

Com o reconhecimento que a vida provém sempre de outras formas de vida, Lord Kelvin, um dos mais importantes cientistas do fim do século XIX, retomou a teoria da Panspermia, segundo a qual a vida teria sido “semeada” em nosso planeta, vinda do espaço.

A certeza, todavia, somente foi demonstrada cientificamente em 1953, quando os doutores Francis Crick, James Watson e Maurice Wilkins descobriram a hélice dupla, a estrutura espiralada do DNA (ácido desoxirribonucléico), uma das maiores descobertas científicas de todos os tempos, correspondendo ao início da descoberta do segredo da vida, iniciando-se uma verdadeira revolução na genética. Esses cientistas foram laureados com o Prêmio Nobel em Medicina e Fisiologia em 1962.

O que é mais importante, porém, é que o próprio Dr. Francis Crick, anos depois dessa descoberta, juntamente com o Dr. Leslie Orgel, do Instituto Salk de La Jolla/Califórnia, EUA, publicaram a teoria da Panspermia Direta no ano de 1973, no nº 19 da Revista Científica *Iccarus*.

Advogando a Panspermia Direta, esses cientistas afirmaram que a Origem da Vida na Terra é *extraterrestre* e a sua semente teria aterrissado no planeta a bordo de uma nave espacial, cuidadosamente congelada em contêineres e enviada por “fonte extraterrestre e através da atividade deliberada de uma sociedade alienígena”.

Crick e Orgel foram desprezados e ridicularizados no meio acadêmico, quando expuseram a sua Teoria da Panspermia Direta. Hoje em dia muitos colegas seus acreditam que esta teoria tem possibilidades concretas de ser uma resposta para o enigma da vida e, também, poderia representar um bom começo para pesquisas científicas mais profundas como, por exemplo, que a vida estaria espalhada em todo o Universo. Segundo as pesquisas do Dr. Crick, na sequência do descobrimento do DNA, demonstrou-se que a molécula do DNA era demasiado complexa para ter evoluído espontaneamente na Terra, durante o curto período de tempo que decorreu entre a formação deste planeta, há quatro bilhões de anos, e o primeiro aparecimento de vida, há mais de três bilhões de anos.

Constata-se, pois, que após 116 anos da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, brilhantes cientistas vêm demonstrar que a origem da vida na Terra foi iniciada com elementos orgânicos trazidos do espaço universal, conforme resposta dos Espíritos à pergunta de Kardec.

Emmanuel, no livro *A Caminho da Luz*, 27ª edição, FEB, página 22, no título *O Verbo na Criação Divina*, assim descreve esse fenômeno que os cientistas chamam de Panspermia Dirigida: “*E quando serenaram os elementos do mundo nascente, quando a luz do Sol beijava, em silêncio, a beleza melancólica dos continentes e dos mares primitivos, Jesus reuniu nas Alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas,*

que envolveu o imenso laboratório planetário em repouso. Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como do fundo dos oceanos, podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra. Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada. Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens”.

É muito provável que os *elementos orgânicos* formulados por Allan Kardec nesta questão não tenham vindo à Terra por contêineres, em espaçonaves como disse o Dr. Francis Crick. Mas que vieram não resta dúvida e por força exclusiva da poderosa vontade da mente divina de Jesus e seus auxiliares siderais.

(Fontes – Direct Panspermia – 1973 – comentários. – Iccarus, 19 – Francis Crick e Orgel – Life Itself: It’s Origin and Nature – Francis Crick – ed. Mac Donald and Co. 1981.)

ÍNDICE REMISSIVO

Coordenado por José Antonio Lombardo com a participação da Área de ensino do Centro Espírita Nosso Lar – Casas André Luiz

Os números após o verbete significam a questão deste livro que trata do assunto

A

ABORTO, 357, 358, 359, 360

consequências para o Espírito, 357
criminoso, 358

ABRAÃO, 669

ACASO, 8, 37, 663

ADÃO, 50, 51, 59

ADORAÇÃO, 648, 649, 650, 651,
652, 653, 654, 655, 656

AFEIÇÃO DOS ESPÍRITOS

desejo do bem, 486

desejo do mal, 487

parentes, 488

por quem, 484, 485

qualidade, 484, 485

AGOSTINHO, SANTO, Prolegômenos, 495, 919, 1009, Conclusão, IX

ALCORÃO, Conclusão, VIII

ALIMENTAÇÃO ANIMAL, 722, 723,
724, 725, 728

ALIMENTO, 676, 710, 722, 801,
1010

ALMA, 638, 649, 664, 665

depois da morte, 151

dos animais, 592/604

AMOR, 647, 648, 653, 665

afeição da alma e do corpo, 939

aos inimigos, 887

segundo Jesus, 887

e a evolução da Humanidade, 1009

lei, 886, 887, 888

maternal e filial, 939, 940, 890

nos mundos mais evoluídos, 980

o homem de bem e o, 918

ANIMAIS

aperfeiçoamento, 692

e evolução, 601, 602
livre-arbítrio, 595
instintos, 593
inteligência, 592, 596, 606
linguagem, 594
o valor do trabalho, 677
ANJOS, Introdução VI, XV, 113,
128,129,131,490, 495,504,514,
584,919, Conclusão VI
ANJOS GUARDIÃES,
ARCANJO, 113, 128, 540
ARREPENDIMENTO
de Espíritos inferiores e prece, 999
e expiação, 990, 991
e reencarnação, 991
e resgate total das faltas, 998, 999,
1000
tardio e a lei do progresso, 1007
ASCETAS, 721, 770, 771, 772
ASSASSÍNIO, 199, 466, 745, 746, 747,
748, 749, 757, 758, 765, 846, 861,
946, Conclusão IX
ASSASSINO, 764, 861
ATEU, 446, 651
ÁTOMO, 540
AUTOANÁLISE
a importância, 919
o homem de bem, 918
AVAREZA, 901

B

BEM E MAL, 629/631
como e quando o bem reinará na Terra,
1018
conceito do Apóstolo Paulo de, 1009
mal eterno, 1009
BENS TERRESTRES
doação depois da morte, 1001
gozo dos bens, 712, 714
uso dos, 711
BÍBLIA
e a criação do mundo, 59

e as comunicações dos Espíritos, Con-
clusão II
e o Espiritismo, 1010
interpretação de textos sagrados, 1009

C

CARIDADE
desinteressada, 721
lei de caridade, 873
o verdadeiro sentido da palavra, 886
CASAMENTO, 695/699
CATACLISMO, 51, 59, 1009
CATALEPSIA e letargia, 422
CATÁSTROFE, 59
CATÓLICA (RELIGIÃO), Conclusão VI
CELIBATO, 698, 699
CÉREBRO, Introdução, XIV, XV,
XVI, 162, 257, 370, 373, 378, 455,
Conclusão, I
CÉREBRO E DUPLA VISTA, 455
CÉREBRO E MORAL, 370
CÉREBRO E MORTE, 162, 378
CIÊNCIA, 19, 20, 59, 628
e a evolução da Humanidade, 1009
e Espiritismo, Conclusão II
CIÊNCIA ESPÍRITA, Conclusão I, VI
CIENTISTA, 366
CIÚME, 362
CIVILIZAÇÃO, Introdução II, 59, 102,
271, 272, 647, 707, 717, 755, 757, 763,
776, 789, 790, 791, 792, 793, 795, 822,
837, 916, 926, 928, 955, Conclusão IV
COMETAS, 40
COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS,
628, 671
análise, Conclusão IX
e o conceito da revelação, Conclusão II
liberdade, 835, 836, 837
tribunal, 875, 918, 992
voz, 393
CONSERVAÇÃO (Lei), 648, 693, 702,
727

CONSOLADOR, Conclusão VII
 CONTROLE DA NATALIDADE
 e a satisfação da sensualidade, 694
 e o aumento crescente da população,
 687
 obstáculos à reprodução, 693, 694
 CONVULSIONÁRIOS e coletividade.
 e insensibilidade física, e os Espíritos,
 e sonambulismo,
 CRIANÇA, 52
 importância da fase infantil, 382
 CRIME, 746, 750, 760, 763, 765, 861,
 872, 973, Conclusão III
 CRIMINOSO, 393, 761, 999
 CRISTIANISMO
 e o conceito de Deus, 1009
 CRUELDADE, 699, 708, 749, 752 e
 756

D

DECÁLOGO DIVINO
 e a moral de Jesus, Conclusão VIII
 DESDOBRAMENTO, 401, 402, 406,
 407, 409, 413, 420
 DESIGUALDADE SOCIAL, 806
 DESIGUALDADE DA RIQUEZA, 808
 DESTINO (FATALIDADE), 20
 DESTRUIÇÃO (Lei), 728/765
 DEUS, 1, 3, 4, 5, 6, 648
 dos antigos, 1009
 dos cristãos, 1009
 e a lei dada a Moisés, Conclusão, VIII
 penas, recompensas e intervenção de,
 962, 963, 964
 DIREITOS DO HOMEM, 875, 878,
 880
 DIVÓRCIO, 281, 366
 DOGMA, 171, 222, 1009, 1010, 1011
 DOUTRINA ESPÍRITA (ESPIRITISMO)
 DUENDES, 103
 DUPLA VISTA, 436, 447, 448, 449,
 450, 451, 452, 453, 454

E

EDUCAÇÃO, 6, 56, 75, 199, 208,
 217, 222, 451, 593, 685, 796, 813,
 872, 889, 914, 917, 928, 964
 e egoísmo, 914, 917
 EDUCAÇÃO INFANTIL
 a missão dos pais, moral e vocação pro-
 fissional, 892
 EDUCAÇÃO MORAL, 685, 813, 889,
 928
 EGITO, 59
 EGOÍSMO HUMANO
 como destruir, 75, 643, 721, 726, 727,
 916, 917
 como obstáculo progresso moral, 785,
 811
 como verdadeira chaga da sociedade,
 913, 914, 915, 980
 e o problema da fome, 707
 EMANCIPAÇÃO DO ESPÍRITO,
 407, 410
 EMBRIAGUEZ, 370, 848
 ESCOLA, 1009, Conclusão, IX
 e caridade, 388
 ESPAÇO UNIVERSAL, 35, 36, 55
 ESPIRITISMO, 628
 causa da propagação, Conclusão V
 frente ao ceticismo, Conclusão VII
 classes de adeptos, Conclusão VII
 contribuição ao progresso da Humanidade,
 982, Conclusão IV, 798/802
 divergências entre os adeptos, Conclusão IX
 e a moral evangélica, Conclusão V, VIII
 e a profissão de fé espírita, 982
 e a ressurreição da carne, 1010
 e as Escrituras sagradas, 1009
 e as penas eternas, 1009
 e contraditores, Conclusão I, V, VII
 e materialismo, Conclusão II
 e Psicologia, Conclusão VIII
 efeitos das ideias espíritas, Conclusão VII

futuro, Conclusão IV, VIII
períodos de desenvolvimento do, Conclusão IV
sua origem espiritual, Conclusão I, VI
ESPÍRITO (S), 9, 11, 22, 23
afeição por certas pessoas, 291
afeições entre Espíritos, 296, 297
comunicações dos Espíritos, 282
conhecimento do futuro, 243
conhecimento do passado, 242
conhecimento do princípio das coisas, 239
e escolha das provas, 158, 259, 267, 975
e escolha do corpo, 334, 350
e o dia de finados, 321
e princípio inteligente, 77
e reencarnação compulsória, 337
errante, 226, 232, 233
evocação dos Espíritos, 910, 935
forma dos Espíritos, 88
migração dos Espíritos, 804, 985, 986, 1016
ocupações e missões dos Espíritos, 87
ubiquidade dos Espíritos, 88, 89, 90, 91, 92
ESPÍRITOS IMPERFEITOS,
o sofrimento desses Espíritos, 970, 973
ESPIRITUALISMO
e comunicações de além-túmulo,
Conclusão, VIII
EVANGELHO, 665
EVOLUÇÃO, 634, 648, 671, 918
e educação, 685
e reencarnação, 993, 994
o caráter constante da, 737
EXPIAÇÃO
duração das penas futuras,
1003, 1004, 1005, 1006
e a felicidade na Terra, 920, 921, 922, 933, 982
e a perda de pessoas amadas, 934
e as uniões conjugais infelizes, 939
e arrependimento, 990, 991

e livre-arbítrio, 872
e reencarnação, 167, 806, 891, 892, 976, 977, 978, 983, 988, 990
no mundo espiritual, 977, 998
objetivo, 89, 1009
voluntária, 724, 726
ÊXTASE
e sonambulismo, 439

F

FACULDADES INTELECTUAIS, 366
e lembrança do passado, 847
FAMÍLIA
casamento como progresso social, 695
celibato voluntário, 698, 699
divórcio, 697
no mundo espiritual, 980
egoísmo e relaxamento dos laços, 775
poligamia, 700, 701
trabalho dos filhos pelos pais, 681
amparo aos velhos, 685
FANTASMA 933, 1009
FATALIDADE, 861
influência dos Espíritos, 851
jogos de azar, 865
livre-arbítrio, 851, 853, 859
momento da morte, 853
provas escolhidas, 852
FEITICEIROS, 555
FEITIÇOS, 552, 553, 555
FELICIDADE
causa da infelicidade humana, 921, 922
completa na Terra, 920
dos bons Espíritos, 967
FENÔMENOS ESPÍRITAS, 628, 668
FILÓSOFO, 139, 145, 222, 592, 790
FILOSOFIA ESPIRITUALISTA e O
Livro dos Espíritos,
FIM DOS TEMPOS, 1010
FLUIDO, 27, 29, 65
elétrico, magnético, 424, 427
FLUIDO VITAL, 427

FOGO ETERNO, 974, 1009
 FOME 709, 741, 862, 863, 923, 929,
 930, 947, 964
 FUTURO, 642
 penas e gozos futuros, 960
 revelação, 868, 869, 870, 871

G

GÊNIO MAU,
 GNOMOS, 103
 GUERRAS, 182, 541, 542, 671 738,
 742, 743, 744, 745, 749, 1009,
 Conclusão IV
 causas, 742
 culpa das mortes nas guerras, 745
 guerras de palavras, 1009
 os Espíritos e as guerras, 541, 542, 543,
 544, 545, 546, 547, 548
 guerras santas, 671

H

HOMEM, 9, 10, 11, 12
 apego às coisas materiais, 835
 e a procura do seu bem-estar, 707, 719
 e os direitos da mulher, 817
 HOMEM MORAL, 941
 HOMICÍDIO, 709, 746, 747, 748,
 749, 750, 861

I

IDEIAS INATAS
 IDIOTAS, 371/373, 847
 IGUALDADE (Lei), 648, 803
 IGUALDADE DE RIQUEZA, 811
 INFANTICÍDIO, 750, 751
 INFERNO
 como estado de consciência, 1011, 1016
 e a imaginação humana, 1013
 em face da bondade de Deus, 1009
 INFINITO,
 e Deus, 2, 3, 13, 15, 35, 45
 INSTINTO, 73, 74, 75, 637, 669

de conservação, 693, 702, 703, 727, 730
 de destruição, 728, 752
 dos animais, 593
 e inteligência, 73, 74, 75
 e reminiscência do passado, 394
 manifestações do instinto, 75, 845
 vida futura e crença instintiva, 958, 959
 INTELIGÊNCIA, 14, 16, 19, 23, 24,
 25, 71
 dos idiotas, 371
 e fluido vital, 71
 e instinto , 73, 74, 75
 progresso intelectual e moral,
 779,780,781
 INTELIGÊNCIA QUE GOVERNA O
 MUNDO, 148
 INTUIÇÃO, 101, 182, 218, 219, 221,
 222, 329, 380, 393, 399, 411, 415,
 417, 418, 425, 522, 620, 626, 670,
 715, 857, 962
 INVEJA, 926, 933

J

JESUS CRISTO
 didática de Jesus, 51, 626, 627, 841
 e distinção entre o bem e o mal, 634
 e a doutrina dos demônios, 131
 e a indulgência, 918
 e a lei de Deus, 647, Conclusão VIII
 e a moral espírita, Introdução VI,
 Conclusão VIII
 e a pena de talião, 764, 918
 e a prece pelos mortos, 665
 e as ingratidões humanas, 938
 e as penas eternas, 1009
 e caridade legítima, 886
 e o amor aos inimigos, 887
 e o direito de propriedade, 882
 e o perdão às ofensas, 918
 e o princípio da reencarnação, 222
 e o Seu reino, 1017
 e o sofrimento humano, 926

e os direitos naturais, 876
e os incrédulos, Introdução X, 798
falsa adoração, 654
guia e modelo dos homens, 625, 879,
1009
oração dominical, 469, 872
JOGOS DE AZAR, 865
JUDEUS, 402
JUSTIÇA, 13, 167, 171, 199, 222, 393,
521, 542, 557, 619, 648, 654, 664,
665, 743, 760, 762, 763, 764, 765,
781, 789, 793, 795, 813, 822, 834,
871, 873, 874, 875, 876, 877, 879,
884, 885, 886, 887, 906, 913, 916,
917, 918, 919, 923, 930, 948, 962,
984, 985, 1009, 1010, 1019, Conclu-
são III, IV, VIII
definição, 875
e a evolução da Humanidade, 1009
e as leis humana e natural, 874
e origem do sentimento, 873
Jesus e o direito natural, 876

L

LAMENNAIS, 1009
LEGISLAÇÃO HUMANA, 794, 797
progresso, 794, 795
LEI DIVINA OU NATURAL,
614/618, 723, 743
LEI MORAL, 957
LETARGIA
e morte aparente, 423
LIBERDADE (Lei) 648, 744, 825
de consciência, 836, 836, 837
absoluta, 826
LINGUAGEM
dos animais, 594
LIVRE-ARBÍTRIO, 121, 122, 127,
222, 224, 257, 258, 259, 262, 394,
399, 501, 525, 540, 544, 564, 595,
599, 609, 670, 735, 780, 804, 843,
844, 845, 846, 847, 849, 851, 861,

863, 866, 871, 872
dos animais, 595
dos Espíritos, 122
e fatalidade, 851
necessidade do livre-arbítrio, 844
LOBISOMEM, Introdução, XV
LOUCURA
e suicídio, 376
causas, 375
LUÍS, SÃO. Prolegômenos, 495, 664,
1004, 1006, 1007, 1008, 1009, 1018

M

MATEMÁTICA, Introdução XV
MATÉRIA, 7, 8, 11, 12, 16
MATERIALISMO, Introdução I, II,
147, 148, 799, 1009, Conclusão II,
VIII
e Espiritismo, 799, Conclusão II, VIII
e espiritualismo, Introdução I
e os cientistas, 147
MÉDIUNS, Introdução V, IX, XII,
XIV, XVI, 425
a universalidade do dom, Conclusão VI
MEDO, Introdução XV
METEMPSICOSE, 612, 613
MIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS
da Terra para outros menos evoluídos,
1016
de mundos superiores à Terra, 804
para mundos mais evoluídos, 985
MILAGRES 525, 526, 663, 802
e as leis da Natureza, Conclusão II
MISÉRIA, 222, 264, 399, 455, 530,
685, 813, 814, 815, 888, 901, 925,
946, 983, 995, 1019
MOISÉS, 59, 648, Conclusão I, VIII
MOLÉCULAS, 31, 33, 34, 45, 540, 1010
e a ressurreição da carne, 1010
e matéria, 31
formação das moléculas, 34
MORAL, Introdução II, IV, VI, IX,

- X, XII, 11, 52, 72, 102, 105, 108,
112, 128, 139, 155, 171, 182, 185,
192, 203, 207, 216, 222, 254, 257,
265, 271, 274, 317, 325, 366, 372,
373, 452, 455, 485, 487, 509, 518,
524, 541, 550, 554, 569, 585, 604,
605, 613, 616, 617, 625, 626, 629,
634, 669, 685, 714, 717, 732, 733,
737, 754, 757, 759, 773, 776, 780,
783, 784, 785, 789, 791, 793, 813,
818, 859, 861, 872, 873, 889, 905,
913, 917, 918, 919, 922, 928, 941,
952, 955, 957, 959, 967, 970, 1009,
1019, Conclusão I, IV, V, VII, VIII,
IX
conceito de moral, 629
e o Evangelho, Introdução VI
e o bem e o mal, 630, 631, 632, 633,
634
e perfeição, 894
e progresso intelectual e, 780, 781
e posição social, 635
MORAL EVANGÉLICA, Introdução
VI, Conclusão V
MORTE, 68, 69, 70, 668, 669
coletiva, 165, 738
de entes queridos, 934
e fatalidade, 853
medo da morte, 730
morte prematura, 346, 347, 356
MULHER, 817
MUNDOS, 39/42
estado físico e moral dos mundos, 732
e a alimentação, 710, 722
e a necessidade de destruição, 730, 732
e o amor, 938
e o trabalho, 678
migração de Espíritos entre os mundos,
804, 985, 986, 1016
vida em outros mundos, 55, 56, 57, 58,
186, 187, A979188
vida no nosso sistema solar, 188
- MÚSICA, Introdução VII, XV
celeste e terrena, 251
- N**
NADA, 8, 9, 13, 15, 16, 23
horror ao nada, 958
- O**
OBSESSÃO
no mundo espiritual, 973
ÓDIO, Introdução VI, 102, 107, 171,
182, 214, 257, 292, 293, 391, 917,
933, 939, 967, 985, 1009, Conclu-
são IX
OMAR, CALIFA
e a biblioteca de Alexandria, Conclusão
VIII
ORDEM MORAL, 487
ORGULHO, 9, 19, 55, 75
dos pais e vocação dos filhos, 928
e as desigualdades sociais, 806
e o pedido de nova existência, 982
e o progresso moral, 738, 785
e o suicídio, 947
e os monumentos fúnebres, 823
e sofrimento no mundo espiritual, 973
- P**
PACTOS
com maus Espíritos, 549, 550
PAIXÕES, 627
boas e más, 907,908,909,910,911,912
dos Espíritos, 228, 229, 972
e o desenvolvimento da alma, 191
e os sofrimentos morais, 933
limite das paixões, 908
meios de superar as paixões, 909, 910
princípio das paixões, 907
PANSPERMIA 45
PANTEÍSMO, 14/16
PARAÍSO
a imaginação humana e a realidade, 1011

- como estado de consciência, 1011, 1016
perdido, 1018
PAULO, APÓSTOLO, 1009
PECADO ORIGINAL, 1018
PENA DE MORTE, 760/765
PENA DE TALIÃO, 764
PENAS ETERNAS, 1008, 1009
PENSAMENTO
e inteligência, 71
e prece, 649, 662
influência dos Espíritos no nosso pensamento, 458, 459, 460, 461, 462, 464, 466, 472, Conclusão IX
liberdade de, 833, 834, 839
transmissão oculta do, 419, 420, 421
e mediunidade, 461
PERDA DE PESSOAS AMADAS
e as comunicações de além-túmulo, 934
malefícios do suicídio, 955, 956
quando a nossa dor perturba o Espírito amado, 936
PERDÃO
a Deus de nossas faltas, 661
aos inimigos, 887
PITÁGORAS, 222
PLANTAS, 44, 71
PLATÃO, Prolegômenos, 1009
PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS (REENCARNAÇÃO)
PLURALIDADE DOS MUNDOS, 55, 56, 57, 58, 84, 87
POLIGAMIA, 700,701
POLITEÍSMO, 667,668
POSIÇÕES SOCIAIS, 635, 643
POSSESSÃO,
POVOS, 59, 626
degenerados, 786
primitivos e crueldade, 742, 753
PRECE, 658/673
e arrependimento de Espíritos inferiores, 997
e sonhos, 405
PRINCÍPIO DAS COISAS, 17, 728, 729
PRINCÍPIO VITAL, 64, 65, 66,67,70
e animalização da matéria, 60, 62
e constituição do Universo, 64
e fluido universal, 64, 65, 66, 67
e vitalidade, 66, 67
PROFECIAS
e a permissão de Deus, 870
PROFETA, 402, 624, 1014, Conclusão VIII
PROGRESSO (EVOLUÇÃO), 779/785
da Humanidade e o Espiritismo, 798, 917, 982, Conclusão IV
dos Espíritos, 114, 116
intelectual e moral, Conclusão V, 692, 733
lei do progresso, 776, 778
PROPRIEDADE (DIREITO), 884, 885
PROPRIEDADE LEGÍTIMA
caráter, 884
PROVAS (EXPIAÇÃO)
concepção humana, 266
da riqueza e da miséria, 814, 815, 816, 925
das ingratidões, 938
e livre-arbítrio, 872
e perda de pessoas amadas, 934
e tentações, 712
imposta por Deus, 265, 984
PSICOLOGIA
o Espiritismo e o problema da psicologia, Conclusão VIII
PURGATÓRIO
e expiação, 1012
- Q**
QUINTESSÊNCIA, Prolegômenos, 82, 257
- R**
RAÇAS HUMANAS, 53, 54, 59

domínio das mais inteligentes, 831
 origem, 690
 preconceito racial, 918
 raças primitivas, 271, 272, 273, 691
 substituição, 185, 688
 sucessão e aperfeiçoamento, 185, 688,
 689, 690, 691, 692
REENCARNAÇÃO
 e ressurreição da carne, 1010
 em mundo menos grosseiro, 985
REFORMA ÍNTIMA, 919
RELIGIÃO, 626, 628, 654, 655, 671
 conduta diante das doutrinas perniciosas,
 cristã, 876
 e a revelação e os milagres, Conclusão
 e penas eternas, 1009
 prática de uma religião, 655
 respeito às crenças, 838, 839, 840, 918
RENOVAÇÃO, 148, 728, 798
REPRODUÇÃO (Lei), 49, 648, 686,
 687, 701, 728, 729,
 intervenção do homem, 693
 controle, 694
REPRODUÇÃO (Lei), 686, 687
 obstáculos, 693, 694
**RESPONSABILIDADE ANTE AS
 LEIS DE DEUS**
 distinção entre o bem e o mal, 630
 dos canibais, 637
 dos escritores, 906
 e a nossa consciência, 621
 em face do bem que não fazemos, 636,
 938
 mesmo na atmosfera do vício, 645
RESSURREIÇÃO DA CARNE
 e reencarnação, 1010
REVELAÇÃO
 das existências anteriores, 395
RIQUEZA
 a procura da riqueza, 902
 o mau rico e pedido de nova existência,
 983

prova da riqueza, 925, 1001
 vista como um depósito, 918

S

SÁBIO, Introdução III, VII, VIII, XII,
 XIII, XIV, 83, 152, 316, 370, 402,
 555, 617, 919,
 Conclusão II
SACRIFÍCIOS A DEUS, 669/673 de
 animais, 725
 humanos, 699
SERES ORGÂNICOS, 45, 66
SERES VIVOS, 41/45, 48
 formação dos seres vivos, 45
 geração espontânea, 45
SEXO, Introdução IV, 200, 202, 696,
 700, 701, 822
 nos Espíritos, 200, 201, 202
 vida sensual, 155
SOBRENATURAL, 667
 e o Espiritismo, Introdução, VI, 455,
 525, 526, Conclusão, II
SÓCRATES, Introdução XII,
 Prolegômenos
SOCIAL, ORGANIZAÇÃO
 e a incredulidade, 1009
 e o Espiritismo, Conclusão, V
 segundo a lei do Cristo, 930
SOCIEDADE (Lei), 648, 766, 767,
 768
**SOFRIMENTOS (PROVAS e EXPIA-
 ÇÃO)**, 633, 665
 morais e ciúme, 933
SOL, 58, 92, 131, 707, 803
 natureza do Sol, 188
SONAMBULISMO, 455
 artificial, 455
 conhecimento dos sonâmbulos, 430,
 431, 455
 e ação dos Espíritos, 430, 431
 e clarividência, 428, 429, 430, 431
 e convulsionários, 481, 482

e êxtase, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446
e fluido magnético, 426, 427
e ideias inatas, 431
e lembranças, 425
e lucidez, 455
e manifestações espíritas, Introdução, XVI
e materialismo, 446
e mediunidade, Introdução, XVI
e os sonhos, 425
e percepções dos Espíritos, 433, 434, 435, 455
e segunda vista, 447, 448, 455
emancipação da alma, 455
magnético, 426, 427, 455
natural, 455
SONHOS, 402, 403, 404
das crianças, 379
emancipação da alma, 402
e a segunda vista, 447
e fadiga, 412
e liberdade do Espírito, 402
e premonição, 410, 411, 412
e pressentimentos, 405
e sonambulismo, 425
e sono completo, 407
e sonolência, 409
incoerência dos sonhos, 402
lembranças dos sonhos, 403
significado dos sonhos, 404
SONO
completo, 407
e sonhos, 402
visitas espíritas durante o sono, 413, 414, 415, 416, 417, 418
SUICÍDIO, Introdução XV, 165, 350, 376, 758, 928, 944, 946, 947, 948, 949, 951, 952, 953, 955, 957, Conclusão VII
como transgressão da lei de Deus, 943, 944, 946

condição de homicida para o responsável de um suicídio, 946
consequências sobre o estado do Espírito, 957
e ato de imprudência, 953, 954, 955, 956
SUPÉRFLUO, 704, 705, 717, 923, 927, 933, Conclusão VII
SWEDENBORG, Prolegômenos

T

TALIÃO (PENA), 764
TALISMÃS, 551
TÁRTARO do paganismo, 1009, 1013
TEMOR, Conclusão XV, 182, 736, 888, 941, 961, 973, 974, 981, 1009
TEMPOS PREDITOS, 1018
e a revelação espírita, 1017, 1018, Conclusão, VIII
TEOLOGIA
e a criação do mundo, 59
e fogo eterno, 1009
e penas eternas, 1009
TERRA, PLANETA
como e quando o bem reinará sobre o planeta, 1018
criação do planeta, 58
evolução do planeta, 185, 872
origem dos seres vivos no planeta, 44, 45, 58
povoamento do planeta, 44, 50, 51, 52, 53
TOURNEFORT, Introdução XIII
TRABALHO
dos Espíritos puros, 678, 969
impossibilidade do trabalho, 680, 718
lei do trabalho, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 723
limite, 682, 683, 684
necessidade, 674, 685, 692, 707, 726
privação do trabalho, 721
trabalho escravo, 829/832

U

UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS, 88, 89, 90, 91, 92

UNIÃO DA ALMA E DO CORPO, 344/354

UNIVERSO, Introdução II, III, VI, XIII, XVI, 4, 8, 13, 14, 15, 23, 27, 37, 38, 55, 64, 76, 79, 119, 132, 177, 222, 258, 298, 317, 322, 366, 385, 394, 558, 559, 560, 562, 607, 616, 663, 712, 1003, 1009, 1012, 1017, Conclusão I, II

formação do Universo, 37, 38, 39, 40, 41, 42

V

VELHICE

amparo à velhice, 681, 685

VÊNUS evolução do planeta, 188

VICENTE DE PAULO, Prolegômenos, 888

VÍCIO, 102, 222, 264, 265, 278, 365, 366, 370, 402, 644, 645, 716, 785, 793, 888, 895, 913, 917

VIDA, 45, 49

contemplativa, 657

e morte, 68

eterna, 153

futura e crença instintiva, 959

futura e profissão de fé espírita, 982
no mundo espiritual, 223, 224, 972, 973, 974, 975, 976

a elevação espiritual e a compreensão da vida, 918

céticos da vida, 962

sentimento instintivo da vida, 959

social, 766, 767, 768, 769, 770

VIDA EM OUTROS PLANETAS, 45, A146355, 56, 57, 58, 186, 187, 188, 894

VIDA FUTURA E CONHECIMENTO, 898

VIOLÊNCIA, 841, Conclusão IX

VIRTUDES, 627, 641, 645

a mais meritória de todas, 893, 894

o sinal mais característico da imperfeição, 895

VOCAÇÕES

e a responsabilidade dos pais, 928

profissionais, 270, 804

VONTADE, 466, 468, 470

VOTO DE SILÊNCIO, 767, 771, 772

W

WASHINGTON, *Introdução XII*

X

XIFÓPAGOS (SIAMESES)

e o problema da alma, 212

NOTA EXPLICATIVA

“Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. Revista Espírita, de 1868. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)”

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre por meio de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Kardec, as ideias frenológicas de Gall e as da fisiognomonia de Lavater eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “*resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.*” (Revista Espírita, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas lhe permite afirmar que:

“O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, há apenas consanguinidade”. (O Livro dos Espíritos, item 207, p. 142).

“[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor”. (Revista Espírita, 1861, p. 432.)

“Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do

Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes”. (Revista Espírita, 1867, p. 231.)

“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade”. (A Gênese, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também Revista Espírita, 1867, p.373).

Dos negros, Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais”. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita de 1863 – 1ª ed.* Rio de Janeiro: FEB, 2005 – janeiro de 1863.)

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus”. (O Evangelho segundo o Espiritismo, *Cap. XVII, item 3, p. 348*)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. No Capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

“Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém,

a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica”. (A Gênese, Cap. XI, item 43, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

“É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações”. (Revista Espírita, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (*“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das*

ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora

Contribuindo com a transformação da sociedade através dos seus cinco meios de difusão da informação.

O processo de mudança está nas mãos dos multiplicadores do bem, a Feal convida você a ser um deles!

Essa é a Fundação Espírita André Luiz:
COMUNICANDO A MENSAGEM DO BEM

ACESSE NOSSO SITE:
www.feal.com.br

